&c de Nosso Vro Fr. Manoel da graça

Fr. Manoel da graça

# OBRAS ESPIRITUAES

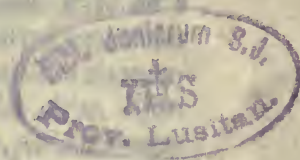
DO ESPIRITUAL, E VENERAVEL PADRE FREY

## ANTONIO DAS CHAGAS,

Primeiro Miſſionario Apoſtolico Franciſcano neſte Reyno de Portugal, Fundador do Seminario de Varatojo.

PRIMEIRA, E SEGVNDA PARTE

*Dedicadas pelo meſmo Author a*

# CHRISTO CRVCIFICADO.

LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES, Impreſſor de Sua Mageſtade, & á ſua cuſta impreſſo. Anno de M. DCCI.

*Com todas as licenças neceſſar as, & Privilegio Real.*

# OBRAS ESPIRITUAES

DO ESPIRITUAL, E VENERAVEL PADRE FREY

## ANTONIO DAS CHAGAS,

Primeiro Missionario Apostolico Franciscano neste Reyno de Portugal, Fundador do Seminario de Varatojo.

PRIMEIRA, E SEGVNDA PARTE

*Dedicadas pelo mesmo Author a*

## CHRISTO CRVCIFICADO.

LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES, Impressor de sua Magestade, & à sua custa impresso. Anno de M.DCCI.


*Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.*

# DEDICATORIA

## Do mesmo Veneravel Padre, consagrando as suas Faiscas a hum

## SENHOR CRUCIFICADO.

*QUEM? A quem senão a vòs, meu Deos se hão de votar, & offerecr estes pedaços da minha Alma, q̃ com a luz da vossa graça achei perdidos pelo mũdo? A quem, senaõ a vòs estas cinzas do meu coraçaõ, que tiradas do fogo eterno sobre esse Altar da vossa Cruz, do meu coração sam holocaustos, do meu engano saõ mementos? A vòs sómente, meu Senhor, que sois todas as minhas cousas, como tornaõ ao mar os rios, se reduzem estas minhas lagrimas, que filhas saõ desse Oceano. Este he o orvalho matutino, que na concha do vosso peito se torna em perolas preciosas; estes os ultimos despojos, com que das batalhas do mundo trago as insignias da victoria para trofeo das vossas Aras. Estas as taboas do naufragio, q̃ escapadas do mar do seculo, para memoria do milagre no vosso Templo dependuro. Esta he a casa da Oração, onde esse auxilio me deu alma, onde a minha alma se fez Ceo, onde huma morte se fez vida. Pequena paga, meu Senhor, hũa faisca por hum Ceo, huma lagrima por huma vida, hum só gemido por huma Alma! Bem sei, meu Deos, & Senhor, seràm outra mayor culpa os fumos deste holocausto, & desta offerta a ninharia; porèm que victimas se esperam de hum coraçam tam pobre, que*

 *sendo*

*ſendo o mundo tudo nada, não teve mais que ſer do mundo? Mas ſe a voſſa miſericordia me fez de vòs tam bem aceito, que muito he, que eu já preſuma, que os meus nadas ſaõ bem viſtos? Naõ olhais vòs os ſacrificios, ſenam a tençam, que ſe offerece, & neſta ninguem tem mais que eu, pois tenho a vòs comigo. Hoje nam ſó voſſas piedades ham de ſer quem ha de aceitar eſtes troços da minha dòr, que dos cadaveres da culpa, por ſer triunfos, ſam deſtroços: mas tambem quem ha de rever eſtes raſgos da minha penna, que com a tinta dos meus olhos eſcreverão as minhas culpas no papel do meu coraçam. Revejaõ pois voßas piedades eſte papel, que de joelhos conſagro hoje a voßos pès, ponhaſe nelle a voſſa emenda, donde ſe tirem os meus erros, para que nelles me nam cegue, & me veja ſempre nella. Primicias ſaõ de huma vontade, que nunca pode verſe livre, ſenaõ depois que a tendes preza: que reviveo onde morre, para ſe morrer, onde ſe vive. Se ainda parecem flores os prantos deſta minha penna, quem duvída, que dos Altares ſam primeiras boninas? Nem eu, meu Deos, tenho outros cravos, que pòr hoje em voßas mãos; ſe por duras eſtas razoens parecem mais que pedras, eu já hoje nam poßuo outras para joyas do voßo peito: & ſe parecem ondas precipitadas, eu jà nam tenho outras correntes, que deite agora a voßos pès. E ſe eu pudera fazer tanto, que vos pudèra fazer ſempre de cada Eſtrella do Ceo mundos, de cada ouçam da terra mares, de cada area do mar Ceos & de todos multiplicados vos fizera tambem, meu Deos; das pedrinhas dos montes Aras, dos troncos dos boſques Templos, dos ramos das arvores Córos, das folhas das plantas braços, dos atomos do ar coraçoens, dos argueiros da terra olhos, das hervinhas do campo almas, & das flores do prado vidas: ſe veſtindome de todas juntas pudera voar a eßes Ceos, & lá com todos os ſeus Eſpiritos, todo me cubrira de azas, todo me fizera thronos, em hum ſempre abraço da alma, nam ouvera dia, nem hora, que com todos vos nam amára, nem vivera momento, ou atomo, que os nam occupára com voſco: nem eſtivera inſtante, ou ponto, que com voſco me nam unira. Fação pois voßas benignidades, que ſe edifiquem em minha alma os muros de Jeruſalem: cayam da antiga*

*Baby-*

*Babylonia aquellas torres presumidas, de que foy baze o mesmo vento, & fundamento a mesma area. Postrados estão os Colossos, jà derrubadas as estatuas, & em fim os Idolos cahidos com as armas do desengano, com os castigos da razaõ, com os golpes do escarmento. Feri agora, meu Deos, rasgai, Senhor, & meu bem todo, com as armas da vossa Cruz, ou com o fuzil do vosso amor, as entranhas deste penedo tão rebelde, & empedernido a tantos vossos merecimentos, pois nam sómente dos meus olhos poderão assim nascer rios, mas tambem do meu coraçam correr hum mar de lavaredas. Tomai posse de huma Alma vossa, pois nessa Cruz tendes o Titulo; nem consintais meu Deos, que deixe hoje o meu engano o direito da vossa graça, pelo avesso da minha culpa: a justiça do vosso sangue, pela trapassa deste mundo. Naõ quero eu melhor Comenda, que verme com o vosso Habito, & nem para tomalo hoje a peito tirarei outras inquiriçoens, mais que as memorias dos meus peccados: nem farei melhores provanças, que as experiencias dos meus vicios. Aqui postrado a vossos pès nos incendios do vosso amor, peço que arda este papel: nam peço, que mo defendais, rogovos sim, que mo emendeis. E se por meu parecer mal, sejais bemdito, Jesus, que assim fareis hoje, que o mundo se nam engane mais comigo. Se sentirem bem do que ha nelle, louvado sejais, meu Senhor, & conheçaõ todos, que sendo eu o mesmo erro, nam consentirà vossa bondade, que em mim se louvem vossas obras. Louvemvos todas as creaturas, & eu por todas as Eternidades.*

# A QUEM LER.

# PROLOGO

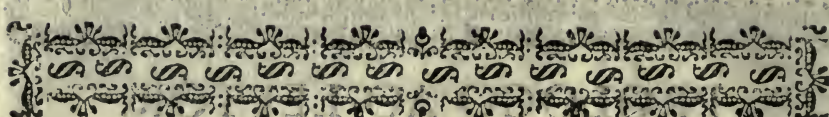
## DO MESMO VENERAVEL PADRE, que ſe achou avulſo entre os ſeus papeis.

PEÇOTE (pio Leytor) pelas Chagas, & entranhas de meu Senhor Jesu Chriſto, q̃ primeiro que leas eſte livro, te ponhas em memoria de Deos, em cuja preſença eſtás, & a quem na hora da morte, & dia do Juizo has de dar conta eſtreita de teus peccados, & dos beneficios, dos Sacramentos, & dos auxilios, com que a cada inſtante te acorda, & te chama para o Ceo por via da penitencia; & cuidando niſto brevemente, faze hum Acto de contriçaõ de todo o coraçaõ.

PRO-

# PROLOGO AO LEYTOR.

DOUTE a primeira, & segunda Parte das Obras Espirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, das quaes hũa pequena parte andava já impressa em volume muito breve, mas que várias vezes reproduzio a estampa por satisfazer à devoçam. Pequena he entre as aves a abelha, & o seu fruto tem no doce o Principado, diz o Espirito Santo: *Brevis in volatilibus est apis, & initium dulcoris habet fructus illius.* Se atègora esta doçura se te dava a matar desejos, já agora a lograrás a fartar vontade nos favos destes dous Tomos.

Ecclesi. 11.

*Extremis liber auctus umbilicis,*
*Extemplo in medium ruat coronam,*
*Et longas hominum esuritiones*
*Sua lautitia, famemque pascat.*

Nam tenho necessidade de te encarecer a bondade desta Obra, como a não tem o Sol, & a Lua de testemunhas para crermos, que o Sol allumia de dia, & de noyte a Lua: a sua luz he o seu interprete: o seu esplendor, sem outro testimunho, lhe basta para credito, como bem dizia Philo. A lingoagem do Veneravel P. he lingua do seu espirito, & he gloria da sua penna. E posto que nada escrevesse com intento de sahir a luz, naõ era justo, que por eu poupar trabalho, comprehendessem as trevas tantas luzes suas, que vem a ser illustraçoens nossas.

Jacob. Bonfret. in Less.

Acharás nesta primeira, & segũda Parte variedade de materias, & tratados; & em todos gravidade, piedade, & hũa taõ Christãa Filosofia, que dissera delles Jacobo Bilio, o que jà disse dos de S. Gregorio Nazianzeno: *Omnia gravitatis, pietatis, Philosophiæque Christianæ plena sunt: nunc hominis naturam fragilem, & inconstantem graphicè depingit: nunc ardentissimas ad Deum preces mittit: nunc optima, & saluberrima vitæ præcepta, regulas que tradit.* Quanto fruto haja de causar esta liçaõ, quero se conheça mais pela experiencia, que pelo meu encarecimento. Lè, aproveitate, & Deos te guarde.

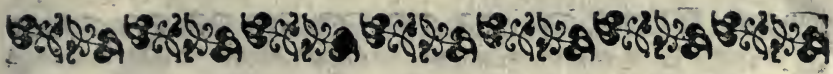
# LICENÇAS.

## Do Santo Officio.

POdemſe tornar a imprimir os dous livros, de que eſta petiçaõ trata, & depois de impreſſos tornaráõ para ſe conferir, & dar licença que corraõ, & ſem ella naõ correráõ. Lisboa 30. de Julho de 1697.

*Caſtro. Foyos. Azevedo. Diniz. Moniz.*

## Do Ordinario.

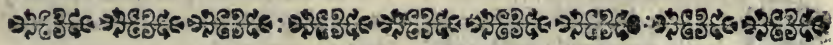
POdemſe tornar a imprimir os dous livros, de que trata eſta petiçaõ, & depois de impreſſos tornaráõ para ſe lhe dar licença para correr, & ſem ella naõ correráõ. Lisboa 7. de Agoſto de 1697.

*Fr. Pedro Biſpo de Bona.*

## Do Paço.

POdemſe tornar a imprimir viſtas as licenças do Santo officio, & Ordinario, & depois de impreſſos tornaràõ a eſta meſa para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correráõ. Lisboa 9. de Agoſto de 1697.

*Roxas. Marchaõ. Azevedo. Ribeiro. Sampayo.*

Eſte

ESte livro, que contèm primeira, & ſegunda Parte, eſtá conforme com o ſeu Original, que eſtava em dous tomos dividido. Saõ Domingos de Lisboa em 11. de Março de 1701.

*Fr. Antonio Pacheco.*

VIsto eſtar conforme com o Original, póde correr eſte livro. Lisboa 11. de Março de 1701.

*Carneiro. Moniz. Fr. Gonçalo. Haſſe. Duarte.*

POde correr.

*Fr. Pedro.*

TAxaõ eſte livro em hum Cruzado. Lisboa 14. de Março de 1701.

*Oliveira. Mouzinho. Lacerda.*

IN-

# INDEX
## DOS LVGARES DA ESCRITURA, & materias sobre que se discorre nestes Golpes, & Toques.

# TRATADO I.
## DOS GEMIDOS ESPIRITUAES vertidos de hum pedernal humano a Golpes do Amor Divino.



GOL-

GOLPE V.

*Nullus est, qui agat pœnitentiam super peccato suo. Idcirco cadent inter corruentes.* Jerem. 8.6.12.



GOLPE VI.

*Væ tibi Corozain, væ tibi Bethsaida: quia si in Tyro, & Sidone factæ essent virtutes, quæ factæ sunt in vobis, olim in cilicio, & cinere pœnitentiam egissent.* Matth. 11.21.



GOLPE VII.

*Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur?* Matth. 16.26.



GOLPE VIII.

*Præterit figura hujus mundi.* 1. ad Corinth. 7. 31.



GOLPE IX.

*Verumtamen in imagine pertransit homo: sed & frustra conturbatur* Psal. 38.7.



GOLPE X.

*Verumtamen universa vanitas, omnis homo vivens.* Psalm. 38.6.



GOLPE XI.

*Milvus in Cælo cognovit tempus suum.* Jerem. 8. 7.



GOLPE XII.

*O insensati Galatæ, quis vos fascinavit non obedire veritati? &c.* Galat. 3. 1.



GOLPE XIII.

*Iuxta est dies perditionis, & adesse festinant tempora.* Deuter. 32.35. Deuter. 32.35.



GOLPE XIV.

*Si justus vix salvabitur, impius, & peccator ubi parebunt?* 1. Petr. 4. 18.



GOLPE XV.

*Non relinquent in te lapidem super lapidem: eo quod non cognoveris tempus visitationis tuæ.* Luc. 19.44.



GOLPE XVI.

*Lugebit terra, & mœrebunt Cæli.* Jerem. 4.28.



GOLPE XVII.

*Filij hominum usquequo gravi corde? &c.* Psalm. 4. 3.

# TRATADO II.

## DOS CLAMORES DA TROMBETA do Ceo, inspirados ao toque das divinas Escrituras.

TRA-

# TRATADO III.

Despertador celestial da alma adormecida na culpa. Pag. 244

*Hora est jàm nos de somno surgere.* Ad Roman. 13. 11.

# INDEX

## Do que contèm a segunda Parte deste livro.



TRA-

# TRATADO I.

## DOS GEMIDOS ESPIRITVAES vertidos de hum pedernal humano a golpes do Amor Divino.

## GOLPE I.

*Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est, qui recogitet corde.* Jerem. 12.11.

Como da falta de consideraçaõ nasce a perdiçaõ do mundo.

### GEMIDO I.

ODO o mundo se perde por falta de consideração: mas se o mayor cuidado dos homens se encaminha a que os tenha o mundo em conta de homens de grãde consideraçaõ; se toda a vida do homem he hũa guerra de discursos; se o juizo humano he perpetuo campo de batalhas; & se em fim nada obra o homem sem lho propor o entendimento, por ser o entendimento hũa potencia, que necessariamente obra, já seja aprehendendo, já discorrendo, já julgando: como diz o Espirito Santo por Jeremias, que os homens se perdem, porque não considerão? Oh mortaes, os que estais em peccado, terrivel cousa he esta, mas verdade sem duvida! Porque se bem considerardes, que outra cousa

ſaõ as voſſas conſideraçoens, ſenão falta de conſideraçaõ? gaſtar hum peccador todas as horas do dia, & perder o ſono da noite conſiderando nos creditos da ſua ambição; nas marès da ſua fortuna; nas maquinas da ſua grandeza; no ruido da ſua fama; nas vãglorias da ſua honra; nos ſonhos da ſua vaidade; nas chimèras do ſeu aggravo; nos idolos do ſeu intereſſe;& em fim, no ſeu deleite,que he mentira; na ſua gentileza, que he ar; na ſua laſcivia, que he fogo; na ſua fazenda, que he pezo; na ſua vida, que he morte; & no ſeu regalo, que he nada? Que outra couſa he, ſenão falta de conſiderar, quanto ſe atreve contra Deos; quanto corrompe ſua ley nos máos uſos dos bẽs da vida, da natureza, & da fortuna, deſprezando igualmente os da graça; ſem aclarar com a luz da razão as ſombras da conciencia; ſem ver o eſtado da ſua alma, a cegueira do ſeu coraçaõ, as perturbaçoens do ſeu eſpirito; & em fim, ſem lembrarſe efficazmente de que ha Deos, para ver, que caſo faz delle, & o que póde eſperar por iſſo na hora da morte, no dia do juizo, & nos annos eternos?

Já, ſe ſem dano da ſua alma, ſe canſára cada qual dos homens em aumentar a honra, ſeguir a fortuna, avultar a fazenda, & dilatar a vida (que bẽ ſe póde fazer em graça) ſanta couſa fora; pois Deos ſe ſerve, de que o mundo ſe multiplique em ſeus eſtados honeſtos, atè que entre tantos, que ſe perdem, haja alguns, que acabem de encher o numero dos predeſtinados, para logo ſe acabar o mundo: mas como ha de ſer, ſenão cuidando os homens do mundo,& muitos dos que o naõ parecem, ou devião não ſer do mundo; nem gaſtando o tempo mais, que na vida profana, vivem como ſe a alma ſe criára ſó para o corpo; o corpo para os deleites; a fazenda para os vicios; os vicios para a vida; & eſta para a vaidade? que falta ha pois mayor para a conſideraçaõ, que eſtas conſideraçoens dos homens? Vive o laſcivo, & não ſe emenda; o homicida, & não ſe teme; o ambicioſo, & não ſe ſatisfaz; o vingativo,& não ſe humana; o adultero, & não ſe encobre; o ſacrilego, & não ſe turba; o ſoberbo, & não ſe humilha; o blasfemo, & não ſe refrea; o vão, & não ſe deſengana; & ſabendo todos baſtantemente, que não ſaõ caminhos do Ceo a laſcivia, a ambição, a vingança, o homicidio, o adulterio, o ſacrilegio, a ſoberba, a blasfemia, a vaidade, & os outros vicios; iremſe de ſeu vagar pelas eſtradas da maldade; correrem tão precipitados pelos deſpenhadeiros

deiros da culpa; & dormirem a sono solto á sôbra da sua morte, entre os riscos da conciencia, & entre seus mesmos inimigos; que he, senão falta de juizo, letargo do discurso, & falta de consideraçaõ? Considerar, & não considerar o que importa, parece obra do discurso, & he falta de entendimento; parece exercicio da razão, & he cegueira do juizo. A consideração he vista dalma, cujos olhos saõ o entendimento; se a alma não vè o que lhe toca, ou lhe convem, he cega; se olha para o que lhe está bem, ou mal, & o sabe ver, só então se póde dizer, que tem vista: se pois a alma não vé os seus males, ou não póde ver os seus bens, como poderemos dizer, que tem vista, ou consideração?

Não cuidão os homens dentro na sua alma, que isto se entende na Escriptura Sagrada pelo coraçaõ; naõ considerão com efficacia donde vierão, por onde andão, para donde vão, & para onde hão de ir: se isto considerárão os homens, vírão, que de Deos vierão, & que de outra parte nenhũa cousa tem; vírão, que andão pelo caminho da perdiçaõ; que vão para os infernos; & que havião de caminhar para o Ceo: se cuidàrão nisto, se vírão isto os homens, tornárão atràz, arrependèraõse, & considerárão mais em sy, metendose por dentro de sy; & não andárão tão fóra do mesmo Deos, quanto o andão da ley de Deos: se cuidàrão mais em sy, virão, que quanto à alma, està nelles o mesmo Deos, como em imagem sua; & que esta tanto he melhor imagem, & mais parecida com Deos, quanto nas virtudes se cõforma mais com o original; & tanto mais fea, & disforme, quanto mais nos viciosos costumes se dessemelha: se cuidàraõ em sy quanto ao corpo, víraõ, que he hum vil, & baixo pó da terra; hum manancial de immundicias; hũ compendio de miserias; huma fragilidade instantanea; huma corrupção perenne; hum cevadouro de bichos; & hum guizado da terra: & quanto á vida, vírão, que Deos lha conserva, & da sua mão está pendente; que he hum vapor da terra; hum sopro do vento; hũ fumo aereo; hũa nuvem ligeira; hũa flor do feno; & hũa sombra fantastica, que tendo só de certa duração o presente instante, a cada instante està acabando; sendo para a morte hum ligeiro correyo, que sem parar de dia, & de noite sempre caminha: & finalmente se cuidàrão em sy os homens, quanto ao mundo, que tanto amão, vírão, que sendo as suas honras, vaidade; as suas pompas, aparencias; as suas riquezas inconstantes; as suas vaidades, locuras; as suas delicias

Jerem. supra.

cias, fel; os feus contentamentos, pranto; os feus divertimentos, achaques; os feus alivios, pefte; & as fuas confolaçoens, trifteza; como feu capital inimigo com continuos enganos os rouba; com hum fem numero de laços os prende; com hum fem conto de redes lhes arma; & cõ huma immenfidade de malicias os perde.

Ifto he o que nos dá a entender o Efpirito Santo por Jeremias: porèm de não cuidarem os homens nada nifto, nafce, que daquelles meyos, que fe lhes difpenfárão para os ufos da vida, fazem bemaventurança, fem lembrarfe do fim ultimo para que foraõ creados; & nefte efquecimento, nafcido daquelle abufo, fe perdem. Aquelles rios, que efquecidos de correr para o mar, fe derramaõ pelos campos, perdemfe a fy, & mais a elles: affim os homens, que devendo correr a Deos com o coraçaõ, o derramão pelas creaturas, igualmente fe perdem: póde o rio tornar a fer o que era, & muito mais, fe tornar a feu curfo: tãbem os homens, fe tornarem a feu Deos, podem fer muito melhores que dantes: mas ah, q̃ as aguas, q̃ no principio pudérão tornarfe a feu centro, a pouco cufto do refluxo, ou fluxo da natureza, encharcãdofe pela terra, fe convertem em lagoas mortas; onde fe fomem, ou fe corrompem viciofamente entorpecidas! as neves, que das entranhas do mar fe communicárão aos valles; & os criftaes, cõ que para unirfe ao oceano, fe defentranhàraõ os montes!

Jerem. fupra.

Simile.

Tanto mal faz hum fó defcuido da natureza, ou da culpa, que fazendofe vida, o que fó era inclinação, fe muda em fegunda natureza, o que parecia apetite; & acaba coftume da malicia, ó que apenas começou defvio da razão: a pouco cufto do geito fe arranca em plãta, aquella mefma, que a todo o empenho das forças fe não póde abalar em arvore: o rio, que a pouco cufto fe pudéra cortar na fonte para não chegar a fer ribeiro, por mais que o cortem junto ao mar, não o tiraõ já de fer rio: aquelle incendio, que fe pudéra apagar de hum golpe quando começou faifca, não baftão muitos para o diminuir, logo que chegou a fer chama: por iffo, quem defpreza as coufas pequenas, pouco a pouco fe vai inclinando para de todo cahir nas grandes: *Qui fpernit modica, paulatim decidet.* Tudo o que a parede fe inclina para a ruina, he começala; o mais he profeguila, ou padecela.

Eccef. 16. 1.

Eis-aqui em figura, o que faõ noffos defcuidos na realidade; começafe a memoria por hum divertimento a apartar de Deos; afaftafe logo o entendimento; alon-

alongase a vontade; seguem-na os sentidos; & pondo a alma todo seu sentido nas cousas vãs, & caducas, perde o cuidado das eternas; de que se segue, que suspendendose, ou cegandose o homem superior, & a parte racional, se precipita a natureza taõ depravada desde o ventre, para a parte inferior do homem ao animal, & ao sensitivo, abraçando aquelles mesmos perigos de que fugíra, se os olhos dalma desalumbrados não cegárão pelo seu mal, & pudèrão ver o seu bem.

Pois, se bem consideraramos, quem se atrevéra a peccar? & se peccára, se não arrependèra logo? se advertíra, se consideràra, quem he o que offende; a quem; porque; de que modo; donde; & quando. Quem? hum saco de terra, & de bichos; hũa corrupçaõ vivente; hum lodo mais authorizado, porque o Senhor o tomou nas mãos, & lhe deu alentos de vida, dependente do mesmo Deos, não só nos antes, mas nos agoras, & nos depois. A quem offendeo? a hũ Senhor de tão alta magestade, de tão infinito poder, de taõ grande sabedoria, immensidade, fermosura, providencia, & misericordia; tão respeitado dos Justos, tão louvado dos Santos, dos Anjos taõ adorado, tão querido dos Seraphins, servido dos Ceos, & da terra; Senhor universal do mundo; & per sy mesmo tão amavel, tão bom, tão manso, & tão amigo, que nos criou de nada; nos sustenta de tudo; nos conserva por amor; & nos servio de graça, redemindonos antes que fossemos; amandonos sem merecerlho; sofrendonos sem obrigalo; & esperandonos sem pedirlho. Porque o offende? por hum gosto torpe de brutos, que começa desalumbramento, continùa cegueira, cresce precipicio, pára sem saboría, & acaba condenaçaõ: por hum ponto de honra, que he ar: por hum interesse, que he vil: por hum capricho, que he locura: por hum primor, que he perdiçaõ: por hũa paixão, q̃ he desatino: & por tudo o mais que he vaidade. De que modo offende a Deos? com tanta facilidade, & com tão leve promptidão por qualquer ninheria, como se fora algum Deos de barro, de quẽ se pudera zombar, & não fazer caso. Donde o offende? na sua presença, pois o temos sempre á vista, ou sejamos bons, ou máos: nos lugares sagrados, & profanos, donde, sem pejo, ou escrupulo peccamos com tão grande gosto, & vaidade de offendelo, como se lhe tiveramos o mayor odio do mundo, & nos importára muito fazerlhe acintes, & lisongear ao demonio. Quando o offendemos? no tempo, que nos dá para tratar da salvação pelas

vias da penitencia; dandonos de espera, quanto nos dá de vida, para que nos emendemos hoje do que erramos hontem.

Quem pois naõ aborrecèra o peccar, se se detivera em cuidar o grande odio, que Deos tem ao peccado; pois a seu proprio Filho, a quem amou sobre tudo quanto ha, não perdoou, & castigou rigorosissimamente, sendo a mesma innocencia; por querer tomar sobre sy a carga de nossas culpas? A quem pois ha de perdoar, senaõ perdoou a seu Filho? Foy castigada a innocencia por se nos inclinar, & unir; não o será a malicia por se perverter, & apartar de Deos? Não escapou a saude de nossas almas; & escapará a enfermidade de nossas vidas? Quem pois não tremeria de Deos, se lhe soára nos ouvidos dalma cada instante, aquella trombeta, que póde ouvirse a cada instante? Quem se não metèra por dentro, se puzera diante dos olhos a ultima hora da morte, que vem correndo, & póde chegar a cada passo? Quem se lembràra deste mundo, se subíra com o pensamento á gloria da patria celeste? Quem não vivèra como morto, se descèra com o discurso ás escuras penas do inferno, & se detivera em cuidalas? Quẽ prezára os dias do seculo, se medíra cõ o tremor os longos annos de tormento daquella horrenda eternidade? Quem fizera caso da vida, se estendèra os olhos da Fè por aquelles campos eternos, que alegra, & lustra o Sol da graça; & puzera bem o sentido na vileza de huns bens aparentes, donde o que foy, já não he; o que ha de ser, ainda não chegou; & o que está sendo, vai passando? Mas, que se ha de esperar dos homens, que só ao mundo, & seus enganos entregão a sua vontade, a memoria, & entendimento? que se espera mais, que a perdição? se podẽdo ser maravilhas da graça pela misericordia por privilegios do discurso; saõ escandalos dos destinos, & injurias da misericordia por condiçaõ da vaidade, esquecimento da razão, quedas da graça, & ruina da natureza? ou por melhor dizer; porque anda a razão vadía, a discriçaõ vagabunda, & o entendimento ocioso: & podendo elle ser o melhor casamenteiro da vontade, a poucos passos do discurso deixa perdela pelo mundo, fazendo praça deste cego, toda a corte da profanidade: & por isso brada Jeremias contra a ruina, & perdiçaõ dos homens, nascida do seu esquecimento, & descuido: *Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est, qui recogitet corde.*

Jerem. supra.

GOL-

## GOLPE II.

*Aspexi terram, & vacua erat, & nihil; & cælos, & non erat lux in eis.* Jerem. 4. 23.

Como da falta das obrigaçoens dos que presidem, & ensinão, procede a ruina das almas.

## GEMIDO II.

OLhei para a terra, diz Jeremias, & de puro vão me pareceo nada; puz os olhos nos Ceos, & não vi nelles luz: de sorte, que de terse reduzido a terra ao nada, que dantes tinha sido, era causa a sua vaidade; & de estar o Ceo escurecido, eraõ occasião as suas sombras. Pelas sombras se entendem na Escritura os peccados: *In regione umbræ mortis, idest, in densissima caligine ignorantiæ, & peccatorum*: & pelo nada o mesmo: *Peccatum nihil est*: a terra he figura dos homens do mundo: *Terra pro terræ amatoribus sumitur*; o Ceo, dos q̃ fazem vida de espirito; ou ao menos tem estado de vida espiritual: *Cælos, idest, clericos, in quibus debent esse luminaria vitæ, & scientiæ*. Donde se segue, que da vaidade dos homens mundanos nascia a sua culpa; & da culpa dos outros homẽs Ecclesiasticos, & Religiosos, nascia tambem o seu dano. Mas, que razão teria o Profeta, quando affirma, que vio a terra, para dizer não só que era vãa, mas acrescentar, que era nada? Oh mortaes! Oh peccadores! Ser vãa a terra, & ser nada, não he mais, que hũa mesma cousa: dizeime pois, de que estais vãos? he por ventura de peccar? como se fora para a vaidade o que só presta para o pejo: estais ocos acaso das virtudes, que não tendes? naõ ter virtudes, & ter vaidade, he ser inutil, & he ser nada. Cousa nenhũa, & cousa inutil disse Moysés, que era a terra depois de a haver Deos creado: *Terra autem erat inanis, & vacua*: depois de confessar, que Deos lhe tinha dado o ser: *In principio creavit Deus, &c.* affirmou, que o seu ser era hum vasio, & hũa vaidade, que nas cousas creadas não admite a Filosofia: *Vacua, idest, inutilis*. Isto, que parece contradição, foy mysterio; porque atè aquelle tempo naõ tinha a terra as virtudes de produzir as flores, & frutos, que ao terceiro dia lhe foraõ dadas: & terra, que naõ tem virtude; terra, que sendo vãa, não dá frutos; terra, que he como se não fora; terra, que não faz cousa boa, que ha de ser, senaõ cousa vãa, cousa inutil, & hum puro nada? Por esta razaõ Jeremias,

Alap. in Isai. 9. 2. Aug. tom. 9. tr. 1. in Joan. post med. Hug. C. in Jerem. 22. 29. Hug C. mist. in Jerem. hic, Lat. S. Bonav.

tom. 7. de Eccl. hier. p. 4. cap. 4.

Genes. 1. 2.

Ibid. 1.

Hug. C. ibi.

mias, vendo a terra, lhe chamou vâa; porque sendo esta terra os homens, & não tendo elles virtudes, em que se pudesse pôr olhos, erão os homens terra inutil; eraõ homens, como se naõ forão; & eraõ nada os maiores homens.

Porèm, que a terra fosse nada; andar: foy obra da vaidade: que estivesse a terra vasia; passe: que he falta de virtudes; mas, que nos Ceos não visse luz? que visse defeitos nos Ceos, que tem por natureza luzir, & por officio allumiar? esta só he a maravilha: que haja defeitos na terra, que muito he, se he tão grosseira, tão varia, desigual, & baixa? que haja no mar desassossegos, que muito he, se he tão mudavel, & furioso? que tenha o vẽto liviandades, que admiraçaõ faz, se he tão leve? que tenha o fogo grandes fumos, que espanto he, se está tão alto? mas que o Ceo haja de ter sombras? que nos Ceos se naõ ache luz, sendo os Ceos as fontes da luz, solar da claridade, & mar dos resplandores? este he o mayor espanto. Como he possivel, que na terra, & nos homens, que amaõ a terra, naõ haja hum mundo de defeitos, se nos Ceos, em que se figuraõ os Prègadores, & os Prelados, os Ministros, os Generaes, os Governadores, homens grandes, os Principes, Reys, & Monarchas: *Cæli, ideſt, Apoſtoli, & Prædicatores: & Cæli, quia alti, & clari, significant ordinem Prælatorum*, se não acha mais, que defeitos; os Ceos, por cuja intelligencia se move a maquina do mundo; os Ceos, de cujos movimentos pende a conservaçaõ do Orbe; os Ceos, por cujas influencias se inclinão todas as creaturas; os Ceos, por cujo resplandor se governa todo o universo, naõ tem luz, que faça seu officio, allumiando as ignorancias? não tem movimento efficaz, com que persuada o bom exemplo? tem defeitos naquella luz, que Deos lhe deu para luzir? tem defeitos na claridade, com que devem resplandecer? tem defeitos no resplandor, com q havião de allumiar? A luz da verdade, a claridade da doutrina, o resplandor do exemplo, & as outras luzes da razaõ naõ desfazem, & naõ confundem as sombras da mentira, as nevoas do engano, a escuridade da culpa, & as outras trevas da maldade? Pois que muito he, que a terra naõ tenha em que se pôr os olhos, nem tenha virtudes, se sem a luz naõ se vè nada? que muito he, que tenha faltas, senão ha já luz, q̃ as aclare, lhas descubra, ou lhas emende reprehẽdendo-as, & castigando-as, ou ao menos envergonhando-as? & isto, porque os Ceos naõ resplãdecem como he justo; naõ allumião como devem; naõ influem como

Literal

Moral Hug. C. in Psal. 95. in fin.

como he razaõ; naõ ſe movem como era bem: deixaõ os Ceos; deixaõ os grandes; os que aconſelhaõ, & reprehendem; os q̃ adminiſtraõ, & governaõ; os q̃ reynaõ, & tudo querem; os q̃ impéraõ, & tudo mandão; os q̃ dizem, & pouco obraõ; os que podem, & nada fazem; deixaõ creſcer no mundo as ſombras, cubrirſe o Ceo de eſcuridades, imperar na terra a malicia, & reynar em tudo a cegueira, por defeitos de ſeu officio, por faltas da ſua obrigaçaõ, por máo objecto da doutrina, por máo exemplo da peſſoa, por mâo uſo das dignidades; & naõ querem dar conta a Deos, naõ ſó de ſy, mas tambem dos outros? oh engano, oh cegueira, oh miſeria! As fontes da luz vemſe eclipſadas; as Eſtrellas, todas ſaõ errantes, & por iſſo os tempos ſe turbaõ; os ſignos naõ daõ ſinaes, de que ſe acabe cedo o mundo, & por iſſo naõ ha juizo; ca la qual dos Planetas trata da ſua exaltaçaõ, ainda que de muitos outros ſeja cahida, & detrimento; os aſpectos naõ ſaõ benignos; os curſos naõ ſaõ mui rectos; & em fim os Ceos não ſaõ mui ſolidos: pois que ha de dizer o Profeta, ſenão, que he nada a vaidade, em que ſe tem tornado à terra, em comparaçaõ da culpa, que tem os Ceos por não ter luz?

In ejus officio. Para entender que ſe acabava o mundo, baſtou ao grande Dionyſio Areopagita ver contra a ordem natural apagada em eclipſe eſcuro hũa ſó das tochas do Ceo; vio veſtirſe o dia de noites, porque o Sol não fez ſeu officio; vio cubrirſe a terra de ſombras, quando eſperava verlhe luzes; vio enlutarſe o Ceo de trevas, ſendo tempo de reſplandores; não o moveo a perſuadirſe, q̃ a maquina do mundo eſpirava, o ver em conflito os elementos; os penedos em pendencia; a terra em tremendos abalos; as ondas contendendo com as nuvens; os mares chocando com os ventos; porque naſcendo eſta guerra da natural antipatia, naõ reparava o Filoſofo na contenda das naturezas, ſenaõ nos defeitos do officio: pois trocado aſſim o governo, a ordem, & a obrigação, era dano mais infallivel a falta de hũa obrigaçaõ, que a batalha de todo o mundo. Se pois o faltar hũa ſó tocha do Ceo, era argumento de acabarſe, & desfazerſe eſtà maquina do univerſo; como naõ ſerá argumento, de que ſe acaba todo o mundo moralmente conſiderado, iſto he, todos os homens, ſe deſtes Ceos moralizados, iſto he, dos q̃ governaõ, & enſinaõ, vemos as tochas apagadas, as Eſtrellas cahidas, as luzes mortas, & as eſferas eſcuras? Deſtas eſferas ſupremas vemos o movimento ſem ordem; a muſica ſem conſonancia; a propor-

Lect. 4. 9. Octobris in Brev. Rom.

çaõ

çaõ sem armonía; a fórma corrupta; os aspectos sem influencia: donde com fundamento podemos considerar, que com a vista do espirito profetico via Jeremias a terra destes tempos desfeita em nada; & os Ceos deste seculo convertidos em trevas: *Aspexi terram, & vacua erat, & nihil; & cælos, & nõ erat lux in eis.*

## GOLPE III.

*Viæ Sion lugent, eoquod non sint, qui veniant ad solemnitatem.* Thren. 1. 4.

Os descaminhos dos peccadores saõ das lagrimas, que vertem os caminhos do Ceo, a causa.

### GEMIDO III.

CHoraõ as vias de Siaõ, porque não ha quem vá por ellas ás festas de Jerusalem: choraõ os caminhos do Ceo, que isto saõ as vias de Siaõ, por não haver quem queira ir ás glorias da celeste patria; as ruas se vestiraõ de erva; as casas se fizerão tumulos, & a Cidade de Deos, deserto nesta via de peregrinos; os caminhos choraõ; & naõ choraõ os que caminhão, caminhando jà todo o mundo pelas vias da perdiçaõ; a Corte de Deos se fez ermo; as vias do Ceo solidoens; & o mundo todo Babylonia: ás estradas da salvaçaõ, que abrio no mundo Jesu Christo, se tornàraõ matas silvestrès; & cheas só de agrestes silvas, para nenhum saõ jà estrada, para todos saõ aspereza. Essoutros caminhos difficeis por onde sempre vaõ errando os peregrinos deste seculo, sendo sómente povoados, saõ passagem de todo o mundo.

Intricada a vaidade humana por seus confusos labyrinthos; embrenhado o gosto dos homens entre seus viçosos enredos; & precipitada a razaõ por mil riscos idolatrados, & por tantos erros bemquistos, gostosamente se embaraça, voluntariamente se arroja, & aprazivelmente se perde; como se fora a perdiçaõ, suave emprego da caricia; & a cegueira, ancia, & a ruina, doce visco da liberdade.

Chora a Cidade celestial ver já cahidos os seus muros, derrubadas as suas portas, destruidos seus edificios, & profanados os seus templos: que isto saõ na Igreja de Deos os Doutores, & Prègadores, que se cansaõ mais pela flor, que pelo fruto da doutrina: *Portæ ejus destructæ; idest, Doctores, & Prædicatores; qui dicuntur portæ, eoquod debent alijs aditum præbere; sed aditus ille destruitur per curiositatem doctrinæ:* isto, os Prelados, & cabeças dos Estados da Christandade, que tra-

Gloss. in Jerem. supra moral.

tratão mais da temporal fortuna, que do augmento espiritual.

Tres vias, dizem os contemplativos, que ha para a jornada do Ceo: Purgativa, Illuminativa, & Unitiva: na primeira se purgaõ as almas de todos os males da culpa; na segunda as allumía a graça de Deos para viver sem creaturas; na terceira se desapegão totalmente de sy, para se unir bem com Deos: chora pois a via Purgativa, porque adoçada a natureza humana cõ os sabores da malicia, mais que sentir, & padecer os males, & os symptomas da pena eterna, q̃ beber por hũa vez a amargosa purga do desengano: chora a via Illuminativa, porque os homens cegos pelo engano do mundo, não sofrem, que lhes fira os olhos o Sol da graça, querendo mais ser aves nocturnas neste valle escuro de lagrimas, que aguias da fé no mayor imperio das luzes: chora a via Unitiva, porque se desataõ as almas tanto dos vinculos do amor de Deos, q̃ he sua origem, & seu fim, que chegão a gloriarse em desunirse, & separarse desta suavissima união, por se prenderem sómẽte em huns laços torpes, que hoje saõ cadeas, á manhãa morte, o outro dia inferno: eis-aqui como as vias, & caminhos do Ceo choraõ; & o Senhor por todas as vias.

As vias, ou caminhos do Ceo, dizem os Doutores sagrados, que saõ as virtudes: *Viæ Sion, virtutes, scilicet, ad supernam Ierusalem ducentes.* David dizia, que erão duas, a misericordia, & a verdade: *Universæ viæ Domini misericordia, & veritas*: & em outra parte, q̃ era a ley de Deos: *Viam mandatorum tuorum.* Daniel de todas fez hũa, que eram os juizos de Deos: *Omnes viæ ejus, judicia*: & o mesmo Senhor por Saõ Joaõ tambem nos disse, que elle mesmo era via: *Ego sum via.* Se pois as vias de Siaõ, & as vias do Ceo, que chorão, saõ as virtudes, a verdade, a misericordia, a ley de Deos, os seus juizos, & juntamente o mesmo Christo; seguese infallivelmente, que chorão as virtudes, a verdade, a misericordia, a ley de Deos, os seus juizos, & o mesmo Christo finalmente: chorão as virtudes, porq̃ se andaõ rindo os vicios: chora a verdade, porq̃ se idolatra a mentira: chora a misericordia, porque se exaspera a justiça: choraõ os juizos de Deos, porq̃ os naõ teme a ignorancia: chora a ley de Deos, porque encerrandose toda no amor divino, & do proximo, poem os homens o amor de Deos no mũdo, & o do proximo em sy mesmos: chora finalmente Christo, porque o deixaõ os peccadores pelo demonio; & sendo via tão segura, lhe fogem por tantos desvios,

Gloss. sup. moral.

Psalm. 24. 10.

Psalm. 118. 32.

Daniel. 4. 34.

Joan. 14. 6.

desvios, seguindo os asperos caminhos, & os descaminhos escabrosos, da perdição, & da vaidade. O' mortaes, ó peccadores, naõ engeitados da misericordia, senão filhos da perdiçaõ; naõ espurios da ley de Deos, porèm bastardos do Evangelho; naõ degradados da Igreja, mas desnaturalizados de Deos; naõ bandidos da Fé Catholica, porèm foragidos da graça; seara sempre do Senhor, mas cizania do seu trigo; esteril campo do seu verbo, com tudo sempre semeado; ervas, & arvores agrestes, mas regadas de suas nuvens; que fazeis, que não dais hũa hora, a quem vos dá todos os dias? porque lhe não respondeis hum dia, se ha tantos annos, que vos chama? abrio-vos em suas entranhas as vias da misericordia, & quereis em odio de Deos, ser prova da sua justiça, só por dardes gosto ao demonio? Pelas vias do vosso engano caliginosas, & cõfusas; pelas estradas da malicia; pelos barrancos da cegueira; pelas veredas arriscadas de huma ignorancia impedernida, vos afastais, os que sois sabios, os que sois grandes, & entendidos, dos atalhos da salvação, das vias da sabedoria, & dos caminhos da prudencia? Chora Deos amarguissimamente a vossa perdiçaõ: *Cum clamore valido, & lacrymis*; & naõ chorais a sua offensa? Manda que todos seus Ministros vaõ pelas estradas do mundo a buscar coixos, & aleijados; a persuadir surdos, & mudos; a encaminhar cegos, & enfermos para o convite celestial da eterna bemaventurança: *Pauperes, ac debiles; cæcos, & claudos, &c.* & vòs teimosos, & obstinados sem lhe quererdes pedir mesa, vos ides a torrar nas eternas fogueiras? Adonde está o vosso aviso, se entre os horrores do castigo, & entre os tremores do peccado todavia quereis correr pelo escandalo das virtudes, com desprezo da ley de Deos, com aggravo dos seus juizos, com queixas da misericordia, com indignaçaõ da justiça, & com injuria da verdade?

AdHebr. 5. 7.

Luc. 14. 21.

Bradaõ as lagrimas de Christo; grita o silencio da verdade; soaõ os ecos do juizo; lamentaõ os prantos da misericordia; retumba o duro açoute da justiça; & clama a execuçaõ da ley de Deos; & nada disto vos faz móça nesses espiritos de marmore? naõ se move, nem se estremece a rocha viva desses peitos? naõ se derrete, nem desfaz o duro brõze dessas entranhas? naõ se arrancaõ ainda as raizes da cana vãa de vossas almas, com que naõ ha desapegarvos da terra donde estais metidos? Impossivel he não chorar, & sentir as culpas neste seculo, ou no outro: donde pois iremos parar, se antes de chorar nossas culpas arrependen-

Ad Hebr. 5. 7.

pendendonos agora, nos fizer entrar em juizo, quem nos pòde tirar a vida, & darnos cada instante a morte? Naõ he melhor neste desterro, que he para nòs valle de lagrimas, chorar a pena temporal, que lá no carcere do inferno, no theatro da eternidade padecermos a eterna morte, & em fim chorarmos para sempre? Oh, pois, peregrinos do mundo, sede hoje os seus desenganados! porque se este valle desconhecido tantas vezes vos enganou com as primaveras da vida, não he razaõ, que atè o ultimo valle, que achareis no outono da morte, vades cultivando os enganos, para recolher os castigos: & desta sorte cessaráõ de chorar contra vòs os caminhos do Ceo, que atègora lamentaõ os vossos descaminhos: *Viæ Sion lugent, &c.*

---

GOLPE IV.

*Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt: non est, qui faciat bonum, non est usque ad unum.* Psalm. 13. 3.

A ruina dos estados nasce de faltarem a suas obrigaçoens cada huns.

GEMIDO IV.

MAs ay, que todos declinárão, & se pervertèraõ! os máos, fazendose peiores; os bons, tornandose máos; & os melhores, não sendo taõ bons: vive o Christão como o idolatra; o Frade, como o secular; o Ecclesiastico, como o mundano; tal como o povo, o Sacerdote; tal como o mundano, o Religioso; tal o Christão, como o gentio. Que faz o gentio, mais que adorar os seus idolos em afronta da ley de Deos? Que faz o Christão, mais que afrontar a ley de Deos, fazendo de seus gostos, idolos? Que faz o mũdano, mais que amar os bens da terra, como senão ouvera Ceo? Que faz o Ecclesiastico, mais que esquecerse do Ceo, tratando só dos bens da terra? Que faz o secular, mais que edificar para o seculo, & arruinar para a eternidade? E que faz o Religioso, mais que fugir do eterno bem, por buscar as glorias do seculo, confundindose naquella, & acabando de arruinar este? Devia o secular lembrarse de Deos hum hora, quando não fosse o mais do dia, porque era ser Christaõ: devia o Ecclesiastico empregarse em Deos todo o dia, quando não fosse toda a noite, & isto era ser Ecclesiastico: devia o Religioso vagar para Deos noite, & dia, sem perder hora, nem ponto, que isto era ser Religioso; porque o Religioso, logo que o foy, devia morrer para o mundo; porque devia o Ecclesiastico, tã-

to

to que o chegou a ser, viver só para Deos; porque devia, ainda q̃ o fosse, não vagar só para o demonio: mas, que ha de ser, se estes, como cavallo sem freyo: *Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prælium*; aquelles, como Náo sem leme; & os outros, como cego sem guia, correm ao precipicio, buscaõ o naufragio, & seguem o desalumbramento?

Jerem. 8. 6.

Todos adorão o interesse; todos cortejaõ a maldade; todos idolatrão o vicio: desde o cetro, até o cajado; da purpura, até o burel; da tiara, até o barrete, não só se empeiorâraõ os máos; naõ só se pervertèraõ os bons; mas, ah, que declinàraõ até os melhores! *Conjurasse contra te, Domine, videtur universitas populi Christiani à minimo usque ad maximum.* Todos se fizeraõ peiores; porque o secular zomba da vida de Christão, & contentase com o nome; o Ecclesiastico busca na Igreja a dignidade, & não a santificaçaõ; quer a prebenda, & naõ a santidade: o Religioso busca no habito a cõmenda, & não a Cruz de Christo; quer o titulo, & não a Cruz; & titulos sem Cruz seráõ letras, mas não passaõ de rotulos: prebendas sem santidade seráõ fartura, mas naõ bens da Igreja: Fé sem obras será carta de crença, mas não carta de seguro; será credito, mas naõ salvaçáo.

S.Bern. tom. I. Serm. I. in Conv. S.Pauli in med.

Oh lastima! oh miseria! que o gentio, o secular, & o mundano, sem ter razão, tenhão desculpa nos vicios, que tem o Christaõ na vida, que faz o Ecclesiastico; no exemplo máo, que dá o Religioso! David, sendo secular, porque considerava, trazia a eternidade na memoria: o Publicano, sendo homem do mundo, porque confessou sua culpa, sahio justificado do templo: Seneca, sendo gentio, porque conheceo a brevidade da vida, todo seu estudo punha, & toda sua võtade em vir a ter a melhor morte: se pois hum gentio préga desenganos, quando se engana hum Christaõ; se hum mundano busca a Deos no templo, quando tantos Ecclesiasticos se esquecem delle; se hum secular cuida na eternidade, que tantos Religiosos perdem, por não querer perder o tempo; como se dirá só, que todos declináraõ, senão, que se pervertéraõ? Duvidaõ alguns se se salvou este gentio; & não se duvida, de que se perdem muitos Christãos: sabese, q̃ se salvou aquelle mundano; & sabese q̃ muitos Ecclesiasticos se perdem: coroouse no Ceo aquelle secular; & oh desventura! saber de certo, que se condenão muitos Religiosos, q̃ se coroáraõ no mundo.

Psalm. 76. 60. Luc. 18. 14. Sen. epist 71

Fizeraõse juntamente inuteis; porque o Religioso naõ aproveitou ao secular com o seu reti-

retiro; porque o Ecclesiastico danou aos outros com o seu exemplo; porque o secular naõ estudou pelo seu engano; & podendo o secular prestar ao menos para sy, o Ecclesiastico para os outros, & o Religioso para todos; todos se fizeraõ inuteis, naõ prestando para os outros, nẽ para sy, nem para Deos; porque enganos mal conhecidos, saõ venenos idolatrados; exemplos escandalosos saõ peste authorizada; retiros sem santidade saõ medicinas sem virtude: saõ como luz sem calor, que não pòde desfazer nevoas; saõ como chuva de pedra, que em vez de aproveitar, dana; saõ como flores rusticas, que em lugar de cheirar bem, cheiraõ mal: homens necios, vede, que todos estamos feitos espectaculo dos Anjos, & dos homens: se os que sois Religiosos danais com o exemplo a doutrina, de que importa ter lingua de ouro, & coraçaõ de chumbo? Se os que sois Ecclesiasticos, naõ tendes nos entendimentos, o que mostrais nos vestidos, que vos aproveita a tonsura, se andais mentindo a dignidade? Se os que sois Christãos, desmentís nas vidas o que prometeis na ley, de que vos val o nome, se o infamão as obras? Inuteis saõ todas as obras daquelles que estaõ em culpa, como diz a Sabedoria Divina: *Inutilia opera eorum*: por isso mãdou o Senhor, que nas trevas exteriores fossem deitados os inuteis: *Inutilem servum ejicite in tenebras exteriores.* Inuteis saõ os peccadores, porque não fazem cousa boa: ser inutil, he naõ prestar, naõ prestar he viver em vaõ; por isso saõ vãos os inuteis, & em fim peccadores, pois não prestando para cousa algũa a Deos, a sy, ou ao proximo, todos crem, que tem grandes prestimos nas vaidades deste mundo: por isso naõ sobem ao monte da superior Jerusalem, porque tem recebido em vão os favores, que Deos lhes fez; huns, cegos da sombra da noite, que tal he do mũdo a cegueira; outros dormindo a manhãa toda na cama do descuido humano; outros, fazendolhe mal o demonio do meyo dia; tal he a fragil presumpçaõ da vangloria espiritual, ou do temporal luzimento; pois raro será, ou nenhum, aquelle, que chegue ao zenit do mayor orbe da fortuna, ou da alta esfera do espirito, q̃ cõ razão possa affirmar, q̃ vive sem algũ peccado.

Sap. 3. 11.

Mat. 25. 30.

Oh Christãos, que viveis no seculo, todos sois membros de Christo; mas se todos estais corruptos, afistulados, & leprosos, que vos importa, que a cabeça, & coraçaõ estejão livres desses contagios, & venenos; se he força, que vos corte, & queime o mesmo, que vos conservava? Edificio sois de Jesu Christo; fea

cousa

cousa pareceria continuar com pedras toscas aquella obra sublime; fundada sobre diamantes: se ainda assim foreis pedras, pudéra ser, que naõ cahireis; mas se sois area sem cal; se em fim sois barro, & terra solta, como chegareis sem ruina aõ remate daquelles timbres, com que esta obra se coroa?

O' Varoens Ecclesiasticos, todos sois sagrados, & por taes vos reverẽceio; mas se nos templos consagrados, & nas aras de Jesu Christo víramos os vultos, & os idolos, que adorou a gentilidade, q̃ taes ficàraõ estes templos? Vede, pois, dentro de vossas almas, que tambem saõ templos de Deos, se fazeis ainda sacrificios ás apocrifas divindades dos profanos gostos do mundo, & a seus falsos, & vãos deleites; & se nas aras de vossos coraçoẽs he ainda adorado o infernal idolo da culpa.

O' Religioens, todas sois Santas, & por taes vos amo, & venero: nascestes fontes, fizestesvos rios; parece, que vos engrandecestes? Mas ah que quanto na aparencia crecestes, na substancia declinastes! nacestes quasi todas nas solidoens, & desertos; servio-vos de berço o sepulcro, porque nacestes pelas covas: aquellas brenhas, & espessuras, que apartadas do trato humano, erão mais asperas, & agrestes, forão a vossa companhia; cada folha das vossas arvores, que para o Ceo se levantava, era hũ livro muy dilatado da celeste sabedoria para o discurso, & para as ancias, com que a vossa corrente pura se arrebatava para o centro, para o seu fim, & sua origem: as mais grosseiras penedias, que eraõ vosso hospicio muito apenas, apenas vos davaõ sufficiente passo: porèm agora para os vossos passos não basta já todo esse campo de batalha para o socego, & quasi esteril para o fruto: as Cidades, & seus contornos saõ jà estreitos orbes para a sede de vossas aguas, que ambiciosas de serem mares, sem darem as costas á terra, buscão hoje no mundo as melhores barras: fostes fontes, hoje sois rios: ereis ribeiros, & jà sois pégos: quem se metia então na fonte, lavava-se de suas manchas; quem se mete agora no pégo, arriscado vai a afogarse: pobres corrieis algũ tempo, porẽ alegres, & aprazíveis mẽdigaveis por esses cãpos beijando as plantas desses bosques, a cuja sombra então vivieis: corrieis claras, & risonhas; & atè o vosso murmurar era delicia dos penedos, & das aves, que vos ouviaõ; hoje ricos, & caudalosos com o cristal, & prata falsa dos que vos turbão mais, que aumentaõ, desaguando em vòs seus torrentes, idès tristonhos, & sombrios; sendo horror, & melancolia naõ só

dos

dos valles, mas atè dos montes ſoberbos: a todos ſervieis de eſpelho; agora ſervis de eſpanto, quando lhe não ſirvais de ſuſto: nada vos tem eſcurecido mais, que eſtardes neſſas alturas, ſem quererdes chegar ao baixo, com que a humildade vos reprehẽde, & com que a vòs vos cauſaõ medo voſſas proprias profundidades: todas ſei, que ides para o Ceo, como os rios para o mar; mas ay, quanta agua ſe vos ſome, & vos fica como empoçada pelos braços deſſas montanhas; pelos ſeios deſſas campinas; pelas logeas deſſas caſas, quando fóra da mãy correis; & pelo occulto deſſes valles!

Deixai pois já os embaraços com que ſe embarga o voſſo curſo, com que ſe alteraõ voſſas ondas, & ſe turbão voſſas correntes: inclinaivos, & não declineis do caminho, que començaſtes; ſe nelle tendes precipicios, eſſes podem adiantarvos, ſe ahi quizerdes abatervos: não ſejão mais pègos ſem fundo eſſes theſouros criſtalinos, podendo eſtar hoje areados do menos, que nos poem á margem: chegaivos todas para o mar, ſeparadas das ſalobras aguas deſſes valles, & das immundas correntes deſſas ruas, & não queirais mais ter nome, ſe podeis ter união: naõ ſe diga que nem hum ſó ha entre tantos, que hoje correm com recto, & puro movimento: fiquem no ſeculo, os do ſeculo: venerem o mundo, os do mundo, quando não queiraõ melhorarſe: não valha embora a immunidade aos que á Igreja ſe acolhéraõ, ſe lhe profanão o ſagrado; mas não vivaõ como no mundo, os que profeſſaõ vida celeſte; os que da terra fazem Ceo; & os que em fim devem ſer eſpiritos para que o mundo ſe edifique, para que a Igreja ſe ſuſtente, & para que no Ceo ſe triunfe.

Torne cada eſtado ao eſtado de que declinou: ſe a declinaçaõ a todos fez inuteis, pare a declinaçaõ, & logo as utilidades ſeraõ muitas; porque ſerão muitas as boas obras, de cuja falta ſe queixa o Eſpirito Santo por David: *Omnes declinaverunt, ſimul inutiles facti ſunt, &c.*

---

## GOLPE V.

*Nullus eſt, qui agat pœnitentiam ſuper peccato ſuo; &c. Idcirco cadent inter corruentes.*
Jerem. 8. 6. & 12.

De quanto importa a todos fazer penitencia.

## GEMIDO V.

TOdos os homẽs, que cahem em alguns dos males a que eſtá ſugeita a mortalidade da hu-

humana vida, acodem logo aos medicos, ou aos remedios, por não deixar frouxamente arruinar este vivente edificio, a cuja conservaçaõ intrinsecamente se inclina, & os persuade a natureza: todos os que entrão a convalescer, cada dia fazem por dar mais hum passo, com que a saude se melhore; atè que esforçandose pouco a pouco, se chegaõ a fazer robustos: só nas doenças dalma não ha quem busque a Deos, que he o medico; nem a penitencia, que he a cura: só nas convalescencias do espirito naõ ha quem faça cousa algũa por ir melhorando na emenda, dando cada dia algum passo nos exercicios das virtudes; deixandose assim perecer nas enfermidades da culpa, não querendo convalescer, nem levantarse do peccado, em que mortalmente cahíraõ: todos abraçaõ o perigo de hũa penosa eternidade; nenhũ se cansa, ou se afadiga por se livrar da eterna morte; como se fora digna de maior estimaçaõ a enfermidade, que o remedio: tão entrevados estaõ todos na ignorancia, ou na malicia, ou na humana fragilidade, que não ha hoje quem se atreva a dar hũ passo para Deos por cobrar a saude dalma: tudo he cahir, & perecer; & se da cama do peccado succede levantarse algum, vemos que torna a recahir.

Almas Christans, que he isto? para qualquer accidente, para hũa febre maligna, & para menos que febre, tantos cuidados, & fadigas, tantos passos, tantos dispendios? & para a alma, que morre á falta de hum desengano, que he balsamo; de hum jejum, que he dieta; de hũas lagrimas, ou suspiros, que he sangria; de hum cilicio, que he defensivo; de hum exame de conciencia, que he xarope; de hũa inteira confissaõ, que he purga, entregais de todo, o coraçaõ ás febres da culpa, á modorra do descuido, aos syntomas da malicia, aos erpes da obstinaçaõ, & as almas ao inferno? A cada instante perguntais nos latidos do pulso á natureza o seu estado; & á conciencia, que he pulso dalma, dandovos tantos latidos, quantos saõ seus remorsos, não quereis ouvirlhe os clamores, que entre mortaes entrecadencias, & entre mudos desasossegos, saõ gritos, com que a alma brada, & ays, com que o espirito geme, & lamenta a sua eterna morte? Temeis a morte temporal, senaõ acudis depressa aos males do corpo; & não temeis a morte eterna, naõ acudindo aos males dalma? Que he isto, senão estares entregues ao letargo de vossos vicios; senão haverse acabado em todos com o temor de Deos, o horror do inferno? Que he, senão esta-

rem

rem todas as potencias alheas, ou amortecidas as operaçoens da razão; & faltar já ao coraçaõ aquelles seus vitaes espiritos, por não terdes nada de espirito, & havervos todos feito carne? Pois desenganaivos, mortaes; porque como disse o Senhor, se não fizerdes penitencia, para sempre perecereis: *Nisi pœnitentiam habueritis, &c.*

Luc. 13. 3.

Parecelhes aos peccadores, que lhes basta a devoçaõ de hum Santo, que por seus merecimentos, sem cansarse com penitencias, se poderáõ salvar: ó mortaes, nenhum de todos os Santos por todos seus merecimentos vos póde dar a salvaçaõ, senão fizerdes penitencia. O mesmo Deos, ò homés, que de nada vos creou, sem fazerdes alguma cousa da vossa parte, não vos ha de salvar, sem que da vossa parte façais algũa cousa. Enfermidade dalma he o peccado, de que a penitencia he remedio; ou para melhor dizer, morte, sendo mortal a culpa, de que a alma resuscita só por milagre da penitencia: se he aspero o remedio, vede qual será a enfermidade? se penoso o convalescer; q̃ tal será o recahir? se he custoso o resuscitar; q̃ será o perecer de todo?

Nenhum outro livramento tem, os que saõ grandes peccadores, mais que confessar a culpa: nenhum outro meyo tem estes criminosos para escapar do carcere infernal, senaõ correr seu livramento com a carta de seguro confessativa da penitencia, com defeza na propria fragilidade, & na misericordia de Deos: os que saõ bons, & os que saõ máos matàraõ ao Filho de Deos: *Omnes enim peccaverunt*: andamos todos ausentes, foragidos, & homiziados pelo deserto deste mundo; estão as culpas em aberto; & ha de colhernos Deos às mãos, quando não queira nesta vida, na ultima hora da morte; não podemos livrarnos no tribunal de sua justiça, sem que a sua misericordia nos dè o perdaõ: se pois não rogarmos à misericordia nesta vida, dizendo-lhe a nossa miseria; senão sómente a desprezamos, mas nos gloriamos de offendela; que havemos de esperar depois? Carceres saõ os nossos corpos donde estaõ prezas nossas almas; se do carcere ninguem sahe, senão a justiçar, sem dar satisfaçaõ a todos os crimes; q̃ conta darèmos nòs a Deos, de estar no carcere toda a vida, não só dormindo com o livramento, mas multiplicando os crimes, & afrontas contra quem infallivelmente nos ha de sentencear a final sem appellação, nem aggravo? Que doudice pois ha mayor, q̃ estarmos prezos em nòs mesmos, & não cessarmos de offender a justiça divina, que de nòs se ha de vingar?

Rom. 3. 23.

Que fazemos pois, ó peccadores? nada fazemos, se penitencia não fazemos: todos devemos fazela, & nenhũ se deve izentar: devem os Santos fazela; porque muito Santo era o Bautista, & ainda que viveo sem culpa, não viveo sem penitencia: devem fazela os Religiosos; pois Religioso era hum Saõ Paulo, hum Santo Antão, & Hilarião, & fizerão aspera penitencia: devem fazela os Ecclesiasticos, cuja cabeça era Saõ Pedro, & fez penitencia amargosa: devem fazela os Reys poderosos; porque grãde, & poderoso Rey era David, & fez muy larga penitencia: devem fazela os Generaes, & os soldados mais valerosos; pois taes eraõ os Machabeos, & armavaõse com os cilicios: devem fazela os mais perversos, & os maiores inimigos de Deos; pois seu inimigo era Saulo, & felo a penitencia Apostolo, mediãte o favor de Deos: devem as mulheres mais regaladas fazela, principalmente as mais perdidas; pois tal foi a Magdalena, & Santa Maria Egypciaca, & foraõ passmo, maravilha, & admiraçaõ dos penitentes: todos estes chegàraõ a ser Santos, & Santos da mayor esfera, havendo sido peccadores, por fazer penitencia publica, ainda que parecesse escondida, & retirada pelas covas, com que os ermos os sepultavaõ: & vòs não a fazendo occulta dentro de vòs, & em vossas casas, quereis salvarvos, sendo peccadores?

Descubriaõse na Palestina os segredos mais escond dos nos occultos seyos da terra, cheyos de homens, que como troncos se expunhaõ despidos ao desabrigo do rigor aspero dos tempos: encerravaõse na aspereza das vastas solidoens do Egypto, não só homens, mas mulheres, que depondo a fraqueza humana, & os reparos cõmuns da vida, pareciaõ pedras com alma, ou cadaveres com espirito: para enternecerem a Deos se empedernião contra sy; póstos em campo contra o mundo, fazendo sempre guerra á carne, & dando batalha ao demonio, faziaõ desaparecer este em medos, aquella em espirito, & o outro em pó, & cinza: & vós metidos pelo mundo, atados nas prizoens da carne, & abraçados com o demonio, andais mui lédos, & contentes, parecendovos que basta hũa hora para alcançar a salvaçaõ, peitando a justiça de Deos com pedirlhe misericordia? Homens cegos: homẽs sem luz: como quereis, q̃ Deos vos ouça, q̃ vos crea, que vos acuda no vosso ultimo quartel, na vossa derradeira hora, & no vosso final suspiro, se buscãdovos tantas vezes, se rogandovos tantos annos, se esperandovos tantos tempos, desprezastes, &

engeitastes a sua misericordia zombando de sua justiça? O' mortaes, a penitencia não mata, senaõ culpas; o peccado só tira a vida; tirai de vòs a culpa, & peccado pela penitencia, & tirareis á morte pela obstinaçaõ; porque só então enternizareis a vida, quando perpetueis a penitencia: entaõ vos escapareis das eternas ruinas, comminadas por Deos á multidão dos impenitentes, quando arrependidos das culpas, emendares vossas vidas: & cessará a queixa divina, que dá por Jeremias, de não haver entre tãta multidão de peccadores quem faça penitencia: *Nullus est, qui agat pœnitentiam, &c.*

---

## GOLPE VI.

*Væ tibi Corozain, væ tibi Bethsaida: quia si in Tyro, & Sidone factæ essent virtutes, quæ factæ sunt in vobis, olim in cilicio, & cinere pœnitentiam egissent.* Matth. 11. 21.

De quaõ pouco se aproveitaõ os Catholicos dos auxilios divinos para fazerem penitencia.

### GEMIDO VI.

AY de vòs homens de Corozaim, & de Betsayda (dizia, & exclamava Christo) porq se aos de Tyro, & Sidonia se deraõ tão grandes auxilios, como a vosoutros se tem dado, cheyos de cinza, & cilicio tiverão feito penitencia: & ay de vòs miseraveis Christãos obstinados em vossas culpas; porque se em muitos barbaros, & idolatras fizera Deos as misericordias, que comvosco usa, já elles seriáo Santos, com o que vòs sois peccadores: por seus altissimos juizos deixa Deos cõdenar a tantos, que se poderiaõ salvar, & agradecerlhe melhor, que vòs, os favores, que desprezais: & sem embargo de tudo quer Deos salvarvos, ó Christãos, quando sabe, que quasi todos não estudais mais, que em perdervos. Deixa Deos perecer ha tanto, & para toda a eternidade em tantos climas, & regioens, tantas naçoens, & tantas gentes, & offerecevos cada hora, em que vòs acha mais dispostos para receber seus influxos, a efficacia de seus auxilios, sem que tantas misericordias achem em vòs correspondencia, sendo ella quem finalmente faz os auxilios efficazes. Oh que dura, & que estreita conta vos tomará disto o Senhor! que castigos tão rigurosos tereis dos Ceos, & dos infernos! que açoute tão cruel tereis por fugir dos braços de Deos para as cadeas do demonio! por resistirdes aos impulsos, com que vos bate ás portas d'al-

ma! por rebaterlhe aquelles golpes, com que vos fere os coraçoens! por retardarvos no caminho donde vos chama para a patria! por desviarvos das estradas onde vos meteo a caminho! & por vos perderdes no porto, depois de atravessar os mares!

Menos infernos, & menos penas teraõ os Mouros, os Turcos, os Barbaros, os Gentios, os Idolatras, a quem faltou a luz da Fé, a abundancia dos Sacramentos, os gritos da misericordia, & os ameaços da justiça, que por tantas bocas de Deos, quantas saõ as suas creaturas, vos ensinão, & vos advertem sua bondade incomprehensivel, & vossa culpa abominavel. Servem a Deos todas as cousas; obedecemlhe as creaturas, que não tem razão, nem juizo; só o homem, que deve mais, pois deve a Deos mandar, que o sirvaõ as creaturas, & cousas, que creou, atè em sua propria offensa, não serve a Deos, nem lhe obedece, quebrando seus Mandamentos; antes se lhe oppoem, & lhe resiste ás inspiraçoens que lhe dá, gloriandose de ser ingrato, escandaloso, & fementido, pois vive alegre, vão, & ufano nas injurias da ley de Deos, na pertinacia de seus vicios, & no gosto da sua culpa, como se não ouvera nascido, nem vivèra para outra cousa, mais que para fazer acintes a Deos, & fazerse Deos sobre a terra.

Mandou Deos ao Sol, que allumiasse; ás Estrellas, que influissem; aos Ceos, que se movessem; aos elementos, que vos servissem; á terra, que vos désse frutos; ao mar, que vos désse passagem; ao ar, que vos désse respiraçaõ; ao fogo, q̃ vos désse abrigos; & ainda aos Anjos, que vos guardassem: & ha muito mais de seis mil annos, que todas estas creaturas não fazem nenhũa outra cousa, mais que andarem obedecendo a Deos, & servindovos sem parar: & cuidaremos por ventura, que mandaria Deos á tantas creaturas celestes, & terrestres, que nos servissem para offendelo? que nos fizessem a vontade para nos entregarmos aos vicios, & faltar à ley de Deos? Oh miseria! Oh loucura! E vós sem dar a Deos hum anno, hum mez, hum dia, ou hũa hora, viveis quietos na conciencia? & não contentes sò com isto, quereis fazerlhe cada hora hum milhão de abominaçoens, & hũa eternidade de offensas?

Quem he este a quem obedece o mar, & o vento? perguntavão as gentes sem luz, vendo ficar o mar socegado, & orizontes quietos, logo que Christo desde a barca lhes mandou, que se serenassem: obedeceo o mar, & o vẽto aos imperios da voz de Christo no mesmo instante, em

que

que os mandou: obedecelhe a terra, o fogo, os rayos, os coriscos, tanto, que quasi se naõ distinguem no tempo, o imperio, & a obediencia; & só vós, ó peccadores, não lhe obedeceis ha tantos annos, que vos manda, fiados no que vos espera? ha tantos tempos, que vos chama, fiados em q̃ vos busca? O mar, figura da soberba, pois naõ sofre que hum ar lhe toque, guarda de Deos os Mandamentos, naõ passando as rayas do seu destrito: as ondas, symbolo da ira, pois com qualquer vento se alterão, a huma voz de Deos se amansaõ, & tornão marè de rosas: o vento, imagem da inconstancia, pois cada momento se muda, obedece a Deos pelos ares: o fogo, debuxo da altiveza, pois sobe lá sobre as nuvens, a hum aceno de Deos se abate: o Ceo, solar das perfeiçoens, pois o poz Deos sobre as Estrellas, respeitando a ordem de Deos anda sẽpre em roda viva: a terra, retrato da firmeza, pois se conserva sempre immovel, treme á vista deste Senhor: & só vós não quereis tremer, obedecelo, & servilo? Vós, cuja vida, & cujo ser tem recebido as qualidades do mar, terra, vento, & fogo, & dos influxos celestes, não depondes ainda a soberba? ainda naõ quebrais a ira? naõ perdeis a inconstancia? naõ abateis as altivezas? naõ cedeis a soberania, nem variais de condiçaõ, por ser mais soberbos, q̃ o mar; mais irados, que as ondas; mais inconstantes, que o vento; mais arrebatados, que o fogo; mais soberanos, que o Ceo; & mayor cousa, que a terra? O' homens, donde está a differença, que vos faz distinguir dos brutos? donde mora aquella razão, que vos iguala com os Anjos? & donde a vida de Christãos, que nos faz ser filhos de Deos? Ay de nòs, prezos nos laços enganosos de taõ varias profanidades! adormecidos no leito da culpa, como se não ouvera morte! Estamos na casa do vicio, como se naõ ouvera inferno; & vivemos com o demonio, como se não ouvera Deos?

O' homens pedras, naõ se vos espedaça a conciencia com os golpes de seus delitos? não vos esmorece o mesmo vicio com sua vista abominavel? não vos foge o sangue com vossa vida aborrecivel? se não ousaõ vossas maldades no mesmo trato dos perversos andar com a cara descuberta: se não podem vossos deleites nos mesmos olhos dos mundanos fazerse mais, que ás escondidas: se naõ se atrevem vossos pensamẽtos a pôr na praça as suas maquinas: se das mesmas vossas palavras se temem vossos pensamentos: como cuidais homens profanos (vòs, que vos temeis de vòs mesmos, não

sómente dos outros homens, que tal vez saõ como vòs sois) como entendeis, que naõ estais taõ arriscados, que vos possais temer de Deos? de hum Deos, que supposto he benigno, sabemos, que he Deos de vinganças? de hum Deos, que vos conta as palavras, que vos espreita os pensamentos, & vos està vendo os coraçoens? Viveis no mundo, como em sitio, sem fiardes mais que de vòs; quando fiais muito de vós, vossas obras, & pensamẽtos, por esconder do mesmo mundo quão máos, quão impios, & perversos; & quaõ nocivos sois ao mundo, para Deos, & para vòs mesmos? E viveis contra o mesmo Deos taõ soltos, & tão depravados, que na cara do mesmo Deos, & do mesmo Senhor, que está sempre presente a tudo, vòs atreveis, & despenhais a fazer tão pouco caso, não só dos fóros da razão, dos estylos da natureza, mas do imperio do mesmo Deos? O' mortaes: dá nao, que vai dar á costa, que se espera, mais que o naufragio? daquelle bruto, que se arroja por barrancos, & por penhascos, que aguardais mais, que o precipicio? de quem busca por iguaria os venenos, bem que dourados, que se segue, senão a morte? & de quem por culpas, & vicios escandaliza sempre a Deos, que se espera, senão o inferno? O remedio, pois, que unicamente ha para escapardes deste eterno despenhadeiro, he a penitencia; aproveitandovos melhor, que aquelles miseraveis povos (de quem Christo se queixa) de seus divinos, & continuos auxilios: *Væ tibi Corozain, &c.*

---

## GOLPE VII.

*Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur?* Matth. 16. 26.

A quém perde a gloria nada aproveita tudo o da vida.

## GEMIDO VII.

Que vos importa, ó mortaes, serdes senhores do mundo, se as almas se hão de condenar? Que val o imperio, & a grandeza, se sendo solar da vaidade, se faz theatro do castigo? Que importa a fama, & a fortuna, se em poucos tẽpos de vãgloria, saõ infinitos seculos de estrago? Que val o sangue, & fidalguia, se atè nascendo superiores, nas mesmas honras do sepulcro tudo faz hum, o pó, & cinza? De que servẽ a gala, & gentileza, se á primeira vista da morte todos saõ asco, & corrupçaõ? De que aproveitaõ os gostos, & deleites, se sendo enganos de hũ

momento, ſaõ penas de huma eternidade? De que ſervẽ pompas, & riquezas, ſe ſendo fauſtos da ambição, acabão medos da ventura? De que val a authoridade, ſe apenas he Lua, que enche, quando he Eſtrella, que ſe eclipſa? De que montão os grandes lugares, ſe ſaõ eſtudos da ruina, quando edificios da grandeza? De que ſerve a força, & a ſaude, ſe ſendo flores, que ſe murchaõ, ſaõ folhas, que depreſſa cahem? De que aproveitão os mais bens do mundo, ſe ſendo theſouros da mentira, ſe fazem carceres da culpa? De que val a meſma diſcriçaõ, ſe errando o norte da verdade pelos meſmos rumos do acerto, ſe chega para o deſatino? De que importa finalmente a meſma vida, ſe, ſendo eſcandalo da morte, he cometa infeliz d'alma? O' mortaes: gloria, & fumo ſaõ no mũdo hũa meſma couſa: glorias taõ raras, & de tão pouca dura, porq̃ hão de ſer de eſtima? alfayas ſaõ de pouco preço, por mais que lhes creça o valor: a moeda da eſtimaçaõ, hũ engano he, que ſe deixa, & hũa condenação, que ſe leva: ſaõ fumos, que ſe ſobem ás nuvens para cahir em lagrimas: ſonhos ſaõ, que ſe ſoltaõ, ſendo mentiras, que nos prendem: luz de rayo, que nos derruba, ſendo reſplandor, que allumia: & em fim aparencia, que ſe rompe, ſendo tormento, que ſe veſte; & eſtopa, a que ſe pega o fogo da noſſa mortalidade, que luz, & em breve eſpaço ſe converte em pouca cinza.

Eu me perſuado, q̃ os mayores goſtos, & felicidades do mũdo ſaõ como a era de Jonas, engano de hũ dia, & deſengano de outro; alegria de hoje, mágoa de á manhãa: tão eſcaço anda o deſtino no tempo, que veloz concede, que quanto augmenta de ventura, diminue de duraçaõ. Retirouſe Jonas de Ninive á ſolidão de huma montanha, & como fazia calor, & havia trabalhado muito, chegouſe á ſóbra de hũa era; donde Deos, pelo haver ſervido, não ſó lhe preparou docel, com verde ſitial de ramas, mas tãbem alcova ſombría, com freſco pavilhão de folhas: & diz a Eſcritura, que Jonas ſe alegrára muito com iſto, tendo por grande felicidade achar em hum mar de ſerras, & em hum boſque de penedías a aprazivel amenidade daquelle ſeu refrigerio alegre: paſſou a noite, veyo o dia, & olhando Jonas para a era, não ſó vio murcha, & macilenta a liſonja bem aſſombrada daquella preſumpçaõ florida; mas de todo ſeca, & defunta a oſtentaçaõ aparatoſa daquella vaidade verde: porèm que myſterio teria a preſſa de tanto eſtrago? a penas era, & já não era? ha pouco, aſſom-

Jon. 4. 6.

sombro da montanha, & jà cadáver da espessura? hum dia, das plantas assombro, outro, lastima das mesmas plantas? hontem fazendo sombra ao Sol, & hoje não vista, nem por sombras? Ora a Escritura diz a causa de sua pouca duraçaõ: creceo tudo, quanto creceo, na breve idade de hũa noite; no espaço de vinte & quatro horas venturosamente nasceo, monstruosamente medrou: ah sim! & vòs era quereis em hum dia crescer mais, que as outras em hũa era? quereis as ditas do crescer, sem os riscos do arruinar? quereis as glorias do luzir, sem as pensões do perecer? pois achareis o vosso estrago adonde tivestes o augmento; chorareis a vossa desgraça adonde lograstes a dita; porque he condiçaõ dos fados, & parece estylo dos tempos, descontarnos da dura, quanto de dita nos concedẽ; he estatuto das Estrellas, & parece acaso da sorte; parece officio da fortuna, & em fim he ley da providencia: ó mortaes, venturas a correr, não só saõ riscos a cahir, mas precipicios a acabar: ditas que madrugão, mais depressa anoitecem; para ter duraçaõ serodea he necessario, que a dita não seja muito temporãa: os bens do tarde sempre saõ de guarda; bẽ poderáõ ser maravilhas, porèm nunca flores perpetuas: Sol, que amanhece ao meyo dia, muito perto está de se pôr: polvora, que arde em hum momento, bem mostra que corre a extinguirse: luz, que quer crescer toda junta, não está longe de apagarse; he candea, que agoniza, quando he mais, o que resplandece; parece Estrella, & he exhalaçaõ; parece rayo, & he reflexo; & por isso gostos a mãos cheas, saõ gostos com a candea nas mãos; nascem pompa de hũa manhãa, para ser mágoa de hũa tarde; crescem presumpçaõ de hũa noite, para ser destroço de hum dia; duraõ em fim a era de hũa hora, para ser lastima de hum seculo.

Eis-aqui a era de Jonas; eis-aqui a sua gloria; enganou o hũ dia, outro o desenganou; foi caricia de huma tristeza, para maior assumpto da ansia; foi a figuração do gosto, para ser verdade da pena: hũ bichinho mui pequeno derrubou todas estas maquinas; tão pouco basta para estrago das mais avultadas grandezas, & das mais crescidas venturas; que sobeja o menor gusano; tão pouca cousa lhes faz mal; & em fim cousa tão desprezivel tem este imperio nas fortunas para poder arruinalas, abatelas, & confundilas: se pois cahio amortecida aquella florente ambição, porque lhe roeo as entranhas hum escrupulo tão pequeno: como hoje volas não fere esse roedor de vossas almas, esse bicho da conciencia, que he gusano

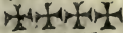
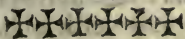
ſano eterno da culpa, com tantos racionaes eſcrupulos? Quem cuidais vòs, que he eſſe bicho, que aſſim vos corta, & atraveſſa, não ſó o intimo das entranhas, mas o interior de voſſas almas? *Ego ſum vermis, & non homo.* Pois não he outro, ó peccadores, ſenão o meſmo Deos, que vos creou, & vos redemio com ſeu Sangue: nada tendes hoje de Deos aquelles, que viveis em culpa, mais que a dôr deſſa conciencia, que he ciencia do coraçaõ: & qual de vòs ha, que não ſinta eſſa eſtocada interior, que Deos vos tira cada hora dentro n'alma com voſſas culpas? Mas ah, que temo, que ainda iſto não quereis ter hoje de Deos! tão depravados vi a muitos neſta era dos noſſos tempos, que peccádo já por coſtume, & fazendo vida da culpa, ſem eſcrupulo ſe abraçavão com as meſmas armas da morte.

Psalm. 21.7.

Oh que depreſſa os mais dos homens deſeſtimàraõ as venturas, & os goſtos da profanidade, ſe advertindo neſte guſano, eſcutàraõ nelle a ſeu Deos! Quãto a medo ſe forão nos bens ſem deſtruir o deſengano, quando ſe virão mais ditoſos! mas darem de mão aos aviſos, que importa, para que ſe eſcapem de quem os tem na ſua mão? Que importa aos ſabios, & entendidos ſaberem como Salamão, ſe não ſabendoſe ſalvar, fizerem vida de ignorantes? Que aproveita aos homens de bem, que ſe prezem de ſer quem ſaõ, ſe ſem lembrarſe do que forão, ſe eſquecem do que hão de ſer? Que val ao homem de negocio todo o ſeu livro da razão, ſe não tratando de ſalvarſe, que he da vida o mayor negocio, não achar Deos razão algũa para o pôr no livro da vida? Que aproveita aos Grandes do mundo ſerem gigantes da fortuna, ſe eſtando debaixo das aguas, que lhes dão mais que pela barba, hão de gemer, & hão de ficar tão encolhidos ao ſom da ultima trombeta? Que val aos Reys mais poderoſos ganhar Reynos, & Monarquias, ſe no ſeu ultimo conflito perderem o Reyno dos Ceos? Que importa ás Mitras, & Tiaras ter as chaves do Paraiſo, ſe abrindo-o para outros muitos, o fecharem ſó para ſy? Que aproveita ao máo Sacerdote haver ſido hũ homem ſagrado, ſe vivendo como demonio, do pão da Igreja de Deos, q̃ elle lhe deu para os ſeus pobres, não ſó fizer manjar da culpa, mas veneno da ſua alma? Que aproveita ao mào Religioſo veſtir o habito dos Santos, ſe havendo de ſer, o que não he, deſcalço, cheyo de piolhos, & com o burel ſobre a carne ſe for caminho dos infernos, podendo tal vez, lá no mũdo, hir ao Ceo veſtido, & calçado? Que aproveita aos de eſta-

do

do humilde acharemse em melhor estado, se por ser Icaros da sorte, sendo formigas, usaõ de azas? Que aproveita, que val aos pobres, aos desgraçados, & afligidos estar no caminho dos justos; começando a ter sua Cruz, se se desviaõ do caminho da virtude pelas veredas da impaciencia, & descaminhos da malicia? Finalmente que importa a todos o serem quanto querem, se em muito menos de cem annos ha de estar feita em pô, & cinza esta bequista presumpçaõ; esta tão prezada aparencia; esta tão querida fantastica? E esta authorizada vaidade dos enganos desta vida acabará, Deos sabe quando; a alma irá, Deos sabe donde; como ha de ser, ninguem o sabe; mas sabem todos, que ha de ser. E para que ninguem se descuide da morte com os deleites da vida; avisa o mesmo Senhor a todos, que nada lhes aproveita ganhar o tudo da vida, se tudo o da graça perderem na hora da morte: *Quid prodest homini, &c.*

✠✠✠✠✠
✠✠✠✠
✠✠✠
✠

## GOLPE VIII.

*Præterit figura hujus mundi.* I. ad Corinth. 7. 31.

Da variedade, & inconstancia do mundo; & como por isso deve ser desprezado.

### GEMIDO VIII.

A Representar seu papel, a fazer sua figura, vestida de tramoyas, calçada de maquinas, coroada de chimeras sahe a figura deste mundo ao theatro desta vida, com mais luzido fausto de aparencias, que realidades: prezada das representaçoés sahe fazendo seu papel, fingindo maravilhas, prometendo felicidades, dizendo locuras, fazendo desatinos: acompanhada da arrogancia, presumida da ostentaçaõ, cortejada da lisonja, galanteada da mentira diz quanto sonha; córa quanto diz, finge quanto quer: persuade, que he nella cabedal de prendas, o que he volume de defeitos; banquete de glorias, o que he tinello de vaidades; casa de saude, o que he hospital de incuraveis; & em fim, academia de entendimentos, o que he familia de locuras.

Vai outro discurso diferente, toque 18 tract. 2.

Esta oca soberanía, com que sempre desvanecida se deixa le-

var da vangloria, faz com que diga grandes cousas da grandeza dos seus estados; cõ que agigante a menor sombra dos vultos da sua fortuna; com que arme os seus espectaculos de fabricas vans, & aparentes; & com que a sopros da soberba se pertenda pôr sobre as nuvens: pelas penas dos riscos nos promete as azas da fama; por meternos nos seus debuxos, nos faz guarniçaõ dos seus riscos; para nos torcer o sentido, nos faz fiar dos seus enganos; & em fim por vernos nos abismos, nos levãta acima das Estrellas. Porẽ como tudo isto passa, & nòs lhe passamos por isto, adiante passa o seu mal; para bemquistar os venenos, com que nos quer tirar a vida, veste a peçonha de caricias, & cobre o dano de lisonjas; para darnos as triagas, que nos convidão com o remedio, desautoriza o desengano, & cospe no rosto á verdade; tira em fim a pelle á verdade, para enfeitarnos a mentira; & canonizanos os vicios, para que infamemos as virtudes: & que lendo isto os humanos pelos livros da experiencia; que escutando isto os discretos aos clamores do desengano, em tantos tempos da razão, & com tantos annos de idade, não queiraõ, nem se persuadaõ a ter hum dia de juizo, para que o mundo tenha fim? Todo o tempo de nossa vida, & todos os dias dos homens hão de ser dias de vontade, & nem hum só de entendimento? Que havendo isto, em fim, no mundo, desde que ouve homens no mundo, sejão toupeiras da razão, & aves nocturnas da verdade, os mayores linces do aviso, & as aguias do juizo humano, em hum mundo, que anda ha tantos annos, não em cueiros, nem mantilhas, mas em vasquinhas, & calçoens? em hum mundo, que ha tantos tempos, que se preza de trazer togas; que se jacta de vestir fayas; que gosta ópas roçagantes; & tambem trajos penitentes? em hum mundo, que com aquelle parecer airoso da mentira, que nos arrasta pelos olhos a liberdade, tem hum fingir taõ doce? hũ semblante taõ alegre, hum fallar tão suave, & huma caricia tão mimosa, que perdida a mesma razaõ pelo seu engano, nolo mete no coraçaõ, & delle nos faz passadiço para o metermos nalma?

O' mortaes: Mundo he a terra; mundo he o mar; mundo he o ar; & mundo he o fogo: & a mesma figura do mundo, que vos engana tantas vezes, outras tantas vos desengana com a sua mesma figura: cada dia com a mudança, que em seus estados experimenta, vos prêga o mundo desenganos: figura do campo, que he mundo, he aquella verde librê, & aquella varia fermosura,

mostura, com que o enfeita a Primavera; esta lhe descora o Estio; esta lhe enxovalha o Outono; & esta em fim lhe despe o Inverno: aquella figura do mundo, que em Abril amanheceo verde; em Agosto se mostra pállida; em Outubro triste; & em Dezembro defunta: tão veloz se vai desmentindo a figura vãa deste mundo, que do rosto, q̃ lhe fez Abril, lhe não deixa sinal Agosto; do caráõ, que lhe queima Agosto, não lhe deixa feiçaõ Outubro; & da carranca, que lhe fez Outubro, naõ lhe deixa forma Dezembro; nem do vulto, que lhe faz Dezembro, lhe não deixa Abril semelhança. O mar tambem vemos, que muda de parecer a cada instante; agora Ceo cristalino, logo serra de vidro, depois monte de escuma, & finalmente inferno de ondas. O ar da mesma maneira mudando fórmas, & variando figuras, pela manhãa de ouro, & azul, ao meyo dia a fogo, & sangue, & à tarde de bandeiras negras fazendo guerra a todo o mundo. O fogo pelo conseguinte, hũa vez feito exhalaçaõ, outra rayo, outra relampago, outra corisco, arde, allumia, & resplandece, para outros perigo, & para todos medo.

Se pois com tão varias feiçoens passa a figura deste mundo; se deste mundo material a figura desaparece a cada momẽto, que passa; como deste mundo mortal, cuja figura he mais veloz, vos não passa da imaginaçaõ, o que como imaginaçaõ se passa? Toda a figura deste mundo moral, ou he Ethica, ou Economica, ou Politica: a Ethica pertence aos costumes da pessoa; a Economica á direcçaõ da familia; a Politica ao governo da Republica: examine cada hũ a sua pessoa, olhe a sua familia, & veja a sua Republica; & não contentandose com isto, considere todas as pessoas, todas as familias, & todas as Respublicas do mundo, ou as de que tiver noticia, & veja no estado destas, quanto durou hũa fórma de governo; quanto persistio naquellas hum modo de direcção; & quanto permaneceo nas outras hũa maneira de costumes; verá, que se estão mudando pinturas, não de bem em melhor; não de melhor em excellente; mas de bom em ruim; de mal em peior: a pessoa pudéra contentarse com o seu tamanho, & quer ser mayor pessoa; á familia bastavalhe ter casa, & quer parecer palacio; á Republica sobejavalhe ser Republica, & aspira a ser Monarchia: de que se segue, q̃ em perpetua transformaçaõ, seguindo os sonhos de seus desvarios, nem a Republica he o que se cuida, nem o que cuidava ser; nem a familia o que parece;

nẽ a pessoa o q̃ representa: tudo he engano, tudo mentira, tudo castellos de vento, tudo brincos de papel, & tudo lume de palhas.

Todos os estados deste mundo moral tẽ mudança taõ apressada, & duraçaõ taõ ligeira, q̃ como cor, q̃ se perde; como agua, q̃ corre; como vento, q̃ voa; & como exhalaçaõ, q̃ arde, se passaõ todos brevemente: Lua de tantas mudanças, como a figura deste mundo, todo o mundo junto a não tem: Sol, que tantas vezes se eclipse; Estrella, que tantas vezes erre; mar, que tantas vezes se mude; Protheo, que tantas formas tome; nem o ha, nem se póde considerar: por isso, a meu entender, he este mundo, como pintura de paízes, que o melhor, que tem, saõ os longes; como imagem de perspectivas, que de hũa figura faz muitas; como comedia de tramoyas, que sendo tudo aparencias, nos ostenta grandes cousas, & todas ellas saõ mentira: a sua pompa, & suas galas saõ como vèla, q̃ se consome por luzir, & resplandecer, & tudo vẽ a parar em fumos: sua ambiçaõ, & soberba à maneira de opilaçoens, q̃ cõ o seu dano se inchaõ: os seus deleites, como anzoes, que com a isca nos enganaõ: a sua fortuna, como vidro, que no melhor se quebra: a sua fama, & valentia, como cousa de terremoto, que faz tremer a terra, & naõ he mais, que hum pouco de ar: & a sua mayor teimclura, como vestido, que hum dia lustra, outro se çuja, outro se rompe, & em fim se faz hum trapo.

Como pois consente a razão, que essa pintura vos enleve, para que depois vos minta? que essa imagem vos namore, para que logo vos engane? que essa comedia vos entretenha, para que sempre vos custe? que essa luz vos cegue, para que depois vos abraze? que essa opilaçaõ vos inche, para que depois vos rebente? que esses anzoes vos pesquem, para que logo vos matem? que esse vidro vos agrade, para que logo vos firais? que esse ar vos dè, para que nunca se cure? que esse trapo vos dispa, para que sempre vos çuje? O' mortaes: bens, que saõ terra; presumpçoens, que saõ escuma; honras, que saõ ar; glorias, que saõ fumo; de que vos servem, ou vos prestão, mais que de cegarvos, pois saõ fumo; de fazervos mal, pois saõ ar; de desfazervos, pois saõ agua; & de enterrarvos, pois saõ terra? Se o mesmo mundo se retrata das vaidades, que vos pinta, na brevidade com que passa, & nas varias formas, que veste: se a mesma figura do mundo, depois que faz sua figura, passa, & nos mostra, que foy sombra, engano, & afiguraçaõ: como nos não retratamos destas chimeras, em

que

que cremos; deste fingimento, que amamos; & desta illusaõ, que seguimos? Que he isto senão andarmos na luz ás escuras; cegos com os olhos claros; & feros entre labaredas? E por isso o Apostolo nos manda advertir na momentanea aparencia como vai passando a figura deste mundo: *Præterit figura hujus mundi.*

---

## GOLPE IX.

*Verumtamen in imagine pertransit homo: sed & frustra conturbatur.* Psalm. 38. 7.

Da brevidade, incerteza, & falencia da nossa vida.

### GEMIDO IX.

Diraõ alguns, que os não engana o mundo, mas que os naõ desengana a vida: & eu não sei como póde ser, pois passa a vida pelos homens taõ ligeira, & arrebatada, que a mesma duração da vida não he mais, que hum voo da morte: desfazse a vida, & desvanecese como nevoa, que fere o Sol; como vestigio de nuvẽ; como vizlumbre de relampago: taõ surda corre, & tão ligeira como nao, que naõ sente o curso, com que se engolfa pelos mares; como ave, que em hũ momento vence as distancias, a que voa; como setta, que em hũ instante traspassa o alvo a que tira: em fim passa pelos humanos, como imagem pelo espelho, que sem deixarlhe algum final da fórma, que nelle se vio, desaparece em hum momento como sombra, como figura apenas vista, ou suspeitada, que nem por sonhos, nem por sombras segunda vez nos aparece: *Ad modum imaginis, quæ videtur in speculo, & statim disparet.* Ella em fim se resolve em nada, como flor de feno, que cahe; como empola de agua, que se ergue; como escuma de mar, que corre. He a imagem huma figura, cousa de tão pouca sustancia, que apenas se nos representa em leve vágado de sombras, quando se morre de accidente em hũa febre de nada: he hum debuxo vão, & acreo da sustancia, que nos retrata; das cousas, que nos afigura; & das propriedades, que nos finge; sem algũa outra entidade, que hũa privaçaõ do que ostenta; hum remedo do que nos mostra; & huns longes do que nos debuxa: por isto dizia David, que o homem passava em figura, em imagem, & em semelhança; ou como cousa imaginaria; ou em fim só como aparencia, que nasce representaçaõ, dura fingimento, & acaba mentira.

Hug. Card. hi.

Aquelles dias já contados nos numeros da nossa vida, saõ como

mo cifras sem numeros, que naõ valem cousa alguma; ou postas atráz da unidade, que se não contão, porque naõ tem valor; & só prestão para que em cifra nos escrevão, que jà passáraõ, & nada valem: os momentos, que nos vai dando o mesmo tẽpo, que vivemos, saõ huns mementos, que nos gritão, que se nos vai passando o tempo: os instantes, que estão por vir, não tem mais ser; que o de hũas duvidas de os podermos vir a gozar; isso mesmo, que a vai crescendo, he quem a vai diminuindo; os seus bens se vão acabando, logo que começão a hir sendo; & tanto mais nos himos consumindo, quanto mais himos durando; o primeiro passo de tempo, com que todos amanhecemos na caduca aurora da vida, he o primeiro, que apressamos para o occidente da morte; as flores, que mais madrugão no Abril da nossa meninice, saõ as primeiras, com que a idade estrea nas aras da morte os primeiros lustros da vida; os primeiros frutos dos annos, com q̃ o tempo nos enriquece, são sinaes do Outono infallivel desta fragil mortalidade, que foy pensaõ da nossa culpa, ou tributo da natureza: tanto se vai perdendo a vida na mesma vida, que acquirimos, que a cada instante perecemos no mesmo tempo, que duramos: cada instante, que tem de seu esta nossa vida enganosa, não he menos, que hum inimigo, que em sy mesma tem contra sy: a mesma vida, no que dura, nos adverte com o que passa, sem que nos chegue ao entendimento o que nos passa pela memoria: todos se daõ por entendidos, muito poucos por avisados, por entẽder, q̃ neste aviso lhes passa a vida mais depressa: corre a vida, & não se sente; voa, & não se enxerga; desaparece, & não se cuida.

De tres modos me persuado, que morrem os homens: morrem á graça; morrem á mesma vida; & morrem á natureza: á natureza, pela morte; á vida, pelo tempo; á graça, pela culpa: da morte da natureza, que não tem remedio, & da morte da vida, que naõ tem escusa, buscamos a escusa, & o remedio todos os instantes da vida; & da morte da culpa, que o póde ter em hum só acto de contriçaõ, não fazemos caso algum, senão no ultimo da morte. Oh mortaes, tão mortos na vida, & taõ pouco resuscitados na memoria de vossa morte! acordai, & vinde a juizo, antes que a ultima trombeta com o mayor horror vos acorde; antes que aquelle pregaõ tremendo vos chame áquelle juizo, em que todos sereis julgados. Sepulchros saõ os vossos corpos, muito mais cheyos de immundicias, que

aquellas covas, & ſepulturas donde dormem cinzas defuntas, os que já foraõ pó vivente; não vivais mais tempo em vão, afadigandovos debalde por eſſas glorias ſuſpeitadas de voſſa preſumpçaõ caduca; ondas ſaõ, que o mar deſte mũdo ora poem nas Eſtrellas, ora nos abiſmos; Eſtrellas, que hũa ſombra as turba; Sol, que cada dia ſe poem; noite, que ſegue a cada dia com tão ligeira brevidade, que parece, que o meſmo tempo, ou ſe corre de envergonhado, ou vai fugindo de corrido: & ſenão, olhai para o Sol, quão rico de ſeus reſplandores nos ſeus orientes amanhece; porèm vede, quão deſluzido lá ſobre a tarde ſe ſepulta: aquelle grande luzimento, a quem hum mundo he eſtreita esfera, como vos não faz grande eſpanto vèr, que naõ dura hum breve dia? Aſſim a Eſtrella mais brilhante apenas luz, quando ſe eclipſa; aſſim a flor mais mageſtoſa mal ſe abre, quando ſe murcha: pois ſe iſto lhes ſuccede ás flores, que ſaõ joyas da primavera: ſe iſto acontece ás Eſtrellas, q̃ ſaõ diamantes do Ceo: ſe diſto não eſcapa o Sol, com ſer o morgado das luzes: que duraçaõ mayor eſpera, quem, ſe foy Sol, não vive hum dia; quem, ſe foy flor, dura huma tarde; quem, ſe he Eſtrella, brilha hũa hora? Tão apreſſado, & perigoſo he o curſo da humana vida, que não havendo mais que hum paſſo do berço á ſepultura, nos baſta para cahir nella hum pè mal poſto a cada paſſo; & não havendo mais que hum folego entre o inferno, & o mundo, o meſmo ar, què nos alenta, póde parar a cada ponto em darnos a reſpiraçaõ: ſahi pois á luz da verdade; deixai ás trevas da mentira; & pondevos a diſcorrer, que foſtes nada ha pouco tempo; que eſtais ſendo pouco mais de nada; & q̃ ſereis couſa nenhũa brevemente: hontem, hum favor do poſſivel; hoje, hum perigo do futuro; & á manhãa, medo de preſẽte: hũ póde ſer, antes que foſſeis; hum não ſereis, hoje, que ſois; & hum, foſtes, deixando de ſer: no principio lodo muy vil; agora hum pò mais levantado; muito cedo, terra cahida.

Oh ſe iſto aos homens do mũdo paſſára pelo penſamento, q̃ depreſſa, atè nos mais vãos, cada inſtante da meſma vida fora hum memorial da morte! que facilmente, atè nos neſcios, cada lembrança da morte fora hũ deſpertador para a vida! que para iſſo nos adverte o Eſpirito Sãto por David, que couſa he a noſſa vida: *Veruntamen in imagine pertranſit homo, &c.*

GOL-

## GOLPE X.

*Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.* Psalm. 38. 6.

Que os homens saõ hũa universal vaidade.

## GEMIDO X.

Este engano da vida tão solicitado dos homens, naõ só do que não cuidão, mas do que cuidaõ, nasce: naõ cuidão os homens em aquelle fim, a que lhe ordena o seu principio; cuidaõ só nos meyos da sua vãa prosperidade, & do temporal desatino, segundo o conselho dos nescios, mais presumidos de atinados: querem coroarse das rosas antes que se murchẽ, por não passar a flor do tempo sem que colha a sua malicia os frutos da profanidade: disto procede, que não contentes com serem vãos toda a sua vida, passaõ a ser a mesma vaidade, & hũa vaidade universal, donde naõ se acha cousa algũa, que seja merito, que pareça razaõ, ou tenha feiçaõ de virtude.

Sap. 2. 8.

Esta vaidade universal de tres modos se considera: vaidade em obras, em palavras, & em pensamentos; & todos estes modos juntos se achão em cada hũ dos homens; porq̃ he vaidade quanto obrão, quanto dizem, & quanto cuidão: he vaidade tudo, porque nada fazem por Deos, nada dizem de Deos, & nada cuidaõ em Deos; & em não sendo este o exercicio, a conversação, & o cuidado; os cuidados, que podem ser, mais que huns descuidos da razão? a conversação, que será, mais que ruido da locura? as obras, que virão a ser, mais que huns debuxos da chimera? Saõ os homens vãos nas obras, da natureza dos Colossos, que ainda que sejaõ de hũ metal, de que ha no mundo tanta copia, & de que o mundo só se serve para as cousas de mayor dano, querem, que os julguem maravilhas: saõ os homens vãos nas palavras, da condiçaõ dos idolos, que ainda que sejaõ huns cepos, & falle nelles o demonio, querem que os tenhão por oraculos: saõ os homens vãos nos pensamentos, como espaços imaginarios, que sem ser mais, que fantesias, querem, que os ponhão sobre o Ceo: por isto se esquecem os homens, de que as qualidades, & os morgados, que os humanos só tem de seu, saõ dous nadas em que se encerra toda a essencia da vaidade; vaidade por natureza, & vaidade por malicia: vaidade por natureza fostes todos, ó peccadores, antes que chegasses a ser; vaidade sois por malicia todas as vezes que peccais; porque nada

Aug. in Psalm. 119.

Aug. tom. 9. tr. 1. in Joan. post. med. Psalm. 129. 1.

faz o peccado a quem pecca: *Nihil fiunt homines, cum peccant*; & estas saõ as profundidades donde David clamava a Deos confessando todos seus nadas. Por vaidade da natureza, sois como se nunca foreis; por natureza da malicia, sois, como naõ devieis ser: a vaidade da natureza não faz dano, antes proveito, quando chega a ser conhecida; a vaidade da malicia, nunca faz bẽ, & sempre dana, senão he de todo arrancada: eis-aqui, como por tudo nada, que isto he o mais, que o mundo tem, vos arriscais a perder tudo: eis-aqui, como fugindo de Deos, que he o melhor de quanto ha, vos tornais ao centro do nada, que he o peior de quanto he.

Homens cegos, que vos enleva? coraçoens vaons, que vos engana? he por ventura o ter mais vida? isso deu a hum tronco a montanha: he por ventura o vestir sedas? isso deu o bosque a hum gusano: acaso he o trazer plumas? isso deu a natureza a huma ave: saõ acaso os faustos, & as pompas? isso deu o ar a hũa nuvem: será por dita, a fermosura? isso deu o campo a hũa flor: he a altura do estado? isso deu o mundo a hũa grimpa: será tambem a valentia? isso deu o monte a hũa fera: será a sede das riquezas? isso deu a terra a hũa mina: será o credito da fama? isso deu a gente a hũ sepulchro: será fome de adoração? isso deu a cegueira a hum idolo: será em fim o comer mais? isso concede o tempo a hum bruto: como pois chega a ser possivel, que seja a vossa idolatria, vossa ambiçaõ, & vossa vaidade, o comer, que he gosto de brutos; hum culto, que he uso de barbaros; a fama, que he morte de loucos; o ouro, que he gloria de nescios; a valentia, que he fereza; a altura, que toda he mudança; a fermosura, que he melindre; a pompa, que he hum pouco de ar; as plumas, que saõ liviandades; a gala, que he libré de hum bicho; & a vida, que he commua a hũ tronco? Hum tronco não estima a vida, & fazeis della tanto caso? Hum idolo naõ preza o culto, & quereis o que elle despreza? Hum sepulchro esconde essas honras, & buscais o que esconde a terra? Descompoem o vento essas pompas, & bebeis por ellas os ventos? hũa fera bruta se humana, & vós prezais-vos de feras? hũa ave se não jacta das suas plumas, & vós jactaisvos das alheas? hũa flor se enterra donde nasce, & quereis florecer na terra? hum bicho faz das sedas tumulo, & quereis dellas fazer gala? não pára a grimpa nas alturas, & nellas quereis vós parar? faz a fartura mal a hũ bruto, & quereis, que vos faça bẽ? Oh quanto mais vos importára, que vendovos troncos robustos, ima-

imaginasseis que ereis folha: q̃ cresseis, vendo-vos nas minas, que desse ouro ereis as fezes: que vestindo-vos dessas sedas, entendesseis, que ereis gusanos: que adornandovos dessas plumas, cuidasseis que vos tem por passaros: que achandovos com essas forças, vos não gloriasseis de feras: que olhandovos lá sobre as nuvens, soubesseis, que tudo era vento: que contemplandovos nas flores, vos julgasseis de pouca dura: que tomandovos bem a altura, vos persuadisseis, que ereis grimpas: que advertindo bem no sepulchro, visseis bem que sois terra: que dando fé de vossos idolos, considerasseis, que sois barro: & que abstendovos dos comeres, vos reprehendesseis de ser brutos!

Naõ vos pareçais, pois, com os brutos, que isso he negar, que sois homens; não vos canseis por serdes idolos, pois sabeis, q̃ que he gentilidade; não vos mateis por ser sepulchros, porque atè para estes ha morte; naõ estimeis ser como feras, pois fogem da gente às mais dellas; não façais muito por ser grimpas, pois sabeis, que não tem sossego; não morrais por ser como as flores; porque morrem todas em flor; naõ vos pareçais com as nuvens, porque vos levarà qualquer vento; não vos jacteis de serdes aves, pois saõ pennas os seus enfeites; não trateis mais de ser gusanos, pois se vestem da mortalha; não vos metais em serdes minas, que he querer cova aberta; nem queirais em fim ser arvores, pois se queimaõ as que não daõ fruto. Mas que esperança póde haver, de que vos quereis emendar, se a vossa universal vaidade toma dos brutos a fereza; das flores, a fragilidade; dos troncos, a grosseria; das minas, a escoria; dos idolos, o engano; das grimpas, a inconstancia; das nuvens a borrasca; dos sepulchros a immundicia; dos gusanos a podridaõ; & das plumas, a liviandade? Oh ignorancia das ignorancias! Oh vaidade das vaidades! Por isso diz o Santo David, que todos os homens saõ hũa pura vaidade: *Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.*

## GOLPE XI.

*Milvus in Cælo cognovit tempus suum: turtur, & hirundo, & ciconia custodierunt tempus adventus sui: populus autem meus non cognovit judicium Domini.* Jerem. 8. 7.

Da ingratidáo com que os homens pagaõ a Deos á vista das mais creaturas irracionaes.

### GEMIDO XI.

POr dar mais aspera reprehensaõ ao entendimento, & ao coração humano de sua ingratidáo, & cegueira, tráz Jeremias contra o desconhecimẽto dos homens por exemplo, & testimunha o conhecimento das aves do Ceo; & Isaias o reconhecimento dos brutos da terra: *Cognovit bos possessorem suum, & asinus præsepe domini sui: Israel autem me non cognovit, & populus meus non intellexit.* As aves, que náo tem razáo, sabem aproveitarse do tempo; & conhecendo o que pede o tempo, muitas vezes fugindo ao mar, onde algumas tem o sustento, buscáo nas prayas seu abrigo, porque antevem as tempestades: para edificarem seus ninhos, & para sua conservação em seus filhos, escolhem tempo conveniente; & a sua vinda muitas vezes nos ensina qual he o tempo, como nas aves Alcioneas a experiencia o tem mostrado: mudáo de clima, & de lugar, & de condiçaõ muitas vezes: atravessaõ mares, & terras, quando a intemperança dos ares, ou vicio algum dos elementos faz com que achaque a consonancia desta natural armonia: finalmente sabem servirse dos tempos para seu aviso, das terras, para seu reparo, dos mares, para seu remedio, da mudança, para seu bem, sem outro influxo, ou efficacia, que porem os olhos no Ceo com interior obediencia aos imperios de seu Creador nos instintos da natureza.

Isai. 1. 3.

Sò o homem, a quem Deos entregou a Monarchia das creaturas pela excellencia da razaõ: *Omnia subjecisti sub pedibus ejus, &c.* a cujo discurso da razão cedem os discursos do tempo, nem o conhece a seu tempo, nem o toma para servir, & amar a Deos, vivendo tanto sem razão, nem discurso, como se só lho dera Deos para a culpa, & para a vaidade. O mais bruto dos animaes conhece o senhor, a quem serve; conhece a ovelha o seu pastor; a fera ruda o seu albergue; o leaõ, a quem o sustenta; o touro bravo, a quem o guarda; o tigre agreste, a quem o cria: sò o homẽ, o peccador não quer co-

nhecer a seu Deos; naõ estima seus beneficios; não faz caso da sua ira, nem se lhe dá da sua afronta, como se a sua salvaçaõ não consistíra em outra cousa, que nas injurias de seu Deos: Deos o busca, & elle se foge; Deos lhe bate, & elle lhe fecha; Deos o vence, & elle resiste; Deos o chama, & elle não ouve; Deos o ganha, & elle se perde. O' mortaes, que outra cousa he este desconhecimento, que hum sinal de ingratidão, & de infidelidade, com que imitais aquelles perversos Judeos, que sendo povo mimoso, & favorecido de Deos, o desconheceo quando veyo ao mundo, conhecendo-o, como diz Saõ Gregorio, as creaturas, & elementos insensiveis? Conhecèrão a Christo os Ceos, mandando a Estrella por guia dos Magos; o mar, fazendo-se solido passeyo a seus pès; a terra tremendo de sentimento, quando morreo; o Sol, vestindo-se de luto; as pedras, & paredes, quebrando-se de dôr; atè o inferno, largando os mortos, que tinha prezos; & atègora os coraçoens dos infieis Judeos o não conhecem; & mais duros, & obstinados, que as mesmas pedras, se não querem partir com a dôr de o haver offédido: assim vòs, imitando na perversidade estas humanas viboras, ou infernaes furias, desconheceis a Deos, quando vem a cada passo ao mundo de vossas almas com a visitaçaõ dos auxilios, das advertencias, das misericordias.

São. Greg. Pap. tom.2. hom. 10. in Evang. post princip. habetur in Epiph. lect. 9.

Que he isto, ó gente sem temor? inimigos da vossa ley, & escravos da abominaçaõ? Isto chamais vòs ser Christãos? esta he a ley, que guardais? & esta he a Fé, em que viveis? com que obstinada rebeldia se trocou a vossa razão? com que rochas, os coraçoens? com que bronzes, a natureza? Por dita, das misericordias, que engeitais assim cada dia, acharéis na hora da morte mais, que a vingança á cabeceira? acaso, daquella justiça, que exasperais todas as horas, achareis na ultima mais que a ira, & castigo sobre vòs? por ventura dos bens da terra, que vos enganaõ cada instante, no vosso ultimo arranco ficarvos-ha mais que a mortalha? servis-vos do livre alvedrio para andardes sempre à võtade? servis-vos das razoens humanas, para achar razaõ ao descuido? servis-vos da memoria da morte, para depravar mais a vida? Que mais faria o peyor bruto, que fere, ou mata a quẽ o cria? Que peyor faria hũa vibora, que nasce rompendo as entranhas de quem lhe deu o ser? Que mais fez o mesmo demonio, que opporse a seu Deos, conhecendo-o? Se pois sois feras contra Deos, & andais metendovos

dovos na terra, que esperanças tendes do Ceo? Se sois viboras de Jesu Christo, & lhe andais rasgando as entranhas, porque esperais, que vos dè vida? Se sois demonios, & andais metendovos no inferno, como esperais de Deos a gloria? Sem duvida em vossas entranhas, mais que nas areas da Libia, produzio serpentes a terra? Sem duvida em vossos coraçoens, qual Medusa, a obstinaçaõ, empedernindovos as almas, vos deshumanou o juizo? Sem duvida nas vossas almas, friezas, mais que da Noruega, regelàraõ a vontade, para vos congelarem o espirito?

Os campos rudos, & grosseiros, dandolhes Deos a primavera, dão flores; & ao menos dão ervas, donde se achão muitas virtudes: as plantas, que viviaõ pobres de toda a natural virtude; os troncos, que estiverão nùs fazendo penitencia dura nos desabrigos de Janeiro, ao menor auxilio de Abril, a hum beneficio do Verão, não sò florecem, mas daõ frutos; com que tambem nos daõ exemplo: a neve, que se gelou mais fria; a fonte, que se vio mais preza; o rio, que parou mais atado nos grilhoens frios, que lhe poz o inverno, em lhe dando os rayos do Sol se desembargão, & se soltaõ; se desfazem, & se derretem: sò os homens, donde a malicia desnaturalizou a razão, por mais que o Ceo lhes mostre os tempos, se ficão rudos, mais que os campos; bem, que Deos lhes dobre os auxilios, se mostrão immoveis, mais que os troncos; & por mais calor, q̃ lhes dem os rayos do Espirito Sãto, se ficaõ enregelados, mais que a neve: pois, que he isto, ò filhos da terra, almas de neve, coraçoens de tronco, juizos do campo? Que he isto, que vos acontece, mais que hũa dura resistencia, & hũa porfiada obstinaçaõ ao natural conhecimento? As aves do ar, os brutos da terra, & ainda as creaturas insensiveis sabem conhecer o seu tempo, & sò vòs o não conheceis?

Conheceo o Sol o seu fim, reconhecendo o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum*; & que se seguio de conhecelo? Seguiose, que no dia do juizo, como antevio o Evangelista, appareceo o Sol penitente com cor de cilicio, & cuberto de hum escuro burel: *Sol factus est niger, tamquam saccus cilicinus.* Começou este conhecimento do Sol, por aprehençaõ do tempo, continuou discurso, & acabou juizo: tinha visto o Sol cada dia, que nascia, mas que espirava; tinha visto em seus resplãdores, que se rindoselhe a manhãa, nascia em berços de perolas, encapotãdoselhe a tarde, se punha em eças funebres; se luzidamente triun-

Psalm. 103. 19.

Apoc. 6. 12.

fando voltava pelo meyo dia, declinando, como decrepito, se sepultava no occidente: vio, que não contentes os fados com esta morte successiva de sua vida mais luzente, lhe decretavão para sempre a tumba de hum eterno occaso: conheceo o Sol finalmente; que havia de acabarse o tempo, que havião de parar as luzes, por isso se vestio de sacco, como fazẽdo penitencia daquella luzida vangloria, com que lustrára ufanamente toda esta caduca maquina a este enganoso mundo. Se pois o principe das luzes, o requestado das Estrellas, a fermosura do universo, a joya dos Ceos, & das nuvẽs, porq̃ conhece o seu occaso, assim muda a gala dos rayos em cilicio negro de trevas; a tella de seus luzimentos, em escuro burel de sombras; o enfeite das suas luzes, em funesto luto de eclipses; & a pompa de seus resplandores, em mortalha de escuridades: quem ha se tem conhecimento, que antes que chegue ao seu occaso, não converta a gala em cilicio; não demude a tèlla em burel; em meya noite, o meyo dia; o curso da vida, em discurso; & a vontade, em entendimento?

O' mortaes, se hum só dia considerareis, que haviaõ de parar as luzes no occaso de huma sepultura; que havião de eclipsarse os rayos com a escura sombra da morte; & amortalharse os luzimentos na nuvem de hum escuro burel; he certo, que tivereis a luz da razaõ nos eclipses do luzimento; acharieis a aurora da vida no mesmo occidente da morte; lograreis o meyo dia dalma nos mesmos occasos da tumba. Porèm se do vosso juizo ainda os finaes não aparecem; porque ainda as cores do cilicio, & outros sinaes da penitencia se não vem pelos vossos rostos: se, ainda que a memoria da morte vos faça sinaes pela vida, vos não dobra o temor pela alma: quem não dirá, se tem razão, que só pelo vosso juizo se podem já fazer sinaes? Conhecem as aves o seu tempo, os brutos a seu senhor, o Sol o seu occaso; sem que o Sol tenha entendimento, sem que os brutos tenhão razaõ, sem que as aves tenhão juizo; & o homem, que só tem juizo, razão, & entendimento, nem quer conhecer o seu fim, por não cuidar na morte; nem a seu Senhor, por não guardar sua ley; nem a seu tempo, por viver como immortal: de que se segue, conhecer menos, que hum planeta; fazer menos, que hũa ave; & viver peyor, que hum bruto. As aves conhecem o tempo, porque poem os olhos no Ceo: conhece o bruto a seu senhor, porque recebe delle o sustento: conhece o Sol o seu occaso, porque decli-

na para elle: só o homem naõ quer pôr os olhos no Ceo, por não perder de vista a terra; naõ quer olhar o que recebe, por não pagar o que deve; não quer saber o que declina, por naõ suspeitar, que acaba: de que tambem se segue, que por não aproveitar o tempo, perde a eternidade; por não sugeitar se a Deos, se entrega ao demonio; por não olhar o seu occaso, anoitece em eternas sombras, quando cuidava que amanhecia. Torna a terra o fruto a seu dono tanto mais, quanto mais ferida he do rigôr util dos arados; torna á gayola huma avesinha, engeitando, de agradecida, pela prizaõ a liberdade; faz afagos a seu senhor hũ cachorrinho no mesmo tempo, em que o açouta, & castiga: & em fim, não afaga, não torna, nem dá frutos a seu senhor o homem, a quem Deos fez livre, porque o prendesse o seu amor; o homẽ, a quem Deos afaga, quando elle cuida, que o castiga; o homem, que Deos aproveita, quando elle presume, que o fere; como se o homem fora a ave mais fugitiva, o animal mais agreste, & a terra mais inutil: pois, em que póde isto parar, senão em q sendo a vingança pelos mesmos termos da offensa, tambem Deos não conheça o homem, quando no ultimo suspiro chama por Deos cõ mayor ancia? *Milvus in Cælo*, &c.

## GOLPE XII.

*O insensati Galatæ, quis vos fascinavit non obedire veritati, ante quorum oculos Jesus Christus proscriptus est, & vobis crucifixus?* Gal. 3. 1.

Do descuido, que tem os peccadores em buscar, & servir a Deos.

## GEMIDO XII.

O'Peccadores, ó mortaes, ó entendimentos do seculo, ó hydropicos da ambiçaõ, ó idolatras da mentira, legisladores da vaidade, gentios da mesma razão, & barbaros da ley de Christo: cujo Deos não he outro, senão o vosso vicio; cuja bemaventurança he a mundana vida; cujo Ceo he só o mundo: com quem a verdade, he desprezo; o desengano, doudice; fim ultimo, o viver; & a morte fabula: com quem a doutrina dos justos he trovão, que vos faz tremer, mas não rayo, que vos fira as entranhas, ou vos allumie o entendimento, & desperte a memoria, de que sois pó, & sereis cinza: com quem a Fè, he como herança baldia posta em herdade inutil; ou como titulo de bens, de que se não tem a posse: com

quẽ à memoria do ultimo juizo, he como medicina, q̃ cura; mas porq̃ amarga, não se toma, ou se se toma, se vomita: com quem a consideração do inferno, he como sonho, que ainda q̃ vos assusta, naõ lhe dais credito algum: com quem o Ceo, he como mina, que se deseja, mas não se cava: nuvens sem agua do amor de Deos, & do proximo, que vos deixais levar á vontade dos ventos: arvores do Outono infructiferas, & duas vezes mortas, em vão do Sol beneficiadas: lagoas mortas de agua podre em o torpe vicio corrompidas: ondas do mar, que sempre inquietas, escumais de puro soberbas: Estrellas errantes sem luz, que sempre añunciais borrascas, & sempre naufragais em sombras: cometas tristes, & funestos, que a vòs mesmos sois ameaço, & assombro infausto a todo o mundo: que densa nevoa da mentira vos tem encuberta a verdade? que escura sombra da ignorancia vos eclipsou o entendimento? que feitiço do vosso engano vos endoudeceo a razão? que cegueira da liberdade vos precipitou o discurso? tivestes em Deos o principio, & he vosso fim o demonio? cumpris á risca as leys do mundo, & não guardais a ley de Deos? aborreceis a vosso Deos no exercicio das virtudes, adorando ao mesmo demonio nos objectos torpes da culpa? açoutais o Filho de Deos nas colunas das vossas almas com cada qual de vossos vicios; & ergueis altares ao demonio com cada qual de vossos gostos; não menos, que no coraçaõ? ao vosso Deos, ao vosso Rey, ao vosso Pay, ao vosso mayor amigo despis, & pondes em hũa Cruz cada vez que cahis em culpa; & como o mayor inimigo, que tendes na terra, & no inferno, andais em braços toda a vida? pregais as mãos a Jesu Christo, que vos quer ter da sua mão; & quereis, que ande Satanás taõ solto dentro em vossas almas? fazeis honra de ser agradecidos a quem no mundo vos obriga; & jactais-vos de ser ingratos a quem vos deu o ser, & a vida, & vos está rogando com os Ceos, se fizerdes o q̃ vos manda? Por bens fingidos, & enganosos, que hum breve instante apenas duraõ, deixais a cada momento os longos bens da eternidade? & por males que eternamente vos hão de ter no castigo, engeitais a Cruz de Christo, q̃ durará poucos momentos? Tendes diante de vossos olhos a Christo crucificado por vosso amor, & por vossas culpas; veyovos ensinar ao mundo do modo com que se ha de hir ao Ceo pela Cruz do preceito da ley, ou da mortificaçaõ; & fazeis conta de hir ao Ceo sem Cruz, & sem seguir a Christo, de quem em vaõ tendes o nome? Como cuidais, que tereis

mais privilegios, que o Filho de Deos pára a vida de eternidade? a mesma innocencia, a mesma bondade, a mesma virtude, não foy ao Ceo, senão crucificado; & vós quereis, sendo o mesmo vicio, a mesma maldade, a mesma abominaçaõ, hir ao Ceo sem Cruz? quereis hir por flores, por boninas, & deleytes da profanidade, sendo peccadores, donde o mesmo Filho de Deos, o Justo, o Santissimo foy por espinhas agudas, por cravos de ferro, & por abrolhos de bronze?

Toda a causa obra por algum fim; Deos criou-vos, & para alguma cousa foy; por ventura para zombardes da sua ley toda a vida, vos criaria Deos na terra? para não temeres sua ira, vos sustentarà neste mundo? para afrõta de sua justiça, usará comvosco de misericordia? & darvosha os bens do tempo, para vos cevardes nos vicios? será pois bom, que nesse estado, em que vós vai passando a vida, vos colha a morte, que na culpa vos ameaça a cada passo? folgareis no ultimo dia, que póde ser o de hoje, que vos ache hum Deos offendido postos nos braços do demonio, na feya cama do peccado, & no sono torpe da culpa? como não temeis viver em hum estado, em que vos pezará de morrer? cuidais, que então vos daraõ tempo para peitardes a justiça, se a todo o tempo, pelo vicio engeitais a misericordia? parecevos, que a Deos lhe pezarà de que vos percais para sempre, se vos não pezou de offendelo, no que não prestou para nunca? entendeis, que os Anjos, & Santos rogaraõ por vós ao Senhor ao mesmo tempo, em q̃ obstinados fazeis por dilatar a vida para tornar aos bẽs do tempo? tendes juizo, & toda a vida não credes, que ha de haver juizo? tendes vida, & para a hora da morte guardais o mayor negocio da vida? tendes tempo de appellar da sentença de morte eterna para a vida perduravel; & por pedir mesa aos Sacramentos vós ides ás eternas chamas? O' mortaes, os que estais em mortal culpa, que comvosco sómente fallo, não vos diz isto quem he justo, não vos prèga isto algum Santo, o mayor peccador do mundo, hum penedo na dureza, hum tronco seco da maldade, hũa vibora da ingratidaõ, & hum bronze vivo da malicia; mas pela misericordia de Deos arrependido, vos chora, avisa, & reprehende os perigos em que se vio, os remedios que perverteo, & os venenos de que gozou: se pois hum bronze se enternece, se quem he tronco assim se move, se qué penedo vos grita: porque não vedes, quaes sereis no juizo dos bons, se sois escandalo dos máos? porque naõ vedes, quaes sereis

nos

nos olhos de Deos, se pareceis tão mal aos peccadores?

Como vos não envergonhais de buscardes com mayor ancia tudo, o que he gosto do demonio, que o que he vontade de Deos? de que trateis com mais amor a Satanás, que a Jesu Christo? de que ponhais em vos perder mayor cuidado, que em salvarvos? de comprar com tantos desvelos a perpetua condenaçaõ; & de fazer tão pouco caso do Ceo, que Deos vos offerece? Como em fim vos não pejais muito de que vos deva mais finezas a affeiçaõ de qualquer creatura, que as perfeiçoens de vosso Deos, Creador, & Redemptor vosso? & que queirais com mais extremos servir ao vosso desatino, que seguir a vossa razaõ? Se Deos fora o interessado, & nòs os independentes; se elle nòs ouvera mister, & nòs o puderamos escusar; se elle só quizera o seu bem, & nos mandára fazer mal; parece que alguma desculpa tiverão nossas froxidoens; & ainda assim a não tiverão, porque sempre Deos fora amavel, digno de ser obedecido, & por tudo sempre louvado: mas se do principio do mundo, & desde a mesma eternidade nos está Deos mostrando amor, & fazendonos beneficios; se deixou perder nossos pays entre a cega gẽtilidade por tão largos seculos, & vindo ao mũdo nos buscou, & nos fez dos seus escolhidos sem algum merecimento nosso; como cabem na nossa vontade os aggravos, que lhe fazemos, se não cabe no entendimento a ingratidão, com que o deixamos? Naõ sendo cousa alguma, deu-nos o ser; nascendo cegos, deu-nos luz; querendo gostos, fez-nos mimos; gostando de honras, deu-nos creditos; pedindo males, dános bens; buscando a morte, dànos vida; querendo o nada, dános tudo; & nada disto ha de bastar para o amar, para o querer? nada em fim nos póde obrigar para o buscar, para o servir? por ventura nós nos fizemos? nòs por dita nos sustentamos? & acaso por nossas forças vivemos? obras somos de suas mãos; empregos de sua bondade; & perdoens de sua justiça: qual he disto a satisfação, & qual he o agradecimento? reduzir tudo ao nosso engano, & pervertelo em sua offensa? Se a vosso pay todas as horas quizereis tirar a vida; que esperareis de vosso pay? Se cada dia ao vosso amigo mayor quizereis tirar a honra; que esperareis do vosso amigo? Se cada instante ao vosso Rey quizereis fazer treiçaõ; que esperareis do vosso Rey? Se puzereis em fim por obra todos estes màos pensamentos; de todos elles, que esperareis? Se pois esperareis do pay, quando menos a maldiçaõ;

se atè do amigo, quando pouco, que logo vos tirasse a vida; & se em fim do Rey, quando nada, que vos naõ faltasse com a pena: que esperais, que vos faça Deos, ainda que amigo de verdade? q aguardais, que vos faça o Senhor, bem que Pay de misericordia? & que entendeis, que fará Deos, sendo Rey de tanta justiça? tirastelhe a vida na culpa; tirastelhe a honra na Cruz; fizestelhe treiçaõ no mundo; & quereis no ultimo dia, em que se descobre a verdade; em que vos julga a justiça; & em que não ha já misericordia, que vos naõ deite a maldição, q vos não tire a eterna vida, & vos não dè a pena eterna? oh cegueira! oh deslumbramento! E que outra cousa he querer salvarse hum peccador, que não se emenda, senão esperar, que a sombra lhe dè luz; que o fogo se lhe torne em neve; q o inverno se lhe mude em verão; & que a noite se lhe converta em dia? Como pois dormis, sendo, não só devedores, mas ingratos correspondentes ás merces de tal Rey; aos beneficios de tal amigo; aos favores de tal Pay? Oh que por isso se queixava o Senhor de seus Discipulos dormirem ao mesmo tempo, que Judas se desvelava em entregalo! *Iudam non videtis, quomodo non dormit, sed festinat tradere me Judæis? quid dormitis? surgite.* Pois não tinha o Senhor

Resp. 8. Fer. 5. in Cœna Dom.

outra pessoa, que lhes lançar em rosto, com que os envergonhar, se não com Judas? O' mortaes: Judas vinha a vender a Christo, & a fazer a mayor maldade do mundo; os Apostolos acompanhavaõ a Christo, & erão os mais queridos de Deos, & os melhores homens da terra; & não podia haver mayor magoa para o Senhor, que ver, q os que lhe eraõ mais obrigados não se desvelavão tãto por seu amor; não se cansavão tanto pelo agradar, como os perversos pelo offender: ha de ser possivel, Christãos, que percais o sono por amor do demonio, & q o naõ queirais quebrar por amor de Deos? já vos deitais a dormir, como se não tivesseis por andar hũa tão grande jornada, como he daqui ao Ceo? assim descansais a sono solto, sendo devedores de tantos beneficios, & de tantas ingratidoens? que locura he esta? não vedes cõ a experiencia os beneficios? com a perversa vida as dividas? & com os olhos da Fè as obrigaçoens em que estais a hum Deos tão amante, que por vòs foy posto em hũa Cruz? Eis aqui porque Saõ Paulo tão aspetamente reprehendeo os de Galacia: *O insensati Galatæ, quis vos fascinavit, &c.*

GOL-

## GOLPE XIII.

*Juxta est dies perditionis, & adesse festinant tempora*, Deuter. 32. 35.

De como os peccadores perdem o tempo ao mesmo passo, que elle lhes vay fugindo.

## GEMIDO XIII.

INsensivelmente, ó mortaes, ides correndo á perdiçaõ cada dia de vossa vida: os tempos já se vã o chegando tanto mais, quanto mais vós duraõ vossos profanos passatempos: vaise chegando a perdição, porque ao remedio, & salvaçaõ ha já muito que ides fugindo: desviados da salvaçaõ ides fugindo, correndo para a morte sem se vos dar mais, que da vida: ides voando para os infernos, sem lembrarvos mais, que do mundo: fingindo o tempo, que coxea, vos engana com as muletas; ao mesmo tempo, que com azas vos desengana o como voa: quereis detervos nesse engano, que vos faz ter em mayor conta; & não quereis nunca dar conta deste engano em que vos detendes? quereis assim deter a vida na mesma pressa, com que corre a estragarse, & consumirse? quereis tambem deter o tempo, que foge de vossos peccados, como afrontado, & pezaroso de darvos tempo para tudo? quereis, que o mesmo Author da vida, dandovos tempo, q̃ gastais na culpa, vos detenha mais nas offensas; com que o indignão vossas almas? cada dia, que Deos vos dá mais de vida, não he hũa licença para peccar; he hũa espera para vos arrepender: se em toda a vida vos não arrependeres, antes perverteres a espera da misericordia; que muito he, que caya sobre vòs a indignação da justiça?

Oh q̃ fadiga taõ inutil, quererdes conservar a vida à medida do vosso gosto, se assim o gosto, como a vida de sy mesmo vaõ declinando, precipitandose, & cahindo para os occasos do seu termo, para os extremos do seu fim! Oh que malicia taõ perversa, querer, que Deos vola conserve em vossos vicios, & peccados; & sofrendovos toda a vida, seja o mesmo Deos offendido consentidor de vossas culpas! Pois desenganaivos mortaes, q̃ pela vossa mesma vida ides correndo para a morte; & na ultima hora da morte, que póde ser muy cedo, para todo sempre dos sempres vos sepultareis nos infernos: corre o peccado para o inferno, como para a morte, a vida; he a morte o termo prescripto do ligeiro curso da vida,

adonde

adonde pára, & termina a que corre mais vagarosa; he o inferno paragẽ infallivel de quantos voaõ pela culpa á morte eterna de sua alma, por mais tarda, & vagarosa, que meça o curso dos tempos: que doudice pois ha mayor, que hir correndo para hum lugar, & não querer chegar a elle? Que cegueira há tão grande, como hirse a idade consumindo, & os peccados acrescentandose? acabarse a vida por horas, & querer a culpa por annos? hirse renovando a maldade, & nunca reformar a vida? Se vireis florecer as arvores, qual de vòs-outros não dirá, que està perto a primavera? Se metereis no fogo hũ madeiro, qual de vòs se espantaria, de que elle se queimava, & fazia em pó, & cinza? Se florecereis nas virtudes, que muito era, que confiados na graça de hum Deos tão benigno, esperasseis da eternidade a inalteravel Primavera? Mas se ardeis como troncos secos nas chamas de vossos peccados; se viveis como salamandras nas labaredas da vingança, da lascivia, da concupiscencia, do interesse, & da malicia, que muito he, que chegando a morte, que se atea no mesmo vicio, vos convertais todos em pó, porque buscastes sempre a terra; vos desfaçais todos em cinza, porque vivestes sempre em braza; vos resolvais todos em sombra, porque acabastes sempre em fumos? Começarem a despirse as arvores daquelles seus verdes adornos, & daquella alegre esperança, com que Abril as fermosea, já he final de que o Estio lhes toma estreita residencia não só aos frutos, mas ás folhas; não aos ramos, mas aos troncos: se pois começais a secarvos na obstinaçaõ, que vos murcha; se vos despís das esperanças, que nas virtudes reverdecem, que muito he, que a vossa vida seja final do seu estrâgo, se as vossas mesmas sequidoens saõ annuncio do seu castigo?

O' mortaes: fazer o gosto ao vosso gosto tanto á custa de vossas almas, bem se póde fingir deleite, mas não vos pòde dar sossego: gostos, que logo saõ ancia para depois, para quando saõ gostos? pezares saõ para sẽpre, & vanglorias para nunca: fazerdes zombaria de Deos, no caso, que fazeis da culpa; desestimardes o Ceo, fazendo gala de perdervos, como pòde ser gosto d'alma, se he peste do coração? se credes, que ha Deos, & entendeis, que nessa vida ha de salvarvos, em má conta tendes a Deos, pois por maldades, & peccados esperais, que vos dè em premio a gloria: se para o vosso ultimo tempo guardais a emenda dos peccados, baixamente tratais a Deos, pois quereis, que a sua

a sua bondade vos sirva com as condiçoens, que lhe poem o vosso delito: muita conta fazeis de Deos, pois na vossa mão entendeis, que estarão os mezes, & annos; a vosso serviço as Estrellas; a vosso mandado os destinos; & a mesma justiça de Deos às ordens da vossa maldade, & às desordens do vosso gosto.

Que mayor cegueira ha no mundo, que não parar huma hora, nem ponto; nem socegar noite, nem dia correndo pelos despenhadeiros infernaes; & não reparardes hũa hora em que póde vir a parar tanto correr, tanto cahir? pudereis cobrar o perdido, o por perder, & o que se perde desse tempo, que se vos passa, em hũa só hora cada dia, em que discorreis no espirito o mal que correstes no seculo; & por não terdes na razão o mesmo discurso do tempo, perdese-vos o tempo passado em naõ ser pezar do presente; frustrasevos o tempo presente em naõ ser tençaõ do futuro; baldasevos o tempo futuro em não ser desejo do eterno: não se cobra o tempo, q̃ se passa; não se detem o que se dura; naõ se tem ainda o que ha de vir; & vòs, passando todo o tempo, como se nunca passára, do passado fazeis vangloria pela jactancia do logrado; do presente fazeis desprezo pelas ambiçoens do futuro; do futuro fazeis tormento pelas saudades do perdido? Se sentis o tempo passado, he saudade do que foy; se chorais o tempo presente, he magoa do que já não he; se vos doe o tempo futuro, he ancia do que não será; & devendo ser a vossa dôr hum pezar do máo, que tem sido; hum dissabor, do que está sendo; & hum receyo do que ha de ser; nem vos lembrais do que passou, para emendar a vossa culpa; nem vos dá pena, o que se passa, para recear vossa morte; nem se vos dà do que ha de vir, para mudar a vossa vida? Oh homens, que perdeis o tempo, sem medir a perda, que tendes em cada hora, & cada dia! *Perdidimus diem.* Sentio hum Principe do mundo perder hum dia de vaidade; & vòs não sentis tantos dias, tantos mezes, & tantos annos, em que perdeis o amor de Deos, & em que vos perdeis para sempre? cada dia, cada momento, não sómente perdeis hum dia, mas tambem perdeis hũa eternidade; & não vos deixa estremecidos a memoria de tantas perdas, & a certeza de tantos males, quantos ides acquirindo em cada momẽto de culpas, hũa eternidade de penas? Naõ menos, que a respiraçaõ, que Deos vos dá a cada instante, devia ser o amor de Deos, & a lembrança de seus favores; & para o ultimo suspiro guardais a primeira memoria, & o primeiro agradecimento?

Tit. Vesp. apud Sueton.

Baste pois, mortaes, baste o tempo, que tendes dado á vaidade, & vivido em vão neste mundo. Se por terra vos poz o mundo com os estragos de seus vicios; se vedes em vossos estragos, que estaõ fumando essas ruinas, & todos saõ menos, que fumo em comparação das eternas; para desapegarvos da terra, & dar as velas á esperança no mar largo do amor de Deos, cu no estreito da penitencia, que esperais tempo mais feito, que quando as divinas moçoens vos dão os ventos favoraveis dos gemidos, & dos suspiros, que correm do Espirito Santo? Quem, para lançar ao mar amargoso da penitencia tudo, espera marè mais de rosas, que quando as enchentes de Deos lhe poem nos olhos aguas vivas? Deos não olha para o passado, quando ha emenda de presente; & o que se emenda de presente, tudo lhe he facil de futuro: mas ay, que chega a advertencia, & não o desengano; a occasiaõ, & não a vontade! Oh lastima, que venha chegando a perdiçaõ, & não se acabe de procurar o remedio! Oh cegueira, que esteja ameaçando a ruina, & não se procure o remedio! Oh desventura, que se avesinhe tanto o tempo da conta, & não haja quem trate de as dar boas! *Juxta est dies perditionis, & adesse festinant tempora.*

## GOLPE XIV.

*Si justus vix salvabitur, impius, & peccator ubi parebunt?*
I. Petr. 4. 18.

Da ignorante confiança, que tem os peccadores de salvarse sem penitencia, quando muitos justos se vieraõ a perder por falta della.

### GEMIDO XIV.

SE os justos apenas se salvaõ, (diz o Apostolo Saõ Pedro) adonde pararàõ os màos peccadores, & os perversos? Perdèraõse os Anjos no Ceo; no Apostolado hum escolhido; na Igreja tantos dos chamados; os sepultados nos Conventos; já defuntos nos desertos; nos caminhos altos do Ceo tantos que cahírão no inferno; nas estradas largas do mundo tantos, que descem como nuvens ao mar escuro dos abismos: & não temem os peccadores, que o mais certo seja perderse? & se temem, porque não se emendaõ? se não se emendaõ, como temem? & se não se emendaõ, nem temem, como dizem, que saõ Christãos? como crem em Deos? como o amão? como o respeitaõ, & o conhecem? Tremem os cedros do Libano, & não tremem as canas:

Luc. 6. 13. &c.

canas do ermo? Confunde-se Jerusalem, & não palma Babylonia? Cahem as Estrellas do Ceo, & estão em pè as grimpas da terra? Eclipsaõse as luzes do Sol, & não se turba a sombra da noyte?

O' homens vesgos de razão, surdos de juizo, vazios de memoria, esquerdos de vontade, buçaes de entendimento; que fazeis, em que vos occupais? Nos ouvidos de hum Saõ Jeronymo soava a ultima trombeta todos os momẽtos do dia; nos olhos d'alma de hum São Bruno estàva sempre a cova aberta; cõ setenta annos de penitencia no deserto, tremia na hora da morte, não menos, que hũ Santo Hilariaõ; nas afiguraçoens de hum David o cercavão as penas do inferno: & que vendo isto o peccador, o que a bandeiras despregadas fez guerra a todas as virtudes; o que peccando á redea solta, foy odio do Ceo, & da terra; que o offendendo a Deos á escancara, foy de Deos publico inimigo, haja de estar muito seguro, de que ha de ter salvaçaõ? haja de andar muito contente, crendo, que a Deos lhe importa muito rogarlhe com a sua gloria? Homens cegos: homens sem siso, que confiança vos engana? Por hum soberbo pensamento, que foy culpa de tres instantes, se perdeo a terceira parte dos Anjos; por este só cahio no inferno condenado, aos danos eternos aquelle medonho diluvio de tantos espiritos celestes; por hũa pequena maçãa, que comèrão Adão, & Eva contra o preceito de Deos, perdeo a graça todo o mundo, & só por isto sahiraõ logo do Paraiso desterrados; & aos mesmos, que ainda estão por ser, alcança já agora esta culpa, que só parece, que então foy: & naõ sendo os vossos peccados, nem hum só breve pensamento, nem hũa pequena maçãa, cuidardes, que sem penitencia haveis de escapar, do que não escapou hũ Anjo? entenderdes, que nascendo em culpa, tereis mayor privilegio, que hum homem, que foy feito em graça? & que vos salvareis como elle, sem o imitar na penitencia? que he, senão hum sinal evidente, de ser reprobros, & precitos? Os sinaes, que ha de salvaçaõ nesta via de peregrinos, he seguir o caminho dos justos, temer, & amar a Deos; confessar a Fè com as obras, não quebrar sua ley cõ as culpas; cahindo em peccado, levantar pela penitencia; & levantandonos, perseverar sem cahir: mas seguindo os passos de Caim; querer salvarvos como Abel; hindo pelas vias de Esaũ, querer a benção de Jacob; & vivendo como Ismael, querer acabar como Isaac, he cegueira do vosso engano, he teima do vosso delito, & he já pena da vossa culpa.

Já se Deos vos não avisára com tantos castigos do mundo, tivera cõr, senão desculpa, o descuido da vossa vida: mas se estão gritando os exemplos; se nos dão vozes os castigos; & se só os ecos dos clamores, que nos dão as cinzas humanas, nos atroaõ as consciencias, que desculpa poderà ter huma tão surda obstinaçaõ? Para afogar com o diluvio todos os viventes da terra, cahio o Ceo em cordas de agua; para abrazar a Sodòma em chamas, choveo o Ceo hum mar de fogo; para subverter nos abismos o exercito de Faraò, todo o mar roxo foy sepulchro; para tragar o inferno em vida a Corè, Dathan, & Abiron, não só a terra se fez bocas, mas fez gargantas das entranhas: se pois a terra abrindose em bocas, vos está dando gritos; se o mar com rubricas de sangue vos escreve a final sentença; se as chamas cõ linguas de fogo vos estaõ dando avisos; & se ainda o Ceo ao lume dagua vos està dando tantos golpes; se todas as mais creaturas vos fallaõ, & vos prègaõ da parte de Deos; que fazeis, ò homens do mundo? que esperais? em que vos detendes? que mais vozes quereis do Ceo, que as lamentaveis de hum diluvio? porque não entendeis a lingua, com que o fogo vos ameaça? porque estais surdos aos clamores, que com silencios eloquentes vos repete hum mar de sepulturas? porque vos fingis ignorantes aos avisos, com que a terra do mais profundo vos brada? Afoguem-se já vossas culpas em hũ diluvio de lagrimas; purifiquem-se vossas almas no fogo do divino amor; lavemse todas vossas manchas no mar do sangue de Christo; & tomem terra vossas vidas na lembrança de que sois pó; porque se fizeres isto, a terra se vos tornará Ceo; o Ceo vos choverà hum diluvio de graças; o mar vos levarà a salvamento; & o fogo do Divino Espirito vos darà calor para seguir, & amar a Deos, não só na emenda, mas no exemplo da vida; não só morrendo, mas vivendo; não só na via, mas na patria: mas se assim o não fazeis, como duvidais, de que o Ceo vos negue a luz de Deos; que o fogo eterno vos abraze; que a terra se abra comvosco; que as ondas do mar vos sobvertão; & que os infernos vos sepultem?

Se olhais para a terra, vedes a vossa sepultura; se para o Ceo, a vossa patria; se para o ar, o garrote da vossa vida; se para o fogo, o castigo das vossas culpas; & se para os peccados, os verdugos de vossas almas: o mesmo inferno vos adverte, q̃ todos, os que là estão, forão pelo vosso caminho; o mesmo Ceo vos avisa, que todos, os que là foraõ por caminhos differentes daquel-

daquelles por onde vós ides; a terra vos faz memoria, que se resolvèraõ em pó, quantos, como vòs, a pizáraõ; & o fogo vos dá por novas, que nunca desceo sobre a terra, mais que a ser verdugo de vicios; & finalmente os peccados vos certificaõ, que sempre forão ruina das almas: a terra diante dos olhos vos poem os semblantes da morte; o fogo á vista da razaõ vos poem as sombras do inferno, & semelhanças do juizo; o inferno aos olhos da Fè vos avulta o eterno dano; & o Ceo com sua mesma vista vos añuncia as eternas glorias. E vós, homens, cujas conciencias saõ mais escuras, & medonhas, que o mesmo dia do juizo; cujas vidas saõ humas mortes; cujas almas saõ huns infernos; sobre não cuidares no Ceo, parecevos cousa escusada, hypocresia, ou despropósito, ter o juizo na vontade, trazer a morte no juizo, & pôr o inferno na memoria? Quem vendovos gastar as horas; quem vendovos perder os dias, & esperdiçar mezes, & annos; cujos reditos não se cobraõ, cujas perdas não se restaurão, cujos furtos não se restituem, não sentirá, não chorarà, ver que perde o tempo da vida, da penitencia, & salvação, quem cada instante, & cada pôto, sabe que tem o tempo feito para o anno da perdiçaõ, para o seu dia do juizo, & para a hora da sua morte: Todos os justos, que a temèrão; todos os Santos, que a cuidàraõ; & todos os bons, que se affligíraõ, foraõ nescios, & mentecaptos? Vós sois sómente os entendidos, os atinados, & prudentes?

Peccadores, tudo he dizerdes, que Deos he de misericordia: oh quanto se vè, que assim he, pois vos não tem tragado a terra, engolido o mar, abrazado o fogo, & sepultado os infernos! Porèm, que mayor desaforo quereis vòs fazer contra Deos, que querer, que a sua misericordia das largas, que dá para a emenda, vos faça ensanches para a culpa? Poderá haver mayor maldade, que querer, que Deos vos espere para o offenderes mais; & vos deixe muy de vagar estender pelos vossos vicios, & que atè vos não enfadares, & enfastiares de peccar tenha Deos muy santa paciencia, porque não haveis de emẽdarvos, se não quando vos parecer, quando for muito vosso gosto, no ultimo quartel da vida? O' homens depravados, parecevos, que para Deos sobeja hum cumprimento da maldade, & huma summissaõ da malicia? cuidais, que podeis enganalo, ou ao menos satisfazelo com hum sempre prometer de emenda, em hum nunca acabar de peccar? Pois, que he isto, ou que póde ser, mais que arrogancia do peccado, &

falta do temor de Deos? Que he isto, mais que estar gloriosos, & de todo ensoberbecidos de haver injuriado a Deos? O' mortaes, q̃ viveis sem luz: ó atheistas da razaõ: ó dogmatistas da cegueira, desenganaivos, q̃ ha inferno, ha morte, & ha de haver juizo: juizo para as vossas culpas, morte para a vossa vida, & inferno para vossas almas, se não deixais vossas culpas, se não emendais vossas vidas, & se não purificais vossas almas: porque sendo a cõta taõ estreita, que apenas se salvaráõ os justos, quem, como vós, he peccador rebelde, & obstinado, adonde cuida que ha de parar? *Si justus vix salvabitur, impius, & peccator ubi parebunt?*

## GOLPE XV.

*Non relinquent in te lapidem super lapidem: eo quod non cognoveris tempus visitationis tuæ.* Luc. 19. 44.

Do peccado da ingratidaõ, & seu castigo.

## GEMIDO XV.

OH se conhecéras (dizia Christo a Jerusalem) o que ha de vir sobre ti! Se souberas Cidade ingrata, que depressa se hão de mudar teus contentamentos em penas, teus faustos em estragos, tuas maquinas em ruinas, oh com quanta pressa tãbem a pompa se tornára em luto, a alegria em tristeza, & a vaidade em desengano! Não ficará em ti pedra sobre pedra, porque desconheceste o tempo da tua visitaçaõ, conhecendo o as aves do Ceo, os brutos da terra, os campos, os rios, & as plãtas. Estas, ou semelhantes palavras dizia o Senhor à vista de Jerusalem, chorando a sua destruição, o dia que ella com mayor triunfo o trouxe nas palmas, para lhe virar logo as costas com tão perversa ingratidão, cõ mudança tão repentina, que hum dia foy afronta, o que outro tinha sido aplauso; hum dia Cruz, o que outro triunfo: & isto mesmo diz o Senhor a cada hũa alma Christãa, de quem no sentido moral he figura Jerusalem: *Ista Civitas est anima peccatoris.* Cidades de Deos saõ as almas; cujas portas saõ os sentidos; cujos muros, & fortalezas saõ as potencias interiores; a quem governa o alvedrio, armão as virtudes, & soccorre Deos, quãdo santamente se portão, & se guardão de seus inimigos; porque não deixa perecer as suas obras; nem sofre, se fazemos alguma cousa da nossa parte, que as arruinem, & destruão as treiçoens da carne, os poderes do mundo, & as artes do demonio, que nos tem em sitio perpetuo?

Lyr. hic mor.

petuo: porèm como a fraqueza humana de ninguem tãto se affeiçoa, como do seu mayor inimigo, não ha mal, que muy facilmente não ache entrada em nossas almas, porque lhe tem a porta aberta a nescia guarda dos sentidos: mas não he este o mayor mal, nem o que o Senhor lamentava; porque he muy facil o remedio das primeiras quedas da culpa, donde o cahir, & o levantar se tem juntado muitas vezes: cahir na terra quem a piza, não he dano muy perigoso, quando não he continuado; cahir de mais alto, ou cahindo, não tornar a levantar, este he o mal, que mais se teme.

A causa, pois, mais principal da nossa universal ruina, & das lagrimas do Senhor, he aquelle desconhecimento, & aquella grande ingratidão, com que não queremos ouvilo, entendelo, & obedecelo, desprezando aquelles favores, prodigiosos, & maravilhas, com que tantas vezes nos deu vista pelos cegos, gritos pelos mudos, doutrina pelos publicanos, & exemplo pelos escolhidos; sem que tudo isto bastasse, para que abrissemos os olhos lisongeados de humas sombras, que nos adormecem no aparente, para os cerrar ao verdadeiro. Chora o Senhor naquelles dias, em que melhor o recebemos, por antever com quãta pressa o deitaráõ de sy as almas, crucificando-o com as culpas, que o não podem sofrer comsigo: chora o Senhor ser lhe preciso assolarnos, & destruirnos; tanto he o amor, que nos tem, que ainda, quando nos ameaça, parece, que mais o magóa o nosso mal, que a sua offensa; taõ grande he a sua bondade, que ainda quando quer sobverternos, não desce o golpe do castigo, sem preceder o ameaço; não baixa o rayo da justiça, sem que o trovão nos avise; não desembainha a espada, sem ter nas espaldas da ira o rosto da misericordia; por isso havendo de castigar a Ninive, mãdou a Jonas, & a Nahum, que lhe annunciassem os estragos de sua justa subversaõ: conhece, como pay piedoso, esta nossa fragilidade, tão morta, tão esperdiçada pelos sabores do seu mal, tão cega pelos seus venenos, tão namorada do peyor, que arrastando furiosamente, não só os respeitos da vida, mas os decoros da razão, ou se casa com o seu dano; ou se amiga cõ o seu perigo: porèm não póde consentir, ver que esta nossa ingratidão se jacte de o ter por amigo, ao mesmo tempo, em que treydora o vende, deixa, & injuria pelo que he pouco mais de nada. Perdoou Christo á Magdalena, defendeo a mulher adultera, foy buscar a Samaritana, chamou a Saõ Matheus, & admitio o Bom Ladrão, deixando

perder a Judas, porque o peccado da Magdalena foy vaidade; o da adultera, fragilidade; o da Samaritana, cegueira; o de Saõ Matheus, ambiçaõ; o do Bom Ladrão, miseria; mas o de Judas, ingratidão.

Sente o Senhor ver a nossa perversidade tão levada do seu parecer, ou por achaque da arrogancia, ou por paixão do desatino, que estandolhe fazendo o prato, & ainda servindo-a de focinhos os gastos do divino amor, & os mimos da misericordia, não póde levar para bayxo mais que as viboras, & as serpentes; os escorpioens, & basiliscos, de quem só o gosto estragado tẽ insaciavel apetite: tanto em fim se tem depravado gostando de abominaçoens, saboreando-se em maldades, & ufanando-se nos delitos, que fazendo feira a malicia das cousas pessimas, & torpes, compra o peccado a pezo de ouro, & vende o vicio às rebatinhas. Em tão grande altura puzerão os peccadores os seus peccados pondo huns sobre outros, que chegàraõ no mundo a ter estimaçaõ as culpas, & authoridade os vicios; de que nasce, que não só desaforadamente se atrevem a fazerse publicos pelas praças, & gala pelas cortes; mas ainda sacrilegamente a quererem veneração entre os humanos, esperando gabos da maldade, vivas do delito, & lisonjas da abominação, & perversidade; & daqui vem chegarem os peccados a porse sobre as cabeças; estado tão miseravel, que nenhum remedio tem, se á medida da soberba não for a humildade da penitencia.

Destas mantilhas da soberba, em que se cria a ingratidão depois de nascer como vibora das entranhas do beneficio; desta gala da obstinaçaõ, de que se veste a contumacia, depois de ser como corisco, que rasga a nuvem, que o detem, faz manto, com que a Deos se quer encobrir, & gala, com que Deos despreza a impenitencia endurecida, quarta maldade de Damasco, a quẽ nunca Deos perdoou, porque sempre o desconheceo, resistio, fugio, & aggravou, & finalmente aborreceo no amor, em que arde, de seus gostos, & na vangloria das maldades, por cuja vista abominavel, não só vira as costas a Deos, mas cospindolhe na cara, o exaspera, & indigna a que jà mais a queira ouvir, ainda que nos ultimos gemidos, clame, & brade pelo Senhor.

Amos 1.3.

Eis-aqui, mortaes, a razão, porque desta mortalidade não vereis na hora da morte ficai vos pedra sobre pedra; pedras saõ aquellas durezas, ignorancias, & sequidoens, com que a maquina da vangloria edificou para a ruina, mais do que ergueo

para a vaidade; por isso com fatal estrago ficaráõ todas derrubadas, & postas na morte por terra, para que nem dos sinaes do estrago tenha vanglorias a ruina; nem das grandezas da ruina lhe fique à fama essa vaidade; nem este escandalo á memoria: não ficará pedra sobre pedra, porq̃ assim como a maldade quiz fazer culpa sobre culpa; assim virá sobre os máos castigo sobre castigo.

Viráõ dias, ó peccadores, em que direis aos montes, que vos cubrão, & aos outeiros, que vos escondaõ; porque se Deos castigou tãto o lenho verde da innocencia, por querer pagar nossas culpas; que ha de fazerse aos troncos secos da malicia, & obstinaçaõ, sobre quem clama cada dia o sangue do divino Abel? Abrirse-ha comvosco a terra, queixando-se por tantas bocas, quantas forão as vossas culpas; & emfim subvertervos-ha o inferno no carcere de suas entranhas, entre cujas chamas escuras chorareis sem nenhum remedio aquella sentença final: Ide malditos para o fogo eterno, aonde estareis para sempre nas cadeas de Satanás: se ainda assim vos parecer o castigo mayor, que a culpa, cuidai bem a quem offendestes, aquella bondade infinita, aquella immensa Magestade, & aquella Omnipotencia eterna; & vereis com quanta igualdade vos paga tudo, o que fizestes.

O' mortaes: crião os homens hum bruto, para que os sirva; cultivão a terra, para que lho agradeça; & regaõ as plantas, para que lhe dem fruto: se o bruto os naõ serve, deitaõno de sy; se a terra lhe naõ corresponde, deixaõna, & naõ a lavraõ: & se as plantas não frutificaõ, cortaõnas para o fogo: se pois Deos vos criou, para que o servisseis: se vos cultivou, para que lho agradecesseis: se vos regou com misericordias, para que lhe desseis frutos de boas obras: que muito he, que vos deite de sy, se lhe não servís para nada? que vos deixe, se lhe não correspondeis agradecidos? & que vos corte para o fogo eterno, se não frutificais? vós quereis ter razaõ contra o bruto, que a naõ tem; & deitalo de vós, porque vos naõ servio? contra a terra, que naõ teve culpa, ainda que naõ vos correspondeo, & por isso a não cultivais? contra a plãta, que naõ tem vicio, ainda que naõ vos déste bom fruto, & por isso a fazeis em achas? & naõ quereis, que a tenha Deos contra vós, para deitarvos de sy, para deixarvos, & cortarvos com o cutello da justiça, se peccais contra a razaõ, que vos deu? se cahis na culpa, sabendo-a? & se gostais do vicio, advertindo-o? quereis, sem nunca dar

fruto, q̃ vos regue Deos só para o vicio? quereis, sem corresponder a Deos, que vos faça beneficios só para a ociosidade? quereis, sem o servir, que vos crie, & sustente só para a sem-razaõ? sendo homens, que vos tornastes brutos; sendo terra, que se fez mato; & sendo plantas, que se fizeraõ agrestes? Pois, que quereis, que vos succeda, homens, que pareceis feras; terra, que não dá mais, que espinhos; arvores, que naõ tem mais, que folha; senaõ, que a todos vos diga na vossa hora derradeira, ou ainda antes dessa hora: O' homens brutos; ó terra amaldiçoada; ó arvores infructiferas, pois para nada me servistes; pois nunca me correspondestes; pois já mais me dèstes bom fruto; ide para o fogo eterno. O' creaturas pessimas, que enchendovos de beneficios, & buscandovos para o remedio, pagastes à minha liberalidade com ingratidoens, & ao meu desvelo com desconhecimentos; as vossas ingratidoens, & os vossos desconhecimentos seraõ a causa da vossa eterna ruina: *Non relinquent in te lapidem super lapidem: eoquod non cognoveris tempus visitationis tuæ.*

## GOLPE XVI.

*Lugebit terra, & mœrebunt Cæli.* Jerem. 4. 28.

Do sentimento, que naõ só o peccador ha de ter da sua perdiçaõ, mas tambem as creaturas.

### GEMIDO XVI.

CHorará a terra (dizia Jeremias) & entristecerseháõ os Ceos: mas como ha de chorar a terra, se só os humanos choraõ? como ha de entristecerse o Ceo, se he centro de alegrias? Se a redondeza da terra se cubrira de tantos olhos, como tinha á roda admiravel, que vio sobre ella Ezechiel: *Apparuit rota una super terram, &c. & totum oculis plenum, &c.* presumiramos, que choràra, pois ver, & chorar, saõ officios, ou propriedades, que ha nos olhos. Se como pedio Jeremias fontes de lagrimas para os seus olhos, pedíra a terra às suas fontes olhos de agua, que choràraõ, entendèramos, que tinha lagrimas: mas se as lagrimas não saõ agua, pois saõ sangue do coraçaõ, q̃ se desangra pelos olhos: se a agua tambem naõ he sangue; bem que a agua parece o sangue, que corre pelas veas da terra; como póde chorar a terra?

Ezech. 1. 15. &c.

Jerem. 9. 1.

ra? quem lhe darà à terra olhos, & quem as lagrimas de sangue para chorar a sua culpa, & lamentar sua ruina? Mas se se diz, que se està rindo o campo, quando vestido de flores; porque se não dirà, que està chorando a terra, quando poem cilicio de espinhas? Se se diz, que vai rindo a manhãa antes q̃ o Sol dè luz ao mũdo; porque se não dirá, q̃ choraõ as alvas dos olhos do Ceo, & ao menos se melanconizaõ vendo no mundo cada dia mayores as noytes das culpas? Ria-se a terra para o Ceo, em quanto as flores das virtudes, com o bom cheiro dos exemplos, eraõ dos campos alegria, primicias dos altares, & para o Ceo perfumes: ria-se o Ceo para a terra, quando cahindo sobre a terra o orvalho das misericordias, naõ só aljofarava as flores, & crecia a fermosura; mas ainda aos troncos estereis, & ás arvores secas, & murchas avivava, & reverdecia.

Mudou a terra a condiçaõ, & viçosa com tanto regalo, mal criada com tanto mimo, usou mal das misericordias ingratamente; convertendo em veneno os beneficios produzio ervas sem proveito, deixou de florecer o prado, & não deraõ as plantas seus frutos; faltou logo o Ceo com o orvalho, as nuvens com sua brandura, & as manhans com sua alegria; por cuja causa em breve tempo, as flores espiràraõ secas, o campo agonizou esteril, & o bosque pereceo inutil. Puxou a terra sequiosa pelo humor de suas entranhas, & com elle produzio abrolhos: puxou o Ceo pelos vapores, cõ que ainda assim fumava a terra; puxou pelas exhalaçoens, que do mar soberbo se erguiaõ, & naõ só se fizeraõ nuvens, q̃ a luz do Sol nos encubrírão: não só borrascas, & tormentas, com que os ares se inquietàraõ; mas tambem rayos, & coriscos, trovoens, relampagos, & cometas com que o mundo se estremeceo: o Sol, & a Lua se assombrou.

Chegàraõ ao Ceo as maldades, com que os perversos peccadores se conjuràraõ contra Deos; cubríraõ o mundo de escandalos, de peccados, & de delitos, com que vòs homens, que sois terra, vos enchestes todos de abrolhos, figuras da offensa, & da culpa; de sombras, & de cerraçoens, que nos representão o mesmo. Quando não vemos luz no Ceo, he por ser tanta a escuridade, que sobre a terra se derrama, que chega com a sombra ao Ceo: se pois saõ tantos os peccados, & tão grandes os peccadores, que occupando a face da terra, & enchendo as longas regioens de tantas esferas do orbe, chegaõ jà desde a terra ao Ceo; se se não vẽ mais, que

que maldades, com quem não mora a luz da graça; se impedem vossas liberdades com espessas perturbaçoens, & com cegueiras escurissimas, que à luz do Sol vos chegue aos olhos; como naõ chorará a terra? como se naõ entristecerà o Ceo? A terra, saõ os que amaõ a terra: *Terra, pro terræ amatoribus sumitur*; que só então hão de chorar, quando virem, que se perde tudo. Oh lastima! oh desventura! que jà, que hão de chorar os homens, não choraráõ pelo remedio, senão só pela perdiçaõ? não choràrão por dar gloria a Deos; choraràõ por perder aquillo, de que mais se vangloriavaõ?

Hug. Card. in Jer. 22.19.

Eis-aqui porque se hão de entristecer os Ceos, isto he, os homens Apostolicos, & os Prègadores Evangelicos: *Mœrebunt cæli, i. Sancti viri: cæli, i. Prædicatores*, por naõ poderem fazer fruto com todas suas influencias nesta terra amaldiçoada, depois de darem tantas voltas em beneficio dos ouvintes. Se pois sois terra, ò peccadores, & nella haveis de resolvervos, quem duvída, que desfazendo-se esse pó em cinzas caducas, choreis, quando jà naõ tenhais remedio, porque não quizestes chorar, quando podieis ter emenda? vedes, que a terra de viciosa não produz mais, que ervas inuteis, & não mondais a vossa terra? por falta de ser cultivada, deixais criarlhe asperamente balsas de silvas, & de abrolhos, & naõ pertendeis alimpala? nos torroens, & na terra vil desse barro melhor córado, que se ha de ver mais, que vicios, se os não cortá, & tira a disciplina, o cilicio, & mais armas da penitencia? se na terra mal rota do arado não importa semear trigo, porque as aves do Ceo lho levão; que se póde esperar da terra, a que falta toda a cultura? chegarà o ultimo dia, & vendo-se amaldiçoada a terra, que nunca deu fruto, mais que espinhos, que atravessáraõ a cabeça de Jesu Christo, chorará, mas serà sem fruto, a sua maldição eterna; tremerá, mas serà em vão, pois o tremor a não virou; abrirseha, mas será tarde, para outro nenhum fim, mais que para fundirse aquella verde primavera de vossos annos mais floridos; aquelles campos deleitosos da sempre alegre mocidade; aquelles montes elevados de vossa arrogancia ostentosa; aquelles valles apraziveis de tantas submissoens profanas; aquelles jardins agradaveis das lisonjas, & das mentiras; aquelles mais amenos prados de vossos vicios, & deleytes; todos desertos, & assolados, murchos, estereis, & despidos choraràõ verse empobrecidos de todo o decoro, que os orna; de toda a gala, que os guarnece; de todo o rego, que os

Hug. Card. in Jer. hic, & in Psal. 18.21.

os cultiva, ſem haver homem interior, que os aproveite, ou os habite; ſem haver ave, que lhes cante; flor, folha, ou ramo, que os alegre, ficaráõ todos devaſtados, & feitos morada de brutos, ou couto aſpero de feras, ou rudo leito de ſerpẽtes: aquelle pó mais levantado, que querendo porſe nas nuvens, foy eclipſe do Sol da graça, abatido em ſombras da morte, do meſmo dia ſerá noyte, do meſmo inferno ſerà trevas; & por iſſo dos Ceos mais alegres, ſerão as luzes, turbaçaõ; & o reſplandor, melancolia, ſentindo ver na noyte eterna, quanto na eterna claridade pudéraõ ſer tochas da Igreja, luz do mundo, & Eſtrellas do Ceo, com que ſe encheſſe aquelle numero, a quem levou a terceira parte a cauda do infernal dragão.

Mas não ſó a terra moral, que iſto ſaõ os homens da terra; não ſómente os Ceos metaforicos, q̃ iſto ſaõ os ſervos de Deos, hão de chorar, & hão de ſentir ſua perdiçaõ lamentavel; mas ainda as outras creaturas ſem ſentimento, & ſem razaõ, todos os orbes ſublunares, toda eſſa maquina celeſte, hão de chorar, & hão de ſentir as offenſas feitas a Deos, o que ſervírão aos perverſos, o que criáraõ para os ingratos, & o que ſofrèraõ aos precitos: chorarà a terra elemental, ter ſuſtentado tantos reprobos, deſentranhandoſe-lhes em frutos, convertendoſe-lhes em theſouros, & desfazendoſe-lhes em regalos: gemeràõ as ondas do mar, por darem paſſo a tantos lenhos, que forão arca do intereſſe, mais que meyos da ſalvaçaõ: o ar ſe queixará furioſo, reſpondendo aos roncos do mar com bramidos triſtes do vento, por darnos a reſpiraçaõ, com que anelamos aos delitos: o fogo com ardentes ſanhas choverá rayos, & coriſcos, porque em afronta do Creador concorreo com uſos violentos em ſerviço das creaturas: o Ceo armado de cometas; o Sol de trevas, & de eclipſes; a Lua de ſombras, & ſangue; os aſtros, de pavor, & aſſombro; o dia, de noyte, & medos; & todo o mundo finalmente de portentos, & de prodigios, ſeraõ terrivel eſpectaculo, & em fim tragedia temeroſa de hũa viſta, que ſerà morte; de hũa dor, que ſerá inferno; & de hum mundo, que ſerá cinza: & que ſabendo iſto os humanos, naõ cuidem niſto hũa ſó hora! mas, como ſe o naõ creraõ, nada cuidaõ; & ſe o crem, & o cuidaõ, paſſaõ por iſto ſem pena, como ſe fora certo, que nunca haviaõ de paſſar por iſto: oh magoa da razaõ! oh froxidaõ da Fé! oh perdiçaõ da vida! *Lugebit terra, & mœrebunt Cæli.*

GOLPE XVII.

*Filij hominum usquequò gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?*
Psalm. 4. 3.

O amor dos homens ao caduco, & terreno he a queixa de Deos offendido.

GEMIDO XVII.

ATè quando (se queixava Deos por David) atè quãdo, ó filhos dos homens, imitadores de seus vicios, com tão pezado coraçaõ haveis de amar a vaidade, & fazer caso da mentira? Que razaõ, pois, teria Deos para queixarse tanto aos homẽs do pezo de seu coraçaõ, se hũa vaidade, & huma mentira saõ cousas de taõ pouco pezo? como dà mostras, que se cansa de esperarlhes jà estes quãdos, se em delitos de mayor vulto, lhes dissimulou tantos tẽpos? Ora, a meu ver, a mayor causa deste queixume do Senhor, foy ver, quanto mais pezava nos coraçoẽs dos homẽs o amor das cousas caducas, & vans, q̃ o das eternas, & divinas. He o amor como pezo, segundo nos deu a entender Santo Agostinho: *Pondus meum amor meus.* Saõ os coraçoens como balanças, conforme nos affirma o Cardeal Hugo: & he o amor, como pezo, & o coraçaõ, como balança: *Stateia est cor hominis*; porque para ahi mais se inclina para onde o pezo he mayor: não ha balança sem pezo; naõ ha coraçaõ sem amor; ou seja a Deos, ou seja ao mundo, ha de amar, quẽ tem coraçaõ; peza-se nos nossos coraçoens ora o amor de Deos, ora o amor do mundo; se peza mais o amor deDeos inclinando-se para o Ceo, para ahi inclinamos o coraçaõ; se peza mais o amor do mundo, inclinamonos para a terra: & a razão he; porque todas as cousas buscaõ naturalmente o seu centro, & fóra delle estaõ violentas; o pezado desce para baixo, o leve sobe para cima, obedecẽdo a estas qualidades, de que o vestio a natureza; porque he a levidão hũa qualidade, que nos leva acima; a gravidade outra, que nos traz para bayxo: por isso a pedra deitada ao ar, naturalmente cahe, porque vem aquietar no centro: por isso o vapor da terra naturalmente sobe ao ar, porque tudo o mais lhe he violento. Vai o amor do mundo para baixo, não só porque he baixo o seu termo, mas porque he muito grave o seu pezo, & saõ sempre muito pezadas as suas mesmas vaidades; assim o dizia Isaias: *Onera vestra gravi pondere.* Vay o amor de Deos para cima, não só, porque o seu centro he alto, mas porq̃ o amor de Deos he muy leve; assim o dizia

Aug. tom. 1. lib. 13. Conf. cap. 9. ante fin.

Hug. C. in Prov. 11. 1. mist.

Isai. 46. 1.

dizia o Senhor: He pezado o amor do mundo, & he muy leve o amor de Deos: *Onus meum leve*; porque he propriedade do amor transformarnos no que amamos; se amais a terra, dizia Santo Agostinho, sois terra; se amares a Deos, Deos sereis: *Terram diligis, terra eris: Deum diligis, quid dicam? Deus eris.* Donde se deixa ver, que sendo a terra pezada, pezado he o amor da terra; & sendo Deos todo espirito, & espirito o amor de Deos, he o amor de Deos muito leve.

Math. 11.30.

Aug. tom. 9. tr. 2. in Epist. Joan. in fine.

A vaidade, que pezava tanto nos coraçoens dos homens, diz Hugo Cardeal, que eraõ os seus idolos a mentira, os bens temporaes: *Vanitatem, idest, idola vana, vel terrena ista: & quaeritis mendacium, idest, temporalia.* Como pois pezariaõ pouco, & voariaõ para Deos huns coraçoens taõ cheyos de idolos, & do amor das cousas da terra, que saõ pezo muy carregado, ainda que o pezo seja de ouro? E como se calaria Deos, que espreita os coraçoens dos homens, vendo-os a todos cheyos de idolos, que isto saõ aquelles seus gostos, & aquellas cegas affeiçoens, por quem perdem o amor de Deos, se esta foy já do mesmo Deos a mayor dôr do coraçaõ, que lhe fez castigar o mundo com o diluvio universal: *Tactus dolore cordis intrinsecus?* Por isso se queixava Deos, porque pezavaõ tanto os idolos nas balanças dos coraçoens, que em fim declinando os fieis da igualdade da justiça, com que se peza a ley de Deos, carregados do amor do mundo, deraõ em terra com a balança: pezáraõ mais, que Deos, os idolos; pezou a terra mais, que o Ceo; pois afastando-se do Ceo o pezo vaõ do amor do mundo, descançou o pezo na terra, tanto sem pezar dos idolos, que ainda das culpas fez amor, porque fez amor da vaidade: *Diligitis vanitatem.* Por esta razão, a meu ver, disse David em outra parte, que a sy mesmos naõ eraõ fieis, mas falsos os filhos dos homens no pezo de suas balanças: *Veruntamen mendaces filij hominum, &c.* pois pezava na sua estimaçaõ mais o nada, que o que tem ser; mais, que a razão, o desatino; mais, que o eterno, o temporal: eis-aqui porque os coraçoens saõ balanças aleyvosas; não só naõ pezão ouro fio os bens do Ceo com os da terra, mas ainda postas de hũa parte as temporaes felicidades, com o triste contrapezo das eternas tribulaçoẽs, & da outra as glorias infinitas, estas pezaõ menos, ainda que valem infinitamente mais; & essoutras estimãose mais, ainda que não valem nada: as cousas, que nos vende a terra, ou com que nos compra, & nos vende, saõ caras pelo que se estimão, &

Hug. C. hic.

Genes. 6.6.

Psalm. hic.

Psalm. 61.10.

& pelo que custaõ, pois custaõ a vida, & custaõ a alma; & cada vez valem mais, porque cada vez se prezaõ; as do Ceo, ainque saõ de graça, não ha quem as queira, porque não ha quem as peze, nem quem as estime. Trocouse o amor de Deos em amor dos idolos; trocouse o amor do Ceo em amor da terra; fizeraõse almas de terra, & coraçoens de pedra, os que ainda sendo corpos, haviaõ de ser espiritos, ou ao menos corpos celestes. O rudo alimento da culpa não só he prato da maldade, mas idolatria do gosto; o suave manjar da graça não só he fastio das almas, mas aborrecido desprezo da humana profanidade: todos se fizerão idolatras, porque aos idolos do seu gosto dão os homens a adoração, o decoro, & toda aquella ancia, q a Deos sómente se devia; & apegouse desorte ao mundo este visco do seu engano, que ainda hoje os mais dos humanos se deleitão com os seus idolos. Mayor he hoje a idolatria, que a da cega gentilidade; porque se Labão, que amava o ouro, fazia do ouro os seus idolos; que muito era, se era idolatra? Que Cesar adorasse a fortuna, & por isso lhe levantasse templos; que muito foy, se era gentio? Que Epicuro puzesse a gloria nas superfluidades da gula; que muito he, se era hum barbaro? Mas que se veja hoje no mundo entre Catholicos, que os que tem a Deos por seu Deos, tem os seus idolos no ouro, tem por seu idolo a fortuna, tem o ventre por seu Deos: *Quorum Deus venter est, &c.* adorão a torpeza, venerão a maldade! oh que he isto mais, que idolatria?

Ad Philip. 3. 19.

Nos tempos de Ezechiel se queixava Deos, de que o seu povo lhe fugia: *Recesserunt à me in cunctis idolis suis.* E porque fugiria a Deos naquelle tempo o seu povo? O mesmo Ezechiel o diz: diz, que corriaõ atráz dos idolos os coraçoẽs de todo o povo: *Post idola cor eorum gradiebatur.* Para correr saõ necessarios pès; os pès do coraçaõ saõ os affectos, & desejos: *Pedes nostri, affectus nostri sunt*, com que não só anda, & corre, mas azas, com que voa; com os affectos do coração corrião logo aquelles idolatras atràz dos idolos, que adoravão: & hoje não só os coraçoens, mas os sentidos, & potencias correm tambem com os affectos atràz dos idolos: tem idolos o entendimento; pois tem muitos por divindades os seus mesmos entendimentos, & ainda as idèas da ignorancia: tem seus idolos a vontade; porque muito á sua vontade busca cada qual o seu idolo: a memoria tambem tem idolos; pois saõ idolos da memoria todas aquellas vaidades, que gostosamente nos

Ezech. 14. 5.

Ezech. 20. 16.

Aug. tom. 8. in Psa. 94. v. venite, &c.

nos lembrão: tem idolos a imaginaçaõ; pois atè as afiguraçoẽs, de q̃ a affeiçaõ nos faz imagens, ſaõ do cuidado idolatrias: os mais ſentidos tem ſeus idolos; quando fazem de ſeus objectos final deleyte do ſeu goſto: os olhos tem ſeus idolos, pois vemos, que cegão por ver, quem a olhos viſtos os cega: tem ſeus idolos os ouvidos, pois ſe tapão a quem os aviſa, para abrirſe a quem os engana, & encanta: o coração tem tantos idolos, quantos adoraõ as potencias, & ſentidos; fazendoſe altar de todos, os que por eſtas portas entrão. Se pois os idolos cahirão, quando veyo o Senhor ao mundo; quando elle vem às noſſas almas com auxilios, & inſpiraçoens, porque não cahe, ó peccadores, toda eſſa maquina profana de voſſos enganoſos idolos? Cahi pois, cahi na razaõ, & cahiráõ por huma vez eſſas fingidas divindades, & eſſas adoradas mentiras, que vos tem a razão ſem cor, o juizo ſem luz, & a verdade ſem figura, para que não ponhais os olhos, adonde pondes a cegueira. Deſpejai os vaſos de Deos da peçonha de Satanás, para que Deos os poſſa encher de ſeus licores ſuaviſſimos. Deitai fóra dos coraçoens os idolos, & entrará Deos; que não ſofre os ſeus apoſẽtos occupados de outro Senhor. Nos vaſos cheyos de veneno, que importará deitar triagas, ſe eſtas hão de cahir fóra, & elle ſe ha de ficar dentro? Dous contrarios tão grandes, como ſe podem ajuntar? ou Deos hade reynar nos voſſos coraçoens, ou o demonio. Deitai eſſe pezo do coraçaõ, que o arraſta aos infernos: pezo he do coraçaõ, & morte d'alma qualquer peccado mortal, que não aborreceis, ou ſeja mais, ou menos grave; & hum ſó para vos tirar a vida da graça, ſobeja; aſſim como para matar, tanto monta, que vos chegue ao coraçaõ a ponta de hum alfinete, como a ponta de huma lança. Acabai de aborrecer tantas vaidades, & mentiras, como atègora adoraſtes; & tratai de amar a verdade, que he o meſmo Deos, & ceſſaráõ as queixas, que contra vòs, ò filhos dos homens, & não de Deos, dá o meſmo Senhor: *Filij hominum uſquequò gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?*

## GOLPE XVIII.

*His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.*
Zachar. 13. 6.

Quanto sente o Senhor as offensas dos Catholicos; & como as suas queixas saõ para a nossa emenda.

## GEMIDO XVIII.

QUe Chagas saõ estas, meu Senhor (perguntava Zacharias a Deos) que vejo nas vossas mãos? Estas, respondeo elle, saõ, as que recebi em casa de meus amigos. As offensas dos amigos, saõ feridas abertas, feridas mortaes, chagas, que naõ tem cura; porque saõ golpes sem reparo, mal sem remedio, & dôr sem satisfaçaõ: começaõ por onde acabão as offensas dos outros homens; porque saõ treiçoens padecidas primeiro, que imaginadas; olhaõ-se, & naõ se imaginão; recebẽ-se, & crem não se sentemse, & não se cuidão.

Desacostumada pena, & magoa não sofrivel he aquella, que sem prevenila o susto, cahe sobre o alvoroço; porque não só se padece a dôr, que he condição da pena, mas dobrado aquelle tormento, que a razão não cuidava no gosto, que se prevenia: hir colher flores, & achar aspides; esperar mimos, & achar venenos; levar pedradas, donde se esperavão caricias; punhaladas, donde se achavão abraços, tanto he mayor dôr do coração, quanto foy menos a suspeita do receyo, & quanto mais he novidade da experiencia: he agua, que cahe no fogo, que naõ se abraza sem a queixa do ruido, & fumo, que se ergue: he luz de Sol eclipsado, que he mais nociva em hum só dia, que nos mais rigores do Estio: he mar, que nos leva ao fundo, depois de nos meter no porto: & he polvora, que nos mina, metendose-nos debaixo dos pès: por isto se queixava Deos, que na casa dos seus amigos se lhe tinhão feito as chagas, & não feridas; porque as feridas curaõse, as chagas naõ se curão bem: as feridas, porque se soldão, se curão; as chagas não se curão, porque se não soldão: daquellas os mayores sinaes saõ hũa reconciliação muda das partes divididas, que se tornárão a ajuntar; destas, como se não chegaõ a unir, as fistulas são bocas, os silencios são gritos, & as dores são razoẽs: saõ hũas dores em aberto, que se queixão por tantas bocas, quantas são as bocas das chagas; & por isso lhes naõ chama o Senhor feridas, mas com grande propriedade, chagas.

Não se queixa o Senhor daquelles, que não conhecem o

ſeu nome, que vivem em diverſa ley, & que em fim ſaõ inimigos ſeus; pois deſtes, o que ſe eſpera, he ſeguirem, como atégora, o bando da perdição, os exercitos da ignorancia, & os eſtendartes da cegueira: queixa-ſe daquelles amigos, que prezando-ſe de muy Catholicos, pondolhe o joelho no chaõ, & confeſſando-o por ſeu Deos, cada noyte o vendem, cada dia o açoutão, por cada rua o arraſtão, & cada paſſo o crucificão dentro de ſuas meſmas caſas (que caſas de Deos ſaõ as almas, donde toda a ſua delicia he eſtar com os filhos dos homens): de que naſce, que contra Deos o meſmo demonio ſe eſtá jactando, de que não foy vendido pelos homens, & elles o buſcão mais que a Deos; de que não foy açoutado por amor dos homens, & elles mais que a Deos o ſervem; de que naõ foy crucificado pela redempção dos homens, & elles mais, que a Deos o adorão: com que fica muy ufano o demonio, perdidos os homens, & Deos afrontado na caſa dos ſeus amigos: eſta he a dôr, eſtas as chagas, eſtas as laſtimas, & as queixas do Senhor; porque inſignias arraſtadas pelo deſprezo, de quem forão eſtimação; joyas metidas debayxo dos pès, de quem as punha na cabeça; plantas arrancadas pela mão de quem as diſpunha, ſaõ injurias, que avultaõ muito; ſaõ eſpantos, que não podem ſer menos; & ſaõ aggravos, que parecem mais.

Ex cõſideratione S. Cyprian. tom. 2. lib. de oper. & eleemoſ. ant fin.

Ainda aſſim, ſe queixa o Senhor, & do infinito amor, que nos tem, não ha mayor ſinal, que eſta queixa ſua; porque a dôr, que ſe queixa podendo ſer vingança, começa queixa, para acabar deſafogo: ſerá impaciencia do aggravo, ſerá reprehenſaõ do deſcuido; mas he deſejo de ſatisfaçaõ: & quem quer a ſatisfaçaõ, faz diligencias á deſculpa de quem lhe eſcandalizou a Fé; poemſe da parte de quem o offende; não ſe arma cõtra o delito; quer, & naõ aborrece; roga, & não engeita; obriga, & não ameaça: & a razão he; que para huma dôr, que ſe ſaborea na queixa, não ha ſatisfaçaõ, que ſeja deſenxabida, todas ſaõ goſtoſas; porq goſtoſamente abraça o arrependimento de quem peccá; & amoroſamente agaſalha a reconciliaçaõ de quem torna, quem enſina com o queixume, & ainda com o agaſtamento, o deſcuido da ſatisfaçaõ. He a queixa hum brádo, que chama, & não eſcandalo, que afaſta: he pedra de cevar, que atrahe, quando he pedrada, que ſe tira: he anacardina de amor, que ſerve de fazer memoria: he deſpertador da affeiçaõ, que ſerve de acordar deſcuidos: he ſainete de enfaſtiados,

ſtiados, que ſerve de abrirlhes a vontade: he carta de ſeguro do queixoſo, que ſerve de dar confiança: & he mexerico do deſejo, que ſerve de fazer aviſos: tão perto eſtà de ſer caricia, logo que começa a ſer magoa, que atè nas carrancas da ira, he geito de mayor amor, ou rayva de o não deixarem ſer.

Queixa-ſe o Senhor, podendoſe vingar; porque as ſuas chagas, ainda que as abrio a noſſa culpa, & as fiſtulou a noſſa obſtinação, tem a dôr, mas não a condiçaõ das chagas dos outros homens: não tem a condição, porque ſe deixaõ ſarar de hũa liſonja enternecida, quanto mais de hũa ancia namorada: de hũa affeiçaõ diſcreta, de hũa tribulação contrita, & de hũa caricia mavioſa: tem a dôr, porque lhe doe muito a Deos o pouco, que curamos delle; ſendo hũa lagrima do noſſo arrependimento o ſeu oleo d'ouro; o jejum, o ſeu unguento; hum acto de amor, o ſeu cauſtico; & hum cilicio a ſua atadura. E a ſua magoa mais intrinſeca, a offẽſa, de que mais ſe doe, o mal, de que mais ſe laſtima, o erro, de que mais ſe ſente, he ver, que o deixamos ſem cura na noyte de noſſa cegueira, & ao ar de noſſas vaidades, por lhe não pôr a noſſa emenda, o jejum de hum dia, o cilicio de hũa hora, as lagrimas de hum momento, & o amor de hum ponto: eſtá moſtrandonos as entranhas por cada qual de ſuas chagas, como gritando ao peccador, que todas ſaõ miſericordia; & por naõ tela do Senhor, não ha quem queira olhar para ellas.

O' mortaes: ó peccadores: o primeiro effeito do peccado he a cegueira, com que vos tira a viſta d'alma, para que não poſſais ver com os olhos o meſmo, que tendes á viſta: o ſegundo he o deſatino, com que corre a precipitarvos; porque foy ſempre o precipicio filho mais velho da cegueira: o terceiro he o amor proprio, com que perdeis o amor de Deos: o quarto he odio de Deos, com que vos affeiçoais a aborrecer ſua juſtiça, porque temeis, que vos caſtigue: ſe vos convẽ cegar, por iſſo não olheis para aquellas chagas, & perdereis em hum abrir de mãos, o que naõ quizeſtes ganhar em hũ voltar de olhos: ſe vos eſtá bem precipitarvos, deixaivos hir por eſſes riſcos, & deſcobrireis na queda ſem remedio, o que naõ quizeſtes evitar ſó com hũa volta de vida: ſe vos ſerve o amor proprio, não trateis do arrependimento, & ſabereis no caſtigo, o que grangeaſtes na culpa: ſe achais, que he bom ter odio a Deos, não eſtranheis hir aos infernos; porque haveis de conhecer na morte, o que deſprezaſtes na vida. Olhai pois para as

chagas q̃ fizestes ao vosso Deos, Senhor, Creador, Redemptor, Pay, & Amigo com vossos peccados, sendo de profissam seus amigos: ouvi, para aproveitarvos da sua misericordia, as queixas que de vòs dà, sendo de sua casa: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.*

---

## GOLPE XIX.

*Popule meus, quid feci tibi, aut quid molestus fui tibi? respõde mihi.* Mich. 6. 3.

Continuaõ as queixas, que dà o Senhor das nossas culpas, por serem ingratidoens a seus beneficios.

## GEMIDO XIX.

POvo meu, que mal te fiz, para que me offendas? em q̃ te molestei, para que me aggraves? respondeme. Esta queixa mandou Deos fazer ao seu povo pelo Profeta Michèas, lembrandolhe juntamente, que o havia livrado da escravidão do Egypto, para que á vista do beneficio fosse mais fina a ingratidão: & esta mesma queixa manda fazer todos os dias pelos seus servos ao seu povo Christão, de quem o outro foy figura, lembrandolhe tambem, que pelo mar vermelho do seu sangue, pelos milagres da vara de sua Cruz nos livrou do cativeiro do demonio, com que a cega gentilidade de nossos antigos avós entre seus erros perecia. Se cuidarmos bẽ, no que Deos nos tem feito, para que, como por vingança, o offendamos todas as horas, & o mais de nossa vida, veremos, que tudo quanto temos, excepto o peccar, recebemos de Deos: todos os bens, que ha nesta vida caduca, & o que parece fortuna, ou do que he natureza, ou do que foy graça; & todos, os que considerarmos em nòs, ou communs, ou particulares, forão dadivas da mão de Deos: veremos, q̃ nos fez de nada, q̃ nos criou, & nos deu vida, nos cõservou, nos adoptou por filhos, q̃ nos redemio de antemão, q̃ nos chamou, não poucas vezes, que nos perdoou outras muitas, que nos sofre todos os dias, & nos espera cada hora; & em fim hum sem conto de beneficios, hum sem numero de misericordias, hum sem cabo de merces, & bens, assim da graça, como da natureza, & fortuna, que cada qual nas regras da sua experiencia, ou no livro da sua vida poderá ver, soletrear, & ler.

Metidos estavamos todos no profundo abismo do nada, não só ha seis mil annos pouco mais, ou menos, em que o mundo teve principio, mas desde a eternidade, sendo ainda menos, que hũa sombra, que hum ouçaõ, & que hũ argueiro; tirounos Deos

deste não ser nada, que eramos ha poucos annos antes de criarnos, que he o peyor, que póde ser, para fazernos imagens suas; & sendo o primeiro solar desta terrena natureza o lodo vil, de que nos fez, nos honrou dandonos hũa alma com as fidalguias de espirito, & fóros de immortalidade, podendonos criar na Libia, ou em outros climas apartados da Fè, & do Bautismo, & mais Sacramẽtos da sua Igreja Catholica, ou em outras gentes, & naçoens estrangeiras da Ley de Christo, nos trouxe seu eterno amor ao collo das misericordias, criandonos, & sustentando-nos com a nata da Christandade, com o melhor leite da Igreja, & ao bafo de seus beneficios, depois de nos ter escolhidos para filhos seus desde o ventre, regenerados no bautismo, adoptados da sua graça, & allumiados pelas tochas de tantos Doutores sagrados, que nos deixou por luminarias da noyte de nossa ignorancia; nascendo na terra tão pobres, que sahimos nùs a este mundo: de todas as mais creaturas, que nelle poz, para servirnos, nos deu o uso, & dominio, para que dellas não ficasse féra nos campos, ou nos montes, de cuja grosseira librè naõ pudessemos fazer vestido; não só nisto nos prevenio para a desnudez reparos, mas fazendo, que as mais creaturas trabalhassem só para o homem, tratando-o como Senhor seu, não ficasse bicho nos bosques, ave no ar, ou flor na terra, sem que obediente a seus imperios para o vestir de melhor gala, para o coroar com mais pompa, & ornalo de mayor belleza, tambem lhe não offerecesse tudo, o que o bosque lavra de sedas, fazendolhe tear das arvores; tudo, o que o ar tremóla em plumas, fazendo guarda-roupa os ventos; tudo o que Abril lhe borda em cores, fazendo bastidor dos cãpos; abrindolhe tambem a terra mais esteril, & a mais inutil em rios de prata, em poços de ouro, em minas de diamantes; desentranhando-lhe do mar o coral, o ambar, & as perolas, não só enriqueceo o homem, & o fez servir de quanto vive, mas ainda fez, com que lhe fossem feudatarios os elementos muito antes, que a presunçaõ de nossa soberba vaidade suspeitasse dos seus poderes esta servidão das creaturas: encheo o Ceo de Estrellas, o Sol de luzes, o ar de ventos, o mar de peixes, & a terra de frutos, só para servirem ao homem, obrigando-se a Omnipotencia a conservalas em seu ser só a fim de nos conservar, querendo com estes, & outros extremos de seu amor incõprehensivel, que tudo fosse para nòs nos honestos usos da vida, & nós sómente para elle pelos fóros da Ley da Graça.

Não

Naõ contente ſua bondade infinita com tão ſupremos beneficios, cada momento nos offerece huma eternidade de glorias, a troco de que não queiramos por outro momento de culpa hũa eterna duraçaõ de penas; & havendo condenado a ellas por toda a eternidade a outros muitos peccadores, que cahíraõ em menos culpas, que nós-outros, tantas vezes nos tem livrado das eſcuras chamas do inferno, quantas temos peccado mortalmẽte no diſcurſo de noſſa vida, & cahido nos erros do noſſo diſcurſo, no enleyo da noſſa vontade, trocando o officio da razão, em vangloria do deſatino: mas paſſando muito alèm deſtas rayas, que pareciaõ *non plus ultra*, com particulares vocaçoens nos chamou, & eſpecialmente pelos ecos de noſſas almas nas inſpiraçoens interiores: por noſſos bens, por noſſos males, por caſtigos, por beneficios, que tudo ſaõ vozes de Deos; pois apenas póde haver alma, das que tem Deos no gremio da Igreja, que alguma hora, ou algum dia, & por muitos dias, & horas naõ viſſe, que Deos a chamava pelos brados dos Prègadores, pelos conſelhos dos Confeſſores, pelo exemplo dos reformados, pela viſta dos penitentes, pela liçaõ dos livros, & pelos meſmos faſtios, que os goſtos do apetite humano deixaõ; quando não pelos gritos mudos, que eſtão dando por toda a parte tantos portentos, & prodigios, que ſaõ noſſos accuſadores, atè pelas bocas dos mortos, pelas ſombras da perdiçaõ, & pelos vultos do caſtigo. E finalmente o beneficio, que excede todo o encarecimento, que não cabe em nenhuma humana conſideração, que naõ cabe nos limites de toda a correſpondencia, de chegar o meſmo Deos a fazerſe homem, para com huma morte tão afrontoſa, & horrenda nos livrar da eterna prizaõ, pagando com o infinito preço de ſeu Sangue Santiſſimo as dividas de noſſas culpas, que não podião ſatisfazer todos os cabedaes humanos.

Eis-aqui pois, ó peccador, os males, que Deos te tem feito, & os aggravos que tens ſentido, não fallando em milhares de outros, que cada qual dentro de ſy pudéra ver, ſe bem ſe olhára: creoute de couſa nenhũa; redemiote ſem merecerlho; conſervate, ainda em ſua offenſa; ſervete, ſendo teu Senhor; perdoate, quando offendido; chamate, quando queixoſo; & afagate, quando aggravado. Reſponde pois ao teu Senhor, ao teu Deos, Pay, Creador, Redemptor, & Salvador, que te manda, que lhe reſpondas. Que mal te fez, ſe te creou? em que te aggrava, ſe te eſpera? em que

te afflige, se te anima? em que te offende, se te sofre? em que te afronta, se te ama? & ve se tens, que responderlhe, se não sómente, que peccaste, que foste ingrato, & fementido, ruim, perverso, & depravado; & que te peza entranhavelmente do gosto, com que o aggravaste; da vangloria, com que o deixaste; & de todo o mal, que fizeste: faze honra de ser agradecido, capricho de não ser mais ingrato, pundonor de ser fiel, fidalguia de não ser treidor, primor de ser constante, & valentia de não tornar a cahir em offensa algũa de teu Deos, de teu bemfeitor, de teu Rey, & de teu Senhor, para que evitando assim as culpas, cessem as suas queixas: *Popule meus, &c.*

## GOLPE XX.

*Excutere de pulvere, consurge; sede Jerusalem: solve vincula colli tui captiva filia Sion.* Isai. 52. 2.

Da grande piedade com que o Senhor convida com sua graça, ainda as almas dos peccadores mais destragados.

## GEMIDO XX.

POr Isaías disseDeos estas palavras á Cidade de Jerusalem, que he figura de nossas almas: & saõ, como se dissera a cada qual das almas Christans: Alma mais dura que estas pedras dos muros de Jerusalem; alma minha, a quem eu criei, não menos, que para esposa minha; sacodete do pó, que te tem cega; mete jà debaixo dos pés o pó de tua humanidade; deita de ti tudo o que he terra, & lembrate do Ceo sómente; deita de ti tudo o que he carne, & ficate no que he espirito; levantate, que estás cahida de minha graça no lodo, & immundicias de tuas culpas; trata de fazer assento em meu serviço, & de te não apartares de minha vontade; soltate dessas prizoens, com que arrastas escravidaõ tão pezada do cativeiro do demonio, que se jacta a tua cegueira, de que a tenhão por bem prendida: essas cadeas, & colares, com que te adorna o teu delito, & te enfeita a tua vaidade, cadeas saõ, mais do que adorno; colares saõ, & não enfeites, com que intenta o mesmo demonio, quando te ata a liberdade, saborearte a perdiçaõ; parecem joyas do deleite, & saõ insignias do castigo, com que nos triunfos do mundo, te prende ao carro como escrava; parecertehão nós de rosas; mas adverte, que saõ nòs cegos.

Esse pó, que te poem nos olhos, parecete venda do amor, & he engano, com que te compra

pra a melhor vista da razão; parece amor, & he invençaõ, com que atè às aras da morte te tapa os olhos, como a victima; bemquistate assim a cegueira, porque a tudo feches os olhos, & não abras os olhos d'alma, senão dentro na sepultura: se a vida he vento, o homem pó, os vicios laços, morte a culpa: como, sendo guerra esta vida, & hũa continua guerra, & perpetua tentaçaõ, queres que o ar da mesma vida te cegue os olhos do discurso com o pó, que levanta a vaidade, para que cahindo nos vicios com que te armão teus contrarios, te colha a morte em os laços, com que te prendem tuas culpas? Se com o baraço na garganta te tem deixado tantas vezes a miseria de teus peccados; se parece, q̃ a cada passo, em que o demonio te despenha, póde a morte apertar o laço, & o castigo tomarte a respiraçaõ: como dando tantos nós cegos no mais corredío da vida, não tens ainda hum nò na garganta com o pezar do que peccaste, tendote posto em tanto aperto os do peccado em que cahiste? Cuidas, que andas muito livre, & muito senhora de ti, todo o tempo de distrahida, & em quanto segues taõ solta corrente de teus vicios? pois enganaste; porque só nelles perdeste a tua liberdade: aquellas mesmas correntezas, com que blazonaste de livre, correntes saõ, donde te meteste como preza, & como cativa: aquellas mayores solturas, com que correste desenvolta a carreira de teus apetites, saõ grilhoens, com que a mesma culpa te sopea, & maniata; grilhoens saõ todos os passos, que déste para o desatino; algemas, todas as acçoens, com que obraste a maldade; & aquellas mayores caricias, com que o vicio te poz ferretes, ferros forão, em que te poz: & saõ tanto mais poderosas as prizoens da vontade humana, que as do castigo, ou tyrannia, que não ha quem rompa as primeiras, por mais que espedace as segundas. Rompeo Samsaõ por muitas vezes as cordas, nervos, & cadeas, em que o tinhão maniatado seus inimigos, como se fossem delgadissimos fios: *Ita rupit vincula, quasi fila telarum*; & aquelles braços robustissimos, a cujas forças se rendeo a grossura das cordas, a rigeza dos nervos, & a dureza do ferro, perdéraõ a força, & virtude nos lascivos braços de Dalila, donde a morte lhe armou o laço: & a razaõ he; porque naõ ha prizaõ mais forte, que aquellas brandas ataduras, com que a carne fraca nos ata; he branda a prizão, por isso não escandaliza; aperta, & parece, que abraça; magóa, & finge, que lisongea; fere-nos a alma, & parece, que a adoça: he fortissima, sendo

Judic. 16.12.

tão

taõ fraca, porq̃ he voluntaria; de que ninguem se quer livrar.

Deixa pois esses falsos idolos de teus deleites mentirosos; rompe esses ferros, que forcejas nesses teus gostos fementidos: & abata-se jà esse pó, que hum pouco de ar tem levantado. Tornate a mim filha de Sião; chegate a mim homem perdido, quãto fores mais peccador; pois quanto fores mais perverso, tanto me daràs mayor gloria, porque me darás mayor motivo de mostrarte minha bondade em perdoarte, em acolherte, em amarte, & ainda em servirte; se verdadeiramente arrependido me buscas: nada do de antes te estremeça, se de presente me amas, & nos futuros me obedeças, que isto hé sómente o que procuro dos coraçoens arrependidos, & das almas desenganadas, hum pezame da culpa, hum parabem da emenda, & hũ sempre da perseverança: porque disto nasce nas almas hũa penitencia atè morte; hum proposito para toda a vida; & hum amor de cada vez mais.

Vem pois, vem homem peccador aos braços de Deos teu amigo: vem, que te rogo com o remedio, quando tu me foges com o dano: vem, que podes obedecerme, pois te mando, que obedeças: não resistas mais aos auxilios, que te dá o Espirito Santo; porque saõ estas resistencias, os peccados, que nem nesta, nem na outra vida achão perdaõ. Não te oponhas mais aos imperios de hum Deos, que póde castigarte; & porque te ama, te perdoa, se apiada, & te acaricia: acaba contigo hũa hora; lembrate de que te convem viver para que te deu vida, & morrer para quem te dana: vè, que se doe, & se magoa hũ Senhor, de quem es feitura, de quanto lhe tens sido ingrato; & te dá, para que o não sejas, os cabedaes mais poderosos da divina misericordia: olha, que se està lastimando de ser preciso condenarte, mais porque engeitas o perdão, que com seu sangue te offerece; que por todas as outras culpas, com que ao teu Deos escandalizas.

Troca pois, troca essas cadeas pelo leve jugo, & prizaõ doce de minha ley, & meu amor; & de tua propria ignominia, de tua mesma escravidão farás coroas de vitoria, timbres de vencimento, & insignias de triunfo. Na ponta da setta, ou no laço, aonde a leva a liberdade, paga a avezinha enganada a ingratidaõ de haver fugido a hũa prizaõ, q̃ era favor: os caramelos, que o Sol não desfaz com a caricia de seus rayos tão mimosamente benignos, os brutos o pizão, a terra os enxovalha, & a lama os corrompe: a lagoa, que se não corre de não correr para

o seu

o ſeu centro, como as outras aguas, naquelle deſcanſo torpe, naquelle ſeu ſoſſego inutil, ou apodrece, ou ſe conſome, atè que de todo perece. Ardaõ pois, ardão, & derretãoſe eſſas durezas congeladas taõ frias, & ſecas com Deos: tornem, & voẽ eſſas pennas à hũ Deos, que nellas te deu azas: entornemſe por eſſe roſto, correndo as lagrimas em fio, porque em fim ſaõ confiſſoens mudas, verdades liquidas, ſatisfaçoens claras, & oraçoens correntes para aplacar a hum Deos irado, quanto mais a hũ Deos amoroſo, brando, manſo, & enternecido.

Convertete pois, ó Siáo: converteivos almas Chriſtás; & não deixeis de convertervos, por dizerdes, que he tudo nada, o que vos prende neſte ſeculo para vos chegardes a Deos: ſe hum fio de ſeda baſta para vos prender o demonio, & tervos como maniatados, que differença lhe achais vòs em eſtardes aſſim por hum fio, ou eſtardes por huma amarra? cortai de hum golpe eſſes nòs cegos, que não ſaõ os de Gordiano, que hajaõ miſter Alexandres: livraivos deſſes embaraços, pois ſabeis, que nos ramos verdes poem os caçadores o viſco: ſe dizeis, que hoje não podeis, eſtando menos impedidos, como podereis à manhãa, eſtando mais embaraçados? Porque hoje podeis, & naõ quereis; poderá ſer, que á manhãa queirais, & naõ poſſais. Acaba já alma cahida de levantarte: rompe já alma eſcrava por eſtas prizoens, com que o demonio te arraſta para o inferno: *Excutere de pulvere, conſurge, ſede Jeruſalem: ſolve vincula colli tui captiva filia Sion.*

---

## GOLPE XXI.

*Dixit Dominus: Ex Baſan convertam, convertam in profundũ maris.* Pſal. 67. 23.

Os peccados ou ſão de fraqueza, ou de ignorancia, ou de obſtinaçaõ: os de obſtinaçaõ impenitente não tem remedio, em quanto ella dura.

## GEMIDO XXI.

*Ex Baſan, ideſt de turpitudine vitiorũ, &c. In profũdum maris, idest, in perfectam pœnitentiæ amaritudinem.* Hug. C. hic

Das torpezas çujas da carne, & dos cegos vicios do mundo converterei os peccadores: diſſe o Senhor por David. Taõ benigno he o noſſo Deos, que por melhor aſſegurarnos de qual he a ſua miſericordia, pela boca dos ſeus amigos moſtra o cuidado, cõ q acode a eſta noſſa fragilidade, tão precipitada ao ſeu mal, não ſó dos tronos da malicia, mas do berço da natureza, que á redea ſolta corre cega ao ſeu mal.

Eu me perſuado, que em tres ramos divide a arvore da

culpa as differenças da malicia; isto he, em peccados de fragilidade; de ignorancia, & de obstinaçaõ. Tres inimigos ha de Deos, a carne, o mundo, & o demonio, a quem pertencem estas culpas; & de quem tomão os sabores: a obstinaçaõ os toma ao demonio, a ignorancia ao mundo, a fragilidade à carne. Gera a obstinaçaõ impenitencia, a ignorancia, confusaõ, & a fragilidade, temor: temor de Deos, porque o vè justo; confusaõ, porque se envergonha; & impenitencia, porque ateima: de que nasce, que a fragilidade se converte, porque se converte a carne; a ignorancia tambem se reduz, porque tambem se reduz o mundo; & a obstinaçaõ não se arrepende, porque naõ se arrepende o demonio: a que se segue, que achando Deos a fragilidade tìmida, a ignorancia confusa, & impenitente a obstinaçaõ, não converte Deos a obstinação, porque ella não querendo, & resistindo, foge; converte a fragilidade, porque ella se reduz tremendo; & reduz a ignorancia, porque se envergonha peccando: & quem se peja do mal, que fez, quem treme do erro, em que cahio, facilmente acha perdão nas misericordias de Deos; mas quem se não afasta da culpa, quem se jacta de que peccou, quem se recrea, & se glorea nas offensas, que fez a Deos, sem penitencia, & sem pezar de aggravar a bondade immensa, de não fazer caso da Ley Divina, & menos do Legislador, não acha em Deos misericordia, & na sua culpa acha a sentença para acabar desemparado.

Por ignorante dizia Saõ Paulo, que lhe perdoára Deos, ainda que fora blasfemo, & perseguidor da Igreja: *Quia ignorans feci.* Por fragil perdoou Deos a David, havendo sido adultero, homicida, & escandaloso; mas não perdoou a Caim, porque o achou sempre obstinado: porque como a obstinaçaõ se veste das propriedades do demonio pela impenitencia, assim como o demonio não merece perdaõ, tambem quem da sua librè anda vestido, o não alcança: porèm como a fragilidade toma os sabores da carne pelo temor, & a ignorancia se acha com as condiçoens do mundo pela confusaõ, achando Deos em David a fragilidade com temor, & vendo em Saulo a ignorancia com vergonha, ficou o pejo com perdão em Saõ Paulo, & o temor com misericordia em David. Por isso se a fragilidade, perdendo o temor de Deos, chegar a ser obstinaçaõ; se a ignorancia, perdendo ao mundo a vergonha, chegar a ser impenitencia; por quererem sempre ser carne, os que pudérão ser espirito; por naõ que-

1. ad Timo. 1.13.

quererem mais, que o mundo, os que Deos criou para o Ceo, virlehão a fazer demonios, assim como succedeo aos q forão Anjos, por fazerem jactancia da teima, & vangloria da contumacia: & como pela circunstancia da pertinacia, com que dura, & resiste a Deos toda a vaidade da ignorancia, & o engano da fragilidade, huma, & outra muda de especie, & ficaõ sendo obstinaçaõ; assim como Deos com o demonio não usa de misericordia, assim a não usa tambem com aquella ignorancia vãa, que se obstinou na contumacia; nem com aquelle gosto fragil, que se amarrou na impenitencia.

O' mortaes, que andais taõ cegos pelas ignorancias do mũdo, cujos bens saõ pura vaidade: peccadores, que estais taõ prezos nos brandos vinculos da carne, cujo gosto he momento breve; se tendes temor de Deos, & se tendes pejo, ou pezar, de que sempre vos veja o mundo desaforados contra Deos, de q sempre vos ache Deos esperdiçados pelo mundo, parai, & reparai hum pouco: vereis, que Deos vos diz agora, que vos quer converter a sy, & que se quer tornar a vòs: elle vos comete hoje as pazes, podendovos fazer a guerra a ferro, & fogo, a fogo, & sangue: elle vos offerece os partidos, & vos roga com o concerto, tendo justiça contra vòs, & sendo juiz da sua causa: tudo isto saõ justificaçoens, para depois vos condenar se lhe engeitais o concerto, & se lhe desprezais a paz: ouvi a Deos, temei a Deos, cõfessailhe já vossa culpa, & pedilhe misericordia: naõ vos tenhais mais tẽpo firmes nessa tão dura rebeldía, com q sois para o mesmo Deos muito peyores, que o demonio; pois se elle se opoem a Deos, & procura as suas offensas, he açoutado, & castigado, & já posto no fogo eterno pela justa ira de Deos; mas vòs estáis injuriando-o, aborrecendo-o, & desprezando-o ao passo, que o mesmo Senhor vos faz mimos, & beneficios. Deu-vos vida, & quereis com ella, quanto em vòs he, tirarlhe a vida? Deu-vos tempo, & quereis com elle, quanto em vòs he, negarlhe o tempo, & perdelo huma eternidade? Rigorosa cousa seria darvos hum amigo para vossa defesa a espada, & meterlha pelo coraçaõ: cousa cruel pareceria darvos ouro esse mesmo amigo, para vossas necessidades, & fazeres vòs delle ballas, com que lhe tirasseis a vida: insofrivel cousa seria pôr a vida por vossa honra, quando vos fosse necessario, & tirarlhe vòs a honra todas as vezes, que podesseis: porèm cousa mais insofrivel, mais cruel, & mais rigorosa fora terdes disso vangloria, gabarvos

vos desta bizarria, & não terdes nunca pezar de cousa tão abominavel, & tão odiosa á natureza. Se pois isto, com hum amigo da vossa esfera, com hum homem da vossa classe fora tão digno de castigo, & de que não ouvesse no mundo quem vos não procurasse a morte por termos taõ aleivosos, por procedimentos tão bayxos, infames, & fementidos dignamente merecida; que seria, sendo contra Deos, cujas distancias, delle a vòs, nenhum entendimento as mede, só as suspeita a maravilha, só a Fé as respeita, & só elle as sabe? Pejaivos pois, & envergonhaivos da vida, que déstes ao mundo, podendo empregala no Ceo; do tempo, que déstes á carne, podendo aproveitar no espirito; da alma, que déstes ao demonio, podendo-a restituir a Deos. Se fostes ignorantes do mundo, fazeivos avisados do Ceo; & se fostes na carne fracos, fazeivos robustos no espirito; se obstinados, como o demonio, sede já como David contritos; se perseguidores de Christo, como Saulo, sede já na conversaõ huns saõ Paulos; pois vedes, que tendes tempo, & que muy cedo o não tereis: se ouvindo os avisos de Deos, deixardes a vossa ignorancia, darvosha o Ceo pelo mundo; se guardando seus mandamentos, esforçardes vossa fraqueza, darvosha pela carne o espirito; se abominãdo a obstinaçaõ vos deitardes logo a seus pès, & não tornardes mais atraz, ainda que no caminho tropeceis muitas vezes, darvosha pelo inferno a gloria, convertendovos a melhor vida em satisfaçaõ de sua divina palavra: *Dixit Dominus: Ex Basan convertam, &c.*

---

## GOLPE XXII.

*Derelinquat impius viam suam, & vir iniquus cogitationes suas, & revertatur ad Dominum, & misrebitur ejus, & ad Deum nostrum: quoniam multus est ad ignoscendum.* Isai. 55.7.

Como ha de ser a conversaõ do peccador a Deos, para ser verdadeira.

## GEMIDO XXII.

ASsim como da inconsideraçaõ, com que os peccadores vivem submergidos em seus vicios, entregues ao demonio, & apartados de Deos, nasce a sua perdiçaõ: assim tambem da consideraçaõ lhes resulta o remedio. Considerou David nos caminhos da culpa, por donde a inconsideraçaõ a passo largo o guiava ao eterno precipicio, & logo achou o remedio na emẽda de sua vida pelos passos do arrependimento: *Cogitavi vias meas:* Psal. 118. & 59.

*& converti pedes meos in testimonia tua.* A consideraçaõ dos bons, & dos máos caminhos nos fazé converter a Deos; os máos nos ensinão o que havemos de temer, os bons, o que havemos de seguir: nas mesmas viboras, a cujos venenos fugimos, buscamos as triagas, porque se achão tambem entre os seus danos os remedios: assim podemos aprender dos caminhos da perdiçaõ o mal, & o bem, q̃ tem comsigo: o mal, se se seguem, o bem, se se deixaõ: por isso nos diz Isaías, que deixemos o mal, & viremos para o bem; porque não basta deixar o mundo, a carne, & o demonio, com suas vaidades, caricias, & enganos, se não viramos para Deos: deixar os vicios, & naõ pôr logo os olhos em Deos, virando para elle o coraçaõ, ainda he parar nos vicios: querer tambem virar para Deos, sem deixar de todo atràz das costas as culpas, he olhar a Deos muy torcido, & não com os olhos direitos: por esta causa, em saber deixar; & em saber virar está tudo; em virar de todo, & em deixar de todo. Quatro cousas se hão de deixar, & quatro se hão de virar; & basta que de todo se virem, para que de todo se deixem: máos pensamentos, màs intençoens, màs obras, & vangloria dellas; que he de tudo isto o peyor, conforme diz Saõ Jeronymo: *Primum peccatum est, cogitasse mala, quæ sunt: secundum, cogitationibus perversis acquiescere: tertium, quod mente decreveris, opere complere: quartum, post peccatum non agere pœnitentiam, & in suo sibi complacere delicto.* Destas quatro sortes de peccados, as primeiras tres perdoa Deos facilmente, se se lhe ajunta a penitencia, & pezar; mas a quem acrescenta o quarto aborrece Deos de maneira, que o não podem sofrer os olhos da Divina misericordia, antes se lhe aparta, & se lhe vira a clemencia do mesmo Deos.

S.Hier. tom. 5. in Amos 1. V. tenentem sceptrum.

Figura disto temos nos Cantares, donde o Senhor mandava á alma, de quem a Esposa era figura, q̃ quatro vezes se virasse, para q̃ elle lhe puzesse os olhos: *Revertere, revertere, &c.* Chamavalhe o Senhor, Sulamitis, que quer dizer, como declara Saõ Boaventura, alma miseravel cativa da culpa: *Sulamitis, idest, anima misera*; porque naõ costuma Deos porlhe os olhos de sua Divina clemencia, se quatro vezes se não vira, como acima fica notado, & o adverte o mesmo Santo: *Quater dicit revertere, propter illa quatuor prædicta.* He este quarto peccado, aquella quarta maldade de Sydonia, Tyro, & Damasco por tantas vezes repetida nos gemidos deste Tratado; & esta culpa, como já disse, não teve, nem terá perdão das benignidades de Deos

Cant. 6. 12. S.Bon. tom. 6. Dietæ Sul. tit. 1. c. 1. ad fin.

por todas as classes dos tempos, & duraçaõ da eternidade, por fundarse na impenitencia, q̃ he contra Deos odio perverso, a q̃ o Senhor tem aversaõ infinita; & este odio impenitente nenhuma outra cousa he, mais, que hum não pezarnos da maldade apartandonos della; porque pezar, & não apartar, parece pezar, & he mentira; pois, como diz Santo Agostinho, quem he verdadeiro penitente, não torna a fazer aquillo, que lhe peza haver feito, & se o faz, não lhe pezou, nem he penitente: *Si pœnitet, cur facis, quod male fecisti? si adhuc facis, non es pœnitens.* Por isso convem deixar os vicios, & voltar para Deos de todo: deixar o mundo, a carne, & o demonio, não he iresvos para os desertos, nem metervos em huma cova, nem fazer grandes penitencias; ainda que isto tudo com prudencia he o melhor para voltar de todo a Deos, & deixar o mũdo de todo; mas basta deixar aquelles seus enganos, seus deleites, & quaesquer obras, que sejaõ contra a Ley de Deos, contra o seu amor, ou do proximo; & em deixãdo estes máos caminhos, convem olhardes para Deos, voltando para os desejos, obras, palavras, & pensamentos; isto he, se cuidaveis nas cousas do mundo, em fazer a vontade à carne, em servir ao demonio, se nisso fallaveis, se nisso trabalhaveis, cuidai em Deos, fallai em Deos, & fazei alguma cousa pelo amor de Deos: nos mesmos estados, que tendes, podereis todos fazer isto, se vos quizerdes dar a Deos, & não ao mũdo, carne, & demonio; pois nem a todos he possivel mudaremse de seus estados: tirar do peccado, he o que importa; mudar de vida, o que convem; variar de objecto, o q̃ basta; & perseverar na emenda, o necessario: se quereis muito ás creaturas, querei muito ao vosso Creador; gostaveis de fallar com ellas, gostai de fallar cõ Deos; eráo ellas o vosso cuidado, seja o vosso cuidado Deos, & tudo o mais vosso descuido; & melhor cuidado tereis, para que na vida, & na morte o tenha Deos de vós tambem.

Aug. to. 10. hom. 41. in princ.

Se a culpa toda consistio, em naõ fazer o que Deos quer, seja toda a vossa penitẽcia, o fazer o que elle quer; pezevos de havelo offendido, não pelas penas merecidas, mas por haver a Deos aggravado; perseverai na emenda, & não façais mais penitencia: isto he o primeiro deixar, isto o primeiro converter: converter a Deos, he desandar pela emenda os passos, que se derão peccando: he desfazer o malfeito tudo quanto he possivel, dando a Deos, & ao proximo a satisfaçaõ por donde se lhe fez a offensa: peccàraõ os olhos vendo o q̃

naõ

naõ convinha; façaõ elles a penitencia, vendo sô o que convem: peccáraõ os ouvidos, ouvindo o que não era justo; façaõ elles a penitencia, ouvindo só o que he justo: peccou o gosto, usando do prohibido; faça elle a penitencia, mortificando o seu appetite; & assim os mais sentidos, & potencias, como ensina Saõ Bernardo: Naõ satisfaz o mal, que fez com seus passos a maldade, quem com os da emẽda não apaga os vestigios, que deixáraõ tão ruins passos: por isso o Profeta Isaías não aconselha outro caminho a quẽ se quer tornar a Deos, mais que deixar o que leva, & voltar para o que deixou: deixouse a Deos, tornese a Deos, pois não ensinar outra via, & dizer, que se torne a Deos, que outra cousa he, senão mandarnos deixar os passos da culpa pela volta da emenda? Não quer Deos, que haja outro caminho para quem foy peccador; quersómente, q̃ a penitencia, virandose para a razão, apague o rasto escandaloso do máo exemplo, & da má vida; quer, que as estradas do peccado vejão penitente, a quem olháraõ peccador; por isso lhe manda, que deixe, por isso lhe ordena, que vire: *Derelinquat: revertatur*. Os peccadores não buscaõ a Deos como os justos; os justos vão para diante, os peccadores para tráz: os peccadores, como lhes fica Deos atráz, porque lhes deraõ as costas, atráz he necessario que tornem a buscar o que deixáraõ; os justos, como o tem diante, adiante caminhão sempre: tem os justos diante a Deos, porque o trazem diante dos olhos; fica Deos atráz dos peccadores, assim porque não olhaõ para elle, como porque anda atráz delles, & elles lhe andão fugindo: esta he a razão, porque Santo Thomás, & os Theologos diffinindo a graça, & a culpa, dizem, que a culpa he hum virarnos para as creaturas, & dar as costas a Deos; & a graça, virar para Deos, & darmos as costas ás creaturas; porque converter, he virar, & virar he dar as costas para quem tinhamos os olhos. Eis-aqui porque a Esposa Santa encarecia nos Cantares, para dizer, que amava a Deos, & quãto Deos a amava a ella; que andava para Deos virada, & Deos virado para ella: *Ego dilecto meo; & ad me conversio ejus*. E eis-aqui porq̃ todo o bẽ, & mal de hũa alma está em hũ virar bẽ; se o justo se vira, perdese: se o peccador dá volta, ganhase.

Saõ as almas como espelhos; se os pomos para as cousas da terra, ficaõlhes as imagens da terra; se os viramos para o Ceo, imprimemselhe as figuras do Ceo: tão capazes saõ nossas almas de imprimirselhes o bem, & o mal, que está a nossa salva-

Bern tom. 1. Ser. 3. de Quadrag. in fine

Isai. sup.

S. Tho. 1.2.q. 87. art.4. in cõd.

çaõ, ou a nossa condenaçaõ em hũ virar de mãos, & em hũ voltar de olhos: se puzermos os olhos em Deos, virando para o Ceo os olhos, daremos as costas ao mundo; & se nos virarmos para o mundo, & puzermos na terra os olhos, daremos as costas a Deos. Que mayor dôr, que mayor lastima póde, pois, haver neste mundo, que saber, que anda o mesmo Deos ha tanto atráz de nòs, sem haver quem lhe ponha os olhos, nem vire o coraçaõ para elle? tão virado anda para o mundo, tão torcido para a vaidade, & taõ avesso para Deos, como se o não ouvera, & só no mũdo consistíra toda a nossa beniaventurança: recreouse Deos em crearnos, estase revendo em nos ver, & nòs revendonos no vicio, & recreandonos na culpa, naõ nos doemos, nem sentimos de lhe fazer isto na cara, pondolhe no rosto esta injuria, sabendo que a cara de Deos he sua altissima presença, que em toda a parte está. O' peccadores: ò mortaes: fez-nos Deos seus espelhos para ver nelles sua imagem; fez-nos taes, para que em nossas almas, como em espelhos reluzentes, resplandecesse a imagem de seu Unigenito Filho; & sendo o fim da nossa creação, & a mayor dignidade nossa imitarmos a Jesu Christo, conformandonos com suas obras, quanto se conforma o espelho com aquillo, que tem diante, tanto ás avessas o fazemos, que lhe damos em rosto com as costas do espelho. Que cegueira, pois, ha mayor, que perder huma alma ao seu Deos naõ só o amor, mas o respeito? & com modo tão desatinado, como se Deos não fora Deos; ou como se fora algum negro, ou algum idolo fantastico, que nem olhára, nem ouvíra, nem soubera, nem conhecèra? Sabemos da erva gigante, que por ter affeiçaõ ao Sol, q̃ he segundo creador seu, segue o Sol para toda a parte para donde viraõ seus rayos: só as almas Christãs naõ virão; tão grande amor tem ao seu mal, & tão grande odio a seu Deos, que o não podem já ver dos olhos: porque se veja, que hũa erva tem mais amor a hũa creatura, sem ter amor, nem razaõ, do que hũa alma tem a seu Deos, tendo razaõ, & tendo amor. Eis-aqui porque estão riscadas, afeadas, & escurecidas com os borroens de Satanás as imagens do mesmo Deos. Eis-aqui, porque está cego o espelho de cada qual de vossas almas. Eis-aqui, porque o espelho do entendimento, que nos havia de dar luz, anda sem luz da verdade, sem o lume do amor de Deos, sẽ a clareza da virtude, cego cõ o bafo da mentira, & quebrado com o mesmo Deos. E se he força, que em nòs outros an-

de, ou a imagem de Deos, ou a figura do demonio: *Nullus homo est, qui aliquam non habeat imaginem, aut sanctitatis, aut peccati*; viremos para Deos as almas, & demonos já por achados de quanto nos vemos perdidos; demonos a Deos por sabidos, de quanto nos tem soportado; & deixando as vias confusas de nossa errada presumpçaõ, viremos para Deos o espelho, para que vendose nelle o Senhor, nelle o vejamos tambem; & para que em todos resplandeçaõ as obras de sua bondade, sem que nos turbem, & escureçaõ aquelles taõ medonhos vultos, & aquellas tão defuntas sombras da fea imagem da culpa: *Derelinquat impius, &c.*

Gloss. ord. sup. Ezech. 8. v. Et ecce omnis similitudo rept.

---

## GOLPE XXIII.

*Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis.* Ex Ep. B. Jacob. 4. 8.

Do modo, & brevidade com que o peccador convertido ha de chegarse a Deos.

## GEMIDO XXIII.

POuco importa alimpar o cãpo das espinhas, se se lhe não meter o arado, & semear, para que dè fruto: deixar peccados, & exercitar virtudes, he arrancar espinhas, mas não lavrar, nem semear a terra; de q̃ vem a succeder, que pelo discurso do tempo o mato cresce, & as espinhas tornão: por isso dizia David, que não só nos apartassemos do mal, mas q̃ seguissemos o bem: *Diverte à malo, & fac bonum: inquire pacem, &c.* E a razão dá Saõ Gregorio; porque muito mayor cousa he fazer bem, que naõ fazer mal: *Minus est mala non agere, nisi etiam quisque studeat & bonis operibus insudare.* Dous actos se achaõ na vontade, hũ de amor, outro de odio: hum, com que seguimos o que amamos, & outro, com que fugimos do que aborrecemos; porque pelo acto de amor se inclina a vontade ao seu bem, & pelo acto do odio se afasta do seu mal: afastarse-ha do mal do mundo, quem lhe começar a ter odio; mas não se chegará muito a Deos, quem depois de ter odio ao mundo, não proseguir o amor de Deos: cansarse-ha mais no acto menos bom da vontade, que he o não querer; & medrará menos no seu melhor exercicio de querer, que saõ os actos do amor; & se amar a Deos, seguindo-o, & imitando a vida de Christo, pouco mais de nada aproveita deixar os enganos do mundo. Aquillo ainda nos desviamos de Deos, que podendo, não nos chegamos mais: por isso o chegar mais

Psalm. 33. 15.

Greg. tom. 2. hom. 13. in Evang. in princ.

 a elle,

a elle, não só he deixar mais o mundo, mas tambem aquelles desvios, que tem a nossa froxidão, de que póde logo nascer esta preguiça da vontade. Entre estes dous extremos de chegarmonos a Deos, ou chegarmonos ao demonio, não ha meyo algum; he dia, & noyte sem crepusculos: ou logo depois do Sol posto cahe a noite negra da culpa, sem aquella parda confusaõ, que he guerra de sombras, & luzes; ou logo, que as estrellas cahem, quando a noyte escura agoniza, amanhece o dia da graça, sem essoutras alegres duvidas, com que a madrugada começa: entre a culpa, & a graça não ha meyo algum: como setta, que ou sobe, ou baixa; ou subimos no amor de Deos, ou cahimos do seu favor: ser froxo, & ser sempre tibio he o peyor de tudo, entre tudo o que ha bom, & máo; como reprehendia o Senhor ao Anjo de Laodicèa, dizendolhe, que viria a vomitalo de sy, por ser tibio, & não frio, ou quente: *Quia tepidus es, nec calidus, incipiam te evomere ex ore meo.* O que se vomita, já está dentro de nòs, & nem por isso se logra: muito melhor fora ao tibio, froxo, & preguiçoso naõ estar dentro de Deos, porque de dentro o lançará fóra; & assim como, o que hũa vez se vomita, não se torna a comer, não se póde mais tragar, faz asco, & não se póde levar para baixo; assim succede ao morno, ao tibio com o Senhor, que depois de vomitado, não o póde gostar, nem tragar mais. Pessima cousa he a tibieza, que a não coze, nem consente o estomago do Senhor: & assim conheçamos, que nem por estarmos dentro de Deos, nos havemos de confiar, & deitar a dormir; he necessario obrar bem com fervor para poder persistir. Dẽtro de Deos está o Christaõ, q̃ vive no seculo, porque toda a Christandade he corpo mystico de Christo: mais dentro está o Ecclesiastico, porque a Igreja já he casa propria de Deos: & mais dentro o Religioso, porque a Religiaõ he o coração de Deos; mas porque nem o Religioso, nem o Ecclesiastico, nem o Christaõ se confiem nisto para se descuidarem, lhes diz o Senhor na pessoa do Anjo de Laodicèa, que muito melhor lhes fòra não estarem dentro, se estão mornos, & tibios. Saõ estes tibios hũa indifferẽça do possivel, que pudéra ser muito, se deixára de ser o que he; & he nada do que viera a ser, se chegára a ser o que póde: a razão he; porque a agua fria, se a poem ao fogo, ferve; a braza viva, se lhe deitão agua, apagase; mas o q̃ sempre he morno, & tibio, nem cresce, nem diminue, porque em hũa inutil neutralidade nem quer ser bom, nem quer ser máo; &

Apoc. 3.16.

& por isso fica sendo nada, assim porque entre o bem, & o mal nada ha de permeyo; como, porque para nada presta; não se resolve a ser cousa algũa; & entre os confins do bem, & mal, se fica, sem aproveitar, nem para mal, nem para bem: donde disse Santo Agostinho, que quem se aparta do mal, & naõ faz boas obras, he transgressor da ley de Deos: *Si à malo recesseris, & non feceris bonum, transgressor es legis*; & para que escape, como tal, da eterna condenaçaõ, o reprehende o Senhor, porque só a quem ama, diz elle, que reprehende, & castiga: *Ego quos amo, arguo, & castigo.* Homens, que em toda a sua vida naõ sentírão o açoute de Deos nas disgraças, nas contradiçoens, nos males, ou gostos do mundo: homens, a quem as Estrellas servem de focinhos, a quem os fados poem o joelho no chão, a quem os destinos não dão hum dissabor, a quem as fortunas trazem nas palmas, sem nunca lhes dar hũ disgosto, hũa reprehensaõ, hũa pena, hum infortunio, hum desengano; oh que máo sinal de salvaçaõ! Aos enfermos, de quem os Medicos ja desabrem mão, porque desconfiaõ delles, deixaõlhes comer tudo, o que querem: assim aos que se hão de condenar, por não quererem ter remedio, nem penitencia, nem emenda, deixa-os Deos fartar de peccados, & de seus gostos, & deleites para mayor condenaçaõ.

Chegãose a Deos os homens pelos males, que lhes acontecem, mais vezes, que pelos bens humanos; despertalhes a necessidade, a disgraça, & contradiçaõ, aquelle sono carregado, em que os adormece, & embebe a vaidade deste mundo: só os q̃ padecem no mundo, tẽ a divisa do Senhor, & o sinal dos bẽaventurados: saõ azas as perseguiçoens, as molestias, & adversidades, com que o corpo se molesta, & o coraçaõ se afflige, para que o espirito voe: multiplicáraõse aos justos as tribulaçoens, & depois se apressáraõ, dizia David: *Multiplicatæ sunt infirmitates eorum: postea accelleraverunt.* A joya, que com mais primor, & mayor perfeiçao sahe das mãos do artifice, he a que mais vezes no fogo, no martelo, & mais instrumentos, que a tratão rigurosamente, padece as varias experiencias, que a diminuem, espedaçaõ, para que mais a aperfeiçoem, mais a lustrem, & mais esmerem, & então está perfeita, quando está acabada: com ser ouro a sua materia, ó menos que fica ao parecer, he o ouro; cobrese este dos esmaltes, & daquellas pedras preciosas, que nelle engasta o artificio, com que fica Estrella por arte, ó que por essencia da natureza he terra melhor córada: assim tambem

Psalm. 15. 4.

bem, aquellas almas, que Deos chega á perfeiçaõ, por estes rigores caminhaõ; mas quem se não deixa lavrar do Artifice soberano, não quer ser provado no fogo, não consente dobrarse ao martelo, nem diminuirse, & apurarse nos outros instrumentos, que lhe dão tormento, & angustia, impossivel he, que aproveite, ainda que seja ouro, pois não dá lugar a que assentem nelle bem as preciosas pedras das virtudes, o esmalte, a fórma, & figura, com que ha de perder o ser proprio, quem quer ser joya de Deos.

O mais excellente dom, com que Deos honra, & enriquece os seus mayores amigos, he a Cruz, & tribulaçaõ, porque por ella mais depressa se faz escada para o Ceo, & se sahe do pó da terra; como ensinou o mesmo Christo por nosso amor crucificado: este he o apressar, este o chegar a Deos. Não se gloriava Saõ Paulo de haver subido ao terceiro Ceo; gloriava-se na Cruz de Christo, donde nasce a fonte da graça entre mil mares de amargura: necessario he por esta razaõ, & por todas, que padecendo cheguemos àquillo, de que nos apartamos gozando. Assim como se Deos vira para nòs, em nos virando para elle; assim para nós se chega, quanto para elle nos chegamos: *Convertimini ad me, ait Dominus exercituum, & convertar ad vos.* A vela se senão chega ao fogo, não póde luzir, nem arder; ahi se está dura por remissaõ, sendo branda por natureza. A ave, que importa ter azas, se não tiver pennas com que voe? & que lhe importará ter pennas, se com ellas se não mover? Quem ha no mundo, que podendo ter nos braços o q̃ deseja, lhe falle de longe? Como pois se não aggravarà Deos, não tendo máos pertos, de que nos deva mayor cuidado, & mayor esmorecimento este amor das cousas caducas, que o das eternas, & celestes? O amor de Deos, & o nosso, ambos estaõ em hum andar; não he necessario subir outros degraos para chegar ao seu amor, que terlhe muito amor a Deos: por isso dizia S. Bernardo, q̃ quem quizesse saber o amor, que Deos lhe tinha, olhasse em sy o amor que tinha a Deos, & que quanto este fosse mayor, mayor seria aquelle: *Anima scilicet, ex eo quod se diligere, & vehementer diligere sentit, etiam diligi nihilominus vehementer non ambigit*; naõ porque possamos igualar aquelle infinito amor de Deos, que he sem algum limite; mas porque, a nosso modo de dizer, naõ fazemos por Deos fineza, que elle logo por nòs naõ faça: conforme nelle se derramão as labaredas do nosso amor, assim os incendios do seu se ateão por nossas entranhas.

Ad Galat. 6. 14.

Zach. 1. 3.

Saõ Bern. tom. 1. Ser. 69. sup. Cant. ad fin.

nhas. Esta èra a razaõ, porque dizia David, que nos chegassemos a Deos, para que nos allumiasse: *Accedite ad eum, & illuminamini*; pois era certo, que com elle se nos acendesse o coraçaõ, & ardessemos dentro de nòs, ou dentro no mesmo Deos, a quem temos no centro d'alma.

Psalm. 33. 6.

Convem pois fechar a porta ao mundo; entrar, & chegar para dentro; porque dentro de nòs está o Reyno dos Ceos: *Regnum Dei intra vos est.* Imperios, & Monarquias, que não caducão, nem se acabão, á maneira do corpo fisico, se achão em hũ só passo, que para os bons he de Rey, & para os máos, de riso: todo os passos, que isto custa, dentro de nòs mesmos se dão, caminhando pelo entendimento, & torcendo pela vontade; se ella não quer, & elle tem forças, levese a rastos a vontade a ver o que diz a memoria das perfeiçoens, & amor, & de seus grandes beneficios: peite esta o entendimento, para que converta a vontade; digalhe por quem se perdeo, gabelhe a Deos, fallelhe em Deos, para que delle se affeiçoe, pois não tem a vontade humana outro nenhum casamenteiro, mais que este nosso entendimento: não ande o discurso vadío, nem vagabunda a discriçaõ; não seja praça para hum cégo todo esse imperio do alvedrio; não se queixe a misericordia, de que nos deu em vão a graça; não se irrite mais a justiça, de que com o perdaõ cresceo a culpa: porèm se a razão dos homens anda tão ociosa, que nada faz; tão aleijada, que não dá hum passo; tão tonta, que não enxerga a luz, com que Deos a allumia; tanto sem prestimo, que não quer abrir a vontade aos fastios d'alma, & do espirito, que muito he, que a nossa vontade esteja com huma mão sobre outra, preza na sua froxidão, atada no seu embaraço, & morta à falta de hum aviso? De nenhũa outra cousa nascem estas preguiças da vontade, senão de não cuidarmos muito no que haviamos de querer muito, desejar mais, & buscar sempre, que he nosso Deos, nosso Creador, & todo nosso bem.

Luc. 17 21.

O mortaes: como se ha de aquentar ao fogo, quem se não chega a elle? Como hade chegar á India, quem para lá não parte? Com a não, que no porto está surta, quem faz a boa viagem sem largar as velas ao vento? Com a setta, que está na aljava, quem dirá, que fez bom tiro, sem a pôr no arco primeiro? Como poderá matar a sede com estar perto da fonte, quem não chega a beber nella? Como póde estar verde, & dar fruto a vara, que está cortada da vide? Fogo he o amor de Deos, se a

elle não chegamos, como havemos de aquecer? Nossa India he o Ceo; & como chegaremos lá, se nos não pomos a caminho? Vento favoravel he cada inspiraçaõ do Espirito Santo; & que nos importarà este, se estivermos sobre as amarras, & o não recebermos nas velas, que saõ as disposiçoens da vontade? Setta he o nosso amor; & que tiro farà este a Deos, se o não puzermos na Cruz, que he o arco, com que se tira do mundo, o que poem no Ceo a mira? Vide he Christo Senhor nosso, & nòs varas desta Vide *Ego sum vitis, vos palmites, &c.* como poderemos ter vida da graça, & dar frutos de boas obras, estando divididos de Christo? Os amigos de Deos haõse com elle, como as varas com a vide: as varas da vide não dão fruto, nem crescem, senão atrahem a sy o humor, & suco da sepa: os justos não fazem boas obras, se da graça de Deos não atrahem a sy o amor, & as virtudes, que Deos lhes communica, de que procedem as boas obras aceitas a Deos, porque nascèraõ de Deos, donde todo o bem procede. Para esta virtude de atrahir he necessario não só chegar muito, mas unir de todo: para chegar perto de Deos, basta deixar o mundo com seus vicios, & vaidades; mas para unir com elle, he preciso deixarnos a nòs mesmos em hũa perfeita negação de todas as nossas vontades, que saõ o nosso interdito, & o nosso impedimento. Todos, ou sejamos bons ou màos, somos varas desta vide da vida: varas, q̃ florecem, & dão frutos, saõ os bons, que a ella estão unidos; os màos, varas saõ cortadas, q̃ se secão na obstinaçaõ por cortadas, & apartadas do tronco, que naõ servem mais, que para o fogo do inferno, como diz o mesmo Senhor.

Joan. 15. 5.

Joan. prox.

Tem o fogo calor; tem a neve frieza; mas para que a lenha arda, ou a mão se esfrie, he condiçaõ necessaria, o chegar a elles; sem a qual, nem a neve esfria, nem queima o fogo, por vizinhos, que estejão: sem os meyos, conforme a razão natural, ninguem póde chegar aos fins: fim do homem he Deos, que para sy nos creou; & o amor de Deos he o meyo de poder chegar a este fim, & os mais, que a Fè, & as Escrituras nos aconselhão, & nos mandaõ: se pois os desprezamos, como chegaremos sem meyos ao fim? Querer pela estrada do inferno fazer o caminho, & jornada do Ceo, he nova culpa da malicia, q̃ intenta por todas as vias introduzir o desatino, & authorizar o nosso engano: se parece aspera a subida, que nos leva ao monte da gloria, não nos pareça tambem aspero o descer daqui para os infernos: escadas saõ as

crea-

creaturas para ſubir ao Creador, & eſcadas tambem ſaõ para deſcer aos abiſmos; neſtes viremos a parar, ſe pondo-as na noſſa cabeça, nos formos afaſtando de Deos, porque por eſcadas, que os pès não pizão, ninguem ſobe; & a Deos tanto mais nos chegaremos, & nos ſubiremos mais alto, quantas mais forem as creaturas, que metermos debaixo dos pès; porque ainda dos meſmos vicios, & peccados, diz Santo Agoſtinho, fazemos eſcada para a Deos ſubir, quando debaixo dos pès os metemos: *De vitijs noſtris ſcalam nobis facimus, ſi vitia ipſa calcamus.*

Aug. tom. 10. Serm. 176. de tép. in fin.

Cheguemonos pois, ó mortaes, cheguemonos mais a Deos. Reſoluçoens com detenças ſaõ viſtas com embargos, ſaõ finezas com interdito, ſaõ tençoens excommungadas, que não chegão a ſagrado: ſaõ acçoens, que naõ ſe poem em juizo, appellaçoens ſem dia de apparecer, & que ſe não podem ſeguir, porque ſe deitáraõ de parte: he em fim toucar a malicia com os enfeites da diſculpa; mas he afear a razaõ com o toucado da maldade, & deſcompor o deſengano com as feiçoens do mào coſtume: *Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis.*

## GOLPE XXIV.

*Videte vocationem veſtram, fratres, quia non multi ſapientes ſecundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles: ſed quæ ſtulta ſunt mundi elegit Deus, ut confundat ſapientes: & infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia: & ignobilia mundi, & contemptibilia elegit Deus, & ea quæ non ſunt, ut ea quæ ſunt deſtrueret: ut non glorietur omnis caro in conſpectu ejus.* 1. ad Corinth. 1. 26.

Como ſe hão de vencer os tres inimigos d'alma com o ter, com o ſaber, com o poder, que ſaõ as armas com q̃ nos fazem guerra.

## GEMIDO XXIV.

CHamanos Deos, chamanos o mundo, a carne, & o demonio; o demonio com as artes do mundo, o mundo com o poder do demonio, a carne com as nobrezas do ſeculo; & Deos com o deſprezo de tudo iſto: ſe fazeis por ſerdes mais nobres, ides donde a carne vos chama; ſe fazeis por ſerdes mais poderoſos, ides ao chamado do mundo; ſe vos canſais naquellas artes, donde nada de Deos ſe aprende, & menos ſe enſina de

Deos,

Deos, ſeguis o bando do demonio; & ſe nada diſto ſeguis, ides por onde Deos vos chama. Veja agora cada hum na ſua vida, no ſeu eſtado, & no ſeu caminho, que caminho leva, q̃ eſtado tem, q̃ vida procura, & logo ſaberà ſe faz, o q̃ Deos lhe mãda, ſe o que o mũdo quer, ſe o q̃ a carne buſca, ſe o q̃ o demonio pertende: ſe faz o q̃ lhe manda Deos, bẽ encaminhado vay; ſe o q̃ quer o mũdo, muito ſe aparta de Deos; ſe o que buſca a carne, muito ſe chega ao demonio; ſe o que o demonio pertende, direito vay para os infernos: naõ ſe pòde iſto duvidar, pois ſabem todos, que o mundo, a carne, & o demonio, não ſó ſaõ inimigos d'alma, mas tambem do meſmo Deos: ſe pois vos meteis na cama com voſſos inimigos, que eſperais, que vos aconteça? Se não vos pondes contra Deos, mas ſervis a ſeus inimigos, que premio de Deos eſperais? Oh laſtima grande! oh cegueira mayor! oh pertinacia indeclaravel! que eſteja vendo hum peccador, que a carne o prende, que o mũdo o engana, que o demonio o leva, & no meſmo tempo por ſua livre võtade ſe meta na prizão, fuja ao deſengano, & buſque o precipicio! Jà ſe ouvera algum homem taõ barbaro, & tão ignorante, que pelos deleytes da carne eſperàra as glorias do eſpirito, pelas grãdezas do mundo, as bemaventuranças do Ceo, & pelas artes do demonio, as amizades com Deos, não fora muito, eſtudar muito neſtas grandezas, & deleytes: mas ſe nenhum dos ignorantes ignora, que tudo iſto he mào, como ſe perſuade, q̃ ha Deos, ſe naõ teme, q̃ o caſtigue? como o tem em cõta de bõ, ſe naõ ſe aparta de ſer máo? & como cre, que ha outro mundo, ſe ſó ſe deſvela por eſte?

Que caya a fragilidade hũa hora, que erre o noſſo engano alguns dias, que dure a cegueira alguns annos, andar, mào he; mas he miſeria que herdamos na primeira culpa: mas que paſſem dias, & annos, hũa idade, & outra idade ſem darmos á emenda hum ſó dia, ſem lembrarnos da noſſa perdiçaõ; oh que malicia jà caſada com a ſua condenaçaõ! Homens cegos: homens perverſos, onde trazeis o entendimento, & onde puzeſtes a vontade? A muitos fez Deos ſabios, a muitos, poderoſos, a muitos, nobres, mas nem a nobreza, nem o poder, nem a ſabedoria do ſeculo, foy o fim para que Deos os fez; felos para o ſervirem, & para ſe ſalvarem, & em ſe deſviando deſtes fins, tudo o que finge a carne, tudo o que promete o mundo, tudo o que inventa o demonio, he conhecida perdiçaõ. Fez Deos os Reys, fez Deos os ricos, fez os poderoſos, & ſabios, aſſim como

mo fez os ignorantes, humildes, pobres, & pequenos; & tanto lhe custàraõ huns, como outros: mas nenhuns fez para outro fim, que para honra, & gloria sua; & esta lhe daràõ no inferno, os que lha naõ derem no Ceo, nem lha derão no mundo; porque o que se não paga à sua misericordia, pagase á sua justiça. Bom he ser Rey, bom he ser sabio, bom he ser rico, & poderoso: pois poderoso foy Joseph no Egypto, & salvouse: rico foy Zacheo, & foy bom: sabio foy Daniel, & foy justo: Rey era David, & foy Santo: mas se os Reys usaõ mal do officio, como Saul; se os sabios, da sabedoria, como Salamão; se os ricos, da fazenda, como o Avarento; se os poderosos, do poder, como Balthasar; como serà possivel, que seja o fim, para que Deos vos criou, o imperio, que foy tirania? a sabedoria, que se fez ignorancia? a riqueza, que se tornou avareza? & o poder, que se fez vangloria? Pelo reynar, pelo saber, pelo ter, & pelo poder vos chama Deos muitas vezes; mas se no Reyno naõ servís a Deos, senão ao mundo; se na sabedoria não seguis a Deos, senão ao demonio; se na fazenda naõ buscais a Deos, senaõ a carne; se no poder naõ dais gloria a Deos, senão a vòs; como cuidais, que com o poder podereis salvarvos? que com o que tendes, comprareis o Ceo? que com o que sabeis, sabereis morrer? & que com reynar, reynareis na gloria? Chama-vos Deos pelo Ceo, mostrandovolo todos os dias, para que façais por ir là: chamavos pela terra, lembrandovos, q̃ brevemente nella vos haveis de tornar: chama-vos pela agua, advertindovos, que vos bautizou: chamavos pelo ar, dizendovos que delle depende a vossa vida, & que em vos faltando, espirais: chamavos pelo fogo, advertevos com suas chamas, que se prepàraõ para a vossa pena; & nada disto nos desperta, a nada lhe damos ouvidos.

O' homens, que tendes juizo: ó peccadores, que o naõ tendes: mais surdos às vozes de Deos, que os vizinhos do rio Nilo, que não ouvem o seu estrōdo; ouvi as palavras de Deos, & vede a vossa vocação: vede, que nem viestes ao mundo para ser Principes, sabios, ricos, & poderosos, ainda que no mundo o sejais por nascimento, ou por fortuna; viestes para vos salvar, & para honrar ao vosso Deos. Quem guarda a sua ley, o honra, & se salva; quem lhe tem amor, só o estima; quem deixa peccados, o busca; & qualquer, que o deseja, o tem: vede, que hão de vir dias, em que vejais aos pequeninos, aos desprezados, & afrontados meterVos debai-

xo

xo dos pès, triunfar de vós, & do mundo, & ir reynar no Ceo para sempre. Quem saõ estes, direis entaõ, de quem zombavamos no mundo, & agora os vemos coroados, como filhos do mesmo Deos? Elege Deos as cousas vís, & desprezadas, as pequenas, as mais fracas, as menos nobres, para confundir com ellas os sabios, destruir os fortes, abater os poderosos, & anniquilar os mayores. Quem visse a estatua de Nabucho, como se persuadiria, que hũa pedrinha pequena derrubaria aquella maquina taõ robustamente poderosa, & soberba? Quem visse a torre de Babel, como havia de imaginar, que a sua mesma confusaõ começaria a destruilla? Quem olhasse a hera de Jonas, como lhe havia de parecer, que hum gusanito desprezivel a secaria tão depressa? Quem visse o templo de Diana, como havia de presumir, que hũa faisca desprezada seria seu total estrago? Desfizeraõse em pó, & cinza os muros, & torres, piramides, que erão maravilhas do mundo, rodárão os Collossos de Rhodas, cahírão as estatuas dos Cesares, & descendo aos infernos as almas, estaráõ no eterno horror daquelle abismo todo o sempre dos sempres: & isto mesmo ha de succeder a quem pelas glorias humanas despreza a vontade divina.

Dan. 2. 31. &c.

Genes. 11. 4. &c.

Jon. 4. 7. &c.

Ao contrario succede àquelles, que seguem os passos de Christo, desprezando os gostos da carne, as vaidades do mundo, & as mentiras do demonio, não usando mal desta vida, & aceitando as inspiraçoens, com q̃ Deos por todas as cousas nos mostra nossa vocaçaõ. Ergueràõse da beira do mar, levantàraõse do pò da terra huns pobres pescadorinhos, & homens-zinhos desprezados, & arrebatando a Deos os Ceos, puzerão os pès sobre o mundo, subírão ao celeste Reyno, & postos nos thronos da gloria, saõ Principes da eternidade, & hũa mesma cousa com Christo. Essoutros q̃ estimava o mũdo, & estima hoje a vaidade por oraculos da vangloria, por exemplares da grandeza, & por idéas da fortuna, reduzidos a pouca terra, em que começa o ser humano, cá deixàrão quanto tiverão, levando só cõsigo para aquelle carcere eterno o peccado para nunca mais, & o castigo para todo sempre: sepultados eternamente em huma vida, que sempre morre, em hũa morte, que sempre dura, gemeràõ sem remedio, arderàõ sem alivio, & padeceràõ sem fim.

O' mortaes, se naõ podeis vencervos, se naõ tendes temor a Deos, se não sabeis salvarvos: que sabeis? que tendes? ou que podeis? Com todo o vosso poder,

der, ſem a graça de Deos não vos podeis ſalvar; com tudo, quanto o mundo tem, ſe naõ tiverdes dôr de ter offendido a Deos, he ſem duvida o condenarvos; com tudo, quanto ſabeis, ſe não ſouberdes amar a Deos, infallivel he o perdervos: caſtigarvosha Deos, deſtruirvosha, confundirvosha com o meſmo, que deſprezaveis. Soberbo com o ſeu poder deſprezava Holofernes naõ ſó os muros de Bethulia, & todo poder de Judèa, mas ao meſmo Deos de Iſrael; & hũa mulher fraca por natureza, ſem outras armas, mais que a oraçaõ, & fermoſura, dentro não ſó da ſua guarda, mas de todo o ſeu meſmo exercito, lhe cortou a cabeça com a ſua meſma eſpada. Ao breve eſtralo de hũa funda cahio aquelle Filiſteo, aquelle Gigante ſoberbo, que eſtremecia os montes, aſſombrava os valles, ſegava exercitos, & arruinava Cidades; & quem com os olhos do mundo via a Golias, que caſo faria de David? Quem olhava para Holofernes, que medo teria a Judith? E em q̃ veyo a parar eſte deſprezo, & aquella arrogancia, ſenão em moſtrar Deos aos homens, que os meſmos deſprezos da culpa, eraõ inſtrumentos do caſtigo? que o que parece não ter ſer, nem ter valor, ſaõ as armas com que apea a ſoberba? Aſſim tambem nas outras couſas: quem viſſe o rico Avarento banquetearſe, & recrearſe com taõ eſplendido deleite, que enveja teria de Lazaro? Quem olhaſſe para Salamão no throno de ſua grandeza, & no auge da ſabedoria, que ſe lhe daria de Amòs, que era hum paſtor ruſtico, & ſimplez, ainda que allumiado de Deos? parecerlhehia, que no mundo naõ havia mais que deſejar, que a ſabedoria de Salamaõ, & o regalo do Avarento: mas logo que chegaſſe a ver, que o rico ſe perdeo, & que Salamão deixou em duvida o ſalvarſe; que duvida ha, que antes quizera ſer Amòs, & que mais deſejàra ſer Lazaro? antes pobre como hum, & ſimplez como o outro; que rico, como não importa, & ſabio, como não aproveita? Se pois, ó mortaes, o poder vos aparta de Deos, apartaivos do que podeis. Se o ter mais vos tira do Ceo, tiraivos com a caridade dos bens, que poſſuís em vaõ. Se o que ſabeis vos mete no inferno, meteivos por dentro de vós, & não ſaibais mais q̃ de Deos: mas ſe o ſaber vos naõ dana, ſe o ter vos naõ faz mal, ſe o poder vos não precipita, uſai de tudo muito embora, que de tudo podeis uſar ſenão fizerdes peccado; & o peccado he ſó, quem faz mào tudo o mais, que ſem elle he bom para que o mundo ſe conſerve; pois em todos voſſos eſtados he certo, que po-

Judith 6.1. &c.

1.Reg. 17.49.

Luc. 16.19.

Amos 1.1.

podeis servir a Deos, ter amor a Deos, & saber de Deos. Sabei, pois, o que vos importa, sabendo a vossa vocaçaõ: tende o que vos convem, tendo temor de Deos: podei comvosco alguma cousa, vencendo vossos appetites; porque se amardes a Deos, quanto podeis com sua graça, todo o poder do mundo vos não fará mal: se o amardes quanto souberdes, não vos confundireis pela arte do diabo: & se derdes por seu amor quanto tendes de vosso, entaõ ficareis mais ricos; porque todo o ter, todo o saber, todo o poder, que não he com Deos, por Deos, & para Deos, nem he ter, saber, nem poder; mas antes mayor pezo, que humilha, abate, & derruba os ricos, sabios, & poderosos no mais profundo lugar dos infernos: por isso a todos diz Saõ Paulo, que vejaõ a sua vocaçaõ: *Videte vocationem vestram fratres, &c.*

---

## GOLPE XXV.

*Multi sunt vocati, pauci verò electi.* Matth. 20.19.

Mostraõse ao peccador as razoẽs, porque saõ muitos os chamados por Deos, & poucos os escolhidos.

### GEMIDO XXV.

Salvãose poucos, & perdemse os mais dos homens do mundo, porque os bons saõ raros, & os máos saõ infinitos: *Stultorum infinitus est numerus.* Assim como das cousas mais preciosas da arte, ou da natureza he menor o numero, & das peyores mayor a multidaõ; assim o numero dos perversos, que he vil canalha do demonio, he muito mayor sem comparaçaõ, & menor o dos escolhidos, que saõ preciosas obras de Deos, & da sua graça. Assim como entre as arvores, as menos daõ bom fruto; entre as flores, as menos cheirão bem; entre os metaes, he menos o ouro; entre as pedras, os diamantes saõ raros; entre os homens, os Reys saõ poucos; & entre os artifices, os pintores, & escultores bons saõ pouquissimos; porèm mais nobres sem comparaçaõ estes, que os mais artifices, os Reys, que os outros homens, os diamantes, que as outras pedras, o ouro, que os outros metaes, as rosas, que as outras flores, & as palmas, que as outras arvores: assim os bons saõ menos, porèm valem mais não só diante de Deos, mas tãbem tarde, ou cedo na estimaçaõ dos homens. Sendo pois taõ poucos os bons, & sendo tantos os màos, que muito he, q̃ quasi todos, diga eu agora, que se perdem? Atè nos temporaes castigos mostrou Deos, que eraõ sempre raros os que escapavaõ da sua ira; porque eraõ estes figura,

Eccles. 1.15.

gura, & retrato da condenação eterna; & tambem os poucos, & bons, que escapavaõ, eraõ figura dos outros poucos, & bons, que do inferno escapariã^. Castigou Deos o mundo com o diluvio, & perdendo-se todo o mundo, só oito almas se salvàraõ na arca de Noé: *Octo animæ salvæ factæ sunt*; porque era Noè justo, & perfeito: *Noe vir justus atque perfectus, &c.* De seiscentos mil homens de armas, fóra mulheres, & meninos, com que Moyses sahio de Egypto, só duas consta da Escritura Sagrada, que entráraõ na terra de Promissaõ, figura do Ceo, que forão Josuè, & Caleb, varoens perfeitissimos em fazer a vontade deDeos inteiramente: *Pater Caleb filium Iephone Cenezæum, & Josue filium Nun: isti impleverunt voluntatem meam.* De toda a terra de Sodòma, & suas vezinhas, que o fogo fez em pó, & cinza sepultando-as no inferno, não escapou mais que Lot com a gente de sua casa; porque Lot temia a Deos. Daquella total assolaçaõ de Jericò só Rahab por ser fiel escapou salva: *Fide Rahab meretrix non perijt cum incredulis.*

1.Petr. 3.20. Genes. 6.9. Num. 32 12. Genes. 19. 1. &c. AdHebr.11. 31.

Mas deixando exemplos antigos, vamos ao que hoje estamos vendo: a Fé nos ensina, que todo aquelle que não cre em Deos, se perde; & tambem aquelles, que tem Fè, se lhes faltaõ boas obras: *Fides sine operibus mortua est*; porquè Fè sem obras, he Fè morta, corpo sem alma, sombra sem corpo, fogo sem calor, lume sem luz, & arvore sem fruto: & perguntando Santo Agostinho, quaes saõ os inimigos de Christo, & da sua Igreja, responde, que saõ os Pagoens, Turcos, Mouros, & Judeos; & muito peyores que todos, os máos Christãos: *Qui sunt inimici Ecclesiæ? Pagani, Iudæi: omnibus peius vivunt mali Christiani.* A experiencia nos mostra, que nas quatro partes do mundo se perde toda Asia, quasi toda Africa, a mayor parte da America, & naõ pouca da Europa: não nos admira ouvir dizer, q̃ se perde o Mouro, o Turco, o Barbaro, o Gentio; & admiranos muito, que se diga, que os máos Christaons se perdem, sendo peyores, que os Gentios, Barbaros, Turcos, & Mouros? O mortaes: Deos a todos chama, a poucos escolhe, escolhe os bons, & reprova os máos: são poucos os bons, os máos, quasi todos; & por isso estes saõ reprovados, & aquelles escolhidos de Deos: assim como para fazer o edificio muitas pedras se trazem, & as que se reprovaõ, he depois que não servem; assim a todos traz, & chama Deos para o edificio eterno da celeste Jerusalem: a todos, q̃ em fim somos pedras por dureza do coraçaõ, traz o Senhor com sua misericordia, a

Jacob. 2.17. & à n. 14. Aug. tom.8 in Ps. 30.V. super omnes inimicos meos.

todos quer arrancar da terra, donde estamos metidos; hũas quebramos antes, que nos tirem; outras sahimos inteiras, & nos deixamos lavrar; outras duras, que o não consentem: as melhores pedras saõ escolhidas para coroar a obra, as outras, senão servem, perdemse; não porque a escolha de huns fizesse reprovar os outros, mas porque huns tiverão prestimo, & serventia, & os outros o não quizerão ter: estes, ou não servírão, ou não perseveràraõ depois que na obra forão metidos; que foy o mesmo, que cahir depois de póstos no edificio, & naõ se tornar a levantar: aquelles perseveràrão, ou se cahírão, levantàrãose. Quẽ pois quizer ser escolhido, seja bom, faça por isso, viva melhor, & siga as pizadas de Christo; não porque esteja nas nossas forças o justificarnos; mas porque não nega Deos a sua graça a quem faz o que póde por seu amor: & quão impossivel he salvarse alguem se morrer em peccado mortal, ainda que dantes fosse justo; tanto he impossivel, que acabando em graça, se perca, ainda que haja sido o mayor dos peccadores.

Se pois, ó mortaes, os q̃ estais em peccado, não sois pedras do edificio espiritual; senaõ servis a Deos; se não fazeis por ser dos bõs, & para bem dos melhores, como sereis dos escolhidos? Se a vòs mesmos entre os metaes vos derão a escolher, escolhereis a prata, & ouro: se entre as pedras preciosas, quãto mais entre os toscos seixos, lançarieis mão dos diamantes: se entre as flores, da rosa, q̃ he a senhora dellas: se pois vos inclinareis ao ouro, por ser o melhor dos metaes; ao diamante, por ser a melhor das pedras; á rosa, por ser a melhor das flores; que offensa vos faz Deos em escolher os justos, que saõ os melhores homens, ainda que estes sejaõ os menos; pois tambem saõ menos os diamantes, menos o ouro, as rosas menos? Pouco he tudo, o que he bom; raro, o que he melhor. Poz a arte, & a natureza no raro a mayor perfeição; & por isso a razão humana, namorada de seus primores, poz nelles a mayor estima. Infinitas saõ as Estrellas, mas menos illustres, q̃ o Sol, porque só lustra mais, que todas; & juntas todas as Estrellas, naõ só não luzem como o Sol, mas mendigãolhe as suas luzes. Quasi infinitas saõ as aves, porèm nenhuma como a Feniz, mais nobre, & que todas as outras na pompa da sua grandeza, das plumas, fórma, & figura. Innumeraveis saõ os brutos, mas nenhum, como o Leão; cuja regia ferocidade com fereza magestosa se coroa só entre as feras, & se faz respeitar de todas: deu a estes a natureza esta notavel

Tacit. in v a Claud.

vel preferencia, porque naquella perfeiçaõ, com que a todos os corcou, lhes deu realces mais sublimes, & primores mais excellentes: & por isso os Leoens saõ raros, a Feniz unica, & singular o Sol, na republica dos brutos, na monarchia das aves, & no imperio das luzes. Nas obras da arte he o mesmo. Que pinturas se poem nas casas dos Principes, se não saõ raras? as vulgares, quem as estima, senão o povo miseravel, que não pòde ter o melhor? Assim tambem o demonio tem o que póde ter, que sempre he o peyor. Aquellas copias mais insignes, que sahírão do original de Deos, no seu palacio se guardão; saõ poucas, a respeito das muitas, que ficando de mortal cor nas sombras da culpa, & nos longes da pena, Deos lhes deu só huma demão, antevendo que os mesmos homens com a tinta negra da culpa lhe havião de escurecer, & desfigurar a sua imagem, quando a mentira deste mundo lhe metesse melhor as cores.

Se pois saõ tantos, ó mortaes, os que saõ màos: se o ser mào he cousa vulgar: se o vulgar he de menos estima: deixay de ser o que sois, sede o que deveis ser; & sede dos poucos, & dos raros, que mais não seja, que por não ter valor da parte dos muitos; sede dos melhores, sereis dos escolhidos: na vossa mão está querer a Deos, ou ao mundo, porque a vontade he livre; & ainda que o peccado a tem preza, se chamardes por Deos: q digo? se ouvirdes a Deos, logo vos livrareis, pois para vos escolher, vos chama; & não ha outro impedimento, para que vos escolha, mais que naõ quererdes ouvillo: não reprova Deos a nenhum, senão por máo, & impenitente; não escolhe a nenhum, senão por bom, ou porque havendo sido mào, ou podendo-o ser, o não he já. Se pois a mayor parte dos homens não quer a Deos, & quer ao mundo; que muito, que a mayor parte delles se perca? Naõ se admirão os homens de dar Deos os Reynos a taõ poucos, como saõ os Reys da terra a respeito dos outros homẽs, que naõ saõ fieis; & admiraõ-se de que dè a poucos o altissimo Reyno dos Ceos? Se no mundo sahio máo hum Rey, desejaõ tiralo do mundo, não o sofrem, ou o sofrem mal; & querem, que aos que saõ máos, pessimos, torpes, & perversos, sofra Deos, q̃ he a summa bondade, sendolhe taõ incompativel a malicia dos peccadores, q̃ he força, que aparte de sy, & deite à sua mão esquerda esta tão baixa multidaõ, que por fea, & aborrecivel, por vil, infesta, & asquerosa não entra no Paço da gloria; naquelle sublime lugar, que não consente dentro

em ſy o mào cheiro dos peccadores, o traje eſtranho do peccado, a peſte, & lepra da culpa.

O' homens, nenhum de vòs ſe admira, de que ſeja menos entre os metaes o ouro, entre as pedras, os diamãtes, entre as arvores, as palmas, entre os homens os ſabios, & entre os enfermos, os Medicos, & entre todos, os Principes; & aſſombraiſ-vos muito, de que ſejaõ menos, os que ſe ſalvão, & mais os que ſe perdem? Sabem, que naõ ha outra cauſa para ſe condenarem, ſenão ſerem màos; & admirão-ſe de ouvir a ſentença, & não a culpa? aſſombrão-ſe de ſabela, & não de remediala, ſendo-lhes a todos tão poſſivel? Contenta-ſe Deos com pouco, para ſe ſatisfazer. Impio, & peccador entrou o Publicano no templo, & ſahio juſtificado; & que fez eſte homem para tão grande mudança taõ em breve? com que contentou a Deos eſte homem? Com hum bater nos peitos, com hum abrir de boca na confiſſaõ, com hum abaixar de olhos no arrependimento: hũa palavra, que he hum pouco de ar articulado, baſtou para David: hũas lagrimas, que ſaõ pingas de agua, que o coraçaõ deſtilla, ſobejárão a Saõ Pedro: com hum ſuſpiro, que he huma reſpiraçaõ menos, ou ſoluço mais, ſe faz todo eſte caſto; & que ainda aſſim naõ queiramos comprar a Deos o ſer eſcolhidos por hum ſuſpiro d'alma, que he ar, por huma palavra, que he vento, por hũa lagrima, que he agua, & por tudo o mais, que he nada, em comparaçaõ do que damos pela perdiçaõ! pois que muito, ſe fazemos tão pouco pelo em que nos vay tanto, que ſejamos todos chamados, mas poucos os eſcolhidos?

Luc. 18.13. &c.

2. Reg. 12.13.

Luc. 22.62.

Não ſe pòde o ferro fazer ouro, nem o ſeixo, diamante, nem o carvalho, cedro, nem as Eſtrellas, Sol, nem as aves, Feniz, nem os lobos, leoens; mas os máos fazeremſe bons, os peccadores, juſtos, & os impios, juſtificados, facil he com a graça de Deos, que a cada qual dá quanta quer; porque he como a fonte de aguas vivas, donde cada hum, conforme a vaſilha, que leva, traz a agua, que lhe parece: he como o fogo, que ſegundo a lenha, que lhe poem, aſſim arde: he como o Sol, que eſtá defronte, que quanto lhe abrem a porta, tanto entra para dentro; porèm ſe fechais a porta ao Sol, ſe tirais a lenha do fogo; ſe naõ levais à fonte o cantaro, que muito he, que fiqueis em trevas, que morrais de frio, & que pereçais à ſede? O que he Pintor, deſeja ſer hum Apelles; porque Apelles foy o mais inſigne Pintor: o que he Imaginario, ou Eſtatuario, deſeja

seja ser igual a Fidias; porque Fidias foy sobre todos o melhor Imaginario: o Legista quizera ser hum Bartolo: o Soldado hũ Scipiaõ: o Musico, hum Orfeo: o Medico, hum Galeno: o Valente, hum Hercules: o General, hum Cesar: o Rey, hum Alexandre; porque todos estes homens forão nas suas faculdades os mais venerados do mundo; fazendo por imitalos, para que quando naõ possaõ ter delles huns peitos, tenhaõ ao menos huns longes, & hũas sombras. Fazem todos quanto podem, por ser grandes Reys, grandes Soldados, grandes homens, bons Medicos, & bons Letrados, bons Musicos, & bons Artifices: porèm por serem bons Christãos; por seguir, & imitar a Christo, cujas copias saõ, cujas imagens veneraõ, cuja ley professaõ, cuja Fé defendem, cujos louvores cantão, cujo remedio esperão, cujas forças conhecem, a cujo Reyno aspirão, & de cujas merces dependem; isso de nenhum modo. Quizeraõ, os que saõ Theologos, saber como Santo Agostinho, mas não querem viver como elle; cansaõse por lhe imitar a ciencia, mas não por lhe imitar a vida: homens loucos, que vos aproveitará a ciencia de Santo Agostinho, se o naõ imitais nas virtudes, & tivereis consciencia de demonio; se nem a elle aproveitára, se não mudàra de vida? & com toda a sua ciencia, se lhe faltára o ser bom, fora como metal, que soa, & como scalha, que tine, & se perdèra finalmente com todas as suas letras.

Desenganaivos, mortaes, que nem os pinceis de Apelles, nem os instrumentos de Fidias, nem as leys de Bartolo, nem as artes de Scipião, nem a voz de Orfeo, nem a ciencia de Galeno, nem as forças de Hercules, nem a fortuna de Cesar, nem o animo de Alexandre, vos não podem dar o Ceo; senão só ser bons Christãos, não viver em peccado, & acabar a vida em graça. Os mais desses homens, que forão, & saõ celebrados por grandes no mundo, estão ardendo nos infernos, & arderáõ para sempre por toda a eternidade, sem lhes aproveitar cousa alguma tudo, o que tiverão no mundo, & tudo o que o mundo os estima; & vòs ireis acompanhalos na condenaçam, & castigo, se assim na vida, como na morte lhes imitares as vaidades, entregandovos de todo ao mundo, & fugindo sempre de Deos, que ha tantos annos vos chama, não para ficares no grande numero dos chamados, mas para passares, com a mudança da vida, ao pequeno dos escolhidos: *Multi sunt vocati, pauci verò electi.*

## GOLPE XXVI.

*Non veni vocare justos, sed peccatores.* Marc. 2. 17.

Declaráose os modos, com que Deos está chamando sempre os peccadores.

## GEMIDO XXVI.

AOs peccadores vim chamar, & não aos Justos (diz Christo Senhor nosso;) porque os enfermos, nam os saõs tem necessidade de Medico. Aos peccadores chama, aos peccadores brada, como fez no Paraiso terreal a Adam, logo que Adam peccou, & se quiz esconder a Deos, como se lhe fora possivel: tão proprio he do peccador fugir de Deos, & quererse esconder; como he proprio da divina bõdade querer logo reduzilo a brados, chamando por elle a vozes; pois, como se fora armonía, & não dissonancia o peccado, não se sabe das nossas fugas, sem que se ouça a voz de Deos. Chamou Deos finalmente a Adão, naõ porque ignorasse aonde estava, mas porque lhe reprehendia a soberba: *Non ubi esset, Deus ignorabat; sed superbum increpabat;* como se dissera: Peccador, aonde estás? estás no abismo do peccado; estás na minha offensa, na minha ira, na minha maldiçaõ; & podendo fugir de tudo isto com o arrependimento, es tão soberbo, que foges de mim; de mim te escondes? não te podendo esconder de minha presença, nem acima dos Ceos, nem abayxo da terra, nem no fundo do mar, nem nas entranhas dos abismos? Devendo tu buscarme para me pedires perdão; eu te busco, para perdoarte, & para te ensinar a buscarme! Fogesme, sendo eu o summo bem; & eu te busco, sendo o teu peccado a cousa mais aborrecivel, que póde haver para meus olhos! mas não olho em ti o peccado, que desse se apartão com ira os olhos de minha clemencia; olho a tua fragilidade, & olho para os meus beneficios, pois vejo, que te criei, & como obra minha te conservei. E quero em fim experimentar, o como aceitas, ou engeitas este favor, com que te chamo; não porque ignore a tua aceitação, ou obstinação, mas para que, se te converteres, vejas, que eu te chamei, & tive cuidado de ti primeiro, que tu o tivesses. E se teimares em tua cegueira; para que se justifique a minha ira, mostrandote, que te chamei, & que em me não quereres ouvir, quizeste, que eu, como rebelde te condenasse.

Genes 3. 9.

Aug. tom. 8. in Psa. 118 ÿ. increpasti superbos, concione 9.

O' mortaes, quaesquer, que isto ledes, isto vos diz a voz de

Deos,

Deos, por mais, que delle fujais. Vem-nos Deos a ver com seus auxilios; chamanos com suas inspiraçoens; & por mais longe, que andeis delle apartados pela culpa, anda a sua misericordia bradando atraz de vós, como quem se queixa, de que tendo-a taõ perto, nem com ella vos abraceis, nem vireis os olhos para ella; nem ainda della façais caso com hum pouco de respeito, com q̃ algum tempo confusos, & arrependidos lhe cortejeis as caricias, ou lhe agradeçais as piedades. Direis, que não entendeis bem a lingua, com que Deos vos falla; ou o modo, com que vos chama: pois ouvi, & sabeloheis. De tres modos, disse Panufio, como relata Cassiano, que Deos nos chamà: per sy, pelos homens, pela necessidade: *Primus ex Deo est, secundus per hominem, tertius ex necessitate.* Per sy, quando elle mesmo com sua voz nos chama; como fez aos Apostolos, & a meu Padre Saõ Francisco; ou pelas palavras do Evangelho, como fez a outros muitos Santos: pelos homens, quando por seu exemplo, & doutrina faz com que outros se convertão; como fez a Santo Agostinho por meyo de Santo Ambrosio: pela necessidade, quando com medo das penas do inferno converte os peccadores á emenda da vida, como tem feito a muitos:

Cassian. collat. 3.c.4.

os primeiros dous modos saõ melhores que o terceiro, quanto he melhor o amor de Deos, que o temor da pena; mas nem por isso todos os que forão chamados pelos primeiros dous modos, foraõ mayores Santos, que os que Deos chamou pelo ultimo: porque pouco importa principiar bem, se o fim naõ corresponde ao principio: pouco importa conhecer, que sois chamados, se em fazer por ser escolhidos fores preguiçosos: fazer alicerces de diamantes, & continuar o edificio com pedras toscas, fea cousa seria. Começar rio, & acabar regato; ter principios de aguia, & fins de ave nocturna; nascer cedro, & acabar pinheiro; amanhecer Sol, & pôr cometa; madrugar Rey, & anoitecer escravo, será infortunio, mas naõ se livra de infamia; será disgraça, mas não se isenta de culpa: mais he desmancho, que destino; & mais froxidaõ, que fraqueza. Que importou a Judas começar como Saõ Pedro, se acabou como Satanás? Que lhe aproveitou a Lucifer nascer a mais bella Estrella do Ceo, se a fermosura mayor, que ouve de Serafim, so trocou tão depressa na fealdade de hum demonio? E que mal fez a Saõ Paulo haver sido perseguidor de Christo, blasfemo, & impio contra Deos, se em hum instante de mudança chegou ao

cume mais levantado da Evangelica perfeiçaõ? E que importou a outros muitos Santos haverem sido grandes peccadores, se sendo chamados de Deos por qualquer modo, se passárão da morte á vida, do peccado á penitencia, & da culpa á graça; & perseverando nella, acabáraõ santamente? O que importa he, naõ fazer surdo, nem fiar em começar bem, perseverar he o que importa; pois só assim ha salvaçaõ.

Se pois não sentimos em nòs, que Deos nos chama per sy, nem pelas palavras do Evangelho, nem pelo exemplo dos homens espirituaes, nem por sua doutrina; vejamos ao menos; se nos chama pela nossa necessidade: vejamos se nos entristece o temor da morte; se nos sobresalta a representaçaõ do tremendo juizo; & se nos atemorizaõ as penas do inferno. E quem nada disto sente, nem se move com estas cousas, nem faz conta de se mover, senão para a tarde da vida, não faça conta da sua alma, que tarde se salvarà; aparelhese para os infernos, que Deos lhos tem aparelhados. Almas Christans, quereis, que desça Deos outra vez dos Ceos a dizervos, que deixeis o mundo, que largueis peccados, que emendeis as vidas? tanto o peitais vòs para isso? não o ouvis nos seus mandamentos? não vos contentais, do que vos diz pela Sagrada Escritura, que a Igreja nos seus Evangelhos vos repete todos os dias? pela vida do mesmo Christo, pela morte dos Santos, & pela vida do justos? Já vos não dais por satisfeitos, de que vos falle por terceiro, quando vos falla pelos homens, que com a vida, & conselhos, vos dizem como Deos vos chama? & atè por estes meus escritos, que com serem gemidos meus, saõ brados do mesmo Senhor? Oh que sinal taõ grande de condenaçaõ he o naõ cuidar hũ homem mais q̃ na vida presente! entristecerse, se ouve fallar na justiça de Deos, aborrecendo-a; fugir das lembranças de Deos, esconderse na obstinaçaõ, & fecharse na contumacia, esquecendose do seu fim ultimo!

Sinaes saõ infalliveis de reprobo, em quanto duraõ, tapar os ouvidos ao som, que nos fazem na alma os ecos da ultima trombeta, fechar os olhos às representaçoens da morte, fugir com o corpo às consideraçoens do inferno, perder o amor aos bẽs do Ceo, & os desejos da eterna patria, passar o dia sem cuidar em Deos, desvelar pelas vaidades, trabalhar por offender a Deos, buscar com sede os peccados, & depois gloriarse nelles: mas he tal a misericordia de Deos, que ainda às almas, que em

em ſy conhecem eſtes tão infauſtos ſinaes, & funebres prognoſticos da eterna perdiçaõ, com elles meſmos lhes falla pelo terceiro modo, & lhes brada rijamente aos ouvidos do coraçaõ, para que troquem a vida, & naõ façaõ às ſuas vozes orelhas de mercador. Os ſinaes de ſer eſcolhido, he temer, & tremer de Deos, pezarnos de havelo offẽdido, & fazer pelo não offẽder mais: quem iſto faz, entende a Deos, & conhece, que Deos o chama por todas ſuas creaturas; a todas ouve, & de todas ſe ſerve para fazer a vontade de Deos, & não apartarſe de ſeu querer; porque por todas nos falla Deos, & nos chama todas as horas. Nada ſuccede neſte mundo, que naõ ſeja hum perpetuo aviſo, com que o Senhor nos allumia; que naõ pareça hum memorial, que Deos nos mete cada inſtante; que naõ ſirva de deſpertador, que nos acorda a cada ponto: he doutrina do Eſpirito Santo cada afflicaõ da conciencia, cada fadiga, & golpe d'alma, cada illuſtraçaõ do juizo, cada dictame interior: hũa voz, cada inſpiraçaõ; hũa advertencia, os deſeſtrados ſucceſſos; & hum pregaõ os infortunios continuos. Dentro dos voſſos coraçoens, quando andais lõge mais de Deos, vos moſtra elle, que vos chama com o que ſuccede em vós meſmos; as voſſas proprias conciencias ſe eſpedaçaõ dentro de ſy, reprehendendovos dentro de vòs a voſſa propria maldade; & a voſſa meſma obſtinaçaõ vos diz, que andais fóra de vós; parece, que os meſmos vicios, & peccados querem ſer voſſos Prègadores, porque lhes não culpeis o engano, com que vos cegàraõ os olhos, pois logo vos moſtrão tambem, que vos ferem o coraçaõ; prègaõvos os meſmos peccados, & aviſaõ-vos os meſmos vicios com o pouco, que ſaõ de dura, com a torpeza, com que ſe gozaõ, com o ſegredo, com que ſe fazem, com os caſtigos que padecem, & com as eternas penas que vos grangeaõ.

Se pois, ó peccadores, não ſois penedos, jà que fugis de ouvir a Deos, ouvi voſſos meſmos peccados, cuiday bem no que vos promettem, & reparai no q̃ vos deixaõ. O erro, que vẽ em traje de acerto, deſculpa deixa a quem lhe faz corteſia; a peçonha, que ſe disfarçou em manjar, fez diſgraça, & naõ delito á ignorancia, que ſe enganou com elle: o aſpide, que ſe diſſimulou em flores, deſacautelando hum ſentido, tambem diſculpou hum engano: mas depois que o erro ſe deſpe de todo o disfarce, que o fez deſconhecido; depois que os males apparecẽdo com o ſeu caraõ, nos moſtraõ quam mà cara tem, & quam máo roſto nos fazem, na-


mo-

morares vos delles, que disculpa poderá ter? Chegar ao precipicio, & cahir nelle, não o sabendo, he mofina da desatenção; mas buscalo, depois de vello, ou he pertinacia do animo, ou desesperação da malicia, ou locura da razão. Se pois necessariamente haveis de ter arrependimento dos vossos erros, ou nesta vida, ou na outra; por ser o arrependimento pensaõ inquitavel, que paga todo o erro; seja antes nesta vida, para servir de cautela ás recahidas; pois he primor de entendidos não fazer cousa, de que hajaõ de arrependerse; & com isso evitares a eterna perdiçaõ, dando gloria ao Senhor, que testifica que não veyo a este mundo chamar justos, mas peccadores: *Non veni vocare justos, sed peccatores.*

## GOLPE XXVII.

*Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum.* Ad Galat. 6. 10.

Como se não ha de perder tempo algum em obedecer aos brados, & chamamentos de Deos: & dos males da dilaçaõ.

## GEMIDO XXVII.

HUm só dia, que percão de monção as náos, que vão para a India, não só se arriscão a chegar mais tarde, mas a perderse na viagem: mais se navega como convem em hum só dia com vento em popa, & mar bonança, que em hum mez com tempos contrarios. A occasiaõ, que dà a fortuna em hum dia para alcançar vitoria, passado elle, não se acha outro em muitos annos: saõ irremediaveis as perdas do tempo; porque ao tempo perdido, ainda que se não percão as saudades, perdemse as esperanças de recuperalo: tudo consiste em hum ponto, & he necessario estar á mira para se não errarem os pontos: por isso se erra o tiro, porque tambem o ponto se erra: & esta he a razão, porque não sam para os froxos, nem para os descuidados os bens da graça, & da fortuna; hũ descuido os larga, quando lhe vão à mão; hũa froxidão os perde, quando se lhe vão por pés.

Simbolizavão os Egypcios as obrigaçoens do reynar em hum olho esperto, & vigilante sobre a ponta de hum bastão agudo: olhos, q̃ não perdem o sono sobre a aguda ponta da culpa; olhos, q̃ se deixão dormir sobre os riscos da conciencia, não saõ dignos do Reyno do Ceo: almas, que não estão à espera dos favores, que Deos lhes faz; que não vigião sobre sy, saõ sintinellas perdidas, que não tem quartel na justiça, ainda que o achem

na

na piedade, & na misericordia. Bemaventurado chama o Senhor àquelle servo, a quem achar vigiando, quando lhe bater à porta: abrir a Deos, quando nos bate á porta, he sahirlhe ao encontro, & recebelo para dentro quando nos busca; parece fineza do amor, & he cento por hum do interesse: buscalo depois de aggravalo não lhe abrindo, ou deixando-o ir, he arriscar a não achalo, como succedeo à Esposa Santa; sobre ser mào termo da razaõ, he pouco respeito da Fé, & escandalo daquelle respeito, que Deos quer aos seus beneficios: desfazamos o tempo, que nos dava azas, & ficamos em muletas, coxeando para o remedio, cahindo para a perdiçaõ: por isso se sentirmos hoje, que dentro em nossos coraçoens nos chama a bondade de Deos por alguma via das suas, não deixemos para à manhãa, o que ainda he tarde, sendo hoje; porque se o-já-parece tarde; quão longe virá o a manhãa? passada a monçaõ, perderemos a viagem, & chegaremos muito tarde, quando nos não precatarmos, pondonos a risco de perdernos; podendo atravessar os mares cõ mar de rosas, & ventos favoraveis, fluctuaremos nas ondas, & nos meteremos no pègo, quando as borrascas nos contrastem, & os riscos nos arrisquem: perdido o tempo, perde-se a viagem; naõ percamos pois a viagem, perdendo huma hora de tempo.

Luc.13 37.

Cant.5 2.&c.

Eu tenho para mim, & assim o entende Santo Agostinho, que os peccadores saõ como os corvos, tudo he dizer, *crás, crás*: que significa, *á manhãa, á manhãa*; pronosticos infaustos de ruina, & annuncios da perdiçaõ: *Quoties dicis: cras, cras, factus es corvus: cum facis vocem corvinam, occurrit tibi ruina.* Perguntáralhe eu agora: Se hoje, que tem mais força, se não querem levantar de todo donde tem cahido; como se hão de erguer á manhãa estando mais debilitados? Crecendo os laços, crecem os embaraços; agg avando-se os males, diminuemse as forças: males saõ as culpas, & males contagiosos; laços saõ os peccados, & laços, que apertaõ a vida: se pois hoje não rompem o laço, quando he hum fio; como o romperáõ á manhãa, sendo já calabre? Se logo naõ acodem a curar o mal antes de malignarse; como lhe acharàõ cura ao depois, estando jà pestilente? Deixar para daqui a pouco, o que póde ser logo; deixar para logo, o que póde ser jà, he malicia, & não bom proposito; porque como saõ os nossos logos da natureza dos depois, quasi sempre se lhes passa o tempo nos passatempos do outro dia: querer cobrir os naõ queros com

Aug. tom. 10.Ser. 164.d temp. in fin.

as sobcapas dos não possos, he querer vestir ás disculpas dos mesmos trajes da malicia; & malicias, que fazem gala, do que devia ser cilicio, usaõ as modas do vicio, com que ao costume se anda à larga; naõ o habito do desengano, que he estreito para a malicia: fuja pois, fuja o desengano de vestir das cores da emenda as apparencias da mentira; porque não toma bom caminho, quẽ se deita na estrada do vicio para enxovalhar a virtude: não seja nas tençoens do mundo tudo propor desenganos, & tudo não cumprir promessas; tudo estes logos de futuro, & tudo nuncas de presente; pois para serem estes logos da condiçaõ daquelles nuncas, parece nunca o á manhãa; & o ainda, naõ parece sempre; & não ha nos olhos de Deos malicia, que mais o exaspere, nem maldade, que mais castigue, que hũ ainda naõ dos que elle ama, & hum á manhãa dos que elle avisa. Fechou Deos os Ceos, & secou a terra nos tempos do Profeta Ageo, para que não dèsse ao povo de Israel nem huma erva verde, nem hum pequeno de orvalho: *Prohibiti sunt Cæli nè darent rorem; & terra prohibita est nè daret germen suum*; os homens pereciaõ à fome, os brutos morriaõ à mingoa. Abriose o mar Vermelho em bocas nos dias de Moyses, & Araõ, & meteo com

Agg. 1. 10.

sorvos horrendos nas entranhas de suas ondas a Faraò, & a todo seu exercito, sem deixar hum só homem vivo: *Operuit aqua tribulantes eos: unus ex eis non remansit.* A causa destes castigos, & a razaõ daquellas sequidoens nos consta da mesma Escritura Sagrada. Amava Deos muito o seu Povo, & queria ter nelle hum templo; avisava Deos a Faraó por Araõ, & Moyses, que deixasse sahir o Povo de Israel do cativeiro; resistia a Deos o seu Povo nos tempos de Ageo com a disculpa do ainda não: *Nondum venit tempus domus Domini ædificandæ*; resistia a Deos Faraó com a promessa do à manhãa: *Ego dimittam vos.* O ainda não, era sempre, o à manhãa, era nunca; chegava hum dia, & outro dia, & a malicia era como sempre; passava hũa hora, & outra hora, & o vagar era para nunca: o Povo, porque Deos o amava muito, nas esperas da misericordia dava aos delitos confiança; Faraó, porque Deos o avisava, das largas, que lhe dava a justiça, fazia licenças à culpa: & como Deos se offende mais de quem depois de favorecido se descuida; & de quem zomba depois de avisado; converteose em sequidoens o amor, que tinha ao seu Povo; & mudáraõse em castigos os avisos, que fazia à sua obstinaçaõ: não aproveitàraõ ao Povo as dila-

çoens

Psalm. 105. 11

Agg. 1. 2.

Exod. 8. 28.

çoens do ainda naõ, nem a Faraó as appellaçoẽs do à manhãa; antes estiveráo taõ longe de poder ser sua disculpa, que essa foy a culpa mayor para não tardar o castigo, nem se retardarem as sequidoens.

O' mortaes, ó peccadores: que sequidoens, & que castigos naõ teremos da ira de Deos? Que Ceos se naõ hão de fechar, & que abismos senão haõ de abrir, se queremos resistir a Deos cõ o ainda naõ de cada hora? se querem os enganar a Deos com o á manhãa de cada dia? Tudo he dizer: à manhãa; & o á manhãa se faz nunca; tudo he dizer, daqui a pouco; tudo, esperai hum pouco mais; & este pouco he jà mais de muito: propondes de vos emendar, & só vos lembra aquella hora; propondes de vos confessar, & esquecevos o mesmo dia; chega hum anno, & outro anno, & quasi apenas de anno em anno chegais aos pès do Confessor, porque o preceito vos obriga, não porque a vontade o deseje, ou a contriçaõ vos disponha: chegais aos pès do Confessor tam sem dôr de vossos peccados, que a mesma confissam, que fazeis, he mais despejo da memoria, que descarga da conciencia; & succèdevos, como a Absalam pendurado pelos seus cabellos, porque os cortava todos os annos, para que lhe crecessem mais, podendo arrancalos por hũa vez; pudereis tambem hũa vez arrançar de vòs os pèccados, mas contentaisvos com cortalos de anno em anno na confissam; de que se segue, que como os cortais, para que mais vos creçaõ, por elles recebereis a morte, & estando a vossa vida à dependura pelos cabellos, vossos mayores inimigos vos atravessaràõ a alma.

2.Reg. 18 9. 2.Reg. 14. 26.

Não deixeis pois para mais tarde, o que nunca póde ser cedo: tomay os avisos de Deos, & fazei sua vontade no mesmo ponto, em que vos chama, & dentro n'alma vos avisa, pois o faz, porque vos ama: vede, que hoje jà he tempo, pois não sabeis se o dia de hoje serà o ultimo de vossa vida; não vos guardeis para o depois, porque nem a morte, nem o tempo saõ da vossa jurisdição. Se a morte vos colher nestes antes da penitencia, & nos sempres da obstinaçam, qual de vòs pòde duvidar, que se vay direito aos infernos? Vòs mesmos vos day a sentença, que vos póde dar o Senhor; sentaivos no seu tribunal; vede o que tendes merecido, & fazei o que Deos fizera: & se achares, que vos convem, ou presta para algũa cousa detereſ-vos no vosso engano, & carregar as conciencias com mais hum dia de culpa, là vos avinde, peccadores, fazei o que vos parecer.

Dirmeheis, que vos peza muito

muito de offenderes a hũ Deos tão bom, tão benigno, manso, & amigo; porèm, que em fim sois miseraveis, & não ha mais na vossa mão: oh peccadores sem temor! ides a offender a Deos, & dizeis, que vos peza muito? he mentira: meteis-vos por vossa livre vontade nos viscos, & laços da culpa, & dizeis, q̃ naõ podeis mais? he maldade: recreaisvos na offensa de Deos, & dizeis q̃ lá virà tẽpo? he depravada obstinaçaõ: até quando ha de ser o agora, com que a fraqueza se disculpa? quãdo ha de ser aquelle então, para quem appella a vossa emenda? & em que tempo ha de sèr o quando, em que a vossa esperança se confia, & a que o vosso proposito se dilata? Vem o tempo, & vaise o proposito; chega a occasiaõ, & esquece a emenda; batevos Deos, & fechase a alma; gritavos a alma, dorme a vida; pois que esperais, que vos succeda, naõ sabendo a hora, nem o dia, em que Deos vos póde pedir a conta de tantos dias mal gastados, & de tantos tempos perdidos? Entre pois em sy a razão; & não ande fóra de sy tantos annos o entendimento; tomay o conselho do Sabio, q̃ là dizia nos Proverbios: Não digais ao vosso amigo: Ide, & tornay, à manhãa vos darei o que me pedís; se podeis dar logo, o que pede: *Ne dicas amico tuo: Vade, & revertere; cras dabo tibi: cum statim possis dare.* Vosso amigo he Deos, & tão amigo, que vos sofre, vos espera, busca, & ensina; pedevos o vosso bem, & remedio, & naõ o seu interesse; pedevos, que queirais salvarvos, não vos pede nenhum mal vosso, & menos, algum bem seu, pois nem Deos póde ser mayor, nem vos ha mister para nada: se pois agora vos chama, respondeilhe logo; se quer que logo vos mudeis, para quando guardais os logos? Teimar no erro, conhecendo-o, he peccar âssinte. fazer assintes a Deos, que se póde vingar quando, & como quizer, he final de animo obstinado: animos obstinados tem inferno perpetuo: inferno he fogo, que não se apaga, tormento, que naõ cessa, noyte, que nunca amanhece, punhal, que sempre fere, morte, que sempre dura; & bicho, que sempre roe: oh mortaes! vede quam caro vos vende o demonio hũ gosto momentaneo do peccado, por hum tormento eterno: & vede quam barata, & quanto de graça vos dà Deos huma vida sem fim, & hũa gloria infinita, por hũa mortificaçam breve. Seja logo, ó peccadores, a conclusaõ destas premissas, hum logo de arrepen-dimento, hum nunca mais de culpa, hum para sempre de obrar bem, em quanto Deos vos dà com os avisos o tempo, como acon-

Prov. 3.28.

aconselha São Paulo: *Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum.*

---

## GOLPE XXVIII.

*Multifariam, multisque modis olim Deus loquens patribus in Prophetis: novissime diebus istis locutus est nobis in Filio.* Ad Hebr. 1. 1.

Tratase das muitas maneiras, com que Deos nos ensina a salvarnos.

## GEMIDO XXVIII.

TOda esta maquina fermosa, que lustra nos Ceos, & na terra as esferas da humana vista, he livro donde Deos escreve tudo o que quer que os homens saibão he arte por onde lhes ensina, o que devem mais aprender; saõ folhas todas as esferas, capitulos os elementos; & letras as creaturas, donde a razão soletra, & lè as palavras do mesmo Deos; donde entende o conhecimento as varias linguas, com que fallaõ; donde o espirito declara os enigmas, que mais se encobrem; & donde decifrão as almas os mysterios, que mais se occultão: com pouca pratica do espirito, que estuda por tudo o que vè, não ha idioma, que se ignore; caracter, que não se conheça; figura, que não se declare; & sentido, que naõ se adevinhe: os que aprendem no amor de Deos, o que só se deve saber da divina sabedoria, não se cansaõ com outra arte; trataõ só de ler pelo mundo as maravilhas do Senhor; nem procuram outra ciencia, mais que a admiraçaõ destes segredos, que o mũdo tem por ignorancia; em todo o mundo nada olhaõ, mais que o que vem de Deos no mũdo; & delle não querem mais nada, que ignorar o que elle mais sabe.

Serve de liçaõ aos discretos a vista de todas as cousas para ver o que hão de fugir, & advertir o que hão de fazer; tudo os desperta para Deos, tudo os esquece para o mundo: as aves, que acordaõ cantando, lhes ensinão, logo que amanhece, a louvar ao mesmo Senhor, como aves espirituaes, em interiores armonías, ou amorosas consonancias: a luz, q̃ faz fugir as sombras da noyte, o que faz a graça nas culpas: as lagrimas da madrugada, o quanto reverdecem as almas com as lagrimas da penitencia: as fontes, que correm ao mar, a ancia com q̃ cada hum em Deos deve buscar o seu centro: o Sol, que declina do meyo dia, & logo as sombras da noyte se lhe seguem, o como vay escurecendose, quem começa a cahir da graça: a noy-

te, que entriftece a terra, & tira às coufas todas a cor, o como deixa, & desfigura o peccado hũa alma: os males, que fempre vemos no mundo, nos moftraõ a fua miferia; & as honeftas felicidades nos figurão os bens do Ceo: o máo fim da vida dos màos, quam máo he feguir feus paffos: a gloria da morte dos juftos, quam bom he feguir feus exemplos. Eftas, & todas as mais coufas, que eftamos vendo cada hora, faõ recados mudos de Deos, que claramente por todas ellas nos manda; & faõ os modos, com que o Senhor perfuade a noffa razão, & obferva as noffas omiffoens, aceitaçoẽs, & refiftencias de fuas ordens, & vontade.

Se pois por todas as creaturas nos eftá olhando o Senhor; fe fempre nos eftà fallando por todas as coufas do mundo; como para vermos a Deos, fe não faz a Fé toda olhos? & como para efcutalo, toda a vifta naõ he ouvidos? Por ventura, por efte livro da noffa experiencia mefma, & dos cafos de todo o feculo aprendemos fó para troncos, & eftudamos para penedos? Como pois chega a fer poffivel, que os que fe eftimão por mais fabios; os que fabem mais, que Ariftoteles, pois conhecem melhor as coufas; os que reprehendem a Lycurgo, pois lhe emendaõ a fua ley; os q̃ querem emendar a Efcoto, prezandofe de mais fubtís, naõ faibaõ ainda as linguagens, com que na arte defte mundo nos começa Deos a enfinar? O' mortaes nefciamente fabios, ouvi os recados de Deos, que vos manda pelas creaturas, & por feus cafos, & fucceffos. Pagens faõ todas as do mundo, por quem vos manda vifitar, & allumiar cada dia; todas ellas faõ enviados da mifericordia, que benigna vos offerece cada hora as pazes com fua juftiça; Embayxadoras faõ do Efpirito Santo, que com ardentiffimo amor fe quer cafar com voffas almas, & darvos o Reyno dos Ceos; medianeiras faõ, quando menos, daquella liga, & uniaõ, que quer fazer contra o demonio na continua guerra da vida: não repareis fempre nos miniftros, por quem vos manda as embayxadas; nos inftrumentos, & fugeitos, de que ufa para eftas obras; reparay no avifo, na offertà, no recado, ou nas embaixadas, que podem vir por hũa fera, por hum tronco, por hum penedo: não vos detenhais no inftrumento, detendevos fómente no toque: reparay no recado, & não no pagem: na embayxada, & não no Embayxador: não vos detenhais na cortiça, ide dentro bufcar o favo: não olheis as coufas por fóra, efmiuçai-as bem por dentro, que eftes faõ os grandes proveitos da efpiritual anatomia.

Vedes

Vedes as arvores no Outono com menos folhas do que fructos; accusavãovos interiormente da muita folha, ou pouco fruto, que tendes dado atè o Outono de vossa vida: não repareis nas arvores, que isso vos dizem á consciencia; reparay só no que vos dizem, pois tomou Deos as suas folhas para fazervos memoriaes, & esses alvarás de lembrãça: vedes voar ao Ceo hũa ave, & diz-vos á alma, que tambem lá podereis voar, se fazendo azas das penas, & vivendo vida de justo, fugireis das cousas da terra; não olheis, que vos diz isto hũa ave, suspeitai, que volo escreve Deos servindose das suas pennas; & voai com a que tiverdes de deixar a vaidade humana: olhais tal vez para hum penedo, & diz-vos lá no coraçaõ, que sois mais duro, que hũa rocha, pois tendo alma racional, não vos move o amor de Deos, nem vos abrandaõ seus favores; não repareis em que he penedo; cuidai, que Deos, para advertirvos, faz fallar as pedras comvosco: vedes correr hũa fonte, & parecevos, que se vai rindo, sendo que murmura, & chora de vervos; reparai na causa disso, & correivos de naõ chorar vossas culpas, & de vos não rirdes do mundo, sendo elle cousa de riso: vedes cahir hum rayo, & diz-vos com linguas de fogo, que estava para vos partir, mas que Deos vos espera a emenda, & só por isso vos perdoa; conhecei, que he já ameaço, & dai muitas graças a Deos, que podendovos abrazar com esse rayo, com sua luz vos allumia: sentis hũ grande terremoto, & estremecevos a consciencia, parecendovos, que vos diz, que vos quer jà tragar a terra, ou que treme a mesma terra de vos sustentar em sy; fazei memoria deste aviso, & cuidai, que o mesmo Senhor vos manda prègar pela terra: vedes hum homem bom, ou máo, & a sua vista mudamente vos diz, quam mal parece quem mal vive, & quam bem parece, quem vive bem; segui o que no bom louvais, & fugi do q̃ no mào reprehendeis; porque de outro modo debalde tereis o auxilio, & o discurso: estais na conversaçaõ, & ferio-vos hũa palavra no mais vivo da consciencia, naõ repareis em quem a diz, que será tal vez hum perverso, reparai em quem a inspirou, que he o mesmo Espirito Santo: ledes no livro hũa palavra, que vos atravessa as entranhas, não cuideis que a diz o livro, entendei que vola imprime: ouvis hum successo do mundo, ou historia dita acaso, & parecevos, que falla comvosco, & vos adverte algũa cousa do q̃ vos toca á salvaçaõ; abri o coraçaõ a Deos, & agradeceilhe o que vos diz: estais ouvindo o Sermão, ainda

que

que não seja de hum São Paulo, & entravos nalma algũa cousa; não repareis no Prègador, se não he digno de reparo; cuidai em Deos, que vos pegou ao coração essa faisca: vedes cortar com hũ só golpe hũa era muito crecida, & diz-vos a alma agudamente, que acabou com hũ golpe aquella fabrica de ramos, aquelle labyrinto de eras, que pizava troncos, & penhas; que trepava torres, & muros; reparai na era, & nos laços de vossa vida, & ambiçaõ, & quam breve golpe os derruba: vedes cahir hum edificio, & a vida se vos estremece; presumi, que he golpe do Ceo, & cuidai nos riscos da vida: vedes morrer qualquer homem, & se vos representa a morte; vede, que Deos vola lembra, & cuidai na hora da morte: vedes hum dia temeroso, & ao juizo se afigura, que he chegado o fim do mundo; presumi, que he ordem de Deos, para que vos lembre o juizo: reparais na noite escura, ou em hũ carcere tenebroso, & traz-vos à memoria o inferno; cuidai que he aviso do Ceo, para que cuideis hum pouco nelle; & entendei que resistis a Deos, & à sua doutrina, que assim nos dá por tantos, & tão exquisitos modos, que acabareis deséparados dos favores da misericordia, para experimentares eternamente os rigores de sua justiça: acabando de entender, que ainda agora nos falla Deos de muitos modos, & maneiras, como Saõ Paulo diz que fallava antigamente: *Multifariam, multisque modis, &c.*

---

## GOLPE XXIX.

*Si pœnitentiam egerit gens illa à malo suo, quod locutus sum adversus eam: agam & ego pœnitentiam super malo, quod cogitavi ut facerem ei.* Jerem. 18.8.

Como ha de ser a nossa emenda para alcançar de Deos a misericordia

## GEMIDO XXIX.

SE o peccador (disse Deos por Jeremias) fizer penitencia de seus peccados, farei eu tambem penitencia de o querer castigar por elles. Oh bondade de Deos immensa! oh amor sempre incomparavel! que chegue o mesmo Deos a dizer, que fará penitencia de ter tençaõ de castigarnos, se nós a fizermos de havelo offendido; como se a divina justiça fora culpa, de que se deva arrepender, logo que nos nós arrependessemos das culpas, que merecem o rigor de sua justiça! Tal he sua infinita bondade, que por melhor nos persuadir os remedios da penitencia, faz por bemquistala,

la, prometendo tambem fazela: se pois o mesmo Deos Santissimo, Purissimo, & Soberano infinitamente se não dedigna em sua gloria de fazer por nòs penitencia, se a fizermos de nossas culpas; quem será taõ ousado, abominavel, & blasfemo, que zombe do que Deos estima, que se ria do que Deos faz, & que despreze o que Deos quer? Fazer Deos penitencia, nenhũa outra cousa he, senão pôr a sua misericordia donde estava a sua justiça; & a nosso modo de fallar, pezounos de offender a Deos; pezoulhe de nos querer castigar por isso: com o pezar de havelo offendido, propuzemos de o não offender mais; com o pezar de querer castigarnos, propoz de nos não dar mais castigos: eis-aqui a penitencia de Deos, eis-aqui a nossa penitencia; mas quer o Senhor explicarse comnosco pelos termos de arrependido; porque o peccador vendo isto, á medida do seu peccado, (no que he possivel á creatura) & a exemplo do mesmo Deos, se solicite arrepender: não olha Deos os peccadores do arrependimẽto para tráz, senão da emenda para diante; não conta os annos do arrependimento, senão as tençoens, & os propositos delle; póde ser o tempo muito, & o fervor pouco; & isto não he o que Deos quer, porque estima mais sem comparaçaõ hum dia de pezar com grande magoa do coraçaõ; & cõ firmes propositos, q̃ muitos annos de emendado com poucas ancias de dorido: mede Deos pela qualidade a penitencia, & não pela quantidade: assim como hum tronco de páo de Aguila, ou Calambuco, val mais, que hum bosque de outros; assim val mais hum só peccador muito arrependido para com Deos, que muitos outros froxamente emendados: não está na extençaõ do tẽpo a perfeiçaõ da penitencia, senão na intensaõ dos propositos, do pezar, & dos sentimentos: muitos annos de arrependimento com pouco fervor, saõ muitas testimunhas da froxidão, & malsins da nova culpa, que se comete na tibieza; & poucos dias de fervor depois de emendarmos a vida, saõ provas de que foy verdade o pezar de offender a Deos; saõ vidas inteiras da Fè, que sem obras morre; saõ mais que idades de esperança; saõ seculos de merecimẽto; saõ eternidades de amor: & como saõ tanto, nada importa contra a salvaçaõ, que sejaõ muitos os annos do peccado, porque como Deos não olha o tempo, senão o fervor da emẽda, em cada hora deste, se he grande, ficão logo perdoadas eternidades de offensa, & immensidades de culpa: mas nem por isso o peccador deixe para a velhi-

Text. in cap. 2. de pœnit. dist. 7.

H

velhice a penitencia; porque não serà perdoado de Deos quem deixa os peccados, quando já naõ póde peccar: deixar os peccados, quando elles nos deixaõ, he mais sinal de obstinaçaõ, que de arrependimento; porque os verdadeiros arrependidos fazem penitencia em quanto podem, & naõ querem peccar; mas deixar de peccar por mais não poder, he grito de impenitencia, que podendo, se não quiz emendar, em quanto peccar podia.

A verdadeira penitencia he chorar os peccados commetidos, & não tornar a fazelos: se pois queremos, que a Deos lhe peze dos castigos que nossas culpas merecem, para que naõ haja mais castigos; porque nos não ha de pezar dos peccados commetidos, para naõ haver mais peccados? Ter pena de haver offendido a Deos: fazer penitencia, he darmonos pena, & castigo dos peccados, que cõmetemos: naõ tem verdadeiro pezar de haver aggravado a seu Deos, quem depois de propôr a emenda, não castiga em sy o que lhe peza haver commetido, mas antes torna ao vomito da culpa, porque a não castigou como devia: o verdadeiro penitente ha de doerse do passado, ha de emendar o presente, & ha de prevenir o futuro; sem descanso se ha de doer, porque descansando a dòr, torna com a complacencia a reverdecer a culpa; sem tardança se ha de emendar, porque em quanto tarda a emenda, não chega o arrependimento; sem culpa se ha de prevenir, porque quem contra os peccados futuros se não acautela, muy perto està de os não ter aborrecido: de tal modo ha de chorar as culpas cõmetidas, que não torne mais a cõmeter, o que hũa vez soube chorar: enganos de hontem, & desenganos de hoje, ou saõ hũ começar, ou hum nunca acabar da culpa: ou saõ propositos para nunca mais, ou malicias para todo sempre; & por isso mesmo, ou saõ remedios para logo, ou mayor mal para depois. Perdoou Deos á Cidade de Ninive nos tempos de Jonas, não lhe perdoou nos dias de Nahum, porque foy então de todo assolada, sem ficar pedra sobre pedra de suas maquinas sublimes: a causa da misericordia de antes, & do castigo de depois facilmente se deixa ver. Chorou Ninive as suas culpas nos tempos do Profeta Jonas, & serviolhe então de remedio aquelle começar de emenda; tornouse logo a seus peccados, com hum nunca acabar de culpa, & fez mais grave o castigo; os extremos da penitencia na face da primeira ira parecérão propositos para nunca mais, por isso foraõ remedios para logo; as froxidoens do desengano

Joan. 3. 10.
Nah. 3. 7.

engano nas tençoens da segunda emenda, foraõ malicias para sempre, como o Profeta lhe dizia; & forão por este principio seu mayor mal para depois: tanto mal faz hum desengano para deixarse depois, que acha menos piedade em Deos, que hum engano, que se arrepende, hũa cegueira, que se chora, & hũa culpa, que se confessa: & a razão he; porque estando na nossa mão, como prègava o Rey de Ninive, ou a emenda para abraçada, ou a culpa para querida, depois de conhecida a culpa, & depois da emenda proposta, he mayor offensa de Deos hũa emenda, que se despreza, que hũa cegueira, que se abraça.

Nah. 3. 19.

Jon 3. 8

Quem promete a Deos emẽda, naõ menos, que para todo sempre obriga a culpa a nunca mais; & se o vagar das froxidoens, ou a mudança dos propositos faz perder a Fè aos extremos, mà conta dà de sy a Deos, & peyor dos seus beneficios, quem coxea para a satisfaçaõ, depois de voar para a culpa; quẽ torna atraz com a verdade, depois de ir adiante com a mentira. Naõ achão misericordia em Deos os homens, que havendo gastado na culpa o tempo da misericordia, chamão por ella, quando já indignada a justiça vem castigar a sua offensa: chamar por Deos com medo de seus castigos, & não com amor á sua bondade, não livra de condenaçaõ, se se não junta aos Sacramentos esta atrição espavorida, & ainda que haja misericordia, deve apressarse a penitencia; porque se o enfermo, ainda que tenha por certo o alcançar a saudé, não quizera estar mais tempo na enfermidade, mas logo apressára o remedio: porque razão o peccador ha de querer estar em peccado, ainda que tenha por certo alcançar misericordia? Malicia he de duas larguras offender a Deos mais, porque Deos me espera mais, fazendo da sua bondade razão para a minha maldade.

O' mortaes, ou nesta vida, ou na outra haveis de fazer penitencia; mas com esta differẽça, que a penitencia desta vida he tão breve como a vida, & tem eterno perdão; & a penitencia da outra vida, he tão longa, como eterna, & tem tormento sem fim: com a penitencia de agora podeis apartarvos dos peccados para nunca mais; & com a penitencia de depois os não podereis deitar de vòs; levarvos-hão para os infernos, & levalosheis comvosco, não cõ o gosto com que agora os não largais, mas com eterna pena de os não ter deixado: desejareis então apartarvos delles, como de crueis inimigos, naquella eterna duração, & nunca vereis cumpridos vossos desejos, porque

Sap. 5. 3.

que como os mais crueis verdugos naõ se apartáraõ de vòs; pois he certo, que mais sentireis ver, que nada vos espedaça mais as entranhas, nem vos roe mais cruelmente o coraçaõ, como esses vicios, & peccados mais amigos com q̃ sempre andastes em braços, & que foraõ vosso mayor deleyte por tão breve espaço de tempo, só para mais vos affligirem por toda a longa eternidade.

Vede pois agora, ó peccadores, que a paciencia de Deos he quem vos chama á penitencia; aquelle, que aggravado vos roga, que naõ fujais perdoando, clama sobre vòs, porque lhe fugis: tornai a Deos, ó mortaes, vede que tudo tem seu tempo; ha tempo de penitencia, porque ha tempo, em que a penitencia aproveita; & ha tempos, em que nada val, porque se faz fóra de tempo. Penitente acabou Judas, mas condenouse: assim como o semear a seu tempo, plantar quando o pede o tempo, vindimar quando não he sazão, & navegar sem monção, não aproveita cousa algũa; assim querer fazer fóra de tempo penitencia das culpas, nenhũa cousa importa: he a penitencia segunda taboa de toda a humana perdiçaõ no naufragio da culpa; mas só nella certamente se salva, quem com tempo lãça mão della: de quem guarda a penitencia para o fim da vida, duvída o mesmo Santo Agostinho se vai seguro com ella para a viagem do outro mundo; & por isso aconselha o mesmo Sãto, & com elle vos exhorta a Igreja Catholica, que se quereis livrarvos de duvidas, & se não quereis deixar o certo pelo duvidoso, que façais penitencia na flor da idade, no melhor da saude, & no melhor tempo da vida, & que não estejais perdendo tempo. Finalmente aquelles, que não buscáraõ a Deos na madrugada da vida, nem na manhãa da mocidade, nem no meyo dia da idade perfeita, busquem-o ao menos na tarde de seus annos, & ainda na noyte da velhice; porque como o Senhor não trata em nenhum tempo, como engeitados, a seus filhos arrependidos, por mais prodigos, & destruhidos, que tenhão sido de antes; tambem he certo, que cada vez que fizerem de seus peccados legitima penitencia; isto he, que podendo peccar, não queiraõ, puramente por amor de Deos, pezandolhes de todos os máos fins, que puzerão a seus enganos, & lhes peze de haver feito mal; tambem (a nosso modo de fallar) a Deos lhe pezará do mal, que por isso lhes queria fazer, condenando-os para sempre: *Si pœnitentiam egerit gens illa, &c.*

Aug. per tex. in d. cap. 2.

GOL-

## GOLPE XXX.

*Pœnitentiam agite.* Matth. 4. 17.

Penitencia verdadeira qual seja, & como he necessaria.

### Gemido XXX.

EM tres cousas consiste a verdadeira penitencia: em dôr de peccados com detestação de vicios; em confissaõ de culpas com proposito de emenda; & em satisfaçaõ de obras com perseverança de virtudes: a primeira dispoem para a graça, se a não alcança; a segunda alcança, se a naõ acrescenta; a terceira a acrescenta, se a não aperfeiçoa: conforme as disposiçoens da dôr nos começa Deos a ver; conforme a força dos propositos se começa Deos a chegar; & segundo a perfeiçaõ das obras, se nos começa Deos a unir: começanos a ver, porque nos víra; começa a chegarse, porque nos toca; começa a unirse, porque nos prende: viranos do avesso da culpa para o direito da graça; tocanos da sua mão, para nos pormos a seus pès; prendenos nos seus braços, para nos soltar dos vicios: mas se o fazemos ao contrario, esquecendonos da penitencia, a piedade se faz justiça, com que nos condena em juizo; dos toques faz crueis açoutes, com que nos castiga na morte; dos braços faz duras cadeas, com que nos sepulta no inferno. Castigou Deos a Jerusalem, & a seu Povo pelos Assyrios, assolou-a pelos Romanos; sobverteo as Cidades infames; ferio a terra dos Egypcios; açoutou o Imperio dos Medos, & outras gentes, & Monarquias; afogou finalmente a terra com o diluvio universal; & tem deitado nos infernos hũa multidaõ sem numero de almas; porque as lagrimas da penitencia não quizerão verter diluvios de sentimento; porque o fogo do amor de Deos se não ateou pelas almas; porque as armas do desengano não quizerão assolar a culpa; & porque os imperios da emenda naõ quizerão mudar a vida; todos estes foraõ punidos, destruidos, & devastados não só com o temporal estrago, mas com os eternos castigos: não foy Ninive assolada, quando temeo ser sobvertida, porque em tres dias de jejum, cilicio, & penitencia sobverteo a emenda os peccados, que tinhaõ a Deos tão irado; & ainda dos males do tempo se livràraõ muitas pessoas, Cidades, & Reynos, por fazerem publicamente penitencia de suas culpas: assim o testimunha Bethulia, & todo o Povo de Israel; porque cada vez,

que clamou a Deos com verdadeira contriçaõ, embainhou a misericordia a espada daquella justiça severa, que já hia descendo com o golpe a ensanguẽtarse nos perversos: tanto ata as mãos ao mesmo Deos hum coraçaõ arrependido, que em tomando hũa disciplina, tira a Deos a espada da mão; em se irando bem contra sy, desassombra a ira de Deos; & em se cubrindo de cilicio, despe as armas a Deos.

Que esperais, ó peccadores, para fazeres penitencia, se vedes, que por não fazela, foraõ ao inferno os que lá estão? Aquelles baixos, que no mar forão riscos naõ sabidos, vistos na carta de marear, saõ advertencias dos que navegão; a advertencia de hũa náo, que padeceo naufragio, he salvaçaõ de muitas outras, que escarmentão no dano alheyo: assim todos os que navegão pelo enganoso mar do mundo, pelo exemplo dos que se perdem, podem saber donde perigão: perdemse os mais dos homens do mundo por não fazerem penitencia, ou não ser como convem; porque he a taboa segunda do naufragio do peccado: se pois da praya das virtudes sahistes para hũ mar de vicios, se fostes correndo fortuna por todo o pègo da maldade, se cada vez mais engolfados em ondas de abominaçoens ides dando â costa da morte com a fragil embarcaçaõ da vida, se cada vez mais carregados do que he pezo da conciencia, mais que riqueza do deleyte, vos ides sorvendo no abismo; que fazeis, que não lançais mão dessa taboa da penitencia, que não só vos serve de taboa, mas póde servirvos de porto? Vá ao mar, vá à confissaõ a mercancia do delito, & a mayor fazenda da culpa; & tratai de vos pôr em salvo em quãto he tempo de remedio. Não repareis no que vos doe, reparai no que vos convem. Se entre a morte, & a vida não ha outro algum remedio; se entre o naufragio, & perdiçaõ naõ tendes outro remedio; porque não pegais desta taboa? Se vos fechais na obstinaçaõ, Deos vos fechará nos infernos: se abrires a vossa vontade na confissaõ, & penitencia, vereis abertos os Ceos para receberes a Deos, & para q̃ Deos vos receba, abrivos com Deos de hũa vez, & desabrivos com tudo o que o offende para sempre.

He a penitencia como chave, o entendimento a fechadura, a vontade como fecho, & o coraçaõ como porta: para abrir a porta, he necessario correr o fecho; para correr o fecho, he preciso dar volta á chave; para a chave dar volta, he força, que faça na fechadura; & para fazer

na

na fechadura, requerese, que entre bem nella, & sem estas condiçoens todas não se póde abrir a porta: se pois a penitencia, que he chave, vos não dà volta, porque vos naõ entra na fechadura do entendimento; se o entendimento vos naõ serve, porque a penitencia não faz nelle; se o fecho da vontade naõ corre, porque a fechadura do entendimento não dá entrada á chave da penitencia, para que a vire; por mais, que Deos vos bata á porta, como ha de abrir o coraçaõ, q̃ a tantas chaves està fechado, quantos peccados tem feito? Abrese o coraçaõ pela vontade de amar a Deos, correse a vontade pelo pejo de havelo offendido, virase o entendimento pelo conhecimento da culpa, dà volta a penitencia pela emenda da vida: faça pois, faça a penitencia por vos servir no entendimento, deixese entrar o entendimento para dar volta a vontade, corrase a vontade de ser necessario, que a virem, & logo se abrirá o coração de par em par para Deos: porèm se naõ succede assim, a chave, como naõ serve, perdese; a fechadura, como não se entra, tirase; o fecho, como se não corre, quebrase; & a porta como se não abre, rompese; he Cruz para Christo, & não porta; he grilhão para vòs, & não fechadura; he lança contra Deos, & não fecho; he prego para as portas do Ceo, & não chave.

Mas ainda q̃ seja ao contrario, duas cousas mais se hão de mister: pés para chegar á porta, & mãos para usar da chave: os pès na Escritura se entendem pelos affectos, as mãos pelas obras: he necessario, que cheguem os affectos ao coraçaõ; & hão de movelo vossas obras: se com as vossas más obras déstes de mão a Deos, se com vossos màos affectos fugistes de Deos por pès, necessario he que vos vades deitar aos pés de Deos, deitandovos aos do Confessor; & pondo por obra os bons propositos, com que abrirdes o coraçaõ, he tambem necessario, que vos ponhais nas mãos de Deos.

Se pois, batendovos Deos á porta do coraçaõ atè com estes escritos, para não lhe abrires a porta, todos tendes o pé dormente, & todos hũa mão sobre outra: se em fim não pondes mão à obra, nem quereis tomar este pè, que vos daõ os vossos affectos, só porque a alma se não bula, porque o coraçaõ se não mova, & a culpa se não inquiete: se vos tem o mundo, & a carne, o demonio, & esse amor proprio tão atados de pès, & mãos, q̃ o entendimẽto não quer virarse, por não dar as costas ao mundo, que a vontade não quer

correrse, porque a carne não se envergonha, que a penitencia não quer dar volta, porque o demonio se não vá, que o coraçaõ não quer abrir, porque o amor proprio se não saya; que importa ter chave para dar volta, fechadura para virar, fecho para correr, & porta para abrir? Fora chave mestra esta chave, com que se abrem todas as portas do templo mystico de Deos, se ao mesmo passo dos auxilios, com que Deos vos levanta os pès do chão, entrareis no paço de Deos, que não he outro, senão essas almas cerradas pela obstinaçaõ com as travessas da malicia, trancadas pela contumacia, & pregadas com a cegueira. Se quizereis entrar em vòs, & se cuidareis algum tempo, q̃ dentro de vòs anda Deos, ou sejais bons, ou sejais máos, ainda que só nos bons por graça; qual de vós naõ folgára muito, lançando mão da penitencia, & correndo a Deos a cortina de vossa conciencia escura, ser não só da chave dourada, mas ainda sumilher de Corpus daquelle Rey Omnipotente, que he Senhor dos Ceos, & da terra? O Fieis, viray hoje as guardas desse appetite, q̃ he gazua para abrir as portas do inferno: sejão as guardas dessa chave, a guarda dos dez mandamentos, que o Senhor vos encerra em dous: tomai nas mãos das boas obras esta chave da penitencia: buli os pès desses affectos, que valem sempre muito pouco, se senão poem em exercicio; & vede, que o chegar a Deos está só em hum abrir de mãos, & em hum fechar de olhos ao mundo. Abrivos pois na confissaõ, & abrivos de todo cõ Deos; abrilhe, abrilhe os coraçoens, & vereis nelles os venenos, que dentro vos meteo a culpa; abri os olhos da razão, & vereis logo a semrazaõ, com que a Deos fechais os olhos: abrivos com a penitencia, abrivos com a disciplina, abrivos todos com açoutes, & fechareis por hũa vez de pancada contra o demonio: *Pœnitentiam agite.*

---

## GOLPE XXXI.

*Noli itaque erubescere testimonium Domini nostri.* 2. ad Timot. 1. 8.

### Como todo o Christão se naõ ha de envergonhar de servir a Deos, & ser virtuoso.

## GEMIDO XXXI.

POuco beneficio póde fazer aos campos o Sol de inverno em quanto se encobre em nuvens: pouco lugar dá o mar do Norte aos navios, para que naveguem, em quanto prende as suas ondas em grilhoẽs de caramelo:

melo: & pouco fruto fazem no mundo, & pouco serviço a Deos aquellas almas, que com as nuvens da vergonha querem encobrir o Sol da justiça no tempo da sua frieza: impedem imprudentemente o calor, que receberiaõ com a luz de Deos, não só ellas, mas outras muitas; & não deixaõ navegar bem pelo mar do norte da graça aquelles, que com a frieza de seus animos congelados ficaõ prezos nos caramelos de huma vergonha indurecida. Por isso sabendo o Apostolo, que Deos se offende do animo, & não da natureza, mandava a Timoteo não só, que se naõ envergonhasse de servir a Deos; mas, que naõ quizesse ẽvergonharse: porque sendo a vergonha impedimento para o serviço do Senhor; pôr no impedimento a vontade, que havia de pôr na resoluçaõ, era mayor culpa, que não resolverse por ignorancia, ou froxidão. Animos entanguidos naõ se achaõ senaõ em coraçoens fracos, que naõ ousando a resolverse, querem praça de entendidos entre o numero dos inuteis, mais que os timbres de generosos com as ventagens de arriscados: & he notavel esta cegueira; porq perguntára eu aos homens: se a nenhum lhe peza de que o tenhaõ por entendido; se nenhũ se envergonha de que o avaliem por valeroso, por nobre, sabio, ou cortesaõ; que razaõ ha, para que se envergonhe de que o tenhaõ por bom Christaõ? Porque se o valor he virtude, se o juizo he parte, se a nobreza he lustre, se a sabedoria he dom, se a cortesanía he prenda; que prenda he mais para estimada, que dom mais para desejado, que lustre mais para querido, que parte mais para prezada, que virtude, que assim se louve, como a verdadeira virtude de saber contentar a Deos, encher a ley, & edificar o mundo? Dirmehão alguns, que por isso mesmo, porque a virtude he taõ louvada, póde ter o seu perigo no seu mesmo louvor: & a mim me calára a reposta, se a virtude de quem se resolve a servir a Deos ouvesse de achar diante de sy cousa, que lhe fizesse vangloria; & hum pouco de ar, que corre da regiaõ do engano, lhe ouvesse de fazer mayor mal, do que lhe fez todo o mundo; como na verdade faz, a quem faz caso de algũa cousa, que naõ seja servir a Deos: mas quem se resolve a servillo, poem o seu fim em darlhe gloria, & não querer para sy nada, mais, que o conhecimento do nada, que foy antes que fosse, que he sempre, que pecca; & que será, se peccar.

O' mortaes, não vos envergonheis de servir a Deos: porque se os homens só se devem

de

de envergonhar quando cometem algum erro, envergonharvos de que vos vejaõ amar a Deos, & resolvervos a servillo, he mostrar ao mundo, que tendes por erro este amor, & esta resoluçaõ: & mais se offende Deos, de que os homens se mostrem corridos, & envergonhados de servillo, ou de querello servir, que de offendello; porque isto póde ser fraqueza, & aquillo sempre he ignorancia, desacato, ou ingratidão. Basta, que se não ha de pejar o lascivo de que o tenhaõ por lascivo? não se ha de envergonhar o blasfemo de que o julguem por blasfemo? o homicida por matador? o liviano por louco? o peccador por peccador? & vòs haveis de envergonharvos de parecerdes bõs Christãos; de que vos não julguem escandalosos; & vos não tenhaõ por nocivos a todos os outros homens? Que he isto, senão fazer gala de escandalizar o mundo, de fazer mal ao proximo, & ter por honra o atrevervos contra Deos? Envergonhaisvos por ventura de que o mundo vos veja buscar o Ceo? Pejais-vos de que saiba o demonio, que quereis servir a Deos? demonios saõ, & os mayores, que podem ser; quantos vos fazem este pejo, ou seja a vossa honra, ou o vosso estado, ou vosso pay, ou vossa mãy, ou vosso Rey, ou vosso amigo. Contentarvos com amar a Deos ás escondidas depois de offendelo ás claras, nem he o que Deos quer, nem tem graça algũa: viverdes na graça de Deos, & tambem na graça do mundo, he cousa muy difficultosa; porque ha de quebrar com o mundo quem se resolve a amar a Deos: *Nemo potest duobus dominis servire.* A verdade de Deos, & a mentira do mũdo, como se naõ correm, não se fallaõ bem, & pouco namorados estais vòs da fermosura da verdade, pouco procurais agradala, se ainda lhe fallais pela boca da mentira: ter hum pè no mar, & outro na terra, ainda he duvida da eleiçaõ, & sinal da neutralidade: buscar a Deos com mascara, parece cousa de zombaria, & querer, que vos naõ conheça: estar sobre duas amarras ainda he medo de perigo: querer ter ainda alampada em Meca, he ter ainda fé com Mafoma.

Matth. 6. 24.

Oh que repartido tem o coraçaõ quem quer servir a dous senhores! & de não querer dalo a hum só, se segue não o dar a nenhum, & por isso mesmo perderse. Peccadores, ou bem dentro, ou bem fóra; porque querer isto, & aquillo, nem vos deixa hir para o Ceo, nem vos deixa gozar da terra; nem obrigais a Deos, para que vos ajude, nem peitais ao mundo, para que vos estime; se vos quereis

hir

hir aos infernos por eſte breve engano, que hum momento vos dura, bebei por hũa vez a purga, & fazei o eſtomago a padecer para ſempre a maldiçaõ deDeos, as eternas chamas, os tormentos ſem fim, & a companhia terrivel dos demonios: porèm ſe tratais de hir ao Ceo, de gozar a viſta de Deos, de ouvir os córos dos Anjos, de morar na celeſte patria, de ver a eterna fermoſura, de ter glorias ſem termo, goſtos ſem ſobreſalto, felicidades ſem medida, & bens ſem corrupção, reſolveivos por hũa vez naõ querer o Ceo de meas: haveis de cuidar com Saõ Paulo, que daquelle bem naõ ſaõ dignos os humanos merecimentos, & todas as penas do mundo: ou tudo, ou nada tem aquelles, que deixaõ o nada do mundo, ou ſe perdem por tudo nada: quem ſe rende ao amor de Deos, não faz capitulaçoens com Deos; rendeſe â merce, & de tudo lhe faz entrega: para que vos preſta a razaõ, ſe não deſauthorizandoſe no ſerviço, & no amor de Deos, tendes vergonha de ſervillo? Naõ gaſteis a voſſa vaidade nos deſejos do deſengano, ſe quereis, que o amor de Deos viva encantado na vergonha, prezo na caſa do ſegredo, ou de conſerva na mẽtira: amor que he hũa vergonha, que amor póde ſer? por força ha de ſer couſa má, pois tem medo de apparecer, ou o ſeu parecer mete medo: deſenganos de meyo olho ſaõ verdades ſuſpeitoſas, ou cautelas conhecidas; & cautelas com Deos não ſervem, ſe ſaõ mais, que para naõ offendelo; porque ſó ſe encobre o que he mào, & Deos quer, que os ſeus conhecimentos tragaõ o roſto deſcuberto. Quererdes tambem, que totalmente vos deſencante Deos dos vicios, ſem fazerdes da voſſa parte, naõ ſó he teima da malicia, mas eſcandalo da razaõ: ſe cuidais, que enganais a Deos com hũa lagrima de agora, com hum ay de tempos em tempos, com hum ſoluço de anno em anno, he mayor maldade do engano, que vos arraſta ao precipicio, pois naõ ſe chora o que ſe foge; não ſe ſuſpira o que ſe larga; nem ſe ſoluça o que ſe engeita: muito ſimplez he a verdade, muito nùa, & muito ſingella; a mentira muito compoſta, bem veſtida, & muito ornada; por iſſo não pòde a mentira conformarſe bem com o parecer da verdade; pois por mais que o queira imitar, ainda que fique bem córada, ſempre fica mal parecida: mentem muito os pulſos do mundo, a quem lhes quer curar os males; porque encobrem ordinariamente com os latidos do engano as intercadencias do eſpirito: o meſmo he parecervos mal o mundo algũa vez, que appa-

Ad Rom. 8. 18.

apparecervos Deos com a occasião do desengano, se não lâçais mão delle para o meter em casa, & desenganar os outros, em que vos aproveitais de Deos. Se quereis viver para Deos, haveis de morrer para o mundo: pois fizestes honra ao demonio adorando os vultos da culpa; haveis de honrar tambem a Deos, derrubando as aras, & os idolos a quem daveis adoração: ha de fugir a vossa vida de todas as vias do escandalo; haveis de buscar a luz, ainda que naõ queirais luzir; haveis de amar a Deos às claras, ainda que o gozeis ás escuras, conforme vossa vocaçaõ, & segundo seus beneficios: esconddei embora o segredo, que importa muito que se guarde; & guardai tambem o thesouro, que não convem porse na estrada; mais haveis de mostrar ao mundo, que aborreceis em seus deleytes o q̃ vos fez fugir de Deos; que naõ quereis de seus enganos, o que o desengano vos prohibe; que engeitais à sua mentira, o que só quereis na verdade.

Se pois quereis, ó peccadores, caminhar por via direita sem duvidas, nem embaraços, naõ he necessario ir ao ermo, para que povoeis os desertos, & despovoeis as Cidades; idevos à vossa razaõ, entray no vosso conhecimento, vede o que fostes, & o que sois, & o que brevemente sereis; entrai logo mais para dentro, & cuidai bem em quem he Deos, cuidai como vos receberá quando sahirdes desta vida, & como vos convem sahir, & vivei dahi por diante, como naquella ultima hora quizereis ter vivido: não se vos dè do que dirá o mundo; olhai só o que dirá Deos, se para naõ servillo se vos der mais do que dizem os homens, que do que elle quer: notavel medo faz á virtude que está no berço, & anda em mantilhas, este coco, do que dirão; mas a que já he crescida, como conhece os espantalhos, ou os despreza, ou zomba delles. Se dizem, que sois hypocrita, & vòs o sois, razaõ he que o digaõ; não vos fazem injustiça; & se o naõ sois, que mal vos faz quem vos naõ faz ser o que diz? Se vos chamaõ santo, & vos ensina a humildade, que por vòs sois nada, nada disso vos toca; deixai louvar a Deos na sua creatura: se vos faz mal a vangloria, vede que vòs sois o mào, pois fazeis peste do louvor de Deos: & se isto vos não succede, vede, que vos ensina Deos pelos homens o que deveis de ser; & que vos reprehendem os que vos chamaõ santo, se ainda o não sois, & nada disto vos fará mal. Envergonhese cada qual de faltar ás obrigaçoens da ley de Christão, que professa; & de rebellarse contra Dèos, por fazer o gosto

ão demonio peccando; mas não tenha pejo de ser bom fiel, & de parecer o que he para honra, & gloria de Deos; como a cada hum de nòs admoesta Saõ Paulo na pessoa de seu discipulo Timoteo: *Noli itaque erubescere testimonium Domini nostri.*

---

## GOLPE XXXII.

*Deum, qui te genuit, dereliquisti, & oblitus es Domini Creatoris tui.* Deuter. 32. 18.

Mostrase, como o peccador por hum nada, & menos que nada desempara, & deixa a Deos.

## GEMIDO XXXII.

DEixárão a Deos os homens, afastáraõse de Deos, derãolhe as costas, & viráraõse para as creaturas: & não só para as creaturas, mas para muito menos, que ellas; deixàraõ finalmente a Deos por tudo nada. Nada, dizem os Theologos com Santo Agostinho, que he tudo, o que he offensa de Deos: *Peccatum nihil est.* Deixáraõ os homens a Deos pelas honras do mundo, pela fortuna, pela fama, pelo deleyte, & pela fazenda, que estas saõ as fontes principaes de toda a perdiçaõ do mundo, como diz o Evangelista S. Joaõ: & todas estas cousas saõ nada, porque saõ offensas de Deos; nada, porque para nada prestão para a virtude, antes a arriscão; nada, porque nada aproveitão para a salvaçaõ, antes a impedem; nada, porque para a outra vida naõ levaõ mais, que a culpa, sobre quem fica o castigo da condenaçaõ eterna; nada em fim, porque em nada se conformão com os preceitos da ley de Deos, que saõ amar a Deos, & ao proximo: & como por todas estas cousas, que saõ nada, deixamos o Senhor de tudo, bem se deixa ver, que por nada deixamos a Deos sempre, que o deixamos por isto.

Aug. tom. 9. tract. 1. in Joan. post med.

1. Joan. 2. 16.

He offensa de Deos a honra, & por consequencia nada; porque o desejo da honra teve principio na offensa, & desestimaçaõ de Deos; desestima a Deos, & offende-o, quem por ser o mais honrado do mũdo, quer ser como Deos: isto quiz ser Lucifer, Adão, & Eva; & nada lhes aproveitáraõ estas honras pertendidas, mais que de cahir Lucifer do Ceo nas penas do inferno, & sair Adão do Paraiso, ainda depois de penitente: a hum, fazerse vil demonio; a outro, baixo trabalhador, homem de ganhar miseravel, que roçasse abrolhos, & espinhas: eis-aqui como as honras saõ nada, porque saõ offensas de Deos; eis-

aqui

aqui como ſe caſtigaõ.

He nada a fortuna, porque o querer ter fortuna por màos caminhos começou em aggravos de Deos, & em mal do proximo; & offende a Deos quem quer ſer o mais bem afortunado no mũdo. Matou Caim a ſeu irmão Abel, por tirar do mundo hum homem, que tivera melhor fortuna com Deos, do que elle tivera: mas iſto que lhe aproveitou? Naõ lhe aproveitou iſto de nada, mais que pollo peyor com Deos, de excomungarſe para o mundo, & condenarſe para ſempre. Traçou Amaõ a morte de Mardocheo, porque lhe não furtaſſe a fortuna: & que ganhou com eſta traça? Que? Morte infame de forca neſte mundo, & morte eterna no outro, porque a Deos, & ao proximo offendeo ambicioſo da ſua fortuna.

Gen. 4.

Eſther 6. & 7.

He nada a fama; porque o querer ter nome, & fama teve a ſua raiz no pouco temor de Deos. Fez Nemrod a torre de Babel, para fazer grande a ſua fama, & famoſo o ſeu nome; & que lhe aproveitou, querendo ſem temor de Deos tomar o Ceo com as mãos? Que lhe valeo aquella machina, que lhe levãtou a vangloria? De nada lhe valeo mais, que de edificar hũa confuſaõ do mundo, & arruinar a communicaçaõ, & a ſociedade dos homens; & no cabo irſe aos infernos com outros muitos, que, por lhe guardarem as pevides, derão o meſmo fruto.

Gen. 10. 9. & 11. 4.

He nada o deleyte; porque o deleyte profano naſceo da corrupçaõ das virtudes, mudando a ley da razão, na eleiçaõ do appetite. Miſturáraõſe os filhos de Deos com as filhas dos homẽs; iſto he, os adoptados na ley com os quebrantadores della; & corrompeoſe toda a carne em feyos, & abominaveis vicios: & em q̃ parou eſte deleyte? Parou em fazerſe ira de Deos, & ſua dôr de coraçaõ; & a noſſo modo de fallar, em pezarlhe de haver feito o homem; de que ſe ſeguio caſtigar univerſalmente a terra com as aguas do diluvio, para apagar com ellas os ſenſuaes incendios; & depois punilos com eterno fogo, deitando no inferno hum diluvio de almas.

Gen. 6.

He nada a fazenda; porque o querer ter mais fazenda da neceſſaria para o uſo honeſto da vida, naõ teve outras fontes, q̃ as da ambiçaõ, & avareza; & querer guardar para ſy o q̃ Deos deu para todos, he offenſa grande de Deos, & falta do amor do proximo. Principiou o rico Avarento a juntar fazenda, juntando culpas a culpas, & deixando perecer a Lazaro: & de q̃ lhe ſervio a riqueza, & banquetes? Naõ lhe ſervírão de outra couſa, que de darem com elle no mais profundo abiſmo.

Luc. 16. 19.

Eis-aqui, mortaes, o que tendes

des de tudo, nada para a duraçaõ da vida, & menos que nada para alcançar a gloria: vangloria he tudo, & tudo offensa de Deos, &. por isso nada: se quereis ser honrados como Deos, sendo Deoses na terra, ou perdereis o Paraiso, como Adão, ou cahireis no inferno, como Lucifer: se quereis por ruins caminhos ter melhor fortuna, que os outros, ou vos perdeis como Caim, ou acabais como Aman: se quereis ter nome, & fama como Nemrod; como elle vos confundis: se quereis deleytarvos sensualmente como os filhos dos homens, apressareis o castigo, & virá sobre vós hum diluvio de ira: se quereis superfluamente juntar riquezas como o Avarento, meteis-vos na regiaõ da morte, & no carcere da perdiçaõ.

Boas saõ as honras, a fama, a fortuna, a fazenda, o deleyte honesto, boa a fermosura, a sabedoria; pois Deos honrou a Adão, como diz David: Deos deu boa fortuna a Mardocheo: Deos fez grande o nome de Abrahão: Deos com Rachel concedeo deleytes a Jacob; & fez rico a Job sobre todos os da sua idade: fez Deos fermosa a Judith para livrar a Bethulia da oppressaõ de Holofernes; & a Salamaõ o mais sabio homem do mundo: mas em não sendo todas estas cousas dirigidas ao louvor de Deos, & a

Psal. 8. 6. Esther supr. Genes. 12. 2. Genes. 29. 20. Job. 1. 3. Jud. 10. 4. 3. Reg. 3. 12.

mayor gloria sua, as honras saõ precipicio da soberba, as fortunas saõ isca do dano, a fama, cõfusaõ da vida, a fazẽda, trato do inferno, os deleytes, causa da morte, a fermosura, alfaya da vaidade, & a sabedoria, aposento da vangloria.

Para que saõ honras, se no ser fisico, & se na natureza todos somos huns? As mais pequenas fontes, & os mais humildes regatos, da mesma natureza saõ, que os mayores rios; se estes saõ mais nobres, mais ricos, mais deleytosos, & mais nomeados no mundo, he, porque usurpando as aguas alheas, alcançàrão a mayoria, tiranizando as igualdades: mas isto de q̃ lhes aproveita, senão de chegar mais depressa ao mar da morte, que tomandolhes residencia de tantas ambiçoens, & roubos, lhes faz perder o nome, entregar a fazenda alhea, suspender o curso, & acabar a vida?

Oh que pequeno coraçaõ devem de ter os peccadores, pois se enchem com tudo nada! Chorava Alexandre Magno, sendo gentio, não haver mais que hum mundo para vencer; sentia o coraçaõ vasio com a posse de hũ mundo inteiro, porque a seus bizarros espiritos era hũ só mundo tudo nada: & sabendo as almas Christans, que he menos que nada este mundo, como o ponderou Daniel, quererem

Dan. 5. 27.

por

por menos, que nada, perder a Deos, que he mais que tudo, que he, senão fraqueza de espirito, cegueira de entendimento, & pequenhez de coraçaõ? Não se serve Deos de coraçoens pequenos, nem de espiritos pusillanimes; quer huns coraçoens tão grandes, que não cabendo em todo hum mundo, só com Deos se possaõ encher: coração, que se enche com hũa creatura, adonde ha de agasalhar a Deos? adonde lhe fará bom lugar, quando Deos vier a elle? Casas muy terreas saõ aquellas almas, que hum dia, que Deos as visita, naõ tem adonde o penhão mais alto, que entre as mais cousas vís, & baixas, que tem em sy da mesma terra: almas, que não tem sobrado, adonde o que he do Ceo fique em cima, & em baixo tudo o mais que he baixo, adonde receberáõ a Deos? adonde o meteràõ? por força ha de ser na rua aõ andar do mundo, pois ha de ser fóra de sy; porque dentro de sy não pòde ser, por estar a casa occupada, & com alfayas muito indignas de poremse aos olhos de Deos: se pois isto succede aos coraçoens, que se enchem com o que tem ser, que em fim tem ser as creaturas; que vileza será a de hum animo, que com nada se enche, & se occupa com tudo nada? Se pois as honras, as fortunas, a fama, o deleyte, a fazenda, & a fermosura saõ nada em tendo fins profanos, se o nada não tem ser algum; que coração terão os peccadores, para que Deos se sirva delles, se com nada se pejaõ, & com nada se occupão?

Por isto me persuado, que lhes faz mal a muitos homens terem algum favor de Deos, algũa luz do caminho da salvação; porque como saõ para nada, se começão, não perseverão; se hum dia vão para diante, os outros tornão para traz, fazendo-se sempre peyores, & morrendo do que os outros vivem: o fogo, que para o ouro he prova, para a palha he incendio; a agua, que para o peixe he vida, para o homem he morte; a chama, que para os animaes he medo, para a salamandra he pasto; o mesmo vento, que mete no porto hũa náo forte, mete no fundo hũa barquinha fraca; a mesma agua, que correndo por ervas salutiferas he boa, correndo por ervas peçonhentas he pessima; o mesmo calor do Sol, que para hum jasmim delicado he febre aguda, para hum cedro forte, & robusto he saude: & a razão he; porque aquella fragilidade cheirosa adoece do seu melindre; & aquella verde valentia no seu vigor se fortalece: as cousas grandes, & sublimes não saõ para animos molles; saõ para coraçoens robustos: a Cruz de

de Christo, que para os fracos he morte, para os generosos he vida; a huns serve de pezo, a outros de valor; para estes he alento, para aquelles desmayo; desmayaõ estes de ver, que para seguir a Christo, da honra hão de fazer desprezo, da fortuna, infortunio, da fama, infamia, do deleyte, mortificaçaõ, & das riquezas, pobreza: alentãose os outros, porque achão na pobreza os thesouros, na mortificaçaõ o gosto, na infamia a estimaçaõ, no infortunio a Estrella, & na deshonra o credito: recebem o cento por hum na Fè, com que se desenganão, na esperança, que poem em Deos, & no amor, que só tem a Deos; do mais usaõ, como se não usárão, vendo que tudo he corrupçaõ, apparencia, vento, & mentira: mas, oh desdita grande! enfermidade sé cura! erro sem emenda! q̃ o mesmo vento, que para hũa náo he favoravel, para outras seja contrario! tudo nasce em fim de andar ás avessas com Deos, que sempre nos dá vento em popa: & por isso o mesmo Deos, que para huns ha de ser misericordia, para outros será justiça; para huns, piedade, & para outros, rigor; para huns, premio, & para outros, castigo; para huns, gloria, & para outros, pena: gloria para o justo, & pena para o peccador, que por nada o desemparou, & sem que, nem para que lhe virou as costas.

Oh almas melindrosas, se a tentação vos acha flores, com qualquer ardor da concupiscencia vos derruba, com qualquer bafo de vento da vaidade vos murcha, & vos enxovalha: mas se vos acha troncos robustos, fortifica-vos, faz-vos crescer, & medrar: & a razão he; porque assim como a flor he figura da fragilidade, que não se cansa em deitar raizes, senão em crescer, & deitarse para o ar com desejos de ostentação, & por isso logo perece: assim a nossa fragilidade amiga das cousas vans, & caducas faz por parecer bem, & por ser recreaçaõ do mundo, não tem fundamento em que se firme; dalhe o ar da vaidade, & leva-a o vento; dalhe o Sol, & mirralhe toda a sustancia: não assim o tronco, figura da virtude, porque em lhe dando o Sol, ou vento, pegase ás raizes, vay buscar com humildade ao centro da terra as forças, com que ha de resistirse; de que nasce, q̃ tendo as tempestades dentes por fóra, & naõ por dentro, não lhe passaõ do vestido os golpes do tempo; se lhe fazem movimento nas folhas, não lhe abalão o pè, nem lhe movem as raizes, que estão pegadas ao seu centro; & disto nasce, que o tronco, & a virtude se augmenta com o que a flor, & o vicio se arruina.

Oh alma peccadora, ſe como tronco te pegas com as raizes da Fè, Eſperança, & Caridade ao teu centro, que he Deos, nenhum mal te poderáõ fazer todas as tempeſtades do mundo, carne, & inferno: porèm, ſe como flor leviana, com qualquer ſopro te deixas levar do vento de qualquer tentaçaõ, pereces, porque te apartas de Deos. Não deſempares, peccador, a teu Pay celeſte por hum nada: não te eſqueças de Deos teu Creador: ouve a reprehenſaõ, que te dá o Santo Moyſes: *Deum, qui te genuit, dereliquiſti, & oblitus es Domini Creatoris tui.*

---

## GOLPE XXXIII.

*Fallax gratia, & vana eſt pulchritudo.* Prov. 31. 30.

## GEMIDO XXXIII.

NAõ ha couſa mais fea aos olhos de Deos, que a fermoſura, que ſe emprega nas profanidades do mundo: porque ſe aquellas graças da natureza, que Deos lhe deu para que o louvaſſe, ſe empregão na ſua diſgraça, requeſtando as ſuas offenſas para melindres da vangloria, para alvitres da culpa; que couſa pòde haver mais fea? A corrupçaõ das couſas tanto he peyor, quanto he melhor o que ſe corrompeo; ou quanto mais ſe muda no ſeu contrario: por iſſo o Sol, quando ſe eclipſa, he medonho, & aborrecivel, ſendo de antes taõ agradavel, & bemfeitor da natureza; mudaſe em ſombra eſcura a luz mais clara, & parece, que todo o orbe ſe eſcandaliza, & ſe aborrece deſta mudança não eſperada: naõ ſe eſcandaliza o mundo, de que a ſombra ſeja fea, a noyte, eſcura, & o eſcuro, feiſſimo; mas de que a luz ſe eclipſe, a claridade ſe eſcureça, & o Sol ſe demude, não ſó ſe eſcandaliza, mas ſe aborrece.

Bellezas, que não ſervem para mais, que para ſer iſcas do vicio, oh que fea couſa ſaõ! Gentilezas, que não preſtaõ para outra couſa, que para alvo do appetite, para incentivo do erro, para occaſião do peccado; oh como devião ſer medos de ſeu dono, mais que vanglorias; faſtios, mais que ſatisfaçaõ! ſaõ perigos bem aſſombrados, males, a q̃ ſe tem amor, & viboras, que ſe crião no ſeyo, para depois ſe meterem no coraçaõ. Alguns julgão por pedra filoſofal a fermoſura, que de tudo faz ouro; & ordinariamente he pedra de eſcandalo, que de tudo faz culpa. He falſa a graça das bellezas, porque parece hũa couſa, & he outra: parece ouro, & he alquime; parece bem, & he couſa mà: he mà para ſeu dono;

dono; porque lhe mete em cabeça, que ninguem lhe faz melhor rosto, que seu mayor inimigo: & para os outros he mà, & peyor; porque os persuade, que não ha mais que ver, nem desejar, que aquella treiçaõ enfeitada, com que o seu dano se bemquista: muitos crem, que he hũa benção da natureza, & he hũa maldiçaõ de Deos: diz a boca, quando a vè, seja Deos louvado: & diz o coração, seja Deos offendido: começa em Deos vos guarde, & acaba em Deos nos livre: anda seu dono toda a vida amimando-a, & cada vez se faz peyor, & mais perigosa a seu dono; não quer às vezes este, que o ar a toque, porque lha não leve o vento; não a deixa ver Sol, nem Lua, porque lhe não quebre o caraõ: empapelase na vaidade, poemse de conserva no resguardo, & corrompese no vicio; porque os dias a gastão, as horas a minão, & os momentos a voão; corrompendose, quando com mayor cuidado se conserva: cada dia he hum inimigo, que de mais a mais lhe faz mal; porque lhe vai tirando a vida sem se sentir, vailhe enxovalhando a flor sem se conhecer, & mudando a feiçaõ, sem a desaffeiçoar: & he vãa por isso a fermosura, pois afaga a vaidade, que só lhe fica de hum desengano, que se lhe vay em cada momento, que vê: fica vãa do que tem em vão, & do que goza debalde, pois se goza do que se lhe passa cada dia, do que cada hora se muda, & do que cada instante se acaba: gloriase do que naõ he seu, trata-o como proprio, & paga-o como alheyo; porque tarde, ou cedo ha de dar conta cada hum do thesouro, que recebeo, & dissipou como quiz, & não como devia: sendo de Deos tudo, & nosso só o mào uso.

He falsa a graça, & a belleza: porque sendo hũa musica de feiçoens, hũa consonancia de partes, & hum aggregado decoroso de proporçoens convenientes, quanto se afina por fóra, tanto desafina por dentro; quãto melhor tempèra o som, que faz aos olhos, tanto mais se desproporciona para os coraçoens: parece armonia dos sentidos, & he dissonancia para os animos: os baixos, & os altos dissonão, porque no louvor de Deos não tem o fundamento: os graves, & agudos desdizem, porque não soaõ para Deos, como para os homens; nem se regulaõ para o espirito, como para o corpo: as falsas na verdade, as quebras na razaõ, & os requebros na culpa, saõ os que parecem melhor, o que muito se estima, & o que mais agrada: & daqui nasce, que quem parece Serafim por fóra, he demonio por dentro, pondose no parecer toda à

gloria, & no ſer todo o deſcuido.

Oh gentilezas do mundo enganoſas, como enganadas! enganavos a voſſa vaidade com o meſmo, com que enganais o mundo; enganais o mundo com huma apparencia agradavel, & ella vos engana a vòs com hum deſvanecimento aprazivel: bebevos a caricia os ſemblantes, a liſonja vos gaba as fórmas, o vicio vos adora os vultos, & a culpa vos ſuſpira os geitos, ſem paſſarlhe pelo penſamento, que vos gerou a podridaõ, que naceſtes em anguſtia, que viveis em miſeria, & acabareis em affliçaõ; & que em fim ſois no mayor mimo de voſſa preſunção florente, hum barro com melhor caráõ, hum ſaco de terra com vida, hum pouco de lodo com alma, hũa caveira paleada, q̃ ſe eſconde, hũa morte encuberta, hũa terra melhor córada, & hũa cinza bem parecida: de que pois vos enſoberbeceis, gentilezas vans, bellezas falſas, fermoſuras fingidas? de hũa apparencia, q̃ he mentira, de hũa preſunção, que he quimera, & de hũa vaidade, que he nada? Se he de hum pouco de ar, que vos move, quando a outros ſuſpende; que vos recrea, quando a outros faz mal; como não vedes, que he ar, onde vós ficais em vaõ, porque he vangloria? Como eſtimais eſſe ar, que parecendo bom, he ar corrupto, & hũa peſte, que aos outros, & a vòs mata por contagio? Se he de hũa natural viveza, que mexerica as perfeiçoens; como tendes por couſa boa, quem deſcobre os voſſos ſegredos, & deſaſiza a gravidade? Se he deſſa meſma gravidade, que vos authoriza as preſenças; como tendes a hypocriſia por virtude da fermoſura? Se he das artes, com que a malicia quiz emendar a natureza; como dos remendos do vicio fazeis vòs a gala das prendas?

Oh bellezas, ó fermoſuras: todas ſois como veſtido, luſtrais hoje, á manhãa vos rompeis, o outro vos çujais, & depois vos fazeis hum trapo: ſois barro, & ainda que ſejais de Eſtremòs, ainda que da Maya, hoje ſereis brinco, & á manhãa caqueiro: ſois lodo, & ainda que ao Sol, & ao tempo pareçais lama de prata, haveis de tornar ao que ſois, porque vos hão de pôr de lodo: ſois podridão, & ainda que pareçais hũas flores, & cheireis ás mil maravilhas, haveis de ſer aſco, & fedor, porque ſois agora hum cofre de nojos, & depois hum ſaco de bichos. Se pois a experiencia, & a viſta vos enſinão eſtas verdades, para que ſois vãs? para q̃ ſois enganoſas? Todas ſois cavallos de Troya, por fóra hũ aparato ſanto (ſendo de ordinario laſcivo, & profano) q̃ ſe

ſe fingio virtude, & por dentro hũa guerra viva, hum diluvio de eſtragos, hũa maquina de mortes, hum artificio de incendios, hum mar de ruinas, & hũa oſtentaçaõ fermoſa, que pareceo maravilha: ſe a vangloria, que vos ufana, he queda, que já vos derruba: ſe a corrupçaõ, que vos caſtiga, he impulſo, que vos apreſſa ao dano, que vos ameaça: ſe nada no mundo vos favorece, & tudo vos perſegue, a honra, que vos poupa, vos enterra, a carreira, que vos goza, vos enxovalha, o vicio, que vos gaſta, vos deſtroe: ſe o tempo vos falta, tiravos com a morte a belleza; ſe vos ſobeja, poem-vos na cara a voſſa injuria: oh que diſgraça tão grande! que engano tão manifeſto, ver que ſaõ tantos os riſcos da fermoſura, aſſim viſta, como viſtoſa; & que ſeja ainda aſſim mofina taõ prezada, riſco tão requeſtado, eſcandalo tão bem viſto, & peſte tão aſſiſtida, & cortejada! Naõ ſe contenta quem a vè, de a trazer nas palmas, & nos olhos; mas ainda para a meter dentro n'alma lhe faz paſſadiſſo do coraçaõ. Oh atreiçoado bem! oh requeſtado mal! veneno ſuſpirado, praga appetecida, ſalvação de nenhum, & perdiçaõ de todos!

O' mortaes, do mal, que nos apparece com o ſeu roſto, não ha muito, que recear; nem he neceſſario eſtar de aviſo para nos defendermos delle, elle meſmo nos aviſa a roſto deſcuberto: ſe a eſpada nùa ſe nos poem nos olhos, cada qual acode logo ao reparo: da ſerpente, q̃ ſe nos poem diante para tragarnos, cada hum faz por lhe fugir; mas do mal, que nos pareçe bem, do dano, que ſe veſte de remedio, da peçonha, que ſe vende por triaga, do demonio, que ſe finge Serafim, quem ſe poderá livrar ſem engano, ou ſem perigo? he neceſſario trazer álerta o cuidado, a cautela de ſobremão, & os aviſos de mão poſta: hum mal taõ gentil-homem, que nos leva os olhos, tão geitoſo, que nos enleva os ſentidos, tão galante, que lhe achamos graça, & tão meigo, que ſe nos mete no coração, como ſe ha de ſahir, ſe o deixamos entrar? como ha de ter reparo, ſe naõ reparamos nelle? He pois neceſſario andar de acordo, que a gentileza, & fermoſura mundana he falſa, fingida, & apparente, para que não engane aos deſcuidados, como adverte o Eſpirito Santo: *Fallax gratia, & vana eſt pulchritudo.*

## GOLPE XXXIV.

*Ecce motus magnus factus est in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus, ipse verò dormiebat.* Matth. 8. 24.

### Como no meyo da tempestade dos vicios hão de recorrer a Deos os peccadores.

## GEMIDO XXXIV.

MEtèrãose em hũa barca os Discipulos com o Senhor, resolvendo-se a não deixalo nas tribulaçoens do mar, assim como o tinhaõ seguido nas prosperidades da terra: mas em se fiando das ondas, começou com cerraçaõ escura a cahir o Ceo em nuvens, o ar em chuva, o fogo em rayos, os orizontes em ventos, & todo o mundo em confusaõ, pois o mar se erguia em montanhas, o vento se precipitava em serras, o dia se desfigurava em sombras, o Sol se descorava em trevas; em cuja turbaçaõ medonha, cheyo tudo de horror, & assombro vagava a misera barquinha padecendo, quasi sorvida da voracidade das ondas, em cada momento hum risco, em cada vaivem hum naufragio: virãose a risco de perderse os mesmos escolhidos de Deos; desconfiárao de remedio por todas as vias humanas, & recorrèraõ ao Senhor, que dormia, parecendo que no descuido se esquecia dos seus mimosos, & do governo das creaturas.

Se pois, os que trazem a Deos comsigo, os que andão na companhia de Deos, os que se chegão mais a elle, & os que o servem com mais cuidado, se vem a risco de perderse em o Senhor se descuidando, a nosso modo de fallar, ou fazendo, que se descuida; se achão, que não ha outro remedio, senão recorrer ao Senhor, clamarlhe, & pedirlhe que os salve, que lhe acuda, & que os ajude: como esperão melhor fortuna os que andão no mar deste mundo em companhia do demonio, cubertos das ondas dos vicios, & perdendose a cada passo nos baixos, & sirtes do seculo? Correm perigo os justos, não o correm os peccadores? Os justos se escapão do naufragio, he pegados á taboa da Cruz; & os mundanos salvarsehão submergidos em hum mar de culpas, & tragados já das baleas, & de outros monstros infernaes? Se se salvão escassamente os que não tem outro cuidado, mais que tratar da salvaçaõ; como crem que se hão de salvar os que só tratão de perderse? (1. Petr. 4. 18.)

O' homens de almas assombradas, de coraçoens anoitecidos, de vidas torpes, & asquerosas,

rosas, de palavras negras, & escuras, de pensamentos carregados, de conciencias sombrias, de obras cegas, & defuntas; como naõ vedes, & notais, que todos esses movimentos, q̃ tendes no golfo do mundo, os permite Deos muitas vezes, para que delle vos lembreis? Que todas as tribulaçoens d'alma, tempestades da vida, & honra, borrascas do fado, & fortuna, tormentas do gosto, & da pena, as manda, & quer o mesmo Deos, por ver, se de hũas afflígidos, de outras feridos, & humilhados, contrastados, ou confundidos recorreis à sua piedade, buscais nelle o vosso refugio, & dais emprego, ou exercicio àquella altissima bondade, que vos queria para mais, que para assumpto vão, & inutil de tão grandes misericordias? Vede que he mar todo este mundo, cheyo de riscos, & tormentas, de que se escapão muy poucos; por hũa parte o vosso descuido he calmaría, que vos prende; por outra a vãa sensualidade he serea, que vos atrahe; por muitas, a vossa vaidade he temporal, que vos çoçobra; por não poucas, a vossa ambiçaõ he tormenta, que vos contrasta; & por todas, o vosso engano he onda, que vos mete a pique: tome pois a razão o leme, vire as velas o entendimento, siga outro rumo a vontade; porque se a vossa estimaçaõ quizer saber por fantasia a altura, & clima donde está, na breve carta de hum papel, que huma pinga de agua desfaz, achará pello todo o mũdo; nas pinturas de hum pergaminho, que hũa gota de tinta borra, verá a melhor apparencia de sua falsa ostentaçaõ, muito chãs as suas alturas, muy iguaes suas mayorías, suas larguezas entre huns riscos, toda riscos sua grandeza, & cumprido á risca o engano, dos que estimão suas larguezas, ou aceitão seus cumprimentos, ou se arriscão por hũs, & outros.

Oh se os homens já se enjoárão de andar lutando com as ondas! Se se persuadírão os homẽs, que andavão fóra de seu centro! Se desejando tomar terra, se lembràraõ de que saõ pó, quem duvída, que para o porto da sempre alegre eternidade puzerão a proa do sentido, dobrando para a India do Ceo o Cabo de Boa Esperança; & não o verde da ambiçaõ para a oca mina do mundo? Oh que depressa o desengano conhecèra então claramente, que quanto aqui he porto bello, nada tem de porto seguro! Que facilmente descubrìra nas enseadas, com que o mundo nos convida com seus abrigos, encubertos aquelles riscos, que amorosamente nos chamão, & enganosamente nos prendem no mesmo ponto, em

que se tocão! Oh como viramos a tempo as armaçoens, com que no pègo, feito cossario este inimigo, anda a corso de nossas almas! Mas nem por isso desconfiem os que se vem mais derrotados, porque á liberdade dos ventos entregárão a liberdade; os que engolfados no appetite, nas cegueiras, & nos deleytes pertendèrão surcar os mares a todo tempo vento em popa; porque se em fim, dando por davante nos fizermos em outra volta; se buscando a Estrella do mar, seguirmos o norte da Fé; se, tomando a altura do Sol, não nos deixarmos á esperança; se dos rumos do amor de Deos nos não desviar o amor proprio; & se finalmente não perdermos na mesma quietação do porto tudo o que escapou do pégo, ganharemos o balravento ao mundo, á carne, & ao demonio; mudarseha em breve tempo o temporal em mar bonança, o naufragio em boa viagem, & a perdição em salvamento: com o que sendo para a alma todas as ondas mar pacifico, no meyo dellas gozaremos hũa doce serenidade; atè que em fim desembarcando nas prayas de hũa vida quieta, possamos erguer ao Senhor o templo santo da oração, pôr nas aras do desengano os sacrificios da vōtade, pelas paredes da memoria as insignias destes milagres, & por toda a parte do exemplo as reliquias deste escarmento, a cuja vista vão crescendo os votos da vida Christãa, & devoção das maravilhas, atè que no sossego eterno descanse a alma para sempre.

O' pois miseros peccadores, que calçados de rémoras, & vestidos de tartarugas não dais hũ surco, nem hum passo para salvarvos desses riscos; que metidos no mar do mundo, quando quereis fugir das ondas, ides chocando com as penhas; que nessa escura cerração de vossas culpas, & ignorancias, perdido o norte da razão, apagado o farol da Fè, roto o leme do entendimēto, ides ao gosto desse mar de vossos vicios, & deleytes; ides á vontade dos ventos de vosso engano, & vaidade, a sobvertervos no profundo dos negros abismos do inferno; abri os olhos, & os sentidos; vede, que dentro de vòs tēdes a Deos, que está dormindo sobre a taboa de vossos corpos, que vay já fazendo naufragio; pedi a Deos, que vos acuda; chamai por elle, ainda que dorme por não assentir a olhos vistos às offensas, que lhe fazeis. Tempestuoso he este golfo nas mayores serenidades; nelle se perdem cada instante não só as barcasinhas pobres de vossas vidas miseraveis; mas tambem os baixeis mayores, que surcão suas falsas ondas: para escapar não ha remedio,

medio, se não vier das mãos de Deos: a barquinha de vossa vida por todas as partes faz agua: os monstros desse mar terriveis por ambos os bordos esperão tragarvos a cada momento: cõtra vòs he diluvio a chuva, que para os campos he remedio: cõtra vòs he já tempestade, o que he sómente viração para as plãtas da terra boa; que esperais, em que vos detendes? Esperais a hora da morte, em que ninguem de Deos se lembra para cuidar em deter a vida? Detendes-vos na mudança da vida, por parecervos hũa morte? oh que engano tão manifesto! pois vos arrasta essa detença á derradeira perdiçaõ: recorrei a Deos muito á pressa, não percais instante, nem ponto, pois por instantes vos perdeis; ainda que dorme, ha de acudirvos no mesmo ponto, em que de coraçaõ o chamardes; ainda que entendais, que está tão longe, quanto delle vos apartastes, ha de ouvirvos, & ha de valervos; & não deixará confundirvos, se pondes nelle as esperanças: acudi a Deos conhecendo-o, que elle he sómente quem nos salva, & não nossas forças! quem nos livra: chamai-o pois de coraçaõ; ponde sómente nelle os olhos, que elle farà parar os ventos, & porá em obediencia os mares em hũa tranquilidade tão outra, do que saõ todas as do mundo, q̃ direis com louvor, & espanto vendo de Deos as maravilhas: Quem he este, a cujos imperios, a cuja voz, a cujo aceno os mares, & ventos obedecem? *Ecce motus magnus*, *&c.*

---

## GOLPE XXXV.

*Lapis, qui percusserat statuam, factus est mons magnus, & implevit universam terram.* Dan. 2.35.

Mostrase, como he facil ao peccador o crescer na virtude, se principia a emenda da vida, & a continùa.

## GEMIDO XXXV.

MAis facil he o crescer, que o começar: assim o entendia Seneca: *Facilius crescit dignitas, quam incipit*; & assim o ensina a natureza com as aves, rios, & plantas: a aguia, que antes de ter pennas não se atrevera a dar hum vòo, nem ainda hum passo, em tremolando a pompa leve de suas menos graves plumas se remonta a vòos sublimes: o ribeirinho, que na fonte não teve brios de regato, em começando a ser ribeiro, ensaya as aguas para rio: as arvores, que o mais do anno saõ rudo exemplo da fortuna, & das variedades do tempo, em dous dias de prima-

Senec. Epist. 150. in princ.

vera se enchem de pompas, & de flores. Para saber, qual he a causa natural da velocidade, cõ que em começando se cresce, basta pouca filosofia; pois do não ser ao ter principios ha muitos longes no possivel; porèm do ser ao augmentar ha muitos pertos no duravel. Das ondas do mar vio Elias subir hũa nuvem pequena; começou vestigio de hum homẽ, continuou chuveiro grande, & ultimamente fez-se palio, & manto escuro do orizonte, com que cubrio o Ceo, & a terra. Ninguem deixe de começar, por ter por muy difficultoso poder crescer, ou proseguir; mais faz quem move aquella pedra, que nos montes teve a raiz, que quem, já depois de arrancada, a deita a rodar ao valle, adonde desce ajudada da natureza, que a faz seguir o mesmo impulso.

3. Reg. 18. 44.

Natural he, que a planta cresça no mesmo momento, em que nasce; & não he facil, que o Sol nasça, sem que no mesmo instante luza: todos somos como regatos, que para chegar a ser rios, he necessario nascer fontes; & todos somos como as aguias, que se não provamos ao Sol, que do mesmo Sol somos filhos, os que nos crião, nos engeitaõ; & por bastardos do primor das naturaes inclinaçoens, despenhandonos, nos castigão: & somos em fim como arvores, que se vivemos sem dar fruto, gastando em folha todo o tempo, para o fogo eterno nos cortão: demos pois para Deos os frutos, para elle encaminhemos os passos, a elle dirijamos os vôos, & será mar, quem foy regato; crescerá palma, quem for planta; & terá azas, quem tiver pennas: mas querer voar sempre toda a vida pelas regioens da vaidade, sem pôr nunca os olhos no Sol; oh que he sinal de ave nocturna, & não de aguia magestosa! querer ter o mimo do rego, & viver no vicio da terra sem crescer para se augmentar, ou florecer para dar fruto, he malicia de arvore agreste, mais que sinal de planta boa: querer empoçar pelos valles sem correr a seu beneficio, & menos reduzirse ao mar, donde as aguas todas nascérão; oh que he sinal de charco immundo, & de lagoa corrompida, mais que de fonte, ou de regato!

Façaõ pois, façaõ os humanos alguma cousa por seu Deos, ou ao menos por se salvar; não queiraõ que Deos faça tudo, pois para nada os ha mister: comecem, & augmentarsehão; porque o crescer no amor de Deos he mais facil, que o começar: não se escusem de orar a Deos, ou de entrar na santa oraçaõ, com dizer, que estes exercicios requerem conciencias puras, grande aparelho, & contrição,

çaõ, & que nos estados do mundo naõ póde havela facilmente; saõ falsas estas humildades, fementidos estes decoros, pois saõ malicias, que se esprayaõ, quando receyos, que se encolhem: saõ cetrerias do demonio, que com estas filacterias nos aparta do entendimento o caminho da salvaçaõ; pois ainda que seja verdade, que para perfeita oraçaõ se haja mister pureza com Deos, grande desapego comnosco, grande differença de vida, muita mudança de costumes, & em fim hũ grande excesso d'alma no odio, que ha de terse a sy, & no amor, que ha de ter a Deos, não impede, que ao menos busquemos a Deos muitas vezes, como o enfermo busca o medico, como o escravo a seu Senhor, como o pobre, que pede esmola, como o prezo, que quer soltura, & em fim como filho a seu pay, que o ha de receber nos braços, ainda que tenha sido prodigo, & ainda que venha çujo, & nù, & cheyo de outras mil miserias.

Se pois o Pay celestial, Pay de amor, & misericordias, & infinita consolaçaõ, taes, quaes somos, nos está rogando, que venhamos para os seus braços, os que andamos carregados, & oprimidos; como póde ser cortesia, reverencia, ou humildade não querermos chegar com a falsa cor, & disculpa de não estarmos para isso? Estando cheyos de immundicias, de abominaçoens, & peccados, quem, senaõ elle, ha de limparnos, & fazernos dignos a todos de estar diante dos seus olhos? Por ventura para este traje, em que queremos apparecerlhe, & achar graça em sua presença, nos poderemos preparar, enfeitar, & compor nas guardaroupas do mundo, nas cadeas do demonio, ou nos atoleiros da carne? Se na casa do arrependimento nos não podemos consertar; se com a cor da penitencia, & com os sinaes da contriçaõ nos não fizemos gentis-homens, & capazes de apparecerlhe; como apartados da virtude, & desavindos com a emenda nos acharemos mais capazes? Quem pois nos ha de preparar para chegarmos ao Senhor? Serão as feiçoens do peccado, o toucado da malicia, a gala da impenitencia, quarta maldade de Damasco, que não tem, nem terá perdão das misericordias de Deos? Oh Fieis! torpe he o vicio, fea a culpa, desestrada a maldade: tem a cegueira máos olhos, peyor boca a mentira, & nenhũa graça o peccado: se ainda assim achais bom caráõ ao engano deste mundo; se ainda assim vos namorais muito do ar de vossa vaidade; se achais geito na vossa teima, bizarria na perdiçaõ, & no dano galantaria; despedivos de

Amos 1.3.

de Deos de todo, & não façais caſo, nem conta da ſalvaçaõ, que deſprezais, & da bondade, que offendeis com eſſes reſpeitos fingidos de não chegar a Deos tão feyos, como vos tem voſſos peccados.

Culpa he de muy grande pezo fugir de Deos muito ás claras, para querer peccar ás cegas; & chegarmos a crer, que he bõ não nos chegarmos logo a Deos ſem primeiro nos emendar, he maldade mais, que ignorancia, pois elle he ſó quem nos emenda, nos alimpa, & aperfeiçoa, como eſcultor a ſua imagem, como pintor a ſua pintura, & como oleiro o barro, que toma; & ſe eſte lhe fugir da mão, ficará no lodo, ou na terra. Como póde ſer reverencia, & reſpeito, que ſe tenha a Deos, fugir delle para o demonio? tanto nos chegamos a eſte, quanto de Deos nos apartamos: como pois agradará a Deos eſta enganoſa ſubmiſſaõ, com que ſe eſcuſa o noſſo engano, ou a noſſa perverſidade, ſe Deos, por quanto lhe devemos, ſe ſatisfaz com hũa lagrima, & ſe paga de hum ſó gemido, querendo de nós hũ pequei, muito mais, que fazer milagres? Como ſe póde contentar de q̃ delle nos afaſtemos, ſe quanto ſofre, & nos permite, he ſó por ver ſe nos viramos; he porque a elle nos cheguemos, dizendolhe noſſas miſerias, noſſas fraquezas, & delitos? Que temos nós neſte mundo, que poſſamos chamarlhe noſſo, ſenão a culpa, & o peccado? Se pois de males tão mortaes receamos a medicina, que eſperamos da doença? E ſe o medico não curà os males de quem lhe não dà conta fiel delles; como fugimos do Medico divino, & lhe não moſtramos noſſas chagas, ſe he que queremos ſaude? Naõ teve a noſſa fragilidade menos antiga a origem, do que eſta noſſa natureza: barro fomos, & barro ſomos, & terra finalmente ſeremos: cahir, & quebrar a cada paſſo, he propriedade do que ſomos; erguernos para nos unir, he condição do que Deos he: quem o buſca quanto he poſſivel, faz tudo aquillo, que Deos quer; quem o poem diante dos olhos, obriga-o tudo, quanto póde: ſe hoje a ſombra do delito nos encubrio o Sol da graça, á manhãa a luz da verdade, ou hum ſopro daquelle Norte desfarà as nevoas da culpa.

Se iſto, ó peccador, não baſta para te tirar do erro deſſa peſſima reverencia, ou reſpeito, ſobejará para te converter, ſe cres que Deos por ſua grandeza infinita eſtá em toda a parte; & que delle te não podes eſconder de modo algum: ſe pois iſto he verdade Catholica; & aſſim torpe, feyo, & aſqueroſo

roſo andas, & eſtàs diante de Deos, não ſerá bom, que com a capa da penitencia, & veſtido do arrependimento, o buſques para que te viſta a Eſtola nupcial da graça? Como diràs ainda, que te não atreves a apparecer diãte de Deos, ſe nem nos ċalabouſſos do inferno podes eſcapar de ſua divina preſença?

Pſalm. 138.8.

Mas ſuppõdo que começamos a buſcar a Deos, he neceſſario, que advirtamos neſta materia outra ſegunda tentaçaõ, que he, querer logo começar por onde os grandes acabáraõ; & ſe logo naõ creſcemos muito, nos não vemos ſobre as Eſtrellas, cahimos em deſconfiança, & quaſi ſempre na ſoberba de ſentirmos não voar muito nos favores, & nos regalos, que o Senhor faz quando convem, ou a quem melhor lhe parece. Só do rio Nilo ſe conta, que he tão grande quando acaba, como quando começa o ſeu curſo: aquella materia abrazada, que ardeo no Ceo exhalaçaõ, primeiro foy vapor na terra: poucas vezes ha grande incendio, que não principiaſſe faiſca: creſcerá em hũa hora hum cedro, mais que outras plantas em hum dia; mas não vemos, que dem as palmas em poucos annos grandes frutos: não fora ſeguro o correr, a quem começa a engatinhar; por iſſo neſtes o cahir não he tanto de reprehender; donde vem, que Deos muitas vezes naõ conſente às formigas eſpirituaes, que tenhão azas: aos meſmos, que com longo eſtudo adquirirão grandes ciencias, nos primeiros dias de eſcola foy arte eſcura o A, B, C. Animemſe pois os biſonhos, não deſmayem antes da guerra, das batalhas, & dos conflitos; porque as batalhas, que ao homem ruſtico ſaõ medo ſó imaginadas, para o ſoldado generoſo ſaõ gloria, ainda combatidas: os grandes edificios do mũdo não forão obra de hũ ſó dia; nem ainda as maravilhas em florſaõ ſó fadiga de hũa hora: o ponto eſtá em começar, & continuar, que aſſim vem as pequenas couſas a ſer grandes; como ſuccedeo áquella pedrinha, de que falla Daniel: *Lapis, qui percuſſerat ſtatuam, factus eſt mons magnus, & implevit univerſam terram.*

---

## GOLPE XXXVI. & ultimo.

*Qui perſeveraverit uſque in finem, hic ſalvus erit.* Matth. 10. 22.

Sem perſeverãça na emenda da vida atè o inſtante da morte não ha ſalvaçaõ d'alma.

## GEMIDO XXXVI. & ultimo.

POuco, ou nada importa começar bem, ſe os fins não cor-

correſponderem aos principios: começar cõ remontes de aguia, & acabar com abatimentos de morcego, ter principios de rio, & fins de regato, naſcer cedro, & morrer pinho, amanhecer Sol, & anoitecer cometa, madrugar Rey, & parar eſcravo, he diſgraça, mas parece culpa; ſerà infortunio, mas tem feiçaõ de diſcredito: & a razão he; (quanto ao que toca da noſſa parte, porque Deos não falta da ſua) porque quem ſe empenha a começar, obrigaſe a não deſiſtir; deſmanchar hoje o que fiz hontem, deſgoſtarme agora do que me agradou ha pouco, deſavirme jà com o que antes me parecia bem; que outra couſa he, ſenão arruinar depreſſa, o que edifiquei devagar, moſtrar com a inconſtancia da vontade a falta do entendimento na reſoluçaõ, declarar com a covardia na deſiſtencia, a falta que ouve de valor na empreza; & finalmente perder cedo, o que buſquei cedo, ou tarde? E arrependernos de amar a Deos, de acquirir as virtudes, & de buſcar o Ceo, que outra couſa he, ſenão ſervir ao demonio, amar a Satanàs, idolatrar os vicios, & caminhar para os infernos?

Não he ſinal de ter verdadeiro amor a Deos iſto de fazer pè atràz no caminho de ſeu ſerviço. Aquelles animaes, que puxavão por aquella roda admiravel, donde Ezechiel diz, que andava o Eſpirito do Senhor, nunca tornavão para tràz. He o amor de Deos, como a eſcada; ſobeſe de virtude em virtude, como de degrao em degrao, atè coroar o ultimo com o fim da perfeição Evangelica: *Ibunt de virtute in virtutem*; & tão finas pontualidades pede eſte amor de Deos, que ainda o parar, não ſó parece, mas he voltar atràz; & o não ir adiante, he o meſmo, que retroceder; tudo ſe perdèra, ainda naturalmente, ſe na ordem da meſma natureza faltáraõ as creaturas àquella conſonancia, com que as diſpoz a providencia, ou ley divina: as aguas, que parão com ſeu curſo, tornaõ tanto para tràz no ſeu preſtimo, que ſe corrompem; & ſendo antes, quando corriaõ a ſeu fim, alegres, & ſalutiferas; depois de encharcadas, ſaõ melancolicas, & peçonhentas: ſe o mar paràra ſeus movimentos, ficàra hum mar morto, & feito hum ſepulcro univerſal de toda a Monarquia dos peixes: ſe os rios naõ perſeveràraõ em correr ao mar, alagâraſe a terra, como ſuccedeo nos dias de Noè: ſe o Sol ſuſpendéra ſua carreira, perdéraſe hum emisferio por falta de ſuas luzes, & influxos, de que ſe ajudaõ os humanos para os uſos da vida: ſe não continuàraõ os Ceos na ordem de ſeus movimentos, acabáraſe

Ezech. 1.20. & 21.
Pſalm. 83. 8

este mundo interior dependente de seus movimentos para a conservaçaõ de seus individuos: eis-aqui como da perseverança das cousas naturaes, segundo a conformidade da primeira ordem, que as dispoz, pende a total armonía, & concerto da sua duraçaõ: vemos tambem na natureza humána, que se a saude não persevera, vem a perderse de todo, & com ella a vida: se naõ persevera o edificio na fórma de sua fundaçaõ, cahe, & arruinase: se pois tudo isto se perdèra, se não perseveràra; como se não perderà, quem não persevera em amar, & servir a Deos? Como chegará ao porto da salvaçaõ, quem deixando a sua direita viagem, se faz na volta do mar deste mundo? Como chegarà finalmente a Deos, quem deixa o caminho, que para Deos levava; ou quem nelle se assenta, sem querer ir por diante? impossìvel he notoriamente.

Faz a perseverança nas virtudes, o que faz o tempo nas sementes da terra: as sementes saõ as mais pequenas cousas, q̃ ha no mundo entre as suas especies; semeaõse, & pela continuaçaõ do tempo, hum grão de trigo vem a dar hũa, & mais espigas; hum grão de mostarda faz-se hũa planta alta; hum caroço produz hũa arvore altissima; cõ a perseverança nascèrão, crescèrão, subìrão, & frutificáraõ: & se não perseveráraõ, ainda q̃ nascèraõ, não crescèraõ; ainda que crescèraõ, não subírão; & ainda que nascèraõ, crescèraõ, & subìrão, não chegàraõ a frutificar. Assim tambem, que importa aos mortaes peccadores o resuscitar da morte da culpa para a vida da graça, se não crescem nas virtudes, se não sobem á perfeiçaõ, & se naõ daõ fruto de boas obras? Por isso Christo Senhor nosso, que nos ama tanto como emprego do preço de seu Santissimo Sangue, & trabalhos, & não quer; que nenhũ de nòs se perca, nos avisa, que sem perseverança naõ ha salvaçaõ: *Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.*

TRA-

# TRATADO II.

## DOS CLAMORES DA TROMBETA do Ceo, inſpirados ao toque das divinas Eſcrituras.

*Clama ne ceßes, quaſi tuba exalta vocem tuam, & annuntia populo meo ſcelera eorum.* Iſai. 58.

*Tuba de Cælo canens eſt vox Prædicatorum, de ſecretis ſacræ Paginæ cæleſtia exprimens, reſonans, & exponens.* S. Bonav. tom. 7. p. 4. de Eccleſ. Hierarch. cap. 4 poſt med.

---

### TOQUE I.

*Montes Iſrael audite verbum Domini Dei: hæc dicit Dominus Deus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus.* Ezech. 6. 3.

### CLAMOR I.

Mais facilmente ouvem a Deos as creaturas inſenſiveis, que as racionaes, ſendo peccadoras.

Offerece os o A. aos mayores peccadores do múdo.

MONTES de Iſrael (clamava a trõbeta do Ceo) ouvi a palavra de Deos, que iſto manda dizer aos montes, & aos outeiros, ás rochas, & aos valles. Eſtas palavras, que no ſentido literal fallavão com os Principes, & com o Povo de Iſrael, no myſtico, & moral (como he cómum entre os Expoſitores ſagrados) fallão com as almas Chriſtans da-

Gloſſ. in Iſai. 1. mor. Fr. Heit. Pint. hic, & alij alibi.

daquelles grandes peccadores, que a soberba dos montes, com a altiveza dos outeiros, com a dureza das rochas, & com o vicio dos valles tendo semelhança moral, mudárão a vontade humana, em appetite terreno, a forma racional, em disformidade profana, a piedade Christãa, em condiçaõ empedernida, & a virtude humilde, em inclinaçaõ viciosa. Fallão tãbem com os Principes, & Cabeças dos Estados do seculo, que se figurão nos montes: com os Grandes das Respublicas, que se symbolizaõ nos outeiros. com os Estados Ecclesiasticos, & Religiosos, de quem as pedras saõ geroglifico; & com a gente do povo, de quem saõ os valles significaçaõ: & com grande fundamento, querendo Deos persuadir aos homens, que fizessem penitencia de seus peccados, lhes fallou como se forão valles, rochedos, outeiros, & montes; porque andão os peccadores tão desnaturalizados daquella differença, que os distingue dos brutos; & ainda daquella razão, que os constituío viventes, que he mais facil cousa ouvirem a Deos, & darem sinaes de contriçaõ vestindose da razão de montes, de outeiros, rochedos, & valles, que usando da razaõ humana: fazem mayor impressaõ as palavras de Deos nas entranhas duras dos montes, nas secas almas dos outeiros, nos coraçoens duros das rochas, & no semblante carregado dos valles, do que nas almas Christans, nos coraçoens, nas entranhas, & nos semblantes dos homens.

Do seu Povo se queixava Deos, que naõ ouvia os seus clamores; porèm dos montes diz a Escritura, que algum tempo, que olhàraõ para Deos, se mostráraõ doridos: & por Sofonias diz dos outeiros, que lá viráõ dias, em que fosse grande a sua contrição: dos rochedos disse por David, que se converterião em fontes de agua; & dos valles por Micheas, que se desfarião, como cera junto do fogo: & como Deos quer coraçoens de cera, ainda que seja nos valles; como deseja ver fontes de lagrimas, mas que seja nos olhos dos rochedos; como estima a contriçaõ, mas que seja de hum outeiro; como se gloría, de que se lhe mostre dorído, mas que seja hum monte; achando em todos estes, o que nos homens não encontrava, falloulhes, como se forão montes, para que não fossem soberbos, & se doessem de o terem sido; clamoulhes, como a outeiros, para que tivessem contriçaõ de estarem taõ altivos; bradoulhes, como a rochas vivas, para que se desfizessem em lagrimas de haverem estado tão duros; gritoulhes, como a valles, para se rasgarem

Psalm. 80.12. Habac. 3. 10. Soph. 1.10. Psalm. 113. 8. Mich. 1. 4.

com pena de haverem sido tão viçosos: não lhes quiz fallar, como a homens, porque se fizerão os homens tão terrenos com o amor das cousas da terra, que não fazendo caso das vozes do Ceo, só com as linguagens da terra se entendem melhor; por isso lhes falla Deos algumas vezes com os terremotos, & tremores da terra, com as covas, & sepulturas, com o pò, & cinza, & com a vista dos mortos, para que aquillo, que lhes não podem ensinar os avisos da razão, & os brados do desengano, lho persuadaõ com rethorica muda os idiomas mais rudos da natureza: taes estaõ em fim os humanos, que para atemorizalos o mesmo Deos, & reduzilos a penitencia mãda fallarlhes, não por quem lhe falle como homem; mas quem se lhes mostre a mais dura cousa do mundo: & assim disse a Jeremias, quando o fez Prègador do seu Povo, que o fazia coluna de ferro, & muro de brõze: & a Ezechiel, q̃ lhe dava rosto de diamante, & cara de pederneira; porq̃ como os homens daquelle tempo por dureza de coraçaõ, por rebeldia do juizo, por obstinaçaõ da malicia, ou pertinacia da cegueira se tinhaõ feito do mesmo metal dos bronzes & diamantes, do ferro & pederneiras, necessario era, que outros homens do seu metal os movessem, & persuadissem a penitencia, & contriçaõ; ou attrahindo como diamantes o ferro daquellas almas; ou ferindo fogo, como pederneiras, naquelles coraçoens de ferro; ou imprimindolhe como bronzes mais duros as suas razoẽs naquellas laminas de bronze; ou finalmente lavrandose huns diamantes toscos com outros melhores diamantes: & este só era o meyo de os deixar contritos; porque de outro modo, como erão ferro, marmores, & bronzes, & penhascos, se lhes falláraõ vozes do Ceo, he certo, que as naõ entendèraõ; se ouvirão só clamores de homens, ainda os abalariam menos.

Jerem. 1. 18. Ezech. 3. 9.

E ve-se claramẽte que os homens estão cheyos desta ignorancia dura pelo amor da terra, & pelo desprezo, ou esquecimento do Ceo, pois quando Deos os ameaça com os castigos do Ceo, naõ fazem caso delles; porèm se os atemoriza com os açoutes da terra, logo se enchẽ de temor, de espanto, & de maravilha. Mandou Deos a Jonas a prègar a Ninive a sua subversaõ; & foy hum pasmo a penitencia, que fizeraõ os Ninivitas cubrindose de cinza, & cilicio: mandou depois disto o Profeta Nahum prègar na mesma Corte, & não consta da Escritura, que ouvesse boa penitencia; & a razaõ da differen-

ça he; porque Jonas prègava que se subvertia Ninive, que era castigo, que lhe havia de vir da terra: & Nahum dizia, que o fogo os havia de devorar, que he flagello, que havia de descer do Ceo; & por isso fizeraõ tanto caso do aviso de Jonas, & tão pouco do recado de Nahum; porque como amavão tanto o terreno, eraõ os males da terra todo o seu temor; & como naõ tratavaõ, nem cuidavão nas cousas do Ceo, não se atemorizáraõ do castigo, que de lá os ameaçava; & por isto faltou a penitencia, mas não o castigo; porque assim como a emenda nos tempos de Jonas lhe dilatou a perdiçaõ, assim o esquecimento della nos dias de Nahũ lhe apressou mais a indignaçaõ de Deos; & foraõ todos assolados, devastados, & destruidos.

Jon. 3. 4. Nah. 3. 13.

Oh mortaes, oh peccadores: como sois bronzes por dureza de conciencia, pelo bronze duro desta trombeta vos manda Deos fallar; de Deos saõ estes clamores, porque he o toque da Escritura Sagrada, & a inspiraçaõ de Deos: quãdo a trombeta soa, naõ he ella a que falla, senaõ quem a inspira: hũ bronze he duro, hũ instrumento aspero, hũ metal riguroso, que conforme o tocão retũba; porq̃ o impulso o move, & não a natureza: ouvi, pois, as inspiraçoens de Deos, aproveitaivos dos seus toques, dai ouvidos aos seus clamores, & não repareis no instrumento, que he do vosso mesmo metal; não algum dos Anjos do Ceo, que haõ de chamarvos a juizo; menos de algum justo da terra; senão do homem mais ingrato, do peccador mais perverso, & do servo de Deos mais inutil, que tem o mundo todo: mas Deos se deve servir disto, ou para gloria sua, ou para confusam vossa; porque se o peyor homem do mundo vos vem a reprehender, bem se mostra, que lhe parecem mal, & que saõ perversas, & abominaveis as vias por onde ides: & que pareceràõ a Deos summamente offendido, sendo summa verdade, summo bem, & summa justiça?

Clamava a voz de Deos no deserto (porque desertos saõ as Cidades, donde os homens, ou saõ montes soberbos, ou outeiros altivos, ou rochedos duros, ou valles viciosos) clamava, & persuadia aos peccadores que fizessem penitencia, porque este era o caminho de se encher o vasio dos valles, de se humilhar a soberba dos montes, & dos outeiros; & de se alhanarẽ em estradas chans para o caminho do Ceo as mais asperas penedías: aparelhai pois o caminho, fazendo caminho direito, pois sobre as pedras fundou o Senhor a sua Igreja, sobre os outeiros o seu templo, para os valles guardou

o juizo, & nos montes mostrou sua gloria: manda Deos, que o louvem huns, & outros; & se o não fizerdes assim, ainda que sois montes, haverá no mar diluvios para vos submergir; ainda que sois outeiros, haverà em vòs terremotos para vos descõpor; ainda que sejais rochas, haverá nos Ceos rayos para vos partir; ainda que sejais valles, haverá na terra aguas para vos alagar. Ouvi a palavra de Deos homens montes, homens outeiros, homens penhascos, & homens valles, para escapares da ira divina: *Montes Israel audite verbum Domini Dei: hæc dicit Dominus Deus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus.*

---

## TOQUE II.

*Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prælium*
Jerem. 8. 6.

### Clamor II.

Tratase da furiosa cegueira, cõ que os peccadores correm a peccar, & a perderse.

TOdos derão as costas a Deos, & com tão arrebatado impeto se arrojaõ aos vicios, que como cavallo, que se arremeça com furor á batalha; como fonte, que se despenha ao valle mais fundo por rochas, & penedias; assim correm, assim se precipitão á guerra das virtudes, & às profundezas do inferno: vai o bruto cavallo á peleja com furioso impeto, porque orgulhoso, & ufano do seu perigo naõ cabe no seu sossego, nem aquieta atè se naõ meter no dano: despenhase a fonte risonha, porque aquella inclinação, que a leva para o centro, lhe faz aprazivel o precipicio: eis-aqui como os peccadores caminhaõ aos vicios, & á perdição, não só como quem caminha passo a passo, mas como quem vai a correr; que por isso o Profeta não chamou ás suas inclinaçoens, caminho, senão, carreira: vão a correr aos peccados, como se lhe faltáraõ peccados, de que se fartar; taõ sofrega se tem feito a maldade humana dos seus delitos, que sobre buscalos correndo, & despenhandose com ancia, & com desejo de não parar atè os conseguir, vai orgulhosa, vai soberba, alegre, risonha, & sequiosa de correr muito, de precipitarse mais, & de nunca fazer menos.

A tal estado tem chegado a malicia dos homens, que não sofrendo os soberbos, que outros sejão mais soberbos, os lascivos, que outros sejaõ mais lascivos, os ambiciosos, que outros sejão mais ambiciosos, os vorazes,

zes, que outros sejaõ mais vorazes, os irados; que outros sejão mais irados; contendem pela mayoria das culpas, & se envejão huns aos outros os peccados, sentindo, que nelles haja outros, que pareçaõ mayores homens: & daqui nasce, que ou da vangloria da culpa fazem huns caminho para a impenitencia, ou outros se entranhaõ mais nella, tendo sómente pezar de não poder igualar os mayores peccadores, & saborearse, como elles, nos pessimos gostos da mundana profanidade: & este he aquelle quarto peccado de Damasco, que Deos naõ perdoa; porque para perdoarnos Deos, he necessario, que nos peze de todo o coraçaõ havelo offendido. O primeiro peccado (como diz Saõ Jeronymo) he o mào pensamento, o segundo he o consentimento, o terceiro he a obra, o quarto he não ter pezar de haver peccado: quem pecca só nos tres primeiros, facilmente se converte, se lhe peza de offender a Deos; mas de quem chega a cómeter o quarto, apartase a misericordia divina, que não póde sofrer cousa taõ fea, como he buscar o homem o summo bem nas torpezas mundanas, & sobre tudo recrearse nellas, como em cousa suavissima.

Amos 1.3.

Hier. in Amos cap. 1. V. tenentẽ sceptrum, tom. 5

A Ezechiel disse Deos hum dia, que o levou ao templo em espirito, que não perdoaria, nem usaria de misericordia com huns vinte & cinco homens, que alli lhe tinhaõ virado as costas, & adoravão o Sol, que nascia; mas naõ era esta a razaõ de não perdoarlhe, senaõ a que o mesmo Senhor declarou ao Profeta, dizendolhe: Eis-alli se estaõ recreando no cheiro daquelle ramo; & por isso, ainda que a grãdes vozes clamem por mim, não os ouvirei. Este ramo, diz hum douto, que era o costume de peccar, no qual desprezando a voz de Deos, que os chamava pela penitencia, se estavão recreando nas cousas pessimas, & torpes, & alegrandose nas maldades, como no cheiro de algũ ramo suavissimo. Perdoa Deos, que algum tempo lhe vire as costas o peccador: perdoa, que na presença do Creador idolatre o homẽ miseravel em hũa creatura; mas que se alegre o peccador, & que se recree no costume de peccar, & que naõ se arrependa, & faça penitencia disso, apartandose disso, abominando-o, & detestando-o, isto he o que Deos não perdoa, nem ha de perdoar. Qualquer peccado mortal nenhũa outra cousa he, senaõ apartarse o homem de Deos pelo desprezo do mesmo Deos, ou em sy, ou na sua ley, & preceito; se pois sobre o desprezo, q̃ se faz a Deos, & sobre o costume de desprezar o q̃

Ezech. 8. 16. &c.

Fr. Heit. Pint in Ezech. hic.

Deos na sua ley manda, nos deleytarmos, & gloriarmos de fazer delle pouco caso, & ainda grandissimo desprezo; em que juizo cabe, que haja de ter perdão de Deos, quem assim gosta de desprezalo, & offendelo, salvo sómente, se fizer verdadeira, & digna penitencia?

Oh mortaes, que poucos saõ no mundo os que cuidaõ em ponderar, que cousa he hum peccado mortal! Muitos o sabem, muitos o reprehendem, muitos o abominão; mas oh que saõ rarissimos os que cuidão que cousa he, a quem se oppoem, q̃ mal nos faz; & que castigo tem! Tenho para mim, que fora impossivel peccar, mediante a graça de Deos, quem trouxera sempre no sentido a fealdade medonha, a torpeza indeclaravel, & o vulto aborrecivel de hũ peccado mortal: porque cousa tão pessima, que nos faz cahir em odio de Deos, & sobre isto desprezalo; mal taõ grande, que nos aparta de Deos por distancia infinita, naõ de lugar, que em todos està Deos, mas de dessemelhança com elle; culpa tão grave, que he castigada com fogo eterno; dano taõ terrivel, que ha de carecer da vista de Deos por toda a eternidade; pena tão cruel, q̃ ata para sempre o peccador nas penas do inferno, no carcere infernal, & na companhia dos demonios; que tremor, que assombro, que medo, què aborrecimento, que odio, & que abominaçaõ não causaria em hum bruto, se tivera uso de razão, em hum penedo, se tivera espirito, em hum bronze, se tivera entendimento? Bastava cuidar, que havia Deos, para não peccarmos: bastava saber, que o peccado he tão grande mal, para termos por impossivel o peccar: quem conhece a Deos por seu Deos, & que cousa he o peccado, naõ tem para sy, que lhe he possivel peccar; mais possivel lhe parece, que a terra voe, que os Ceos parem, que o Sol dè trevas, & que a noyte dè luzes, do que cometer hum peccado. Quiz a mulher de Putifar obrigar ao casto Joseph a que peccasse com ella; & respondeolhe elle, vendose apertado: Como posso eu fazer hum tão grande mal, como he peccar cõtra o meu Deos? Conhecia Joseph a Deos, andava Deos com elle, & dirigia as suas obras; & por isso conhecendo, que não podia haver mayor mal, que apartarse de Deos, & peccar contra elle, tinha por impossivel peccar.

Gen. 39.9.

Mas, oh miseria nossa! que não havendo hoje entre os humanos cousa mais facil, que offender a Deos, só o arrependerse, só o fazer penitencia tem por impossivel. Tem por impossivel o arrependerse; porque assim como he impossivel, segundo

do a ordem natural, q̃ as aguas ſubão para cima; q̃ o fogo deſça para baixo; tendoſe feito natureza da culpa, naturalmente ſeguem os peccadores o curſo de ſeus appetites, & de ſuas maldades, ſem ver, que as mudanças moraes naõ ſaõ em tudo como as naturaes; pois como diz Santo Agoſtinho, para que o corpo ſe erga (que he movimento natural) he neceſſario mudar de lugar; mas para que a alma ſe levante (que he movimẽto moral) baſta, que ſe mude de vontade: para vencer eſte impoſſivel baſtava mudar de animo, baſtava querer, ainda que naõ ſe mudaſſe de eſtado. Pudèraõ as lagrimas da penitencia correr para cima, pois as lagrimas ſaõ vozes, cõ que ſe falla a Deos; pudèrão eſtas atrahir o fogo do Eſpirito Santo, que deſcèra dos Ceos a nos allumiar, logo que nos vira chorar, & arrepender; mas que hão de fazer os homens, ſenão ſeguir o ſeu curſo, correndo como brutos ao ſeu perigo, voando como borboletas ao ſeu incendio, deſpenhandoſe á ſua eterna perdiçaõ? *Omnes converſi ſunt ad curſum ſuum, quaſi equus impetu vadens ad prælium.*

Aug. tom. 8. in Pſ. 85. ver. Jocũd. anima &c.

✠✠✠✠✠✠
✠✠✠
✠

## T O Q U E III.

***Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: factæ ſunt ei aræ in delictum.*** Oſeæ 8. 11.

## C L A M O R III.

### Dos peccados dos Beneficiados & Eccleſiaſticos.

Multiplicou Efraim os altares para peccar; convertèraõſelhe os altares, & ſacrificios em culpa. Eſtas horrendas palavras, & as que ſe ſeguẽ, com que o Profeta Oſeas atemorizava o ſeu Povo, em o ſentido myſtico fallaõ com o eſtado Sacerdotál; de quem lamentando Saõ Bernardo a declinaçaõ no ſeu mayor augmento, rompeo dizendo aſſim: Muy dilatada parece, que eſtá a Igreja; tambem a ſacratiſſima Ordem Clerical com o exceſſivo numero dos Clerigos eſtá multiplicada; mas ſuppoſto, vós Senhor, lhe multiplicaſtes a gente, não lhe engrandeceſtes a alegria; pois nada menos ſe vè, que lhe falta de merecimento, que aquillo que lhe creſceo de numero: creſceo o numero, não o reſplendor; multiplicouſe a gente, não o decóro; creſcèraõ os Clerigos, não as virtudes. Efraim, quer dizer couſa que frutifica, couſa

Bern. tom. 1. Serm. de converſ. ad Cler. c. 29. in princ. & per tot.

q̃ cresce: *Ephraim, Frugifer, Crescens*: tratou o augmẽto dos seus interesses quanto ao temporal, & esquecendose, de que Deos o fez crescer na terra de sua pobreza: *Ephraim, dicens: Crescere me fecit Deus in terra paupertatis meæ*, deu á ambiçaõ profana aquelle culto, & aquelle desvelo, com que devia agradecer a Deos os celestes beneficios.

Bibl in fine. Gen. 41. 52.

Parece, que se não contentou a malicia dos homens, com que fossem humanas suas abominaçoens; quiz tambem, que fossem ao divino os seus delitos: buscou nos altares o interesse, & porque este se multiplicasse, multiplicou os altares para peccar. Os mesmos officios (dizia com ardente zelo a mesma brádura de Saõ Bernardo) os mesmos officios da dignidade Ecclesiastica já passáraõ a ser torpe lucro, & negociaçaõ infernal; nem se busca já nelles a salvaçaõ, & bem das almas, mas a superfluidade das riquezas: por este respeito se frequentão as Igrejas, se celebraõ as Missas, & cantão os Officios divinos; já hoje claramente se procuraõ os Bispados, os Arcediagados, as Abbadias, & as mais dignidades Ecclesiasticas, para que as rendas Ecclesiasticas se gastem, & dissipem em superfluidades, & vaidades. Resta agora (continúa o mesmo Santo) que venha o Antechristo por remate de tantas abominaçoens. Oh que medonha cousa vemos na Igreja de Deos! (exclama a suspiros o mesmo Santo) & que será isto? (dizia elle mesmo) Que ha de ser, senão ver que saõ idolatras os seus Ministros? Mentira seria, se (como diz o Apostolo) não he servidaõ de idolos a avareza. Atèqui São Bernardo.

Bern. tom. 1 Ser 6. ad fin. in Psal. Qui habitat.

Bern. tom. 2. in Declamat. post princ. Neque enim AdGalat. 5. 20.

Eis-aqui, porque as aras, ou altares de Deos se convertèraõ em delitos, & peccados dos homens: levantou-os a adoração, & piedade Catholica para pedir a Deos misericordia de nossas culpas, & offerecerlhe sacrificio de justiça; & parece, que os occupa só o interesse mundano, pois aquelles frutos da Igreja, que haviaõ de ser alimento das virtudes, & da pobreza, se tem feito thesouro da avareza, ou cõmendas da carnal voracidade. As aras, que haviaõ de ser refugio do espirito, naõ sei se saõ horror da consideraçaõ; pois aquelles varoens da Igreja, que havião de ser sagrado, a que se acolhesse a miseria, não sei se saõ escandalo de quem se afasta a caridade: devião elles diminuir na ambiçaõ, para multiplicar no espirito; deviaõ repartir com a caridade, para fazer boa conta dos bens de Deos; & entaõ fizeráõ mayor soma, porque Deos lhe dera cento por hũ; multiplicárase mais que o numero o merecimento; & ás avessas

vessas da conta, que faz o mundo, a Igreja crescèra, quanto diminuira: mas que havemos de dizer, se os frutos da Igreja, & o pão dos pobres naõ só se tornàrão em manjar da culpa, mas em veneno escandaloso da mesma Igreja? Este he o mayor mal, que póde haver na terra; pois, como disse Saõ Gregorio, de ninguem recebe Deos mayor perjuizo, nem mayor aggravo, que dos Sacerdotes; quando aquelles, que elle poz no mundo para freyo dos outros, saõ exemplos da ambição, & da perversidade.

Greg. P.to.2. hom. 17 in Evãg. ante med. & habetur in Brev. Rom. 12. Marti, Lect. 8.

Eis-aqui porque o Senhor rugindo como leaõ moverá os Ceos, & fará tremer a terra, bramir o mar, cahir os montes, espedaçarse as penedias, & submergirse os valles: & quem poderá sofrer a vista de sua indignaçaõ? Quem resistirá ao furor de sua grande ira, se a sua indignaçaõ, como fogo abrazador desfará em pó, & cinza não só o feno da terra, não só as arvores do campo, mas aos mesmos montes, & pedras? & que esperais de Deos peccadores? Se Efraim, por quem se entende o vosso augmento, bebeo os ventos da vaidade, apascentouse na malicia, seguio o ardor da concupiscencia, fez concerto com os inimigos de Deos, & levou os haveres das virtudes, não para o Ceo, mas para a terra da perdiçaõ: se pois enfermou Basan, & o Carmelo: se cahio a flor do monte Libano; que esperais, senão que os montes se cõmovão, que os outeiros se assolem, que a terra se confunda; & que o inferno vos sobverta? Virá sobre vós o juizo de Deos; que isto come, quem indignamente come o Corpo de Christo: & virá sobre vòs a condenaçaõ eterna; que isto he o juizo de Deos, que comestes indignamente. Provese pois cada qual a sy mesmo, olhe para a sua conciencia, veja quem he, & a quem vai receber todos os dias; & quando a conciencia o não reprehenda, & o coraçaõ suspire, & tenha sede daquella fonte de aguas vivas, lavese na confissaõ, & satisfaça o que puder, & cheguese cõ confiança ás celestes delicias daquelle divino banquete. Mas q̃ chegue o máo Sacerdote, que pela culpa mortal he mais feyo, que o demonio; mais çujo, torpe, & abominavel, que tudo quanto o póde ser; que chegue sem se confessar, ou com confissaõ sacrilega a tomar nas suas mãos a Deos! a Deos, que nas Estrellas do Ceo naõ achou limpeza; que no luzeiro da manhãa vio escuridades! oh que horrenda, oh que medonha cousa! Hũ Saõ Francisco meu Padre, crucificado para o mundo, não ousou verse com a dignidade Sacerdotal: hum Saõ Boaventura, que

Joel. 3. 16.

Nahũ 1. 6.

Nahũ 1. 4.

1. ad Corint 11. 29.

que ardia como Serafim em labaredas de amor de Deos, se retirava de communungar a meudo: hum Santo Agostinho, nem o louva, nem o vitupera; & hum peccador miseravel se chega a este altissimo Sacramento com hũa facilidade, com hũa ousadia tão grande, & tanto sem escrupulo, como se fora só a comer hum pouco de pão, ou huns aparos de hostia! E tal vez com mayor desprezo, & fastio deste manjar eterno, que de qualquer vil iguaria das mesas temporaes, & profanas; oh lastima, oh ignorancia, oh desventura da mũdana cegueira!

Mas, ay de vòs Sacerdotes, que depois de vender a Christo por vilissimo preço, fazendo calvario dos altares, crucificais a Christo quãtas vezes podeis! Ay de vós Pastores do Povo de Deos, que vos apascentáis a vòs mesmos, & deixais espalhar as vossas ovelhas, & o rebanho do Senhor pelas vias do engano, & da perdição, sem que vos dè cuidado vellas andar perdidas por valles, & por outeiros, sem reduzillas dos descaminhos por onde se perdem, ou se expoẽ a ser devoradas de todas as feras do campo; & sem vos lastimardes dos miseraveis balidos, com que as ovelhinhas perdidas accusaõ vosso descuido! tiraislhes a láa, comeislhes o leite, matais o que he mais pingue, & não as apascentais; não fortaleceis o enfermo, naõ sarais o doente, não soldais o quebrado, não reduzis o desencaminhado, nem buscais o perdido; mas com severidade tratais só do imperio, do poder, & da conveniencia; por isso descerá sobre vòs a ira de Deos, & em aquelle dia de trevas, de escuridoens, & de nuvens sereis tambem apartados para o lugar da maldição, pagando eternamente as abominaçoens, que fizestes na casa de Deos, & em seus altares: *Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: factæ sunt ei aræ in delictum.*

Ezech. 34.2.

---

## TOQUE IV.

*Similiter eos qui exasperant, qui habitant in sepulchris,* Psalm. 67.7.

## CLAMOR IV.

O Mesmo succederá áquelles, que exasperaõ, & indignão a justiça de Deos; áquelles, que morão nos sepulchros. O sepulchro (como diz Hugo Cardeal) he figura das Religioens, adonde morão, ou deviaõ só morar, os que vivem como mortos para os gostos do mundo: *Sepulchrum significat Religionem, in quo habitant, qui mortui sunt mundo;* porque vestir

Hug. C. hic mor

ſtir a librè dos mortos, & buſcar as vaidades da vida; trazer em vida às coſtas a mortalha; que he inſignia do deſengano; & deſacreditar o deſengano, buſcando com a mortalha às coſtas os enganos do mundo, que he ſenão exaſperar a Deos, com quem no mũdo pudèra ter mais algũa diſculpa a noſſa fragilidade, ſe não viera a zombar de Deos cõ os memoriaes da morte, quem pudéra paſſar a vida no eſquecimento do ſeculo? Se viramos hum homem morto ſahir da ſepultura; ſe viramos hum amortalhado erguerſe de huma cova, que ſuſpeitariamos delle, ſenão que vinha a movernos a contriçaõ, a prègarnos penitencia, a reprehendernos vicios com ſemblante medonho, com repreſentaçoens triſtes, & com vozes do outro mundo? Cõſiderando iſto nas meſmas penas do inferno o rico Avarento, dizia a Abrahão: Mandai là ao mundo hum dos que eſtão no inferno, ou na regiaõ da morte, para que prègue aos homens o deſengano da vida:& devẽdo ſer iſto aſſim, vemos q̃ ſuccede de ordinario o contrario Sahem dos ſepulchros Religioſos cõ habito de mortos, os que ainda vivem no mundo; & havendo de ſer com obras, & palavras todos linguas do deſengano, todos brados da penitencia, & todos exẽplares das virtudes; ſaõ quaſi todos vozes, que inculcão o engano, em que vivem, da ambiçaõ, que praticão, da relaxaçaõ, em que vivem, & eſcandalo das virtudes, que naõ praticão: oh que iſto ſobre tudo exaſpera não ſó os olhos, & ouvidos dos mortaes, mas os do meſmo Deos! como diz por David o Eſpirito Santo, ainda que tão ſucintamente; porèm a gente de ordinario não pecca por ignorancia, baſtão muito breves advertencias: *Similiter, &c.*

Luc 16. 30.

---

## TOQUE V.

*Pulvis es, & in pulverem reverteris.* Geneſ. 3. 19.

## CLAMOR V.

### De quanto importa a lembrança do que ſomos, & do que havemos de ſer.

Homem miſeravel, lembrate, que es hum pouco de pó, & cinza, & que niſto te has de converter: olha para teus pays, & avòs deſde o principio do mundo; conſidera os mayores Principes, & Monarcas, que houve em toda a redondeza da terra; cuida na mayor idade, na mayor valẽtia, na melhor ſaude, q̃ gozáraõ algũs dos filhos do ſeculo; contempla na mayor fortuna,

tuna, na mayor gloria, na mayor gentileza, que floreceo na vaidade humana; & fazendo finalmente na tua memoria hum dia de juizo, tendo nelle à vista todo o mundo, todos os homens, & todas as idades, q̃ se te representaráõ em hum instante; dizeme, que foy feito finalmente de huns, & outros? em que parou toda aquella machina de seus pensamentos vaens? em que se resolveo a mayor pompa, & grandeza de sua condição caduca? acharàs em breve espaço, que tudo se converteo em terra, se desfez em pó, & se resolveo em cinza; porque estes são os extremos infalliveis da nossa mortalidade, & os desenganos ultimos da cegueira humana, & a ultima resolução da terrena natureza. Deve o homem lembrarse, que he pó, & cinza, não só quanto ao corpo, como disse Deos ao primeiro homem do mundo; mas ainda moralmente quanto á alma, por tres razoens principalmente. A primeira pela vileza; pois assim como a cinza he vil, ainda que a materia fosse preciosissima, assim a alma tãbem fica vilissima pela culpa, ainda que seja nobilissima por natureza. A segũda pela difficuldade de resistir; pois assim como a cinza, ou o pó em hum instante se espalha, & não póde resistir ao vento, assim o homem sem a graça de Deos não pòde resistir á menor tentaçaõ. A terceira pela impossibilidade de poder tornar a ser o que foy; porque assim como a cinza não póde tornar ao estado de sua antiga materia, assim a alma peccadora não póde per sy reduzir se ao estado da graça, se não lhe sobrevier o superior auxilio.

Na cinza se nos inculca a consideraçaõ da morte, pois por ella nos tornamos em pó, & cinza: se em vida nos fazem os em cinza pela consideração, he infallivel, que faça em nòs a mortificaçaõ o que havia de fazer a morte; he sem duvida, que nos accusemos logo a Deos, & façamos penitencia por nossos peccados, por leves, que hajão sido. Leves erão os peccados de Job, pois erão humas poucas de palavras, que afligidamente disse no meyo de suas angustias; & por isso disse a Deos, que se accusava, & fazia penitencia em faisca, & cinza; & isto lhe nasceo de elle se considerar semelhante ao lodo, á faisca, & á cinza.

Job. 42. 6.
Job. 30. 19.

Sendo pois o esquecimento da morte o mayor mal da vida; parece que quiz Deos, dando ao homem esta receita, que fosse a memoria da morte o mayor remedio da vida: com esta lembrança dizia Saõ Paulo, que cada dia morria; porque quem cada dia cuida, que morre, morrendo por consideraçaõ, vive para viver para a penitencia, &

1. ad Cor. 15. 31.

não

Isai. 38. 15. não para a vida. Senhor, dizia a Deos El-Rey Ezechias, com amargura de minha alma, com penitencia de meus peccados, cuidarei hũa, & muitas vezes no mal, que gastei todos os annos de minha vida; clamarei como o filho das andorinhas, & meditarei como pomba: & dõde nasceria ter hum Rey moço tanta penitencia? Elle mesmo o diz: que foy cuidar pela manhãa, que não chegaria á tarde: & cuidar hum homem, & esperar pela morte de hũa hora para a outra, não faz só com que faça penitencia amarga, mas que á imitação da andorinha, figura dos contemplativos, porque vivem em hũa terra como estrangeiras, & voão para a sua patria; & da pomba, symbolo dos que meditão retirados na solidão dos tumultos do seculo, tenha conversação no Ceo, vivendo ainda cá na terra: isto faz o cuidar na morte; & por isso lhe diz Deos, que se lembre della: mas esquecemse della os homens, porque não lembrandose mais, que de erguerse como pò vivente, de que sam feitos, se deixaõ levar pelos ares do vento da mundana vaidade: cuidão, que saõ grande cousa, & isto os esvaece, & os precipita primeiro na culpa, & depois no inferno. Oh mortaes! subir muito, & levantarvos muito nos estados do mundo, & nas felicidades do seculo he o mayor risco, que podeis temer, & o mayor mal de que vos podeis queixar; porque as fortunas altas não saõ grandes alturas, mas sam quedas altissimas; por isso o mesmo he dizer hum homem, que o puzerão sobre as nuvens, que dizer, que o despenháram nos abismos.

Isai. pro xim. 13.

Queixava-se Job amargamente a Deos, & dizialhe assim: Certo, Senhor, que vos fizestes cruel comigo, & que me affligis duramente: levantastesme, & pondome sobre os ventos gravemente me feristes. E como se queixa tanto Job de Deos, se a causa de sua queixa he dizer, que Deos o levantou tanto, que o poz sobre as nuvens, & sobre os ventos? tão pouco favor lhe fez Deos em o pôr nessas alturas sendo hum bicho da terra, & hum pouco de pó, & cinza? & que no fim, alèm de se mostrar muito magoado, se queixe do màò trato, que Deos lhe fez? Lembrome eu, que para David encarecer a magestade de Deos, dizia delle, que andava sobre as pennas dos vētos, & que fázia carroça das nuvens. Oh mortaes! tem grande fundamento, & grande mysterio explicar Job a sua queda pela sua altura; porque as alturas da humana felicidade, que outra cousa sam, senão hũas quedas altissimas, que se padecem, antes

Job 30. 21. & 22.

Psalm. 103. 3.

tes que se falle em cahir? O mesmo he subir ao mayor ponto, que haver cahido no mayor dano: o mesmo nome da altura declara o precipicio: porque estados, que não saõ mais, que hum pouco de vento, que podem ser, senão instabilidade para a duraçam, ruina para o gosto, queixa para a lembrança, & dor para o sentimento? Hum homem posto sobre o vento, que he a mesma instabilidade, donde póde naturalmente vir a parar, senaõ em cahir? Hũas felicidades armadas no ar, que podem dar de sy a quem he sabio, como Job, senaõ susto, quando se lograõ, dano, quando se perdem, & dôr, quando se cuidão? Por isso queixese Job de se ver levantado, & não seja necessario declararse cahido; porque como as alturas saõ quedas altissimas, assás disse, que o derrubáraõ, quando disse, que o subirão.

Se pois nas alturas deste mũdo, em que Deos poem aos justos como Job, se sentem, & se padecem tão grandes quedas; quaes serão aquellas, que nos daráõ as felicidades mundanas, em que o demonio nos poem? Só nos sobe ao pinaculo, para nos crescer o precipicio. O' peccadores, ó mortaes, que fazeis adoraçoens ao demonio, porque vos ponha nas nuvẽs; quem cuidais vòs, que sois, ou quem presumis, que sereis? Pois sabei, & acabai de crer, que naõ he possivel, que sejais cousa mais vil, do que sois, ainda que sejais os mayores, & os primeiros homens do mundo. O primeiro, & mayor homem do mundo foy Adaõ; a este disse Deos, que era pó, & que em pó se havia de converter: mas què mysterio teria, dizendo Deos a Adão, que era pó, dizerlhe tambem, que nelle se havia de converter depois da sua morte? para se dar corrupção necessariohe, que se dè mudança naquillo que se corrompe, segundo ensinão os Filosofos, & mostra a experiencia; porque sem se mudar de ser, não se póde dar corrupçaõ; por isso o mesmo Deos està sempre em hum ser, porque he immutavel; logo, se o homem he pó na mesma duraçaõ da vida, como lhe diz Deos, que se ha de tornar em pó depois da corrupçaõ da morte? que ha de ficar depois de morto, o mesmo que he na vida? Se Deos quer ameaçar, & atemorizar o homem, que ameaço lhe faz? que temor lhe mete em lhe dizer, que ha de tornar a ser o mesmo, que està sendo? Se a mayor ambiçaõ dos homens he serem sempre o q̃ saõ; como não diz o Senhor a Adão, que ha de vir a ser muito menos do que he? O' peccadores: queria Deos abater a presunçaõ de Adão: queria tirarlhe da cabeça aquelles

Math. 4. 5.

Genes. 3. 19.

les fumos de divindade, que lhe fizerão tão grandes vàgados, que o fizerão cahir em culpa: queria desenganar a vaidade terrena tão nesciamente desvanecida; & não lhe podia fazer mayor horror, nem mayor ameaço, que dizerlhe, que era pó, & que nisto se havia de tornar: he o pó, como materia prima, de que Deos fez o homem; & donde a Escritura diz, que o fez do limo da terra, le o Hebreo, do pó da terra; esta foy a materia prima de que Deos fez o homem. A materia prima, diz S. Agostinho, que he a cousa mais vil, que se póde considerar; & São Bernardo affirma, que não ha cousa mais vil, que o limo da terra de que Adão foy formado: se pois agora na vida somos a cousa mais vil, que póde haver, & ainda depois de corruptos pela morte em quanto ao ser terreno, naõ podemos ser cousa peyor, do que estamos sem a vida; como naõ desfazemos esta poeira, que levantou o vento da nossa vida, ou da nossa vaidade para nos cegar os olhos do entendimento? Cahi pois na razaõ, ó peccadores, antes que caya sobre vós a ira de Deos: ponde na cabeça essa cinza, & esse pó, que isso he polo na memoria: lembraivos da morte, & escapareis do castigo; porque quem pela consideração da morte mostra, que está feito em cinza; & assim como a cinza não póde já arder no fogo, assim vòs não podereis arder no do inferno: vede, que sois peccadores, & terra que anda pelos ares levantada contra Deos, & para aplacarlhe a ira he necessario cahir no que sois, ou no que haveis de ser: quem cahe no que he, ou no que ha de ser, faz-se outro homem, & não he o que dantes era; se he Christão, que he o mesmo, que imitador de Christo, em cahindo no que he, ou no que serà, não só vive como não vivia, mas vive nelle o mesmo Christo.

Aug. to m. 1. lib. 12. Confess. c. 7 in fin. S Ber. tom. 1. Ser. 4. in Vig. Nativ. ad med.

Galat. 2. 20.

Já não sou quem dantes era, dizia S. Paulo: sou Christo, porq Christo vive em mim. Se o Apostolo pouco tempo ha se levantou contra Deos, & como pó soberbo, que voa pelos ares, vinha bebendo os ventos ao mesmo Sol da justiça, contra quem se oppunha; como em tão breve tempo tanta mudança, tão grãde differença? Em quanto Paulo foy Saulo, era pó, que vinha voando contra Deos, levantado com o vento da vaidade; mas tanto q̃ ouvio a voz de Deos, cahio no que era, & no que havia de ser, cahindo em terra; & por isso jà não he quem antes era, porque naõ vive, como dantes vivia, mas vive como hũ Christo crucificado para o mundo, morto para a vida, & vivo só para Deos. Eis-aqui, Fieis, o que faz

1. ad Tim. 1. 13. Act Apost. 9. 1.

o ca-

o cahir na razão, & o cahir no que sois, & no que sereis! Vede, que andais levantados contra Deos: vede que pela sua voz, que isto saõ os Prègadores, vos pergunta, como a Saulo, porque o persegujs. Criouvos, redemiovos, conservavos, sustẽtavos, chamavos, quer salvarvos, sofrevos, podendo castigarvos, esperavos, podendo condenarvos, & convidavos, podendo sobvertervos: se vos faz cahir em algum dano temporal, he, para que vendovos por terra com as miserias da vida, vos lembreis do que sois, do que sereis, & daquelles bens eternos, q̃ dá a quem em vida morre para o mundo: em que juizo cabe pois, que tendo vontade, não tenhais alvedrio? que tendo entendimento, não tenhais memoria para vos lembrar do que importa, & para vos resolver no que vos convem, conhecendo, ou com o desengano da vida, ou com a memoria da morte, quanto deveis a Deos, quanto vos convem servillo, & quãto vos importa salvarvos?

Dirmeheis, que para chegar a ser pó a materia, q̃ nelle se resolve, primeiro he fogo, depois fumo, dahi a pouco labareda, logo braza, & ultimamente cinza; mas que sem estarem exhaladas aquellas porçoens terrestres nestas antecedencias, he impossivel moral, assim como he natural, que vos convertais, os que sois troncos verdes, naquelle pó: ser caduco, sem que se dè ao tempo, o que he do tempo, impossivel tambem parece: & que por isso he força, que primeiro vos acendais no fogo para arder, & que vos desvaneçais, como fumo, ardendo nas chamas do amor proprio, & que ultimamente vos desenganeis com as cinzas da morte. Oh Christãos, deixar para a hora da morte o mayor negocio da vida, he final de reprobos, & precitos: & certo, que pudereis convencerme, se como he necessario para chegares a ser cinza, não pudereis com todas essas cousas servir a Deos: porèm he certo, q̃ cõ todas ellas o podeis servir, se mudares o objecto de vossas acçoens, ardendo no fogo do amor de Deos, subindo ao Ceo em fumo de oraçaõ, abrazando o mũdo com labaredas de espirito, & renascer nas cinzas para a vida da graça: mas querer os incendios só para a sensualidade, os fumos para a vangloria, as chamas só para luzir, & as cinzas só para acabar; oh que he zombar de Deos, adulterar a razão, & apressar o inferno! Não he miseria da natureza, he progresso da malicia; & malicias, que se chegaõ a fazer natureza, atè da mesma fragilidade fazem o bstinaçaõ.

Mas que razão terá o Senhor

para

para dizer aos homens na pessoa do primeiro homem do mũdo, que se lembrem, que saõ pó, & que em pó se hão de tornar, se a memoria (como querem os Filosofos) he hũa lembrança das cousas passadas, & o Senhor lhe manda ter memoria do que saõ de presente, & do que hão de ser de futuro? Oh mortaes, se os homens quizerão entender bem a Deos, viraõ nas mesmas palavras do Senhor, que a memoria das cousas da vida, do presente faz passado; & a memoria das cousas da morte, do q̃ he futuro faz presente: sendo pois a memoria huma lembrança do passado, mãdar lembrar a hum homem do que está sendo, que he, senão mostrarlhe, que já passou o mesmo que ainda he? & mandarlhe, que se lembre, do que ainda não he, que he, senaõ querer que seja logo, o mesmo que ha de ser? Tão presentes devião trazer os homens as cousas, que hão de succederlhes, que jà lhes pareça, que as passaõ; & tão passados lhes havião de parecer os gostos que possuem, & os males, que padecem, como se já naõ forão, nem existiraõ. Mas a que fim se encaminhará toda esta confusão de tempos? A nenhũa outra cousa, ó mortaes, senaõ a que vivais por consideração, como se jà estivereis na sepultura: da vida passada, se vivemos mal, nenhũa cousa boa nos fica, senão o arrependimento; da morte futura, se fazemos conta de acabar bem, não temos outra cousa boa, mais que o desengano: se pois, vendo o mal que vivemos, estamos arrependidos, vivemos, como se naõ viveramos para o mũdo; se attendendo a como acabaremos, estamos desenganados, estamos como mortos para a mesma vida; estando mortos para a vida, naõ tratamos da vida, tratamos da alma; estando mortos para o mundo, não tratamos do mundo, tratamos do Ceo; se tratamos do Ceo, no Ceo he a nossa conversaçaõ; se tratamos da alma, os negocios d'alma saõ o nosso cuidado: & como então todo o presente se olhá como passado, & todo o futuro se considera como presente, dos bens presentes, q̃ nos offerece o tempo, não fazemos caso, como de cousa, que já passou, & que jà não he; dos males futuros fazemos conta, como cousa, de que nos pedem conta, & que a estamos já dando: porque o esquecimento do presente faz, com que o homem se não ate mais nas prizoens da vida; & a representaçaõ do futuro faz com que viva como se já estivera ás portas da morte. Dizia Ezechias: Eu disse: No meyo de meus dias irei ás portas do inferno. Se confessa Ezechias, que estava no

Isai. 38. 10.

meyo dos dias de sua vida, como diz, que morreria antes de gozar a outra ametade, que ainda lhe faltava de vida? E se conta os dias de vida, que tem de presente, como falla de preterito. Eu disse? Mais: Diz o mesmo Rey Ezechias, vendose nos seus males por hũ fio: Cortada esta a minha vida como fio de tear: ainda agora eu ordia, ou principiava, & jà mo cortou a morte: se pois naquelle, agora, mostra que tinha a vida de presente, como falla em que lhe fora cortada de preterito? E se ainda estava com vida, como chora já a morte futura, como se a tivera presente? Oh mortaes: o mesmo Ezechias deu a razão nas primeiras palavras: Eu disse: (dizia elle) No meyo de meus dias chegarei às portas do inferno: esta morte, que lhe havia de succeder, fezselhe presente pela representaçaõ; por isso fallou na morte futura, como cousa jà presente: a vida, que ainda tinha de presente, representouselhe perdida pela consideraçam da morte; por isso a lamentou como cousa passada: tinha presente a vida, pois estava entre o passado, & entre o futuro, que isso he o meyo de seus dias; mas como a aprehençaõ do que havia de ser o não deixava sossegar no que era; como o temor do que era, lhe dava a entender, que jà naõ era o mesmo que estàva sendo, os agoras pareciam antes, os depois representavaõselhe agoras, cada logo do temor era hum jà da morte, cada memento da morte era hum depois da vida: eis-aqui o que faz ainda em vida a memoria da nossa mortalidade; eis-àqui o que faz antes da morte o desengano da vida: se nos lembráramos, como era razão, do que nos ha de succeder, tiveramos presente o futuro; se nos acordáramos do que somos, tiveramos o presente por passado; & se nos naõ esquecèramos do què fomos, conheceramonos de presente por hum nada, por hũa cinza, por hum pó.

Isai. ibi. 12.

Mas se o homem he pó em quanto vive, & se não he mais que pó em quanto morre, para que lhe faz Deos esta segunda lembrança, se nada nella lhe acrescenta de novo? Se dissera, que o homem na morte havia de ser menos que pó, que em vida está sendo, como he effeito da corrupçaõ, bem estava; porém dizerlhe Deos, que no tempo da mortal corrupçam ha de ser o homem o mesmo que de presente he na vivente conservaçaõ, alèm de não parecer ameaço, tem apparencias de superfluidade, que em Deos se não póde dar, por ser vicio; como logo, sendo o homem pó em quanto vivo, & pò em quanto morto, que differença haverá em

em hum, & outro tempo? A differença he, a meu ver, que os homens em quanto vivos saõ hum pó levantado, & os homẽs depois de mortos saõ hum pó cahido: o pó levantado davos nos olhos, çujavos, & enxovalhavos, & vai todo em hũa poeira atè que vem a cahir; & o pó cahido metesevos debaixo dos pès, confundese com a terra, & não vos aggrava os olhos; alli se deixa estar donde o vento o deixou cahir: pó somos todos na vida, & pó depois da morte; em quanto dura o sopro da nossa vida, que he vento: *Ventus est vita mea*, somos pó levantado por esses ares; mas em cessando de respirar o ar da vida, ficamos pó cahido por essa terra; & vai tanta differença de hum cahido a hum levantado, que ninguem chega a verse levantado, ainda que seja do vento, que se não julgue, não só vivente, mas huma cousa grãde, & eterna; ninguem chega a estar cahido, que naõ só se julgue acabado, mas tambem extinto de todo: eisaqui logo a razão da differença, porque o Senhor diz, que o homem he pó differente na vida, & na morte; & porque lhe mãdà, que em quanto vivo conheça que toda a sua imaginada grandeza, soberania, & ostentaçaõ he tudo hum pó levantado com o sopro do vento da vida; & que se acorde, que em morrendo serà pó cahido com a falta da respiraçaõ da vida; & com a mortal corrupçaõ ficarà pó cõfundido com a terra, da qual antes da morte, o trazia separado hũ pouco de vento da vida.

Job 7. 7.

Se pois sendo o homem pó, Deos o ameaça com dizerlhe, que em pó se ha de tornar; que castigo vem a dar Deos ao homem convertendo o no mesmo que he? adonde vai aqui a pena, adonde està o castigo? Oh mortaes: grande pena, & grande castigo he isto, que vos parece o não he: vai muita differença em Deos fazer, & em Deos desfazer: hum pó feito homem por Deos he a melhor cousa, que Deos fez; & hum pó desfeito pela ira de Deos he a peyor cousa, que póde haver: fez a infinita bondade, & misericordia de Deos do pó ao homem, obra tão excellente, & perfeita, como cousa das mãos de Deos; desfez a ira de Deos o homem em pó, porque levantandose a mayores não quiz obedecer a Deos: o pó feito homẽ por Deos, era a melhor cousa do mundo na sua graça; o homem desfeito em pó pela ira de Deos, depois de cahir em peccado, ficou o peyor de tudo; porque (como diz Santo Agostinho) o peccador fica reduzido a hum nada: *Nihil fiunt homines cùm peccant*; & qualquer cousa, por infima que seja, he mais que nada. Oh quan-

Psalm. 18 7.

Aug. tom. 9 tr. 1. post med. in Euang. Joan.

quanto devemos temer, que a ira de Deos desfaça em pó o homem, que do pó criou a sua misericordia, porque não quizemos obedecer a seus preceitos! Haja pois em nós hũa continua memoria do que somos pela misericordia de Deos, para que não haja em nós culpa, que provoque a ira de Deos a desfazer o que fez a sua misericordia: que para nós avisa o Senhor na pessoa do primeiro homem, dizendo: *Pulvis es, & in pulverem reverteris.*

---

## TOQUE VI.

*Homo sicut fœnum dies ejus: tamquam flos agri sic efflorebit.*
Psalm. 102. 15.

## CLAMOR VI.

Considerase a vileza do homem; & o pouco, q̃ dura a sua vida.

COmpara David com o feno a vida do homem, que isto sam os seus dias; para que vendo os humanos na fragilidade do feno a fragilidade da sua vida, achem o desengano da sua vaidade no mesmo sugeito, donde a sua vaidade achou o seu engano, & daqui passem a considerar, que se os desenganão aquellas mesmas cousas, que os costumão desvanecer; que farão aquellas, que os costumão desenganar, abater, & advertir? Engana aos mortaes, & desvanece-os a flor da sua idade, & a verdura dos seus annos, dandolhes a presumir, que quem começa a florecer, muito tem para durar; que quem principia a reverdecer, muito tem para luzir, antes que se chegue a secar: desengana-os depressa o seu mesmo engano, pois na vida do feno, que reverdece, na duraçaõ da flor, que mais pomposa nasce, vem quão depressa se acaba a vida; vem a flor quão pouco espaço dura: para que soubessem isto os homens, mandou Deos ao Profeta Isaias, que clamasse ao seu povo; & perguntandolhe o Profeta que havia de dizer: Clama (lhe responde o Senhor) dizendolhe, que todo o homem he feno, & toda a sua gloria como flor do campo; secouse o feno, cahio a flor, & acabouse a gloria em hum breve instante, porque o mesmo Espirito do Senhor, que em hum sopro lhe inspirou a vida, tambem lha tirou com outro sopro: & foy a causa não fazerem os homens aquillo, para que Deos os fez.

Isai. 40. 6.

Eis-aqui o que saõ os homẽs mais presumidos de quem saõ, & os mayores homens do mundo; saõ hum feno vilissimo, que na terra nasce, depressa reverdece, & subitamente morre: eis-

aqui

aqui o que he a vida dos homẽs, hũa flor taõ fragil, que o frio a ſeca, o Sol a murcha, o vento a arrebata, os brutos a pizaõ, & os bichos a comem; ſem que lhe valha o privilegio da fermoſura, a authoridade da pompa, ou a virtude da fragrancia, para que o mundo a reſpeite, o tempo lhe perdoe, & a morte a não caſtigue: parecelhe a alguns homens do mundo, que naõ ſam feno, como os outros homens, ou pelo valor do naſcimento, ou pelo feitio da fortuna, ou pelo preço que lhes dá a eſtimaçaõ; mas oh que he engano manifeſto! tudo he feno; ſó ha eſta differença entre huns, & outros homens, aſſim como entre hum, & outro feno: ha huns homens que eſtão na mayor altura que os outros homens, porque tambem ha hũ feno, que eſtá poſto em mayores alturas, que o outro feno; porèm com eſta penſaõ, & com eſta condiçaõ, que aſſim como o feno dos lugares altos antes de chegar a morte parece, que perde a vida, & antes que lhe façaõ dano perde a ſua pompa: aſſim os homens, que eſtaõ em mayor esfera, antes que lhes façaõ violencia perdem a felicidade; & antes que cheguem naturalmente á morte, parece que ſe lhes acaba a vida. Exclamando David contra ſeus inimigos dizia aſſim: Confundaõſe os peccadores, & façãoſe como o feno dos telhados, que ſe ſecou primeiro, que o arrancaſſem: & que parecer tinhão com a altura do feno dos telhados os inimigos de David, para q̃ o imitaſſem na ruina de caducos antes de arrãcalo a violencia; & na diſgraça de acabar antes do tempo da morte? Oh mortaes; muito parecer tinhão eſtes inimigos de David com o feno dos telhados: o feno dos telhados faz a ſua fabrica ſobre os edificios terrenos, os homens ſoberbos, como os inimigos de David, tambem fazem ſuas fabricas ſobre os edificios humanos, que por iſto entende Santo Hilario os corpos dos homens: o feno punha os pès de ſuas raizes ſobre os telhados, os inimigos de David punhão os fundamentos da ſua ſoberba ſobre a altura de ſuas peſſoas: ſe pois eſtes peccadores imitavão aquelle feno na ſoberba da elevação, porque o naõ imitariaõ tambem no modo do caſtigo? antes que haja quem os arranque pela violencia, hão de perder a pompa; & antes que chegue naturalmente a morte, hão de perder miſeravelmente a vida: porque não ſofre Deos, que durem muito tempo huns homens, que fiados na altura de ſuas peſſoas, querem meter debaixo dos pès todos os outros homens: deſconhecem a natureza, ſahem da ſua esfera, querem ſempre viver das telhas

Pſalm. 128. 5. & 6.

Hilar. ſuper Pſalm. 128.

acima; pois cayaõ de cabeça abaixo, morrão antes de tempo, & sem que outrem lhes faça dano, pereçaõ ás mãos da sua mesma vaidade, para que seja a sua culpa instrumento do seu castigo.

Chamão os homens flor da idade a primavera da vida; & com razaõ lhe chamaõ flor, porque toda a duraçaõ dos annos desta vida caduca, toda a repetiçaõ das primaveras da mais florida idade, não só tem a fragilidade da flor na mais tenra idade; mas apenas tẽ a idade de huma flor na mayor duraçaõ da vida. Fallando Job na vida do homem disse, que erão breves os seus dias. David dizendo os dias da vida humana, cõparou-os ao feno, & á sua flor; porèm se a vida do feno he tão caduca, & a da flor tam breve, q̃ ainda não dura hũ breve dia; & se os dias do homem fazem annos; se a idade de hũa flor não chega a fazer hum dia, como diz Santiago: como se contão os dias da vida dos homens pelos instantes da vida da flor do feno, que morre antes do meyo dia? Oh mortaes: todos os annos do homem se contão por hum dia, porque naõ valem mais de hum dia os mais compridos, & os melhores annos do homem: & a razão he; porque os annos da vida não se contão pelo que se tem, senão pelo que se vive: os annos, & dias, que passáraõ, já se não vivem; os que ainda não chegáraõ, não se vivem ainda; & por isso só vivemos o tempo que temos presente, & não o preterito, nem o futuro; & por tanto quando muito em hum dia se cifra toda a nossa vida. De cento & vinte annos sou hoje (dizia Moyses ao seu Povo despedindo-se delle antes de morrer) como se dissera: Cento, & vinte annos que vivi, he só hum dia de hoje; & ainda esse dia se reduz ao instante presente, que só esse se está vivendo: & assim nem os antes, nem os depois podemos contar de vida, porque huns se forão, & só deixaõ quãdo muito a saudade de passados; os outros ainda naõ vierão, nem dão outra cousa, mais que huma ancia de presente, & huma esperança de futuro: se pois se não póde affirmar, que se goza nada de vida, mais que hum agora; que importa haver vivido cento, & vinte annos, ou muitos menos; que aproveita ser a idade mais larga, ou mais breve, se a vida do homem he só agora? Eis-aqui como a vida do homem convem com a vida da flor do feno, que apenas amanhece com vida, quando ao nascer do Sol entra já nas agonias da morte.

E sendo tão fragil, momentanea, & de pouca dura a vida do homem, ha de entenderse da vida

Job. 14. 5.

Psalm. hic

Jacob. 1. 10. & 11.

Deut. 31. 2.

Jacob. 1. 10. & 11.

Chrys. tom. 2. in 2.

Expos. in Matt hom. 45. in initio

vida do homem justo, do que vive na graça do Senhor; porque o peccador, que anda em peccado mortal, nem hum instante tem de vida. Diz Saõ João Chrysostomo, que os corpos dos peccadores saõ sepulcros de mortos, porque a alma está morta no corpo do peccador: andais sepultados, ó peccadores, dentro de vós mesmos, porq mortas andão vossas almas dẽtro de vossos corpos em quanto viveis em peccado: estão postas vossas almas nesses sepulcros, porque sendo o amor de Deos, como diz Santo Agostinho, o calor natural de que as almas vivem, assim como as almas o saõ dos corpos; faltandovos este amor de Deos, faltavos o calor natural, & morrem miseravelmente: de que se segue, que nada tendes de vida, se nada tendes do amor de Deos: sois feno, que em hum instante nasce, & em outro morre: sois flor, que em hum momento lustra, & em outro acaba.

Aug. to. 10. Serm. 18 de verb. Apost. in med.

Mas ainda assim parece a muitos homens, que sem mysterio comparou David o homem á flor do campo, & não á flor do jardim: porèm com grande mysterio o fez; porque nenhuma outra cousa quiz David nesta comparaçaõ, mais que persuadir aos homens a humildade, & desprezo da vida; porque a flor do jardim cria-se com vicio, & he tratada com grande mimo, asseyo, & resguardo; & ainda depois de colhida, em sinal da estimação, que della se faz, trazem-a nas palmas, & a poem sobre a cabeça: não assim a flor do campo por mais fermosa, que seja, alli mesmo donde nasceo, & donde mais lustra, ahi a pizam, & metem debaixo dos pés. E juntamente quiz David nesta comparaçaõ dar a entender aos homens, que não ha nelles mais que hũa vida, que he pouco mais de nada; tão pouco tem o homem de seu, ainda que tenha quanto ha no mundo, que em tendo parecer de homem nem por sonhos dura, dentro de hum instante, como flor de feno, se resolve em nada. Appareceo aquella Estatua de Nabuco, taõ soberba na grandeza, tam arrogante na excellencia, & tão pomposa no aparato, que atè a hum dos mayores Monarcas do mundo assombrava, & fazia rosto; mas bastou ter figura de homem, para que sendo a sua vida apenas sonhada, em hum momento se vio nas mãos da morte convertida em menos, que nada, sem apparecer da sua grandeza, riqueza, & ostentaçam nem huma leve reliquia: para desenganar em figura as mayores afiguraçoens da vaidade humana, & mostrarlhe, que nem por sonhos era de dura; pois apenas tinha dado de sy hũa vi-

Dan. 2. 31. &c.

ſta de olhos, quando a toque de huma pedra, que foy pedra de toque dos melhores metaes do mundo, moſtrou o que elles ſaõ; pois moſtrou dentro de hum fechar de olhos, que nada era tudo; pois a fidalguia do ouro, a nobreza da prata, a valentia do bronze, & o valor do ferro ſe reſolveo em nada. Saõ ſonho, ó mortaes, todas eſtas maquinas de ouro, & prata, com que quereis na voſſa imaginaçaõ, ou na voſſa poſſe ter hum mundo inteiro, ou os imperios de todo o mundo, que iſto repreſentava a Eſtatua: aſſim tambem todos ſois feno, & de tanta dura, & valor como a flor do campo; & ainda que huns ſejais feno com mais flor, & flor com mais pompa, que os outros, tudo em fim he feno, & tudo huma vil flor do campo: *Homo ſicut fœnum dies ejus: tamquam flos agri ſic efflorebit.*

## TOQUE VII.

*Quid eſt homo, & quæ eſt gratia illius?* Eccleſiaſt. 18. 7.

## CLAMOR VII.

### Veſe o nada, que he o homem quauto ao ſer terreno, & immortal ſem Deos.

QUe couſa he o homẽ? perguntava o Eccleſiaſtico: & que tem o homem de ſen, para que ſe perſuada que he alguma couſa? O homem mortal, diz hum Douto, que he como empolla de agua; porque aſſim como a empolla de agua não he mais, que huma inchação vaſia, que ſe vè nas aguas apenas aparente, quando já deſvanecida: aſſim o homem peccador com hũa pouca de vaidade, que he o ar que lhe entra, mal repreſenta o engano de ſuas apparẽcias vans, quando desfaz a fragil pompa de ſua oſtentaçaõ aerea, & de ſua preſunçam caduca. Vaſo de barro chama Saõ Paulo ao homem; porque aſſim como o vaſo de barro, ou ſeja novo, ou velho, igual perigo tem de quebrar em chegando a cahir: aſſim o homem, ou ſeja moço, ou velho, igualmente pòde morrer em cahindo em qualquer mal: he

Varro, apud Calep. verb. bulla.

2. ad Corint. 4. 7.

he como as Estrellas do mar; porque assim como estas ao parecer saõ Estrellas, não sendo na realidade mais, que hũas sombras, & reflexos das Estrellas do Ceo: assim tambem o homem, se he justo, he huma sombra, & semelhença de Deos, & nada per sy proprio, & pela culpa, nada, pois por ella a sombra se vai, & a semelhança de Deos se perde, ainda que a imagem fique: he como sombra o homem; porque assim como a sombra, que vai fugindo, vai desaparecendo, sem deixar algum final de sy: assim o homem, que vai vivendo, vai acabando, sem deixar algum vestigio daquella vida, que apenas se nos represẽta em leve vágado de sombras, quando morre como de accidente em breve efimera de nadas: he como a escuma do mar, que se levanta viçosamẽte sobre as suas aguas, & qualquer onda a derruba, & a desvanece: he hum bocejo da terra, que sobe vapor para morrer em fumos: he hum fumo, que o ar espalha, hũa folha, que o vento leva, fogo, q̃ se converte em cinza, cinza que se desfaz em pó, pó, que se muda em lodo, lodo, que se torna em terra, & terra, que se converte em nada: & que sendo tudo isto, & muito peyor que isto o homem mortal, & miseravel, & sugeito a mayores miserias, & desventuras por seus peccados, haja de terse em grande conta, vivendo em culpa? & haja de fazer muito caso de quem he, não vivendo em graça? O justo não se sabe resolver se he digno de odio, se de amor de Deos; & ensoberbecese o pó, & cinza, sendo o termo ultimo da vileza, & da abominaçaõ?

Job. 14. 2.

Job. 13. 25.

Eccles. 9. 1.

Ah Senhor! (dizia David a Deos) trazei as gentes a juizo, & saibão, que saõ homens: porèm se os peccadores de nenhũa cousa se jactão tanto, como de serem homens; como he necessario, que venha sobre elles hũ dia de juizo, para que se conheçaõ por homens? Naõ fora melhor dizer o Profeta: Para que conheçam os humanos, que saõ pedras na dureza, brutos no appetite, arvores na elevaçaõ, pois abominava nelles a soberba, obstinaçaõ, & demasia? Oh mortaes! excellentemente disse David. Diffinindo Job, que cousa era o homem, disse, que era hũa pouca de podridaõ. Queria David, que os homens conhecessem, que saõ huma podridaõ, que vive, huma immundicia, que se doura, & huma corrupçaõ, que se estima: se os homens se tiverão por arvores, ainda que os condenára a sua elevaçaõ, pudèra enganallos o darem algum fruto: se se conhecèrão por feras, quando os malquistára a fereza, a brutalidade os desculpára: se se considéraraõ

Psalm. 9. 20.

Job. 25. 6.

derárão pedras, a duração os confiára, ainda q̃ a dureza os reprehendèra: pois, para q̃ nem a duração os confie, nẽ a brutalidade os desculpe, nem o darem algũ fruto os engane, saibaõ, q̃ saõ podridam, & naõ pedras; conheçaõ, que saõ immundicia, & naõ brutos; vejam que saõ corrupçaõ, & naõ arvores: & conheçaõ finalmente os mortaes, que não saõ gente, pois saõ homens: *Vt sciant gentes, quoniam homines sunt*; porque sendo homens, saõ huma podridaõ corrupta, huma immundicia nojenta, & hũa corrupçaõ asquerosa, q̃ foy nada ha pouco tempo, que está sendo pouco mais de nada, & que em breve será cousa nenhuma: hontem hum favor do possivel, hoje hum perigo do futuro, á manhãa hum medo do presente: hũ póde ser, antes que fossem, hum não seram, agora, que estaõ sendo; & hum forão, em acabando de ser: & se saõ mais alguma cousa, nada saõ mais, que hum lodo, que vive, hũa lama, que lustra, hũa terra, que anda, hũa vaidade, que corre, hũa mentira, que falla, hum engano, que dura, & hũa presunçaõ, que mente.

Psalm. sup.

De que pois vos vangloriais homens miseraveis? Quem cuidais, que sois? Quem presumis, que sereis? Pois sabei, & acabai de crer, que em todo o mundo não póde haver cousa mais vil, quanto ao ser terreno, que esse mesmo ser, que tendes, & de que tanto vos prezais: toda essa fabrica vivente, toda essa apparencia fermosa, toda essa ostentaçaõ robusta, & toda essa pompa desvanecida he cousa taõ vil, tão baixa, & miseravel, que nem depois da morte póde ser peyor, nem mais vil, do que he na mayor gloria, na mayor presunção, & na mayor felicidade da vida. Peccou Adão, & querendo Deos tirarlhe da cabeça aquelles fumos vãos, de que a sua vangloria fez vágados para o derrubar na culpa, querendo porlhe por terra àquella vaidade nescia, & desvanecida, com que andava endeosado com presunçoens de divino, disselhe hum dia: Homem miseravel, lembrate, que es pó, & que em pó te has de tornar. Se Deos quer abater os brios de Adão, se o quer confundir, & humilhar com a vileza do que ha de ser por castigo da culpa, se o quer atemorizar com a memoria da morte figurada no pó, & cinza; que ameaço lhe faz, que medo lhe mete, dizendo, que ha de ser na morte, o mesmo que está sendo em vida, pois lhe diz, que he pô, & que em pó se ha de cõverter? Não era meyo mais efficaz para confundilo, & para estremecelo, dizerlhe, que se lembrasse, que cedo seria pó, & cinza,

Genes. 3.19.

cinza, ainda que de presente era homem? Naõ mortaes: se Deos dissera só ao homem, que havia de ser pó, & que o não era já, deralhe hum desengano para o tempo futuro, mas não lhe tirà-ra a vaidade do seu engano pre-sente: via Deos, que do engano presente nascia todo o mal do homem, pois com nenhũa ou-tra cousa se enganava tanto, como com o que era; & para q̃ visse quanto se enganava com a sua ignorancia, com a sua vai-dade, não só lhe disse que havia de ser pó quando o castigasse a morte; disselhe que isso mesmo estava sendo, quando o engana-va a vida.

Mas se Deos fez o homem do pó da terra, & se o homem vivendo he pó; que castigo lhe dá Deos em o desfazer em pó? Se na morte o desfaz, se na morte o castiga, como o não desfaz di-minuindolhe o ser? como o não castiga fazendo-o ser mais vil? Oh mortaes, não achou Deos cousa algũa peyor, em que pu-desse desfazer o homem, que aquella mesma de que o fez; não teve outra mais vil, com que o castigar, que fazendo-o tornar a ser aquillo mesmo, que era; & por isso não podia porlhe no rosto mayor afronta, que dizer-lhe, que ainda havia de ser o mesmo, que estava sendo an-tes da mortal corrupçaõ. Se pois o homem não podia ser peyor cousa, nem mais vil do que era (como atráz mostramos) que mayor castigo podia darlhe Deos neste seculo, que fazelo ser o que tinha sido, quando acabasse de ser o que estava sendo? Des-enganaivos, mortaes, que nada podeis ser peyor; nada podeis ter, que seja mais vil, que esse mesmo ser, de que tanto vos prezais, pois atè quando pare-ce, que Deos vos quer aniquilar, parece tambem, que vos não pòde envilecer mais, nem pe-yorarvos o ser.

Tract. 2. toq. 5.

Fez Deos a luz do dia, do Ceo as Estrellas, do mar os pei-xes, da agua as aves, da terra os bichos, os animaes, & as plan-tas; mas ao homem de hum pò vilissimo, que ou nos cega, ou nos empoa; tão baixo, & tão miseravel, que sugeitandose a tudo quanto fazem delle, sem-pre anda cheyo de immundicias, & de desaventuras; se se levãta, o vento o leva pelos ares, & de-pois o derruba; se se não move, todos o atropellão, até que pa-ra fugirem delle, a chuva o poem de lodo. Isto sois, homens mi-seraveis: disto fez Deos o pri-meiro homem, para que vendo-se mais vil por este principio, que todas as outras creaturas, buscasse no seu conhecimento o seu desengano, & achasse na sua vileza a sua humildade. Não só nisto, mas em outros muitos doens fez mais caso a natureza

das

das ervas, & das plantas, das aves, & das feras, que dos humanos, pois os brutos nos excedem na força, as feras na ſaude, os cervos na vida, os linces na viſta, os abutres no cheiro, as aves na ligeireza, as flores na fermoſura, as arvores na pompa, & as ervas nas virtudes, & em outras muitas couſas, que fora hum nunca acabar, começar a dizelas. Por iſſo queria Deos, que o homem ſe conheceſſe pela couſa mais vil, que podia haver no mundo, & a quem não era devido nenhum reſpeito; antes tendoſe por indigno das merces de Deos aſſentaſſe ſobre eſta humildade aquelle beneficio, com que antes de peccar o fez Senhor de tudo; & aquella miſericordia, com que o veyo a ver depois de haver peccado.

Mas não cuidaõ os homens, que ſaõ pó, cuidaõ, que ſaõ Deoſes. Aquelle engano, que o demonio fez a Adão no Paraiſo, faz no mundo todos os dias aos outros homens: & como cuidão tanto de ſy, nada cuidão na morte, nada cuidão em Deos: nada cuidaõ na morte, porque vivem, como ſe não ouveraõ de morrer; nada cuidão em Deos, porque obraõ como ſe não ouvera Deos; & ainda que a morte os deſengane todos os dias; ainda que Deos os aviſe todas as horas, como não olhão para o pó, que he memoria da morte; como não olhaõ para o ſepulcro, que he eſpelho da vida; o pó, ainda que lhes dá nos olhos, deixa-os mais cegos; o ſepulcro, ainda que ſe lhes ponha defronte, ficalhes a perder de viſta. Oh ſe os homens olháraõ algum dia para o pó da morte! Se fizeraõ alguma hora eſpelho do ſeu ſepulcro, que depreſſa ſe eſquecèrão do que parecem; que facilmente conhecèrão bem o que erão! Não ſe teriaõ mais por homens; quando muito parecerlhes-hia, que eraõ huns bichos vìs da terra, & hũa pouca de podridaõ. Senhor (dizia a Deos David) eu não ſou homẽ, ſou hum bicho vil da terra, hũa afronta dos homens, & hum eſcarneo do povo: porèm ſe David era hum dos mayores Reys da terra, o mayor homem dos ſeus tempos, o gabo dos outros homens, a valentia do mundo, & a occupaçaõ da fama, como he já bicho, & não homem? como eſcarneo, & não gabo? como afronta, & não credito? Oh mortaes: chegou David às conſideraçoens da morte, como elle logo diz, por meyo do pó, & cinza: chegouſe ao ſepulcro, como explica Janſenio, fez memorial do pó, & cinza, fez eſpelho do ſepulcro, & como vio nelle, que todo o parecer do homem, & toda a feiçaõ de humano ſe havia de mudar em guſanos,

Pſalm. 21. 7.

Ibid. 16.

Janſen. ibi.

ſarios, & bichos fedorentos, já não he, o q̃ parecia, já parece ſó o q̃ he; porq̃ conſiderandoſe pela morte feito pó, & cinza na ſepultura, via, que nella não ficava do homem nenhuma outra couſa mais, que aquillo, que naſce da podridão, & iſto ſaõ bichos, & guſanos, como diz Job: & alturas, que vem a parar debaixo da terra, Mageſtades, a que ſe ha de pôr huma pedra em cima, cetro, que ſe ha de tornar em pó, trono, que ſe ha de fazer em cinza, purpuras, que ſe hão de converter mortalhas, que hão de parecer aos homens, que chegão ao deſengano, ſenão hum deſprezo do mundo, hũa injuria dos tempos, & hũa afronta dos homens?

Job 25.6.

Iſto vè quem olha para o ſepulcro; porèm ainda vè mais quem olha para Deos: quem faz eſpelho do ſeu ſepulcro, temſe por hum bicho da terra, julgaſe pó, & cinza, & conhece, que he podridão; mas quem tem a Deos por eſpelho, ainda vè mais, porque vè, que he nada diante de Deos. Vio-ſe neſte eſpelho David, porque nelle trazia ſempre os olhos, & logo vio que era nada diante de Deos, dizendo: A minha ſubſtancia, Senhor, & o meu ſer he nada diante de vòs: porèm ſe David ſe via, & ſe revia em Deos, como vendo tanto, via que era nada? Ora notem: quem olha para o eſpelho vè a ſy meſmo; quem não olha, naõ ſe vè: veſe quem o olha, porque em olhando para Deos, como para ſeu eſpelho, vè a ſua imagem; & conhece, que ſendo a imagem de Deos, nada lhe fica mais, que aquelle puro nada, ſobre quem Deos poz eſta imagem; & por iſſo vè, que he nada: quem não olha para Deos, que he o ſeu eſpelho, não ſe póde ver a ſy; & daqui naſce, que como acha em ſy tantos doens de Deos, ſem ſaber de quem ſaõ, nem donde lhe vierão, deſconhece a Deos, deſvaneceſe a ſy, cuida que tudo he ſeu, diſſipa-o como proprio, atè que na ultima hora o paga como alheyo.

Pſalm. 24.15. Pſalm. 38. 6.

Se pois, peccadores, hum homem Santo, como David, quanto ao ſer mortal, & caduco ſe tem por hum bicho vil olhando para o ſepulcro, & quanto ao ſer immortal, tem para ſy, que he nada olhando para Deos; em que conta ſe devem ter aquelles peccadores, que ſendo para ſy nada pela culpa, ſaõ huns ſepulcros vivos de hũas almas mortas? Se quereis conhecer o que ſois, quanto ao ſer terreno, olhai para o ſepulcro; ſe quereis ver o que ſois, quanto ao ſer immortal, olhai para Deos: vede, q̃ de não olhar para Deos naſce o caſo, que fazeis de vòs: vede, que de não ver o ſepulcro procede o caſo, que fazeis da vida: a vida ſem memoria da morte, he hũa morte

morte d'alma; vós sem memoria de Deos sois hum inferno da vida: da morte d'alma facilmẽte se caminha para a morte da vida; do inferno da vida com facilidade se vai para o inferno d'alma: a morte da vida póde ser cada hora, o inferno d'alma ha de ser para sempre: se pois não tendes mais que hũa vida, nem mais que hũa alma, como não receais hũa morte, que se apressa na culpa? Como não temeis hum inferno, que na culpa se leva? Oh miseria da vida, oh perdiçaõ d'alma, oh ignorancia do nada, oh soberba do pó, & cinza! Como não consideras peccador, que cousa he o homem, & que he o que tem de seu: *Quid est homo, & quæ est gratia illius?*

---

## TOQUE VIII.

*Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum*
Job 5.7.

## CLAMOR VIII.

Vai outro discurso diferente Toq. 17.

Tratase do trabalho para que todos nascemos em castigo da primeira culpa.

NAsce o homem para o trabalho, como a ave para o voo: ou seja com as mãos, ou com o entendimento, em quãto estiver sobre a terra ha de trabalhar o homem: trabalha chorando em nascendo, porque não póde servindo, ou considerando: taõ pobre ficou a natureza humana depois do peccado, que quem naõ ganha o sustento com o suor do seu rosto, ou do juizo, parece que não chega a alcançalo sem merecelo com as lagrimas, que saõ suor do coração. Esta pensaõ do peccado obrigou ao mayor, & ao primeiro homem do mundo a roçar espinhas, & abrolhos feito cavador vil, & homem de ganhar miseravel, aquelle mesmo homem, que sendo criado para o fim sobrenatural da gloria, teve a Deos por Pay, os Anjos por amigos, o Paraiso por palacio, o mundo por imperio, & por vassallos seus todas as outras creaturas: & não parando aqui a sua miseria, quiz Deos mostrarlhe, que elle só havia de trabalhar na terra, de que nasceo senhor, & nenhũa outra creatura; salvo, se atrahida pela industria, ou arrastada da violẽcia se sobmetesse á sugeiçaõ, & à necessidade: & a razão he; porque na mesma desobediencia, com que o homẽ perdeo os fóros da graça rebelandose ao seu Creador, sacudirão todas as creaturas o jugo interior da obediencia, com que á ordem de Deos servião, & obedecião ao homem. Mostroulhe a Providencia, que a ave não fia, o peixe não semea, a fera

Gen. 17. &c.

fera agreſte não lavra, as arvores naõ trabalhaõ, & as flores não cultivão; & que ainda aſſim tem para a vida o neceſſario, & ás vezes o ſobejo ſem raſgar a terra com o arado, ferir os campos cõ a enxada, cruzar os mares, deſcompor os rios, nem deſcubrir aquelles ſegredos da terra, donde o ouro, a prata, & as outras claſſes de metaes metidos como em ſepulcro, parece, que pedem ao homem, que os não deſenterre; pois a pezar de todas as riquezas, que podem darlhe as minas, tambem o hão de enterrar dentro de pouco tempo, donde naõ lhe pòde valer o ouro, para que ſe não converta em bichos, & em podridão.

Voando em fim a ave pela região dos ventos, nadando o peixe pelas ondas, vagando a fera pelos campos, parece, que cómo aſſinte da vaidade humana, ou dando-lhe doutrina muda, lhe moſtrão que não naſcèraõ para outra couſa; que para viver deſcanſadamente cantando, recreandoſe, & apaſcentandoſe ao meſmo tempo, que o homem chora, que ſe afflige, & que ſente a falta do q̃ aos animaes naõ falta, do que ás aves ſobeja, & do que aos peixes enfaſtia: & quando eſtas querem recolherſe, & retirarſe dos deſabrigos da noyte, ſem haver levantado edificios, nem ſolicitado algum reparo para o ſoſſego, & menos para o ſono, achão nas lapas do mar alcovas, nas covas dos montes leytos, nos ramos das arvores camas, ou de campo, ou de vento, donde a planta que lhes offereceo toldos para paſſar a calma, lhes arma pavelhaõ verde para lhes dar abrigos; donde as covas; que para o naſcimento lhes offerecèrão berços, para o deſcanſo lhes dão alvergue; donde as lapas, que para os riſcos lhes offerecèrão refugio, para a quietaçaõ lhes dão encoſto; & donde finalmente a Providencia ſuperior ſendo miniſtra do agaſalho, lhes tem prevenido o repouſo naturalmente. Vive a toupeira nas entranhas da terra, & alli lhe leva o Ceo o ſeu alimento; vive no ſeu caſullo o guſaninho vil, & ſobre veſtirſe de ſedas, lá o ſuſtenta a Providencia: vivem outros bichos immundos ſem ſe bulir de hum lugar, & ahi donde os poz a natureza, lhe acode com o neceſſario a divina bondade: a erva mais humilde, a planta mais inutil, a folha mais eſteril, a flor mais melindroſa, o ramo mais levantado, ſem fazerem diligencia alguma para ſuſtentarem aquella vida vegetativa, recebem das entranhas da terra o ſucco, que lhes baſta. De todos o Ceo, & a terra tem natural cuidado, com todas ſe deſentranha ſuavemente, ſó ao homem não acode com a

meſma

mesma promptidão, sé que primeiro lhe custe a fadiga, a vergonha, ou a diligencia: nisto, & em tudo o mais, quanto á porção terrena, quiz Deos mostrar aos humanos, que erão muito mais miseraveis, que as outras creaturas, pois nascendo as feras do campo não só vestidas, mas armadas, as aves do Ceo adornadas de plumas, os peixes do mar cubertos de escamas, as plantas da terra enfeitadas de folhas, as Estrellas do firmaméto cheas de resplandor, só o homem apareceo nú nos orientes da vida, como mendigando, & pedindo a todos, que o cubrissem, & abrigassem, atè que pudesse buscar com que vestirse. Mostrouse a natureza mais liberal atè com as ervas agrestes, que com os humanos; mayores ventagens lhes deu neste privilegio, do que deu não sómente aos homens de menor esfera, mas ainda aos de superior estado. Olhai os lirios do campo, dizia Christo, & vede se Salamão na sua mayor gloria se pode vestir como elles; não trabalham, nem fiaõ para vestirse, & vestem tanto melhor, que o mayor Rey da terra, quanto he melhor a verdade, que a mentira, o natural, que o artificial, & o solido, que o fingido: em fim, vestio Deos fermosamente as flores, robustamente as arvores, alegremente os campos, para que podendo fazer mayor gala da sua natureza, que os mayores homens, lhe lébrassem a necessidade com que nasciam aquelles mesmos, a quẽ a ignorancia, ou a fortuna fingio mais isentos da miseria, & da necessidade: todas em fim sem trabalhar tem o que hão mister; só o homem, nem com o trabalho do animo, ou da pessoa chega ordinariamente a ter tudo o que lhe he necessario: & tudo isto procede de que nenhũa creatura offendeo a Deos mais, que o homem; antes fazem todas melhor, que o homem, aquillo para que Deos as fez. A todas fez Deos, para que o louvassem; & isto fazem a todo o tempo todas as creaturas, excepto as racionaes. Estão sempre louvando a Deos todas as creaturas, porque todas a todo o tempo saõ hum espectaculo fermoso, & huma confissaõ louvavel, ainda que muda, das obras do seu Creador, pois nellas, como em vestigio da divina grandeza; como em copia, ainda que breve, de seu immenso original; como em espelho, ainda que escuro, daquella claridade eterna; como em lamina, bem que tosca, da divina fermosura, parece, que quando se nos manifestão por obra de Deos, nos convidão á admiração de suas maravilhas, se olhando-as com a consideraçaõ com que se devem contem-

Math. 6.28.

contemplar, sabemos estender o discurso, & o entendimento por quanto a terra mostra, o mar descobre, o ar ostenta, & o Ceo debuxa: isto fazem as creaturas mais rudes, aquellas, que com as almas de terra, & com espiritos de vento broncamente nascem, brutamente sentem, & vegetando vivem: por isso não trabalhão por castigo, como faz o homem, porque não trabalha quem louva a Deos.

Não fazem outro tanto os homens, porque trabalhando pela vaidade, & não pela virtude, fogem daquelle jugo, em que se descansa, por buscar aquelle descanso, em que se afadigão; donde se vè, que faltando o homem em seguir o fim para que foy creado, que he louvar, & amar a Deos, menos ama a Deos, que hũa planta, que hum bruto, & que hũa pedra, pois qualquer destas naturalmẽte não falta ao seu fim ultimo; & por isso, nem descansa o homem, nem trabalha como deve: não descansa, porque não louva a Deos; não trabalha como deve, porque não serve a Deos, serve aos idolos da sua vaidade, & da sua inclinaçaõ, trabalha mais por offender a Deos, que os bons por o amar, cansase por descansar na culpa, como se fora na gloria, desvelase pela sua perdiçaõ, mais que os justos por salvarse, & poem mayor cuidado em se ir aos infernos, que os outros ao Ceo: oh miseria, oh desventura digna de chorarse com lagrimas de sangue; digna de escreverse com letras de ferro; digna de clamarse com vozes de bronze! Basta, peccadores, que se não ha de ir hum homem aos infernos, sem que lhe custe o suor do rosto, o sangue do braço, a canseira do corpo, a afflicção do animo, & o dinheiro da bolsa? Ha de ser possivel, que por Sol, & por frio, por calmas, & por chuvas, por ventos, & por neves ha de hum homem andar buscando a sua perdição? & ha de ser necessario para chegar hum homem a ser condenado, que ponha nisso todo o seu estudo, todo o seu sẽtido, todo o seu trabalho? & que sobre tudo isto se não contente o demonio, se lhe não conprais o inferno com o vosso dinheiro; & se em cima não fazeis muito caso, & muita vaidade da vossa condenação na estimação, que fazeis do peccado; no gosto, com que vos saboreais na maldade? Tãtos passos em fim para vos cõdenar? Tanto trabalho para vos perder, tão pouco para vos salvar? Tantas fadigas pelos bens caducos, & transitorios, que vos levão ao eterno carcere, & vos arrastão para a morte eterna? Tanto descuido, tanto esquecimento dos bens eternos, & per-

manentes, que vos attrahem, & levão suavemente para a eterna gloria, para a eterna vida? Oh mortaes, vede o que fazeis, vede por quem trabalhais, vede, que se trabalhares pelos bens do Ceo, tereis brevissimamente mais do que quereis; vede, que se vos cansardes toda a vida pelos bens do mundo, em toda a vida não tereis cousa algũa; nada tereis, nada vos aproveitará todo o vosso trabalho, ainda que seja licito, se trabalhardes só pelos bens do mundo.

No mar de Tiberiades trabalhárão toda hũa noyte os Discipulos de Christo, & nada colhêrão por fruto de seu trabalho; veyo a manhãa, & tomando o conselho do Senhor, q̃ appareceo na praya, deitáraõ as redes para a mão direita, & de hũ só lanço tiráraõ tanto peixe, que pela multidão, & grandeza delle, não podião arrastar, nem recolher as redes: porèm se a noite he o melhor tempo das pescarias, se o mar, se as redes, se os pescadores erão os mesmos, como de hum só lãço tirão tanto peixe, que era mais do q̃ queriaõ? como toda a noite, & de tantos lanços nada tirão, nem lhes importa cousa alguma o seu trabalho? Oh mortaes: toda a noyte, que he figura da vida, como diz Santo Agostinho, não tinhão deitado os Discipulos as redes para a mão direita, figura dos bens eternos; tinhão-as deitadas para a mão esquerda, figura dos bens temporaes, conforme S. Gregorio; pois, que lhes havia de aproveitar todo o trabalho, ainda q̃ licito, de toda a vida, mais que cousa nenhuma? E que menos lhes havia de render hũ só lanço do trabalho meritorio, que enchentes, & mais enchentes dos bens da Igreja, & dos bens eternos? Mas se os Discipulos de Christo erão exemplar, & figura dos mais perfeitos homens; se na barca se figurava a Igreja, nas redes a prègação, no mar o mundo, nos peixes os peccadores, nas ondas os vicios, segundo he o cõmum sentir dos Expositores Sagrados; como não aproveitou todo o trabalho de toda a vida figurada em toda a noite? como não aproveitàraõ os desvelos dos mais perfeitos homens, para que das ondas dos vicios, & do mar do mundo tirassem nas redes da prègaçaõ ao menos hum peixinho; isto he, hum só peccador por fruto de seu trabalho? Oh peccadores, não havia alli Deos, como diz o Texto, tudo erão sombras figura da culpa: appareceo a manhãa symbolo da graça, & então appareceo Christo, & se lançàraõ as redes para a mão direita, & só então se fizerão bons lanços, pois se encheo a barca da Igreja dos seus escolhidos.

Desenganaivos mortaes, que ainda

Joan. 21. 3.

Aug. tom. 8.

in Ps. 76. v. manibus meis, &c.

Greg. P tom. 2. hom. 21. in Evang. in princ.

ainda que sejais discipulos de Christo, ainda que sejais varoens perfeitos, ainda que tenhais as melhores redes da ciencia, & da eloquencia humana; ainda que trabalheis toda a vida, se vos cansardes pela gloria temporal, & não pela eterna; se se não vir, que está o Senhor adonde trabalhais; se naõ tomardes seus conselhos, deitando as redes para a mão direita, tudo vos ha de sahir esquerdo, nada haveis de colher, nada aproveitar: os peixes coarám a malha por meuda que seja: quãto mais finas forẽ as redes, mais depressa as romperáõ, pois valem mais por fortes, ainda que grosseiras, que por finas, sendo fraças: & em fim, da vossa vãa fadiga não colhereis mais, que vẽto nas redes, frio na vida, aflicçaõ no animo, & agua de tribulaçaõ na barca, atè q̃ Deos vos amanheça: & se isto se colhe dos trabalhos licitos; dos illicitos que será? Trabalhemos pois em fazer de nossos peccados penitencia: trabalhemos em cortar os vicios, em servir a Deos, & em fugir do inferno, que este he o trabalho, para que todos os peccadores nascéraõ: *Homo nascitur ad laborem, &c.*

(:)

## TOQUE IX.

*Militia est vita hominis super terram, Job 7, 1.*

## CLAMOR IX.

### Tratase da guerra contra os inimigos d'alma, & como se ha de fazer.

NAõ bastava, que a vida do homem fosse trabalho, senão, que em cima havia de ser guerra: trabalho de guerra, que he o mayor dos trabalhos, he a vida do homem, ou hũa guerra viva, que dura, quanto a vida dura. Trabalha, como bom soldado, dizia Saõ Paulo a Timoteo; porque naõ basta trabalhar, nem trabalhar como soldado, senão como bom soldado; quem he bom soldado naõ descansa, cõ os mayores riscos contende; alli dõde padece mayores opressoẽs, afflicçoens, & rigores, ahi cõ mayor gloria emprega o braço, arroja o coraçaõ, & acrescenta o animo; ahi grangea o nome, donde he mayor o cõflicto: quem ainda naõ alcançou o nome de bom soldado, he porque se não arriscou muito, ainda que trabalhasse sempre. Guerra he a vida do homem, mas naõ aquella guerra, que começou a ser ruina do mundo, depois que

2. ad Timot. 2. 3.

o homem ſemeando diſcordias para colher eſtragos, fez parir a terra homens armados, povoarſe o mar de náos, as Cidades de ermos, os montes de ſepulcros, os bronzes vomitarem fogo, os homens veſtirſe de ferro, os campos de ſangue, o ar de pò, & o Ceo de fumo: na vida ſe padece eſta guerra, mas outra guerra he a meſma vida: na guerra da vida pelejaõ os homens com os outros homens; na vida, que he guerra, naõ ſó pelejaõ com todo o mundo, & com todo o inferno, mas comſigo meſmos; peleja o eſpirito contra a carne, a alma contra o corpo, & a virtude contra os vicios.

Por toda a parte tem guerra o homem; porque acima de ſy tem hum Ceo, que ha de conquiſtar, abaixo de ſy hum inferno de que ſe ha de defender, fóra de ſy hum mundo, a que ha de fugir, & dentro de ſy hũa carne, que ha de crucificar. Naõ ſe póde conquiſtar o Ceo, ſem primeiro ficar a carne crucificada, o mundo atropellado, & o inferno confundido: a carne crucificaſe com a mortificaçaõ, o mundo atropellaſe cõ o deſprezo, o inferno confundeſe com a oraçaõ, mas he taõ difficultoſa a vitoria deſtes inimigos, q̃ ainda depois de vencer o mundo fugindo de ſuas vaidades, ſe o homẽ ſe recolhe dentro de ſy para não querer mais mundo, acha contra ſy a carne rebelada, cujo domeſtico deſaſſoſſego, & perigoſos tumultos não ſe domão bem, ſe com os auxilios de Deos, depois de enfraquecela a fome, & ſede de hum, & outro jejum, a não poem a ferro, ſangue, & fogo: fogo do amor de Deos, ſangue da diſciplina, & ferro do cilicio, que como armas da penitencia não mataõ, porèm amãſam, & mortificaõ a inſolencia deſte inimigo, que he o mayor de todos.

Mas não parando aqui a guerra, ſe o homem na guerra de fóra venceo o mundo, atropellando-o; ſe na batalha interior da guerra civil, & às vezes continua, derrubou a rebelião da carne affligindo-a, ainda lhe fica por vencer o demonio, que ardiloſamẽte caviloſo das meſmas vitorias do vencedor faz armas contra elle para rendelo, ſe ſe deixa entrar, ou poſſuir daquelle ar ſuave, daquella viração aprazivel, mas peſtilente, com que a vangloria o recrea, & a perdiçaõ lhe faz caricias; iſto he, deixarſe levar daquelles gabos da virtude, que ſó ſaõ bons depois da morte, quando nem o que louva corre o perigo de liſongear, nem o louvado tem o riſco de ſe deſvanecer. He o applauſo do ſeculo para os virtuoſos, como a mina para os muros; poemſe a mina ao pè do muro, & quanto mais ſe

se lhe mete debaixo, tanto dalli rebenta com mayor estrondo, & faz mayor estrago, se quem guarda o muro antevendo o perigo, não faz, que se desafogue toda aquella violencia dissimulada pelas roturas da contramina: assim o applauso do seculo parece, que se deita aos pès da virtude, metesselhe debaixo com a submissaõ, & com a cortesia, rebenta com o ruido do louvor, com o estrondo do encarecimẽtó, & se o homem virtuoso não contramina este seu dano com a virtude da humildade, por donde o louvor, & a vangloria se deve divertir, & desafogar, quanto he mayor o impeto da vaidade, q̃ o faz voar, tanto he mayor o estrago, & a ruina com q̃ vem a cahir.

Saõ muros da Cidade de Deos os virtuosos; mas se se deixaõ minar, se não tratão dese defẽder daquelle seu perigo, tanto mais poderoso, quanto mais escondido, ou menos contraminado, hum pouco de ar ardente os arruina, quando mais os levanta; & com aquillo mesmo, com que os lança para o Ceo, os faz cahir, & precipitar na terra. Porèm se com o divino auxilio, se livra o homem deste demonio do meyo dia, ainda se não livra da guerra; porque aquella Hidra infernal de sete cabeças, adonde lhe cortão hũa multiplica outras; de que nasce, que em quanto, vive o homem, ainda que viva bem, sempre vive em batalha pelejando atè a morte, donde se canta a vitoria, acabada esta mortal vida, & principiando-se a immortal com paz perpetua. Antes que a Náo chègue ao porto para donde navega, por mais, que lhe soprem ventos favoraveis, ainda que tudo lhe pareça, que he mar bonança, ainda que outras muitas vezes escape da tormenta, não pòde dizer, que fez boa viagem, atè que vendo-se surta no porto desejado, não esteja sobre as ancoras descansadamente: assim nòs, em quanto navegamos pelo mar do mundo, como poderemos dizer, que vẽcemos as ondas, por mansas que se finjão, por quietas, & sossegadàs que se mostrem, senão depois q̃ servindonos de porto hum fim alegre, & hũa morte feliz, sayamos da Náo destes corpos na praya da eternidade, donde, vendonos já na patria, gloriosamente possamos triunfar da guerra desta miseravel vida, como estrada chea de asperezas, como mar cheyo de tẽpestades, & como guerra chea de conflitos? Por isso dizia Job, que com a esperança de sua resurreiçaõ se hia esforçando cada dia na guerra de sua vida; como quem sabia, que em hũa vida, que he continua guerra não, póde haver descanso. Oh mortaes, se tivereis por guerra a vossa vida,

Job. 14. 14.

se pelejareis com ella valerosamente, quem duvidá, que com a esperança de resuscitar adonde só se triunfa, vos foreis esforçando a merecer donde sempre se contende? Mas não vos lembra, que a vossa vida he guerra, nem a quereis fazer aos vicios, com que os justos pelejão; quereis viver com os inimigos de portas a dentro, sem advertires na conhecida perdiçaõ; & daqui procede, que como a vida he guerra, naõ tendo guerra, naõ tendes vida; necessario he o poder de Deos para resuscitar essas almas, que andaõ em vòs defuntas; porque viveis mortos dentro de vòs mesmos todo o tempo que viveis em peccado vencidos, & prizioneiros de vossos inimigos, a quem voluntariamente vos rendestes.

Eu abrirei os vossos tumulos, & vos tirarei dos vossos sepulcros: dizia Deos por Ezechiel ao seu povo: porèm se estas palavras, como consta do Texto, se mandavaõ dizer aos homens, que naquelle tempo vivião, & se nos sepulcros só estão mortos; que sepulcros eraõ estes, de que Deos havia de tirar os filhos de Israel? Oh mortaes, os corpos dos peccadores, diz Saõ Joaõ Chrysostomo, se chamaõ sepulcros de mortos, porque morta está a alma no corpo do peccador: se pois as almas daquelles homens ingratos andavão mortas, & enterradas em seus mesmos corpos, quem, senão o mesmo Deos, havia de abrirlhes os sepulcros fechados pela obstinaçaõ? Quem, senaõ o braço de Deos, & a sua omnipotencia, os havia de tirar delles para os resuscitar na graça? Depois de acabarse a guerra da vida pela morte da culpa, só Deos vos póde resuscitar de vossas maldades, só o poder de Deos vos póde tirar do cativeiro do demonio, & só o braço divino tem poder de vos livrar dos sepulcros da morte. Andais sepultados, ó peccadores, dentro de vòs mesmos, porque mortas andão vossas almas em vossos corpos em quanto viveis em peccado. Saõ vossos corpos carcere da morte, & massmorras de Satanàs, donde tem prezas as almas, que estão em culpa mortal, atè que no vosso ultimo dia as mude Deos do carcere para os infernos, donde na eterna morte, & nos eternos castigos paguem para todo sempre o não quererem por breve tempo ter guerra com os inimigos de Deos. Mandavos Deos pelejar em quanto viveis, com vossos, & seus inimigos, para que ganhando na batalha a victoria, merecendo no conflito o triunfo, & alcançando no trabalho a coroa, vades por toda a eternidade para o celeste Reyno, para os eternos tronos, para as glorias sem fim. Desenganaivos

Ezech. 37.12.

Chrys. tom. 2. in 2. Expos. in Matth. hom. 45. in initio.

vos mortaes; que ninguem ha de ser coroado no Ceo, sem pelejar legitimamente na terra, como affirma o Apostolo Saõ Paulo. Quem peleja legitimamente, peleja hora com força; hora com industria: com a força, q se faz a sy para vencer o amor proprio, & os proprios apetites que encontra a ley de Deos; cõ a industria, com que se ha de livrar a sy das forças alheas: & assim como nas guerras do mũdo mais faz o valor, que o numero; & a ordem, & industria, que o perder; ha de ter valor a virtude, sendo hũa só, para vẽcer três inimigos; & ha de ter ordem, & industria a vida, para que com ella sopee, ou ao menos resista a todo o poder contrario. Temse este valor, quando desconfiando de nòs, & fiandonos só de Deos, com Fè viva, ou confiança certa, nos atrevemos a vencer tudo em seu nome, cõ o seu auxilio; & assim só com as armas da nossa vontade podemos em nome do Senhor vencer todos nossos inimigos, não querendo jámais consentir em peccado algum. Temse aquella ordem, quando castigando as desordens da carne, os desmanchos do mundo, & os desabrimentos do demonio, á carne se poem freyo, ao mundo se poem termo, ao demonio se poẽ medo; medo, para que nos não chegue; termo, para que se aparte de nòs; freyo, para que a sugeitemos a ella: serve de freyo a penitencia, & solidão para domar a carne: serve de termo o retiro para nos dividir do mũdo: serve o amor de Deos de medo, para que nos fuja o demonio: quem assim foge, vence; quem assim se afasta, vive; quem assim se doma, reyna: vence seus inimigos, vive em graça, & reyna com Deos. Para isto he necessario, que o homem se afflija de maneira, se mortifique de modo, & se trate de tal sorte, dandose perpetua batalha na guerra de toda a vida, que pareça, que nenhum outro inimigo tem tão grande odio, como a sy mesmo, com tal temperança, que mortifique, & não mate; que amanse, & naõ consuma; que modere, & naõ destrua a carne, sem a qual naõ poderá continuar a peleja: & nisto consiste o ter vida, porque nisto consiste o ter guerra; & isto aconselha o Senhor, quãdo disse, que perderia a vida eterna, quem não tivesse odio á vida temporal, & mundana: vencerse a sy mesmo o homem aborrecendo-se, he a mayor vitoria; porque o amarse muito he a mayor repugnancia, que tem para conseguila: por isso, quem quizer ter vida, neguese a sy mesmo, destruindo a vontade propria por fazer a de Deos; tome a sua Cruz, crucificando os

2. ad Timot 2 5.

Joan. 12. 25.

Matth. 16. 24.

gostos da vida, que encontrão o gosto de Deos; & siga a Christo perseverando na mortificaçam.

Pouco he o tempo da contenda, porque com a morte se acaba; o gosto de peccar breve, porque em hum momento desapparece; a pena eterna do peccado, porque nunca ha de ter fim; a gloria infinita dos que legitimamente pelejarem, porque não ha de acabarse. Muitos saõ os chamados para as eternas coroas, porque a todos quer Deos salvar; & os escolhidos poucos, porq poucos saõ os que querem pelejar contra seus inimigos atè a morte. Muitos saõ os que correm no estadio desta vida; mas poucos os que levaõ o premio, porque saõ poucos os que querem cortar pelo mundo, & pelo demonio, quanto mais por sy, com aquella espada com que o Senhor veyo ao mundo, naõ a meter paz, mas a fazer guerra, & a dividirnos de seus, & nossos inimigos, & mais que tudo, de nòs proprios, de nossos pays, de nossas mãys, & de tudo aquillo, que nos impede o perfeito amor de Deos.

1. ad Cor. 9. 24.

Matth. 10. 35.

Não acabão de crer os homẽs, que he guerra a vida, & que em não havẽdo guerra, tudo he morte d'alma: não se podem persuadir, que o mundo lhe faz guerra com suas vaidades, a carne com seus deleytes, & o demonio com seus enganos: naõ ha quem lhes faça crer, que as vaidades do mundo saõ hũa mentira dourada, os deleytes da carne hum veneno doce, os enganos do demonio hũa quimera bem quista: & como esta cegueira dos homens se poem da parte de seus contrarios, sem batalha se rendem ao demonio, & sem repugnancia se lhes entregaõ; & por isso sem remedio morrem, & para sempre acabão.

Oh mortaes, o mayor perigo da guerra he não conhecer os inimigos, não considerarlhes as forças, não suspeitarlhes as industrias, naõ reconhecerlhes as armas, nem saberlhes os caminhos per que nos busca, & acomete; porque disto nasce, que achando em vòs sitio para tudo, entraõ por donde lhes parece, & sahemse quando querem: vede, vede peccadores, que as armas com que pelejaõ, saõ lisonjas, com que obrigão, caricias, com que afagaõ, ternezas, com que animão, & quanto saõ mais brandas as ballas, com que vos tiraõ, mais surdas as violencias, com que vos investem, mais suaves as armas, com que vos conquistão, & mais leves as prizoens, com que vos ataõ, tanto he mais froxa a resistencia, que se lhes finge, & tanto mayor o dano, com que vos rendem: saõ inimigos mortaes, & tem o parecer de amigos: vem

a fazer-

a fazervos guerra, & parece, que vem de paz: querem tirarvos a vida d'alma, & fallaõvos á vontade do corpo: naõ cabem comsigo, & vemse á meter comvosco: & como pelo semblante, nem todos os conhecem, abraçaõlhes a violencia, como se fora caricia, agasalhãolhes o odio, como se fora amor, & estimaõlhes a treiçaõ, como se fora amizade. Oh mortaes: do mal, que nos apparece com o seu rosto; do inimigo, que vem em som de guerra, naõ ha muito, que recear, nem se ha mister estar de aviso para nos pormos em defensa; elles mesmos nos dizem, que nos defendamos, quando nos acometem a rosto descuberto. Da espada nua, que nos tira aos olhos, cada qual naturalmente acode ao reparo: da serpente, que se nos poem diante para tragarnos, o mesmo perigo nos persuade á defendernos, ou ao menos a fugirlhe; mas do mal, que nos parece bem, do dano, que vem em trajos de gosto, da peçonha, que se vende por triaga, do demonio, que nos parece Serafim, quem se saberá defender, senão estiver álerta com cautelas de sobremão, com avisos de mão posta, com desenganos de sobrecellente, & com resoluçoẽs superabundantes? Tal he o mundo como isto; toquemoslhe a retirar: tal he, & peyor que isto a carne; toquemoslhe a degollar: tal he tambem o demonio; toquemoslhe a recolher. General tendes em Christo, exercito na Igreja, & estendarte na Cruz: & pois a vida he guerra, o mundo campanha, o demonio inimigo, & a carne contraria; importa comer pobre, dormir duro, vestir aspero, viver morto, fallar simplez, cuidar pouco, & amar muito: pelejai como bons soldados: imitai vosso General, naõ fujais do exercito, nem deixeis a Cruz: tereis guerra na vida, mas na morte vitoria: tereis no tempo o trabalho, mas na eternidade o triunfo: não fareis na terra o vosso gosto, mas vivereis na gloria á vossa vontade; porque de outra maneira seria a vida do homem paz, & naõ peleja sobre a terra, como diz Job: ***Militia est vita hominis super terram.***

---

## TOQUE X.

*Homo quidam descendebat ab Ierusalem in Iericho, & incidit in latrones, qui etiam despoliaverunt eum: & plagis impositis abierunt, semivivo relicto.* Luc. 10. 30.

## CLAMOR X.

O Rio, que começou a descer para o mar, não sossega atè

ga atè cahir nelle: o mesmo rayo q não tem por natureza descer, se chegou a declinar, naõ pára, atè naõ cahir: desatouse a pedra do monte, & logo veyo a parar naõ menos, que aos pès da estatua, que estava no valle: saõ consequēcias infalliveis as quedas, donde saõ antecedentes as declinaçoens. Isto, que succede na natureza, succede tambem na graça; o mesmo he começar a descer da graça, que cahir della. Começou o homem a descer da graça, & cahio logo na culpa, apartandose do Ceo, de quē he figura Jerusalem, & buscando o mundo, significado em Jericò, como explica Santo Agostinho: desceo pelo peccado, com que se afastou do Ceo; porquē tudo o quē he peccar, he descer; & como todo o descer peccando he perigar cahindo, logo que começou a descer, cahio nas mãos dos demonios, significados nos ladroens, conforme o mesmo Santo Agostinho; & cahindo nellas, como havia de ficar, senão roubado dos bens da graça, & mortalmente ferido nos bens da natureza? Ficou o homem mortalmente ferido na natureza, porque perdida pelo peccado a justiça original, que conserva sans, & inteiras as forças d'alma, aquellas mesmas potencias, que natural, & livremente ordenavão para a virtude as suas operaçoens, ficáraõ quasi destruidas de toda a virtude; & estas destruiçoens se chamaõ chagas, pois tendo o homem antes de peccar com grande perfeiçaõ aquellas quatro potencias, que saõ sugeitos das virtudes, isto he, no entendimento a prudencia, na vontade a justiça, na irascivel a fortaleza, na concupiscivel a temperança, a hum só golpe da culpa se confundio toda a consonancia desta racional armonia; de que nasceo perverter a razaõ a ordem para a verdade, & ficar ferida da ignorancia; desencaminhar a vontade a direcçaõ para o summo bem, & ficar chagada da malicia; descompor a irascivel o respeito para o difficultoso, & ficar cortada da fragilidade; & finalmente desvirar a concupiscivel a intençaõ do moderado, & ficar atravessada do seu mesmo apetite.

Aug. to. 7. lib. 5. contra Pelag. Hyp. ante med.

Mas não parando os males do homem só na natureza; tiráraõlhe a vida d'alma: ficou o homem em quanto á graça totalmente morto; porque como o amor de Deos he o calor natural de que as almas vivem, perdeo o homem a vida d'alma, perdendo o calor natural da graça, & do amor de Deos: & disto se seguio que não sómente a alma ficou feita cadaver do seu mesmo espirito, o corpo naõ sómente sepulcro da miseravel alma; mas ainda o peccador, carcere

de sy

de sy proprio, inferno de sy mesmo, & habitação dos demonios: he lo o peccado inferno de sy mesmo, porque no peccador està o fogo da avareza, o fedor da lascivia, as trevas da ignorãcia, o bicho da conciencia, a sede da concupiscencia, finalmente estão tantos demonios, quantos saõ seus peccados: neste inferno està ardendo em vida, atè que chegue o outro pelo caminho da morte, senaõ fizer de suas culpas bastante penitencia.

Luc. 11.26.

Eis-aqui os males, que fez hum só peccado no primeiro homẽ, & em todos os do mundo por participaçaõ da mesma natureza inficionada da culpa: começou a descer, & logo cahio, & de cahir, que se havia de seguir, senão ficar meyo morto? morto na melhor parte, que he a alma; & mal vivo no peyor, que he esta terra vivente. Se pois o Sol da racional natureza se escureceo tanto com hũ só eclipse; q̃ farão tantos eclipses, & tantos defeitos do resplandor celeste nas Estrellas já escuras do firmamento humano? Que faraõ as sombras de Jericó, Lua sempre minguante, cujas luzes anoytecidas saõ resplandor defunto de humas trevas viventes? Oh mortaes, que poucos ha no mũdo, que considerem bem, que cousa he hum peccado mortal! Muitos o sabem, muitos o reprehendem, muitos o abominaõ; mas ah que saõ rarissimos os que cuidaõ, que cousa he, que mal nos faz, a quem se oppoem, & que castigo tem! Tenho para mim, que parecera impossivel cometer hum peccado (mediãte a graça de Deos) quem trouxera sempre no sentido a fealdade medonha, a torpeza indeclaravel, & o vulto aborrecivel de hum peccado mortal: porque cousa taõ pessima, que nos faz cahir em odio de Deos, & sobre isto desprezalo, ou em sy, ou no seu preceito; mal taõ grande, que nos aparta de Deos por distancia infinita, naõ de lugar, que em todos está Deos; mas de semelhança com elle; culpa taõ grave, que he punida com fogo eterno; dano taõ terrivel, q̃ ha de carecer da vista de Deos por toda a eternidade; pena taõ cruel, que nos ha de atar para sempre no carcere dos abismos, & nas cadeas do demonio; que temor, que assombro, q̃ medo, & que aborrecimento naõ faria a hum bruto se tivera razão, a hum marmore se tivera espirito, a hum bronze se tivera entendimento? Bastava cuidar, que havia Deos, para naõ peccarmos; bastava saber, que o peccado he taõ grande mal, para nos parecer impossivel o offender a Deos.

Oh mortaes: ó peccadores; quem pecca mortalmente, dá

contra ſy a primeira ſentença de condenaçaõ, & por ella voluntariamente ſe faz inimigo de Deos, deſprezador da ſua miſericordia, & reo da ſua juſtiça: o apartar de Deos para a culpa, deixar o caminho doCeo pelo do inferno, & em fim peccar contra Deos, ou he não conhecer o peccado, ou cuidar, que naõ ha Deos. Do peccador, dizia David, que no ſeu coraçaõ dizia: Ahi naõ ha Deos, bem podemos peccar á noſſa vontade: mas a eſte peccador chama David neſcio; porq todo o que pecca neſciohe, pois ſe naõ ſabe, q ha Deos, ou vive, como ſe o naõ ſoubera: naõ ſabẽ os peccadores quaõ grande mal he peccar; ſaõ neſcios, & por iſſo naõ ſabem iſto, nem ſabem cuidar niſſo.

Pſalm. 12. 1.

Quem ouvera que peccára, & ſe peccára, quem naõ ſe arrependèra logo, ſe cuidára por quaõ pouca couſa ſe poem em odio com Deos, perde o Céo, & ſe mete no inferno? Tal-vez por hum goſto de brutos, que começa deſalumbramento, continúa cegueira, crece precipicio, pára ſemſaboria, & acaba condenaçaõ: por hum ponto de honra, que he ar, por hũa ambiçaõ, que he baixeza, por hũ primor, que he perdição, por hũa payxão, que he deſatino, & por tudo o mais, que he vaidade: & iſto com tanta facilidade, tanto ſem eſcrupulo, & ſem pejo da conciencia, ou da vergonha, & com tanto goſto por qualquer ninharia, nos lugares ſagrados, & nos profanos, como ſe offenderamos algũ Deos de pao, que não fora mais que hum cepo digno de zombaria, & não de veneraçaõ, temor, & amor; peccando com tanta vãgloria da ſua injuria, como ſe lhe tiveramos hum odio muito capital, & como ſe nos importára muito gaſtar na ſua afronta, & no ſerviço do demonio aquelle tempo, que ainda aſſim nos eſtá dando para a penitencia, & para a ſalvaçaõ.

Quem pois ſe atrevèra a peccar, ſe conſideràra, que eſte a cada inſtante offendido, he hum Senhor de tal Mageſtade, de taõ infinito poder, de taõ grande ſabedoria, de taõ immenſa fermoſura, de taõ ſumma bondade, juſtiça, & miſericordia, que he o reſpeitado dos juſtos, o louvado dos Santos, o querido dos Anjos, o adorado dos Serafins, o ſervido dos Ceos, o temido do inferno, o Rey dos Reys, o Senhor dos Senhores; & por ſy meſmo taõ amavel, taõ bõ, taõ manſo, & taõ amigo, que nos criou de nada, nos ſuſtenta de tudo, nos conſerva por amor, & nos ſerve de graça; redemindonos antes que foſſemos, amandonos ſem merecerlho, ſofrendonos ſem avernos miſter, & eſperandonos ſem pedirlho?

Quem não tremeria de Deos, se lhe soára dentro nalma a cada instante aquella trombeta, que póde ouvirse a cada momento? Quem se naõ meteria por dentro, se trouxera sẽpre no sentido o semblante da morte, considerando cada hora, que a póde ver cada instãte? Quem não vivera como defunto, se descèra com a imaginação às escuras sombras do inferno, & se detivera nellas considerando aquella eterna escuridão, aquellas chamas medonhas, aquelle horror sem fim, & aquellas penas sem cabo? Quẽ amára os dias do seculo, se medira com algum tremor os longos para sempre da eternidade? Quem se lembrára do mundo, se subira huma hora com os suspiros ás eternas glorias da patria celestial? Quem fizera caso da vida, se soubera estender os olhos d'alma por aquelles campos luzentes, que o Sol eterno lustra, que o eterno Abril alegra, que o dia sem fim doura? Se cuidáraõ isto os homens, se esmiuçàraõ isto, se esprayáraõ bem o coraçaõ pelo que Deos he, quem duvida, que com a graça divina, lhe pareccrá impossivel poder peccar? Mas, oh miseria nossa! que não havendo já nos humanos cousa mais facil, que offender a Deos, só o arrependerse, só o fazer penitencia tem por impossivel! Tudo isto nasce do primeiro descuido, com que começou a cahir, ou da primeira facilidade, com que se começou a descer do Ceo para o mundo, da graça para a culpa, de Deos para o demonio: por isso quem despreza as cousas pequenas, pouco a pouco vai declinando atè cahir nas grandes: tudo o que a parede pende para a ruina, he começala, o mais, ou he proseguila, ou padecela: aquelle incendio, que se pudèra apagar de hum golpe quando começou faisca, não bastão muitos para o extinguir logo que chegou a ser chama: o rio, que a pouca fadiga se pudèra cortar na fonte para não chegar a ser ribeiro, por mais que o cortem junto ao mar, não o tiraõ já de ser rio: & em fim todo este dano, cujas raizes se pudèraõ arrancar, quando estavão á flor da terra, por deixalas arreigar, & prender no centro, tem difficultoso remedio, & muitas vezes só depois que se lhe abre cova.

Eis-aqui o que saõ nossos descuidos na realidade: começa a memoria por hum divertimento a afastarse de Deos, afastase logo o entendimento, afastase tambem a vontade, seguem-a os sentidos lisongeados do apetite, & pondo a alma todo o seu cuidado nas cousas vans, & caducas, perde a lembrança das eternas: perdendose a lembrança, perdese o amor de Deos; & viran-

virandose para o mundo a nossa inclinaçaõ, metendose nas mãos do apetite a monarchia d'alma, que ha de fazer o entendimento cego, & a vontade fraca, senaõ cahir nos viscos, que lhe enfeitou o engano, saborearse nos venenos, que lhe guizou a culpa, & abraçar sobre isto os laços, com que o prendeo o vicio? E daqui procede, que multiplicando o demonio as prizoẽs ao peccador, ao mesmo passo, que vai multiplicando os peccados contra Deos, que fica em quanto à alma defunto, & quãto ao corpo, meyo vivo, roubado de todos os bens, & de todas as forças para poder levantarse: *Homo quidam, &c.*

---

## TOQUE XI.

*Mendaces filij hominum in stateris: ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum.* Psalm. 61. 10.

### CLAMOR XI.

Tratase de quanto preço fazem os peccadores do amor do mundo, & quam pouco estimaõ as cousas do Ceo.

SAõ balanças os coraçoens dos Fieis, & he o seu pezo o amor: saõ balanças os coraçoẽs, porque no seu coraçaõ peza cada hum os bens eternos, & temporaes: he o pezo, com que isto se peza, o amor de cada qual; porque quanto he o amor, que cada hum tem aos bens do tempo, ou aos bens da eternidade, tanto he o pezo, que estas cousas tem na estimaçaõ dos humanos para a sua inclinaçaõ. Que seja o coraçaõ do homem balança, o Cardeal Hugo o diz: que seja pezo o amor, Santo Agostinho o declara: & assim como a balança se inclina mais para onde o pezo he mayor; assim o coraçaõ para donde tem mais amor, para ahi mais se inclina: naõ ha balança sem pezo, ou seja máo, ou bom; naõ ha coraçaõ sem amor, ou seja bom, ou máo: ou seja a Deos, ou seja ao mundo, ha de amar quem tem coraçaõ. Se naõ tem igualdade o pezo com aquillo, que se peza, temse por falso o pezo; se não tem igualdade o amor com aquillo, que se ama, na proporçaõ, que póde ser, temse o amor por falso: se a balança não he igual, justa, & verdadeira; se não tem pezo, conta, & medida, que dè o seu a seu dono, he, como diz Salamaõ, abominaçaõ de Deos: assim tambem o coração do homem he de Deos abominado, & aborrecido, quando sem ter a equidade, que ordena a ley divina, naõ peza como he razão as cousas da conciencia; naõ faz conta como deve ao

Hug. C. in Prov. 11. 1. mist.

Aug. tom. 1 lib. 1. Conf. cap. 19 antefin

Prov. 11. 1.

ve ao ſeu legislador; naõ mede, como he juſto, o temporal, & eterno: antes, ſem fazer caſo do pezo da conciencia, anda ſem pezar a maldade, fazendo conta do apetite, eſtima o ſeu deleyte, & vivendo á medida da ſua vontade, ſe recrea no apetite: & iſto abomina Deos ſũmamente; porque ſobre ſerẽ eſtas balanças taõ aleivoſas, que inclinaõ mais ao rico, que ao pobre; ao grande, que ao pequeno; ao amigo, que ao eſtranho; a ſy meſmo, que ao proximo: ſobre julgarem, que ſaõ mais leves os peccados proprios, que os peccados alheyos; ſobre terem para ſy, que as virtudes alheas ſaõ mais leves, que as virtudes proprias; chegaõ a cometer eſtas culpas ſob eſpecie de juſtiça, moſtrando, que pezaõ tudo no ſeu juizo com notavel equidade; ficandoſe muy leves no caſo com a vangloria, que tem, como ſe lhes não pezàra hũa palha a ſua conciencia. Por iſto dizia David, que os homẽs carnaes, & terrenos ſaõ mentiroſos nas ſuas balanças; pois por hũa pouca de vaidade ſe andavão enganando huns aos outros, & ainda a ſy meſmos.

Pſalm. ſup.

Naõ ſaõ fieis a ſy meſmos os filhos dos homens peccadores; pois andando em balanças toda a ſua vida, não ſómente não pezão ouro fio os bens eternos com os caducos, a verdade, & a mentira, o nada, & o que tem ſer; mas ainda poſtos de hũa parte os deleites momentaneos da vida profana, & da outra as glorias perduraveis da eterna vida, eſtas pezão menos, ainda que valhão mais; & os outros ſe eſtimaõ muito, ainda que valhão nada. Se tambem de hũa parte manda Deos pezar as temporaes tribulaçoens, & da outra as eſcuras eternidades das infernaes anguſtias, & diz a cada qual, que eſcolha; todos lançaõ mão deſtas, & das outras não fazem caſo. Tão eſperdiçados andão os homens pela ſua perdição, que ſe achão ſempre mais diſpoſtos, & aparelhados para perder o amor de Deos, que o amor do mundo: tão namorados vivem deſte apparente feitiço que os endoudece, q̃ naõ ſe lhes dá nada dos tormentos futuros, ſe a troco diſto os deixão engodar nos enganos preſentes: as couſas, que lhes vende a terra; ou para melhor dizer, as couſas com que os compra, & vende, ſaõ caras pelo que ſe eſtimão, excellentes pelo que parecem; cuſtam lhes a vida, & alma; & ainda aſſim ſuſpeita a vaidade, que nunca ſe vio tal barato, & que lhes fica devendo muito dinheiro: as couſas do Ceo, ainda que ſe dem de graça, não ha quẽ as queira, porque naõ ha quem as peze, nem quem as avalie. Trocouſe em fim o amor de Deos

em

em amor da culpa; trocase o amor do Ceo em amor da terra; fizeraõse almas de terra, & coraçoens de marmore, aquelles, que ainda sendo corpos, devião parecer espiritos, ou ao menos corpos celestes; de que nasceo inclinaremse os Fieis tanto para a terra, que declinando da igualdade, com que os poz no mundo a justiça original, derão em terra com as balanças dos coraçoens carregados com o pezo grave do falso amor do mundo. Isto dizia Deos por David, quando dizia em espirito aos peccadores: Homens de coraçaõ carregado: porque buscais a mentira? Tal he a semrazaõ do amor do mundo, & tanto sem porque, nem para que, que naõ tem razaõ, nem porque, se a quizermos pezar bem.

Psalm. 4.3.

Mas se hũa vaidade, & hũa mentira parecem cousas de pouco pezo, & ás vezes saõ taõ leves, que se levantaõ pelos ares; porque estranha Deos tanto huma vaidade, & huma mentira dos homens, que lhes chama homens de coraçaõ pezado? O Cardeal Hugo diz, que esta vaidade eraõ os idolos dos homẽs; & esta mentira os bẽs temporaes: saõ idolos dos homens todos os seus gostos, & todas as suas vaidades, porque as amão como a seus idolos: sam mentira todos os bens temporaes, porque os enganão parecendolhes bem, & fazendolhes mal: se pois os coraçoens dos homẽs sam balanças, & se estas balanças estavão cheas de idolos, & de seu falso amor, como não havia de ser grave o pezo, que as inclinasse á terra? Como estariam leves huns coraçoens cheyos de tantos idolos, quantos saõ seus gostos, suas affeiçoens, & seus amores, por mais que todos sejaõ mentira, & huma vaidade pura? E como não se queixaria Deos de ver, que pezava na estimação dos homẽs muito mais o contrapezo da mentira, que o pezo da verdade? a culpa, mais que a graça? o caduco, mais que o eterno? Em fim pezárão os idolos mais que Deos, & a terra mais que o Ceo; pois se afastárão os homẽs tanto de Deos, & tanto do Ceo, quanto vai dos homens a Deos, & do Ceo á terra.

Psalm. proxim. Hug. C. ibi.

Poemse nos nossos coraçoens ou o amor do mundo, ou o amor de Deos: se peza mais o amor de Deos, inclinanos para o Ceo; se peza mais o amor do mundo, arrastanos para a terra: & a razaõ disto he; porque o pezo do amor de Deos he muy leve, como diz o mesmo Senhor; o pezo do amor do mundo he muy carregado, como affirma Isaias, & o certifica a experiencia; nasce isto das qualidades, de que se veste hum, & outro amor, para que naturalmente busque o seu

Matth. 11. 30. Isai. 46. 1.

ſeu centro; porque ſe naõ eſtão impedidas, ou violentadas, todas as couſas buſcão ſeu centro naturalmente; o leve ſobe para cima, porque a levidaõ o levanta; o pezado deſce para baixo, porque o pezo o puxa: por iſſo a pedra deitada ao ar, naturalmente cahe tanto que ſe vê livre da força, que a obriga a ſobir, porque ſendo pezada, vem aquietar na terra, que he o ſeu centro: por iſſo o vapor, a exhalaçam, & o fogo naturalmente ſobe em ſe vendo livre, porque tem o centro ſublime. Vai o amor do mundo para baixo, não ſó porque he baixo o ſeu termo, & grave o ſeu pezo; mas porque he o inferno o ſeu centro. Vai o amor do Ceo para cima, porque tem o pezo leve, o centro ſublime, & o ponto alto. Se amais a terra, dizia Santo Agoſtinho, terra sois; ſe amais a Deos, que direi de vós? direi, que ſois Deoſes: tal he a transformaçaõ de quem ama, naquillo que ama, que o meſmo he começar a amar, que começar a ſer o meſmo a que ſe tem o amor, & a não ſer o meſmo que era dantes. Por iſſo a Eſpoſa dos Cantares pedia a ſeu Eſpoſo, que a puzeſſe como ſello ſobre o coração; porque aſſim como donde o ſello ſe poem, fica ſó a fórma do ſello: aſſim ella com elle ficaria da meſma fórma, & ſeria hũa couſa meſma, ſe o amor no ſeu coração chegaſſe a pôr o ſello: ſaõ os coraçoens como cera; facilmente ſe lhes imprimem as condiçoens daquillo, que amão. Se pois os peccadores amão a terra, q̃ he tão pezada, como não ſerão terrenos, & pezados os coraçoens dos peccadores? Se Deos he eſpirito, & os eſpiritos naõ tem mais pezo, que a ſua inclinaçam; como não eſtarião leves aquelles coraçoẽs, cujo amor todo he eſpirito? Serafim, quer dizer, incendio de amor; & hũa vez, que Iſaías vio, que couſa era amor a Deos, logo vio Serafins, & ſe lhes não vio as chamas, em que ſe ſentem arder, nem o eſpirito, com que ſe coſtumão unir, violhe ao menos as azas, com que moſtram voar.

Aug. tom. 9 tr. 2. in Epiſt. Joan. in fine.

Cant. 8. 6.

Iſai. 6. 2.

Pintou o mundo o ſeu amor, & logo moſtrou que aquelle ſeu arco, & aljava, de que tanto ſe preza, eram para os ſeus fracos hombros pezo tam carregado, que o não podião levantar da terra as ſuas meſmas azas, menos vezes tremoladas para voar, que para cahir: eram penas, & parecião azas; era aljava, & parecia feixe; era arco, & ſervialhe de Cruz; eram frechas, & ſerviaõlhe de ferros; pezavão hũas como chumbo, outras, ainda que eraõ de ouro, tãbem pezavão; porque o ſerem fermoſas a matar, não lhes tirava o ſentiremſe a morrer. Oh que

pezado! oh que carregado amor, he o amor do mundo! pintou-o a gentilidade, & ainda que em hũa escassa vista de olhos quiz deixar a perder de vista todas as gentilezas, não pode encubrir, q̃ era cego, porque as suas mesmas vendas o descubrírão; por mais que avultou armado, não lhe pode esconder o nù, & menos a pequenhez; por mais, que o fingio amoroso, não lhe dissimulou o cruel; posto que lhe esmerou a ternura na feiçam da idade, nam lhe acreditou o juizo nos geitos da meninice. O' mortaes, como vos guiais por hum cego? que esperais de hum pobre que anda nú? como credes hũa ignorancia, q́ não tem uso de razaõ? como vos fiais de hum inimigo, cujos amores, & caricias sam settas ervadas, punhais buidos, & treiçoens descubertas? donde vos guia, mais que á perdiçaõ? como vos trata, senão mal? que vos dá, senão mortes? que tendes, quando o tendes comvosco, mais que offensas de Deos, afflicçoens na memoria, brigas no entendimento, ancias na vontade, & guerra nos sentidos? que vos deixa, quando vos passa de parte a parte, mais que queimaçoens de sangue, vergonha no rosto, & magoas no coraçāo? E que ainda assim se morraõ os humanos por esta vaidade cega? por esta mentira gostosa? por este veneno dourado? por este engano bemquisto? oh lastima esperdiçada na cegueira dos peccadores! Pézalhe, mas não lhe peza da carga, com que a conciencia se oprime; cahem, mas não cahem na razão, em que só dá o desengano.

Almas Christãs, pezai isto, & pezai aquillo com o entendimento; que de o não pezardes bem nasce todo o mal: he mentirosa a balança de vossos coraçoens; enganaisvos a vós mesmos cõ o vosso amor proprio, cõ a vossa vaidade, & cõ a vossa mentira; porq̃ mentira he tudo quanto o tempo vos dà; he vaidade, he nada quanto no mundo amais; & he pezada offensa de Deos todo esse amor, que lhe não tẽdes: & disto se queixa Deos pelos seus Profetas, ver que em cima de offendello, andais vaons de aver peccado; ver, que andais desvanecidos da culpa, andando tam vasios do amor de Deos. Mas que não ha de acontecer aos humanos, se a troco da vaidade, com que se vem levantar, dão alviçaras a quem lhes diz que se hão de perder, & de todo arruinar?

Deu Baltasar a Daniel purpuras, & colares logo, que naquelle seu esplendido banquete lhe annunciou a morte, & a perda da sua Monarchia: que fundamento pois teria El-Rey Baltasar para acção tam notavel?

Dan. 5. 29. & per tot.

vel? tantas honras, tantas dadivas por huma má nova? Se em ninguem, como nos Principes, faz tanta impressam qualquer suspeita da sua ruina; se ninguem, como elles, se offende tanto da liberdade, com que lhe fallam claro, como agora compra os seus sustos a tanto pezo de ouro; & como paga com taes honras ao Embaixador da sua morte, & da sua ruina, & perdição? A razão he; que interpretando Daniel a visam que teve Baltasar, dissélhe, que estava posto em hũa balança, & que já pezava menos: quando se peza algũa cousa, a balança que tem mais pezo abatese á terra, a que peza menos levantase ao ar; se pois Baltasar, que pezava menos, se via levantar mais, que muito he, sendo tão vaõ, & soberbo, que désse grossas alviçaras pela nova de se ver sublimado, ainda que lhe custasse a vida, o estado, & o imperio, se he tal a vaidade dos homens, que a troco de levantarse mais na sua vaidade daràm alviçaras pelas novas da sua ruina, & da sua perdiçam? Não sentem ver o pouco, que pezam, se vem que se levantão mais; não lhes peza do que podem abater de estado, se podem sobir de ponto; nem se lhes dà de perderse por hum momento de honra.

Dan. sup. 27

Parecevos, que hũa vaidade he muito leve? não vos enganeis, porque he cousa muy pezada hũa vaidade diante da divina justiça; pois peza mais no juizo de Deos hũa vaidade, hũa cousa vaã do que peza hum mundo inteiro. Mostrou Deos por Daniel, que em hũa balança havia pezado o imperio dos Assyrios, que quasi constàva de todo o mundo; & diz o Texto Sagrado, que a balança donde Deos pezou este imperio pezava menosq̃ a outra: porém se do Texto não consta, que a outra balança que pezava mais, tivesse cousa algũa, como pezou mais, que a balança em que estava hum mundo inteiro? Por isso mesmo. Estava a balança vasia, que he o mesmo, que estar vãa: estava chea de vaidade, que isto he, não ter cousa algũa; pois havia de pezar mais que o mundo; mayor havia de ser o seu pezo, mais grave a sua carga, que a da maquina do universo: porque no juizo de Deos, figurado na balança, & nas demonstraçoẽs da justiça de Deos, he cousa pezadissima huma cousa chea de vaidade; o mũdo inteiro não peza tanto, como huma vaidade do mundo. O' mortaes, ò peccadores, em cujos coraçoens, como em balanças, peza tanto a vaidade, & a malicia, como a cousa de mayor preço, & da mayor estimaçam; deitai fóra dessas balanças esse gravissimo pezo, & essa pezadissima estimaçaõ, que

Dan. supr.

leva tanto abaixo vossos coraçoens, & affectos, que atè o inferno vos arrasta comsigo; adverti no engano, que a vòs mesmos fazeis na falsidade de vossos pezos, no erro da vossa conta, & na falta de vossa medida; que para isso vos clama o Ceo: *Mendaces filij hominũ in stateris: ut decipiant ipsi de vanitate inidipsũ.*

## TOQUE XII.

*Usquequò piger dormies? quando consurges è somno tuo?* Prov. 6.9.

## CLAMOR XII.

Mostrase quam perigosa he a dilaçam na emenda da vida.

ATè quando (clama a misericordia divina) has de estar sepultado no letargo de tuas culpas, ó peccador preguiçoso? Quando ha de chegar a hora de acordares desse mortal sono? Quando se hão de acabar esses vapores terrenos, essas infernaes fumaças, que tão profundamente te fazem dormir sobre negocio de tanto porte, como he o da tua salvaçaõ? Atè quando, pergunta Deos ao peccador; como quem quer que os peccadores assinem termo, & fim á sua maldade, & tratem da sua salvaçam, de que dormem tão descuidados; porque de não acharlhe termo o mesmo Senhor; de não verlhe cabo, nem fim na duraçam do tempo, & menos na intençam do animo, se deixa ver que os homens peccão, & desejam peccar sem termo, sem limite, & sem fim; por cuja causa guizãdolhes Deos a pena pelos moldes da culpa, porque ella na intensaõ teve malicia infinita, & folgára de ser eterna, lhe dà eterno castigo, & eterna maldiçam.

Para quando pois, ó preguiçoso, guardas o desengano? Dormir na culpa, teimar no erro, conhecẽdo-o, he peccar ássinte: fazer assintes a Deos, que se póde vingar cada vez que quizer, he discurso de quem dorme, he final de animo obstinado: animos obstinados tem inferno perpetuo: inferno, he fogo, que naõ se apaga, tormento, que naõ cessa, noite, que nunca amanhece, punhal, que sempre fere, bicho, que sempre roe, morte, que sempre dura. Se pois Deos pela sua Igreja, pelos seus Evangelhos, pelas vozes do Ceo, pelos tremores da terra, & atè por este papel te está clamando, que acordes, que despertes, que te emendes, & que te naõ percas: que fazes, que te dilatas, como não tornas em teu acordo? Se hoje ouvires a voz de Deos, dizia David, não endureçais mais tempo os vossos coraçoens: Psalm. 94. 8.

coraçoens: se pois Deos te chama hoje, respondelhe hoje, naõ durmas como pedra no poço da culpa; se quer que logo volvas em teu acordo, para quando guardas os logos, & quem te diz miseravel, quem te segura, que chegarás á manhãa? Deixar para à manhãa, o que he tarde, sendo hoje; prolongar para daqui a pouco, o que póde ser logo; encostar para o logo, o que póde ser jà, não só he aleijam da culpa, mas culpa da mesma vontade: naõ he só geito da froxidaõ, mas traça da malicia; porque como os nossos logos, saõ da condiçaõ dos depois, de hum dia para o outro se lhe passa o tempo nos passatempos do outro dia, atè que passa a ser nunca: & isto de coxear para a satisfaçam quem póde livrarse a correr depois de voar para a culpa; tornar atráz com os bons propositos, depois de hir adiante com a mentira, bem poderá ser alguma hora froxidão da nossa miseria, & vagar da nossa vontade; mas oh que parece industria do nosso engano, & refinada malicia da nossa culpa.

Dirmeheis peccadores, que a todos vos peza muito de offender a Deos por ser summamente bom, summamente amavel, & digno de todo o respeito, & reverencia; porèm que sois miseraveis, fracos por natureza, peccadores por herança, & que não ha mais na vossa mão. Oh mortaes, estais peccando, & dizeis que vos peza muito, he mentira; porque ninguem faz por sua vontade aquillo, de que não gosta: continuais na offensa de Deos, & dizeis, que o sentis muito; he falsidade: meteisvos por vossa livre vontade nos laços do demonio, & dizeis, que não podeis mais; he maldade: recreaisvos na offensa de Deos, & dizeis, que lá virá tempo, em que façais penitencia; he obstinação: dormis a sono solto na cama da culpa; no leyto do vicio, & do máo estado, & não acordais aos brados da divina misericordia; he sinal de morte, & morte eterna: quando ha de ser aquelle então, para quem appella a vossa emenda? atè quando ha de durar o agora, com que se disculpa a vossa fragilidade? & em que tempo ha de ser esse quando, em que a tardança se funda, & o proposito se confia? Vem o tempo, & vaise o proposito; chega a occasiaõ, & esquece a emenda; batevos Deos á porta, & fechase a alma; gritavos a alma, & dorme a vida: pois que esperais, que vos succeda? em que quereis vir a parar, senão na perdiçam eterna? naõ tereis hora, nem tempo, porque deixais para a hora da morte o que pudereis fazer todo o tempo da vida.

Querer cubrir os não queros com a capa dos não possos, oh q̃ he vestir as disculpas do mesmo trajo das malicias: & huma malicia tão satisfeita de sy, & tão bem vista de vòs, ó peccadores, que chega a fazer gala, do que havia de ser cilicio, serà geitosa para andar ao uso daquelles vicios, cujo costume he andar á larga; mas não tem geito de lhe estar bem o habito da penitencia, que he estreito até para o desengano: fuja pois o vosso desengano, se o chegares a ter, fuja de vestir das cores da emenda as apparencias do fingimento; porque não toma bom caminho, quem se deita na estrada do vicio para enxovalhar a virtude. Naõ seja nas vossas tençoens tudo propor desenganos, & tudo naõ cumprir promessas; tudo logos de futuro, & nuncas de presente; porque como os logos saõ da natureza dos nuncas, o amanháa será nunca, & o ainda não, he sempre: & não ha cousa, que mais indigne a Deos, nem que elle mais castigue, que hum, ainda não, daquelles a quem ama; & hum, á manháa, daquelles a quem Deos avisa.

Fechouse o Ceo, & a terra nos tempos do Profeta Aggeo, & foy tal a esterilidade, com que Deos se indignou contra o povo de Israel, que por não cahir do Ceo hum orvalho, por naõ haver nos campos hũa folha verde, não só os homens, mas as feras perecião à fome. Abriose em bocas o mar vermelho nos dias de Moysés, & meteo de hũ sorvo nas entranhas de suas ondas a Faraó, & todo seu exercito, sem ficar hum só homem vivo, que levasse a nova: que causa pois haveria, para que Deos tratasse o seu povo com tão grandes sequidoens; & para que castigasse a Faraó, & ao seu exercito com tão fatal estrago? Não amava Deos ao seu povo com grande extremo? Não mãdava visitar a Faraó todos os dias por Moyses, & Arão? O mortaes: por isso mesmo, porque o amava muito, & o avisava sempre, foy toda aquella sequidão, & todo aquelle estrago: amava Deos o seu povo, & queria, que lhe edificassem hum templo, em que o venerassem: avisava Deos todos os dias a Faraó por Moyses, & Araõ, que deixasse sahir o povo do cativeiro do Egypto: resistia a Deos o seu povo com a disculpa do, ainda não; resistia Faraó a Deos com a promessa do, á manháa; jà era tempo de edificar o templo, & o ainda não, hia estirando o tempo: jà Faraó podia largar o povo cada dia, & o á manháa, de dia em dia não acabava de chegar: estirandose a disculpa nas dilaçoens do tempo, o ainda não, era sempre; estendendo-

Agg. 1.10.

Exod. 14.28.

Aug. sup. 2 ibi: nõ dum venit tempus, &c.

Cras. Exod. 8. 10.

dendose a promessa na dilaçam dos dias, o á manhãa, era nunca: o povo, porque Deos o amava, das confianças que tinha na sua misericordia, fazia licenças para o delito; Faraó, porque Deos o avisava, das largas que lhe dava a divina justiça fazia ensanchas para a culpa: pois que havia de succeder áo povo indignando a misericordia de Deos com os vagares do, ainda naõ? Em que havia de parar Faraó, apurando a paciencia de Deos, & tentando a sua justiça com as dilaçoens do, á manhãa? Justo era, que se fechasse o Ceo, & se secasse a terra para consumir a huns; razaõ era, que se abrisse o mar para sobverter a outros: em sequidoens se havia de tornar quanto de antes era mar; & castigos havião de ser, os que antes tinhão sido avisos; porque naõ ha cousa, que indigne mais a Deos, nem que elle mais castigue, que hum, ainda não, daquelles a quem ama; & hũa, à manhãa, daquelles a quem o mesmo Senhor avisa.

O mortaes: ó peccadores: que sequidoens naõ havemos de sentir na indignaçaõ do Senhor? Que castigos naõ havemos de padecer na justa ira de Deos? Que Ceos se naõ ham de fechar, que terra naõ ha de secarse, & que mares naõ ham de abrirse contra nòs, se queremos resistir a Deos com o ainda naõ he tempo de acordar; & se o queremos enganar com o á manhãa, de nòs levantar do sono do ruim estado? Tudo he dizer, ainda não, & o ainda naõ; he sempre: tudo he disculpar com o á manhãa, & o à manhãa, he nunca: tudo he responder deitado na culpa: daqui a pouco me levantarei: esperai mais hum pouco; & este pouco, he jà mais de muito: se Deos vos avisa para logo, que tem que fazer com o logo, o que naõ acaba de ser? Se Deos vos quer jà; em que se parece com este, jà, o que nunca he? Se Deos vos diz, que jà he tempo de reedificar o templo de vossos corpos, que todos sam templos de Deos, como diz Saõ Paulo, que por vossas culpas estam arruinados, para quando o guardais? Quereis por ventura dizer a Deos, que naõ sabe o que diz, pois dizeis, que naõ he ainda tempo? Se Deos vos avisa, que deixeis sahir essas almas do cativeiro do Egypto do demonio; que fazeis, que as não deixais hir para a terra dà Promissaõ, que he a celeste patria? Se pois chega hũa hora, & outra hora, & o ainda naõ, he sempre; se passa hum dia, & outro dia, & o à manhãa, he nunca; que muito he, que pelejando contra nòs todas as creaturas, nos mostrem a indignaçam, & a ira de Deos, fazendosenos o Ceo de bronze, o ar de fogo, a

1. ad Cor. 3. 16.

terra de ferro, & o mar de sangue, a luz de trevas, o dia de sombras, & o Sol de lutos? Naõ deixeis pois para mais tarde o que nunca póde ser cedo; naõ andeis dilatando de hum dia para outro dia a vossa conversaõ; vede, que subitamente virá a ira de Deos sobre vòs, & que primeiro vos occupará a morte, que o conhecimento della. Vede que hoje já he tempo, pois não sabeis se o dia de hoje será o vosso ultimo dia. Naõ vos guardeis para á manhãa, nem para o depois, pois nem o tempo está ao vosso mandado, nem a morte anda à vossa ordem. Hum só dia, que percaõ de monçaõ as náos, que vaõ para a India, naõ sómente se arriscaõ a chegar tarde, mas a perderse: a occasiaõ, que a fortuna dá hum dia para ganhar hũa vitoria, se se perde, arriscase a batalha. As perdas do tempo saõ irremediaveis; porque ao tempo perdido, ainda que se lhe não percam as saudades, perdemse as esperanças. Desazamos com os nossos vagares o tempo, que nos dava azas para a ventura; & ficamonos em muletas para buscar o remedio, ou fugir da perdiçam. Se pois passada a monção, a viagem se arrisca; se perdida a occasiam, a vitoria se perde: como, Christaons, por mais hum dia quereis arriscar a salvaçam na viagem do Ceo, que he India d'alma? Como por mais huma hora quereis perder a vitoria dos vicios, que he o desengano da vida? Como por mais hum ponto quereis errar o vosso fim ultimo, que he o eterno bem? Se hoje naõ podeis, estando menos impedidos; como podereis á manhãa estando mais embaraçados? Se hoje naõ rompeis o laço do demonio, que he de hum fio, como o rompereis á manhãa, sendo jà hũa cadea? Se agora que tendes mais força, vos naõ podeis levantar da cama da culpa; como depois, estando mais debilitados vos podereis erguer? Crescendo os viscos, crescem os riscos; porque crescem os apegamentos: crescendo os laços, crescem os embaraços; porque os enleyos crescem: crescendo a enfermidade, cresce a debilidade; porque com as forças da doença se debilitaõ as da saude: crescendo a preguiça, cresce a malicia; porque quem se naõ levanta, podendo; por sua vontade se deixa estar deitado. Que fazeis logo, peccadores adormecidos, que vos naõ desapegais dos viscos, com que o mundo vos prende? que naõ venceis essa fraqueza, com que a carne vos derruba? que não rompeis esses laços, com que o demonio vos ata? que naõ acordais desse letargo, com q̃ a peste da culpa vos mata, com que o costume de peccar vos sepulta?

Os caramelos, que o Sol naõ derrete com a caricia de seus rayos taõ mimosamẽte benignos, os brutos os pizam, a terra os enxovalha, & a lama os corrompe. A lagoa, que se naõ corre de naõ correr ao mar, como os rios, que he o seu centro, no seu descanso torpe, no seu mesmo sossego inutil, & no seu sono profundo, ou apodrece, ou se consome, atè que de todo acaba chea de bichos, & immundicias: finalmente quem dorme, dormelhe a fazenda. Oh mortaes, que como aves enganadas, cahistes nos laços do caçador infernal: que razaõ ha, para que gosteis antes das prizoens do demonio, que da prizam da ley, & amor de Deos, que parecendo-vos dura cadea, he o mayor, & mais suave beneficio? Como vos empedernis como caramelos duros, & frios contra o Sol da divina graça, para seres pizados dos brutos infernaes, & vos corromperes na terra? Porque razam, como lagoas adormecidas sem movimento, apodreceis em vossos vicios, sem quererdes correr a Deos, que he nosso centro, como mar, de quem somos rios? E finalmente como dormis a sono solto nos braços do demonio, deixando perder os bens da graça, que he a melhor fazenda? Despertai já, & levantaivos dahi; vá fóra essa mortal preguiça; tenha fim esse diabolico sono; tratai de hir a correr, & não de vagar; logo, & não depois; hoje, & naõ á manhãa; jà, & naõ daqui a pouco; porque se o naõ fizeres, em castigo de hoje poderes, & naõ quereres, poderá ser que a manhãa queirais, & não possais: & para q̃ naõ possais entaõ allegar disculpas diante da justiça divina, que vos naõ aproveitaràm; vos faz agora estes avisos, despertadores de vosso mortal sono, a divina misericordia, para que delles vos aproveiteis: *Usquequò piger dormies? quando consurges à somno tuo?*

TO-

## TOQUE XIII.

*Videns autem Deus quòd multa malitia hominum eßet in terra, & cuncta cogitatio cordis intenta eßet ad malum omni tempore, pœnituit eum quòd hominem fecisset in terra. Et tactus dolore cordis intrinsecus, Delebo, inquit, hominem, quem creavi.* Gen. 6. 5.

## CLAMOR XIII.

### A causa dos castigos de Deos he a continuaçaõ nos peccados, & falta de penitencia.

VEndo pois Deos (diz a divina Escritura) a grande maldade dos peccadores, & que toda a sua intençam, & todos os cuidados do seu coraçaõ se inclinavaõ para o peccado, sem que ouvesse esperanças de emenda, & de penitencia; & que corriam aos vicios, & à perdiçaõ com mayor sede, que o cervo á fonte, com mayor diligencia, que a fonte ao rio, & com mayor pressa, que o rio ao mar: chegando esta dòr ao coraçaõ de Deos, disse: Eu castigarei, & assolarei asperamente esta perversa gente, a quem criei, & sustentei com taõ grandes beneficios; a quem chamei, a quem redemi com meu proprio Sangue, & com tam grande amor: converterseha à misericordia em justiça, o amor em odio, a piedade em indignaçaõ: pois esquecendose do seu Creador os peccadores, da ley de Deos, & do fim, para que foraõ creados, vivem tam solta, & depravadamente, como se não vieram ao mũdo para outra cousa, mais que a adorar o vicio, idolatrar o peccado, & servir o demonio nos idolos de seus gostos, enchendose de abominaçoens, & delitos, com que me desprezaõ: assim o disse o Senhor naquelles tempos passados; & como he a infinita verdade, assim o fez, como o disse. Mandou sobre o mundo hum diluvio, & tomando as aguas por instrumento daquelle universal castigo, apagou com ellas neste mũdo as chamas sensuaes dos incendios peccaminosos, & dos coraçoens mũdanos: subíraõ as ondas sobre os mais altos montes quinze covados, & afogando rigurosa, & asperamente todo o genero humano, excepto Noè, & os que encerrou comsigo na arca, ainda aos brutos, & ás cousas insensiveis se estendeo o castigo, para que acabassem, & perecessem com os peccadores todas aquellas creaturas, que os haviam servido, & acompanhado na offensa de seu Creador. Naõ castigou a Noè, porque sendo

ſendo juſto, havia obedecido a Deos, & obſervado ſua ley, vivendo ſempre naquelle ſãto temor de Deos, com que a Deos ſe agrada, o demonio ſe confunde, o Ceo ſe ganha, & as almas ſe naõ perdem. Afogou finalmente a terra com o diluvio: caſtigou ao depois Jeruſalem, & a ſeu povo por mãos dos Aſſyrios; & aſſolou pelos Romanos: ſobverteo as Cidades infames com ſeus termos, & comarcas: ferio a terra do Egypto cõ horrendas pragas; & ſepultou no mar vermelho a Faraó, & a todo ſeu exercito: fez, que tragaſſe a terra em vida a Datão, & Abiron: & deſtruío finalmente muitas gentes, & Naçoens, Reynos, & Provincias, Cidades, & Monarchias, porque perdendo o temor de Deos, & deſprezando a penitencia, não quizeram obedecerlhe; porque o fogo do amor divino não ſe lhes ateou pelas almas; porque as armas do deſengano naõ quizerão aſſolar a culpa; porque os imperios da emenda naõ quizeraõ mudar a vida.

4.Reg. 25.per tot. Luc. 19.41. &c. Dan. 9.26. Gen. 19.24. Exod. 7.20. &c. Pſalm. 105. 17.

Todos eſtes foram punidos, deſtruidos, & aſſolados naõ ſó com o temporal eſtrago, mas com as eternas ruinas; & não foy Ninive ſobvertida, quando Deos a ameaçou pelo Profeta Jonas, porque em tres dias de penitencia ſobverteo a emenda da vida os vicios, & peccados paſſados, que provocavão a ira, & indignaçaõ divina; embainhou a miſericordia a eſpada da juſtiça, que jà deſcia com o golpe para deſtroçar os perverſos filhos da terra. De tal ſorte ata as maons ao meſmo Deos hum peccador arrependido, que em tomando pela ſua mão hũa diſciplina, tira das mãos de Deos o açoute; em cortando pelos ſeus peccados, parece, que tira a eſpada das maons a Deos; em ſe irando contra ſy, deſaſſombra, & desfaz a ira de Deos; em ſe veſtindo de cilicio, deſpe ao meſmo Deos as armas; em ſe mortificando com o jejum, & affligindo com a dòr de ſeus peccados, alegra os olhos de Deos, & de todos os Bemaventurados do Ceo: & finalmente em clamãdo o peccador a Deos de todo ſeu coraçam com eſpirito humilhado, coraçaõ contrito, & oraçam fervente, faz com que Deos (a noſſo modo de fallar) ſe eſqueça das offenſas, que ſe lhe haviam feito, por mayores, que foſſem, & ſe vire para o peccador, como dizendolhe: Filho, jà me naõ lembro dos males que fizeſte, naõ me perſigas mais tornando a peccar, guarda meus mandamentos, & ſeremos amigos, perſevera, & teràs a ſalvaçam.

Joan. 3 10.

Ezech. 18.21. & 22.

Eccl. 21.1.

Se o peccador (diſſe Deos por Jeremias.) fizer penitencia de ſeus peccados, tambem eu farei peni-

Jerem. 18. 8.

penitencia de lhe querer dar caſtigos: oh bódade immenſa! oh amor incomparavel! que chegue a dizer o meſmo Deos, que farà penitencia de querer caſtigarnos, ſe nòs a fizermos de o haver offendido! como ſe a juſtiça divina fora culpa, de que ſe ouveſſe de arrepender, logo que nòs nos arrependemos de noſſas culpas: tal he o noſſo Deos, tam bom, taõ noſſo amigo, que ſendo a meſma immutabilidade, para melhor nos perſuadir a fazer penitencia, faz por bemquiſtala, prometendo tambem fazela: ſe pois o meſmo Deos ſe não dedigna de fazer penitencia por amor de nòs, ſempre que nòs por ſeu amor a façamos; quem ha taõ neſcio, tam ouſado, & tam atrevido, & que tenha a Deos tam grande odio, que ſe envergonhe de fazer penitencia por amor de Deos? & que em fim zombe do que Deos eſtima, que ſe ria, do que Deos faz, & ſe deſpreze de fazer aquillo, q̃ o meſmo Deos fizera? Fazer Deos penitencia, nenhuma outra couſa he, ſenão, pôr a ſua miſericordia no lugar donde havia de apparecer a ſua juſtiça; & a noſſo modo de fallar, pezounos de offender a Deos, pezoulhe de nos querer caſtigar por iſſo: propuzemos de naõ offendelo mais com o pezar de havelo offendido; propoz Deos de nos naõ caſtigar mais, com o pezar de nos querer dar caſtigos: eis-aqui a penitencia de Deos; eis-aqui a noſſa penitencia: mas quer o Senhor explicarſe comnoſco pelos termos de arrependido, para q̃ o peccador a exemplo do meſmo Deos naõ ſe envergonhe de ſe arrepender, que errou, & que fez mal em peccar, quando Deos moſtra arrependerſe de querer fazer juſtiça em caſtigar a quem peccou: mas ſe o peccador deſconhece eſta bondade de Deos, & perde o temor, com que devemos tremer de ſeus profundos juizos, daſe Deos a conhecer pelos caſtigos, em vingança de o não querermos conhecer pelas miſericordias.

Mandou Deos a Moyſes, que foſſe a dizer a Faraó, que deixaſſe ſahir o ſeu povo da terra do Egypto; & perguntandolhe Moyſes, quem havia de dizer, que o mandava, reſpondeolhe o Senhor: Vai, & dizelhe que eu ſou quem ſou: pois, porque lhe naõ manda Deos que diga a Faraó, que he Deos de Abraham, Deos de Iſaac, & Deos de Jacob, como mandou dizer aos filhos de Iſrael? Que razam haveria, para que Deos ſe naõ quizeſſe dar a conhecer a Faraó por eſte nome, nem por outro algum? A razam he: que Faraò naõ havia de querer conhecer a Deos pelas miſericordias, que uſava com elle nos aviſos, que lhe dava;

Exod. 3. 14.

Ibid. 15.

dava; havia de conhecelo nos castigos, que lhe desse, & pelas pragas, com que havia de ferir, & assolar a terra do Egypto: se pois Faraó ha de ser obstinado, ha de indurecerse; se Faraó naõ ha de ter emenda; & se ha de fazer peyor com os avisos de Deos, & em fim não ha de conhecer a Deos pelas misericordias; não lhe mande Deos dizer quem he, nem se dè a conhecer com elle; conheça-o Faraó pelos castigos, pelas pragas, pelos açoutes, com que a justiça divina, ainda neste mundo, que isto he a terra do Egypto, o ha de assolar, & confundir, atè que no mar vermelho, que para Moyses foy estrada, ache Faraó o seu sepulcro.

O mortaes: todos aquelles, que naõ quereis conhecer a Deos pelas misericordias, que usa comvosco em avisarvos, haveis de conhecelo pelos castigos ainda neste mundo: o mesmo mar vermelho, figura do Sangue de Christo, que para os justos, como Moyses, foy estrada para a terra da Promissam, figura da gloria; para os obstinados, como Faraó, ha de ser eterno sepulcro, que os meta nas profundezas dos abismos, figura dos infernos. Se pois naõ queremos conhecer a Deos, se não queremos ter pezar de nossas maldades, que muito he, que a nosso modo de entender, lhe peze a Deos de nos haver creado, & feito á sua imagem, & semelhança? Que muito he, que nos castigue, & nos assole de todo, ainda que seja com grande dòr de seu coração, se nòs, que pela nossa culpa fizemos a morte, tãbem pela impenitencia della fazemos os castigos? Castigou Deos o mundo naquella primeira ira com hum diluvio de agua, castigaloha na segunda indignaçaõ com hum diluvio de fogo; cujas chamas abrazadoras, não só hão de converter o mar em cemeterio de areas, o ar em sepulcro de sombras, mas a toda a terra em solidaõ de cinzas: se isto ha de succeder á terra, que não peccou, ao mar, que não delinquio, ao vento, que naõ prevaricou; q̃ succederà àquella terra de nossos corpos, que não produz mais, que os espinhos da culpa? Que ha de suceder ao mar de nossas concupiscencias, que nos cubrio, & alagou sempre em ondas de vicios, & em tempestades de culpas? Que ha de succeder ao vento de nossa vida, que antes de chegar ás regioens da morte, encheo todos esses mundos pequenos de sombras, & escuridades? Que ha finalmente de acontecer ao ar de nossas vaidades, que em tormentas desfeitas nos trouxe sempre por esses ares? O mortaes, não presumais nesciamente, que Deos vos ha de perdoar,

porque vos criou, senão fizerdes penitencia. O mesmo Deos, para que vos não enganasseis com isto, disse que havia de consumir o homem, a quem criára: he razaõ para a ira, & não para a misericordia, o crearnos Deos, se sendo creaturas suas, vivemos como se o não foramos, desconhecendo a infinita bondade, que nos deu o ser, desprezando a ley que nos poz, com a não querermos guardar, & caminhando ás avessas pelo caminho, per que nos manda hir a sua vontade; & sobre tudo, clamando o Senhor, que nos emendemos, zõbamos disso, fazendo ouvidos de mercador.

Favores de Deos mal agradecidos, que saõ, senão justificaçoens de castigos multiplicados? Quem visse castigar Deos o Egypto por amor do povo de Israel com taõ cruel açoute; quem visse depois das mortes de tantos seus inimigos, abrirse o mar em ruas, & em estradas para lhe dar passagem a pè enxuto; quem visse, que o mesmo Deos com hũa coluna de nuvem os defendia do rigor do Sol no discurso do dia, & os allumiava pelo deserto com hũa coluna de fogo na escuridaõ da noyte; quem visse que lhe chovia dos Ceos o pão dos Anjos, & que as pedras duras se desentranhavão em agua, para que bebesse; quem visse, que o Jordám tornava atráz com a furia de sua corrente, deixandose as aguas em serras de ondas, para que passasse a pè enxuto; & que os muros de Jericò se lhe arruinavaõ sem força, para que entrassem sem trabalho nas Cidades inimigas; quem visse no meyo do Ceo parar o Sol, & estar á sua obediencia, para que vencesse; & finalmente quem os visse vencer, & arruinar tantas Naçoens robustas, tantas gentes indomitas, tantos muros de bronze, tantos campos de ferro, que havia de dizer de tantos favores de Deos, & desta sua amizade, senaõ que atè o fim do mundo amaria Deos o seu povo, & o traria nas palmas, & na estimaçaõ das gentes? Porèm como este povo lhe foy depois ingrato, & nescia, cega, & maliciosamente rebelde ao mesmo Senhor, seguiose, que dandolhe Deos as costas, & mudandose em ira a sua clemécia, desde Tito Vespasiano, que foy instrumento do temporal castigo, foy este povo ingrato consumido em guerras, morto à fome, & antes de chegar a cadaveres, alimentado nos cadaveres de seu mesmo sangue; & os que delle restáraõ miseravelmente reduzidos á servidam, & espalhados pelo mundo, cativos, & desterrados da sua patria, em toda a parte degenerados, em nenhuma conhecidos, sempre novos,

Exod. 7. &c. Exod. 14. 22. Exod. 13. 21. Exod. 16. 4. Num. 20. 11. Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

novos, sempre alheyos, sempre estrangeiros, sem nobreza, porque naõ tem solar, sempre baixos, porque naõ tem estimação, sempre suspeitosos, porque ha poucos, em que haja Fè; & sobre tudo isto, cegandoselhes o entendimento para mayor castigo, vivendo sem espirito de Deos entregues á carne, & á seus mundanos apetites, saõ constituidos para sempre no ventre dos infernos, donde seram pasto eterno daquelle bicho immortal, que os ha de roer, & daquelle eterno fogo, que os ha de abrazar, sem nunca os consumir.

Se pois succedeo, & se isto succede ainda hoje às reliquias daquelle povo tam favorecido hũ tempo do amor de Deos: que succederà àquelles Christãos, a quem Deos tirou do Egypto da gentilidade; a quem fez passar pela agua do Bautismo; a quem com a sombra de seus auxilios cobre, & ampara de seus contrarios, & dos ardores da concupiscencia; a quem allumia com a doutrina das colunas de sua Igreja nas escuridoẽs da cegueira, & ignorancia humana; a quem sustenta com o manjar de seu mesmo Corpo, & com o seu mesmo Sangue, que esta he a agua tirada a golpes daquella pedra; & a quem finalmente faz tantos outros beneficios, de que forão figura, & sombra os que fez áquelle povo ingrato? Quãto pois vai de beneficio a beneficio, & de favor a favor; tanto irá de castigo a castigo, de açoute a açoute, & de assolação a assolaçam.

1. ad Cor. 10.

Oh Fieis! oh Christaons! acabai já de ser Christãos na realidade das obras; que isto he ser imitador de Christo, donde vòs vem o nome; tratai de ser fieis a vosso Deos, a quem tendes sido tantas vezes inconfidentes; fazei disso penitencia para aplacares a ira divina contra vossas rebeldias exasperada: que de outra maneira, vendo Deos que a vossa malicia cresce sem penitencia, virão sobre vòs diluvios de castigos: *Videns Deus, &c.*

Aug. cap. 9. lib. de vita. inimic. prop. fin.

---

T O Q U E XIV.

*Vos autem sicut homines moriemini.* Psalm. 81. 7.

C L A M O R XIV.

Tratase da fragilidade da vida; & como em nascer, & morrer, naõ ha entre os humanos differença.

DE tudo quanto ha no mũdo (diz o Filosofo) a mais terrivel, & cruel cousa he a morte: & por ser cousa tam medonha, muito he para temer; porèm muito mais para temer he a vida. Da boa morte, alèm de

Arist. 3. p. lib. 3. Ethic. cap. 6. in med.

ser fim dos males temporaes, como diz Santo Agostinho, nasce o principio das felicidades da eterna vida; da boa vida nem sempre nasceo a boa morte; da vida nasceo a morte sempre, & ás vezes o inferno, que está he a successaõ da má vida. Com a pensaõ da mortalidade nascemos todos: iguaes nascemos, & iguaes morremos, o Rey, & o pastor, o grande, & o pequeno, o pobre, & o rico, o saõ, & o enfermo, o velho, & o moço; porque atentando á origem da natureza, tudo he hũ; & em chegando ao pó, & cinza, tudo he o mesmo; outra tanta terra como occupa o mayor Monarca do mundo, occupa na sua cova o mais pobre homem da terra; & se ainda entam os quer distinguir a vaidade nas pompas do tumulo, naõ os differença o juizo na porçam das cinzas: o mesmo legislador do direito divino, & humano nos não distingue dos outros homens pelo nascimento, & pela claridade do nome, mais que em quanto vivemos; em chegando o juizo ultimo, & a sentença final, quem tẽ feito melhores autos na vida, esse só he o melhor quanto á côdiçam immortal; porque esta he a satisfaçam, que dà o Ceo ao acabar das differenças do viver; quanto à condiçaõ terrena, tudo fica hum, tudo parece o mesmo. He a morte para o vivo, como a mão para o pintado: vereis pintados montes, & valles, mares, & rios, homens, & brutos, Cidades, & campos: & isto, que vos parece perto, aquillo longe, isto, que se vos afigura baixo, aquillo alto, essoutro, que se vos finge immobil, essoutro corrente, grande, & pequeno, escuro, & claro, se lhe correis a mão por riba, tudo he hũ, tudo he igual, tudo he o mesmo, hũa taboa com huns poucos de oleos, hum pano com humas poucas de cores; que como sam accidentes, saõ de pouca dura; vam, & vem, poemse, & traspoemse, corrompemse, & acabam, sem que a taboa acabe, nem o pano se rompa: assim a morte tudo faz hum: vereis o Rey, & o vassallo, o Prelado, & o subdito, o pobre, & o rico, o grande, & o pequeno, o velho, & o moço, parecervosha em quanto vivem, que ha grandes distancias entre huns, & outros, notaveis desigualdades, & differenças, & em fim muita terra em meyo; lançalhe a morte a mão, & em lhe cahindo nellas esta miseravel vida, tudo se faz hum, tudo parece igual, & com hũa mortalha, & sete pés de terra accommoda igualmente ao Principe, & ao pastor; & mostra, reduzindo tudo ao desengano de humas cinzas, que aquelles mesmos Alexandres, que em todo o mundo

Aug. tom 9. lib. 1. de visit. infirm. prop. fin.

não cabiaõ, já cabem em outra tanta terra, como qualquer homem vil, & baixo do mundo.

Todos, ó peccadores, ſomos iguaes no naſcer, & no morrer: os entremeyos da vida ſaõ tramoyas da fortuna, ou furtacores do mundo, que parecem o que naõ ſaõ, & ſaõ o que não parecem. Compára a Sagrada Eſcritura os humanos às aguas, que vaõ correndo: & com muita razão; porque todos ſomos, não ſó fracos, como agua, mas iguaes no principio, & no fim. Vereis hum ribeiro pobre, & humilde mendigando pelos valles, beijando os pès às arvores, & correndo tam baixo, que ſem temor algum lhe pondes os pès em cima, ſem fazerdes caſo algum delle. Encontrais hum rio ſoberbo, & inchado, que ſenhorea campos, arraza montes, cerca Cidades, & leva às vezes ao mar mayor guerra, q̃ tributo; & he certo, q̃ lhe guardais muito mais reſpeito, & tendes grande veneraçaõ, porque vos naõ atreveis a metervos nelle, nem a porlhe os pès: & ſe bẽ conſiderardes o que he o rio, & o que he o ribeiro, achareis entre as grandes diſtancias que entre hum, & outro vedes, que tudo he agua, ou mais baixa, ou mais alta, mas igual no naſcer, & no morrer; porque o rio naſceo da terra, & ſahio do mar, & no mar torna a morrer, ſem ainda deixar nome do que foy; & o ribeiro da meſma ſorte naſce, & do meſmo modo acaba: aſſim tambem vedes hũ homem baixo, pobre, & humilde, que vive de eſmolas, & anda beijando com a ſua neceſſidade os pès a todos, & todos o trazem por baixo dos pès: olhais para hum grande ſenhor, ſoberbo, & altivo, a quem os reſpeitos ſobejam, & ſobrão as veneraçoens: pois aſſim o pobre, como o ſenhor quanto ao naſcer, & ao morrer tudo he o meſmo. Da terra naſceo o pobre, & em terra ha de acabar; & o ſenhor, tãbem da terra he filho, & terra ha de morrer, & tudo o que teve de grande na vida deſapareceo como ſombra, ficando o que antes era pó, & cinza.

2. Reg. 14. 14.

He a morte officio dos mortaes, que ſe aprende deſde o naſcer, & ainda muito de antes, ou por ley da natureza, ou por caſtigo da culpa, ou por tributo da vaidade: aprendeſe deſde a eſcola do ventre, & deſde a aula do berço; hũas vezes bem, & outras mal; porque huns morrem mal, & outros acabão bem: quem melhor faz ſeu officio quando morre, moſtra que ſoube melhor eſta regra geral, com que ſe acaba a vida: quem mal acabou, dà-nos a ſuſpeitar, q̃ naõ ſoube fazer o officio para q̃ naſceo; & por iſſo Seneca diz, ſendo hum Gentio, que em toda a

Senec. lib. un. de brev. vitæ c. 7. in princ.

vida se ha de aprender a morrer: saber viver, isso sabe a ignorancia, saber viver bem he ciencia da razão; mas saber morrer, he alta sabedoria, que se estuda nos claustros da morte, para que melhor se aprenda no circulo da vida: saõ ignorancias da morte todas as outras ciencias da vida, que para este fim não se aprendem; & saõ ignorancias puras, todas aquellas presumpçoens, com que a vaidade humana faz, que huns se tenhaõ por melhores que outros na condiçam terrena; se pois a jornada da vida he o caminho da morte: se as fontes mais humildes, & os regatos mais pobres saõ da mesma natureza, que os mais rios: se estes se fizeram mayores, he porque usurpando as aguas alheas, dos que a elles se chegavão, tiranamente se ergueraõ com a mayoría; mas isto, que lhes aproveita? quanto lhes dura? de que lhes serve tudo isto, mais que de chegar ao mar da morte com mayor pressa, para acabar a vida mais amargosamente?

O mortaes, he a morte ruina universal de toda a maquina caduca destes edificios viventes; & donde ha ruina, não ha desigualdades, tudo tem a mesma sorte, tudo he igual, tudo he hum. Cahio a pedra do monte sobre aquella portentosa estatua, que em sonhos vio Nabuco, & diz o Texto Sagrado, que todos aquelles metaes, de que ella se compunha, igualmente foram despedaçados, & desaparecidos: se a cabeça da estatua era de ouro, os peitos, & braços de prata, o ventre de bronze, as pernas de ferro, & os pès de ferro, & barro; como se desfez igualmente toda esta maquina: *Contrita sunt pariter, quasi in favillam*? Como se fez tudo hum? Como igualmente desapareceo tudo sem deixar sinal de sy: *Nullusque locus inventus est eis*? Se ha tam desigual differença do ouro para a prata, da prata para o bronze, do brõze para o ferro, & do ferro para o barro; como correm todos em hum instante huma mesma fortuna? O alto da cabeça, o levantado dos homens ha de ter a mesma sorte, que o baixo dos pès? tudo ha de parecer hũa cousa? Que o barro pela sua fragilidade se desfizesse em hum momento, naõ era muito; mas que o solido do ouro, o puro da prata, o forte do bronze, & o duro do ferro igualmente se desfizessem em pó, & cinza, como se desfez o barro, isto parece maravilha. Ha de ser possivel, que igualmente se ha de descompor a fidalguia do ouro, a nobreza da prata, o valor do bronze, & a valentia do ferro, como se descompoem a fraqueza, & a vileza de hum barro humilde?

Dan. 2. 34. &c.

Sim

Sim mortaes: ouve ruina em todos eſtes metaes, cahio a eſtatua, arruinouſe toda eſta maquina, pozſelhe hũa pedra em cima; pois como havia de acabar tudo, ſenão igualmente arruinado? Que differença havia de haver, mais que fazerſe tudo hum? Porque donde ha ruinas, naõ ha deſigualdades, tudo he da meſma ſorte, tudo a meſma couſa.

Tudo he terra, ó peccadores: tudo he pó, & cinza: ou ſejais Reys, ou ſejais Principes, ou ſejais nobres, ou ricos, ou poderoſos, ſois da condiçam do barro em ſe pondo em cima a pedra da ſepultura: o ouro mais fino, a prata mais luſtroſa, o bronze mais robuſto, o ferro mais rijo, tudo he da condiçaõ da terra, do barro, & do pó, & cinza: em quanto eſtá em pè a mentira do mundo, parece hum lindo como hum ouro, galhardo como humas pratas, valente como hum bronze, & duro como hum ferro; mas tanto que a morte dá de aveſſo com tudo, logo ſe deixa ver com verdade, que tudo he nada, & hum pouco de pó, & cinza, que naõ occupa lugar. Poderà a vaidade de hũ Nabuco ſonhar; poderà levantar nos ſonhos da ſua fanteſia grandes maquinas, grandes imperios, & grandes differenças nos eſtados da vida humana, de que a eſtatua foy figura: mas Chriſto, que he a meſma verdade, & foy a pedra, que derrubou a eſtatua, para deſenganar em figura as mayores afiguraçoens do mundo, não ſó moſtrará a todos, que ſaõ pó, & cinza em ſe lhes pondo em cima a pedra da ſepultura; mas que todos os bens da terra ſaõ tambem o meſmo: ſaõ o meſmo todos os bens da terra; porque quem viſſe deſcer a pedra para tocar eſtes metaes, que lhe havia de parecer, ſenão que moſtrariaõ mais a ſua pureza? Quẽ ſobre iſto entendeſſe, que naquelles metaes ſe ſignificavão as monarchias do mundo, como naõ ſuſpeitaria, que era de muita dura, huma couſa tão notavel? Mas quando viſſe, que a grandeza era fingimento da fanteſia, que os imperios naõ duravão, nem por ſonhos, & que os metaes todos erão terra, & tudo em fim huma faiſca, que voa, hum pó, que ſe levanta, & hum vento, que deſaparece; que havia de tirar deſte deſengano, ſenão hum verdadeiro conhecimento, de que o mais do mundo he mentira, engano, & vaidade, que em hum fechar de olhos ſe finge em quanto a vida dura; & em outro fechar de olhos ſe acaba, logo que a morte chega?

Hug. C. in Dan. ſupra, myſticè.

Dan. 2. 39 &c.

Não ſó depois da morte, ſenão na meſma vida ſe vè eſte deſẽgano: he engano, ó mortaes, cui-

dardes, que sois outros homens, porque tendes mayor estado, ou mayor fortuna; tudo he hũ, tudo he o mesmo: & naõ ha outra differença, que estardes em mayor perigo, os que estais em mayor altura; tal he a condiçaõ das fortunas altas, & dos estados supremos, que quem os chega a possuir, primeiro perde a vida, & felicidade, que seja tempo da morte; & isto nasce, de que a sua propria vaidade, anticipandolhe a morte, lhe faz muito mayor mal, do que lhe fizera a violencia alhea, se lhe tirára a vida. Rogando David pragas a huns inimigos, dizia a Deos: que se façam semelhantes ao feno dos telhados: & pois não fora melhor vingança pedir, que fossem como feno dos valles? porque se era para se vingar delles, ficavãolhe nos telhados sobre a cabeça, & nos valles podia metelos debaixo dos pès: se acaso deseja que se consumão como o feno, que peyor successo acha no feno dos telhados, donde não pòde chegarlhe, que no feno dos campos, donde pudèra atropellalos? A razão da differença he: porque o feno dos campos, muitos o arrancaõ primeiro que se seque; o feno dos telhados primeiro se seca, do que o arranquem, como diz o mesmo David: *Priusquam evellatur, exaruit.* Fazlhe a sua vaidade, & a sua altiveza, anticipandolhe a morte, muito mayor mal, do que pudera fazerlhe a violencia alhea tirandolhe a vida; quando parece, que a violencia, que o pudèra arrancar, o vai poupãdo, como quem lhe perdoa; a vaidade com que havia de florecer, o vai consumindo, como quem o castiga: fazlhe a vaidade todo este mal, porque nam tem raizes o feno dos telhados; isto he, não tinha fundamento para porse naquellas alturas: pudèra contentarse o feno com ser feno dos campos, pois o ser feno dos telhados não lhe tirava o ser feno; estiveralhe isto melhor, porque se vivera humilde, como o outro feno, florecèra, & duràra mais, & não se arruinára tão cedo a fragil, & caduca pompa daquella vaidade verde: mas esquecerse o feno, de que nascèra das ervas, não querer ser feno, como o outro feno, desconhecer a sua vileza, & a sua fragilidade, sahirse da sua esfera, porse em grandes alturas, & querer viver das telhas arriba, em que havia de vir a parar, senão em darlhe na cabeça aquelle mesmo desvanecimento, que lhe fez perder o pé? Consumiose por sy mesmo antes de chegar ao fim de seus intentos vãos, sem que lhe fizesse mal o rigor alheyo; & em fim morreo antes de tempo.

Psal. 128.6.

Psalm. prox.

Alta providencia do Ceo foy, que

que aſſim morreſſe o feno, porque como no feno ſe figura a carne, & na flor do feno a vangloria humana, como diz Iſaías, ſe o feno morrèra arrancado, parecèra, que a violencia das mãos alheas lhe tirava a vida, que ainda lhe concedia o tempo; & para deſenganarnos o Ceo, que não tem a carne tantos perigos na violencia, como na vaidade propria, por ſy meſmo, permitio, que ſe conſumiſſe o mais authorizado feno: para que aprendeſſem os deſte exemplo, quanto mais he para temer a vaidade propria, que nos faz ſahir da noſſa esfera, como ſe foramos outros; do q̃ a violencia alhea, que nos tira a vida anticipadamente. O' mortaes, ou ſejais feno dos tectos, ou feno dos campos, todos ſois feno: *Omnis caro fœnum*; tudo he hũ, porq̃ todos ſois huns; todos ſois o meſmo, porq̃ todos ſois homens, & homẽs peccadores, fracos, & mortaes: por mais altos, que eſtejais, por mais robuſtos, que vos ſonheis, & por mais felices, que vos finjais, não ha outra differença, que ſerdes mais vãos, quando eſtais mais altos, q̃ eſtardes mais enganados, quãdo eſtais mais robuſtos, q̃ eſtardes mais perigoſos, quãdo eſtais mais felices: ſois, huns rios, outros fontes huns: baixos, outros altos, mas tudo agua: ſois hũas pinturas na aparencia muito differentes, na realidade tudo hum: ſois huns, feno mais erguido para ſer mais miſeravel; outros feno mais humilde, para não ſer taõ caduco; & ſendo na realidade vilezas, vos fizeſtes muito peyores levantandovos contra Deos, por naõ querer guardar ſua ley, zombando de ſuas vozes, por naõ querer emendarvos, deſprezandovos a vòs meſmos, por quererdes ſervir antes ao demonio, que a Deos, & eſquecendovos do que ſois, & do que haveis de ſer: pois deſenganaivos, que todos, como homens fracos, mortaes, & miſeraveis, haveis de morrer, & haveis de acabar: *Vos autem ſicut homines moriemini.*

Iſai. 40. 6.

Iſai. ſup.

---

## TOQUE XV.

*Neſcit homo finem ſuum: ſed ſicut piſces capiuntur hamo, & ſicut aves laqueo comprehenduntur, ſic capiuntur homines in tempore malo.* Eccleſ. 9. 12.

## CLAMOR XV.

### Da miſeravel ignorancia, com que os homens peccadores achaõ goſto na ſua perdiçaõ.

NAõ ſabẽ os mortaes quando, como, & donde ha de ſer

ſer o ſeu fim; & vivem com tanto eſquecimẽto da morte, como ſe ella naõ tivera igual juriſdiçaõ em todos: para os negocios de huma hora, para a jornada de hum dia, para a viagem de hum mez, coſtumão prepararſe os homens com grande diligencia; ſó para lhes não hir mal na hora da morte, para dar conta a Deos no dia do juizo, & para paſſar bem o ſalto da eternidade, não ha preparaçaõ alguma, como ſe iſto fora ſonho, fabula, ou mentira; de que naſce, que vivendo á maneira de peixes no mais profundo das ondas, vagueando a modo de aves pela regiaõ dos ventos, andamos no mar do mundo ſubmergidos nos vicios, & ſeguimos por vias aereas as mundanas vaidades; dõde gozando huns bens fantaſticos, ou tranſitorios, não ſó cahimos do Ceo á terra nos enganos do mundo, não ſó nos himos pela agua abaixo ao pégo dos abiſmos, mas como aves incautas, & deſprevenidas, como pexinhos ſimples, & deſcuidados, ou cahimos nos laços da morte, quando menos o cuidamos; ou nos anzoes do demonio, quando menos o tememos. Deviamos ſer como aguias, cuja natureza he voar, & fixar os olhos no Sol, para fazer vida celeſte, & não terrena; deviamos eſtender as azas do entendimento pelas regioens ſublimes da patria celeſtial; deviamos levantarnos da terra para voar ao Ceo com as pennas do eſpirito, & ao menos com eſpiritos altos deviamos fazer ninho ſobre as nuvens do Evangelho. Mas ay! q̃ com baſtardos vòos, ou com baixos eſpiritos abatemos a pôpa vãa de noſſa profanidade á preza ſempre vil, & baixa das miſerias terrenas! De que ſe ſegue, que aſſim como ſó a ave, que ſe abate do Ceo á terra, cahe no laço, que lhe armárão: aſſim nos laços da culpa, da morte, & do demonio ſó cahem aquelles homens, que pelos goſtos vãos da terra deixàraõ os bens do Ceo: cahem nelles, quando menos o imaginaõ, porque vivendo debalde toda a ſua vida, chega a hora da morte, como ladraõ, na noite da cegueira, & achando-os no deſcuido dormindo a ſono ſolto na cama da culpa, nos braços do deleyte, não ſó lhes rouba aquelles bens, de que gozava enganadamente na vida; mas ainda lhes leva as almas arrebatadamente ao lugar da perdiçaõ: faz iſto a morte, & faz iſto o demonio; porque em todos os eſtados do mũdo todos os ſeus bens ſaõ laços, & redes: laço, & rede he a ocioſidade, a riqueza, a ambiçam, a laſcivia, armãoſe eſcondendoſe, atrahem liſongeando, & enganão atrahindo.

He o mundo todo, como a

rede; porque assim como na rede os mayores, & mais grossos peixes saõ os que ficaõ, & os mais pequenos não, porque escoaõ a malha muito facilmente: assim nos enganos do mundo, que saõ as suas redes, os mayores, & os mais ricos homens saõ, os que se prendem, os mais soberbos, os mais inchados saõ os que se embaraçaõ, & naõ os pobres, & os humildes, & pequeninos, que se livraõ de seus enredos, & de seus laços com mayor facilidade. Deviamos ser como peixes em hum mar de pranto, que ou andassemos no mais alto das amarguras, ou nos metessemos nas covas mais escondidas, fazendo de nossas culpas hũa penitencia aspera. Mas ay! que fugindo do alto da consideraçaõ, vimos a dar no baixo dos terrenos apetites, donde a nossa mesma vontade faminta do seu mal, se vai meter no anzol escondido nos mundanos deleytes, em q̃ cahem miseravel, & cegamente os mais dos humanos! E he tão grande mal, hum mal, que tem caráõ de bem, hum dano, que parece gosto, & hum tormento, que se veste de deleyte, que nem nos males da vida tem semelhante, nem comparaçaõ algũa nos da morte.

Dizia Salamão: Eu tenho dado, em que a mulher he mais amargosa, que a morte: porèm se Salamaõ de nada havia gostado tanto, como deste veneno doce; se nada lhe havia parecido tão doce, como esta amargura dourada; se nada lhe encheo tanto os olhos, como esta enfeitada traiçaõ; como tendo-a pouco antes por mais doce que a vida, diz agora, que he mais amargosa que a morte? O mortaes, por isso mesmo soube Salamão quanto amargavá a mulher, porque soube della tanto: soube della muito, porque lhe soube muito; fiouse dos seus braços, & achou, que erão laços do demonio; chegoulhe ao coraçaõ, & vio, que era rede da morte; cahiolhe nas mãos, & experimentou, que eraõ garras de leão: o laço apanha convidando, a rede lisongea prendendo, o cepo engana atrahindo: como pois a mulher parece bem, & faz tanto mal ao homem, convida-o com gostos, & leva-o ás penas: o coraçam da mulher, a quem o homem dá o seu coraçaõ, he lhe tão perjudicial, como a rede aos peixes: as suas mãos, em que elle se poem, fazemlhe tanto dano, como o laço às aves, & o cepo aos brutos; fazlhe a boca doce, & prende-o no laço; finge, que o mete no coraçam, & mete-o na rede; mostra, que o tràz nas palmas, & o faz cahir no cepo: he mal, & vendese por bem; he dano, & estimase por gosto; he tormento, & tomase por deleyte.

Eccl. 7. 27.

3. Reg. 1. 11.

leyte. Què havia de achar Salamão, que lhe amargasse tanto, como este paleado bem, que tão caro custa; como este saboroso mal, que tam bem parece, ao qual nenhum mal da vida he semelhante, nem ha amargura na morte, com que se compare?

Notou Saõ Boaventura, que a lascivia, por quem se entende esta mulher, de quẽ se queixa Salamão de tres modos prendia; prendia com laços, onde se tomão as aves; com rede, com q̃ se colhem os peixes; com prizoens, donde se apanhão as feras: pelos que voão, diz que se entendem os soberbos, pelos que nadão, os deliciosos, & pelos outros animaes da terra, os homens avarentos, & que em fim ninguem lhe escapava: taes saõ os laços, & os enredos da mundana lascivia, que para colher altos, & baixos, & os de meãa esfera, se faz para huns laço, para outros rede, & para os outros cepo: cuidais, os que sois soberbos, que bebem por vós os ventos as mulheres, & fazem-vos cahir no laço: cuidais, os que sois deliciosos, que viveis como peixe n'agua, & fazem-vos cahir na rede: entendais, os que sois avarentos, que fazeis vosso negocio, & fazem-vos cahir no cepo, & depois zombam de todos: zombão depois de vós; porque se cahis no laço, aindaque sejais aguias no juizo, dizem que sois huns passaros; se cahis na rede, ainda que sejais huns Delfins, dizem que sois huns pexinhos; se cahis no cepo, ainda que sejais bichos de concha, dizem que sois huns brutos. O' mortaes, fugi dos laços, cortando os nòs cegos, fugi da rede, escoando a malha, livraivos do cepo, ainda que roais os pès. Pelos pès se entendem os apetites, pelas malhas, os enganos, & pelos laços, as cegueiras: deixai as cegueiras, & sahireis dos laços, deixai os enganos, & escapareis das redes, cortai os apetites, & livrarvosheis dos cepos: vede, que não ha prizão mais forte, que aquellas brandas ataduras, com que a carne vos ata. Rompeo Samsaõ, como se forão fios delgados, as cordas, & as cadeas com que o maniatou Dálila; & aquelles mesmos braços robustos, a cuja força se rendeo a grossura das maromas, a rigeza dos nervos, & a dureza do ferro, naquelles braços lascivos perdéraõ cegamente a força, & a virtude: he branda a prizão, por isso não escandaliza, aperta, & parece que abraça, magoa, & finge que lisongea, ferevos a alma, & parecevos, que a adoça; & em fim saõ nós cegos, & parecemvos de rosas; saõ ferros, & tendelos por ferretes.

Bonav. tom. 1. in Eccl supr.

Judith. 16. 12.

O' mortaes, se tantos males traz comsigo hum só laço da vida: se os laços da carne não só vos atão de pès, & mãos para vos entregar á morte; mas ainda vos poem a corda na garganta, como reos da culpa; para que assim vos leve o demonio ao supplicio eterno: como naõ vedes, que essas cadeas, & colares, com que a vaidade vos enfeita, & vos adorna o delito, saõ colares, & não enfeites, saõ cadeas, naõ adornos, com que vos ata a liberdade, quem vos doura a perdiçaõ? Parecemvos joyas do gosto, & saõ insignias do castigo, com que o mundo, que quer triunfar de vòs, já vos vai atando ao carro como escravos seus: cuidais por ventura, que viveis muito livres, & muito senhores de vòs todo o tempo, que mais soltamente seguis a corrente de vossos vicios? oh cegueira nunca chorada, ainda que sempre vista! Pois sabei, que em nenhuma outra cousa perdestes tanto a liberdade, & a honra de filhos de Deos, & ainda de homens livres: essas mesmas correntezas, a que vos arrojastes, correntes foraõ, em que vos poz como cativos do demonio o vosso mesmo alvedrio, a vossa propria vontade: todas essoutras solturas, com que vos precipitastes mais desenvoltamente, todos os passos, que déstes para o desatino, todas as acçoens, que obrastes para o escandalo, grilhoens foraõ, com que a culpa agora vos sopea; algemas saõ, com que a maldade hoje vos maniata: & se tantos males se encobrem em qualquer laço da vida; que haverá nos laços da morte, do inferno, & do demonio?

Lá dizia David, que tinha odio á sua alma quē amava a maldade, & o peccado: & em que estaria o odio, que se tinha a sy, quem amava as offensas de Deos? O mesmo David o declara continuando o Psalmo. Tem odio á sua alma o peccador, porque fará Deos chover sobre elle laços, & mais laços, hum mar de fogo, hum inferno de enxofre, & hũa tempestade desfeita de espiritos infernaes; & isto será o que lhe caberà em sorte para toda a eternidade: pois como haõ de ser os laços, seu castigo, se os laços foraõ o seu deleyte? Por isso mesmo, peccadores: na mesma moeda com que comprastes a culpa, nessa haveis de pagar a pena; quer Deos que vos sirva de theatro para o tormento o mesmo, que vos servio de leyto para o peccado; quer, que acheis a mayor dòr, que podeis sentir, naquillo mesmo, em q̃ achastes mayor gosto para o offender. Porèm como saõ taõ longos tormentos por tão breves gostos? Porque tivestes amor á maldade, & ás offensas de Deos: huns

Psalm. 10. 6.

huns peccados, a que se tem amor, hũas maldades, a que se quer bem, huns delitos, a que se faz adoraçaõ, hũas culpas, por cujo amor nos pomos em odio comnosco, & com o mesmo Deos; oh que hão de chover laços sobre semelhante peccador, que o enredem na morte, ha de descer fogo do Céo, que o sepulte no inferno, ha de ferver enxofre, que lhe abraze as entranhas, & hão de chover demonios, que lhe despedacem a alma!

Oh se trouxera o peccador a morte diante dos olhos, & o inferno no sentido, quem duvída, que com a graça de Deos aborrecèra a maldade, que tanto ama; & que com a dòr de ter a Deos offendido, rompéra os laços, em que está atado, as redes do seu embaraço, & o cepo da sua prizaõ? Mas se não ha contriçaõ, com que os laços se quebrem, com que as redes se rompão, & os cepos se despedacem, como póde escapar? A ave grita no laço, porque se vè preza; o peixe busca por donde escape da rede, que o embaraça; o bruto forceja quanto póde, atè cortar o seu mesmo pè para se soltar do cepo: porèm se o peccador não clama a Deos, para que o tire do laço, se não procura com diligencia escapar da rede, & se não faz toda a força atè cortar por seus apetites, para se soltar do cepo; que muito he, que no tempo máo da sua ultima hora morra sem poder clamar, porque tem o nó na garganta; & espire sem se poder desenredar, & tirar do cepo, porque não tem já forças; & muito peyor, que passaro, que peixe, & que bruto, prezo, & maniatado seja levado pelo caçador infernal para eterno pasto das penas, & fogo do inferno? O peccadores, clamai em quanto vos dura a vida; fazei diligencia, & forcejai por vos tirardes de vossos peccados logo sem dilaçaõ, porque ao depois na ultima hora, que póde ser logo, ainda que clameis, será tarde, & muito fóra de tempo; ainda que choreis, será quando naõ tenhais já remedio: mas como os miseraveis peccadores naõ atentaõ ao seu fim, que cada instante póde chegar, como passaros nescios se deixão morrer nos laços do peccado; & como peixes simples acabaõ a vida no anzol da culpa: *Nescit homo finẽ suum: sed sicut pisces capiuntur hamo, & sicut aves laqueo comprehenduntur, sic capiuntur homines in tempore malo.*

TO-

## TOQUE XVI.

*Sapientia hujus mundi, stultitia est apud Deum.* 1. ad Corinth. 3.19.

## CLAMOR XVI.

VImos o que he a ignorancia do mundo; vejamos agora o que he a sua sabedoria. A sabedoria deste mundo, diz Saõ Paulo, he huma pouca de ignorancia; & Santiago lhe chama, terrena, animal, & diabolica: he a ignorancia, & necedade a sabedoria do mundo, porque escolhe o máo, & deixa o bom, prefere o peyor ao melhor; & se nós tiveramos por ignorante quem deixàra muito ouro por hum ceitil, o cobre pelo ouro, os diamantes pelo vidro; como não teremos por ignorante huma sabedoria, que prefere a creatura ao seu Creador? como a não teremos por nescia, se deixa os milhoens de ouro dos bens eternos, pelo ceitil dos tẽporaes? os diamantes da gloria pelos vidros da vaidade? Prefere a sabedoria do mundo a creatura ao Creador, pois, como diz Saõ Paulo, he inimiga de Deos a carnal sabedoria: contrahese esta inimizade com Deos por aquella rebelião profana, com que os homens por amor do mundo, sugeitando-se às suas leys, rompem os vinculos da ley Divina, Natural, & Ecclesiastica; & como a razaõ corrompida, para que abrace a vontade esta sua perdiçaõ, lha representa fermosa, daqui nasce, que deixando a Deos pelo mundo, o eterno pelo caduco, temporal, & transitorio, se mostra nescia no que escolhe, ignorante no que sabe, terrena no que busca, animal no que apetece, & diabolica no que obra. Que sabe, quem não sabe escolher? Que sabe, quem não sabe emendarse? Que sabe, quem salvarse não sabe? Saber todas as artes do mundo, & não as do Ceo; saber todas as ciencias da carne, & não as do espirito, he ignorancia pura, he desatino com brancas, & hũa tontice caduca: que aproveita saber para outros, quem não sabe para sy? He como os que cavaõ nas minas, que enriquecendo os outros, se ficaõ pobres, morando em trevas, vivendo em trabalho, & morrendo em angustia. O' mortaes, a verdadeira ciencia he estudarmos muito em que nos ignorẽ todos; he pôr todo o nosso cuidado em ignorar quanto ha no mundo; he o saber, que somos nada, que para nada prestamos, que nada podemos, & que devemos desejar, que de todos sejamos na conta, & reputação de nada.

Jacob. 3.19.

Porèm como Deos costuma destruir, & arruinar as maquinas da humana sabedoria, ou com aquellas cousas, que não tem ser á vista dos homens, & saõ vil desprezo da sua zombaria; ou com as suas mesmas artes, & fundamentos: não servem ordinariamente as fabricas da prudencia humana, que de ser artifices da sua ruina: como aquelles, que lavraõ minas, ou trabalhaõ em abobadas grandes, que cahem sobre elles por senão haverem ajustado bem com as regras da verdadeira architectura. Isto nos deu a entender o mesmo Apostolo, quando dividindo a sabedoria em prudencia da carne, & em prudencia do espirito, desta disse, que era vida, & paz, & daquella, que era morte, & guerra: he morte a sabedoria mundana, porque assim como o gusano em toda a sua vida não faz outra cousa mais, que lavrar a sua sepultura: assim esta sabedoria caduca não obra nada mais, que forjar as armas, que lhe hão de dar a morte, & tecer os labyrintos, que haõ de ser a sua perdiçaõ: he guerra cõtinua da vida, porque em batalhas perpetuas de discursos, & em maquinas de novidades com baterias da malicia anda descõpondo a ordem, & a paz da natureza para medrar de fortuna, sem ter por impedimento digno de reparo o dano, & perjuizo do proximo, a queda do igual, o precipicio do mayor, a confusaõ de todos, & a offensa de Deos: & daqui vem, que acudindo o Ceo pela sua causa, a terra pela sua vexaçaõ, & o mundo pelo seu mesmo engano, ainda no mesmo mundo vem a parar em estrago, & assombro de sy mesma, toda esta prenhèz de monstruosidades, que para o espectaculo das gentes foy embriaõ de quimeras, aborto de abominaçoens, & parto de perversidades. Ao contrario disto, he vida, & paz a sabedoria do espirito; porque naõ querendo cousa algũa das glorias do mundo, he como a materia celeste, que não tem contrarios, feita alchimista ao divino de tudo faz ouro; porque conhecendo, que os bens, & os males vem todos da poderosa mão de Deos, não tendo por mal mais que as offensas de Deos, & do proximo, nos bens dá graças a Deos, porque sabe, que os não merece; nos males tambem o louva, porque conhece, que os merece mayores: isto se póde fazer facilmente; porque assim como a prudẽcia carnal só da carne trata, a prudencia espiritual só do espirito cuida: fundase no temor de Deos, que he principio da celeste sabedoria; & encaminhase toda ao amor de Deos, que he fim ultimo de nossas almas: tanto pelo temor, & amor de

Ad Roman. 8. 6.

de Deos devem começar, & acabar as nossas acções, que sem olhar estes dous extremos, nenhuma acçaõ nossa póde ser formal virtude; mas como a malicia infernal, que nos inficionou a primeira graça, não descansou sem nos fazer recahir nas segundas culpas, desde a meninice dos seculos começou com o amor do mundo a destruir o amor, & o temor de Deos, introduzindo na razaõ já viciada tantos dogmas, & regras da falsa sabedoria, que ennevoado o entendimẽto humano cõ suas escuridades, não pode enxergar a luz do Sol da sabedoria verdadeira, que quando rompe as trevas do nosso cego engano, faz com o divino influxo, que o terreno seja celeste, o caduco immortal, & o homem semelhante a seu Deos.

Querendo pois a malicia de Satanàs não só apartarnos do Ceo, & precipitarnos no abismo; mas ainda em odio de Deos bemquistarnos os venenos, que nos tirão a vida da eternidade, & authorizar as idolatrias de nossos interesses, vestio de tal sorte a peçonha de caricias, & o dano de lisonjas, que saboreada a ignorancia com os incentivos do gosto, namorada a sensualidade das aparencias do deleyte, fez iguaria do peccado, & vangloria da perdiçaõ, como se sómente no prato da maldade estivera só toda a felicidade da vida. Lograda esta primeira industria, foylhe facil ao demonio coroar a obra de sua maligna perversidade; porque achando a cegueira humana tanto da sua parte os imperios do alvedrio, naõ reparou atrevidamente em profanar a razaõ, & enxovalhar o desengano; antes perdido já o decoro a toda a magestade d'alma, sacudíraõ os sentidos terrenos o jugo do superior dominio, & desenfreando pelos campos da profanidade a licença do apetite, fartáraõ de viboras a malicia, & de escorpioens a natureza. Naõ paráram ainda aqui os excessos do desatino; pois cospindo no rosto à verdade, & metendo debaixo dos pès as virtudes, as despiram daquellas decencias, com que a veneraçam as orna; & em seu aggravo, dando authoridade aos vicios, os adornáraõ daquella pompa, que os faz illustres, para que a estimaçam persuadida pelos olhos, pelos ouvidos, ou pela fantesia, naõ só os respeitasse esplendidamẽte servidos, mas canonizados do aplauso, os venerasse.

Paleados pois decorosamente os semblantes de seus delitos, variáraõ de figura, & de nomes; & com esta invectiva se começáraõ a fazer bom lugar todas as maldades: a soberba em figura de honra, se chamou brio; a vai-

a vaidade em trajo de necessidade, se chamou honra; a avareza com capa de cautela, se chamou prudẽcia; a ira com vestido de razaõ, se chamou valor; a lascivia vestida de deleyte, se chamou galanisse; a gula trajada de urbanidade, se chamou grandeza; a inveja vestida de diligencia, se chamou emulaçaõ; & a preguiça com vestido de virtuosa, se chamou bondade. Feita deste modo a sabedoria profana hidra de sete cabeças, & armãdo-as contra Deos todas, começou por outras tantas bocas a derramar a pestilencia de suas entranhas, com q̃ se acabou de inficionar a terra, não só mordida cõ os dentes infestos de tantas heresias, mas ainda viciada com o bafo pestifero de seus alentos, taõ nocivos aos usos da razão, aos costumes da modestia, ao direito das gentes, & á sociedade humana; sem que os Hercules da verdadeira doutrina, que a lume de palhas pudèraõ consumila, queiraõ mais, que cortarlhe as cabeças, de que outras se multiplicaõ. Nestes males, q̃ tem feito aos homens a sabedoria mundana, se deixa ver, quaõ diabolica, quaõ inimiga, quaõ terrena, quaõ animal, & quaõ nescia ella he; pois ainda que na aceitaçaõ dos perversos valha tanto o seu engano, se não faz mais, que estudar na sua vanglória para cahir no seu castigo: se corre ao inferno com mais sede de condenarse, do que os bons tem de não perderse: que lhe aproveita a ostentaçaõ com que se despenha, se isto naõ serve mais que de acrescentar o ruido, & a põpa á ruina, assopros aos incendios, testemunhas á ignorancia, & aos deleytes a pena?

Oh com quanta razão neste seculo mais, que nos passados, pudèra o outro Sabio de Athenas andar com huma tocha acesa ao pino do meyo dia vendo se encontrava algũ homem, q̃ fosse sabio! Muitos sabios do mũdo, no mundo se encontraõ a cada passo: encontrarseha, ainda que raras vezes, hum Monarca, hum Rey, que saiba governar a sua Monarquia, o seu Reyno pelas leys da justiça; muitos Principes, & Senhores, que saibam governarse pelas leys da politica; muitos homens particulares, que saibaõ governar as suas casas pelas regras da providencia; muitos homens de negocio, que saibaõ juntar muita fazenda pela ordem de adquirila; muitos soldados famosos, que saibaõ dispor batalhas, governar exercitos, & defender praças pelas leys da milicia; muitos julgadores, & ministros de justiça, que saibaõ conforme seus regimentos dar conta de seus ministerios; muitos pilotos, que sejão peritos na arte de ma-

rear; & muitos outros homens peritos em ſuas artes, & officios: mas oh miſeria! quaõ raro he o encontrar hum Monarca, Rey, Principe, Senhor, pay de familias, homem de negocio, ſoldado, julgador, piloto, ou qualquer outro official, que ſabendo do mundo muito; ſe ſaiba governar pela ley de Deos, pelas regras da razão, & pelos dictames da conciencia! Que te importa ſabio do mundo ſaber do mundo, & da terra tudo, ſe de Deos, & do Ceo naõ ſabes? Pela ciencia, que te perde, te deſvelas; & pela que te póde ſalvar não dás hum paſſo? Em ſaber viver com o mundo te occupas; & em ſaber viver com Deos, & comtigo, te não canſas? Na vida temporal, & caduca poens os teus cuidados; & na morte, que te eſpera com hũa vida, ou perdiçaõ eterna, naõ poens o ſentido? Em conſervar a vida do corpo corruptivel ſó eſtudas; & em recuperar a vida d'alma immortal, que perdeſte peccando, não eſtudas? Que he iſto ó peccadores, ſenaõ a mayor cegueira, a mayor loucura, o mayor deſatino, & a mayor ignorancia do mundo? E por iſſo diz o Apoſtolo, que a ſabedoria dos mundanos he hũa pura ignorancia: *Sapientia hujus mundi, ſtultitia eſt apud Deum.*

## TOQUE XVII.

*Homo naſcitur ad laborem, & avis ad volandum.* Job 5.7.

## CLAMOR XVII.

Moſtraſe como a vida de qualquer eſtado he trabalho: & como o trabalho por amor de Deos he regalo.

OU ſeja das mãos, ou do entendimento, naſce o homem para o trabalho, como a ave para o vôo: naſce para trabalhar o Rey, & he mayor trabalho o cetro, que o cajado; porque póde o ruſtico depor o arado, o ſoldado a eſpada, o eſcrivão a pena; ſó naõ póde tomar o ſono ſobre a ponta de hũ baſtáõ agudo aquelle olho ſempre vigilante, em quem figuravaõ os Egypcios a obrigaçaõ dos Reys. He carga, & naõ iſençáo a Monarquia; porque tambẽ he pezo, mais que Mageſtade, a Coroa; ſobre ſeus hombros ha de trazer as inſignias de ſeu trabalho, & ſobre ſua cabeça as de ſeu martyrio, quem trouxer, ainda que ſeja por zombaría, as inſignias do Imperio. Logo que a Chriſto lhe chamàraõ Rey, não ſô lhe fizerão gravame da coroa, mas puzeraõlhe ás coſtas o Prin-

Matth 27.29

o Principado; nem ainda por escarneo gozou na terra a regalia do titulo, sem que o Principado fosse Cruz, a coroa, espinhas, o regalo, fel, & vinagre, & a vida, hũa morte.

Isai. 9. 6.

Nasce para trabalhar o Principe, o Grande, & o Ministro, & ainda q lhe fingio a fortuna o trabalho mais alegre, não pode desmentirlhe a fadiga, & o desvelo, com que devem, como atalayas sobre a cãpanha, estar de acordo para a cautela, assim como estão em mayor altura para a mayoria. Só a Pedro, que havia de ser Principe da Igreja, Grande no Ceo, & Ministro do Evangelho, perguntou Christo se dormia nas afflicçoens do Horto: naõ o perguntou ao Evangelista, que o amava tanto, com ser condiçaõ do amor o naõ dormir muito; donde se deixa ver, que he mais disculpavel o descuido, & o descanso no amor, que no ministerio.

Marc. 14. 37.

Nasce para trabalhar o Prelado Ecclesiastico, secular, ou Religioso, porque havendo de ser piloto da Não da Diocesi, ou da Religiaõ, que cruza ondas inquietas com Ceos turbados, ventos contrarios, & noite escura, necessario he naõ dormir, antes estar álerta, & ver de lõge as tempestades, por naõ arriscar com hum só descuido, a que se percaõ todos com naufragio miseravel no mar do mũdo, (como lhe chama o Cardeal Hugo) que se incha por soberba, escuma por lascivia, brama por indignaçaõ, & se move com qualquer leve vento, que o desenquieta. Hum breve espaço, que, a nosso modo de fallar, se descuidou Christo, pois se deitou a dormir sobre as ondas, se atrevèraõ ellas a querer çoçobrar toda a Igreja, de que a barca de S. Pedro era figura.

Hug. C. in Luc. 5. in princ. moral

Matth 8. 24.

Nasce para o trabalho o General, o Cabo, & o Soldado; porque em vida, que he guerra, morte ha de ser qualquer descanso, que do seu poder se fia. Fechou os olhos Holofernes no meyo do seu exercito, & hũa mulher, de que não fazia caso, mais que para o seu gosto cego, com ser figura da fragilidade, & da fraqueza, lhe tirou a vida. Nasce em fim para trabalhar o nobre, & o plebèo, ou plebéa, ou nobremente; & em se furtando a natureza a esta pensaõ do peccado, logo os ocios a entregão á mayor servidaõ, que he o jugo do vicio. Ainda Eva no Paraiso não havia viciado a natureza com a culpa da desobediencia a Deos, & por isso a não ligava ainda a pensaõ do trabalhar; & com tudo isso, porque se poz hum breve espaço ociosamente a conversar com o demonio, fez encorrer a todo o mundo na escravidão da culpa, causa do trabalho do homem, & da

Judith 13. 4.

Gen 3 per tot.

da maldição da terra: tão grãde mal nasceo da primeira ociosidade do mundo, que não sómẽte ficou por ella, como em herança, ao homem ser trabalhador toda a vida; mas ainda esta pensaõ da culpa obrigou ao mayor, & ao primeiro homem do mundo a roçar espinhas, & abrolhos, feito trabalhador vil, & homem de ganhar miseravel aquelle mesmo, que criado para o fim sobrenatural da gloria tivera ao mesmo Deos por Pay, & Amigo; por Palacio, o Paraiso, por imperio, o mundo todo, & por vassallos, todas as creaturas sublunares; & não parando aqui a miseria do homem, quiz Deos mostrarlhe que só elle havia de trabalhar na terra, de que nasceo senhor; & nenhuma outra creatura, salvo arrastada da violencia, ou atrahida pela industria se sugeitasse ao trabalho para ajudar o homem a soportar a sua pena, & a remediar a sua miseria, & necessidade.

Gen. 3. 18.

Esta foy a pena que a todos os humanos abrangeo, por não querer o homem trabalhar por servir a Deos, que se servíra a Deos o homem, vivéra sem trabalho; porque o trabalhar por amor de Deos, ou he trabalho fingido, ou fadiga muy alegre, ou cansaço muy amavel. Vòs Senhor, dizia David a Deos, parece, que no preceito fingis trabalho: mas se o preceito he jugo da liberdade; se não ha mais pezado jugo, que aquelle, em que hũa vontade livre não ha de parecer vontade, mas sugeiçaõ; como sugeitandose o alvedrio ao trabalho do preceito, que he cativeiro, parece fingido o trabalho? Ora se reparardes bem nos preceitos da ley de Deos, vereis, que huns saõ negativos, & mandaõ, que não façais nada; outros saõ positivos, & mandaõ, que façais alguma cousa: os que mandão, que nada façais, mandaõ, que naõ trabalheis; & no mais penoso trabalho, com que se colhe de fruto o inferno; os que mandam, que façais alguma cousa, ou vos mandaõ amar a Deos, ou ao proximo: se pois o trabalho do preceito, ou he não fazer cousa alguma, ou he servir amando, quem duvida, que ou he fingido o trabalho do preceito, ou fadiga alegre, ou cansaço amavel? He trabalho fingido, porque he gosto com semblante de trabalho; que como diz Santo Agostinho, o trabalho dos que amão, de nenhum modo he pezado, mas antes he deleytoso; como ainda no trabalho dos que andão á caça, & outros semelhantes, mostra a experiencia ao gosto; porque no trabalho que se ama, ou não se trabalha, ou o mesmo trabalho se ama. E Saõ Bernardino diz, que aonde ha amor, não ha trabalho, mas gosto, &

Psalm. 93. 20.

Aug. tom. 4 lib. uni. de bono viduit. cap. 21 in fine

Bern. tom. 1. supr. Cant. Serm. 85. in med.

suavidade: & por isso he fadiga alegre, que está tão longe de affligir, que antes costuma deleytar. He cansaço amavel, porque agrada; senão vede o trabalho dos caçadores, & pescadores. Trabalha o caçador, pois corre montes, & valles, serras, & outeiros, passando muitas vezes o dia inteiro sem lembrarse de comer, nem beber de puro embebido no gosto, com que trabalha, sendo muitas vezes em vão o seu trabalho: chama á sua fadiga, o seu divertimento; & nada lhe parece mais aspero em se affeiçoando á caça, que não poder andar sempre neste seu exercicio: ama-o, & por isso o não sente, antes o deseja. Trabalha tambem o pescador, pois anda por Sol, & por chuvas, por rios, & por mares, por ventos, & por neves, tal vez nú, & desabrigado ás inclemencias do tempo, & ainda assim, anda tam transportado naquelle seu doce engano, que a mesma occupação, que he todo o seu trabalho, parece ser o seu mayor alivio. Deste modo, & muito mais saõ os que trabalham no amor, & por amor de Deos, não sentem o que passam, antes estimaõ o que sentem, & amão o que se afadigaõ, & só lhe parece aspero, & rigurosо o não poderem trabalhar mais: taõ sofrego anda, quem ama a Deos, daquillo, com que se affligem outros, que parece se não farta do seu trabalho, & da sua mortificaçaõ, que aos outros enfastia: saõ como os hydropicos, que quanta mais agua bebem, mais desejaõ beber, porque huma lhe faz sede da outra: sam como as palmas, que quáto mais pezo lhes poem, mais alto se levantão; & como o fogo, quanto mais lenha se lhe deita, mayores labaredas ergue: & disto nasce, que ou a fadiga dos que amão he hũ trabalho fingido para ser merecimento; ou hum gosto com feiçaõ de trabalho para ser mayor gloria. Por isso dizia o Senhor: Vinde para mim todos os que trabalhais, & andais carregados das miserias do mundo, & achareis descanso para vossas almas, porque o jugo da minha ley he suave, & ainda que he pezo, porque he meu, he muy leve.

Matth. 11.28. &c.

Porèm tão longe andaõ os homens de querer este descanso, que ha muy poucos, que queiraõ trocar por elle o mesmo trabalho da vida: tudo he trabalhar pela gloria temporal, & bens do mundo, & nada pelos bens do Ceo, & gloria eterna: & por isso, ainda que trabalhão toda a vida, nada achaõ á hora da morte, mais que afliçoens de haverem de deixar necessariamente o que não pódem levar de seu trabalho; & de não terem trabalhado no que lhes podia

dia servir para aquella eterna jornada: & o que peyor he, vendo, q̃ todo o desvelo, & fadiga do seu trabalho foy para a sua perdiçam, podendo ser, sendo muito mais leve, para a sua salvaçaõ. Oh miseravel cegueira, & ignorancia dos homens! Que seja tido no mundo por ignorante, & cego o que trabalha temporalmente para perderse, & não para ganharse! E que havendo tantos cegos, & ignorantes, que todo o seu trabalho empregaõ em perderse eternamente, haja tão poucos, que se conheção para emendarse! oh miseria!

Desenganaivos, ó peccadores, que se trabalhares no serviço de Deos por seu amor, o seu amor vos fará esse trabalho tão suave, que o tenhais pela mayor gloria, & no fim colhereis por fruto do vosso trabalho os bens eternos: mas se por dar gosto ao demonio, & satisfazer vossos desordenados apetites for o vosso trabalho, não só vos será pezado na vida, mas pezadissimo na morte, porque colhereis por fruto delle os eternos males, & a perdiçaõ sem fim. Trabalhemos pois em agradar a Deos, & em não fazer o gosto ao demonio; que este he o trabalho, para que nascemos, como a ave para o vôo: *Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum.*

## TOQUE XVIII.

*Praterit figura hujus mundi.* 1. Cor. 7. 31.

## CLAMOR XVIII.

Tudo o do mundo he mentira, engano, & vaidade.

Diráõ alguns, que os naõ engana a vida, mas que os não desengana o mundo: & eu não sei como he isto, porque os mesmos enganos do mundo saõ o seu mayor desengano. O mũdo inferior, ou o havemos de cõsiderar quanto á materia, ou quanto á fórma, ou quanto á moralidade, ou quanto a nòs mesmos, q̃ tambem somos mundos pequenos. Se consideramos a materia, a primeira materia do mundo foy a causa mais vil, que se póde considerar; & qualquer uotra materia tambem he vilissima, porque sempre se sugeita a qualquer genero de formas, que se lhe introduzem, & debaixo dellas, como escrava, variando-se os compostos, serve, não só á mudança, & geraçaõ das cousas; mas á corrupçáo, & estrago das naturezas: a mesma materia, que servio á forma de hũa arvore verde, depois a serve em madeiro seco, logo em carvão negro, dahi a pouco em cinzas

mortas, & ultimamente em fumos esvaecidos: mostrando ao nosso desengano, que se antes fazia caso della naquella florente vangloria, aprenda tambem a não tela, vendo nos sugeitos de mais dura tanta servidão de mudanças, na mudança de hum só sugeito, tão vario transito de fórmas, & na representaçaõ das figuras, tantas tragedias da natureza. Se consideramos a fórma desta maquina terrena, veremos, que tambem nos desengana quantas vezes nos enganamos com a sua mesma figura: o mundo material, quanto às apparencias todos os annos nasce, & todos os annos morre: cumpre a sua idade dentro de cada hum anno, pois lhe vemos a meninice na Primavera, a mocidade no Estio, a madura idade no Outono, & a velhice no Inverno: tem nos principios suas verduras, & seus vicios, no aumento seus excessos, & ardores, nos estados suas madurezas, & na declinação seus achaques, com que se debilita, & cahe de maduro. Ver como se vestem os campos, como os mares se espraiaõ, como os ares se alegraõ naquella estação aprazivel de sua primeira idade, certo que he muito para ver; parece, que querem remedar ao natural a vida dos que começão seu mundo, ou córarlhes ao menos a disculpa, de que assim comecem a vida: mas ver, como no Estio se abrazão, como no Outono se carregão, & como no Inverno se melancolizam, he grande reparo da consideração, que os vio em breve tempo tão outros, & differentes.

Achaca finalmente a terra; & enchese de abrolhos, & espinhas; adoece o mar, & inchase com ondas, & escumas; recahe o ar, & sangrase em chuvas, & nevoas; desmayase o fogo, & cahe em rayos, & coriscos: & indo adiante a enfermidade, a terra treme, os mares gemem, o vento chora, & o fogo arde: o fogo, sendo febre dos ares, o ar, sendo tresvalio do fogo, o mar, sendo colica da terra, a terra, sendo quartãa dos mares: de que procede, que o fogo em latidos ardentes, o ar em vágados escuros, o mar em roncos temerosos, & a terra em tremores horrendos, confundindose huns com os outros perecem quanto ás apparencias, pois o fogo se consome, & não dura, o ar se trespassa, & não córa, o mar se espedaça, & não cessa, & a terra se mirrha, & não cria. De tal sorte se troca, & se muda a superficie mais fermosa de sua efemeral, & diaria figura, que a pouca violencia dos mezes, que inclue o circulo de hum anno, o que era, já não he; o que he, parece q̃ naõ foy; & o que ha de ser, ainda não aparece; pois des-

pindose os elemẽtos da sua mais alegre põpa, arrastão por montes, & nuvens o capuz escuro das sombras, servindolhe de tochas tristes o mesmo lume dos relampagos, as ondas, de eças, os outeiros, de tumulos, os cãpos, de cemeterio; as pedras, de caveiras, os ramos, de ossos; os troncos, de cadaveres. Se pois com tam varias feiçoens passa a figura deste mundo; se deste mũdo material a figura desaparece a cada momento, que passa; como deste mundo moral, cuja fórma passa mais depressa, vos naõ passa da imaginaçaõ, o que como imaginaçaõ se passa, o que como sonho se goza, & o que como comedia dura?

Quanto á fórma deste mundo moral, vejase a perpetua variedade de figuras: considerese quanto durou nas Respublicas huma fórma de regimento, quãto persistio nas familias hũ modo de governo, quanto permaneceo nas pessoas hũa maneira de costumes, & quanto durou nos trajes hũa fórma de vestir; verá, que desde a origem do mundo foy em todas tanta a variedade, quanta no espelho das historias o mostra o discurso do tempo, & como aos olhos da experiencia o inculca o desengano: verá, que tudo se mudou, pouco, de bem, & melhor, & quasi tudo de mal em peyor, & de peyor, em pessimo. As mais das familias podendo caber nas suas casas, as quizerão fazer Palacios; as mais das Respublicas podẽdolhes bastar o seu regimẽto, se quizerão fazer Monarquias: quizeraõ as pessoas mais fortuna, & deitáraõse a rodar; quizeraõ as pessoas mais casa, & expuzerãose a cahir; quizerão as Republicas mais imperio, & deitáraõse a perder: deitáraõse à perder as Respublicas, porque o imperio não sofre companheiros; expuzerãose a cahir as familias, porque os Palacios tem muitos altos, & baixos; deitàrãose à rodar as pessoas, porque na roda da fortuna ha muitas viravoltas: & como em cada hũa destas se póde virar a fortuna; como em cada hum dos altos, & baixos se póde cahir do Palacio; como em cada hum dos imperios se perde a fórma das Respublicas, mudado o governo, a Republica se perde, cahindo do Palacio, a familia descahe, virandose a fortuna, a pessoa se vira. Donde se deixa ver, que nem a Republica he o que parece, nem a familia, o que se cuida, nem a pessoa o que representa: porque hum virado, outra figura faz; hum cahido, diversa fórma tem; & hum perdido, outro parecer toma.

Eis-aqui como tudo he mẽtira, pois vẽdose não se olha; eis-aqui como tudo he engano, pois se ama, & não se sabe; eis-aqui co-

mo tudo he vaidade, pois se busca, & não se conhece: & por isso toda vestida de tramoyas sahe a figura deste mundo a representar de passagem seu papel: a cavilaçaõ a acompanha, a ostentaçaõ a serve, a arrogancia a busca, a cegueira a olha, a lisonja a gaba, a ignorancia a corteja: vendose assistida deste cortejo, diz quanto sonha, córa quãto diz, & finge quanto quer, sabendo, que ha de sustentarlhe tudo a valentia, que por ella se mata, o desatino, q̃ por ella se morre, & ainda aquella razaõ de estado, que por ella endoudece. Faz em fim a sua comedia com mayor fausto de represen-taçoens, que de realidades: deitalhe a vangloria a loa, dalhe musica a sensualidade, toçalhe a fama as charamelas, fazlhe a liviandade os bailes, a fortuna os entremezes, & a malicia os enredos: servelhe o engano de galante, o entendimento de bobo, de ayas as adulaçoens, & fazem os demais papeis todos os vicios, & torpezas, que encerra a maquina enganosa da cega perdiçaõ do mundo: & por isso aos mais dos homens mete em cabeça, que não ha mais nada, que a grandeza de seus estados, & fortunas, de seus deleytes, & vaidades: & tudo bem considerado, he lume de palhas, barcos de papel, castellos de vento, que o ar, que os fez, os desvanece, que a agua, em q̃ andão, os trespassa, & a luz, que cevam, as consome: sendo tudo hum descuido d'alma, para ser cuidado da vista. Mas que ha de ser, senão isto? Se aquelle parecer ayroso da mentira, que nos arrasta pelos olhos a liberdade; tem hum caráõ tão fino, huma feição tão boa, hum geito tão amavel, hum imperio tão doce, huma força tão suave, que perdida a mesma razão pelo seu engano, não só nolo mete em cabeça, mas em cima disto quer, que para o metermos n'alma lhe façamos o passadiço pelo meyo do coração.

O' mortaes, que outra cousa he o mundo, senão hũa pintura de Paizes, que o melhor, que tem, são os longes? Estar muito longe delle, he a melhor cousa do mũdo: porèm vós o vedes tão mal, que vos namorais do peyor, pois lhe gabais os pertos; pondes-vos perto delle, & deitais-vos a longe, porque vos pondes longe de Deos: deixais a substãcia, & buscais a figura, sendo tão fraca figura, que a derruba qualquer sombra: & como andais tão apartados daquella immensa fermosura, de quem he sombra o Ceo, & a terra, parecevos que não ha mais que ver, nem mais que desejar: oh se tivereis olhos para ver isto, como os tendes para cegar por isso, que depressa enxergareis, que

que não a figura deste mundo he tudo mentira, engano, & vaidade; mas que tambem vòs mesmos, que sois mundos pequenos, sois semelhantes a elle! E para que vejais isto claramente, entrará a vossa figura a fazer tambem o seu papel; que a do mundo passa, & dá lugar para isso: *Præterit figura hujus mundi.*

---

## TOQUE XIX.

*Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miserijs: qui quasi flos egreditur, & conteritur, & fugit velut umbra, & nunquam in eodem statu permanet.* Job 14. 1.

## CLAMOR XIX.

Tratase da multidão de miserias, que fazem a natureza humana vilissima.

O Homem nascido da fragilidade (dizia o Santo Job) vivendo breve tempo, se enche de muitas miserias: como flor nasce, & como flor se murcha: como sombra apparece, & desaparece como sombra: quer sempre ser o mesmo, & nunca permanece em hum mesmo estado: gerase em podridão, nasce em peccado, vive em miseria, morre em angustia; desde o começar ao nascer, desde o nascer ao acabar, tudo saõ miserias na vida, tudo mudanças no homem: tudo são miserias na vida; porque o ventre he trevas, o berço, pranto, a meninice, ignorancia, a mocidade, cegueira, & engano, a adolescencia, vicio, a madura idade, ambiçaõ, & a velhice, enfermidade: tudo saõ mudanças no homem, porq̃ hoje moço, á manhãa velho, agora triste, & depois alegre, hũ tempo saõ, outro doente, hum dia irado, outro sofrido, já ditoso, já disgraçado, ora peccador, ora arrependido, nunca pára no mesmo estado; cousa de tantas mudanças, figura de tantas fórmas, todo o mundo a não tem: & sobre tudo isto, se empregou mal o tempo da vida, tem morte para cada hora, juizo final para logo, mundo para nunca mais, & inferno para todo sempre.

He gerado o homem em podridaõ; para que desde as mantilhas, em que o envolve o ventre, aprenda a sèr hum desprezo de sy mesmo, hum desengano dos outros, & hum dissabor de tudo o que estima a vãa profanidade; porque se o melhor extremo da vida he hum asco da consideraçaõ, & hũ nojo da natureza; que será aquelle extremo ultimo desta vivente corrupçaõ, que se resolve em cinzas mortas, em mortaes fedores, & em gusanos vivos? Se

pois assim começaõ os de melhór geraçaõ: se o Grande, o Principe, o Monarca não tem melhores principios, que estes; & estes saõ a materia, & fundamento de todo o ser humano; quem he taõ nescio no mundo, que faça caso de hũa vida, cujos principios saõ desenganos de conservarse, pois sam começos de corromperse? & ainda mais, pois saõ hũa corrupçaõ cõsummada? A vida dos racionaes havia de ser como a flor: a flor em quãto vive donde nasce, parece q̃ não tira o sentido do seu principio; se para o ar mostra a caduca pompa da sua fragilidade verde, entre todas as presunçoens de sua gentileza vãa não larga a aprehensaõ do seu nascimento, & nisso consiste toda a sua conservação; porque quem a aparta da terra donde està enterrada, està taõ longe de lhe fazer beneficio, que antes lhe diminue a duração, desdouralhe a gentileza, & tira lhe totalmẽte a vida. Oh se os homens não tiráraõ os olhos da origem de seu nascimento, que facilmente, com a graça de Deos, florecèrão em santidade! mas como cortão as raizes da humildade com o cutello da soberba, he força, que toda a flor da virtude não só se murche, se desdoure, & não dure, mas que totalmente pereça.

Nasce em peccado o homem; para que vendose escravo da culpa, abata a roda vãa da quella soberba, que lhe fingio jurisdiçaõ sobre as outras creaturas; & saiba, que nasce cativo, & sugeito a hũa cousa tão vil, como he o peccado, que não he creatura de Deos, senão feitura dos homens; & daqui se levantem a considerar os mayores homens do mundo, que para ter dominio justo sobre os outros, devem entregarse primeiro ao senhorio, & imperio da razaõ; & resgatarse pela graça de todas as outras escravidoens, em que os meteo o vicio, depois que o uso da razão, devendo amanhecerlhes com a luz do Ceo, se quiz ficar ás escuras com a sombra da terra.

Vive em miseria o homem, porque nada tem no discurso da vida, por mais feliz, que seja, senão huma continua miseria, ou hũa necessidade continua: o que se julga bizarria, o que parece deleyte, & o que se estima por felicidade, saõ tudo grandes miserias da vida, & grãdes necessidades do homem. Para sustentar a vida he necessario ao homem comer, beber, vestir, calçar, dormir, & negocear; temse por regalo o comer, por bizarria o vestir, por deleyte o dormir, & por felicidade o negocear; & todas estas cousas saõ necessidades da vida, q̃ não póde passar sem isto; & saõ mi-

ſerias tambem, porque miſeravel he, quem tem tantas neceſſidades: & a mayor miſeria he ſobre todas, que chegue a ignorancia humana a ter por felicidades eſtas meſmas miſerias; pois ſe não tem por ditoſo no mundo, mais que aquelles homens, que tem bem que comer, que ſabem veſtir bem, & que podem mais dormir, & ſabem mais negocear: ſaõ todos eſtes bens miſerias, & neceſſidades, pois vemos que a natureza faminta, ſequioſa, núa, affligida, & trabalhada pede ao homem, como por eſmola, o ſuſtento, o veſtido, o ſono, & a providencia, com que ſe tem cuidado della: & eſta he a cauſa, porque os Santos, & contemplativos tomavão com pena o que lhe era neceſſario, & deſejavaõ ſuſtentarſe de Deos, veſtirſe de Chriſto, ſonhar com Deos, & negocear ſó cõ Chriſto crucificado, para cuja gloria naſcemos; tendo por vil emprego, & exercicio miſeravel o mayor regalo, com que ſe come, & bebe; por vaidade indigna de homem a pompa, com que ſe veſte, & calça; & por tempo perdido o que ſe dorme, & negocea no mundo: & com grande razão; porque o comer foy occaſiaõ do peccado, o veſtir foy inſignia da penitencia, o dormir he figura da morte, & o negocear foy caſtigo da culpa: & não pòde haver mayor miſeria, que chegar o eſquecimento, & vaidade humana a fazer negocio do caſtigo da culpa, deleyte, da figura da morte, oſtentação, & gala, do ſambenito da culpa, regalo, & goſto, da occaſião do peccado. Devia o comer, & o beber ſer ſómente para o ſuſtento, & não para o regalo; devia ſer o veſtir, & o calçar para cubrirnos, & não para enfeitarnos; devia ſer o dormir para o deſcanſo, & não para o deleyte; & o negocear devia ſer para o neceſſario, & naõ para o ſuperfluo: devia ſer menos o negocear, porque ſe he mais do que baſta parà paſſar a vida, paſſa a ſer ambiçaõ, & naõ providencia: devia ſer menos o dormir, porque ſendo demaſiado, he vicio, & não neceſſidade: devia ſer outro o veſtir, porque ſendo como ſe uſa he vaidade, & não modeſtia: devia ſer menos o comer, & beber, porque ſendo mais do neceſſario, he gula, & não temperança: ſe o comer he muito, & exquiſito, não ſó he eſtrago das virtudes, mas tambem da vida; ſe o veſtir he vaõ; naõ ſó he queixa do coſtume, mas da natureza; ſe o dormir he demaſiado, não ſó he nocivo á ſalvaçaõ, mas á ſaude; ſe o negocear he ſuperfluo, naõ ſó he arriſcado para a conciencia, mas para a peſſoa: eis-aqui como tudo he miſeria, & digno de laſtima, & neſta miſeria

steria vive o homem ainda assim, taõ esquecido da eterna vida, como se vivèra já bemaventurado: certo, que he miseravel espectaculo para a vista da razaõ, vèr que o homem criado para o fim sobrenatural da gloria, ande arrastando o ventre pela terra, sendolhe necessario parecerse com os brutos no alimento da natureza; nascer mais nú, & pobre q̃ os brutos, a quem a natureza naturalmente naõ só vestio, mas armou; parecerse no sono com a morte, & no negocear, ou com aquellas aves de rapina, ou com aquelles animaes agrestes, que cruelmente apartados da sociedade da razaõ vivem da destruiçaõ de outros; porèm a mayor miseria de todas, he chegar a tal estado a ignorancia humana, & o esquecimento, que destas mesmas miserias, em que parecemos menos ditosos de quem teve mayor cuidado a providencia, fação os homens a sua mayor, & ultima felicidade.

Alèm disto, todos os bens, que pódem haverse nesta miseravel vida, ou saõ da graça, ou da natureza, ou da fortuna: os da fortuna saõ a honra, a ventura, as riquezas, & as dignidades: os da natureza saõ o entendimento, a valentia, a saude, & a gentileza: os da graça saõ Fé, Esperança, & Amor de Deos, & do proximo: se considerarmos os bens da fortuna, veremos, que todos elles tem a miseria de depender da vontade, ou juizo de outrem; se repararmos nos bens da natureza, veremos, que tem a miseria de perigar em sy proprios; se contemplarmos nos bens da graça, veremos, que tem a necessidade, de que Deos nos conserve nelles: de que se segue, que os bens da natureza, & fortuna saõ hũa pura miseria, mas com hũa grande dita, que he valerem pouco mais de nada, & fazerse muito caso delles; & os bens da graça saõ só verdadeiros bens, mas com huma grande disgraça, que quem os póde ter, não quer, quem os quer, presume que não póde, & quem presume que os tem, ás vezes se engana: por isso tambem nas incertezas dos bens da graça, se se gozam sem humildade, se padece a mayor de todas as miserias; porque cahir dos bens da fortuna, miseria he para o mundo, mas ás vezes he caminho para o Ceo: descahir dos bens da natureza, miseria he para a vida, mas quasi sempre he meyo para a salvaçaõ; porèm perder os bẽs da graça he a mayor de todas as miserias, que póde padecer o homem, pois de amigo de Deos se torna seu inimigo: de filho de bençaõ, filho da maldiçaõ: de Anjo por graça, demonio pela culpa: & de herdeiro da gloria, condenado ao inferno.

De

De mais disto, todos os males, que póde haver no mundo, ou saõ tambem da culpa, ou da fortuna, ou da natureza; & todos estes juntos póde padecer hum só homem, & cada qual os póde ter; porque aos da natureza estamos sugeitos por natureza, aos da fortuna, por disgraça, aos da culpa, por nossa culpa, & por nossa vontade: os males da natureza saõ tribulaçoens do animo, fomes, sedes, calmas, frios, desabrigos, & enfermidades; os da fortuna, saõ voltas de Estrellas, quedas da ventura, desdouros do credito, riscos da pessoa, desprezos do mundo, & pobrezas da vida; os da culpa saõ quaesquer peccados, & naõ quaesquer castigos, ou eternos, ou temporaes; pois naõ tem a culpa outro bem, que ter castigo, ou neste mundo, ou no outro. Eis-aqui as miserias, a que estão sugeitos os homens; & tudo isto pôdem padecer os mayores homens do mundo, naõ só nas declinaçoens da morte, mas ainda nos estados da vida, & nos aumentos da fortuna: taes saõ as miserias do homem, q̃ parece hum só homem, hum mundo inteiro de miserias.

Finalmente morre o homem em angustia, porque o cercaõ de toda a parte na hora da morte todas as miserias, que teve, todos os peccados, q̃ fez, todos os males q̃ teme, & todas as cousas que vè: a vida o deixa despedindo-se em hum suspiro, a morte o assalta a cada respiraçaõ tocandolhe a degollar, o Ceo o atemoriza negandolhe a luz do dia, o ar o afoga tomandolhe a respiraçaõ, a terra o quer comer abrindolhe a sepultura, o inferno o quer tragar metẽdo o nas entranhas; & sobretudo isto, Deos irado, & não misericordioso, & o demonio accusador, não amigo, os Anjos testimunhas, mais q̃ advogados, os Santos expectadores, mais que padrinhos, fazem huma dissonãcia triste, que he outro genero de morte mais temeroso, & mais horrendo. Morre em fim miseravelmente o homem, & se dalli não foy condenado para os carceres do abismo, ainda tem castigo no Purgatorio; se foy cõdenado, nenhum remedio tem, vai padecer para sempre fogo perduravel, penas eternas, confusaõ infinita, & eternidades escuras de pranto, tormento, & desesperação: mas que muito he, q́ assim succeda, se cada hum dos homens do mundo parece hum mundo de maldades?

Compoemse o mũdo de quatro elementos, que saõ ar, fogo, agua, & terra; & estes de quatro qualidades, seco, quente, frio, & humido; de que tambem se compoem o homem nos quatro humores, de que cõsta a sua porçaõ inferior: corres-

ponde

ponde a colera ao fogo no quente, & seco; accõmodase o ar ao sangue no quente, & humido; reduz-se a agua á fleima no humido, & frio; conformase com a terra a melancolia no frio, & humido; porèm com huma differença, que não contentes os homens com imitar estes mixtos na naturèza para sua conservaçaõ, querem moralmente multiplicarlhe as entidades para sua ruina: porque no fogo da concupiscencia tem o ardente da ira, & o seco da obstinaçaõ; no ar de suas vaidades tem o calido da sensualidade, & o humido da lascivia; no mar de suas ambiçoens tem tãbem o humido da gula, & o frio do amor do proximo; na terra de sua malicia tem o seco da sua avareza, & o frio no amor de Deos: de que procede, que inflãmandoselhes a colera em rayos, & coriscos de ira, & em cometas de obstinação; apodrecendolhes o sangue em calor de ensualidades, & em chuveiros de lascivias; gastando a fleima o bom humor em tempestades de gula, & em friezas de proximidade; cerrandoselhes a melancolia em esterilidades de avarezas, & em sequidoens de amor de Deos, o fogo os vem a consumir com securas de coraçam, o ar lhes quer beber o sangue com cerraçoens de espirito, o mar se altera contra elles em tormentas do corpo, & a terra lhe foge dos pès com terremotos d'alma: já se o sangue só lhes fervèra na primavera da vida; se a colera se lhes acendèra no estio da mocidade; se dominára só a fleima no outono da madura idade; & se reynára a melancolia só no inverno da velhice; disseramos, que neste mundo breve se dava ao tempo, o que he do tẽpo; mas confundir os annos verdes com a idade madura, misturar os usos de moço com os tempos de velho, o frio com o quente, o seco com o humido, que ha de causar, & produzir, senão hũa prenhèz de monstruosidades, hum embrião de quimeras, hum aborto de perversidades, & hum aborto de abominaçoens? Querendo cada hum ter em sy mesmo tudo, quanto tem o mundo, quando não póde ter o proprio, quer ter as propriedades: não ha soberba nos montes, altiveza nas nuvens, presteza nos rayos, profundidade nos pègos, correnteza nos rios, murmuraçaõ nos regatos, de que se não vistão seus animos cavilosos: menos folhas tem as arvores, menos variedade as flores, menos dureza as pedras, menos ruido os ventos, menos braveza as ondas, que a vaidade, & presunçaõ de cada qual dos homens: poucos foraõ em fim os numeros, & os effeitos das creaturas, se ouveramos de nu-

numerar os vicios da miseravel vida humana; por isso naõ ha mal na terra, reboliço no mar, batalha nos ventos, & desconserto no fogo, que não seja castigo, ou retrato breve, ainda que natural, da guerra viva, em que anda o homem dentro de sy mesmo.

O' mortaes, quereis saber isto melhor? olhai para vòs, & para o mundo, & vereis que de mũdos de homens, que multidoens destes mundos se tem ido para os infernos, por não cuidar mais que no mundo? Tratais de vós, & não de Deos, como se o não ouvera? Tratais da vida, & não da morte, como se nunca se vira? Tratais do gosto, & não da salvaçaõ, como se não importára? Pois em que póde isto parar, senaõ, em que vendo Deos confundida a ordem natural das cousas, & toda a carne corrompida, não só mande sobre cada hum destes mundos hum diluvio de agua, que vos apague na morte tantas sensuaes labaredas; mas hum diluvio de fogo, que nesta miseravel tragedia vos converta em pó, & cinza, & vos sepulte nos infernos? & entaõ conhecereis, que o homẽ he huma fraca figura, filho da fragilidade, compendio da brevidade, cifra de muitas miserias, symbolo da inconstancia, & negaçam da permanencia: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miserijs: qui quasi, &c.*

---

## TOQUE XX.

*Homo, cùm in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.* Psalm. 48. 13.

## CLAMOR XX.

Mostrase, que cousa saõ as honras do mundo, & quanto caso se ha de fazer dellas.

A Honra, que entre os homens tem o primeiro lugar, & o mayor imperio na sua estimaçaõ, não sei, que traz comsigo, que nos deita a perder o entendimento. Tanto que o homem se vio com honra (diz David) perdeo o entendimento, & tornouse bruto: perdeo o entendimento, porque não entendeo, que cousa era honra, nem soube distinguir as honras da virtude, das honras da vaidade: o que os mundanos chamão hõra, chamão os espirituaes vaidade: trabalhão os mundanos por esta vaidade, naõ só consumindo a fazenda, mas arriscando a vida, perdendo a quietaçaõ, destruindo a paz, inquietando terras, atravessando mares, & sobre tudo desprezando a salvaçaõ.

As virtudes, ou saõ moraes, ou sobrenaturaes; as vaidades sempre saõ mundanas, & peccaminosas: as virtudes sobrenaturaes saõ verdadeiras honras, porque nos fazem ser filhos de Deos por graça, que he a honra, com que nos coroa Deos na gloria. As virtudes moraes, tambem saõ honra de quem as tem, porque Deos favoreceo sempre as virtudes moraes, atè em aquelles, a quem faltou a Fè, como se vio no Imperio Romano. As vaidades não pódem ser honras mais que de outras vaidades; como huns erros de outros erros, que saõ menores; & como huns idolos, de outros idolos, que tenhão preferencia quanto ao nome, & ao lugar, que lhes dava a gentilidade: & como não ha vaidade, que não seja offensa de Deos, fazer honras às offensas de Deos, he adorar as offensas, & não fazer caso de Deos. Porèm como nesta vida se honraõ as vaidades, & se honraõ as virtudes, & nisto se comprehende tudo; bem se segue, que todas as honras, que ha nesta vida, ou saõ honras da virtude, ou da vaidade.

As honras da virtude saõ como as miserias, que então saõ mayores, quando se fazem mais baixas: saõ como as nuvens, que descem ao mar, abatemse, & fazemse muito pequeninas, & alli donde mais se abatèraõ, começaõ a crecer tanto, & a subir de maneira, que depois de encher a terra de beneficios, enchem o Ceo de grandeza. As honras da vaidade saõ como figuras de maquina, que tanto se fazem mais pequenas, quanto se poem mais altas: saõ da natureza das nuvens, que correm pelo ar, que ainda que pareção grande cousa, dalhes o ar, levа-as o vento, & meté-as debaixo da terra. Sede mortaes, quaõ honrados quizeres; pondevos na mayor altura, que vos podem dar essas honras vans, que então menos haveis de parecer aos olhos de Deos, & mais tereis para cahir: *Alta á longe cognoscit*; & por fim de contas ainda que cubrais o Ceo, & enchais a região dos ares com vossas grandezas vans, & fantasticas pompas, darvosha o vento da morte, & não só vos meterá debaixo dos orizôtes da terra, mas dentro da sepultura: olhai para aquelles homens justos, q̃ andáraõ toda a sua vida desestimando as honras do mundo, metendo debaixo dos pès as suas vaidades; mais ambiciosos do desprezo, q̃ vòs das honras; & vereis as que o Ceo, & a terra lhes deu por isso, atè quando, metendo-os a morte debaixo da terra, os reduzio a poucas cinzas: & a razão disto he; que as honras da virtude, quando levantaõ o seu edi-

Psalm. 137.6.

edificio, poem o fundamento na humildade, de quem Christo foy Mestre; as honras da vaidade fazem seu alicerce na soberba, de quem Lucifer foy o architecto: fundase a soberba no ar, & por isso cahe; fundase a humildade na terra, & por isso se assegura: esta metendose por baixo da terra se livra, de que o vẽto lhe faça mal; aquella levãtandose sobre as nuvens, por ser fabrica ás avessas, he ruina ás direitas: desce a virtude pela humildade, & esta he a escada perque sobe; a vaidade pela soberba, & este he o precipicio perque cahe.

Desceo o Senhor do Ceo, quãdo encarnou nas entranhas da Virgem Santissima, como canta a Igreja: *Descendit de Cælis*; & isto mesmo (segundo entendem os Santos Padres) disse Isaías, que era subir o Senhor sobre as nuvens. Christo, quando desceo, humilhouse, como diz Saõ Paulo, & por isso subio: nisto nos quiz ensinar a humildade, & o desprezo das honras do mundo. Naõ assim Lucifer, a quem Isaías admirado exclamava dizendo: Como cahiste Lucifer, que foste Estrella da manhãa? E a causa da queda foy, porque Lucifer quiz soberbamente subir, & pôr os pès sobre as Estrellas, por-se com Deos em pontos de honra, & hombro a hombro com o Altissimo; de que se seguio, que como rayo, ou corisco disparado das nuvens desceo ao centro dos infernos, donde he feyo assombro das trevas aquelle mesmo, que tinha sido pouco antes a mayor belleza das luzes: sonhouse em grandes alturas, foyselhe o lume dos olhos, & esvaeceo se lhe a vista d'alma, que he o entendimento, & isto que já era vágado da sua vaidade, pois o desvanecia, quiz que fossem fumos da sua vangloria, pois o endeosavão: perdeo em fim a honra, & feito semelhante aos brutos, se antes se deleytava em nectares, depois se alimentava de immundicias.

Isai. 19.1.

Ad Philip. 2.8

Isai. 14.13.

Thren. 4.5.

Assim cahio Lucifer do Ceo, assim Adaõ do Paraiso: este por querer ser Deos na terra, aquelle por querer ser semelhante a Deos; & em fim, por querer hũ, & outro as honras da divindade. Tanto desde o principio do mũdo foy a sua perdiçaõ o desejo da honra, que logo, que elle começou, se começou a perder por isso; mas como os homens amigos da honra vãa, & profana perdem o entendimento por ganhar honra, não entendem o perigo do seu engano, não vem a perdiçaõ do seu desejo, nem ouvem os brados, que lhes dá a razão, & desengano desde o berço do mundo: dizlhe a razaõ, que olhem como Lucifer parou em demonio, & Adão em vil trabalhador, & homem de ganhar

Genes. 3.18.

miseravel, & que em fim, não bastando isto, comeo as ervas do campo, como qualquer bruto da terra; mas não fazendo caso disto os homens imitão a vaidade, & a ignorancia, com que hum, & outro se pertendèrão endeosar, & nenhum olha para o fim, que isto veyo a ter, todos olhão o brio do atrevimento, & a resoluçaõ da ignorancia: o successo poucos, raros o castigo, & a culpa nenhuns: todos se casaõ com esta culpa, porque tem para sy, que não póde haver no mundo cousa mais fidalga, pois tão estirada qualidade, que procede do primeiro homem do mundo; tão authorizado exemplo, que se achou em hum Serafim; solar tão conhecido, como as montanhas do Paraiso; & brazoens não menos antigos, que as Estrellas do Ceo: & daqui nasce, que como os homens por amor da honra perdem o amor de Deos, perdem o juizo, & fazemse brutos; porque assim como os brutos não olhaõ mais que para a terra, elles não poem os olhos em outra cousa: o Ceo esquece, Deos não lembra, & o mũdo só anda nas pèlas, & nas palmas da vaidade, & nos olhos da estimaçaõ. Fazemse tambem brutos; porque assim como quem os busca he só para os carregar, & servirse delles: assim tambem quem busca os homens de grandes cargos, & grandes honras, he para carregalos, servirse delles: carrega o peão o nobre, quãdo lhe encarrega algũa cousa, o nobre carrega ao fidalgo, o fidalgo ao ministro, & o ministro ao Rey; & tanto são mayores as cargas, quanto saõ os cargos mayores, porque saõ mais os q̃ carregão, & mais o q̃ se encarrega; & tudo isto parece de rosas aos que pela honra se fazem brutos, não dormindo noyte, nem dia, não aquietando hora, nem ponto por dar boa conta de sy, tal vez, no que he menos serviço de Deos, & mais ostentaçaõ da vaidade, dourandose tudo com aquella vangloria de ser grande pessoa, homem para muito, & merecedor de que o honrem todos.

Homens nescios, não vedes quam pouca cousa saõ as honras, que vos faz o mundo? Se dependeis de qualquer homẽ para q̃ vos estime, de qualquer juizo para que vos louve, de qualquer conveniencia para que vos adule, adonde está essa honra, que haveis de ter na virtude, & não na vaidade? Se vireis bem como o mundo vos trata, conhecereis, que hum vos bendiz, & outro vos praguejа; que se aqui vos deitão bençaõs, alli vos amaldiçoaõ. E conhecereis finalmente, que todo esse vosso credito desvanecido, he hum feitio da conveniencia, que vos ha mister, hũa traça da necessidade, que vos faz trabalhar, & huma

cor, com que vos enfeita à servidão quem de vós se quer servir: virai as guardas a essa razão de estado, donde nunca ouve estado da razaõ, & sabereis facilmente, que esse vosso engano tão estimado, não he mais, que hũa viraçaõ suave, que corre da vangloria pára a ignorancia; & hũa aura popular, que entra pela ignorancia para o desatino, & se sahe, he só do conhecimento para o desengano.

Saõ as honras da vaidade huma bençaõ do tempo, que se vai voando; huns tresvalios da fama, q̃ anda douda pelo mũdo; hũas maravilhas do engano, que nos teve por outros; hũs abraços da ventura, q̃ nos levanta os pès do chão; hũa cortesia dos fados, que nos fizeraõ merce; & huma graça das Estrellas, que para nós se virão: & nem se deve estimar hũa benção, que não he de Deos; nem huns gabos da fama, que falla por cem bocas; nem hũas maravilhas do engano, que naõ saõ as mayores do mundo; nem huns abraços da ventura, que nos pòde dar cambapè; nem hũa cortesia dos fados, porque tem dous rostos; nem huma graça das Estrellas, porque estaõ zombando. Rimse para nòs as Estrellas, pará se rirem de nós; fazem-nos cortesia os fados; para nos rasgarem a cortesia; levantanos a ventura do chão, para dar comnosco em terra; mostrasenos o engano maravilhado, para que façamos por elle maravilhas; endeudece a fama por nòs, para que sejamos doudos por ella; abençoanos em fim o tempo, para que a eternidade nos deite a maldiçaõ. Se pois todas as honras, que gozais, tão longe estão de serem vossas, que ou saõ fruta do tempo, ou grito da fama, ou visagens do engano, ou invençaõ dos fados, ou geito da ventura, ou força das Estrellas; que caso se póde fazer de hum tempo, que não he proprio, ainda que parcça correyo? de hũa fama, que he, aqui d' El-Rey, ainda que parcça, victor? de hum engano, que sempre he parvo, ainda que calle de pasmado? de hũa ventura, que faz assintes, ainda que vos diga amores? de huns fados, que tem avesso, ainda que vos dem direito? & de humas Estrellas, que hão de cahir, tanto que ouver juizo? Mas, oh miseria! que vendo os homens cada dia como as Estrellas erraõ, como os fados viraõ, como os tempos se mudaõ, como as venturas rodaõ, como a fama se vai, & como os enganos vem, ainda assim façaõ caso de honra de não perder por nenhum caso no engano, huns pontos, que saõ mentira; na fama, huns estrondos, que lhes quebrão a cabeça; nas venturas, hum abraço, que parece des-

pedida; nos tempos, hum bom dia, que logo os deixa ás boas noytes; nos fados, hũ favor, que se lhes torna em máos pezares; nas Estrellas, hum aspecto, que logo lhes faz mào rosto: & tendo em Deos hum Sol da graça, que os allumia; huma providencia amorosa, que os governa; hũa eternidade aprazivel, que se lhes offerece, hũa felicidade sem duvidas, que se lhes promete, hũa gloria sem estrondos, que se lhes assegurá, & huma verdade sem embuços, q̃ os desengana, nem a verdade presta na sua estimaçam, nem a gloria val nada, nem a felicidade luz, nem a eternidade importa, nem a providencia he cousa, nem o Sol he figura, nem o mesmo Deos he pessoa, de que se obrigue, & se affeiçoe esta ancia da vangloria humana!

Mortaes, reparai bem em vós, & vereis, que vos tornais brutos em vos vendo em honras do mundo: deixais de comer pão de Anjos, & fazeis extremos por alimento de brutos? Por ganhar honra pondes a risco a vida, que Deos vos deu para ganhardes o Ceo? Não tratais de ganhar o Ceo com ella, tratais de não perder a occasião da honra, donde o mais certo he perderdes a vida, & juntamente a alma? Se a alma for para os infernos, de que vos aproveitaõ as honras do mundo, o credito do nome, & as posteridades da fama? Se a alma for para o Ceo, que perdestes de vossa honra, se ainda que no mũdo a enxovalhasseis por naõ fazer caso della, Deos vos honrará mais nos Ceos, & na terra?

Vede, ó mortaes, que se levantão com o aplauso, & vos ganhão a verdadeira honra aquelles homẽs, q̃ na vossa opinião saõ mais vìs, despreziveis, & miseraveis. Desfizeráose em pó, & cinza os muros, torres, & piramides, q̃ foráo maravilhas do mundo: cahíraõ os Collossos de Rhodas, as Estatuas dos Cesares, dos Pompeos, & dos Alexandres; & a estes mesmos que estimava o mundo, estima hoje a vaidade por oraculos da vãgloria, por exemplares da grandeza, da fama, da honra, & da fortuna; cahindo a morte sobre elles, lhes fez deixar quãto tiverão: lançãdolhes as almas no inferno, lhes fez levar sómente o castigo de suas nescias vaidades, sepultando-os eternamente em huma vida, que sempre morre, em hũa morte, que sempre dura; os deixou finalmente em aquellas chamas escuras, donde por todas as idades eternas gemeráõ sem alivio, arderáõ sem remedio, & penaráõ sem intervallo. Ao contrario disto vemos, que se levantáram do pó da terra, & da beira do mar hũs pobres pescadores, & huns homens desprezíveis, & puzéraõ os pès

sobre

ſobrẽ o mundo metendoſelhes debaixo dos pès; dando de maõ a todos os ſeus bẽs poſtiços, tomáraõ os Ceos ás mãos; & ſubindo ao celeſte Reyno, póſtos nos tronos da gloria, ſaõ Principes da eternidade, & hũa meſma couſa com Christo: na terra honrados com imagens, templos, & memorias; & no Ceo com honras, & imperios de duraçam eterna.

O' mortaes, a todos iguala o pó, & cinza; em chegando o processo da vida a final, quem tem feito melhores autos, esse he o melhor deſpachado. Dai pois a gloria a Deos; dailhe a honra, & o louvor, q̃ ſó a elle ſe lhe deve. Zõbai dessas honras vans; buſcai as honras da virtude tanto mais, quanto mais honrados vos fez Deos por naſcimento, as Eſtrellas por ſorte, & a fama por louvor: nada vos tira iſto, do que podeis querer. Se vos diſtinguio o Ceo pelo naſcimento, ou pela fortuna; vede, que vos não diſtinguio pela natureza. Se quereis ſer ſabios, diſcretos, & entendidos, amai ás verdadeiras honras, que não podem acabarſe; porque quem ama as caduças do mundo, he ignorante parecido aos brutos irracionaes; & ſemelhantes a elles.

 DES-

# DESPERTADOR CELESTIAL D' ALMA ADORMECIDA NA CULPA SOBRE AS PALAVRAS DO APOSTOLO AD ROMAN. 13. 11.

*Hora est jam nos de somno surgere.*

# TRATADO III.

ESTAS palavras de Saõ Paulo saõ hum despertador divino do descuido, & esquecimento humano; para que aos justos sirva de alento, aos penitentes de estimulo, aos peccadores de acordo, & a todos de memorial para o desengano avivar o animo. Querem dizer: O' tu peccador, que dormes a sono solto no descuido, & esquecimento de Deos, no engano, & vaidade de tua vida, no letargo, & desacordo de tua culpa, que fazes alma miseravel, que nao acordas? Em que te occupas peccador, que ainda não despertas? Como vives alma cega, que ainda te não levantas? Que fazes creatura ingrata a Deos, que ainda te não excitas? Como vives taõ esquecida do soberano fim para que foste creada? do ultimo, & summo bem, para que foste redemida? Acorda que já he tempo; desperta, que já he hora: já he hora de acordar do sono de nossa culpa; já he tempo de levantar da cama do nosso vicio: tẽpo he já de aproveitar do juizo; hora he já de entrar a razaõ em seu acordo: abre os olhos peccador, & poem-os nesta lamina do teu remedio, nesta luz, que te dá o Ceo para o teu perigo: Deos pendente de hũa Cruz por amor de ti, & tu com teus peccados pondo a Christo em huma Cruz! Haja alguma hora para o arrependimento, não se entregue toda a vida ao descuido, & todo o tempo ao engano, pois

não

não sabemos se teremos outra hora para o que mais nos importa, havendo desperdiçado tantas no que nos arruina; & póde ser castigo das muitas, que gastamos na culpa, não ter a que nos he necessaria para fazer penitencia: a esta nos excita a trombeta do Ceo, nos chama a voz divina, & nos convida a misericordia de Deos.

He a vida do peccador semelhante ao sono; & o peccar parecese com o dormir, por muitas razoens: a primeira he, porque quem dorme, está como fóra de sy, fóra de seu sentido, sem razaõ, sem entendimento, & fóra de seu acordo: assim quem pecca, fóra de sy anda; vive como se não tivera razão, nem juizo, nem entendimento; anda como homem, que está sem acordo algum; & anda fóra de seu sentido. Do prodigo, figura do peccador, diz a Escritura, que quando se começou a arrepender, que entrou em sy: quem entrou em sy, parece, que fóra de sy estava, & quem está fóra de sy, fóra de seu acordo está, & fóra de seu sentido; & tudo isto lhe fez o peccado da luxuria, em que se empregára: por isso, o mesmo he peccar, que andar fóra de seu juizo, sem entendimento, & como fóra de sy; & o mesmo he tomar acordo de emendarse, & fazer proposito de levantarse, que ser

Hug. C. hic.

Luc. 15. 17.

já homem a proposito, homem que está em seu acordo, & que tornou a seu sentido.

Tão fóra de seu sentido andão os peccadores, em quanto estão em peccado, taõ sem juizo vivem, tam sem razão se desempenhão, que aquelles desatinos, que havião de aborrecer, o desacordo do seu peccado lhos faz amar. De Salamão, que foy o mayor entendimento, que ouve em puro homem do mundo, conta a Escritura hum tão grande desatino, como foy amar os idolos, nos quaes se dava culto, & adorava o demonio, sendo que conhecia a Deos melhor que todos os do seu tempo; & finalmente seguio hum tão grande erro, como foy adorar os idolos, sendo do mundo o mais entendido: conhecer a Deos, & dar cultos ao demonio, he o mayor erro; ter fallado com Deos, ter recebido seus favores, & hir adorar os idolos, he o mayor desatino; & chegou Salamão a adorar o seu erro, & a idolatrar o seu desatino; havendo de aborrecer aquella perdiçaõ, poem nella o seu amor; havendo de ter odio ao demonio, poem nelle a sua affeiçaõ, porque depois que ao vicio da luxuria se entregou, ficou tão desacordado, tanto fóra de sy, que aquelles desatinos, q̃ havia de aborrecer, o desacordo do seu peccado lhos fez amar.

3. Reg. 11. 1. &c.

O' peccadores desacordados:

ó mortaes enganados, & pervertidos, entrai em vosso acordo, cuidai no que fazeis peccãdo. Donde está a razão, & o juizo, quando huma alma pecca? não está fóra de sy? Se viramos, que hum homem trocava hum diamante por vidro, perolas por avelans, ouro por chumbo, flores por espinhas, & triagas por venenos, não disseramos que estava louco, & fóra de seu sentido? Que diremos pois de quem, peccando, he certo que troca o Ceo pelo inferno, a Deos pelo demonio, o Creador pela creatura, a vida pela morte, o bem eterno pelo caduco? pois he certo, que peccando entrega a sua alma ao demonio, despreza o Ceo, & se condena ao inferno, de filho de Deos se faz escravo do diabo, se risca do livro dos bemaventurados, & se poem no rol dos malditos? Naõ he isto perder o acordo? Servir ao inimigo, que isto he ao demonio; & offender o amigo, que isto he a Deos: fazer a vontade ao contrario, que isso he a Satanás; & desagradar ao Pay, que isso he ao Creador, & Author do mundo; não he isto estar fóra de sentido? O' peccador, abre os olhos, entra como o Prodigo em ti, não adores o desatino, como Salamão, erguete de teu peccado, que já he tempo, levantate de teu delito, que jà he hora.

Mas oh miseria digna de chorarse com lagrimas de sangue! que fica tal o peccador, tanto que se entrega a peccar, & persevera em delinquir, que por mais, que Deos multiplique os milagres para o desengano, entaõ crescem mais no peccador as cegueiras para o desatino. Leváraõ hũa vez os Filisteos cativa a Arca de Deos vencendo em hũa batalha aos filhos de Israel, & pondo-a no seu templo do Idolo Dagon junto delle, achàraõ na manhãa do outro dia o Idolo deitado por terra com a cabeça degollada, & decepadas as mãos; q não póde parar o demonio aonde Deos está: tomárão o idolo, & tornáraõ a collocalo no seu lugar; mas no dia seguinte o achàraõ segunda vez no chaõ descabeçado, & decepado diante da Arca, & a cabeça, & mãos postas na entrada da porta do templo; & começáraõ os açoutes, & flagellos da mão de Deos a castigar asperamente aquelle povo da Cidade de Azoto: vendose elles assim apertados, & o seu idolo feito hum tronco, disseraõ: Naõ convem, que entre nòs esteja a Arca do Deos de Israel. As repetidas ruinas do idolo, & os açoutes do povo eraõ multiplicados milagres, que Deos fazia para o desengano desta gente; o teimarem em pôr o idolo aonde estava a Arca de Deos, era a mayor cegueira do desatino; mas como estes

1. Reg. 4. 10. & cap. 5.

estes idolatras amavaõ tanto o seu idolo, & nelle ao demonio, tendo por perfeiçaõ o seu delito, haviáo de crescer nelles as cegueiras para o desatino, de quererem antes em casa o demonio, que adoravaõ no idolo, do que a Deos, que se venerava na Arca. Oh quantos peccadores haque tendo idolos, nelles amão o seu peccado, & por consequencia o demonio! por mais, que Deos lhes decepe os idolos com a enfermidade, com o castigo; se he idolo da luxuria, com a enfermidade, se he da vingança, com a doença, se he da honra, com a injuria, se das riquezas, com as perdas, por mais que Deos multiplique os prodigios para os desenganar, & se arrependerem, então multiplicão os desatinos para deitarem de sy a Deos! Alto, diz hum, fóra Deos desta casa; se o commungar ha de ser causa de eu deitar fóra o demonio, de que fiz idolo, Deos antes fóra de casa, & fique em casa o demonio: se ha de ficar Deos pela confissaõ, & pela restituiçaõ, fóra a restituiçáo, & a confissaõ, & fique antes o demonio em casa: se ha de ficar pelo perdáo da injuria, da afronta, vá fóra antes Deos, & fique o demonio do odio, do rancor, & da vingáça: & donde procede tanta malicia, & tanta cegueira? Donde? De que puzeráo os peccadores o amor no idolo; de que idolatráo o peccado, & por isso aborrecem o remedio, & o deitáo pela porta fóra.

Que ha depois de seguirse a esta offensa, que se faz a Deos, acrescentando o desatino, quando Deos convida os peccadores para o desengano? Nenhũa outra cousa ordinariamente succede, senão castigos da ira de Deos. Sonhou Nabuco, que via huma estatua, mas apenas vio a estatua, quando vio tambem o castigo: desceo hũa pedra de hum monte, que fez a estatua em pó, & cinza: não lhe valeo a riqueza do ouro, nem a fermosura da prata, nem a fortaleza do bronze, nem a valentia do ferro, nem a firmeza da terra, tudo em breve tempo acabou em huma poeira, & se resolveo em cinza. Sonhou tambem que via huma arvore tão alta, & maravilhosa, que na altura era hũa piramide verde, que chegava ao Ceo; na pompa hũa frondosa nuvem, que assombrava a terra; nas flores huma primavera dos ventos, de que se vestia o ar; nos frutos hum paraiso de gostos, em que se recreava o mundo: mas apenas vio esta verde maquina, este Colosso florente, este assombro fructifero, quando vio, que hum Anjo do Ceo mandava porlhe o cutelo ao pè, & cahio arruinada em terra, apenas arvore, logo cadaver, apenas maravilha do mundo, quando já arrui-

Dan. 2.34. &c.

Dan. 4. 7. &c.

arruinada nelle: assim a arvore, como a estatua, eraõ retrato de Nabuco, em que lhe mostrava Deos o seu castigo retratado, & a sua ruina em debuxo, para que visse, que apenas era grandeza, jà era ruina; que escassamente chegava a ser exemplo da felicidade humana, jà era da desgraça, & do castigo hum espelho: & porque Nabuco em lugar de temer a ira de Deos com o desengano que na estatua, & com a ruina, que na arvore lhe mostrava, foy tão desacordado, atè no acordo que tomou de chamar a Daniel, que fez huma estatua de ouro, & se fez com pena de morte adorar em estatua: & como Deos lhe aumentava as razoens para o desengano, elle hia por diante no desatino; no mesmo desengano, de que senaõ aproveitou, achou o castigo do desatino em que cahio.

Oh quantos Nabucos ha, que no sonho, & engano da sua fantesia vivendo como desacordados, tudo he levantar estatuas para ser idolos, tudo querer como arvores trepar ás nuvens, & chegar aos Ceos com a pompa, com a soberba, com a arrogancia! Vede, que a estatua se ha de converter em pó, que a arvore se ha de desfazer em cinza: que para a estatua ha pedra, & que para a arvore ha cutelo. Desenganaivos mortaes, deixai os desatinos, amai os desenganos, & entrai em vosso acordo, apartandovos do leyto de vossos peccados, que já he hora; acordando do sono de vossos sentidos, que já he tempo: ***Hora est jam nos de somno surgere.***

A segunda razão, porque a vida do peccador he semelhante ao sono, & o peccar se parece com o dormir, he, que quem dorme descuidase, nem se lembra do que lhe importa: assim quem pecca descuidase do que mais importa á sua alma; descuidase da morte, do juizo, do inferno, do Ceo, da sua salvaçaõ, de Deos, do demonio, dos mais inimigos d'alma, dos encargos da sua cõciencia, da relaxaçaõ da sua vida, & das enormidades da sua culpa; & quando por este descuido tem a todos contra sy, & convinha, que abrisse os olhos para tratar do remedio, então lhos cerra o seu descuido para não fugir do seu perigo.

Apenas poz os pès na Náo o fugitivo Jonas; apenas soltáraõ as velas, & levàraõ as ancoras, & se davaõ boa viagem, quando hũa horrenda tempestade veyo sobre elles: soltavãose as geraçoens dos ventos dandose batalha huns aos outros, erguiase o mar em esquadroens de ondas, dispararaõ settas as nuvens, ou lanças, que chovia o Ceo, já de chuvas, já de rayos, já de coris-

Jon. 1. 3. &c.

coriscos, o Sol foy arrebatado das sombras, o dia ficou defunto, & amortalhado em trevas, as luzes mortas, & tudo em confusaõ tam grande, que parece, que o orbe se restituía entam áquelle temeroso caos; em que começou o mundo: tudo perigava então, a Náo indose a pique, os homens vendose a cada passo no mais profundo do abismo, quasi sumergidos das aguas: só Jonas descuidado do cõmum, & particular perigo se foy deitar a dormir em prodigioso letargo, & quando havia de abrir os olhos para buscar o remedio, então lhos cerrou o descuido para não fugir do castigo: mas que muito, se vinha Jonas em peccado, fugindo de Deos, como se lhe pudéra fugir? & assim que havia de succederlhe, senaõ descuidarse de tudo, do mar, da tempestade, da balea, da morte, do juizo, do Ceo, de Deos, do inferno, & de tudo?

Quantos ha, que tendo á vista a tempestade da morte, estando para dar conta em juizo, condenados segundo a presente justiça ao inferno pelo peccado da soberba, da restituiçam, da luxuria, do odio, da vingança, & de outro qualquer, se descuidão de maneira, que lhes não lembra Ceo, nem Deos, nem alma, nem salvação, nem inferno, nem cousa algũa! tudo he dormir a sono solto no leyto do peccado, na cama do vicio. Homens, que fazeis? em que vos occupais? sendo Christaons, & tendo Fè, não temeis o risco de vossas almas? não olhais, que estais metidos em hum mar de culpas, que a tempestade da morte vos ameaça a cada instante, ainda quando estais mais valentes, que se ira o Ceo contra vòs, que o inferno se abre, que a balea infernal se chega, que todas as creaturas offendidas de ver a seu Creador aggravado tomaõ armas para a vingança? & ainda assim fugis a Deos, a quem ninguem póde escapar, nem no Ceo, nem na terra, nem no mar, nem no inferno, nem em parte alguma? Donde nasce tanto descuido? Donde tanto esquecimento, que havendo de abrir os olhos para buscar o remedio, então os fechais para não fugir do perigo? Oh não vem que dormem estes miseraveis, que peccão, & se deixaõ estar em peccado, & que o mesmo he estar em peccado, que em hum mortal descuido? pois que ha de succeder a quem assim vive morto, assim pecca, & assim dorme, senão o que succedeo a Jonas, & peyor ainda? Porque a Jonas o tragou a balea para o vomitar nas prayas de Ninive; a estes os tragará a balea infernal para os deitar nas fornalhas eternas entre os sempiternos horrores.

He finalmente mayor o descuido

cuido dos peccadores, que o seu perigo; não tem por tempo de vida, senão o que póde ser tempo de culpa; & não tendo huma hora para viver, cuidão que tem muitos annos para peccar, & por isso pagaõ na hora que menos cuidão, o descuido com que peccàrão. Em hum mar de riquezas se via aquelle Rico do Evangelho com hum diluvio de frutos, que a liberalissima mão de Deos lhe deu, que alagandolhe os celeiros, não tinha em que recolhelos: no meyo de tantas abũdancias, começou a discursar entre sy que faria para recolher tantos bens: & como se resolvesse a desfazer os celeiros, que tinha, para fazer outros mayores, & melhores aonde tudo lhe pudesse caber, agradandose da sua resoluçaõ, se convidou a sy mesmo a regalos de muitos annos, a huma larga vida chea de delicias, & banquetes de muita duração: & apenas estava a sua fantesia dispondo entre discursos a duraçaõ de tantos deleytes, quando hũa voz de Deos lhe diz: O' nescio, ó ignorante, esta noyte te arrancaràõ os demonios essa alma do corpo, & a sepultaràõ no inferno: se pois o Senhor lhe dá tantos bens, como o não deixa lograr delles? & se não quer, que chegue a possuilos, como de noyte, & naõ de dia diz que chega a sua condenação? Oh não vem que para quem sempre dorme, todo o dia he noyte? Vivia este desaventurado rico dormindo no negocio da sua salvaçaõ vivendo em culpa, faziase com muitos annos de vida para offender a Deos em gulas, & demasias, sem cuidar na morte, no juizo, no inferno, nem se lembrar de Deos; pois por isso na noyte de seu esquecimento, & na hora que menos cuidava, havia de pagar o descuido, com que a Deos offendia. O' mortaes, vede se vos descuidais em emendar as vidas, em fazer paz com os adversarios, em deixar de todo a occasiaõ deshonesta, em restituir o alheyo, em ter oraçaõ, em confessar inteiramente os peccados, em frequentar os Sacramentos: olhai, que na hora que menos cuidares, chegarà a hora de pagardes o vosso descuido. Se pois quereis escapar deste dano, abri os olhos, que jà he hora, & levantaivos do peccado, que jà he tempo: *Hora est jam, &c.*

Luc. 12.20.

A terceira razão, porque a vida do peccador he semelhante ao sono, & o peccar se parece com o dormir, he, porque assim como quem dorme não entende, nem conhece o seu erro; assim quem pecca, em quanto pecca naõ conhece o erro do seu vicio, nem a perversidade do seu peccado, nem a malicia da sua culpa: & daqui vem, que assim como quem dorme ama o sono,

como

como se fora descanso; assim o que pecca ama o erro, como se fora acerto, ama o delito, como se fora deleite, ama o desemparo de Deos, como se fora felicidade; & não ha mayor sinal da cegueira, em que cahe hum peccador, que amar a culpa, que he summo mal, como se fora summo bem; & estimar por felicidade o delito, como se fora deleyte. Diz o Profeta Oseas, que o povo, que não entende, serà açoutado com flagellos da ira de Deos, como ex poem a Glossa: & os Setenta, como refere o Cardeal Hugo, que este açoute serà viver nas torpezas do peccado da luxuria: & conforme estas letras, vem a dizer o Profeta, que o povo, que não entende, será castigado cõ asperos açoutes de Deos, & que estes serão os carnaes deleytes da luxuria a que se entregam: & que tem que fazer açoutes, com deleytes? flagellos da ira de Deos, cõ as delicias de Venus? Saõ por ventura os gostos, q̃ os mũdanos tem por summo bem, os castigos, que Deos lhe dà? E se saõ castigos, como sam gostos? se saõ delicias, como saõ flagellos? He certo que saõ flagellos, porque saõ desemparos de Deos; & como era povo iguorante, que não entende o seu erro, que não conhece o seu peccado em que anda, sendo o desemparo de Deos o mayor flagello, & o summo mal d'alma, o amão como felicidade; & isto que he o mayor açoute, o estimão por deleyte: donde se vè que estes taes, como naõ curaõ da guarda da ley de Deos, senaõ de cevarse em seus torpes apetites, tem jà o mayor sinal de malditos, como affirma David, & o confirma Saõ Gregorio Papa dizendo: que o peccador perverso, quanto mais satisfaz seus desejos, tanto mais depressa he arrebatado aos tormentos eternos: *Perversus quanto citius pervenit ad desiderium, tanto facilius rapitur ad tormentum.* E como estes miseraveis cõmetem mais peccados, quanto mais he o desemparo de Deos; quantos mais forem os peccados, tanto serà no inferno mayor o castigo: & elles a amarem o desemparo, como se fora gosto, o summo mal, como summa felicidade, & o flagello, & açoute de Deos, como se fora deleyte.

Oseæ 4. 14. & ibi Glos. & Card. Hug.

Psalm. 118. 11.

Greg. Pap. tom. 1. lib. in Job. cap. 13. ad fin.

Oh quantos tem por summo bem os carnaes deleytes, & os gostos desta vida, que saõ desemparos, & açoutes da ira, & indignaçaõ de Deos! Homens loucos, mulheres sem siso, quem vos faz amar a vossa perdição? He a cegueira do peccado, que he como sono: porque em quanto viveis no peccado, não sabeis conhecer o vosso erro: & a razão he; porque quem dorme està às escuras, & quem ás escuras anda, ou com os olhos fechados,

não sabe por donde vai, & por isso aqui tropeca, alli cahe, ora cahe em huma cova, ora se despenha em hum barranco, perde a estrada, vai fóra de caminho: assim tambem os peccadores andão ás escuras, & cõ os olhos fechados, porque sendo o peccar, dormir, quem dorme, a olhos fechados està; & por isso, como cegos atropellaõ a ley de Deos, sem saberem por onde poem os pès, despenhãose no barranco da culpa sem o advertirem, cahem na cova do peccado sem o saberem, perdem a estrada da salvaçaõ, & vaõ fóra do caminho do Ceo, sem conhecerem o seu erro: & por isso dos peccadores disse David: Saõ huns nescios, não tem entendimento, porque andam em trevas.

Psalm. 81. 5.

Eis-aqui como a ventura dos peccadores he a mayor desaventura que póde ser: tem os peccadores por a mayor ventura fazerem em tudo seu gosto, & fartar seus apetites, & não conhecem, nem entendem que nisto està o seu mayor perigo; porque assim como quando os medicos não achaõ cura ao doente, lhe dizem, que coma o que quizer deixãdo-o à natureza, então está o enfermo em mayor perigo, & jà sem esperança de remedio: assim tambem, quando o Medico celestial desempara o peccador enfermo da culpa, & o deixa à natureza, para que viva conforme seu apetite, então está o peccador no mayor perigo; porque está sem esperança de remedio: mas como a sua cegueira lhes não dà lugar a verem estas verdades tão claras, & palpaveis, dahi nasce porem o desejo no seu dano, o apetite nos venenos, a vontade no seu mal, & o fastio no seu bem. Poz Eva o seu apetite em hũ bocado, que era veneno, porque teve o mal por bem, a culpa por felicidade, a morte por deleyte, deixandose enganar do demonio; quando cõmeteo o peccado, & quebrou a ley de Deos: o que era mào, pareceolhe bem: o que era mortal, & infernalmente nocivo, pareceolhe deleytoso, tanto, que deu ouvidos, & obedeceo ao demonio, querendo com a vontade quebrantar a ley de Deos: em quanto se determinou a guardala, parecia a Eva a arvore vedada, cousa de que se naõ podia comer, nem tocar sem risco certo de morte; porèm tanto que na vontade teve o peccado; logo lhe pareceo suave, & deleytoso o seu mal. Oh quantos filhos da culpa deixou Adão, & Eva no mundo, que cegos do seu apetite, todo o seu gosto poem no bocado, que he veneno mortal do inferno; & sendo o que lhes dá eterna morte, parecelhes o mayor deleyte da vida!

Genes. 3. 6.

Creaturas cegas despertai, abri os olhos; vede, que vos engana

gana o demonio, & que por hũ gosto instantaneo vos dá eterno tormento: solicitavos o tormento representando o gosto; & porque naõ cuidais, que haveis de achar tormento, senão gosto, morte, senão vida, garrote, senão deleyte no que vos offerece o demonio, por isso miseravelmente vos perdeis. Para a Escritura Sagrada chamar aos homens nescios, & ignorantes, diz, que saõ como aves, que se afogaõ no laço; & como peixinhos, que morrem no anzol: não lhes chama aves mortas cõ tiro, nem peixes pescados na rede; porque estes morrem, porque mais não podem, & aquelles acabão a vida, porq̃ mais não querem: não quer a ave advertir, porque he ignorante, que debaixo do que lhe parece apetite està encuberto o laço da morte: não quer o peixinho considerar, porque he simplez, que naquillo, que lhe parece gosto, està escondido o anzol da sua perdiçaõ: assim tãbem succede aos peccadores com o caçador, & pescador do inferno: cahe o peccador no laço da culpa, como passaro, & fica no anzol do peccado, como peixinho; & se lhe perguntares o porque, dirá, què não cuidava que alli estava o garrote do laço, nem a morte do anzol, senão o deleyte, que naõ imaginava, que alli estava o tormento, senaõ gosto, que não entendia o seu erro, que não conhecia o seu engano, & que por isso se deixou prender no laço, & tomar em o anzol, que o demonio cavilosamente lhe armou.

Eccles. 9.12.

Que outra cousa saõ os gostos, & deleytes do mundo, senão laços, & anzoes, com que o destro, & astuto caçador, & pescador do inferno anda armãdo ás almas? E que outra cousa fazem os peccadores mais, que solicitar os laços, & os anzoes, que o demonio lhes veste de seus nescios apetites? Vestelhes a soberba, de honra, a cubiça, de riqueza, a luxuria, de delicia, a ira, de valor, a gula, de regalo, a inveja, de razaõ, & a preguiça de necessidade: vai o peccador miseravel, cuida que busca a honra, & cahe no laço da soberba, imagina, que busca a riqueza, & cahe no anzol da cobiça, antojaselhe que acha delicias, & cahe nos laços, & anzoes da luxuria, & nos mais vicios, & peccados; & tudo isto nasce de não conhecer o seu erro, porque anda com os olhos fechados, sepultado no profundo sono da culpa: acordai pois peccadores, abri os olhos, que està o mundo todo cheyo de laços, & de anzoes do demonio; vede o vosso erro, que jà he tempo, & adverti o vosso engano, que jà he hora: *Hora est jam, &c.*

Finalmente o mayor erro, que

que não entende o peccador absorto no sono do peccado, he não saber quão grave mal he o peccado; porque se o vira, conhecèra que era tão feyo, que o demonio em sua comparaçaõ he fermoso; & he isto tãto assim para quem o conhece, que, se pudèra, estimàra ver antes a cara de todos os demonios, do que ver em hum instante a cara dos peccados. Oh quẽ me dera, meu Deos (dizia o Santo Job) que me escondereis no inferno, & là me tivereis debaixo de vossa protecçaõ, em quanto passava o dia final de vossa ira, & furor? Considerava o Santo Job, que no inferno podia ver a cara aos demonios; & que no valle de Josafat havia de ver o vulto aos peccados (como o Senhor diz por David, segundo a exposiçaõ de Hugo Cardeal:) & como os peccados tem a mais horrivel presença que se póde considerar, achava ser muito melhor partido, ver antes no inferno a cara aos demonios, do q̃ ver no dia do juizo o vulto aos peccados. Se pois agora, peccador, tiveres os olhos fechados para não ver tuas culpas, q̃ saõ os teus mayores erros, então os abrirás para olhalos; não para lhes dares remedio, mas para teu mayor tormento: queres pois fugir este tormento, & aos eternos, que se lhe hão de seguir? abre agora os olhos para chorar tuas culpas, & trata de emendar com tempo os teus erros, antes que chegue o tempo em que o naõ possas fazer.

Job 14. 13.

Psalm. 49. 21. & ibi Hug. Card.

Dorme o peccador sem conhecer o seu erro, isto he, o seu peccado, sendo o seu peccado não só o seu mayor mal, mas o seu mayor, mais mortal inimigo: & sendo certo, que quem tem inimigos não dorme; & se dorme, he summamente ignorante: claro fica, que he o peccador, que dorme tendo peccados, muito mais ignorante, que quem dorme tendo inimigos: porque os inimigos do corpo poderàõ quãdo muito ajudarse do descuido de quem dorme para lhe tirar a vida temporal; mas os inimigos mayores d'alma, que saõ os peccados, valemse do sono do peccador para lhe tirar a vida eterna: & como saõ inimigos tanto mais prejudiciaes, tantô mais se hão de temer para a guarda, & para a cautela: & saõ tão sũmamente prejudiciaes inimigos os peccados, que tendo-os contra sy o peccador, està de peyor partido, do que tendo contra sy a ira de Deos omnipotente. Oh que fortissimo, & terribilissimo inimigo he o peccado! & para que não pareça encarecimẽto, vejase a prova. Naquelle Psalmo, a que vulgarmente chamão das pragas, hũa das que roga David aos peccadores he esta: Sejão os peccadores sempre

Psalm 108. 15

pre contra Deos: sejaõ sempre contrarios ao Senhor; & não fora mayor praga dizer: Seja sempre Deos contra os peccadores: seja sempre o Senhor seu contrario? Deos he infinitamente poderoso; & tendo os peccadores contra sy a Deos, parece que ficavaõ tendo contra sy o mayor, & mais poderoso inimigo; como logo lhes roga David esta praga, senão a outra? He certo, que David lhes rogou a mayor praga, que lhes podia rogar; & para isto se entender, veja-se que cousa he estar o peccador contra Deos, & que cousa estar Deos contra o peccador: està Deos contra o peccador, quando o castiga por suas culpas; & isto he hum acto da justiça divina, que he summamente bom: està o peccador contra Deos, quando o offende com seus peccados; & isto he hũ acto da mayor iniquidade, que he summamente mào: quando o peccador tem a Deos contra sy, tem da parte de Deos contraria a divina justiça, que he infinitamente boa; & quando està o peccador contra Deos pela culpa, tem da sua parte o peccado contra sy mesmo, que he o summamente máo: & conhecendo David, como Santo, quão terrivel inimigo do peccador he o seu mesmo peccado, que o faz inimigo, & contrario de Deos; rogou aos peccadores a mayor praga, em lhes rogar que tivessem peccados que os fizessem contrarios, & inimigos de Deos, porque os peccados saõ a peyor praga, q̃ pòde haver; & não lhes pedio a indignaçaõ de Deos contra elles, porque da parte de Deos naõ póde haver acto, que não seja a mayor bondade que se póde considerar.

Como dormes peccador, tendo contra ti taõ crueis, tão tremendos, & tão mortaes inimigos? Como te descuidas, tendo das portas adentro tantos, & taes contrarios? Como he possivel que descanses, tendo tanto que temer? Acorda pois, & não durmas taõ rodeado de adversarios; levãtate contra elles, para que naõ prevaleçaõ contra ti. Se atègora foste todo hũa cegueira para dormir a olhos fechados, trata de ser agora todo vigilancia, para viver a olhos abertos. Se atèqui naõ tinhas olhos para ver tantos erros teus, deves ser daqui por diante todo olhos para fugir dos teus perigos. Acorda jà, que he tempo; acaba de levantarte, que saõ horas: *Hora est jam nos de somno surgere.*

Temos visto como a vida do peccador he semelhante ao sóno; & como o peccar se parece com o dormir: vejamos agora que parecer tem a penitencia, & conversaõ do peccador, com o acordar, & levantarse da cama,

ma. Quem depois de dormir se levanta, primeiro acorda, & depois sahe da cama; o acordar faz-se em hum abrir de olhos, & o levantar, em deixar a cama: assim tambem a penitencia, & conversaõ ha de ser taõ apressada, que se faça em hum abrir de olhos; & o deixar as occasiões do peccado ha de ser tão perfeita, que de todo se hão de largar: porque assim como quem acorda, se não salta logo fóra da cama, facilmente torna a dormir, & se a ella torna depois de levantado, he para adormecer: assim tambem, se o peccador não larga logo a occasiaõ do peccado, nada lhe aproveitarà o abrir dos olhos pelo arrependimento, porque tornará sem duvida a continuar o peccado, que não quiz com effeito largar; & supposto o deixe, largando a cama da occasiaõ, se a ella torna, certo he quer tornar ao sono do peccado. E conforme a isto, para ser agradavel a Deos a conversaõ, & penitẽcia do peccador, ha de gastar tanto tempo nella, como em acordar, em q̃ se gasta só hum abrir de olhos; & ha de ser tão breve o acordo, que toma para fazer penitencia, & a resoluçam para mudar de vida, & emendar a culpa, que tudo deve succeder em hum fechar, & abrir de olhos.

Act. Ap 9. 15. Foy tam insigne a conversaõ de Saõ Paulo, & a sua penitencia, que o mesmo Christo Senhor Nosso chegou a dizer na occasiaõ della, que era Paulo vaso escolhido seu; & não acho, que o Senhor dissesse outro tanto de outro peccador convertido, porque tambem naõ encontro outra conversaõ como a de Paulo. Era Paulo tam grande peccador, que fazia capricho, & tinha por officio o ser inimigo, & perseguidor de Christo; appareceulhe de repente hũa grande luz do Ceo, que o rodeou como hum rayo, & deu com elle em terra; & logo hũa voz, que como trovão, que se segue ao rayo, lhe perguntou: Saulo, Saulo, porque me persegues? E apenas soube que Christo, a quem elle perseguia, era o que lhe fallava, sem mais dilaçaõ se converteo, & determinou a fazer tudo quanto o Senhor lhe mandasse; & levantandose da terra, não via, tendo os olhos abertos: & comtudo, diz Santo Agostinho, que naquelle tempo em que não via as cousas do mundo, estava vendo a Jesu Christo: como logo Paulo em hum cerrar de olhos do corpo deixou de ver o terreno, & com hum abrir de olhos d' alma principiou a ver o Eterno, foy a sua conversaõ em hum fechar, & abrir de olhos; & por isso tão agradavel ao Senhor, q̃ chegou a dizer de Paulo, que era vaso seu escolhido: donde se vè, que

Act. Ap. 9. 3. &c.

Aug. tom. 10. Serm. 14. de Sanct. post princ.

para

para ser agradavel a Deos a conversaõ do peccador, ha de ser o acordo, que toma para emendar a vida, taõ breve como o acordar de quem dorme, que se faz em hum abrir de olhos. Obra he da graça do Divino Espirito a conversaõ dos peccadores, & aonde o Espirito Santo influe com sua graça, não póde haver vagares, mas tudo saõ pressas.

Act. Ap. 2. 3

Em figura de linguas de fogo desceo o Espirito Santo sobre o Collegio Apostolico, & não em semelhança de outro elemento; porque como vinha a tratar da conversaõ do mundo, se visse a pressa com que se ha de fazer, & como aonde inspira o Divino Espirito não ha vagares: considerem hum rayo, hum relampago, quanto tempo gasta em cruzar os ares, vadear as nuvens, medir este, & aquelle emisferio, & em chegar deste áquelle orizonte; hum momento, hum instante, hum abrir de olhos: não he assim na agua, cujo correr he vagar; não na terra, que se naõ costuma mover; naõ no ar, que está parado sem se bulir, & ainda que corra o vento, o vento naõ he o ar: a terra pende para baixo, a agua sem violencia não corre para cima: o ar tanto se inclina a occupar os vãos dos abismos, como os seus mais altos centros; mas o fogo, ainda que esteja debaixo da terra, sempre se inclina para o Ceo; rebenta nas minas, rompe muralhas, & voa penhascos, fazendo de suas chamas azas para voar sobre os vẽtos com pennas de labaredas: assim tambem se a conversam do peccador he verdadeira, & effeito do fogo divino, nas pressas se vè, & nos vagares se desconhece: se he verdadeira, em hum abrir de olhos se faz, rebenta nas minas do coraçaõ em ardentes suspiros, rompe as muralhas das culpas, com que o demonio se tinha feito forte em huma alma, deita a voar os penhascos dos estorvos, & impedimentos, nada lhe pára diante a hũa alma chea deste celestial incendio; & fazendo ligeiras azas de suas pezadas pennas, voa em hum instante, da culpa para a graça, do caduco para o eterno, do inferno para o Ceo, & do demonio para Deos: isto quer Deos, & para isto nos ajuda, despertandonos com suas vozes, allumiandonos com sua luz, inflamandonos com seu amor, incitandonos com o exemplo dos bons, & advertindonos com o castigo dos màos.

Mas não basta acordar o peccador depressa do sono da culpa, tomando acordo de não offender mais a Deos; he necessario tambem, como diziamos, levantarse logo, em acordando, da cama do peccado; isto he, lar-

gar de todo a occasião de offender a Deos; se estava em odio com o proximo, ha de deitar de todo fóra o odio, & fazerse com elle amigo, podendo ser; se tinha trato com a ruim mulher, ha de largar esse trato; se devia o alheyo, ou levantou o falso testimunho, ha de restituir, como póde, sem dilaçaõ a fazenda, ou a fama; porque de outra maneira nada importa acordar o peccador, se logo se não levanta da cama, deixando de todo a occasium da culpa; mas antes he final de condenado, & maldito.

Ay da terra (diz Isaias) que he como sino de azas: & he como dizer: Maldita, & condenada eternamente seja a terra, que he como sino. Pela terra se entendem os peccadores; & pelo sino com azas, que ha de entenderse, senão o sino quando tange, pois entam parece, que voa? Pois, que mysterio tem ser o peccador como o sino, que tange, para ser condenado, se os sinos estão nos lugares santos das Igrejas, & saõ instrumentos de despertar, & chamar a gente ao serviço, & louvor de Deos? Muito mysterio tem nas semelhanças: bem he verdade, que o sino está nos lugares mais altos da Igreja, & que quando tange, chama o povo ao serviço, & louvores de Deos; porém em quanto a sy mesmo nada aproveita, tudo saõ brados, tudo estrondos, tudo voltas, quando puxaõ por elle; mas nem cõ todo esse puxar, nem com toda essa força faz mudança de lugar; dá hũa volta daqui, dá outra dalli quando se vè violentado, mas no fim sossegase, & ficase como dantes estava. Diz pois o Senhor por Isaias: O peccador, q̃ como sino tangido, quãdo por elle puxa a força da minha graça, da minha inspiraçaõ, da minha palavra, & dos meus preceitos, para q̃ acorde do sono da culpa, & se levante da cama do peccado, não faz mais q̃ acordar, dar gemidos, dar ays, & dar voltas sẽ se tirar da occasiaõ do peccado, & nella finalmente se deixa ficar; ay de tal peccador, que he maldito da minha maldiçaõ, & condenado eternamente: para que assim vejaõ os peccadores, que nada lhes aproveita acordar do sono da culpa, se dando hũa, & outra volta se ficaõ na cama da occasião do peccado, & offensa de Deos.

Isai. 18. 1. & ibi A Lap. Væ terræ, quæ est cymbalum alarũ.

Que te aproveita peccador miseravel, quando Deos te desperta com suas divinas inspiraçoens, com a prègaçaõ de sua santa palavra, com a obrigaçaõ de confessarte pela Quaresma, & no aperto da enfermidade, gemer, gritar, & dar ays, fazer propositos de nunca mais offender a Deos; que isto he acordar da culpa, & ver que estás em

em peccado; que te aproveita dar hũa, & muitas voltas na cama do vicio com resoluçoens, & traças de o deixar, se no fim, passada a enfermidade, o tempo da Quaresma, a occasiaõ do Sermão, & a marè da inspiraçaõ, te deixas, como sino duro, ficar no mesmo lugar, tam duro, & impedernido como dantes, sem te levantar da cama da culpa, nem da occasiam do peccado? Isto he ser maldito da maldiçaõ de Deos; reprobo, precito, & condenado eternamente. O' mortaes, naõ o permita assim a divina Magestade; seja o vosso acordar da culpa, o mesmo que levantar logo da cama do peccado; seja largar de todo a occasiaõ da offensa de Deos; que para isso nos desperta a todos a misericordia de Deos, dizendo, que a hora de levantarnos he jà chegada: *Hora est jam nos de somno surgere.*

# LAUS DEO.

# SEGUNDA PARTE

## DAS OBRAS ESPIRITUAES DO espiritual, & Veneravel Padre Frey ANTONIO DAS CHAGAS.

# VOZ PRIMEYRA

## Destas vozes de DEOS.

FILHO vè quam longe andas de mim, & da salvação, depoisque de mim te apartaste, para engolfarte pelo mundo, donde mais enfermo da culpa, que dos males que sente a vida, & que eu te dou para que me chames, vás perecendo para sempre.

---

## FAISCA I.

*In se autem reversus dixit: Quanti mercenarij, &c.* Luc. 15. 17.

### SVSPIRO DO PECCADOR.

AONDE estaõ os meus sentidos? aonde, aonde o entendimento? quando na flor da minha vida devia provar como Aguia, que era filho do Sol da Fè; como cego, abuso da razão, mostrei que era ave nocturna, metendome em hum mar de sombras; logo que tive liberdade, sahi dos

braços de meu Pay, do meu Deos, & do meu Creador, & me apartei para tão longe da sua graça, & seu amor, perdendo a patria celestial, por seguir as vias do mundo, & os caminhos da perdiçaõ, da vaidade, & da ignorancia. Onde pois estão os meus olhos? que creditos, ou que ganancias temos tirado desta vida? Pelo curso da minha vida, pelo estadio de todo o mũdo, correo perdido, & enganado o meu espirito atègora: aqui dissipei cegamente não só os thesouros da graça, mas ainda os bens da natureza: precipiteime presumido nos despenhadeiros do seculo: atoleime desalumbrado nos atascadeiros do vicio; & ahi profanamente livre, em todo o laço da maldade prendime torpemente, cego em todo o visco do peccado, donde tornada hydropesia esta sede do mesmo danno, me foy atormentando a vida na morada escura da morte, & me foy affligindo a alma na mais triste regiaõ da culpa. Taes saõ as sombras carregadas da conciencia anoytecida, q̃ sendo ao espirito sepulchro, cheyo de medos, & de espantos, da mesma alma he jà cadaver, cheyo de bichos peçonhentos. Aqui pereço de miseria, em fome eterna do meu bem; aqui se me arranca o espirito, em ancia muda do meu mal; espedaçadas as entranhas com os golpes do meu delito, suspirão sem achar remedio, magoamse sem sentir alivio, & se vertem sem desafogo: como agua feita lagoa, apodreceo dentro em meus vicios: como cousa fóra do centro, em nada posso achar descanso; & servindo ao mesmo Demonio na guarda infame dos peccados (que he o gado que pastoreo) me entrego todo à perdiçaõ, escravo jà de meus insultos; sem que neste misero estado, a quem eu proprio me reduzo, nem ainda do manjar da culpa me possa fartar o Demonio, nem ainda de seu mesmo mal se encha a seu gosto a natureza: isto me succede no mundo a quem amei quanto elle quiz, & a quem servi tudo o que pude; esta he a paga, estas as honras, que tira de seus vãos enganos nossa ceguеira fementida, nossa affeiçaõ desalumbrada, nossa vaidade sempre cega, quando na casa do meu Pay, do meu Deos, & do meu Creador, inda os servos mais inuteis, mais sem proveito, & mais sem fruto se sustentão com pão de Anjos, se adornaõ com vestes nupciaes, & vivem com eternos gostos? Pois se isto tem quem serve a Deos, & quem pela via da emenda torna a seu Pay, & a seu Senhor; que fazemos entendimento? em que vos occupais meus sentidos? se podendo ser desengano a miseria do vosso gosto,

gosto, nas mesmas nevoas do delito idolatrais a viver cegos, nos proprios fumos da vangloria quereis morrer desvanecidos: muy errado he o caminho em que vos poz o vosso engano; mais segura he a vereda, que vos ensina o escarmento. Para dormir eternamente em leyto aspero de espinhas, de que vos serve irdes por flores? para descançar para sempre em cama de rosas, & flores, que máo vos he pizar espinhas? se cahistes gostosamente na sem-razaõ de ser ingratos, se tantas horas, dias, & annos arrastrastes aquelle jugo, que da cegueira he só bemquisto, cahi hũa hora na razão, para levantarvos na emẽda; humilhaivos na paciencia, para vos erguerdes na graça; & torne eu em mim hum pouco, jà que taõ fóra de mim mesmo me puzerão meus precipicios. Meteme jà muito por dentro, ver quam longe estou de meu Deos, & quam fóra ando de mim; que cuide que basto eu só para me erguer, se sou pedra por mim lançada no profundo de hum mar de vicios? se sou tronco sem movimento, nas chamas negras do peccado? se sou ave morta sem azas, no confuso Reyno das trevas? Oh meu Pay, meu Deos, & meu Senhor, meu Creador, meu Redemptor! pezame dentro na minha alma, pezame em todo coraçaõ, de quanto vos hey offendido, pezame por serdes quem sois, summamente amavel, meu Deos, por vossa bõdade infinita, & por minha culpa infinita, que he mayor que toda a maldade: prometo com vossos auxilios, & vossa ajuda, meu Senhor, emendar toda a minha vida, & servirvos eternamente, com huma dòr muito entranhavel, & de todo o tempo que perdi aggravandovos meu Creador, & apartado de vossa graça. Direi a todas as creaturas, qual fui tègora nos meus erros, & qual vòs fostes, meu Senhor, em me esperardes atègora; agora em darme a vossa luz, & sempre amandome, & sofrendome. Ferí vós este coraçaõ, que inda de marmore se sente; não me engeiteis, meu Redemptor, pois obra fui de vossas máos, & sede o Mestre que me ensine, pois não tenho outro, meu Deos, nem tive nunca alguem por mim, mais que a vossa misericordia: Misericordia Senhor muitas vezes, misericordia.

## VOZ DE DEOS.

Filho, o corpo para levantarse, basta que mude de lugar, o coraçaõ para se erguer, de vontade basta que mude; se sem mudares de lugar, bastou que mudasses de animo, para que andasses tão perdido nos re-

motos climas da culpa; tambem para mudares de vida bastará sempre que des hum passo, para q̃ a alma não se perca: torna para m'm filho meu, que não he mais longe a jornada, que hum virar para mim os olhos, a vontade, & o coraçaõ; nem ha para mim mais distancia, que hum só passo da penitencia.

---

### FAISCA II.

*Surgam, & ibo ad Patrem meum.*

**Suspiro do Peccador.**

MEu Pay, meu Deos, & meu Senhor: Eu sou aquelle filho prodigo, aquelle homem sem discurso, aquelle emfim ingrato filho, que vos deixou como perdido, & vos fugio como perverso; segui os caminhos do mundo precipitados, & confusos, & em mil cegas profanidades gastei os annos, & o espirito que me dèstes para servirvos, a vontade, & o entendimento que me dèstes para louvarvos: entregue ao luxo, & às lascivias: aos estragos, & às perdiçoens: às demasias, & arrogancias, & aos mais banquetes do Demonio; nelles bebi todo o veneno, com que o peccado me fez brindes; nelles gastei toda a sustancia, q̃ me dèstes para a razaõ; & nelles consumi sem fruto as abundancias do juizo, q̃ podendo de vossas glorias ser hũ triunfo armonioso, de vossa offensa tantas vezes quiz ser escandalo bemquisto: porèm meu Deos, que mais castigo, que apartarme de vossa graça? que mayor vingança, meu Senhor, que faltarme a vossa presença? as mesmas culpas inda hoje saõ cruelmente o meu cutello, a minha dòr, & o meu verdugo; ellas, meu Deos, para vingarvos vos escusaõ jà outra pena, pois nenhũa olho jà agora, que não tome armas contra mim, que não espedace a alma, & me não corte o coraçaõ. Chegai pois meu Deos, & Senhor, & levanteme a vossa mão deste abismo em que me vejo, tireme a vossa piedade deste lago donde me sumo, & resplandeça a vossa luz neste pègo escuro de sombras, donde me afoga hum mar de trevas. Assaz conheço o meu estrago, quando em pedirvos que me ergais, mostro que em mim tudo he ruina. Contra vós, meu Deos, pequei, mais que todos os homens; offendivos, meu Creador, mais que todas as creaturas; & ao Ceo, à terra, & creaturas tambem offendi, offendendovos, porque vos acho a vòs em todas, & em todas tendes contra mim a queixa, & mais as testemunhas. Naõ sou eu digno, meu Senhor, de vos nomear

por

por meu Pay, nem de chamarme vosso filho, pois se nega de vosso filho, quem vendose filho de Deos pelos privilegios da graça, se fez escravo do demonio pela infame torpeza da culpa. Pezame muy de coraçaõ, não pela pena do delito, mas pela maldade da offensa: naõ pelo medo do castigo, mas por aggravar vosso amor, & offender vossa bondade; nenhũa dòr terà o inferno, que iguale esta que padeço, pois padecèra o mesmo inferno, por não havervos offendido; porque menor he o tormento, que se imagina merecido, que a dòr, que custa o mesmo mal, de quem o fez abominado. Não me tira isto com tudo a esperança, que em vòs tenho, de que me haveis de perdoar, pois se os meus erros foraõ causa de que eu perdesse o ser de filho, vós não tendes, meu Creador, donde perder o ser de Pay. Se eu cometi aquella culpa, donde o cõdenarme he justiça, vòs não perdestes a piedade, donde o perdoarme he costume. Dessas vossas mesmas entranhas, que todas saõ misericordia, nenhum outro ha mais que vòs, que interceda hoje por mim; rico sois de misericordia, este he o mayor thesouro, pois nelle estão os coraçoens de todos quantos se arrependem. Se perdi a vossa graça, porque me corrompeo a culpa, da mesma corrupçaõ da culpa se me pòde gerar o perdão. Se morri, meu Deos, nas offensas, renasça nas misericordias; pois quem rebelde tantos annos lhes fez mais guerra, meu Senhor, mayor triunfo lhes darà quando vencido se reduza. Por longe que de vòs esteja, em hũa atriçaõ que não basta, se eu achar graça em vossos olhos, quem estarà de vòs mais perto? & se me chego tanto a vòs, que me peza de meus peccados, por quem vós sois, & quem eu sou; que me falta Pay, & Deos meu, para me vèr em vossos braços? Aqui me tendes, meu Senhor, despido, & nù dessas virtudes, de que vòs podeis vestirme; çujo de todas as torpezas, de que vòs podeis alimparme; faminto daquelle manjar, de que só vòs, meu Creador, pudereis bem satisfazerme. Para onde posso eu fugir, se de vòs me não ampararꝰ se vòs me deitares de vós, quẽ me quererà acolher? & se me não puzeres os olhos, quem porá os olhos em mim? inda q̃ máo, inda q̃ vil, posto q̃ çujo, torpe, & cego, vossa creatura sou, meu Deos, vosso escravo sou, meu Senhor, vossa ovelha, meu Jesu, & filho vosso, meu Pay: movãose pois vossas entranhas a usar de misericordia, que em vós não he este attributo menor que o da vossa justiça. Cubrãome já vossas piedades estas tão feyas desnu-

desnudezes: lavem-me já vossas virtudes as manchas negras de meus vicios: matem-me emfim vossos regalos a fome triste de meu bem: encha-se de vossos louvores a minha boca, noyte, & dia: naõ cesse hum ponto de agradarvos, nem pare hum atomo em servirvos, pois sem me haveres vòs mister, naõ parastes desde abæterno, nem hum instante em me obrigar; em quanto não era, antevendome, escolhẽdome para q̃ fosse, & antes q̃ eu fosse, remindome; em quãto pequei, perdoandome; admitindome em vos buscando, & para perseverar sustẽdome. Naõ houve hora, meu Senhor, tempo, lugar, ou creatura, que por vòs me não obrigasse, acudisse, & obedecesse; por vós o Ceo me quiz cobrir, por vòs o Sol allumiarme, por vòs a terra me deu frutos, o mar passagem, o ar alento, o fogo abrigo, & casa o mundo: emfim, por vòs, meu Creador, os mesmos homens me serviaõ, os mesmos Anjos me ajudàrão, & as mais creaturas me sofrèrão. Se pois, meu Deos, quando perverso, com tudo isto me servistes: se agora quando arrependido me estais mostrando quanto obrastes por meu remedio, & salvaçaõ: se me prometeis esses Ceos: se a vós mesmo vos prometeis: que dòr, que magoa, que pezar não terà o meu coraçaõ daquelles annos que roubei ao grande amor que vos devia, para os dar ao mesmo demonio, que de vòs, meu Bem, me apartava? Que louvor, que Hymnos, que Cantares naõ inventára o meu amor, para mostrar eternamente ao mundo os vossos beneficios? Certo, meu Deos, & meu Senhor, que se pudèra nesta voz derramar o meu coraçaõ, pequeno amor me parecèra, encher com ella todo o mundo: se pudèra com esta dòr desfazer as minhas entranhas, pouca demonstraçaõ seria, mostralla a todos os nascidos. Porèm meu Pay, & meu Senhor, se os dons da graça saõ mayores que os excessos da natureza: se saõ melhores estes dias aonde o espirito renasce, que aquelles annos sempre inuteis, que para o seculo se vive; naõ olheis o que deste seculo leva huma vida taõ perversa; ponde os olhos naquelles dotes, que me dá hoje a vossa graça, para que em perpetua união de huma obediencia resignada, não torne atraz huma vontade de seu delito arrependida.

## VOZ DE DEOS.

Filho, se queres crescer em graça, confessa a todos tua culpa, porque se te virem aggravarme, vejaõ tambem arrependerte; & se a todos escandalizaste

lizaste em quanto fostes peccador, a todos satisfaças hoje accusandote compungido.

## FAISCA III.

*Ego autem in terra captivitatis meæ confitebor illi: quoniam ostendi maiestatem suam in gentem peccatricem.* Tobias 13. 7.

### SUSPIRO DO PECCADOR.

CEos, Estrellas, Anjos, homens, mares, nuvens, aves, peixes, prayas, ondas, flores, hervas, fontes, rios, feras, brutos, pedras, troncos, montes, valles, que tantas vezes de meus erros fostes theatro, & testemunhas: de minhas culpas tantas vezes publica queixa, ou mudo escandalo: tantas vezes de meus delirios admiraçaõ mais do que estorvo: emfim da minha solta vida accusaçaõ mais do que freyo; ouvi agora hum peccador, que vos confessa suas culpas, sem dizer, por mais que vos diga, o menos que ha nos seus peccados; sabei vòs mundo, & peccadores, sabei moradores do Ceo, sabei peregrinos da terra, hospedes do vento, & do mar, & em fim todas as creaturas, que sou o mayor peccador, o mais perdido, o mais ingrato, o mais iniquo, o mais perverso que sahio de entranhas humanas, que criáraõ peitos de tigres, que viveo barbaro entre feras. Eu sou aquelle mõstro horrendo, adonde poz a natureza as entranhas de muitas viboras, os olhos de mil basiliscos, hũa alma mais que de serpente, & hum coraçaõ mais que de marmore. Eu sou aquelle ingrato homem, cujas palavras saõ venenos, cujas acçoens saõ precipicios, cujas idéas saõ horrores, cujos exemplos saõ estragos: sou aquelle vivente indigno, que amortecido à voz de Deos, & surdo sempre a seus clamores, nem me moví quando me quiz, nem lhe paguei quando me amou, nem o segui quando me guiou, nem lhe abrì quando me bateo. Rebelde sempre a seus preceitos lhe fiz offensa à obrigaçaõ, oposto sempre a seus decretos fiz da sugeiçam liberdade, exposto sempre à sua injuria, fiz dos escandalos vaidade, & entregue sempre à minha culpa, tive por gloria os meus delitos. As quimèras, que da razaõ saõ discursos impossiveis, em mim se vè por experiencia, que saõ evidencias palpaveis, pois juntando em hum só sugeito os affectos, que tem hum bruto, as obras, que faz hũa fera, as liviandades, que ha em hũa ave, & as perversidades, que ha em hum homem, fiz de tão varias naturezas hũa bemquista confusaõ, hum impossivel desmentido,

do, huma mentira verdadeira, & huma verdade fabulosa. Assim o confesso a vós todas: assim o digo a todo o mundo, pois naõ tem numero as maldades, que eu naõ contrahisse em meus insultos, naõ ha nos vicios differença, que não contrahisse o meu vicio, não ha nas culpas circunstancia, em que eu naõ visse a minha culpa. A ser o mundo todo hum livro, & folhas as folhas das arvores, a serem pennas quantas pennas occupão a regiam dos ventos, a serem letras quantas hervas cobrem o papel dos campos, a serem tinta as aguas todas, que encerraõ os rios, & mares; não bastáram para que em cifra se escrevesse hũa só memoria de meus peccados, & delitos; pois fora cada qual delles, o mundo todo leve copia, pouco papel todas as folhas, todas as pennas curta penna, todas as hervas cifra breve, & os mares todos pouca tinta; & só pudèraõ escreverse, se eu fizera, multiplicando-os, de cada onda hum pégo de aguas, de cada area hum mar de mundos, de cada hervinha hum mũdo de hervas, de cada folha hum mar de bosques, de cada penna hum bosque de aves. Ceo, terra, mundo, & creaturas, todas me sede testemunhas de que eu assim volo confesso. Todas dizei ao meu Senhor, que assim o digo a todo o mundo. Oh meu Senhor, oh meu bem todo, a quem no mundo sobre tudo elejo, adoro, creyo, & amo; não ficará terra, nem Ceo, retiro, ermo, ou solidaõ, bosque, aspereza, ou penedía, gruta, ribeiro, nem regato, a quem naõ diga minha culpa, a quem não peça mil perdoens, & em quem não chore hum mar de lagrimas. Todos, meu Deos, hei de correr por me accusar, & obedecervos, por vos buscar, & contentarvos, por me chorar, & persuadirvos: quantos me virão peccador, naõ me estranhem jà penitente, pois bem que a mesma penitencia se desacredite comigo, eu, meu Deos, não lhe quero os creditos, só os proveitos lhe procuro. Justamente, meu Deos, em mim parecerá máo, o que he bom, pois he tal a minha maldade, que inda as triagas faz venenos. Culpem-me todos, de que aos bons ouso imitar a perfeiçaõ, se parece que mostro ao mundo, que em mim ha hoje cousa boa. Boas, meu Deos, saõ vossas obras, & vossas saõ as obras boas, que o mundo póde ver em mim. Não me posso eu gloriar do que vós dais quando quereis, pois o podeis tambem tirar todas as vezes que quizerdes. Façase em mim a vossa vontade, cumpraõse em mim vossos mandados, que eu mediante a vossa graça, quererei quanto vós quizerdes, & quero quanto vós quereis.

VOZ DE DEOS.

FIlho, quem dorme, cahe no descuido, quando naõ cahe em outra culpa; quem se desvela por louvarme, por me querer, & por servirme, ao menos se levanta em graça, & se livra da tentaçaõ.

---

FAISCA IV.

*Exurge psalterium, & cithara: exurgam diluculo.* Psalm. 107. 2.

SUSPIRO DO PECCADOR.

MEu Pay, meu Deos, & meu Senhor, em que mostrarei que vos amo, se vos não quizer só a vòs? & em que vereis o que vos quero, se vos não quizer mais que a mim? Queromе a mim, se nestas horas acordando me adormecer; querovos a vós, meu Senhor, se adormecendome com vosco, me não acordar mais de mim. Bem sei, meu Pay, & meu Creador, que vos não mereço eu amar, pois naõ he digno deste bem, quem teve gosto de offendervos. Naõ nasce de mim, meu Senhor, huma tão nova differença, nasce de vòs, que em vòs achais a razão que me falta a mim, para que me não falte a razaõ, que tenho sempre para amarvos. Isto que sinto dẽtro em mim por influxo de vossa graça, he quẽ me accende a vos querer, he quem me obriga a eu deixar isto, que em mim acho de vòs, he quem me obriga a que suspire pelo que em vòs agora busco, he o q̃ me inflama a que hoje busque, o que em vòs só ha, meu Deos. Naõ durmamos pois, meu Senhor, acabe o sono do descuido, cesse o desmayo da vontade, baste a preguiça dos sentidos, & acordai vós meu suspirado, vinde meu Deos, & meu Senhor, a ser hum hora o meu cuidado, a ser hum dia o meu desvelo; amanheçaõme os vossos olhos, pois chorando as alvas dos meus, me dão já novas dessa luz, pois na arvorada dos meus ays, ouço jà ao meu coraçaõ os annuncios dos vossos rayos; rompa essa luz da vossa graça as trevoas desta minha culpa; nascei meu Sol, sahi meu Deos, pois para serdes Sol de justiça, dèstes ao mundo a luz da graça; riãose jà com vossa vista os campos tristes da minha alma, esteril sempre, & sempre secca, se a vossa luz a não alegra, se o vosso orvalho a não fecunda; não se prohibaõ sempre os Ceos, não se fechem sempre essas nuvens, porque saõ sempres do delito, os inda nãos da minha emenda. Jà he tempo, meu Redemptor, de se vos não passar o tempo, que eu perco, ha tanto, sem vos ver, porque vos

nāõ

não atino a servir. Vejavos no seu coraçaõ, quem das cordas do coração faz laços para vos prender, & por telo em vòs, meu Thesouro, tambem dellas vos quer fazer cadeas para vos prender. Sejaõ, meu Senhor, estas cordas as que sirvão neste instrumẽto, com que canto vossos louvores; seja cithara a minha lingua, seja psalterio o coraçaõ, onde as dez cordas suavissimas de vossa Ley, & Mandamentos, andem aõ som do vosso gosto, & soem bem ao vosso ouvido: pulse-as aquelle movimento, que infunde na alma o vosso espirito, sem que o pulsa las as afroxe, sem que a froxidãõ as destempere, & a intemperança as desafine; apertemie, Deos da minha alma, muito no meu coraçaõ; unisonem todas, meu Deos, naquella suave união, que he cõsonancia da memoria, musica do entendimento, & da vontade melodia: por mais que o espirito as aperte, nenhũa quebre meu Senhor, fallem todas, meu Creador, & a todos pareça que dizem, que o toque, meu Senhor, he vosso; tocando-as pois da vossa mão, a ellas vos cante a minha alma as vossas graças, & louvores, & ande a minha vontade sempre ao vosso gosto. Adormeçaõse sempre os meus sentidos com a armonia soberana, que elles me fazem dentro nalma; cante eu a vossa fermosura, por quem o Ceo he fermoso, por quem as Estrellas luzem, & por quem o Sol resplandece; aquella grande fermosura, de quem he sómente huma sombra, tudo quanto no dia lustra, tudo o que nas flores agrada, tudo o que nas bellezas se admira. Cante eu vossa Omnipotencia, que a tantos generos de cousas deu especies, & differenças, que a tanta maquina de fórmas deu a variedade, & fermosura, que a tantos modos de creaturas deu distinçoens, & semelhanças; a quem prostrado em obediencias, o mesmo nada se fez tudo, & a cujo imperio o mesmo tudo póde tornarse ao mesmo nada. Louve eu a vossa Magestade, de quem o mundo he breve imperio, de quem he Paço o mesmo Empyrio; pois os mayores Ceos a louvaõ, as esferas a vão mostrãdo, as nuvens a vão descobrindo, os montes a estão confessãdo, & os mares o estaõ dizendo. Louve eu a vossa Eternidade, para o principio sem começo, para todo fim sem principio, cujos antes, não tem depois, cujos agóras forão sẽpre, cujos depois, são como agora. Admire a vossa Providencia, que com os cãpos nos sustenta, com os elemẽtos nos serve, com as Estrellas nos ajuda, & com as aves nos avisa. Celèbre a vossa Sapiencia, que

que encheo as pedras de segredos; as flores, & hervas de virtudes; os homens, & as feras de espantos; os Ceos, & o mar de maravilhas. Solemnize eu esta armonia, com que a seu centro as aguas correm, com que no ar as aves cantão, com que no mar os peixes nadão, com que na terra os brutos durão, com que no mundo os homens vivem. Festeje, & louve aquella ordem, com que tem guerra os elementos, com que nos tempos ha mudança, com que o Universo se renova, & com que tudo se conserva. Cãte, & louve estes attributos, & essas perfeiçoens admiraveis, donde se enleva, & se suspende, quem menos ama, & menos cuida; & cante, meu Deos, finalmente a vossa bondade inexplicavel, que para os Santos sempre he graça, para com os bons he favor, para os máos he perdão, com os perversos sofrimento, cõm os peyores ameaço, amor com os arrependidos, espera com os descuidados, & com todos misericordia; & entregandome finalmente a vosso amor, & admiraçaõ, em vòs se pasme o meu discurso, & em mim se deixe o meu desejo, & em vòs se fique o meu espirito.

### VOZ DE DEOS.

Filho, logo que acordares louvame, & logo que te ergueres louvame, pois àquillo só te levantaràs a que te ergueres na minha graça. Nada pòdes ser, por mais que sejas no mũdo, que aquillo que fores diante de mim, por isso começa sempre comigo todas as tuas acçoens, para que comigo as acabes; & não cuides que perdes nisto o tempo para outras cousas, porque todas teràs, se a todas me antepuzeres.

---

## FAISCA V.

*Prævenerunt oculi mei ad te diluculo: ut meditarer eloquia tua.* Psalm. 118. 148.

### SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Rey, meu Deos, & meu Senhor, todos madrugaõ por louvarvos, todos se espertão por servirvos, & se desvelaõ por querervos: o Sol descobrindo na terra vossas obras, & maravilhas, a terra, o Ceo, o mar, & o vento mostrando a vossa fermosura nos paizes de todo o mundo; pois rompe apenas a manhãa, apenas nasce a luz do dia, quando com festas admiraveis, com demonstraçoens

çoens aprazíveis se veste o Ceo de resplandores, as nuvens de ouro, o ar de plumas, de azul o mar, & de verde a terra, para melhor apparecervos; acordaõ as aves cantando, & se movem baylando as folhas, fazendolhes o som brandamente a viraçam por entre os ramos; correm os rios para o mar, só para ver vossa grandeza; vão saltando, como de prazer, os ribeiros pelo campo, a contar as vossas maravilhas; as plantas, arvores, & troncos, em vòs parece que se elevão, pois se vaõ todas pelos ares a contemplar vossa belleza. Todos, meu Deos, com a vossa luz sahem daquelle seu silencio, & desta triste confusaõ, com q̃ no escuro caos das trevas se escondeo a sombra da noyte, sem que das vossas creaturas mais rudas, toscas, & grosseiras alguma fique sem louvarvos, sem que a flor mais encolhedinha se não enfeite para vervos, & sem que a hervinha mais humilde não se espreguice por servirvos: todos parece que madrugaõ, por confessar quanto vos devem, pois aos olhos de todo o mundo dizem com mudas elegancias, que ellas a sy não se fizerão, mas que vòs, meu Deos, as creastes, & q̃ de vòs recebem tudo; mostra o Sol, q̃ vòs sois quem lhe dá os rayos, o Ceo, q̃ o adornais de luzes, & o ar, q̃ o povoais de aves, as aves, que as vestís de plumas, o mar, quẽ o encheis de peixes, & a terra, que a brotais de flores, as ondas, que as fazeis de neve, as fontes, que as fazeis de prata, os campos, que os cobrìs de pompas, & o mundo todo de creaturas para se mostrarem agradecidos, & louvarvos todos alegres; deixa o Sol o leyto das ondas, as aves o berço do ninho, as fontes o regaço da serra, as feras a cama do campo, os rios as prizoens de neve, & as flores o manto das folhas. Por merecer ser vosso trono triunfa das sombras o Sol, vencendo os rayos essas trevas, que encobrião as vossas obras: porque andeis nas pennas dos ventos, & sopre nelles vosso espirito, faz o Ceo carroça das nuvens: porque em suaves melodias vos celebrem córos de musica, faz o ar capella das aves: porque se vejaõ nesse Ceo huns longes dessa fermosura, faz o mar espelho das ondas: por vos fazer altar do prado, de quem fez templo a primavera, vos daõ as flores o ornamento; por ser a terra amfiteatro de vosso aplauso, & maravilhas, vos faz das feras espectaculo; tudo em fim, meu Deos, vos festeja, tudo vos louva, & vos adora, pois com festiva ostentaçaõ confessa o muito que vos deve, descobre o muito que vos ama, & mostra o muito que vos serve. Eu só, meu Deos, & meu

meu Senhor, quando mais vos amo, & vos sirvo, se faço algũa cousa boa, he confessar minhas maldades, he descobrir os meus delitos, desenterrádo pezaroso do sepulchro do meu coraçaõ tantos cadaveres de culpa, q̃ ao bom exemplo saõ escandalo, & inda a mim mesmo saõ assombro. Se pois, meu Deos, & meu Senhor, aquillo faz quem naõ tem alma, ou quem tem alma menos nobre: que farei eu, que em huma vida vos devo immensos beneficios? que farei, que em cada culpa vos devo mil misericordias? por todas essas creaturas, quizestes que em vòs contemplasse, & sobisse a vèr o que sois, como he possivel conhecelo; & todas essas creaturas fizestes só para servirme, & com este fim as criastes; ellas todas, meu Deos, vos servem, & vos servem melhor que eu, pois chegaõ a sofrerme a mim, só por vos obedecer a vòs. Eu, meu Senhor, & meu bem todo, sou aquelle servo sem fruto, aquelle peccador ingrato, que de todas ellas me sirvo, fazendo ao mundo tantos males, que vivo de vossos favores, para dobrarvos as offensas; ellas todas, meu Creador, saõ linguas que me ensinão sempre vossa grande sabedoria; saõ pinturas que me bosquejaõ vossa ineffavel fermosura; saõ figuras que me representaõ vossa suprema Magestade; saõ retratos que me estão pintando vossa admiravel Providencia; saõ bocas que estão confessando vossa infinita Omnipotencia; sam vozes que me estão dizendo vossas perfeiçoens infinitas; eu só, meu Deos, não faço por imitalas, mas ainda quanto obro, he resistirvos, & aggravarvos, pois sendo todas as creaturas huns gritos, que me dais aos olhos, eu nem ainda para escutarvos, da minha vista faço ouvidos: acabem pois, meu Creador, estas taõ surdas repugnancias de huns olhos, que se fazem aspides; cessem as cegas resistencias de hũa razão que fazeis lince; dem já vozes dentro na alma esses silencios mysteriosos, & desfaçase em fogo, & agua este pedernal sempre duro; ponha jà os olhos em sy, quẽ os tirou tanto de vòs, que se tirou de seu sentido; & tire os olhos de sy proprio, quem por verse fóra de vós, se sahio fóra de sy mesmo; façase em mim por vosso amor, o que eu não posso obrar por mim; seja em mim possivel por graça, o que o não he por natureza; & emfim fazei, meu Creador, pois comvosco começo o dia, que pareça que estais comigo; & pois vòs sois quem me acordou, & me chamou para louvarvos, vòs quem com a luz dos auxilios rõpeis a noyte da minha alma, vòs a quẽ devo confessar o mui-

to que de vòs recebo, & emfim vòs a quem amo, & quero sobre tudo o que não sois vòs: permitì, que pondome aos pès de todas vossas creaturas, debaixo dos pès das hervinhas, & debaixo do pò da terra, com todas vos peça perdão, com todas vos diga louvores. Oh se eu, Creador, & Senhor meu, tivera para vos servir mais vidas que as hervas do campo, se tivera para adorarvos mais almas que as flores da terra, se tivera para entregarvos mais coraçoẽs que o mar areas, se tivera para admirarvos mais olhos que Estrellas o Ceo, se foraõ annos os momentos, se forão seculos as horas, & os dias eternidades, todas, meu Deos, & meu Senhor, para o que quero fora pouco, todas emfim, Creador meu, para o que devo fora nada; louvemvos por mim, meu Senhor, o Ceo, & a terra, & o mundo, & eu por toda a eternidade.

VOZ DE DEOS.

FIlho, inda que foste sombra algum tempo, chegate à luz da verdade, & se como Aguia fixares os olhos no Sol da graça, depressa veràs que o mundo he trevoas, os homẽs aves nocturnas, a sua luz mentira, a sua vida noyte, & o seu desejo engano.

FAISCA VI.

*Populus qui ambulat in tenebris, vidit lucem magnam: habitantibus in regione umbræ mortis, lux orta est eis.* Isai. 9. 2.

SUSPIRO DO PECCADOR.

MEu Deos, meu Rey, & meu Senhor, Sol de justiça, & Sol da graça, lume da vida, & luz do mundo: todo o povo dos meus sentidos, que gastou toda a minha vida na regiaõ das sombras da morte, vem guiado da vossa luz, a offerecerse em vossas aras; escapada de hum mar de trevas, com que a sepultava no abismo hum diluvio cego de noytes, ao assomar dos vossos rayos, navega já em hum mar de luzes, tendo o seu Sol no meyo dia, donde este espirito defunto na tristeza de meus delitos, já torna em sy allumiado, jà resplandece resurgido, sahindo desse escuro carcere, donde hum Oceano de culpas me suspende em hum mar de sombras, pois nelle a vista como cega se sepultava para a luz, nelle a razão desalũbrada vivia morta para o bem, nelle a minha alma anoytecida, idolatrava no seu mal; amanheceo-me meu Senhor, nos Orientes dessa Cruz, & esse lugar, que foy Occaso de vossa vida, Orien-

Oriente foy de minha alma, Aurora da minha razaõ, & luz do meu entendimento, pois desatandose os horrores, que forão nevoas do discurso, se derreteo logo esta neve, que me congelava o espirito; desfazendose aquellas nuvens, que condensou minha frieza, choverão graças nesta terra, sem vòs esteril, & infecunda; & vestindose os campos da alma de amenidades aprazìveis, crescèrão logo hervas, & plantas, produzindo flores, & frutos. Milagres saõ, meu Creador, ou natureza milagrosa da virtude de vosso influxo, effeitos dos vossos poderes, & condiçaõ dessa bondade, estas suaves differenças, & estes prodigios admiraveis, que para em mim serem maravilha, se tem feito em vòs condiçaõ; que para serem gloria em vòs, se tem feito em mim experiencia; pois apenas sobre a minha alma derramastes a claridade de vossos rayos amorosos; apenas desse mar de luz me mundárão as influencias, quando as hervinhas mais inuteis deste jardim meu amor, se virão com vossas virtudes, quando as mais rusticas piçarras deste meu peito empedernido, parecèrão pedras preciosas. Notavel condiçaõ de Sol tendes, meu Deos, & meu Senhor, pois com aquelle mesmo influxo, com que dos Ceos chegais à terra, à flor da terra criais flores, & nas entranhas lhe dais minas; com aquelles mesmos imperios, com que ferìs, meu Deos, os mares, das areas lhes fazeis ouro, & nas conchas lhe criais perolas; cõ aquelles mesmos favores, com que os montes vos participaõ, vos abraçam tambem os vallès; com aquella propria caricia, com que vos concedeis às Estrellas, fazeis tambem lustrar as nuvens. Por mais longes em que vos finja a vossa altura, meu Senhor, todos a hum vosso resplandor para a vista da alma saõ pertos; por mais alto que vossos auges vos façaõ respeitar da vista, entam mais pequeno, meu Deos, vos communicais aos affectos; por mais encuberto que andeis aos olhos de quem vos procura, entaõ, meu Deos, mais abrazado o vosso ardor vos manifesta. Oh meu Deos, & meu Senhor! se eu vira jà com a vossa attracçaõ, sobir da terra este vapor, arder em fogo esta exhalaçaõ, & erguerse em nuvens este fumo, entre os vossos mesmos ardores o vapor se fizera nuvem, a exhalaçam se vira chama, & o fumo se tornàra luz; que depressa, meu Redemptor, a terra de todo este mundo revivèra fertilizada, & se lustrára florecida, pois a nuvem se fizera lagrimas, que para os campos fora chuva; a chama lhe dera calor, que para as plãtas fora vida; & a luz lhe dera

formosura, que para as flores fora graça? porèm sem esta graça vossa, quem duvída, meu Creador, que a nuvem encubra a vossa luz, que a chama queime as vossas plantas, que a luz se eclipse em minhas sombras; se sem a vossa claridade toda a mais luz he de Cometa, sem o vosso fogo, meu Deos, toda a outra chama he de rayo, & sem as vossas influencias, todo o vapor se faz corisco? Desfazei pois, meu Creador, as durezas de hũ coraçam, que para vós se quer de cera, fertilizese o meu espirito com a chuva de vossas lagrimas, derretaõse os meus caramelos com o calor de vossa luz, influam-me vossas virtudes no peito novas qualidades; sejaõ janellas os meus olhos, por onde em cada vista de olhos, & em cada vista das creaturas me entre a luz de vossa vista, para que eu possa ver que em tudo, & em todas vos tenho presente. Alegrese o meu coraçāo, desvanecendose os horrores de meus enganos sempre cegos; nam viva no mundo às escuras huma razaõ, que tanto às claras vè os vossos beneficios; resplandeça dentro de mim, & luza jà com o meu exemplo essa verdade, que encobre a mentira do mundo; & emfim, descubraõse, meu Deos, com essa vossa claridade, aquellas fabricas escuras, & essas quimeras mentirosas do desengano tão malquistas, & tão bem aceitas da vaidade, & da cegueira tam prezadas; chegandome muito a vòs, de sorte me acenda, meu Deos, fitando em vòs sómente os olhos; de sorte esta alma se allumie, que remontada como Aguia, em vossos rayos se suspenda, & abrazada em fogo, como Fenix em seus incendios se renove, purificandose nas chamas, esmorecendose nas luzes, vivificandose nas cinzas.

VOZ DE DEOS.

Filho, faze muito por andar na minha presença, por fallarme sempre que queiras, abaixandote quanto pòdes, & erguendote quando eu procuro, & nam resistas aos favores que te faço, sendo tam vil, que não es mais que hum pó, & cinza, hontem igual com o nada, hoje filho das hervas, á manhāa sustento de bichos.

---

FAISCA VII.

*Loquar ad Dominum meum cum sim pulvis, & cinis.* Genes. 18. 27.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Diante de vòs, meu Senhor, se poem agora o pò, & cinza; a fallar com o seu Senhor

vem hoje a mesma corrupçaõ; á vista da vossa presença, com quem he nada todo o mundo, se atreve a pôr o mesmo nada; porèm como, meu Creador, ousarei eu sendo tam vil chegarme para de vossos olhos? vòs esse mar de immensidades, esse pègo de fermosuras, esse abismo de maravilhas; vós essa excelsa Magestade, a quem o Ceo, & a terra adora, a quem o fogo, & o ar se humilha; vós essa immensa Omnipotencia, a cujo aceno o Sol se move, a cujo imperio os montes tremem, a cujo impulso o mar se abate, & a cuja vista finalmente todo esse imperio se arrebata, todo esse mundo se derruba, & o mesmo inferno se ajoelha; consentireis que ouse a fallarvos huma vilissima creatura? vòs que nos Ceos achastes manchas, no Sol defeitos, na luz sombras, & escuridade nas Estrellas, culpas nos mesmos Serafins; vòs finalmente essa pureza, de cuja vista senão tem por dignos os Sãtos, & Anjos, que vos louvão, os Serafins que em vòs se abrazão, os Cherubins, que em vòs se admirão; vireis a fallar, meu Senhor, com hum bichinho vil da terra, com hum pouco de lodo, & cinza, hum pò unido, hum torpe argueiro, hum breve ouçaõ, & hum leve atomo, que cheyo de nodoas, & vicios, prezo nas redes do peccado, atado nos laços da culpa, nem vos busca como he razão, nem vos adora como deve, nem se vos postra como he justo? como he possivel, meu Senhor, que por erguer o pò da terra, ponhais por terra a Magestade? por ventura faltarvoshião na longa esfera dos possiveis, mil perfeitissimas creaturas, em quem pudesseis pôr os olhos? no largo Oceano do mundo faltarião outros (meu Deos) que merecessem melhor que eu poremse em vossa presença? no immenso espaço de vòs mesmo faria mingua quẽ he nada, para louvarvos, meu Senhor? como logo vossos influxos, como vossas misericordias me trazem diante de vòs, para que se ponha, meu Deos, esta sombra na vossa luz, este argueiro nos vossos olhos, & este lodo na vossa pureza? porèm, meu Deos, & meu Senhor, como neste vosso favor, estas ingratas humildades desconhecem vossos beneficios, se do nada para o ser de homẽ, me tirou vossa Omnipotencia? se sendo pouco mais de nada, me tirastes vòs da minha culpa à vossa benignidade? se me ergueis com este favor a que pize o Ceo, & as Estrellas (que mais he porme a vossos pès) como sou eu tal, meu Jesu, que tapo os olhos ao que devo, quando mais os abro ao que sou? que resisto à vossa vontade, quando trago a mi-

nha vontade mais acesa para obedecervos? quasi culpo as vossas obras, pois me encolho a vossas grandezas? Oh Deos immenso, & soberano, obrem em mim vossos influxos, o que nam pòdem meus defeitos, isto que excede aos meus discursos. De maneira, meu Deos, vos busque, com tal confiança vos falle, com taes incendios vos adore, que fazendo azas das chamas, espiritos das lavaredas, & linguas das admiraçoens; sirvão os pasmos de discursos, as transformaçoens de assistencias, & de affectos as maravilhas. Oh alto, immenso, omnipotente, sapientissimo, santissimo, incomprehensivel, & bonissimo Senhor, & Deos meu!

## VOZ DE DEOS.

Filho, eu sou o teu Deos, que te tirei da terra do Egypto, louvame, pois fui teu remedio, suspirame, pois sou o teu bem, fallame, pois sou o teu amor, & pedeme, pois tens em mim tudo.

(§):⌣:(§)⌣:(§)⌣(§):⌣:(§)
(⌣§⌣§⌣§⌣§⌣§⌣)
()§()§()§()§()§()
✠(✠)✠
(⌣)

## FAISCA VIII.

*Quando veniam, & appareho ante faciem Dei?* Psalm. 41. 3.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

Quando, quando, meu Redemptor, cahiráõ desfeitas em lagrimas as nevoas que cegão meus olhos? quando ha de ouvirse na minha boca aquella voz com que vos louvem as minhas entranhas? quando sahiráõ da minha alma aquelles intimos suspiros, cõ que voe a unirse comvosco? & quando deste coraçaõ hão de sahir chamas cõ que arda em vòs o meu peito? tirastemes, meu Redemptor, da terra do Egypto da culpa, & das escravidoens do peccado, & pelo mar Vermelho de vosso sangue, abrindome a estrada nas ondas, nellas deixastes sepultados, como a Faraò, os meus vicios, trazendo a salvo os meus sentidos, q̃ tambem saõ o vosso povo, fizestes com que vos cantassem gloriosamente o triunfo: pelo deserto deste mundo, que para os bons he solidaõ, & passo para os que vaõ ao inferno, me sustentastes, meu Senhor, com o Manná dos Sacramentos, chovendo do Ceo na minha alma o orvalho das misericordias;

do

do pedernal de hum coraçam, que ferio fogo contra vòs, fizestes que deitasse, ferido com a vara da vossa Cruz, copiosos rios de lagrimas, com que acodindo á sequidão, que eu sempre achava nos meus olhos, por vòs revive este espirito, amortecido tantas vezes nas fraquezas do ser humano, & sem castigarme outras muitas, que eu dei aos idolos do mundo a adoraçaõ que vos devia, & outras muitas que suspirei pelo peyor manjar do Egypto, me fizestes sobir ao monte da Oraçaõ, que me ensinastes, donde vòs me daveis a Ley, que mais me convinha guardar, & onde sempre me falaveis entre ás chamas do Espirito Santo, com quem não só me respondieis, mas juntamente me inflamaveis. Aqui com o fumo da oraçaõ, que subio à vossa presença, com os terremotos admiraveis de meus internos movimentos, não só me ouvistes meu Jesu, mas me prometeo vosso amor ver a terra de Promissaõ da celestial Jerusalem, & eterna bem-aventurança, ao mesmo passo em que os meus olhos viaõ soverterse no inferno outros que por menores culpas vòs para sempre condenastes; quando a mim me desejava a terra, o Ceo, o mar, & o mesmo inferno tragarme, abrirse, & confundirme, por tantas offensas que eu fiz a tamanhas misericordias; não bastou nada, meu Senhor, para que vòs vos afastasseis de mim, ou de chegarme para vòs: todos aquelles inimigos, que espantosamente terriveis, ou amigos fingidamente, solicitavão destruirme, ou pelo menos combaterme, sendo despojo dessas chagas, que são ás armas com que ando, sendo troféo da vossa Cruz, q he o Estandarte, que tremólo, sendo brazões do vosso nome, que he a razaõ porque entendo, sendo timbres da minha Fè, que he o escudo com que me cubro, foraõ vitorias repetidas da batalha de vossa morte; forão insignias gloriosas desta guerra da minha vida; foraõ simulacros eregidos nos Imperios da vossa graça; foraõ bandeiras arrastradas no triunfo da vossa gloria; não parando aqui, meu Senhor, vossos immensos beneficios: naquella terra deleitosa, que sempre mana leyte, & mel, naquelles rios de delicias, naquelles jardins da minha alma, que sempre tem flores, & frutos: na sagrada Religiaõ, dõde a pobreza me fez rico, donde a obediencia he liberdade, donde a castidade he deleyte, me puzestes, meu Creador, de sorte bem-aventurado, que inda na terra achei o Ceo, que inda na morte encontro a vida, & atè nas penas vejo a gloria. Oh Deos altissimo, bonissimo, pijssimo,

misericordiosissimo! que obras pódem ser palavras, que cantos pódem ser louvores, que affectos pódem ser extremos, para que digaõ os humanos os beneficios que vos devo, para que encareçam os homens as maravilhas que em vós ha, para que eu grite a todo o mundo a mentira, que sem vós he? *Sayam*, meu Deos, por esta boca feitas palavras, as entranhas: rompaõ, meu Deos, pelos meus olhos as lagrimas feitas razoens: derramemse por todo eu, os suspiros feitos discursos, para que o mundo na minha alma, os homens nas minhas entranhas, & ainda o Ceo no meu coraçaõ, leaõ huma ancia, que he amor, huma verdade, que he prodigio, huma razaõ, que he maravilha, & hum desengano, que he exemplo. Todos, meu Deos, nisto vos louvem, pois eu não sei de outra maneira louvarvos todos os instantes, servirvos todos os minutos, & amarvos todos os momentos.

## VOZ DE DEOS.

FIlho, quebrãose as pedras, vendome morrer em huma Cruz; & tu vendome morto por ti, nem me tiras deste injurioso tormento, nem te crucificas por mim. Olha, que desta mesma fóte não pódem manar juntamẽte as aguas doces, & amargosas.

---

## F A I S C A IX.

*In foraminibus petræ, & in caverna maceriæ, ostende mihi faciem tuam.* Cant. 2. 14.

## SUSPIRO DA ALMA.

OH meu Jesu, oh meu Senhor! com que soberbo atrevimento levanto os olhos para vervos? com que profanas ousadias vos intento tomar na boca? com que arrojado precipicio tomo essa Cruz nas minhas mãos? se ellas vos pregáraõ os cravos, se a minha boca vos deu o fel, se os meus olhos forão vossa afronta; olhos tenho eu para vervos, boca tenho para fallarvos, & tenho mãos com que me atreva a tomar o Ceo com as mãos? & não chorão inda os meus olhos, o que vendo vos aggravàrão? não confessa inda esta boca a grande offensa que vos fez? não espedaçaõ estas mãos hum coraçam, que assim vos poz? para que tem covas os olhos, se inda nellas se não sepultaõ? de que servio ter Ceo a boca, se he melhor a boca do inferno, que huma boca tão infernal? de que servem as mãos terem palmas, se podendo-as ter de vitoria, as perdèraõ, quando no mundo dèrão as costas ao seu Deos?

Deos? Mas que se avia de esperar de hum coraçaõ mais que de pedra, que podendo ser de tocar vossa bondade meu Senhor, foy de atrahir para as maldades, & de cevar a todos os vicios? que podendo ser de estancar o mar de sangue que verteis, foy tantas vezes, meu Jesu, de ferir fogo contra vòs? que podendo ser preciosa, & servirvos de pedra de ara, a todo o mundo o foy de escandalo, parecendo pedra perdida? que podendo desfeita em lagrimas fazer chorar as mesmas pedras, fez que se erguessem contra vòs as mesmas, que vòs magoaveis? que podendo na vossa casa ser pedra de fundamento, poz hũa pedra sobre vòs, sem que vos dèsse sepultura? Oh meu Jesu, & meu bem todo! quebraõse as pedras de vos vèr, & eu tenho inteiro o coraçaõ! usurpaõme ellas a razaõ com que doridas se enternecem, com que se partem magoadas, & eu só lhes usurpo esta dureza, com que vos olho empedernido! morrese o dia de pezar, & não me peza de viver, sendo hum inferno a minha vida! O Sol olhandovos se eclipsa, o Ceo doendose se enluta, & eu vendo qual vos tenho posto, nem me doo do mal que fiz, nem de vervos tal, me entristeço! Alli se rasga o Vèo do Templo, aqui não quer o coraçaõ rasgarse em golpes, & pedaços! Os cegos chegaõ a ter vista nos Sacramentos desse peito, & eu por naõ ser do vosso lado, quero com vista ficar cego! Hum inimigo se converte, confessando que sois seu Deos, & eu a quẽ vós chamastes filho, a quem chamastes tantas vezes, a quem mil vezes perdoastes, ainda recuso o converterme, ainda trato de vos fugir! para onde posso eu fugir, aonde todas as creaturas me não castiguem por ingrato, & me não tenhaõ por inimigo, se em toda a parte, meu Creador, levo comigo o meu peccado, & vai comigo a vossa offensa espedaçandome a conciencia, & gritandome dentro na alma, para que aos golpes, & ao ruido desta sua perturbaçam, veja todo o mundo os feyos vultos de meus vicios, as negras sôbras de meus erros, & as razoens que todos teràõ de vos vingar, & consumirme? tudo parece que me accusa o que em mim dura esta dureza: tudo parece que se arma contra esta minha obstinaçaõ. Olho para os Ceos, & se turbão de vèr que os olho, & que os desprezo; olho para o mar, & se altèra, de vèr que ronca, & vos nam temo; olho os ares, & se enfurecem, de vèr que os bebo, & vos aggravo; olho para a terra, & me foge, de vèr que treme, & me naõ move; vejo essas hervas, & se murchão, de vèr que as pizo em vossa offensa; repa-

reparo no Sol, & se enfia de allumiarme em vossa injuria; valhome das sombras, & caem, por vèr q encobrẽ vossa afronta; chegome às fontes, & congelaõse, de ver que as gosto, & vos nam busco; passo aos penedos, & espedaçaõse, de vèr que os olho, & me endureço; contemplo as horas, & se acabão, de vèr que acabo, & nam me emendo; tornome a vòs, & demudaisvos, porque eu vòs olho, & me nam mudo; tudo parece que se admira, tudo conheço que me accusa, que me aborrece, & me reprehende, pois olhandome com a carranca, naquelle seu espanto mudo se pasmaõ da minha maldade, & em todos seus annuncios tristes me ameaçam a vossa ira: porèm, meu Deos, deste penhasco, desta serpente, desta vibora, deste prodigio de maldades, deste portento de delitos, que podeis vòs esperar, ou que podia vèr o mundo? se desde o ventre à luz da vida fui hum veneno amortecido; se desde o berço à flor da idade fui hũa chimèra organizada; se desde o leyto atè o tumulo sou hum escandalo perjuro; & se emfim sou a todo o tempo hum parto morto da razaõ, hũ monstro horrendo dos nascidos, & hum cometa vivo do mundo. Porèm que importa, meu Jesu, a gravidade de meus vicios, a grandeza de minhas culpas, & o pezo de minha conciencia, se na balança dessa Cruz se pesar com vossas piedades? não vos puzestes vòs na Cruz para me condenar, meu Deos; para perdoar minhas culpas, & lavarme com vosso sangue, derramastes vòs dessas Chagas hum rio de misericordias; que tem pois que fazer, meu Deos, os torrentes de minha culpa, inda que parcçam diluvios, com os mares de vossa graça, inda que só pareçam fonte? que tem que fazer o diluvio da minha culpa com a innundaçaõ de vossa graça, se a muitos mares de peccados, & a muitos mundos de delitos excede a menor piedade vossa? Pesai, meu Deos, quãto me peza de me nam pezar quanto he justo, o muito que vòs offendi, & vereis que se me não peza, quanto he razão que me pezasse, he porque apar dessas piedades he nada toda a minha culpa; nam pelo peso da minha ancia, pelo valor de vosso sangue aveis de julgar, meu Senhor, & aveis de estimar, meu Jesu, meu amor, a minha emenda. Pondome apar de vossas Chagas, vos venho a pedir, meu Jesu, que me ponhais os vossos olhos, metendome por dentro dellas: donde me esconderei de vossa ira, se esses olhos de misericordia senão virarem para mim? No vosso peito, meu Senhor, donde os cegos acháraõ vista, entro eu a buscar re-

remedio; esse lado ha de ser agora a Cidade de refugio, adonde se vão a acolher todos os medos do meu mal, & as esperanças do meu bẽ; se ahi me achastes contra vós, quando de hũa lança fiz chave, aqui vos hey de achar por mim, pois dessa chaga fazeis porta. Esta, meu Senhor, he a differença, que ha de hũ Deos misericordioso ao peccador mais ingrato. Aqui, meu Deos, & meu Senhor, me quero fechar para o mundo, metendome em hum Ceo aberto; aqui me quero abrir comvosco, desabrindome com meus peccados, & de todos arrependido, ao menos vos venho a bater dõde vos cheguei a ferir, porque me fira o vosso amor, & me cure a vossa piedade.

### VOZ DE DEOS.

Filho, se queres q̃ ouça tuas petiçoens, & que te defira bem, nam me peças nunca outra cousa, senam que se faça em ti a minha vontade.

---

## FAISCA X.

*Non mea voluntas, sed tua fiat.* Luc. 22. 42.

### SUSPIRO DO PECCADOR.

Immenso, altissimo, infinito, & omnipotente Senhor meu, não, como outras muitas vezes, vos venho a pedir neciamente os bens da vida deste mundo, as honras, glorias, & fortunas, que só buscaõ almas do seculo: persuadido da vossa graça, atrahido do vosso auxilio, excitado do vosso impulso, cuido que venho a vos pedir o mesmo que vòs quereis darme; vòs quereis, meu Deos, que eu me salve, que vos adore, louve, & sirva, & para isso me criastes, escolhendome entre tantos, que me pudèraõ preferir: a obedecer gostosamente a vossa vontade, meu Senhor, não me arrastrão só as fortunas, não me soborna só o exemplo, nem só me move o desengano, a minha vontade me traz acesa em lavaredas de vosso espirito divino, que de mim, meu Deos, não presumo que nasça este ardòr de chamas, que corre a este mar de fogo. Aparelhado, meu Senhor, vem agora o meu coraçam para fazer vossos mandados, resignados os meus sentidos para entregarse ao vosso gosto, & mansa a minha liberdade para tomar o vosso jugo; façase em mim vossa vontade, & acabem jà por huma vez tantas violencias da memoria, tantos excessos do alvedrio, tantas cegueiras do discurso; vençase o gosto da razão, atese à graça a natureza, & sopee ao corpo o espirito. Baste, meu Deos, & meu Senhor, baste a passada resistencia, aquella

cega rebeldia, & esso utra louca repugnancia com q̃ ás vocaçoés fui escandalo, aos auxilios ingratidaõ, & emfim à finte aos beneficios: fiquem comigo as negaçoens, comvosco as conformidades, que me importa muito, meu Deos, nam querer já nada de mim, nem me está bem, meu Creador, desviarme em nada de vòs: façase em mim vossa võtade, como vós quereis q́ se faça, & naõ queira eu cõ meus erros governar os vossos destinos: sirvavos eu, meu Deos, em tudo, como vòs quereis que vos sirva, & não se metão meus arbitrios em mandar vossa vontade: mas quem sou eu, meu Creador, quem sou meu Deos, & meu bem todo, para cuidar tanto de mim, que cuide que posso prestar para tudo quanto quereis? & que merecerei servirvos sendo a peyor cousa do mundo? não se tem os Anjos do Ceo por dignos de vos adorar, naõ se julgão os Justos da terra merecedores de servirvos, & cuidarei eu, pò, & cinza, que disto sou merecedor, & que de tanto bem sou digno? Os que vos servem, meu Senhor, os que vos ministrão, meu Rey, os que vos adorão, meu Deos, saõ Santos, & não peccadores; saõ Anjos, & nam como eu homens; saõ Serafins, & nam como eu brutos; mas eu que na vida do seculo, pareci Turco, & não Christão, pareci bruto, & naõ humano, pareci demonio, & nam homem, no vicio, exemplo da maldade, na culpa, monstro dos perversos, nos erros, norte dos perdidos, cuidarei que posso servirvos do modo, que vos serve hum Justo, da sorte que vos ama hum Santo, & na fórma que vos quer hum Anjo?

Serà bem, q̃ eu chegue a cuidar, que no meu estado sou justo, que na minha vida sou Sãto, & que sou hum Anjo no espirito? como, meu Deos, & meu Senhor, atè por aquelle caminho, em que vos desejo servir, & me ponho a risco de offendervos, levandome desta soberba, & tendo tamanha ousadia: como consente a vossa bondade, que eu vos falle tam atrevido, & me sospeite tão medrado? porque callais quanto faço? porque me sofreis quanto digo? que fosse offensa a minha vida, qũado nas culpas foy estrago, andar, naõ era novidade: q̃ fosse aggravo o meu amor, quando do mũdo foy delirio, passe tambem, pois andei cego; mas que hoje quando vos busco, quando me peza de offendervos, & quando só quero agradarvos, seja delito o que vos peço, esta sómente he a cegueira! que hoje, meu Deos, quando vos amo, seja soberba o que me postro, esta só he a maravilha! porèm, meu Deos, que hey de fazer, ou que

sera

ſerá razaõ que faça? ¡ſerá acerto por ventura, por não ſer digno de ſervirvos, que continue em offendervos? ſerà razão que gaſte o reſto que me ſobeja, na vida de voſso aggravo, & no meu delito? porque não poſſo ſer hũ Anjo, ſerà bem que ſeja hũ demonio? porque me nam devo ter por juſto, tratarei de ſer peccador? ſerá pedirvos, meu Deos, que em mim ſe faça a voſſa offenſa, por nam merecervos, que em mim ſe faça a voſſa vontade? perdirvoshey, meu Creador, que de mim vos queirais offender, porque nam mereço pedirvos, q̃ de mim vos queirais ſervir? que hey de pedirvos, meu Senhor, ſe pedirvos iſto he aggravo? como ha de ſer, como he poſſivel, que vos agrade o que vos peço, ſe pedir eu parece abſurdo, ſe pedirvos a vòs he força? ſe o que ſe pede ha de ſer juſto, & pedirvos iſto he razão, ſoberba parece, meu Deos, o pedirvos eu, ſendo quem ſou, hum bem tamanho, como amarvos: parece offenſa nam pedirvos, ſe vòs me rogais q̃ vos peça: ſe me enſinais que iſto vos rogue, inclinandome a obedecervos; vede, meu Deos, vede meu Pay, o que he voſſo goſto que eu faça, que eu me ponho nas voſſas mãos; & ſó vos peço, meu Senhor, o que vòs quereis que eu vos peça, façaſe em mim a voſſa vontade, porque ſem eſcolher, nem fugir dos caſtigos, ou dos favores, indifferente para tudo me acharáõ os voſſos decretos: ſeja, meu Deos, qual for a ſorte que hoje me lance o voſſo agrado, que eu jà nam quero mayor bem, que ſaber da minha reſignaçaõ, que a voſſa gloria he o meu fim, voſſa vontade a minha gloria, & voſſa emfim a minha vontade.

## VOZ DE DEOS.

FIlho, nam ſó na noyte das adverſidades, mas em hũa ſombra de deſcuido, me agrada quem ſe chega a mim, & quem bemdiz as minhas obras. Se perderes o ſono, & deixares o deſcanſo, todo Eu ſerei o teu premio.

---

## FAISCA XI.

*Memor fui nocte nominis tui Domine, & cuſtodivi legem tuam.*] Pſalm. 118.

## SVSPIRO DA ALMA.

AGora, Deos, & Senhor meu, que ſe amortalha o Ceo em nuvens, que a luz ſe ſepulta em ſombras, que a noyte ſe derrama em trevas: agora, que a ſombra da noyte finge deſcanſo a tantas vidas; agora emfim, meu Creador, que as aves tem o ſeu abrigo, que os bru-

brutos gozaõ do repouso, que os homens tratão do seu descanso; eu que em vòs só me recreyo, aonde encostarei os meus sentidos, aonde adormecerei os meus olhos, senaõ muito apar de vossa graça? aonde poderei eu ter repouso, senam deitado a vossos pès? aonde encontrarei descanso, senão for nos vossos braços? onde gozarei abrigos, senam for nos vossos olhos? se esses me servem de regalo, estoutros me servem de leyto, & aquelloutros de ninho. Corre huma fonte para o mar, porque no mar tem o seu centro: remontase a Aguia sobre as nuvens, porque no Ceo quer pôr os olhos: attrahe o norte a pedra Iman, porque tem virtude huma pedra: & podendo os olhos ser fonte, pois saõ as fontes olhos de agua: podendo hum juizo ser Aguia, que tambem ha Aguias de juizo: podendo hum coraçam ser Iman, que tambem ha coraçoẽs de pedra: nam queira attrahir como pedra a vòs, ó Norte da minha Alma! não queira voar como Aguia a vòs ó meu Sol de justiça! não queira correr como fonte a vôs ó mar de toda a gloria! Oh corrase muito a razaõ de estar em mim tam mal parada, que tenha já mais virtude huma pedra, que hum coraçaõ! que faça huma Alma menos, que huma ave! que obre huma fonte mais, que huns olhos! se só como Author da natureza vos obedece o Ceo, movendose, todos os Astros influindo, o Sol, & a Lua allumiando: só por servirvos, o Ar a todos vos dá alentos, o mar passagem, a terra frutos, o fogo abrigos, o mundo casa; que menos hey de fazer eu, a quem sobre os bens da natureza destes tantos bens da graça? para que vos servirei peyor, se vos conheço por meu Deos? vejo esses Ceos, essas Estrellas, que me vaõ servindo todas em todo o tempo, que vos busco: que me dão luz para seguirvos, em quãto sabem que vos chamo: olho para essas sombras, & essas nuvens, & dizem-me, que vos vão amando, & buscando, pois a servirvos vão correndo: ouço esse ar, cujos çuçurros me parece, que sam suspiros: vejo o mundo todo posto em silencio, onde as cousas sem alma, as mais toscas, & as mais rudes contemplandovos admiradas, todas em vòs estam suspensas, & pasmadas; ellas correm a obedecervos, & se movem para agradarvos, sem que parem, nem de noyte, nem de dia: outras em vòs se estaõ revendo, & se estaõ em vós elevando, sem que cessem hora, nem ponto. Todas parece, que me reprehendem, me arguem, & me accusaõ esta minha tibieza, com que me canso para servirvos, em q̃ me desvelo para fallarvos, & conti-

nuamente amargos. O Sol vos cria as pedras para as Aras, & juntamente as flores para os Altares; mas que farei eu, se desse Sol, que os Ceos, & Espiritos celestes adorão, faltar a luz, que me allumia, faltar o influxo, que me attrahe? se desse mar para onde corro, faltar o centro que me aquiete? Abrazem-me já esses rayos, predomineme o vosso influxo, & çoçobrem-me as vossas ondas, para que nelles sempre aceso, vos ame os seculos dos seculos: para que nelle arrebatado vos nam largue o nunca dos nuncas: para que nelles embebido vos adore o sempre dos sempres.

## VOZ DE DEOS.

Filho, detesta, & abomina tuas culpas diante de minha Magestade, para te fazeres digno de que minha grande misericordia tas perdoe, tas remita, & nam impute.

## FAISCA XII.

*Peccavi super numerum arenæ maris, & multiplicata sunt peccata mea: & non sum dignus videre altitudinem cæli, præ multitudine iniquitatis meæ.* Ex Officio Eccles.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, meu Redemptor; eu o mais ingrato dos homens, o mais perverso dos nascidos, o peyor de todos os humanos, a vossos pès cheyo de culpas, venho a ver aquella bondade, que tantas vezes me sofreo, a pedir essa misericordia, que tantas vezes engeitei, a cõfessar essa piedade, que tantas vezes me attrahio. Eu sou aquelle filho ingrato, aquelle servo fementido, & aquelle em fim perverso homem, que da vossa misericordia fiz atègora a vossa injuria, pois que de tantos beneficios nam tenho feito a minha emenda: sou aquelle monstro de culpas, aquelle extremo abominavel, aquelle excesso aborrecivel, que da vossa mesma justiça, fiz atègora paciencia, pois para ser misericordia, se fez comigo esquecimento. Eu sou, meu Deos, aquella pedra, aquella fera, a-

quelle bruto, que a ter de pedra o coraçaõ, nam pudèra ser mais de marmore, que a ter de bruto a natureza, nunca pudéra ser mais bruto, que a ter de fera a condiçam, nunca pudèra ser mais fera. Sou aquelle peyor que todos, que dádome vòs mais que a todos, os beneficios, & os auxilios, mais que todos vos fiz offensas, mais que tudo vos fui escandalo. Indigno sou, meu Creador, de que o Sol me dè a luz que vejo, o ar, o alento q respiro, a terra, o lugar que occupo, & dè todo o uso da razão, que nunca em mim teve o seu uso. Indignissimo sou, meu Deos, da vida, & da alma que me dèstes, do tempo, & meyos que me dais para que fuja de mim mesmo, & para que a vós só me chegue. Indignissimo sou, meu Deos, de que haja cousa que me sofra, bichinho vil que me consinta, & leve ouçaõ que não me aggrave. Merecedor sou, meu Jesu, de que no mundo as creaturas se ergaõ, & se armem contra mim, & por sy, & por vòs se vinguem de quanto em mim vos aggraváraõ, quando em mim vos desobedecèraõ. Merecedor fui, meu Senhor, por quantas vezes vos fugi, vos resisti, vos engeitei, de que o Ceo me desemparasse, de que o fogo me consumisse, de que a terra me sovertesse; & ainda hoje, meu Deos, mereço, que as creaturas me nam olhem, que os elementos se me neguem, que o mesmo inferno me sepulte, pois sendo em vós mil beneficios cada hum instante meu de vida, foy em mim huma eternidade de offensas cada momento mais de culpa: & devendo em mim ser penitencia, tudo o que foy distrahimento, foy em mim sempre obstinaçaõ, o que devia ser emenda.

Daveisme a vida, meu Senhor: daveisme o tempo, meu Jesu, por ver se a mudança do tempo podia em mim fazer mudança: por ver se os estragos da alma eraõ jà fastios da culpa; & eu cada vez mais pervertido, cada vez menos emendado, me deleytava nos delitos, como se nelles vos amàra: me gloriava nas maldades, como se nellas vos servira. Oh meu Senhor, meu Redemptor, quanto sinto, quanto me doo, & quam pouco me doo, & sinto de ser, meu Deos, a vossa afronta, de ser, meu Deos, a vossa Cruz! Quanto sinto, Redemptor meu, ser tão grande a minha maldade, que mil vezes na mesma culpa, fiz vaidade de aggravarvos, & outras tantas me entristeci de nam poder mais offendervos! Que homem seria mais perverso? que fera mais incorregivel? que demonio mais detestavel? & vòs, meu Deos, sempre a sofreime, & vós, meu Senhor, sempre

prè a esperarme, como se o vosso ser immenso dependèra muito de mim! como se ao vosso immenso amor lhe fora muito em me salvar! Rasguese pois, meu Creador, este coraçam empedernido em rios de fogo, & de lagrimas: ceguem, meu Deos, ceguem meus olhos com diluvios de sentimento: espedacese esta minha alma com huma dòr sempre chorada, com hũa magoa nunca vista, em hum vivo aborto destas culpas, & em huma ancia morta do meu pranto: seja este o parto das viboras, que me espedace as entranhas: seja este aquelle cutello, que me traspasse o coraçaõ. Pequei, meu Deos, & meu Senhor, & nam tem areas o mar, flores a terra, hervas o campo, que igualem, Pay, & Senhor meu, o numero das minhas culpas; nem a serem as hervas fontes, nem a serem as flores rios, nem a serem as ondas mares, igualaráõ as que os meus olhos devem chorar arrependidos. Pequei, meu Deos, jà o confesso, & ao Ceo, à terra, às creaturas o direi a vozes, & a lagrimas. Pequei, & sendo as minhas culpas hum aggravo de todo o mundo, quando imagino os que vos fiz, só cuido, que contra vòs pequei. Tamanha he a differença de vossa offensa ás outras todas, que sendo muito cada huma junto da vossa, todas juntas parecem pouco mais de nada. Pequei, meu Deos, & bem conheço, que todas as penas do inferno saõ para mim pouco castigo; mas nam pelo temor da pena, que eu mereço tão justamente; nam por perder os bens da gloria, que eu nunca vos mereceria, me peza, Deos, & Senhor meu, de meus vicios abominaveis, & de meus peccados incrivies. Pezame muito de coraçam, pezame muito na minha alma, por serdes vòs o offendido; vòs o meu Deos, & o meu Senhor; ò Senhor dos Ceos, & da terra; que me criou, me redemio, que me sofreo, & me chamou; vòs que só por vòs sois digno de ser eternamente amado, por vòs mesmo merecedor de atè no inferno ser servido; vòs essa immensa Magestade, de quem os Ceos, & a terra tremem; essa suprema Omnipotencia, de quẽ foy obra todo o mundo; essa ineffavel fermosura, por quem o mundo he admiravel; essa bondade incomparavel, por quẽ eu sou aborrecivel; esse mar de misericordias, esse extremo de perfeiçoens, sempre infinito de grandezas, nunca acabar de maravilhas; & que sendo vòs tudo isto, & muito mais do que isto tudo, me atrevesse eu a offendervos, me resolvesse a exasperarvos! eu vilissima creatura, que hontem fui nada, hoje sou pouco, & à manhãa serei mui-

to menos! eu que se bem me considero, quando muito vejo em mim mesmo, que fui, que sou, & que serei, ha pouco lodo, agora feno, daqui a pouco pò, & cinza! eu mais vil que tudo o que he vil, peyor que o peyor de tudo! eu que de vós recebi tudo, a vida, a alma, a liberdade, a vontade, o entendimento, a redempçaõ, a fé, os auxilios, a honra, os bens, & as vocaçoens com que ainda assim me estais chamando, com que ainda assim me estais querendo! Oh Senhor, & Redemptor! como he possivel que esta dòr me naõ arranca das entranhas hũa alma que foy tão ingrata! como he possivel que esta dòr me nam parte este coraçam contra vós sempre endurecido! como he possivel, meu Jesu, que eu nelle vos queria meter, se foy cova de basiliscos! como he crivel, meu Redemptor, que ouse erguer a vòs os meus olhos, se foraõ portas do peccado! & como he crivel, meu Senhor, que eu chegue a pôr em vòs a boca, se foy vaso de venenos! vós offendido, & eu com vida! vós com amor, & eu sem pezar! vós perdoandome aggravado, & eu resistindovos vencido! vós em huma Cruz dandome os braços, & eu nelles sendo a vossa Cruz! vós por mim prezo nesses prègos, & eu contra vós nas culpas solto! eu tenho dòr, & ainda vivo! eu me enterneço, & ainda duro! como he isto, meu Creador, que me não entendo comigo, nem ainda quando estou comvosco? como he isto, Pay, & Deos meu, que inda de mim naõ sei livrarme, quando de vòs chego a valerme?

Mas como ainda a mim me estranho, como ainda me desconheço! que outra cousa póde esperarse de qual eu fui, de qual eu sou, senão estas ingratidoens, a vossa offensa, & os meus erros? que outra cousa se esperaria desta serpente, desta vibora, mais que as maldades, & os venenos? Oh meu Senhor, oh meu Jesu! se nesta hora fora licito, para vingarvos em mim proprio, para vingarme de mim mesmo, arrancar este coraçam, & tirarme a mesma vida; inda assim senão apagára esta sede, ou essa chama, que da minha ancia, & vosso espirito, tam vivamente se acendeo, por estas minhas sequidoens! mas pois que em mim de nenhum modo pódem acharse as sufficiencias; a quem, meu Deos, hey de acudir, de quem, meu Deos, me hey de valer, senam de vós, que sois meu Pay, meu bem, meu Deos, & meu Senhor? a quem tive eu nunca por mim, mais q̃ só a vòs meu Jesu? se sendo o mũdo quem me tenta, o demonio quem me cõbate, & tudo o mais quem me persegue, nada foy tanto contra mim, como eu mesmo fui,

&

& estou sendo. Acudime vós meu Jesu: valeime vós, meu Creador, & não me desempareis, meu Deos.

Meu Pay, meu Deos, & meu Senhor, naõ aos pès dos filhos dos homens, mas aos pès do filho de Deos, & meu Senhor, me trazem hoje os meus suspiros, me arrojaõ hoje as minhas lagrimas, não com aquella reverencia, contriçaõ, & resignaçaõ, proposito, amor, & intensam, que este meu acto requeria, mas com aquillo que he possivel, a quem foy sempre a mesma culpa, o mais fragil por natureza, por experiencia o mais ingrato, por condiçaõ o mais perverso; mas quando posso eu confessar, que he a vossa bondade immensa, senaõ quando tam confiado a vossos pès venho a mostrar que inda he mayor que a minha culpa? Em vir deitarme a vossos pès bem mostro jà q̃ reconheço, que sois vòs o meu Senhor; em vos pedir misericordia, & ter nella esta confiança, bem confesso que sois meu Pay; em conhecer quam justamente viráõ sobre mim os castigos, bem confesso, que sois meu Deos. Aqui me chego aos vossos olhos, aqui me ponho em vossas mãos, aqui me deito aos vossos pès; se he vosso gosto condenarme às mayores penas do inferno, como posso eu convencervos? como poderei resistirvos? ¡seja embora, meu Creador, que justo sois, & eu o mereço, façase em mim a vossa vontade, que santa he, & eu peccador: não por gozar eu hum perdão, se balde em vòs hum attributo: louve eu assim vossa justiça, pois tantas vezes desprezei vossa immensa misericordia: porèm alcancemvos, meu Senhor, estas lagrimas hũ partido, mereçavos a conformidade com que obedeço a vosso gosto (nas minhas penas) hũ concerto, nam que eu deixe de padecer as mayores q̃ lá se sentem, mas que vos nam perca este amor, que vós mesmo me tendes dado: cresça o amor, cresçaõ as penas, que nenhũas me tiraráõ (senão me tirares o amor) a gloria de as sentir, sabendo que tendes gloria de que eu as sinta. Gloria minha será, meu Deos, ver que vos tenho hum grande amor, donde todos vos aborrecem: poder cantar vossos louvores, donde vos vira maldizer; & poder suspirar por vòs, donde vos vira blasfemar.

Porèm se nos vossos juizos pódem meterse os humanos, tamanha gloria terei disto, se vós disto tiveres gloria, que desde agora me persuado, que serei indigno, meu Deos, dos mesmos tormentos do inferno, se os sentir com circunstancia de q̃ vòs nelles tenhais gloria: pois sendo eu cousa tam má, que

sou do mundo a peyor cousa, como me não admirarei, que inda assim pudesse dar gloria (de qualquer maneira que fosse) a hum Deos tão bom como vós sois? tam bom sois, meu Deos, & Senhor, que cuido que no mesmo inferno, para conhecer quam bom ereis, não era necessario outro argumento, que crer que a mim me castigaveis, por ser a cousa mais opposta, q̃ achastes em todos os seculos, á vossa bondade infinita. Isto só bastára, meu Deos, para que vendovos tão justo, & conhecendovos quam bom ereis, me fizera amarvos nas penas, & louvarvos no meu castigo: não me tireis pois, meu Senhor, esse amor, nem esta razaõ: não passeis de mim, meu Deos, o vosso, & meu conhecimento; & deste logo se quereis sepultarme para todo sempre no escuro carcere do abismo, eu, meu Deos, não me persuado, que vós me quereis condenar, porque se na campanha da honra, se no mal da vida passada, se na casa do mesmo vicio, se no leyto da mesma culpa, tantas vezes a vossa justiça embainhou a sua espada; como agora, que a vossa graça poem na balança o meu pezar, tão unido com a vossa Cruz, me querereis dar o golpe? fiado na vossa bondade, naõ cuido eu, meu Redemptor, que me perdoastes obstinado, para condenarme arrependido: se esta fora a vossa vontade, já a terra me não sofrèra, já o Ceo me não consentíra, & já o inferno me tragára. Por ventura cuidarei eu, que sou mayor na confiança, com que busco a vossa piedade, do que ella he com minhas culpas? & quando isso assim não fora (que eu mereço todo o castigo, & vós, meu Deos, sempre sois justo) fora razão que o mundo vira, que vós, meu Deos, me perseguieis, & me tinheis por inimigo?

Contra hũa debil folhinha, a quem os ventos arrebatão, mostrareis o vosso poder? contra hum bichinho vil do mundo, em quem os ouçoens tem dominio, executareis o vosso imperio? cõtra hum argueiro limitado, sobre quem anda o pó da terra, empenhareis a vossa ira? nam sois vós quem desemparais a quem se chega à vossa sombra; tão pouco quem toma vingança, de quem nas vossas mãos se poem; & menos quem deita de sy, quem vem deitarse aos vossos pès: nam deixarei os vossos olhos, nam largarei os vossos braços, nem soltarei os vossos pès, nem daqui me levãtarei, em quanto, Pay, & Senhor meu, nam sentir no meu coraçam, que já me tendes perdoado, & me deixais restituido; não porq̃ eu, meu Deos, o mereça, mas por vossos merecimentos:

tos:

tos: não, meu Jesu, por minhas lagrimas, senam pelo vosso sangue: não, meu Senhor, por minha justiça, mas por vossa misericordia. Prometo Pay, & Senhor meu, de nunca mais vos offender, nunca mais, nunca mais, meu Deos; cayam os Ceos, fujame a terra, falteme o ar, fundase o mundo, tenteme o inferno, & o demonio, que em fim fiado em vossa graça, de vós me naõ apartaráõ, o bem, o mal, a morte, a vida, a honra, a injuria, o gosto, a pena, a terra, o Ceo, & o mundo todo. Fazei vós, Pay, & Senhor meu, meu bem, & todas minhas cousas, que assim o faça como digo, & pois cõ vosso auxilio o proponho, q̃ em vossa graça o execute. Oh meu Senhor, oh meu Creador! antes mil males, que hũa offensa: antes mil mortes, que hũa culpa: antes o inferno, que hum peccado.

## VOZ DE DEOS.

FIlho, resignate na minha vontade, que só então acertarás, & fazendo Norte do meu beneplacito, te porás nas mayores alturas do Espirito sem perigo de naufragio.

## FAISCA XIII.

*Domine, quid me vis facere?* Act. 9. 7.
*Loquere Domine, quia audit servus tuus.* 1. Reg. 3.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

QUE quereis, meu Senhor, que eu faça? Fallai, meu Deos, & meu Senhor, que aqui vos ouve o pó, & cinza: já estam cahidos por terra aquelles castellos de vento, que ergueo a minha vaidade; já se levanta desenganada pela vossa voz, meu Deos, aquella razão tam cahida nas areas do meu engano; aquelles ouvidos, meu Jesu, que vos não deu o meu amor no meyo das ondas do seculo: já os tapou o advertimento às sereas do meu perigo; já para vós estam abertos, & para tudo o mais fechados: cerrados tambẽ os meus olhos, para ver os riscos do mundo: a tudo se fechão, meu Deos, para se abrirem só comvosco: entrai por elles, meu Deos, entrai muito dentro de minha alma, pois só para entrardes muy dentro, não só fiz portas dos meus olhos, nam só corredor dos ouvidos, mas passadiço das entranhas, & Palacio do coraçam; de par em par as achareis, meu doce Esposo, to-

das por dentro, para que muito a vosso gosto andeis pelo interior da minha alma. Este, meu Deos, & meu bem todo, he o Castello de Emaùs, onde ainda a portas fechadas vos vi entrar. Entrai, meu Deos, & ficai comigo; que se vem pondo sobre a terra a noyte da tribulaçam. Vede meu Deos, que o meu bem todo não esteve só em entrardes, estarà sim em não sahirdes. Aqui me podeis ensinar a fazer tudo o que quizerdes, que determinado estou já a me guiar por vós em tudo: se então quizerdes, que sayamos, hireis comigo, ou eu comvosco; que tãbem estou resoluto a seguir o vosso caminho. Nelle me ponho, meu Senhor, nelle me resolvo a viver tudo o que aqui peregrinar: fazei vós que assim o execute, pois fazeis que assim o prometa; pois de vós nasce, que eu o deseje, fazei tambem que eu o faça; fallai comigo, meu Deos, conversai muito comigo: pois bem, que eu seja hum vil bichinho, não vos aggravo em querer tanto, pois vos queixais quando o naõ quero. Conversai comigo, meu Deos, & daime licença entre tanto, que aos vossos pès busque o meu throno: ponha eu a boca, meu Senhor, onde vós puzerdes os pès. Quando nas chagas desses pès vos não merecer pôr a boca, tome eu essas mãos soberanas, que fizeram o Ceo, & a terra, & beijandovolas mil vezes, as ponha tambẽ nos meus olhos. Naõ se fartem nunca os meus braços de apertarvos sempre nos meus: nem cessem as minhas entranhas de vos meter no coraçaõ. Oh se eu, meu Deos, assim me vira, isto fizera a toda a hora; se todo o dia não parára, se toda a noite não dormira, se embebido, se arrebatado nesse doce dessasocego consumira os mezes, & os annos, que ledo, meu Deos, que contente passára as horas, & os instantes! que satisfeito, que ditoso possuira o tempo da vida! Nem pois, meu Deos, & meu Senhor, porque errei nas vias do mundo, desacerte em vossa vontade; nem porque cahi nos meus erros, vos descaya já dessa graça. Mais quero ser na vossa casa hũ vil desprezo dos mais vís, q̃ nos Palacios do mũdo hũa estimaçaõ dos mayores: antes quero nas vossas vias ser hum deixado pobresinho, que nas estradas da vãgloria o mais querido dos humanos: mais estimo por vós, meu Deos, ser hum fastio dos viventes, que sem vós huma divindade na veneraçam dos nascidos. Sejaõ embora as minhas forças quasi impossiveis aos alentos, com que pize espinhas, & abrolhos: pareção quasi insuperaveis as penedías, & piçarras, que hey de subir por esta via; & sejão quasi sem sahida os laby-

labyrintos, & asperezas donde me embrenhe esta jornada, pois tendovos a vós por via, considerandovos meu premio, conhecēdovos meu exemplo, seraõ boninas os abrolhos, as asperezas seràõ branduras, as penedías estradas francas. Vede pois meu Deos, que quereis, que aqui estou a vossos mandados: daime, que nelles vos ature fazendo cõ que persevere: daime que em todos vos abrace, inda que tarde vos encõtre: daime q̃ sempre vos escute, inda que nem sempre vos ouça; & daime, que sempre vos ame, inda que nunca vos veja.

### VOZ DE DEOS.

FIlho, cuida que sou o teu bem todo, & refereme tudo a mim; & não haverá mal, nem bem, em que me não aches a mim, & em que te naõ aches Bemaventurado.

---

## FAISCA XIV.

*Deus meus, & omnia.* Verba P. mei Francisci.

### SUSPIRO DO PECCADOR.

MEu Deos, & todas minhas cousas: que cousa póde haver em mim, que vos naõ louve a vós, se em todo eu naõ acho alguma, que em vós nam tenha a sua origem, & de vós, meu Deos, me não venha? Poucos annos ha, meu Senhor, que sahi do abismo do nada, onde abæterno nada era: logo que fui, não tive ser mais que o que vós quizestes que eu fosse: o que vós quereis, estou sendo, & nada serei, senaõ quizerdes que seja. Pudera sem mim haver mundo, pois o ouve antes que eu fosse; & durará sem que eu dure, & eu já nam serei durando elle; antes logo, se vós quizerdes, me posso resolver em nada, pois se afastardes do que sou o vosso cõcurso meu Deos, desfarseha em fumo, & sombra toda esta luz do ser vivente, tornarseha em vento, & nada esta minha mortalidade. Nisto vejo, meu Creador, que vós me déstes o que fui, que vós me dais o que estou sẽdo, & me dareis o que serei. Vós me criastes meu Senhor, vós me fizestes, & não eu; donde se vè, que quanto sou he hũa divida, meu Deos, em que vos está a minha alma, hum empenho do meu coraçaõ, & hũa obrigaçaõ da minha vida: tanto mayor, quanto foy mais cega aquella ingratidaõ, com que desconheci tantos annos donde me viera este bem, donde me nascéra o que vivo, donde começára o que entendo, & donde manára o q̃ vos amo. Assim gastei a meninice, assim passei a mocidade,

perdendo inutilmente os annos, que deixei de viver comvosco. Nelles, meu Deos, & meu Senhor, ereis o meu despertador a cada grito da razão: ereis o meu memorial a cada golpe da conciencia, sem que ouvesse cousa no mundo, que não fosse dentro de mim hũa aldravada celestial, com que a vossa mão me batia, & hum mudo aviso, com que em tudo vós me fallaveis: chegava o dia, & nos crepusculos das sombras da minha ignorancia parece que a luz me ensinava, que vós me daveis este dia: chegava a noyte, & recolhendome, o mesmo vicio me dizia, que sofrieis esta noyte: amanheciame outra vez, & parece que a cada hora me dizieis, que me esperaveis: passavão todas as horas, & em todas sabia eu, que vos fugia. Disto ás vezes, meu Creador, me nascião no coraçaõ hũas tristezas desusadas, & hũas ancias mal entendidas, com que no carcere da culpa gemia prezo o coraçaõ, sem saber bem porque gemia, & agonizava dẽtro de mim o meu espirito, sem saber como agonizava, & apenas nellas respirava. Já desde a infancia, meu Senhor, eraõ rebates da minha alma estes vislumbres trasluzidos de vossa infinita bondade: erão auroras da razão estes mal distinctos crepusculos do amor de vossos beneficios: eraõ sustos da minha culpa huns ignorados Nam sei quès dessas vossas misericordias; & erão gostosas suspensoens huns suspirados impossiveis de vosso amor, & minha emenda. Chegastes, meu Deos, & meu bem, a meterme na vossa casa, & inda que a rastos, a vontade se deixou levar da razão, por mais que resistio á graça mal persuadida a natureza; emfim, emfim, Pay, & Deos meu, vosso fiquei, & vosso sou, indigno sempre de ser vosso, mas naõ querendo mais ser meu.

Se aqui, meu Deos, & meu Senhor, a minha vontade vos quer, quem me deu a mim a võtade, senaõ a vossa Omnipotencia? se o meu entendimento vos cuida, quem me deu este entendimento, senaõ só a vossa vontade? se a minha memoria vos tem, quem me deu a mim a memoria, senão vossa benignidade? se os meus sentidos vos adoraõ, quem me deu a mim os sentidos, senão o vosso amor? & se eu vos sirvo algũa cousa, quem me deu a mim este prestimo, senão vossa misericordia? que de vezes, meu Redemptor, cahindo eu dentro de mil males, os puzestes fóra de mim? sahindo eu da vossa graça, me metestes dentro de vós? pondose o gosto apar da culpa, a puzestes longe do gosto? chegando a vida jũto á morte, a afastastes muito da vida? & estando o inferno

ao longo da alma, a alongastes muito do inferno? Vòs emfim, Deos, & Senhor meu, o meu bem todo fostes sempre, & sois todas as minhas cousas. Se vejo, sois a minha vista: se ouço, sois os meus ouvidos: se como, sois o meu sabor: se cheiro, sois o meu olfato: se pecco, sois o meu perdão: se choro, sois as minhas lagrimas: se vos adoro, meu amor: se persevero, a minha graça: se me perseguem, o meu refugio: se socègo, o meu descanso: & emfim, se duro, a minha vida. De sorte, que em mim naõ acho nada, que eu não conheça, que sois vós. Vós sois, meu Deos, & meu Senhor, quem inda cá neste desterro me faz bemaventurado. Vós sois a minha agilidade, vós sois a minha sutileza; pois se quero correr a terra, se intento cruzar os mares, se aspiro a vadear as nuvens, se desejo atravessar os Ceos, se procuro ver todo o mũdo em hum só instante, em hum só ponto, vós sois as azas com que voo, vós sois a esfera onde ando, vós sois o fim com que me movo, vós sois o termo donde paro, & sois o centro onde me aquieto: & emfim, Senhor, & Deos meu, sois o meu bem, sois o meu tudo, atè quando junto de vós sou o mais vil bichinho vosso, o vosso ouçáõ, o vosso nada. Se paro dentro de mim mesmo encolhendome no que era, recolhendome no que sou, & tremendo do que serei, dilatando vós o que sois, atè no que se tem por nada, dentro deste nada, meu Deos, fazeis vir o Ceo, & a terra, o mar, & todas as creaturas, & passandome todas mostra de vossa grãde fermosura, sabedoria, immensidade, omnipotencia, magestade, misericordia, & providencia; para vèr tudo, sois meus olhos, para o entender, meu juizo, para o querer, minha vontade. Se neste tempo vos procuro em alguma sombra, ou figura, se vos suspeito em imagens, & semelhanças, se vos abraço, meu bem, em alguma idéa, ou memoria: para abraçarvos, sois meus braços, para buscarvos, meu desejo, para contemplarvos, meu espirito, para tervos o meu coraçaõ, para gozarvos, a minha gloria: se vos busco mais puramente sem figuras, & sem imagens, porque as não ha do que vós sois, sois toda a minha suspensaõ, meu amor, & maravilha, o meu incendio, o meu recreyo, o meu bem todo, o meu tudo, & muito mais que tudo. Oh louvemvos, meu Creador, em cada lagrima os meus olhos, em cada alento a minha boca, as minhas mãos em cada obra, em cada hora a minha vida, & ainda os meus pès a cada passo: pois vejo, Deos, & Senhor meu, que o Ceo vos

louva

louva em cada Estrella, o Sol, & a Lua em cada luz, o fogo ardente em cada chama, o vento leve em cada nuvẽ, o mar soberbo em cada onda, a terra humilde em cada hervinha, & o campo alegre em cada flor. Louvemvos todos, meu Senhor, & eu só vos louve mais que todos, todos sempre, & eu por todo sempre.

## VOZ DE DEOS.

FIlho, tempo ha de amor, & tempo de sequidão: huns mezes leva a Primavera, outros o Estio, & o Outono: importa apartarme de ti, inda que te não deixe de todo, para chegarte mais a mim; & agora cuida que começas, pois agora te has de deixar, & em huma firme negaçaõ de todas tuas affeiçoens, has de tomar a minha Cruz, seguirme, & perseverar; & se tudo isto fizeres, serás meu verdadeiro discipulo.

---

## FAISCA XV.

*Ut quid Domine recessisti longe, despicis in opportunitatibus, & in tribulatione?* Psal. 10. 1.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

QUe he isto, Deos, & Senhor meu, aonde estais, meu Redemptor? como naõ me ouvis, meu Jesu? que fazeis, amor de minha alma? Pergunto por vós aos meus olhos, & dizem que vos não vem! Buscovos no meu coraçaõ, & em todo elle vos naõ sinto! Corro todos os meus sentidos, & nenhũ me dá novas de vós! Quem vos poz taõ longe de mim, que em todo eu vos não encontro? Quem me poz tão longe de vós, que em todo vós já vos não acho? já não me ouvis, quãdo vos chamo? naõ me acudís, quando vos grito? naõ me valeis, quando vos busco? que he feito, Deos, & Senhor meu, das doçuras da vossa graça? aonde está, meu Creador, vossa antigua misericordia? para onde, meu Deos, se forão aquellas vossas piedades, com que em outro tempo me atrahieis? aonde me hey de hir, meu Senhor, se vós de mim vos apartardes? quem fez, que se vos não désse de hũa alma, que vos tenho dado? quẽ faz com que se vos nam dè das ancias com q̃ vos suspiro? Acordai, vinde meu Senhor, ergueivos, & chegai, meu Deos, correi á pressa, meu Senhor, que me çoçobra a tempestade, as ondas do mar já me sorvem, & estou já quasi no profundo. Acudime pois meu Senhor, porque se os vossos escolhidos no meyo das ondas do mar, & tendovos a vós comsigo, cuidavão, que já se perdião, que farei eu, meu Redemptor,

demptor, que apenas de vós fui chamado, quando me vejo sovertido? que mal tratei de vos seguir, quãdo jà vos choro apartado! Acaso, Deos, & Senhor meu, sou eu do metal dos Justos, que vós provais, porque saõ ouro? Por ventura achareis em mim nesta prova mais que estas fezes? Será bom, luz dos meus sentidos, que este provarme seja meyo de que venhais a reprovarme? Logo, meu Deos, quem vos obriga a me virar tanto as costas? quem vos move, amor da minha alma, a que assim me deixeis sem vida? vedesme no mar destas lagrimas, & nellas, meu Sol, não vos pondes? no deserto desta tristeza, & já me deixais no deserto? na solidão desta saudade, & já fugís á solidão? que culpa minha vos poem rémoras, se as minhas penas vos dão vozes? que nós cegos meus vos saõ laços, se os fez o pranto corredios? que embaraços meus vos tem prezo, se atè os meus ays andão soltos? aqui me seráõ testemunhas todas as creaturas do mundo, da dòr, da magoa, & do pezar com que sem vós fujo de mim, com que sem mim vos busco a vós, com que sem mim, nem vós me fico. De todas ellas farei eccos, que vos repitão meus soluços, quando não possa fazer vozes, que vos levem os meus suspiros. De todas ellas farei pennas, que vos escrevão minhas queixas, quando não possa fazer mãos, com que vos prenda nos meus braços: de todas ellas farei fontes, por onde corram minhas lagrimas, quando não possa fazer olhos, com que procure a vossa vista. Mas quem duvída meu Senhor, que de mim nasce o não acharvos, de minhas culpas o escondervos, & de meus descuidos fugirdesme? pois não he da vossa piedade terdesme nesta servidão, sem que deixeis sentir na alma, & no coração, que deixe eu de vervos! Se pois, meu Deos, esta he a causa, a todo mundo direi logo a causa de vos apartardes, confessando a vozes, & a lagrimas a todo o mundo a minha culpa.

Saibaõ todos, q̃ eu tenho a culpa de vos afastardes de mim, & de eu sentir, q̃ estais tão longe; mas se não he esta, meu Deos, tornai, tornai, Deos da minha alma, para huma vida, que vos busca, para hum coraçam, que se doe, para hũa alma, que vos quer: vós sois aquelle Deos piissimo, q̃ nesta fragil natureza, por vestir o sayal humano, deixastes as tèlas celestes: sois quem aos homẽs prometestes de lhes acudir vossa piedade, em vos gritando com huma lagrima, & em vos chamando com hum gemido. Aqui vos gritão os meus olhos, aqui vos chama o coraçaõ, & aqui me afflijo, & me lamento

mento por ver se me ouvís, meu Senhor, & se me acudís nesta pena. Terra he sem agua esta vida, que se vai fazendo penedo na sequidão dos meus sentidos, mata de espinhos a aspereza, q̃ noutro tempo produzio flores. Passe este Inverno, meu Senhor, venhaõ as vossas Primaveras, para que floreça este espirito, que se amortece a puro murcho: para que reviva este amor, que assim se murcha agonizado. Vinde, pois, vinde, meu Jesu, ergase a vòs meu pensamento, em vós se pasmẽ meus discursos, em vós se absorvaõ meus sentidos, & nesta doce suspensaõ, neste suave abraço da alma, tenha eu affectos para amarvos, arda em chamas para querervos, & sina amor para servirvos; & ao menos, meu Deos, façavos de imaginaçoens para pintarvos muito ao vivo, pois já desfiz o coraçaõ, em que de morte còr vos puz. Tenha, meu Deos, dentro de sy huma sombra do que vós sois, quem tanto por huns longes vossos tem sahido fóra de sy. Permitime, meu Deos, que na alma vos retrate, ou na memoria vos bosqueje: seja o pintar como o querer; & fiqueme esta sombra vossa, pois á vossa sombra, meu Deos, será força, que me retrate de todos os erros, que fiz. Tenha pois a alma esta pintura, pois em quãto eu a nam tenho, he certo, que não tenho vida. Toda a minha alma será lamina, a minha memoria, pincel, & o vosso sangue será tinta, & ande de sorte nos meus olhos este bosquejo suspirado, este debuxo appetecido, q̃ não se apartem deste objecto antes que a morte os adormeça, nem saibaõ vèr outra belleza, antes que a vida se lhes eclipse.

## VOZ DE DEOS.

FIlho, depois da tormenta espera a bonança: muitas vezes faço, que viro a cara, para provar a confiança; & me retiro para me fazer mais desejado: sofre com paciencia a tribulaçaõ, & fartehas digno da consolaçam.

---

## FAISCA XVI.

*Vsquequò avertis faciem tuam à me? Vsquequò oblivisceris me in finem?* Psalm. 12. 1.

## SUSPIRO DA ALMA.

ATé quando, meu Creador, me tereis virado as costas? Atè quando, meu Redemptor, vos quereis esquecer de mim? De mim, que atè quando vos tenho, & vos abraço na minha alma, sou hũa flor, que ao Sol se murcha, sou feno, que com o vento cae, sou hum cuçaõ,

que

que os ares levão, eſcuma, que ſe desfaz em agua, fumo, que ſe torna vento, ſombra, que ſe reſolve em nada! Como pois, meu Deos, aſſim me deixais neſte aperto, neſta afflicçaõ; neſta agonia, qual terra ſeca ſem orvalho, qual noyte eſcura ſem Eſtrellas, qual náo ſem leme entregue ás ondas, qual folha leve expoſta aos ares? Para que fim, Deos da minha alma, quereis com eſta adverſidade, que eſte meu barro ſe endureça, que a noyte me entregue a mil erros, que o mar me cauſe perdiçoens, que o ar me obrigue a liviandades? Por ventura folgareis vós, que as ſequidoens me façaõ pedra donde falte hũa ſede de agua? as trevas todo confuſaõ, donde nam póde haver acerto? as tempeſtades ſeu deſpojo, donde não póde haver bonança? & as ondas do mar ſeu naufragio, donde não ha nenhũ refugio? A hũ cego deixais ſem guia, a hum viandante ſem caminho, a huma aveſinha ſem azas, & a hũa barquinha pobre ſem remos? Que ſe póde eſperar de mim, ſe ſendo guia me faltardes, ſe ſendo via não vierdes, ſe pelas azas me dais penas, ſe pelos remos me dais ondas, ſenão que como cego caya, que como peregrino erre, que como aveſinha morra, & como barquinha me vire? Como he iſto pois, meu Senhor, como vos ſofre o coraçaõ verme çoçobrar das ondas, verme agonizar nas penas, verme errar no voſſo caminho, & verme cahir no meu erro? Conſentevos eſſa piedade ver ſem arrimo a voſſa plãta, ſem paſtor a voſſa ovelhinha, o voſſo cervo cego á ſede, & o voſſo eſcravo morto á fome? Ao mais intimo da minha alma entráraõ as ſombras da morte, & as aguas da tribulaçaõ. Nada me val, nada aproveita para valerme dentro em mim, depois que vos não acho a vós. Não ſó no Ceo, não ſó na terra, no mar, & em todas as creaturas vos achava eu, meu Senhor; quando vós querieis meu Deos, mas ainda dentro de mim meſmo achava eu, quando vos tinha, o mundo, o mar, a terra, o Ceo, & todas as mais creaturas. Hoje, ſaudade minha, agora, amor dos meus ſentidos, por mais que faço ſe vos buſco, por mais que choro, ſe vos amo, ſuſpiro, & vejo, que não val lamentarme, & nada me importa; chamovos, & pouco aproveita. Ninguem me moſtra bom ſemblante, todos parece, que me fogem, que me engeitão, & que me aborrecem, como offendidos de que eu cuide, que ſem vos ter, os queira olhar: como enfadados de que eu ſinta, que ſem quererdes me aliviem: ſe ainda aſſim teimo em perguntarlhes, onde, meu Deos, vos acharei: ſe con-

tinúo

tinùo em inquirirlhe de que modo posso agradarvos, em todos acho dissabor, & todos me fazem carranca. Pergunto por vós às hervinhas, & todas me respondem secas: peço vossas novas ás aguas, & todas me respondem frias: subo a chamarvos pelas serras, & todas se me mostrão asperas: corro a buscarvos pelas pedras, & todas se me mostrão duras: voo a beber por vòs os ventos, & todos me deixam em vão: chegão ao Ceo os meus clamores, & todos virão sem ouvirme: passaõ meus olhos ás Estrellas, & nenhũa me olha benigna: tornáose a pôr por esses mares, & achando nelles hum diluvio, que cahio do mar do pranto, nam acho vestigio vosso: fallo a todas as creaturas, & turbaõse todas de verme: recolhome dentro de mim, & achome em mayor solidaõ: pois toda a alma se fez ermo, todo o espirito cadaver, & o coraçaõ todo sepulchro; donde a tristeza finalmente não só enterra o meu alivio, mas já me sepulta a esperança. Baste pois, Deos, & Senhor meu, baste esta pena, baste esta afflicçaõ, com que os meus dentros agonizão, com que os meus fóras me sepultão. Pondeme já os vossos olhos, virai para mim essa graça, não estejais mal comigo, & não me desempareis, meu Deos, & pois sabeis quanto isto custa, pelo que vos custou então, me valei meu Jesus agora.

Naõ pereça não tão depressa hum amor, que nasce ainda agora; não se envelheça o meu espirito nas primaveras dessa graça, onde só florece a razaõ, que se seca em vossas ausencias. Apartemse já da minha alma estes ventos, que espirão neve, com que estou morrendo de frio, entorpecido, & congelado: soprem da parte do Meyo dia aquellas viraçoens suaves, com que a minha alma se recrea, & o meu espirito respira: cayaõ sobre o meu coraçaõ aquellas melifluas branduras, com que nas manhãas dessa graça orvalham as misericordias: amoleça já esta terra, que toda he mar de area solta; & venhão já sobre estas hervas caducamẽte amortecidas os rayos do vosso Sol, que com seu calor lhes dão vida: começaráõ logo as minhas flores a perfumar vossos altares; enfeitaloshão as boninas, que para isso regaõ os meus olhos; & abraçaloshão os meus votos, que para isso se renovão. Aqui recorro a vós, meu Deos, á vossa casa de oração, que he o meu bem, & o meu refugio, pois já sei, que se isto não fora, nesta agonia perecèra. Bem sei, que he bom, que me afflijais, para que eu veja, quem sou sem vós. Conheço, Pay, & Senhor meu, que sem vós sou planta sem fruto,

nuvem ſem agua, & ar ſem luz: ſei que inda a minha meſma vida he eſqueleto, & ſepultura de hũa alma, que ſem vós he morta; & ſei que emfim me não chamaſtes para paſſar a váo os mares, para ter ſem guerra o triunfo, & ſem eſpinhos a coroa: reſolvome neſta afflicçam a padecer antes a morte, que conſentir em hum ſó peccado; & meterme pelo meſmo inferno, antes que gloriarme na culpa. Fazei de mim, meu Senhor, fazei de mim quanto quizerdes, com tanto que nam permitais, que eu peque hum ponto contra vòs. Mas que aproveita, meu bem, que eu aſſim o ſaiba propôr, ſe vós não derdes, que eu o faça? Vinde pois, Deos, & Senhor meu, neſtes meus males como cura, neſta batalha como ſoccorro, & neſtas trevas como Sol: chegaivos já, meu Deos, & meu remedio, chegai, meu Deos, & meu esforço, chegai, meu Deos, & minha luz, que ainda que cego, inda que fraco, inda que enfermo, com mil amores vos procuro, com mil abraços vos eſpero, & com mil almas vos ſuſpiro.

## VOZ DE DEOS.

FIlho, quanto mais confeſſares tua ingratidão, & tiveres diante dos olhos a tua vileza, tanto mais me inclinarei a te fazer qual deſejas ſer; & a te levantar onde ſem mim nam pódes chegar.

---

## FAISCA XVII.

*Quid eſt homo, quòd memor es ejus?*
Pſalm. 8. 5.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

MEu Deos, ſejais bemdito, & louvado: paſmemſe os Santos, louvemvos os Anjos, maravilhemſe os Serafins pela admiravel miſericordia, q̃ uſais comigo: louvemvos, meu Deos, & Senhor, pois na indigniſſima vileza deſta miſeravel creatura exercitais as maravilhas de voſſa graça, ſem terdes nojo de mim, ſem me aborrecerdes, ſendo eu merecedor de que todos me aborreçaõ, & me deſprezem, ſe enfadem de mim, & me não ſofraõ: como abominavel que ſou, que naõ obedeço a vós, meu Deos, ſendo hũ Deos terrivel, mas ſempre amavel, digno de toda a gloria, & de todo o louvor: a quem obedece o mar, que he a meſma mudança, o vento, que he a meſma liviandade, o fogo, que he a propria ſoberbá: os montes movemſe pelos ares, ſendo tão pezados naturalmente, a hum aceno voſſo; & eu a tantos Mandamentos voſſos não me movo nunca,

nunca, nem me acabo de entregar, sendo taõ facil, & taõ leve para obedecer aos brutos de meus appetites torpes, á terra de minhas inclinaçoens baixas, ao mar de minhas mudanças cõtinuas, ao fogo de minhas concupiscencias cegas, ao ar de minhas liviandades vãas.

Meu Deos, quem sou eu, para que me mostreis hum tamanho amor? que tenho de meu mais que a vaidade de antes, miserias de depois, & peccados de cada vez mais? que ha em mim, meu Deos, mais que o que vós puzestes com a vossa imagem, o que estais pondo com vossa graça, & o que depositou em mim debalde vossa misericordia? se olho para os meus antes, vejo que não fui cousa algũa, se olho para os meus agoras, nenhuma cousa sou, se olho para os meus depois, nenhuma cousa serei.

Em que lugar se póde pôr a minha vileza, & a minha malicia, senão abaixo de todas quãtas cousas criou a vossa Omnipotencia? Se olho para as vossas creaturas, todas vejo meu Creador, que melhor vos servem, que eu; porque se olho para as hervinhas, por fermosas que sejão, por tenras, & melindrosas que nasçaõ, todas saõ mansas, & humildes, pois consentem que eu as pize. Todas as creaturas vegetativas vejo que vos obedecem, & guardaõ vossos preceitos, pois as hervas se deixão pizar, as flores colher, os campos abrir, as arvores cortar, as pedras arrancar, & a terra mover, porque as creastes para servirse o homem de todas as cousas: vejo correr os rios para o mar, porque os inclinastes desde o principio a buscar o seu centro: vejo, que não busco o meu centro, que sois vós, meu Deos, inda que me inclinastes para vós desde o meu principio. Se olho para as creaturas sensitivas, & irracionaes, vejo que os bichos da terra vivem sem se queixar, vão passando a vida em silencio, & em solidão, com gosto, & sofrimento; vejo que o Leaõ forte, o Touro bravo, o Tigre feróz, o bruto mais indomito, & a fera mais agreste, deixando a fereza, & a crueldade servem ao homem, & posto que não entendão, ainda assim tem obediencia aos imperios da razão; servindo todas a mim, que vos offendi, & eu não vos sirvo a vós meu Deos; taõ servido dos bons, taõ querido dos Santos, tão amado dos Anjos, & de todos os Espiritos Bem-aventurados!

Vejo os homens, & dos peyores que vejo, posto que os veja todos juntos, não sei de todos elles tantos peccados, como sei de mim; só o que presumo que sei, he, que o peyor de todos elles, ou elles todos, se vós lhe

dereis

dereis, meu Deos, o que me dais a mim, mais agradecidos vos foraõ. Vejo finalmente os demonios, & vejo que por hum só peccado estão no inferno; & vejome a mim, que havendo cometido tantos, não só estou no mundo, mas estou cheyo das vossas misericordias, que a tantos deixárão condenar com menos culpas que eu! Donde pois, meu Deos, me hey de pôr, se sendo peyor que todas vossas creaturas, me sirvo de todas ellas, & me vejo servir sempre, como se não fora eu esta indigna creatura, este gusano vil, este nada, este ainda menos, & este peyor ainda? Oh altissima bondade, que me sofreis! oh summa, & immensa misericordia, que me não desemparais! oh além de infinita, & inexplicavel piedade, que me não deitais de vós! oh sobre alèm de infinito, eterno amor, que vos naõ cançais comigo! Louvevos o Ceo, adorevos a terra, bemdigãovos os Anjos, & todas vossas creaturas; & bemdizeivos vós, meu Deos, que só a vós podeis dar a gloria, o louvor, & a honra, que a esse pègo de mais que infinita bondade infinitamente se deve pelos seculos dos seculos.

## VOZ DE DEOS.

Filho, faze por te pôr em minha graça pelo conhecimẽto das tuas culpas, & arrependimento muito grande dellas; porque não faltarei á tua esperança com que em mim confias; & te amarei como se nunca me offendéras.

---

## FAISCA XVIII.

*Hei mihi, quia peccavi nimis in vita mea!* Offic. def.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, pequei, fiz mal; perversa, & pessimamente me desviei de vós pelos caminhos da cegueira, & estrada larga da perdiçaõ: posto estou no deserto de minhas culpas; onde só com ellas, & taõ longe de vós, meu Deos, taõ deitado a longe, não vejo nada do meu bem, mais que conhecer o meu mal. Perdi, meu Deos, perdendo a vossa amizade, & o vosso amor; perdi mil vezes a razaõ, que sacrifiquei á ignorãcia; perdi a liberdade de filho vosso, a honra de vosso amigo, a uniam dos Santos, a intercessaõ dos Justos, & a memoria dos Ceos: & quasi deitado no inferno, ou peyor que no inferno, pois deitei a alma em meus peccados, nada me ficou, meu Senhor, mais que os horrores, & os assombros desta conciencia, desta alma fea, desta tribulaçaõ terrivel de

meus enganos cegos. Sugeiteime por minha livre vontade á obediencia do demonio, às cadeas, & labyrintos de meus peccados graves, & desta miseravel vida. Que me fica pois, meu Deos, de tantos bens que tive na vossa graça, mais que esta dòr que tenho de minhas culpas? Que tenho, Deos, & Senhor meu, que tenho de meu já agora, mais que este, Ay de mim, este Pequei, este Pezame, este Naõ quero mais peccar, por serdes vós quem sois? Pequei, meu Deos da minha alma, & do meu coraçaõ, pequei infinitamente, pequei perversa, & ingratamẽte. Que tem pois a vossa ovelhinha perdida, porèm sempre vossa? que tem mais que estes seus clamores, & estes balidos tristes, com que repete a cada instante: Ay de mim, que vos offendi? Ay de mim, meu Deos, & Senhor, que vos aggravei? Ay de mim, porque todo eu não sou mais, que hum Ay?

Amorosissimo Jesu, Deos, & homem verdadeiro, a quem offendi, & aggravei por minha grande culpa: pequei, fiz mal, abominavelmente pequei, pois vos offendi desviandome da vossa Ley. Indigno sou de perdão, & de misericordia, pois por hum momento breve, por hum gosto caduco, por hum engano manifesto, por hum erro sabido, vos perdi o amor, & me apartei de vós tanto, quanto foy a cega affeiçaõ com que segui meus vicios, torpezas, & profanidades: & sabendo eu muito bem, que nam era caminho do Ceo esta minha perdiçaõ, seguila assinte da razão, continuada por teima da vontade, & determe nella cõ tanta dòr da conciencia, que desculpa póde ter, meu Deos, se era conhecer claramente, que vós me avisaveis, que eu vos naõ queria, que o demonio vos havia de vingar, & que eu mesmo me solicitava perder? Indigno sou por isso, meu Deos, de que o Ceo me cubra, a terra me sepulte, o dia me amanheça, & vossa infinita misericordia me perdoe; porèm, Deos, & Senhor meu, he tão grande a vossa misericordia, que haveis de fazer motivos de me perdoar, das mesmas resistencias que fiz para vos obedecer: das dilaçoens que tive em me arrepender; & da dissoluçaõ, que tive no peccar. Assim o confio, meu Deos, em vossa infinita piedade; & ninguem confiou em vós, que se confundisse. No lago dos Leoẽs confiou Daniel em vós, & respeitáraõno as feras: no meyo das ondas do mar Vermelho cõfiou o vosso Povo, & as mesmas ondas furiosas lhe fizerão caminho: no meyo das chamas do forno de Babylonia confiáraõ os tres Mininos, & o fogo lhes fez viraçam: nos desertos do

monte

monte Oreb confiou Elias, & os Corvos o ſuſtentáraõ: no meyo do mar confiou S. Pedro, & as ondas ſe lhe tornáraõ pranchas: poſto em huma Cruz confiou o Bom Ladraõ, & a Cruz lhe ſervio de eſcada para ſobir ao Paraiſo. Tanto como iſto, meu Deos, & Senhor, ſobe, quẽ em vós confia, tanto alcança, quẽ em vós eſpera, & tanto perde, quẽ deſmaya. Daime, Senhor, eſta confiança em vós, que he dadiva voſſa eſta meſma confiança, para que mereça eu receberdeſme vós nas entranhas de voſſa grande miſericordia, no ſeyo de voſſa piedade infinita, nos braços de voſſa caridade immenſa, & tornado á voſſa graça, herdeiro de voſſa gloria.

## VOZ DE DEOS.

Filho, vè que andas dentro de mim, & que não ſó deves crer, que te olho, & me olhas exteriormente em todas as creaturas, mas que tambem dentro de mim andas como fechado, & de maneira, que he impoſſivel poder ſahir, & livrarte de mim, inda que tendo tu azas para fugirme, te déſſe paſſo o mundo, rompendoſe, & abrindoſe a machina dos Ceos.

(☺(:)☺)
✠

## FAISCA XIX.

*Ego Deus omnipotens: ambula coram me, esto perfectus.*
Gen. 17. 1.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

Admiravel, incomprehenſivel, immenſo, altiſſimo, ineffavel, & incomparavel Senhor meu, a quem ſe abate, & ajoelha, ſe proſtra, humilha, & ſe derruba dentro do nada vil que fui, o pouco, ou nada que eſtou ſendo, paſmandoſe em vós, & admirandoſe, abſorbendoſe, & conſumindoſe a vileza deſte guſano, a pequenhez deſte bichinho, & o quaſi nada deſte argueiro, que em vós ſe enleva, & ſe ſuſpende; em vós ſe embebe, & arrebata: pois quando chego, meu Deos, não ſó a crer o que vos ouço, mas a ſentir o adonde vivo, a conhecer o como ando, a ſuſpeitar o como entendo, & a diſcorrer o como ſinto, confeſſo, Deos, & Senhor, que eu me çoçobro, & que me alago; que eu me ſuſpendo, & me confundo, pois contemplandome entranhado neſſe abiſmo de maravilhas, em todo o lugar eſtou prezo, por toda a parte ando cingido, & em todo eu como cercado, a toda a hora como abſorto, ſem que,

meu Deos, possa dar passo em que me não meta por vós; sem que respire, ou tome folego, em que vos não meta por mim; sem que passe algum breve tempo, em que vós me não comprehendais; & sem que occupe algum lugar, aonde vós me naõ cerqueis. Se busco a fonte, & o principio desta continua admiração, vejo logo essa immẽsidade, que para diante he sem fim, que para traz não tem principio, que para cima he sem limite, para baixo sem nenhum cabo, para cada lado sem termo, para toda a parte sem modo, para fóra sem comprehensaõ, & para dentro sem vazío. O Ceo tem fim, a terra termo, o mar limite, o vento cabo, & todas as outras creaturas tem onde pare o entendimento, & onde descanse o sentido; só vós, meu Deos, nam tendes fim, termo, limite, ou comprehensaõ.

Aqui, meu Deos, & meu Senhor, qual a raiz por dentro da terra, como ave do ar cercada, como nuvem do ar cuberta, como esponja no mar metida, de vós me sinto hir penetrando, de vós me vejo hir embebendo, por dentro de vós vou andando, & dentro em vós me vou suminndo, de tal maneira, meu Senhor, que de alagado, & sumergido, de suspenso, de alienado, & emfim de immovel, & de absorto sayo de mim sem saber como, entro por vós sem saber donde, ficome em vós sem saber qual, & torno em mim sem saber quando! Chegandome aqui mais a vós, quanto me alõgo mais de mim, pasmo de vervos tam profundo, que em toda huma eternidade naõ tomo pé no menor pégo de vossos altos juizos! Admirome, meu Creador, de vos achar logo taõ alto, que por mais annos, & por mais seculos, que voe a alma ao menor cume de vossa excelsa Magestade, parece que nam dei hũ voo em immensidade tão sublime! Suspendome, Amor da minha alma, vendovos depois tão dilatado nessa largueza invadiavel, que por mais que o meu coraçaõ surque esse mar de beneficios, me persuado justamẽte, que não levei do porto as ancoras; nem por mais que larguei as vélas, naveguei a onda menor do Oceano dessa bondade! Emfim me absorvo, meu Senhor, vendovos sempre tam cumprido no lõgo estadio de vós mesmo, que por mais que corre o discurso á detida posta dos sempres, por mais que voa o pensamento às extremidades do nunca, nunca espraya esse eterno ser no cabo remoto dos Evos, & sempre mostra, que se estende em começo de Eternidades!

Desta maneira, meu Senhor, se me afigura em quanto olho,

que vejo vossas maravilhas, & que em todas vos acho o mesmo: pois se caminho para diante, achovos eterno, & sem fim; se viro os olhos para traz, vejovos immenso, & sem termo; se vos considero depois, achovos como de antes ereis; se para hũ lado, ou para outro, se me derrama a admiraçaõ, em hum, & outro sois o mesmo! Se se me estẽde a maravilha, ou parabaixo, ou para cima, não vos conheço differença! Immutavel sois, meu Deos: sois como sereis, & fostes: fostes como sois, & sereis: sereis como fostes, & sois! Daqui vem, que eu ando furtado de sorte aos usos de mim mesmo, & entregue ás posses de vós proprio, que não sey de mim mais que o gosto de que sois vós tudo o que sei. Oh se eu, meu Deos, & meu Senhor, toda a vida gastára nisto! se toda a minha occupaçaõ, o meu estudo, o meu cuidado, o meu comer, & o meu dormir se convertéra todo nisto, que docemente embebecido, que felizmente transportado tivera os seculos por eras, & os annos todos por instantes! Mas quem sou eu, meu Creador, sũma, & suprema fermosura, eterna, & alta Magestade, bõdade nũca declarada, perfeiçaõ nunca encarecida? Quem sou eu homem desprezivel, vil peccador, baixa creatura, para ousar ter no meu desejo bens, que no seu merecimento tal vez não gozão muitos Justos? Vosso he tudo, meu bem todo, & nada meu, mais do que o nada. Oh meu Senhor, meu Creador, fonte da luz, fonte da graça, muito mayor que os Oceanos, mar de todo o bem, que se goza, muito mayor, que cem mil mundos! pois como cada voz da minha boca não he, meu Deos, hum Coro de Anjos? pois cada lagrima que choro não he hum mar de ancias ardentes? pois cada ay com que vos chamo não he hum mundo de suspiros? pois cada affecto da minha alma naõ he hum Ceo cheyo de espiritos, que vos louve continuamente? Louvevos por mim cada instante a terra com todos os Justos, o Ceo com todos os Santos, & mais Espiritos bemaventurados pelo sempre dos sempres.

## VOZ DE DEOS.

Filho, se queres aproveitar, nam só has de cuidar, senão crer, que nunca tiro os olhos de ti, & que te olho em todas as creaturas, por ver em todas ellas como me tratas; & porque em todas vejas quanto te quero, pois em nenhuma perco o cuidado que tenho de ti; & em todas tenho gosto de que de mim te lembres.

## FAISCA XX.

*Et meditatio mea in conspectu tuo semper.* Ps. 18. 15.

SUSPIRO DO PECCADOR.

AMor, & origem da minha alma, que pondo em mim os vossos olhos me atravessais o coraçaõ, & allumiando a noyte escura do meu turbado entendimento, para me guiardes sois luz, para me abaterdes rayo, & para me inflamardes sois fogo: admirome de que diante de vós sofrais tão fea creatura; & assim com grande vergonha, meu Deos, me restituo á vossa vista, pois sendo nada por mim mesmo, o mais feyo por minha culpa, o mais torpe por condiçam, taõ distrahido por malicia, tam descuidado por costume, & taõ má cousa, meu Senhor, que não acho cousa possivel, por vilissima que a considero, com quem me possa comparar; sendo emfim a mesma maldade, o mesmo asco das vilezas, & nojo aos mesmos vicios, hey de vir pôrme, meu Senhor, diante dessa fermosura, dessa pureza, & Magestade, & dessa immensa perfeiçaõ, onde não chega quanto he conceito, onde pasma quanto he discurso, & onde pára quanto he pasmo? Grande vergonha tenho, meu Senhor, de erguer aos vossos olhos a vista deste entendimento; & me vejo taõ confundido de ver qual sou, & qual vós sois, que sumindome pela terra, escondendome pelos mares, encubrindome pelas nuvens, & fugindo dos mesmos Ceos, me vou a meter nos abismos do nada, que fui ha tão pouco; & naquelle escuro cantinho do que hey de ser tão cedo, buscando em todas as creaturas aquella parte mais escusa, & o retiro mais ignorado dos segredos, mais escondido das fadigas da natureza, onde me furte ao meu bem todo, a troco de que naõ vejais as minhas manchas, & fealdades, faltas, defeitos, & torpezas. Mas que importa, amor da minha alma, esta lida dos meus desmanchos, esta doudice do meu despejo, este medo dos meus delictos, se todas essas creaturas me dizem já, que me nam cance, nem perca o tempo em vos fugir, que podendo melhor empregalo, em que este pejo descuberto seja preço do delinquido, & esta vergonha aparecida, amor pareça declarado? Já pois, meu Deos, & meu Senhor, nam me afflijo por vir aqui: afflijome só de não ter tantas almas como saõ as creaturas, para que todas envergonhadas do mal, que eu vos correspondo, no sentimento do seu mal negoceassem o seu bem, & na con-

fissaõ

fissaõ dos seus erros descubris-sem o vosso perdão. Dizem-me todas as creaturas, que estais em todas, meu Senhor, não só por aquella presença, com que assistís a quanto ha: nam só por aquella potencia, com que reynais em quanto foy; senão tãbem por aquella essencia, com que dais ser a quanto ha. Todas de vós, meu Senhor, sahiraõ; todas em vós, meu Deos, estaõ: em vós começão, em vós duraõ, em vós se aquietão, & se movem, em vós se estendem, & se aumentam: ellas parece, meu Deos, que vos estais represen-tando na mesma fórma, que ellas tem, do mesmo modo, que ellas saõ, nas perfeiçoens com que nos pasmão, na variedade com que alegrão, & em huns Nam sei quès com que admiraõ, com hum segredo tão profundo, & taõ difficil de explicarse, que a vista o olha, & não alcança, a mente o gosta, & não o explica, a lingua o sente, & não o diz! De cada pedra, meu Deos, sei que me estais como espreitando, de cada hervinha me estais vendo, de cada flor, de cada folha namorandome, & commovendome, de cada onda, & cada Estrella admirandome, & attrahindome, de cada ave, & cada nuvem confundindome, & deleytandome; & emfim de todas como olhando se vos procuro, ou se vos deixo: como espreitando, meu Amor, se vos suspiro, ou se me esqueço: como esperando, meu bem todo, se vos abraço, ou me desvio: como observando, meu Creador, se vos bemdigo, ou vos offendo; & finalmente persuadindome, que vos sirva, & não vos aggrave; que vos louve, & me não descuide; que vos busque, & não descance; que converse com os vossos olhos, que goze das vossas presenças, que aperte muito estes abraços, pois vós em todas me mostrais, que estais correndo para mim, que tendes gosto de me ver, que vos dá gloria o meu louvor. Oh afflijase, meu Senhor, afflijase muito a minha alma com o delicto dos Naõ queros, com a malicia dos Naõ ouço, com a desculpa dos seus Logos, com a promessa do Já vou, com as preguiças do Inda não! Derramese toda a minha alma, estendase este meu espirito por todo ambito dos Ceos, por todas as partes da terra, pela circunferencia dos mares, & por toda a regiaõ dos ventos: & dilatado em vossa vista por todo o cerco deste mundo; & finalmente sumergido no fundo pégo de vós mesmo, aqui me pare, & vos abrace, desejando muito determe; alli me corra, & me reprehenda, porque em as outras vos não sigo; & em todas ande como doudo, por não perdervos em nenhũa. Oh admi-

admiravel! oh supremo! oh soberano Senhor meu!

## VOZ DE DEOS.

FIlho, eu sou manso, & humilde de coraçaõ: se queres ser meu filho, & parecer meu discipulo, haja em ti sempre huma mansidão com que a todos roubes os animos; & huma taõ profunda humildade, que pasmem todas as creaturas de verte a todas sometido, não só por quam vil cousa es, mas por meu amor: pois eu sendo Deos, por teu amor me meti debaixo dos pès dos peccadores; & ainda agora andando nas pennas dos ventos, & tendo trono sobre as nuvens, tambem ando debaixo dos teus pès.

---

## FAISCA XXI.

*Dum commoventur pedes mei, super me magna locuti sunt.*
Psal. 37. 1.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

SOberano Creador meu, principio, & fim do meu amor, gloria, & suspensaõ da minha alma, aonde, aonde hey de abaterme? em que parte posso sumirme? de que maneira aniquilarme, que possa ser humilde termo, reverente veneraçaõ, conhecimento primoroso, & decorosa sumissaõ a tão excelsa Magestade, a tão suprema Omnipotencia, & a grandeza tão infinita? Se pois, meu Deos, quãdo estais nos Ceos, & ainda estando aqui comigo, não me basta atè os abismos a mais profunda reverencia; porque he curta infinitamente toda a decencia a quem vós sois: que hey de fazer, Creador meu, para estar na vossa presença de modo, que parça humilde, se na mesma terra que pizo, se atè debaixo dos meus pès vos acho sempre, meu Senhor, por mais que querendo prostrarme a essa Divindade infinita, fura ligeiro o pensamento a terra, o mar, os Ceos, & o mundo? & por mais que alèm desses Ceos atravesso os longos espaços, que a imaginaçaõ considera, & finge a esfera do discurso? pois sem que nũca tome pè em vossa grandeza infinita, vejo debaixo dos meus pès essa presença soberana, & essa infinita immensidade, què sendo mais, que quanto he, & excedendo quanto não ha, penetra o mar, occupa a terra, transcende os Ceos, traspassa o mundo; & passando daquellas metas, que ficão alèm do admiravel, se poem alèm dos Non plus ultras, que saõ as rayas do possivel; & começando deste ponto onde parece acaba tudo, tanto mais sobe, & se trasluz

dos

dos olhos das Aguias Angelicas; taõ longe corre, & se transmonta da vista dos humanos linces, que perdendo a sempre de vista os mais subidos Cherubins, lá para onde ninguem olha, lá está onde ninguem chega, lá fica onde ninguem cuida! Neste pégo de admiraçoens, neste pasmo de maravilhas, onde me embebo, & me çoçobro, buscando parte em que vos faça alguma breve reverencia, me vou meter, para ver se posso fugir com os pès daquellas partes, em que estais deitado aos meus pès! Fujo com os pès, meu Creador, buscando meyos de humilharme, & de não vervos desse modo, com que, meu Deos, estais comigo: desejo tervos nos meus braços, pôr vossos pès na minha boca, trazelos na minha cabeça, & metelos no coraçaõ; mas não, meu Deos, pôr os meus pès, sendo eu huma terra vil, sobre o lugar onde vos acho, & em parte, onde meu Senhor, não estais como eu desejo. Nisto se desfaz a minha alma, o discurso se me estremece, o mesmo desejo se encolhe, acanhase a mesma vontade, & a reverencia se me afflige: pois a humildade naõ consente, a adoraçaõ não se accõmoda, & a razaõ não se persuade, & menos o amor se aquieta. Por isto, Deos, & Senhor meu, fujo com os pès da mesma terra, que pizo quando vos contemplo, para que nella vos naõ pize com descortez desatençaõ; como se no ar onde os ponho, ou nos lugares onde os finjo, vós, meu Senhor, não estivereis! Procuro logo, meu Creador, com prostradas veneraçoens pôr a boca naquellas partes, onde de antes puz os pès, para mostrar que pertendo adorar vossa presença, respeitar vossa Magestade, & agradecer a vossa vista; & vendovos em toda a parte posto a meus pès, & mais humilde, sem saber a alma o que faça, para vos fallar abatida dentro de sy se anda sumindose, aniquilandose, & desfazendose: & eu, meu Senhor, dentro de vós, como homem fóra de sy! Ando, meu Deos, beijando a terra, abraçando os ares, & as sombras, corrẽdo os Ceos, surcando as nuvens, atè que de cançado nesta suavissima fadiga, neste doce desasocego, esmorecendome por vòs, me desmayo dentro de mim! quando torno em mim, me acho logo junto de vós; pois se he na cama, me cubrís, se na mesa, me regalais, se no caminho, me guiais, no estudo, me ensinais, se na tentaçaõ, me acudís, se na culpa, me reprehendeis, se no pezar, me consolais; & finalmente em toda a parte, em todo ó tempo, em toda a cousa não ergo os olhos sem vos ver, naõ ábro a boca sem me ouvirdes,

não

não movo a maõ sem vos sentirdes, não bulo pè sem me guiardes, nem dou passo sem me seguirdes! Mas oh meu Deos, que muito he isto depois de ver, que he impossivel haver creatura, ou cousa alguma onde não estejais? Estai pois Deos, & Senhor meu, estai presente a quanto faço, a quanto cuido, a quanto digo; porque se vós me naõ deixardes, he certo, Amor da minha vida, que nunca vos deixarei eu, por favor da vossa bondade, por força de vossos impulsos, & beneficio de vossa graça; a quem só quero, & procuro, a quem só amo, & só adoro, & espero em vós de amar sempre, ou sem outro fim, mais que vós por toda a eternidade.

## VOZ DE DEOS.

FIlho, para me amares como eu quero, & agradarme mais altamente, muito te falta por fazer, muito tens que andar, & muita altura a que subir: para isto te he necessario, que examines bem o motivo, que tens em todas tuas obras; porque se em todas não te ouveres puramente por minha gloria, sendo por mim tudo o que fazes, para mim tudo o que procuras, & só em mim tudo o que queres, não chegarás á perfeiçaõ. Por amor de mim puramente seja o que cuidas, o que obras, o que queres, o que possues, o que não tens, & o que tiveres, o que te alegra, & entristece, & chegarás comigo ao monte de Siaõ por pura intençaõ.

---

## FAISCA XXII.

*Actiones nostras, quæsumus Domine, adjuvando prosequere, &c.* Or. Eccles.

## SUSPIRO DO PECCADOR.

QUe miseraveis, meu Senhor, que nescios, que pobres, que enganados vivemos todos os humanos, que sem a luz de vossa graça, sem o lume do vosso espirito, & sem a vista interior de vossos suaves avisos arrastamos por este valle de amarguras, & de miserias, a vida apoz da vossa offensa, a alma em busca do seu dano, os olhos seguindo o seu erro, & o mesmo espirito contrito em mil nevoas desalumbrado! Conheço agora, meu Jesu, por favor do vosso auxilio, que atègora viví sem luz, enganado do mesmo espirito, que sem pureza vos buscava, & sem aviso vos servia. Meu Deos, que cavilosa nos ceva, & arma a natureza! que finamente se trasluz o véo dourado da malicia! que agudamente se nos desmente todo o veneno da vaidade! Bebemos

todos o veneno, porque ſe dá como triaga, abraçamos a culpa, porque tem roſto de virtude, cahimos no laço da offenſa, porque ſe veſte de bondade: ſem que de viſcos taõ occultos ſe acautele o meſmo receyo, ſem que de laços tão cuſtoſos ſe deſenrede o deſengano, ſem que de tão mortaes venenos ſe aborreça o meſmo deſvio. Que de vezes, meu Creador, quiz agradarvos contra a gula, & atreiçoada a natureza em trajes de neceſſidade me introduzio a demaſia? quantas vezes com falſo eſpirito vos quiz louvar pelos ſabores, & disfarçado entre os louvores me fez abraçar o appetite? quantas vezes indo a humilharme na memoria de meus peccados, ſe me fazia tentaçam o que começava em virtude? quantas vezes por encobrir algũ theſouro, que me daveis, disfarcei a vida, & o eſpirito, & fui meterme entre os peyores, para me terem por hũ delles, & deſpenhandome a malicia nos riſcos, que me dourava, ſahia peyor que nenhum? quantas vezes por me não terem por ſingular em o cõmum, me diſtrahi entre os melhores? quantas vezes a lingua neſcia reprehendendo algum com vaidades de diſcreta, fez vaidade de entendida? quantas vezes ſe oſtentou muda, tendo por juſtas humildades não dizer o que fora aviſo? quantas vezes fallar de vós foy o meu fim, para que alguns em outra couſa naõ fallaſſem? & quantas, Senhor meu, mortificado eu, quiz ſer exemplo, & por aqui abrio a vangloria para as ruinas o caminho? mas tudo iſto não he nada, pois emfim via claramente a culpa, que depois ſentia, & o dano que logo chorava; mais alèm deitou a malicia a barra nas meſmas tençoens; mais ſubio o meu erro, por darme a queda de mais alto: pois quando eu cria que peſava com o Aſtrolabio da oraçaõ o meſmo Sol no meyo dia: quando cuidei que tinha ſondado o fundo pégo da humildade: quando me perſuadi que vencia as ondas do mar deſte ſeculo: quando julgava que triunfava do temporal de todo o mundo, me achei no ar com azas de Icaro, no mar com barco de papel, na terra com bordão de cana. Pediavos, meu Creador, que fizeſſeis voſſa vontade neſte viliſſimo bichinho; iſto vos pedi muitas vezes, parecendome neſciamente, que já me tinha reſignado, que o campo eſtava ſeguro, o inimigo vencido, o triunfo alcançado, & eu emfim todo reſignado no voſſo divino beneplacito; mas oh que modo de enganar tinha eſte falſo parecer! pois rendome em conta de Cervo, com pès leves já me eſtendia pelos montes, ſoſpeitan-

peitandome quasi Aguia queria já passar as nuvens, sem olhar naquelle subir, que a ligeireza do meu juizo foy cegueira, que ao mais velóz das minhas azas a liviandade fingio vòos. Buscava eu nisto a minha gloria, & não a minha negaçaõ: negoceava o meu interesse, & não, meu Deos, a vossa gloria. Tambem queria, Senhor, deixando a vossa humanidade, meterme só na Divindade, persuadido a que era impossivel unilas em hum só conceito, desejalas por hum só suspiro, amalas em hum só objecto, & louvalas em huma admiraçaõ; mas oh que engano tão soberbo! oh que ignorancia tam rebelde de minhas falsas humildades! fugir de vós, meu Redemptor, sem quem no Ceo nam posso entrar, se primeiro me naõ unir: sem quem a mesma Divindade se não acha depois de unida; & com quem se unio por prenderme nos grilhoens de vossa justiça; depois de atarme a essa Cruz com os braços da misericordia.

### *Acto de resignaçaõ voluntaria com que todo se punha nas mãos de Deos o Veneravel Padre.*

MEu Deos, assim como vós mandado pelo Eterno Padre a redemir o mundo naõ tivestes outra vontade mais que a sua, assim eu creado por vós para vos amar, não quero ter outra vontade mais que a vossa. De tudo me despeço, & esqueço voluntariamente, pertendendo em todas as cousas a vossa honra, & a vossa gloria, & que em tudo se cumpra em mim a vossa santa vontade. Este he o meu intento, & o meu ultimo fim, não só na duraçaõ do tempo, mas na eternidade, igualmente para o mal, como para o bem; & vos prometo amar tão indifferente, que assim no gosto, como na pena, na honra, como na injuria, na morte, como na vida, no inferno, como no Ceo prometo com vossa graça louvarvos, darvos graças, & glorificarvos. Fundase o mundo, caya o Ceo, & sovertase a terra, nunca se mudará, meu Deos, esta vontade ultima, porque he vontade vossa. Tão prompto me offereço para os trabalhos, & tribulaçoens que mandardes sobre mim, como para as mayores consolaçoens, que pedereis mandar: as quaes nam peço, nem mereço, nem me convem querer, antes repugnar por quã indigno sou por minha vaidade, & pouca humildade. De todo o favor, & bem, como victima morta posta nos Altares, me ponho nas vossas mãos. Ficme de vós, meu Deos, que sois a mesma verdade, & confiado nesta me arrojo, & entrego todo em

vossa

vossa amorosissima misericordia, para que façais de mim, o que mais gloria vos der: desejo, meu Deos, ser servo fiel nesta promessa, fazei vós que eu o seja, pois de vós nasce isto: se acabei isto comvosco, absoluto poder, & imperio vos dou no meu alvedrio, para que façais, & desfaçais, edifiqueis, & arruineis como vos parecer: sem reparar em se me levais por flores, ou por espinhos, por doçuras, ou amarguras; & emfim sem fazervos melhor rosto no bem, que no mal; mas só pondo o meu desejo no vosso beneplacito, o meu affecto no vosso serviço, o meu cuidado na vossa honra, & o meu gosto na vossa gloria.

*Actos para mover á contriçaõ, que fazia, & ensinava o veneravel Fr. Antonio, para diante de hum Crucifixo.*

MEu Deos do meu coraçaõ, dos meus olhos, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, a quem eu tanto offendi: tanto, meu Deos, & Senhor, que naõ tem o mar areas, o Ceo Estrellas, a terra flores, os livros letras, as plantas folhas, cujo numero naõ exceda, & vença infinitamente a multidaõ sem conto de meus peccados, a variedade sem numero de meus delictos. Pequei, Senhor, offendivos, fiz mal na face dos Ceos, & da terra. Sei, que mereci o inferno tantas vezes, quantas pequei; & naõ sei como se nam esconde de irado contra mim o Sol que olho, o Ceo que vejo: como me não foge debaixo dos pès a terra, que pizo: como senam converte em fogo a agua que bebo: como me não furta o folego o ar, que tomo, & respiro: como senão murchão as hervas por onde passo: como não se armaõ contra mim todas as creaturas, que encontro, para se vingarem de mim, pois a todas aggravei quando pequei contra vós. Pequei, Senhor, afasteime da vossa Ley, dei as costas á vossa graça, adorei a vossa offensa, fiz idolo da minha culpa, corri sem temor, nem pejo pelos caminhos do engano, da vaidade, & perdiçaõ: tão contente do meu dano, como se fora da alma remedio: taõ cego pelo meu mal, como se achára nelle a vós meu ultimo Fim, a vós meu summo Bem.

Ah meu Deos! mas como vos chamo meu, se vos confesso, & conheço por Deos? Sendo este coraçaõ infinitamente máo, será bem, que chame cousa sua a hum Deos infinitamente bom? Mas ah meu Deos! torno a dizer; meu sois meu bom Jesus: aqui lustra mais a vossa bondade, onde

onde he mayor a minha maldade. Meu sois, porque sois meu Deos, meu Pay, meu Senhor, meu Creador, meu Redemptor, meu Salvador, & por isso vós vejo, & contemplo por meu amor vendido, afrontado, cuspido, açoutado, esbofeteado, ferido, crucificado, & morto por mim em huma Cruz. Mas que he isto, meu Senhor? Vós pendente de huma Cruz por amor de mim, & eu sem dòr de vossas dores, sem pena de minhas culpas, vos deixo estar nessa Cruz? Vós com penas, & eu com culpas, vós com chagas, & eu com vida? Ah meu Deos, quanto me peza do muito que vos offendi! Pezame, Senhor, do pouco, que me peza o muito que vos aggravei. Mais me peza pela grande ingratidão com que vos tenho aggravado, que pelo grande inferno, que tenho merecido. Mas que digo, meu Senhor? Nada me peza, meu Deos: hum pezar, que me não tira a vida, não he pezar: huma pena, que me não arranca esta alma, ainda não he pena: huma dòr, que me não parte o coraçaõ, inda não he dòr. Quizera ter huma pena das culpas que cometi, tamanha como as minhas culpas: quizera ter huma magoa das offensas, que vos tenho feito, á medida das vossas offensas: quizera ter hũa dòr igual á vossa misericordia: quizera com lagrimas de sangue, cõ rios de fel, com mares de lagrimas, com diluvios de fogo chorar meus grandes peccados: mais pelo que tem de offensa, & aggravo contra vós, que pelo que tem de dano, & perdiçaõ contra mim: quizera que assim como no aggravo foi infinita a culpa, fora no arrependimento infinita a pena. Mas donde, meu Deos, & Senhor: donde, meu divino Amor, onde acharei esta pena, senão na fonte de vossa graça? Onde, senaõ no conhecimento de vossa bondade immensa, & de minha infinita culpa? Donde hão de vir estas lagrimas senão do mar de vossas misericordias? Onde acharei esta magoa, este pezar, esta dòr, senão em vosso immenso amor, & em vossa piedade immensa? De vòs veyo este desejo de me arrepender, de vós venha esta perfeita dòr para me compungir, este firme proposito de nunca mais offendervos, esta ardente resoluçaõ de eternamente amarvos. Do mar vem a agũa com que os penedos rebentaõ fontes, sendo por natureza duros, & secos: venha pois, meu Deos, a este coraçaõ taõ seco, a este penedo tão duro, venha agua de vossa graça desse mar de vossa clemencia, mar immenso, pègo sem fundo de bondade, & misericordia: lavese, renovese com ella esta tão perdida alma: emendese, & mudese já em outra

tra

tra eſta miſeravel vida.

Aqui venho a voſſos pès, não eſtranheis o quando, naõ repareis no tarde, naõ olheis o como, olhai ſómente, que venho. Venho a voſſos pès, Senhor, veſtido das fealdades de meus peccados, cuberto das torpezas de minhas culpas, cheyo das abominaçoens, & vicios da minha vida. Aqui trago, meu Senhor, a corda ao peſcoço, aqui arraſto os ferros de meus delictos, aqui finalmente trago os grilhoens de meus peccados, donde a meſma culpa com que vos fugi foy Alcaide, que me prendeo, & carcere, que me atou. Aqui venho, meu Redemptor, aqui vem eſta pobre alma deformada da imagẽ de voſſa fermoſura, & perdida a ſemelhança de tal maneira, que nada diz o que ella ſe fez com o que vós fizeſtes nella. Oh que miſeravel! oh que torpe! oh que abominavel que venho! mas como venho a voſſos pès, confiado venho, meu Deos, de achar em voſſa piedade amparo, em voſſa clemencia refugio, em voſſa bondade remedio, em voſſa miſericordia porto. Por iſſo tremẽdo de voſſa juſtiça não me valho de outro ſeguro, mais que de voſſa clemencia: não ſolicito outro abrigo, ſenão voſſa miſericordia; neſta me fio, meu Deos, porque inda que eu por minha culpa perdi o ſer de filho, vós, Senhor, infinitamente bom não perdeſtes o ſer, & condiçaõ, que tendes de Pay. Acabe pois em mim voſſa graça eſta obra, que começou em mim voſſa ſpiedade infinita; acuda voſſa clemencia a eſta miſeravel creatura: tende dó, & compaixaõ deſta pobre alma. Proponho com voſſa graça de emendar a vida, confeſſar as culpas, perſeverar na emenda, perdoar aggravos, eſquecer de injurias, aborrecer meus vicios, reſtituir como poſſo, ſatisfazer, como devo, a voſſos Mandamentos. Eſpero, Senhor, em voſſa bondade infinita, que me haveis de perdoar todos meus peccados pela morte, & payxaõ de meu Senhor Jeſu Chriſto: porque ſe nas ſuas Chagas tendes juſtiça para me caſtigar, tambem tendes miſericordia para me favorecer. Miſericordia, miſericordia, miſericordia.

## *Outro, & ſegundo.*

Redemptor, & Salvador noſſo, peccamos, & fizemos peſſimamente diante de voſſa viſta, & do Ceo: encorremos em voſſa ira, declinamos em noſſa culpa; mas deſte lodo, pó, & cinza, que podeis vós eſperar? Que haveis de eſperar, meu Deos, do homẽ gerado em corrupçam, naſcido em culpas, & miſerias, creado em ſombras,

&

& ignorancias? Peccamos, Deos, & Senhor nosso; & não tem areas o mar, flores a terra, hervas o campo, que igualem de alguma maneira o numero de nossas culpas: nem a serem as hervas fontes, as flores rios: nẽ a serem as ondas mares, igualaráõ ás que os nossos olhos deviaõ chorar arrependidos. Naõ merecemos, que os Ceos nos amparem, & a terra nos sofra, que o Sol nos amanheça, & o dia nos torne a vista: antes merecemos, meu Deos, que a terra se abra, & o inferno nos soverta; mas ainda assim, Redemptor nosso, não pela pena dos infernos, que merecemos: nam pela perda dos bens do Ceo, que nunca mereceriamos; mas por havervos offendido, nos peza muito de coraçaõ, & entranhavelmente nos peza das maldades, que cometemos, da cegueira com que nos apartamos de vós, & ainda nos esquecemos de vós: por vossa bondade, meu Deos, tam querido dos Serafins, tam adorado, & respeitado dos bõs, dos Anjos, & dos Santos, taõ obedecido dos Ceos, & por vós tam merecedor, de que atè no inferno sejais servido, & atè dos reprobos louvado. Pezanos muito do coraçaõ, não pela pena do delicto, mas pela maldade da offensa, & por vosso amor, meu Jesu. Mas não nos tira isto a esperãça que temos de nos perdoardes: porque ainda que nós cahimos na culpa, onde os castigos saõ justiça; vós naõ estais sem a piedade, onde o perdão sempre he costume. Propomos com a vossa graça de pôr emendas em nossas vidas, & fiados nessa bondade, esperamos de vós o perdaõ, não porque nòs o mereçamos, mas pelos vossos merecimentos: tão pouco pelas nossas lagrimas, mas sómente pelo vosso sangue: nam emfim por nossa justiça, mas por vossa misericordia.

## *Outro, & terceiro.*

Redemptor, & Creador nosso: eu sou aquelle ingrato sempre, em fim aquella humana vibora, aquelle bruto, & nam filho, aquelle penedo, & não homem, que a ter de vibora as entranhas, nunca forão tão venenos, que a ter dos brutos a fereza, nunca pudéra ser mais bruto, que a ter de pedra o coraçaõ, nunca chegàra a ser tão duro. Sou aquelle homem se mẽtido, aquelle marmore com alma, & aquella alma sem razão, aquella razaõ sem uso, q̃ da vossa mesma justiça cheguei a fazer paciencia, pois para ser misericordia se fez comigo sofrimento: sou aquelle bronze com vida, que da vossa misericordia tenho já feito a vossa injuria, pois de tantas maldades minhas

a quiz

a quiz fazer consentidora, & de tantos vossos favores naõ tenho feito a minha emenda. Pequei, fiz mal, eu o confesso. Pequei, meu Deos, & meu Senhor contra vossa bondade immensa, sou por isto merecedor de todas as penas do inferno, & de estar por minhas maldades, abominaçoens, & delictos nas eternas chamas do abismo para todo o sempre dos sempres. Eu mesmo me dou a sentença, & me julgo indigno, meu Deos, de alcançar o vosso perdaõ, & de usardes de misericordia com tão pessima, aborrecivel, & abominavel creatura: mas inda que excedem as culpas todos os termos da piedade, todo o modo da razaõ; vossa piedade he sem limite, vossa bondade não tem termo, usai pois de misericordia.

Justo he, meu Deos, o condenarme, mas não o permitais, meu Senhor, que para me salvar a mim vos deixastes afrontar a vós. Por ventura, meu Creador, tereis mais gloria de vernos nas penas do inferno, que na eterna Bemaventurança? Quem vos ha de louvar no inferno? Tereis gloria disto, meu Deos? Tereis; porque a pena dos máos he gloria de vossa justiça; mas naõ me podereis negar, que não ha de ter gloria disso essa vossa misericordia. Quaes nós eramos nos quizestes, pois sendo nada nos criastes: quaes nós somos nos sofreis; & pois sendo máos nos dais a vida, não seja isto, meu Senhor, para mayor condenaçaõ. Pezame muito da minha culpa, de me haver de vós apartado, & mais de havervos offendido, Se pois todas vossas entranhas não saõ mais, q̃ misericordias, como naõ ha de atravessaivolas, ver entre os lobos infernaes estas perdidas ovelhinhas, sem que o balido menos brando vos naõ rasgue o coraçaõ com essa natural piedade, que excede infinitamente toda a humana maldade? Prometo com vossa graça emendarme, & confessarme de minhas culpas, & em satisfação dellas vos peço, que aceiteis vosso sacratissimo sangue; no qual confio que todos meus peccados me seráõ perdoados.

## *Para pedir perdaõ a Deos de culpas sem advertencia.*

## *Acto de amor de Deos.*

MEu Deos, & meu Senhor, não estejais mal comigo, porque me dá tamanha pena não sospeitarme em vossa graça, que antes quizera mil infernos, se me sentira bem comvosco, que estar no Ceo, & hum só instante vervos irado contra mim. Apartai, meu Deos, apartai desse rosto cheyo de gloria a ira, com

com que me affligis, & a turbaçaõ com que me olhais: naõ haja nessa fermosura, aonde os Anjos se revem, tantas carrancas apostadas contra quem vos quer mais que a sy. Naõ se agaste contra mim a vossa mansidaõ, pois não foy minha tençam aggravarvos, Padre, & Deos meu. Não pois, meu Deos, desauthorize o vosso rigor a Magestade em hum bichinho tam pequenino, que ainda a sy mesmo não se enxerga: contra quẽ não soube o que fez: contra quem antes se matára, & se fizera em mil pedaços, que aggravarvos por sua vontade: naõ se ponha vossa bondade a se esquecer do que foy sempre.

## *Actos de Contriçaõ.*

MEu Deos, & meu Redẽptor, por serdes vós quem sois, & porq̃ vos amo, & estimo sobre todas as cousas, me peza de todo o coraçaõ de vos haver offendido: proponho mediante vossa graça minha emenda; & espero de vossa misericordia minha salvaçaõ.

Amantissimo Jesu, Senhor dos Ceos, & da terra, Creador, & Salvador meu, por serdes vós quem sois, infinitamente bom, & porque deveis ser amado sobre tudo o que se póde amar, me peza de todo o coraçaõ de vos haver offendido: prometo com vossa graça a emenda de minha vida; & disposta com vossa ajuda a satisfaçaõ de minhas culpas, espero em vossa infinita misericordia a salvaçaõ de minha alma.

## *Affectos.*

O' Meu querido Esposo, luz de meu entendimẽto, suspendei o rigor de vossa justiça, & usai comigo, miseravel peccador, das grandezas de vossa piedade. O' coraçaõ ingrato: ó olhos cegos, despertai, vede ao nosso Deos com o grave pezo da Cruz de vossas culpas.

O' Pay Eterno: ó Sabedoria infinita, ensinaime a seguir, & sentir estes passos de vosso Unigenito Filho meu querido Senhor Jesu Christo, a quem só busco, só adoro, & só desejo servir de todo o meu coraçaõ, pois só elle he digno de ser amado.

Espirito Santo de vida, daime luz para que saiba sentir minhas culpas, & arrependerme dellas, & com huma dòr, & fé verdadeira siga as pizadas deste soberano amante, & Senhor de minha alma, a quem peço me ajude a desterrar de meu coração tudo, o que não for para louvor, & serviço seu. Amen.

## *Oraçaõ ao coraçaõ de Christo.*

O'Amorosissimo Senhor meu Jesu Christo, peçovos pelo ardentissimo amor de vossas divinas entranhas, & pelas angustias de vosso traspassado coraçaõ humano, que imprimais meu coraçaõ em o vosso crucificado, & o enchais de perfeitissima caridade, a qual acabe totalmente, & consuma todo o amor que tenho a mim mesmo, & ás creaturas, & a tudo o que não sois vós: para que com a setta de vosso abrazado amor tanto me fira, & acenda, que vos ame, meu Senhor, com toda a alma, & com todos meus sentidos, & minhas forças todas; puramente por vossa bondade immensa, nam por retribuiçaõ, ou premio, mas só por vossa honra, & porque sois dignissimo de q̃ sem outro fim vós ame, & louve, & obre, & padeça por vós grandes cousas. Daime, Senhor, que com infinitos, & abrazados desejos, & oraçoens, & com perfeita negaçaõ de mim, & amorosa união comvosco, a vós sem cessar suspire, clame, bata, & busque: & sempre vos ache, meu Deos, atè que transformado em vòs, fazendome comvosco hum espirito, fiquemos perfeitamente unidos. Daime, que com a mesma caridade ame a todos meus proximos, & por amor de vós muito mais que a mim: daime huma grande firmeza, & perseverança nascida de forte animo, com a qual em hum continuo desejo de aproveitarme olhe em o espelho de vossa sãtissima vida, donde vendo meus erros passados, minha froxidaõ presente, meus perigos futuros, com continuo exame de minha vil concienc̃ia, & miseravel vida, emende as torpezas de meu corpo, & as miserias de minha alma; & com novo fervor, mediante vossa graça, passe por agua, & fogo, & vos ame atè o fim. Amen.

## *Oraçaõ.*

IMmenso pégo de amor, abismo eterno de belleza, sobreadmiravel maravilha, sobreinfinita Magestade, mar de ardentissimas perfeiçoens, fermosissima immensidade de Omnipotencia, & fermosura, de bõdade, & sabedoria, quando, quando será o dia, que prõfunda, & intimamente encerrandome dentro de vós, me verei todo rodeado, transformado, sumergido, alagado, absorto, & entranhado neste Oceano de Divindade? Quando, quando me derreterei nesse ardente abismo de chamas, & desfeito todo em amor, nam acharei nada de mim, mais que o sentir, que

naõ sou nada, & que vós, meu Deos, sois tudo? Abri pois, abri meu Jesus esse Reyno de resplandores, esse Ceo de suavidades, esse naõ sei de admiraçoens, esse alèm de tudo o que he bello, superior a tudo o creado, & fóra de tudo o sabído, para que em vós já transformado, & convertido totalmente a vós, vos ache só em tudo, & tudo veja cheyo de vós o que em vós se move, & sustenta. Oh se eu pudéra, meu Senhor, amarvos como mereceis, essa fora a minha gloria! não desejo outra bemaventurança, nem desejo outro bem no Ceo, nem na terra.

### *Advertencias para os Missionarios, que deixou escritas, mas não acabadas este grande, & Apostolico Missionario.*

PAra que todas nossas acçoẽs, obras, palavras, & pensamentos comecem, & acabem em Deos, que he nosso primeiro principio, & ultimo fim, & para que em tudo tenhaõ por motivo, & fundamento a sua gloria, & honra, & depois a nossa salvaçam, & a das almas alheas; a primeira cousa que faremos em nos levantando cedo, será pormonos na presença de Deos, invocar o Espirito Santo, & ter meya hora, ao menos, de Oraçaõ mental, cuidando na Vida, Morte, & Payxaõ de nosso Senhor Jesu Christo, que com tanta sede da salvaçaõ das almas veyo padecer ao mundo: & lhe pediremos luz, & graça, para empregarnos no mesmo officio, imitando-o quanto nos for possivel com a divina ajuda. Assim o fazia S. Francisco Xavier, que ao menos tinha meya hora de Oraçaõ cada dia, meditando na Payxaõ de Christo.

Na Oraçaõ examinaremos sempre estes tres pontos. Primeiro, com que fim, & motivo nos pomos na presença de Deos, & andamos no officio de Missionarios, se he puramente por gloria, & honra de Deos, & zelo da salvaçam das almas. Segundo, com que proposito de não cometer qualquer peccado. Terceiro, com quanto amor de Deos, & do proximo.

Depois, se não ouver muito aperto de confissoens, se rezarà das cinco horas da manhãa por diante o Officio Divino atè Noa, com devoçaõ, attençaõ, & pausa possivel, fazendo por estar com o espirito em Deos, a quem temos sempre em nossa presença: & depois iremos ás confissoens.

Se ouver grande concurso de gente, que se confesse, desde as cinco horas iremos para os Confessionarios, ou a dizer Missa primeiro que nos ponhamos nelles, & alli se estará ao menos

nos atè o meyo dia: & em cada huma das almas, que se chegarem a nós, consideraremos, que està Christo crucificado, ou que as vemos metidas no coraçaõ de Christo, & que este Senhor as quer salvar, & para isto nos dá suas vezes, & poder, & que com seu sangue, & morte as veyo redemir: para que (consideraçam, que fazia S. Francisco de Sales) com grande caridade, & paciencia as curemos, & confessemos. E quem naõ tem estas duas virtudes, nam he capaz de andar na Missaõ.

Em todo o tempo fujaõ como do demonio de dizer galantarias, & ociosidades, não só porque, como diz Christo, de toda a palavra ociosa se ha de dar conta em juizo, senão porque, como diz S. Bernardo, as zombarias, que nos seculares sam galantarias, na boca dos Sacerdotes saõ blasfemias. Diante dos seculares se falle sempre em cousas de edificaçam, que causem horror, ou façaõ devoçam, confũdindo-os com a modestia, que deve ser manifesta a todos: & com santa mortificaçaõ de olhos baixos, mãos cruzadas, corpo quieto, & sem movimentos; porque destas vistas ficaõ reprehendidos, & interiormente edificados. Muitas pessoas de vida estragada, & dissoluta se movèrão á penitencia, & á confissam vendo sómente a Saõ Pedro de Alcantara, & a meu Padre Saõ Francisco, a Santa Catherina de Sena, & outros Santos; & tem notavel força a compostura exterior dos Servos de Deos para a conversaõ dos peccadores: alèm de que he ordinario sinal da presença de Deos, & compostura interior.

Nam fallem nos Sermoens, nem bons successos das Missoẽs, porque inda que de tudo isto dem gloria a Deos, lá no fundo da alma fica algũa complacencia de termos feito alguma cousa. Naõ nos mostremos muito alegres com estes bons successos, pois em outros semelhantes disse Christo a seus Discipulos, vindo de fazer milagres, que vira a satanás, como hum relampago cahir do Ceo: dandolhes a entender, que folgando de brilhar, & luzir nas cousas do Ceo com hũa occulta, ou clara complacencia de nós mesmos, vimos a cahir. Convem mais entristecernos do mal que somos Ministros de Deos, & dispenseiros de sua misericordia, dizendo, & sentindo com o Apostolo, que naõ temos feito nada, & somos servos inuteis. Sintamos, & corramonos, de que no mesmo lugar, & successo em que ficárão outros aproveitados, tal vez nós ficariamos cahidos, & sem o possivel aproveitamento.

# VIA SACRA
## ORDENADA, E ESCRITA
## Pelo Veneravel Padre.

### I. CRUZ.

ONSIDERA Alma, que esta primeira Estaçaõ significa a casa de Pilatos, onde nosso Senhor JesuChristo foy cruelmente açoutado cõ varas cheas de espinhos, & com asperas cadeas, cujas pontas eram abrolhos de ferro, que feriam, & rasgavaõ atè os ossos seu santissimo, & delicado corpo, sem haver nelle parte alguma, que cõ o rigor dos golpes naõ ficasse em chaga viva: para que assim como todo o corpo mystico do seu povo estava chagado da culpa, assim seu corpo santissimo, que por elle satisfazia, desde a plãta do pè atè a cabeça fosse chagado da pena.

Oh Magestade dos Ceos! Oh alto, & poderoso Senhor do mundo! que amarrado a huma coluna, como se foreis ladram, ou escravo vil, sofrestes ser açoutado tam cruelmente, sem q̃ no meyo dessas penas tomasseis por alivio hum Ay, nem por desafogo hũ suspiro! Peçovos meu Senhor da minha alma, que por esse cruel tormẽto me chagueis este coraçaõ tão duro com o amor, & compaixam dessas chagas; & imprimais nelle vossa paciencia, para que sem queixa nas dores, sem vingança nas injurias, vos imite, & acompanhe toda a minha vida atado a huma coluna firme da memoria de vossas chagas. Amen.

Feita huma pequena pausa, diga o Ministro, & guia da Via Sacra: Arrependete peccador de teus horrendos peccados, por serem cometidos contra teu Deos, & Senhor. Considera, que te está dizendo: Alma, mais me atormentão tuas culpas, que minhas chagas: o que em ti são deleytes, saõ em mim açoutes: não me açoutes com teus peccados, antes muito dorida delles arrependete peccador, & dize: Senhor pequei, tende misericordia de mim: pezar os do que nos peza, tende misericordia de nós.

Dito isto beijaráõ todos a terra,

ra, & então dirá quem ler, em voz alta: Bemdita, & louvada seja a Payxaõ de Nosso Senhor Jesu Christo: & sua bẽdita Máy, Amen. Logo se ergueráõ, & proseguiráõ suas Estaçoens, rezando no caminho de cada hũa seis Padre nossos, & seis Ave Marias pela tenção dos Sũmos Pontifices, que concedem as Indulgencias: acabando na mesma fórma todas as Estaçoens; & chegando á segunda dirá.

## II. ESTAÇAM.

CONsidera Alma, que esta segunda Estaçaõ, que consta de vinte passos, representa o lugar, onde lerão a Christo Senhor nosso a sentença de morte de Cruz, que dizia: Justiça, que manda fazer Poncio Pilatos em Jesu de Nazareth, por ser malfeitor, & amotinador do Povo: manda que no monte Calvario seja crucificado entre dous ladroens. Aqui tirandolhe a purpura, & as mais insignias de Rey, excepto a coroa de espinhos, que lhe haviam posto por zombaria, & escarneo, o vestiram de suas proprias vestiduras, & em lugar da cana oca, que lhe tiráram das mãos, lhe puzeram em seus delicados hombros o pezado lenho da Cruz: & para que fosse reputado por malfeitor, & ladraõ, o leváraõ entre dous, como se fora o peyor de todos.

O Rey dos Ceos, & da terra, que em figura de ladrão ides representando o engano, & cegueira deste mundo, tempo he já de que eu me dispa dos vestidos, & habitos de meus horrendos peccados, costumes, & vicios, & que me vista de vós mesmo, para que tornando em mim do desejo de vãos applausos, ame, meu Deos, os proprios desprezos, & imitandovos na vida, vos acõpanhe na gloria.

O' Alma minha, vè que cada vez que peccas, sentenceas á morte a teu Senhor Jesu Christo, & lhe poens huma pezada Cruz ás costas: vendo a teu Deos afrontado, como queres honras? vendo a gloria do Ceo chea de penas na terra, como queres gostos? O' Padre Eterno, permitís, que vosso santissimo Filho seja castigado como ladrão; & que sendo eu o que pequei, seja elle o que padece? Oh immensa caridade, q̃ assim consentis, q̃ seja castigado o Filho, para reconciliar com vosco este vil escravo!

Arrependete peccador de teus peccados, por serem cometidos contra teu Senhor Jesu Christo: dizelhe com grande dòr: Senhor pequei, &c.

## III. ESTAÇAM.

COnsidera, que esta terceira Estaçam significa aquelle lugar, onde indo o Senhor com

a Cruz ás costas suando, & regando a terra com seu precioso sangue, angustiado, & afflicto cahio mysteriosamente em terra debaixo da sua Cruz.

O' Amorosissimo Jesus, que como cacho esprimido debaixo desse madeiro vertestes rios de sangue, me mostrais caindo, o pezo que tem meus peccados, pois fizeram cahir por terra, quẽ tem nas mãos o Ceo, & o mundo: daime, Senhor, não só a conhecer o pezo, mas a sentir a gravidade de minhas culpas, para que com hum grande pezar de havelas cometido, satisfaça o pouco pezar, com que vos tenho aggravado.

O' Alma minha, se o pezo de teus peccados fez cahir o mesmo Deos por terra; que muito he, se não te arrependes, que te façaõ cahir no inferno? Arrependete, &c.

## IV. ESTAÇAM.

CONsidera, que significa esta Estaçam o lugar onde seguindo ao Senhor grande tropel de gente, naõ tanto por seguilo, como por perseguilo: huns por odio para crucificalo: outros para escarnecelo: outros ainda por curiosidade de espectaculo tam novo: nenhum para adoralo; inda que alguns por compaixam natural, que tinhaõ do seu tormento: vendo o Senhor, que humas piedosas mulheres o acõpanhavão chorando, virou para ellas, & dissellhes: Filhas de Jerusalem, nam choreis minhas penas, chorai por vossas culpas; porque se o Filho de Deos innocente padece estes castigos na terra pelos peccados alheyos, que padecerá o peccador no inferno pelos peccados proprios?

O' Piedosissimo Jesus, immensa caridade, que como esquecido de vossos trabalhos, quereis que choremos os nossos, especialmente os daquelles que senam aproveitão da vossa morte, & Payxão, para alcançarem eterna vida; se assim vos virais para as lagrimas, que por compayxam das penas se vertem, quanto mais vos virareis para as lagrimas, que com dòr das culpas se choraõ? Daime, Senhor, tanta dòr de meus peccados, que sejaõ meus olhos fontes de lagrimas, para que paguem chorando os males, que fizeraõ vendo o que era offensa vossa.

O' Alma, para que não chores por toda a eternidade, agora convem que chores: chora, que te não impede Deos, que chores sua Payxam, mas quer que primeiro chores a causa, que he teus peccados, & a perdiçaõ das almas, que naõ choraõ seus delictos. Chora pois, & se te não move a chorar teus peccados o muito, que teu Deos padece por elles, movate ao menos

nos o muito, que tu padecerás se te nam aproveitares do que elle padeceo. E se sabes, que es devedor á divina justiça, treme de nam saberes se alcançarás a divina misericordia. Arrependete peccador, &c.

## V. ESTAÇAM.

COnsidera, que esta Estaçaõ significa aquelle lugar dõde, como piamente se cre, a Virgem Senhora nossa, ouvida a triste nova de ser condenado á morte seu innocentissimo Filho, lhe sahio com excessiva dòr ao encontro na rua da Amargura, & vendo-o tão desfigurado, ensanguentado, & dolorido, considera qual ficaria o seu coraçam santissimo: se as filhas de Jerusalem choráraõ tanta lagrima vendo a Christo Senhor nosso, naõ o tendo mais que por Santo; que sentiria, & choraria a Virgem Senhora por seu filho, que amava por filho de Deos, & Deos verdadeiro?

O' Virgem Sãtissima, a mais affligida das mãys, sendo a mais pura das Virgens: quem póde contemplar o que sentistes, quãdo á vista de vosso querido filho, como Sol, & Lua ecclipsados deixastes o Ceo de vossa alma enlutado, & ennegrecido? Qual seria a tristeza, qual a dòr com que traspassou essa alma o cutelo desta vista? Pela immensa dòr, que vos ferio as entranhas neste taõ penoso encontro, vos peço, Mãy de Deos, que me alcanceis huma grande tristeza de meus peccados, & hũa grande dòr de minha culpa, pois eu com ella matei a vosso innocente filho meu Senhor Jesu Christo.

O' alma, acompanha, & ajuda a Virgem Senhora nossa, que vai seguindo a seu filho atè o monte Calvario: se ella o seguio com os passos, & com os sentimentos, não o persigas mais com as culpas, segue-o com os suspiros.

Arrependete peccador, &c.

## VI. ESTAÇAM.

COnsidera, que esta estaçaõ significa a Porta Judiciaria por onde sahio o Senhor para o monte Calvario. Aqui se deve considerar quanto sentiria o amorosissimo Senhor ao sahir por ella, que aquella desaventurada Cidade o deitasse fóra de sy, como que o não queria dentro de sy, por cuja causa havia de ser rigorosamente assolada pela justiça Divina.

O' soberano Redemptor, & amoroso Senhor nosso, quanto sentirieis, que como a malfeitor, a vossa amada Cidade vos não quizesse comsigo! Naõ permitais, meu Jesus, que eu pela porta da culpa vos lance fóra

de minha alma, que he Cidade vossa; & que meta por ella dentro o demonio vosso inimigo. Váo fóra meus peccados, vam fóra meus vicios, & torpezas, q̃ a vós sómente quero dentro da minha alma, dentro do meu coraçaõ, entranhas, & sentidos.

O' alma minha, vè que cada vez, q̃ peccas, deitas a teu Deos pela porta fóra, & metes o demonio, que vem envolto em seus vicios, & teus consentimentos; & por isso serás como Cidade ingrata, assolada, & destruida com pena eterna.

Arrependete, &c.

## VII. ESTAÇAM.

CONsidera, que esta setima Estaçaõ significa aquelle lugar, onde o Senhor cahio segunda vez em terra, por ir já com grande fadiga, fraqueza, notável tribulaçam, & angustia de o haverem arrastado por huma corda, picando-o, & ferindo-o com as pontas das alabardas, com páos agudos, & contos das lanças. E vendo que o Senhor hia totalmente desfalecendo, alugáráo hum homem chamado Simaõ Cyrineo, para que levasse a Cruz do Senhor, nam porq̃ delle se cõpadecessem, senão porq̃ vivo o crucificassem.

Oh meu Deos, a quem eu tantas vezes renovei as chagas, multiplicando mortalmente as minhas culpas! fazei Senhor, que nam exaspere vossa clemencia com a minha aguda malicia, nem renove mais com meus vicios vossas offensas; que agora nam passe adiante a misericordia, & caya sobre mim vossa justiça. Fazei, que, como o Cyrineo, resolvendome a deixar o mundo, & a viver como peregrino, encaminhe todos meus passos a levar a vossa Cruz para salvarme com ella; & que abraçado com a vossa Cruz na terra, faça della escada para subir ao Ceo.

O' alma, que naceste para a celeste Patria, para a Jerusalem celeste, & para lá caminhas, se no mundo vives como estrangeira, pegate ás armas da Cruz, & conquistando com ellas o eterno Reyno, alcançarás o mayor triunfo.

Arrependete, &c.

## VIII. ESTAÇAM.

CONsidera, que esta oytava Estaçaõ significa o lugar onde chegando o Senhor todo banhado em sangue sem parecer de homem, angustiado, & ferido, rompeo por meyo dos Soldados hũa santa mulher chamada Veronica, que com hum lenço, ou touca sua alimpou o rosto do bom Jesus, onde ficou hum retrato ensanguentado, debuxo de seu santissimo rosto.

O'

O' Amorosissimo Senhor, estampai em minha pobre alma vossa ensanguentada imagem; nam negueis a huma alma, inda que nam esteja pura, o que concedestes a huma toalha limpa; para que seja molde de minha vida esse retrato da vossa cara: daime hum fervoroso desejo de chegarme a vós, para que rompendo todas as difficuldades, abrace todas as virtudes.

O' alma minha, se queres estar vendo sempre a face de Deos na terra, retira os olhos do mundo: chegate a teu Deos com a oraçam, contriçaõ, & compunçaõ, para que trazendo-o sempre na tua memoria, andes em sua presença.

Arrependete, &c.

## IX. ESTAÇAM.

Considera, que esta nona Estaçam significa o lugar, onde o bom Jesus jà todo sem sangue, & forças cahio terceira vez em terra, atè chegar a tocala com sua santissima boca; & querendose levantar, naõ pode de desfalecido, porque aquelles perversos Judeos puxãdolhe pela corda, que levava atada á garganta, & dandolhe de empuxoẽs, o fizeraõ ferir de novo nas muitas pedras, que havia naquelle monte.

O' meu Senhor Jesu Christo, que de afrontas, & que de penas padecestes, & sofrestes arrastado, & maltratado daquelle Povo inimigo, cheyo de favores vossos! Ensinaime meu Deos da minha alma, ensinaime a levar bem os aggravos de quem me quer mal: naõ só para que assim goze da vossa graça; mas para q̃ assim possa darvos algũa gloria.

O' Alma, que de tres modos peccãdo, por pensamentos, palavras, & obras, fizeste cahir tres vezes ao teu Deos, para que fosse semelhante o modo da misericordia ao modo com que cometeste a offensa: erguete pela contriçaõ, pelo proposito firme de nunca mais offendelo.

Arrependete, &c.

## X. ESTAÇAM.

Considera nesta decima Estaçam, que significa o lugar, onde chegado nosso amorosissimo Jesus ao monte Calvario, o despojáraõ de seus vestidos com a crueldade, & rigor, que outras vezes havião feito: & tirandolhos lhe tornáraõ a renovar as chagas, por estar a carne chea de feridas, pegada a tunica, que lhe arrancáraõ com ella: & lhe deraõ vinho mirrado com fel, que o Senhor não quiz beber; sendo o seu mayor tormento verse despido, & nù á face de todo o povo.

O' pacientissimo Jesus, que dòr, que pejo terieis quando vos deixá-

deixáraõ em chaga viva, & vos offerecèraõ bebida tão amargosa! Daime, Senhor, sofrimento quãdo me faltar o vestido, & necessario para o corpo: & que me lembre, q̃ nù sobre a terra nasci, & nù tornarei para ella: seja vossa confusaõ minha gloria, vossa pobreza minha riqueza, vossa afronta honra minha: & naõ beba eu o fel da culpa, o vinho dos deleytes, que misturados me offerece o coraçaõ; antes despido de meus gostos, & appetite, nam saiba mais, que fazervos a vontade.

O' alma minha, meu Deos está nù, & só vestido de chagas, que queres para ti mais que penas? vestete dellas, & de cruzes, por quem se poz por ti em huma Cruz.

Arrependete peccador, &c.

## XI. ESTAÇAM.

CONsidera nesta Estação o lugar em que nosso Redemptor foy estendido em hũa Cruz, nella cravado de pès, & mãos: & nam chegando os braços aos furos, que tinhão feito, desencaixáraõ todos seus sacrosantos ossos, em que sentio huma das mais terriveis dores, que se padecèraõ no mundo; & foy tal a crueldade dos que o crucificáraõ, que lhe tornáraõ a pregar a coroa de espinhos cõ tanta força, que penetrada aquella sagrada cabeça, chegáraõ os espinhos aos olhos, enchendolhe de sangue todo seu santissimo corpo. E ouvindo sua Máy santissima os golpes do martelo, ficou como morta de dòr, traspassandolhe estas feridas a alma, quando a seu filho o corpo.

O' amorosissimo Jesus, rogovos que nam estenda eu pè, nem mão para maldade alguma, antes encravado no temor do vosso juizo crucifique na arvore da penitencia meus peccados; & para memoria dessa Cruz todos os meus pensamentos; & para que sem descer já mais da Cruz da penitencia suba por ella ao Ceo a minha alma.

O' alma olha para teu Deos, verás como seu immenso amor lhe fez inclinar a cabeça para te ver prender as mãos por te não castigar, os pès para te não fugir. Deitate áquelles pès, poemte naquellas mãos, & rogalhe, que naõ aparte de ti seus olhos a misericordia; & pois se inclina para ti, que es a mesma culpa; inclinate para teu Deos, que he a mesma graça.

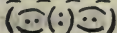
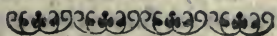
Arrependete, &c.

## XII. ESTAÇAM.

COnsidera, que significa esta Estaçaõ o lugar, onde levantáraõ em alto a nosso Senhor Jesus Christo, & o deixàrão cahir,

hir de golpe na abertura de huma pedra, com cujo abalo tremeo, & se rasgou mais todo seu santissimo corpo. Levantáraõ tambem as vozes de escarneos seus inimigos, sua santissima Máy os olhos, & vendo-o crucificado, lhe causou esta vista hũa tal dòr, que só com o mar se póde comparar. O Sol tapou os seus por naõ ver aquella maldade dos Judeos: as pedras quebráraõse: & tremeo a terra, naõ podendo soportar o pezo de taõ abominavel culpa.

O' Redemptor de nossas almas, por mim afrontado, & morto em huma Cruz, daime Senhor vossa graça, para q̃ crucificando minhas paixoens, & sentidos, me aproveite do fruto de vossa morte: daime vosso amor, para que crucificandome por vós ao mundo, imite as creaturas do Ceo na tristeza de meus peccados: o ar, que fez tremer a terra em vossa Payxaõ sagrada, faça em mim algum abalo, com que de todo trema de cometer hum peccado; & naõ me apartando com a consideraçaõ do vosso Calvario, lance mão de todas as occasioens de servirvos a vosso gosto.

Arrependete peccador, &c.

*Exercicio para cada dia em verdadeiro espirito. Index muito certo das acçoens do Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, que a sy se punha estas regras, que deixou escritas.*

EM me erguendo do lugar em que dormi, farei que se erga a Deos a minha alma, levantándose pela oraçaõ, da cama do descuido. Feito o final da Cruz,

Será minha primeira acçaõ dar graças a Deos por me haver dado esta hora, & dia para o louvar, & servir, negando-o a muitos outros, que o pudèrão servir melhor. Direi o Padre nosso, & Ave Maria, & o meu Cantico, & depois outra vez a Ave Maria, invocando a Máy de Deos. Será a minha primeira, & final tençam reduzir tudo a gloria, honra, & louvor de Deos, & com este fim se purificáraõ as minhas obras. Farei acto de resignação, em q̃ me lance todo nos braços de Deos, entregandolhe corpo, & alma, para que elle, como em cousa de todo sua faça em mim sua vontade; ficando aparelhado para darlhe graças por todo o bem, ou mal que me vier. Em final disto lhe pedirei, que tudo o que em mim for aplicavel, mediante a sua graça, elle o aceite

ceite, & offereça a seu Eterno Padre, pela alma que lhe for mais agradavel sahir da pena.

Logo direi a Confissaõ, & me accusarei a Deos, como se o tivera presente, de todas minhas culpas, froxidoens, & imperfeiçoens. Rogarei depois aos meus Advogados, que intercedaõ por mim; & recolhendo os sentidos quanto puder, me ficarei em Deos, ao menos huma hora. Acabada a Oraçaõ particular, pedirei a Deos me dè graça para que naõ perca este dia no derramamento dos sentidos, o que ganhei, & acquiri no seu recolhimento. Todo o dia farei por me conformar em alguma cousa á vida de meu Senhor Jesu Christo: ou seja jejum, ou mansidam, ou paciencia, ou mortificaçaõ ou caridade, ou o que me mover mais. Farei tambem concerto comigo de não pedir nada, de não perguntar nada, naõ desejar, naõ querer nada, ao menos de advertencia; & senão for fiel a Deos nesta pouquidade, necessario serà humilharme, conhecendo quanto menos o serei em cousas mayores, & que por isso o meu Senhor terá razaõ de me não mandar entrar no gosto da sua casa. Depois farei por me conservar na presença de Deos em todos os meus actos, & ao menos em seu louvor, & gloria, quando não seja amor.

Se estiver em presença de homens, estarei dizendo a Deos interiormente sempre: Meu Deos, se tivera tantas almas, & coraçoens para vos amar, quãtos saõ os cabellos da cabeça desta, ou destas creaturas, ella fora a minha gloria. Se estiver no campo, considerarei as hervas, & direi o mesmo: se forem arvores, cuidarei nas folhas: se livros, nas letras: se aves, nas pennas: se o mar, nas areas: se em casa, os ladrilhos, ou qualquer outra cousa de grandes numeros: se á noyte olhar para os Ceos, direi o mesmo nas Estrellas; & he grande proveito isto, & assim em tudo o mais. Naõ olharei para o rosto de ninguem, nem fixamente já mais para qualquer das vaidades caducas, & transitorias, mas antes trarei o mais do tempo os olhos baixos, como que estivera vendo dentro de mim a meu Senhor Jesus Christo, por me não divertir o visivel do mundo.

Nos actos da Communidade estarei sempre com silencio religioso, & modestia grave, memoria de Deos continua, sem olhar para ninguem, suppondo, & entendendo, que Deos me está vendo, & como espreitando dentro das suas creaturas para ver como lhe assisto.

A horas de comer guardarei perfeito silencio com gravidade, & temperança: & para não gostar

ſtar de nada cuidarei, que com o meſmo goſto, que eu como na meſa os manjares, me comeráõ os bichos na ſepultura. Ao beber me lembrará o fel, & vinagre, ou ao menos farei porque me pareça, que por algum dos buracos enſanguentados das chagas de meu Senhor bebo o que quer, que bebo; & com iſto impoſſivel ſerá não achar alguma amargura no ſentido, ou no animo. Se me ſentir em eſtado, ou principio de contemplaçaõ, conſiderando aquella variedade de ſabores, que a bondade Divina derramou naquellas creaturas para meu regalo, direi fugindo delles, ou buſcando por elles a Deos: Meu Deos, naõ tem iſto mais goſto, que o que vós tendes de mo dar: & ao menos quantas forem as couſas, que ouver na meſa; ou ſeja louça, ou vidro, ou páo, ou ferro, ou o que quer que for, conſiderarei, que por outros tantos criados me mandou Deos ſervir á meſa neſtas ſuas creaturas. Pelo numero dellas farei por contemplar a infinidade, pelos ſabores a ſuavidade, & aſſim quaeſquer outros attributos de Deos, em que me eſteja admirando. Comerei ſempre menos do que me parecer neceſſario, porque a natureza he grande hypocrita, & finge muitas vezes, que he ſanto, o que he vicioſo: havendo de peccar na gula, que he mãy da laſcivia, melhor he, ou menos máo, como dizia Climaco, peccar na vangloria, de que Deos me livre de parecer abſtero. E no cabo, mais pelos manjares eſpirituaes, em que me recrear, que pelos corporaes darei muitas graças a Deos, pedindolhe, que me dê hum eſtomago taõ forte, & o meu appetite tão bem ordenado, que o meu comer ſeja fome de amarguras, o meu beber, ſede de fel, & vinagre, o meu fartarme, naõ me fartar de anguſtias, nem de que ſeja tanta a gloria, que a Deos ſe dê, quanta for a que ſe me tire a mim; & em tudo o q̃ nam for iſto, convem entender, que não acharei a Chriſto, que ha de ſer a minha via: pois no mais póde eſtar eſcondido o demonio das conſolaçoens, como Aſpid entre as flores.

Se ſe me repreſentar, ou offerecer aos ſentidos algũa falta, ou culpa de meus irmãos, não as olharei como offẽſas de Deos, que iſto move a indignaçaõ: olhalashey como fraquezas, & miſerias de meus proximos, & como as minhas proprias, tendolhe dó, & laſtima; pois ſendo certo, que andão cegos os que andão em peccados, não nos devemos indignar de que hum cego erre o caminho, antes compadecernos, & ultimamente enſinarlho, ſe for capaz, com manſidão, & brandura, caridade, & amor.

amor. Nem interior, nem exteriormente murmurarei do meu proximo: & he ponto de importancia; porque ſem amor do proximo, naõ terei o amor de Deos.

Para a Oraçaõ, & para todos os actos da obediencia farei por ir com taõ ardente deſejo, & afervorado goſto, como o goloſo vai para a meſa depois da fome: ou como qualquer homem muito vicioſo vai para os ſeus vicios. E iſto importa muito para a devoçaõ; & ſe aſſim o nam fizer, ao menos reprehendermehey, quando me lembrar de que os perverſos amem mais a ſua perdiçam, & as ſuas torpezas, & as buſquem com mayor ſede, do que eu buſco a ſalvaçam, & a meu Senhor Jeſu Chriſto.

Por qualquer defeito, q̃ cometer, me darei logo caſtigo particular, q̃ mais não ſeja, q̃ não fallar hũa hora, ou picarme com hũ alfinete, ou rezar alguma couſa pelas almas, quando nam poſſa ſer o cilicio, ou diſciplina. Não me deſculparei inda que naõ tenha culpa, ſalvo ſe for eſcandalo publico.

Todo o meu cuidado ſerá ſẽpre eſtar de eſpreita aos meus penſamentos, palavras, & obras, para ver ſe entra nellas algũa vaidade, ira, ou imperfeiçam, ou qualquer outra tentaçaõ, & me haverei com todas comó cintinela com o inimigo; & diſto farei muito caſo, porque aproveita muito, principalmente ſe o fizer eſtando em Deos cõ movimento de amor.

Farei quanto puder por trazer deſpejada a memoria de imagens de creaturas, o entendimento ſem diſcurſos, & a vontade ſem outro apegamento, nem inclinaçaõ, mais que o amor de Deos: os ſentidos calados, a conciencia ſem culpa, & ainda que aſſim mo pareça, nem por iſſo me terei por juſto.

Eſtando deſte modo farei da minha alma hum deſerto, onde nam ſoe, nem ſe veja nada mais, que meu Deos, iſto he, a ſua noticia entre as nevoas da Fè, com o lume da Eſperança, & com o fogo do Amor: ſó com o Senhor, & com quem ſómente póde encherme o coraçam, & para iſto o quer vazio: fazendo muito, & pondo quaſi todo o cuidado, em que nenhuma couſa creada entre na minha alma, ao menos nenhuma, que dentro na alma me faça perturbaçáo, ou guerra: & ſerá iſto ſinal de quietaçaõ, & tranquilidade, que he eſtado perfeitiſſimo.

Nam farei a vontade a nenhum de meus ſentidos, & menos á minha vontade, & das outras potencias, excepto o conſervalas em negaçam de ſy proprias, & de tudo o mais, que nam for Deos; pois Henrique Suſo depois de dar a entender, que

quẽ vio a Essencia Divina, poz a sua perfeiçaõ na negaçaõ deste mesmo gosto, de que se julgava indigno com profunda humildade, & só de padecer se naõ podia fartar. E S. Paulo depois de ver a Essencia Divina, tambem nam diz, que nisto se gloriava, mas que só se gloriava de padecer. E Santo Efrem depois de chegar a estado de altissima paz pedio a Deos, que o tirasse della, & o tornasse ás tentaçoẽs, & tribulaçoens, por não perder as coroas na falta dos conflictos.

Não ama mais a Deos, quem tem consolaçoens, & doçuras espirituaes: naõ lhe quer mais quem tem dom de lagrimas, visoens, & sentimentos de Deos; só ama a Deos, quem ama a sua vontade, & se conforma com ella nas cruzes, que lhe poem. Só ama a Deos, quem não tem outro gosto mais que fazerse na sua alma, o que he gosto de Deos, dandolhe graças perpetuas nas tribulaçoens do corpo, & espirito, alegrandose, & gloriandose logo, que vé cahir sobre seus hombros a cruz, que Deos he servido, & abraçando-a forte, & suavemente todo o tempo, que lhe dura, sem querer, nem pedir a Deos, que lha tire, mas sofrendo-a em quanto o Senhor a dá, com sinaes de amor, & agradecimento por tamanho beneficio.

Alegrãose, & gloriaõse as almas puras neste estado pencíssimo, quando mais crucificadas, & atormentadas, porq̃ assim como florecerem, & rebentarem as arvores, he sinal de q̃ a Primavera está perto: assim andar alegremente arrebentando hũa alma com a sua cruz, & parecer em nella flores, o q̃ he arrebentar, grande sinal he de que já vai passando o Inverno do amor de Deos, isto saõ, as friezas, & que já nam está longe o Verão do espirito, em que apparecem fermosas, & cheirosas as flores das virtudes, para que cedo dem frutos de obras heroicas, pois caminhão para o Estio daquelle amor de Deos abrazado, & ardentissimo, em que todos nos derretemos, & transformamos em Deos. He sinal tambem da união de Deos, & de grande perfeição esta alegria na cruz; porque assim como he sinal de vida mundana gostar dos deleytes, & gostos vãos do mundo: assim he sinal da vida do espirito gostar das tribulaçoens, & afflições: onde mostra a alma, q̃ está tão outra, & tão inimiga da carne, do mundo, & do demonio, que assim como he todo o seu tormento o que he mayor deleyte dos que estão em peccado, assim o seu mayor deleyte he o que fora mayor tormento dos que vivem em culpa.

Por isto se gloriaõ, porque vão dádo na verdade do que lhes

importa: vão conhecendo o gosto, que Deos tem de crucificar a seus filhos, & a gloria que tem de não perdoar nesta vida, a quem ha de dar a eterna. Por esta mesma razaõ em vindo a dòr, & tribulação, recebem-na com festa, & agasalhão-na, dando graças a Deos, tendo-a por pagem seu, que lhe vem dizer, que alli está Deos, & assim he a sua vontade. Na sede que lhe faz o Espirito Santo de agradar a Deos, parece que não pódem fartarse de cruzes, & mais cruzes, considerando, que vão seguramẽte pelo caminho da cruz, & se pódem deitar nella para descansar: o que se não póde fazer nas consolaçoens, que não he via segura, antes chea de ladroẽs & de inimigos dalma: pois em hũas póde estar o demonio, & em outras o espirito da carne, & noutras o do mundo. E esta suspeita, & desconfiança he de muita desconsolaçaõ às almas, que parece se affligem de que Deos de alguma maneira as possa despregar da cruz, antes de irem para a sepultura: receando em qualquer contentamento, q̃ não querem nesta vida, perderem o parecer, & a conformidade, que tem com a vida de Christo, cujas pègadas seguem: tudo o mais he engano, & ao menos perigo, porque nos contentamentos da alma, que se entrega ás suavidades, mostra a alma, q̃ se ama a sy, & não a Deos; & sò irá bem encaminhada, quando dandolhe Deos estes contentamentos, ella os receba em resignaçaõ pura: isto he, naõ porque o quer, & deseja, senaõ porque tem gosto de tudo, o que Deos quer, & Deos tem gosto de fazerlhe estes favores.

Quem se resolve pois a entrar no caminho da verdade, & na vida do espirito, ha de tomar hũa tamanha resolução de chegar ao cabo, que determinandose por hũa vez a vencer tudo, & a não deixar nada por fazer, naõ ha de descansar atè não dar no alvo a que tira, tocando os ultimos extremos da perfeiçaõ. Para isto com mais sede, que o Cervo á fonte, que a fonte ao rio, que o rio ao mar, ha de acometer esta empreza com tã ta fortaleza, que entenda, que não correm a seus vicios tão ardentemente os mais viciosos homens, como elle corre ás virtudes na imitação de Christo. Fũdandose pois em verdadeira humildade, isto he, desconfiando totalmente de sy, & fiandose todo em Deos, entrará no mar das amarguras da penitencia, & se exporà, como firme rocha, aos ventos, ondas de toda a mortificaçaõ, donde abraçando com animo resoluto os mais asperos riscos, por estes ha de mandar á alma, que suba à sua cruz, onde acharà a Christo: sendo toda sua

perten-

pertençam, & ambiçam huma ardente ſede de naõ fartarſe de cruzes, perſeguiçoens, & anguſtias: deſejando ſempre por puro amor de Deos, ſer aborrecido do mundo, eſcarnecido da carne, açoutado do demonio, deſemparado de todos, odioſo, & grave a ſy meſmo, & ſó amavel a Deos: para quem ſó queira, deſeje ardentemente, & procure toda a gloria, toda a honra, & todo o louvor, que lhe ſeja dado de todas as ſuas creaturas pelos ſeculos dos ſeculos.

*Oração que fazia o Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas todos os dias pela manhãa ao levantar da cama.*

DEos meu, & Creador meu, a quem a minha alma com todo o coraçaõ, & affecto adora, & venera: eu voſſa creatura, & voſſo eſcravo no principio deſte dia, que recebo de voſſa miſericordia, vos offereço minha alma, minhas potencias, & entrego meus ſentidos: ſacrificando meus penſamentos ao Pay, minhas palavras ao Filho, minhas obras ao Eſpirito Santo: quanto fizer, Senhor, & Deos meu, uno, & trino, conſolaçaõ, & amparo de quanto tendes creado, ſeja em voſſo ſerviço, & deſde agora o applico em voſſo infinito amor, & ſantiſſima vontade. Se por voſſa miſericordia obrar alguma couſa boa neſte dia, a vós a offereço com muito goſto. Se fizer alguma por minha fraqueza, eu a aborreço com todo o affecto: & vos peço della perdão com grande arrependimento. Se obrar alguma indifferente por meu deſcuido, ou inadvertencia, encomendo-a á voſſa eterna ſabedoria, para que apartando-a, a ponha Senhor em o numero do bom, & agradavel a voſſos divinos olhos. O' grande Deos, & Senhor da minha alma, debaixo do amparo da Rainha voſſa Mãy, minha Senhora Maria Santiſſima, me entrego, & exponho ao perigo das creaturas, & occupaçoens, & negocios temporaes, que ſam forçoſos: enſinaime, Senhor, a fazer em tudo voſſa ſanta vontade: daime luz para acertar em tudo o que fizer: esforço, & animo para pôr fim no que emprender de voſſo ſerviço; & finalmente paciencia para ſoportar, & ſofrer os trabalhos, & miſerias deſta vida; de tal ſorte, que nella vos agrade, & ſirva, & na eterna vos goze, & louve com todos os Eſpiritos bemaventurados. Amen.

(:)§()§(:)§(:)§()§(:)
✠(✠)✠
():()

### *Oraçaõ do mesmo Veneravel Padre ao deitar á noyte.*

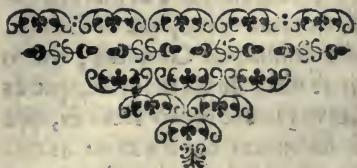
DEos & Senhor meu, tal sou como haveis visto neste dia: tal he a minha maldade, que me não deixa servirvos: tal minha ignorancia, que não sabe agradarvos: tal minha cegueira, que não acerta a amarvos: tal minha fraqueza, que não sabe imitarvos. Quem, oh Senhor meu, choràra com justa dòr os peccados, & delictos deste dia! quem correspondéra á tantas offensas com devído sentimento, & pena! quem igualára o meu pranto com a minha ingratidão: a minha contrição com as minhas culpas! O' pay misericordioso, já que por minha fraqueza não posso tanto, inda assim de todo o coraçaõ vos peço perdão dos peccados, que contra vós tenho feito. Riscai, Senhor, do livro rigoroso da conta os pensamentos, obras, & palavras com que neste dia me apartei de vossa santa Ley, & da recta razão. Quẽ perde mais q̃ eu em havervos offendido? Tal deve ser a dòr como a perda, a contriçaõ como a culpa, & o remedio como o dano. Vosso sangue interceda, Senhor, por meus peccados: vossa luz allumie minha cegueira: vossas dores sarem minhas feridas: vossas penas apaguem minhas culpas: vossa misericordia remedee minha miseria. Senhor, pedindovos perdaõ proponho a emenda, & com ella hum ardentissimo desejo de padecer. Para a satisfaçaõ offereço, Senhor, toda a minha vida, que me derdes: toda dispenderei a vosso gosto, & santissima vontade. O' grande Deos, & Senhor da minha alma, vosso sou, & para vós nasci: a vós offereço os trabalhos do dia: a vós me entrego em o descanso, & trevas da noyte, rogandovos amanheça de verdade o servirvos, & adorarvos, & viver, & morrer em vossa graça, para ir gozarvos em vossa eterna gloria. Amen.

---

## SOLILOQUIO

### *Que o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas desejava ter com Deos, para se afervorar em o servir.*

QUem me dará, meu Deos, a mim, que no deserto da minha alma com vosco só me veja huma hora? Quem me dará, que possa hum dia descubrirvos meu coraçaõ, mostrarvos as minhas entranhas, dizervos todos meus segredos, & fallarvos á minha vontade? & pondo tudo aos vossos pès, depois de os lavar com mil lagrimas, & de pedirvos mil perdoens; pedirvos por sinal de amor, os vossos braços, meu Jesu? Quem, Ancia

doce da minha alma, ha de acender, & dar calor a hum coraçaõ arrefecido, & a hum caramelo regelado, senão vós, que me dèstes vida com o alento de vossa boca; se não vós, que em fim me criastes aos peitos da vossa piedade, & ao bafo de vossos favores? Tal he o frio, meu Senhor, desta vontade escrupulosa, que me naõ deixa andar direito no caminho da salvaçam, & vereda do vosso serviço, em que vos busco, pois tudo faz com rosto torcido, quasi sempre com pè esquerdo, & sempre com tremor do corpo: se os espaços da imaginaçaõ saõ eras da eternidade, porque quereis que estes espaços, que imagino nos meus desvios, sejaõ eternas afflicçoẽs de quem não he quem dantes era, vagaroso sempre da pena, detido nunca da esperança? He, meu Senhor, & meu Bem todo, huma esperança, que recea, & huma penna, que nunca voa. Quem pois, meu Deos, me ha de dar azas para me chegar para vós, se me vejo feito de rémoras para me desterrar de mim? Vós sim, meu Deos, & meu Senhor, que tendes a vosso mandado, naõ só o imperio das creaturas, nam só a esfera do possivel, mas a izençam do mesmo nada. Prendaõvos pois estas correntes, com que se soltão minhas lagrimas, desangrandose pelos olhos esta febre do coraçāo: folegos sam do coraçaõ, que me saem já pelos olhos, & apertandoseme dentro na alma, para vós parece que rebentam: cinzas sam em que se tornáram todos os incendios do peito, porque nellas se me tornassem todos os alentos da vida. Mas que fará, Senhor, huma alma, que fechandose aos pezares de quanto vos tem offendido, se abre sómente aos suspiros, com que vos busca a toda a hora? Atè, meu Deos, os meus delictos me castigaõ imaginados: menos penoso fora o inferno, se esquecendome de minha culpa, só do tormento me lembrára. Este he aquelle verdugo, que me corta hoje as entranhas, sendo as nodoas mais crueis, que me deixa no coraçam, as faltas que me poem no rosto. Desejo, meu Deos, dar mil passos pelos caminhos do meu pezado desejo: desfazerme em voos pela esfera do vosso amor; mas como naõ mudou de cunhos a moeda da minha emenda, bem que mudasse de cruzes o desengano, naõ corre, porque a julgo falsa, nem val nada, se vos não pagais della.

*Humilhase o Veneravel Padre diante de Deos, pondo tambem diante de seus olhos suas antigas maldades, para mostrar, que he o Senhor justo em lhe não dar na Oração doçuras, & suavidades.*

E Quem sou eu peccador vil, para querer consolaçoens? Eu, cuja vida, & cujos annos mais he, que numero de instantes, immenso computo de offensas! Eu, q̃ na face da terra, diante dos olhos do Ceo, no rosto dos Anjos, & Santos, á vista da Virgem purissima, & na presença do mesmo Deos, cometi culpas tam enormes, delictos taõ abominaveis, maldades tam aborreciveis, cuidarei que me sam devidas as doçuras, & suavidades, que os mayores Santos da Igreja não ousavão nunca esperar, nem se atreviam a querer? Por ventura esta breve hora, q̃ venho dar ao meu Senhor, venho só a fazerlhe usura, ou a fazerlhe a vontade? Se pois he võtade de Deos, que as nuvens todas vertão rayos, que os Ceos se me ponhão de Cometas, que o ar se vista de tormentas, que as hervas se me façaõ viboras, que se levantem contra mim as ondas, & me dem nos olhos as areas, que o Sol se me eclipse, & se torne o dia em escura noyte, porque sentirei eu mal de Deos, & reprehenderei seus Decretos, não approvando o que elle faz, nem gostando do que elle quer? Oh homem misero, foste no mũdo em teus peccados, de Deos hum publico inimigo, & queres que Deos, & as suas creaturas te sirvaõ ao teu gosto, & ainda para a sua offensa? De tamanhas sensualidades se veste ainda o teu espirito, que em não achando nos sentidos o deleyte, que ainda lhe buscas, foges assim do teu Senhor, que nessa prova te examina; & como perverso te nam corres, como peccador te naõ pejas de andar mentindo a cada passo do que prometes ao teu Deos? Sofreote Deos toda a tua vida, & consentiote em sua offensa, sendo hum Deos de immenso poder, & de infinita Magestade, & tu hum dia, huma só hora, não pódes sofrer por seu amor huma breve mortificaçaõ, sendo hum bichinho vil da terra? só pelo jornal queres servilo? só pelo soldo, & não pelo Rey? só por ti, & nam pela Patria? se pelejas contra o demonio, não queiras outro premio. Como flor debil te desmayas a hũ breve ar, que te desfolha, devendo de estar como tronco, a quem o vento não derruba. Por ventura mereces tu, que teu Senhor te faça mimos, se a esses mimos, que te faz, estimas mais que a teu Senhor?

Oh

Oh meu Creador, & meu Senhor, que sendo vós filho de Deos vivestes em perpetua cruz, & nem por isso vos queixastes: que suastes rios de sangue, & nam fugistes da Oraçaõ: que açoutado, & crucificado, afrontado, & escarnecido, não apartastes nunca os olhos de vosso, & meu Eterno Pay: se nesta hora, que vos dou, se na secura em que morro, se na aspereza em que me vejo, se na ancia, & tedio em que agonizo, todo esse Ceo me perseguíra, todo o mundo se conjurára, & todo o inferno me tentára, antes quizera mil infernos, que cahir no menor peccado: pelas chamas do mesmo inferno briosamente me arrojára, antes que consentir hũa minima offensa vossa: pelas espadas, pelos martyrios, pelas mortes, pelas afrontas, pelos mayores males de todo o mundo me metèra, antes que cahir em huma culpa: engeitára esse mesmo Ceo com huma eternidade de gostos, se em vosso odio os possuira; & abraçára esse mesmo infernó por mil etérnas duraçoens, se cõ isso vos contentàra. Este, meu Deos, he o meu fim, este he sómente o meu desejo; nam me tireis vós este amor, & tiraime embora mil vidas: não perca eu esta vontáde, & percãose embora mil almas; que nada disso me doèra, nada demais me atormentára, & tudo me affligiria, se eu vira, tendovos amor, que tinheis gloria disto tudo. Provem-me pois, meu Deos, as chamas: firam-me de novo as espinhas: chovão rayos, meu Creador, & abrazem-me: resolvase o mar, & sepulte-me: turbese o Ceo, & ameaceme: fundase o mundo, & castigueme: abraze o inferno, & sovertame, que se vos acho no meu coraçaõ, que temerei verme no coraçaõ da terra, se vos tenho no meu amor? que importa verme no ventre do mar, se vos levo dentro da minha alma? que se me dará, que o inferno abra a boca, se vos tenho nos meus olhos? que medo posso ter ás carrancas do Ceo? para essas chamas serei Çarça, para essas ondas rocha viva, para essa terra cousa morta. Viva fé tenho, meu Deos, que estais aqui dentro de mim, ao redor de mim, & por toda a parte de mim, metido nas minhas entranhas, olhando agora como aceito este trato, que vós me dais; & observando como me hey neste favor, que me fazeis. Vede pois Senhor, & Deos meu, em mim nestas afflicçoens huma humilde resignação com que abraço a vossa vontade, huma paciencia muito muda com que obedeço ás vossas ordens, huma constancia muito robusta com que defendo a vossa Ley: sede pois

vós minha constancia, pois fostes sempre o meu auxilio: sede tambem minha paciencia, pois fostes sempre o meu exemplo: sede emfim minha resignaçam, pois sois hoje a minha vontade.

*Mostra o Veneravel Padre, quanto se conformava cō a vontade divina nas sequidoens, que lhe dava na Oraçaõ; & se anima a cōtinuala sem ajuda de custo de consolaçaõ.*

NEste profundo mar de angustias, neste escuro pégo de sombras, com que luta senão se afoga o meu espirito affligido: neste deserto de asperezas, neste ermo de sequidoēs, & nesta solidão de penas, donde os olhos á vista da alma estendidos, naõ achaõ mais que eternas ancias, sem ver Ceo, que me seja alegre, porto, que me seja seguro, terra, que me não pareça deserto, bem vejo, meu Deos, & Senhor meu, quam pouco he o amor, que vos tenho: porque se eu vos tivera amor, vendo que era vontade vossa, que padecesse este tormento: vendo que em cousa tão ruim podieis ter alguma gloria, nam só devia, meu Senhor, por darvos gosto, & resignarme, serme a sequidão aprazivel, & suaves as tribulaçoens, mas a mesma morte gostosa, & o mesmo inferno Paraiso: oh como, Deos meu, vou vendo dentro da minha alma, quam esteril planta sou vossa, quam inutil servo sou sempre, quam máo, & ruim escravo, pois desgostandome a Oraçam, fugindo da fonte donde bebo, da origem de todo meu bem, do centro do meu amor, não posso mostrar huma hora, que me encobris a vossa luz, que me tocais com vossa mão, que me deixais sem a vossa vista, que vos sirvo sem interesse, que vos amo mais que pelo premio, que vos busco mais que pelo gosto! Por ventura cuidarei eu, que vos fostes para muito longe, ou que de mim apartado vos desterrastes para sempre, se tudo o q̄ vivo me mostra, que na minha alma vos escondestes para estar mais dentro de mim? se tudo o que sou me assegura, q̄ por essencia, & por presença dentro de mim me estais olhando, por observar como vos trato neste retiro, em que vos pondes, & nas distancias, que finge; quem duvída, que meus peccados sam as neves, & caramelos, em que se prende o meu espirito para que eu não corra apos de vós? Quem ignora, que estas angustias saõ faltas de resignação com que eu devia conformarme em tudo o que he vontade vossa? Quem se persuade, que o ser froxo naõ he falta de fortaleza, esperaçam, &

per-

perseverança, com q̃ nas guerras, & batalhas, que tem a carne contra o espirito, não aturo de pusilanime, como Soldado sem valor? Quem nam dirá, que pouco faço por imitar a vossa Cruz, se hum instante, que me pezou, huma hora que me doeo, vos nam segui como discipulo, & me naõ neguei como amigo? Eu sou aquelle, que propoz de vos seguir mais, que atè a morte? Adonde está aquella Fè, esperança, longanimidade, amor, firmeza, & união, com que abraço os vossos tormentos, com que vos sigo, meu Deos, os passos, & com que vou por vossos caminhos, se jà me afflige a vossa Cruz, em que só devo gloriarme: se tanto antes de chegar ao alto monte de Siam, esmoreço: se antes de ver, que as tempestades me soſſobraõ, perco o animo, antes de provar, quaes saõ as forças do inimigo, já me rendo? Oh homem vil, ó baixo homem, perverso, indigno, & sempre ingrato, que primeiro perdes o animo, que percas o teu mesmo alento! Para que te ha mister o teu Deos, que necessidade tem de ti, ou de que lhe pódes servir, se para ti proprio nam serves, quando de ti faz mayor caso em fiar de ti mais hum pouco? Poste no mũdo para amalo, & tu só tratas de offendelo? Deute armas contra o demonio, & tu te armaste cõtra ti, pois desmayas sem contender? Torna em ti homem descuidado, alentate servo sem fruto, que tens hum Deos, que te dá azas, quando te crece mais as penas: que te acrecenta mais as forças, quãdo na terra te derruba: que te mete tanto por dẽtro, porque não sayas fóra de ti, & te leve o ar da vaidade. Bem he que dessas froxidoens tomes hoje por penitẽcia padecer mais tribulaçoens, desejar novas asperezas, & fazer mais guerra aos sentidos: sintão elles todos cuidarem, que delles te póde nascer o com que com Deos has de medrar. Chegate pois para o teu Deos, suspira-o, chama-o, & não o largues, que em todo o mundo, & creaturas te ouve bem, posto que te não responda: que em todo tu, & toda a alma te olha, ainda que o naõ vejas. Veja, que o amas, & suspiras quando menos se te descobre; & veja nisto a tua fé, ouçá que aguardas seu favor, seus auxilios, & beneficios, & mostralhe a tua esperança: saiba que o buscas quando penas, que estimas por elle os tormentos, que te agradaõ porque elle os quer, & que os desejas porque tos dá, & verá nisto o teu amor. Oh meu Deos, & amor da minha alma! chovão tormentos, chovaõ penas, creçaõ as mortes, & os infernos, mas nam me falte o vosso amor; porque se elle me

faz

faz ver que he gosto vosso, que eu os sinta, amevos eu mas que padeça, sirvavos eu mas que me afflija, louvevos eu mas que me acabem, me consumão, & me atormentem desemparos de que eu sou digno, tribulaçoens, que eu vos mereço, & tudo o mais, que for vosso gosto: porque vai muito, meu Senhor, se me mandardes para o inferno, de eu penar nelle por minha culpa, ou recebelo em vossa graça: de o padecer por minha pena, ou de o sentir por vossa gloria. Se eu pudera vestir de mundos cada areasinha do mar, se pudèra encher de mares cada argueirosinho da terra, se pudèra coalhar de Ceos cada atomo desse ar, se pudéra cubrir de Hierarquias cada Estrellasinha do Ceo, se pudéra povoar de almas cada chamasinha do fogo, se pudéra fazer espiritos mais que as hervas, que tem o campo, se produzíra coraçoens mais do que ha folhas nas arvores, & se pudéra erguervos templos mais do que saõ as creaturas, todas, meu Deos, vos offerecéra, vos prostrára, vos entregára, sem reservar para outra cousa a mais pequena creatura: desejando em cada huma offerecervos hum mundo de coraç[õ]es, hum mar de almas, hum Ceo de espiritos.

# LUZES ESPIRITUAES

## Para guiar Almas no caminho da perfeiçaõ,

## *Escritas pelo Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas.*

### LUZ I.

### *Que cousa seja Oraçam em commum.*

A Oraçaõ he elevaçaõ da mente em Deos, hum abraço da alma com Deos, hum incendio do coraçaõ, hum roubo doce dos sentidos, & hum sono da alma suavissimo: ninguem a deseja sem auxilio, ninguem a começa sem especial favor, nem a continùa sem graça de Deos muy particular. Por tres caminhos se anda nesta via do amor divino; no primeiro se exercita a penitencia, & a negaçaõ de nós

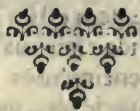
nós mesmos, & se diz Via Purgativa; no segundo crece o nosso amor com os beneficios de Deos, & se diz Via Illuminativa; no terceiro se une o nosso amor com a vontade de Deos, & se diz Via Unitiva: esta he fim, aquella meyo, essoutra principio do caminho da perfeiçam. Na primeira se exercita a caridade; na segunda se acende; na terceira se inflama: começa faisca, prosegue chama, continùa lavareda. Nos principios a madeira verde faz fumo, q nos excita a lagrimas; depois já secca faz fogo com qualquer sopro, que fomenta; & ultimamente feita em braza, arde inda que a naõ assoprem.

## LUZ II.

### *Que cousa he Oraçam em particular.*

TOda a Oraçaõ, ou he vocal, ou mental. A vocal se diz, ou faz com a boca com movimento exterior, ordenado, & dirigido a Deos, & ás vezes sem uniáo da mente. A mental de que aqui tratamos, se faz dentro no coraçam com o entendimento prostrado, ou elevado a Deos sem movimento exterior: ás vezes se ajuda huma á outra com grandes gráos de perfeiçaõ, mas não a que he pura mental. A Oraçaõ mental se divide em duas, convem a saber, contemplaçáo, & meditaçáõ. A contemplaçam he dom de Deos, que elle só cócede a quem quer, porque não bastáo para a ter as artes, ou forças humanas, ainda que he meyo efficacissimo todo o exercicio de virtudes. A meditaçam he hum intrinseco cuidado em Deos, hum trazer em Deos o sentido em hum desejo fervoroso de fazer a sua vontade, de o trazer em nossa presença, & de imitar o seu exemplo; esta ainda he de dous modos, conforme a doutrina dos Santos: ou meditar em Deos, quanto á Divindade, sem representaçaõ, ou figura; ou quãto á humanidade com figura, & representaçaõ: meditar quanto á Divindade, he caminho muito subido, mas por isso mais perigoso; assim o diz Santa Theresa, que o tem por de pouca humildade: meditar quanto á humanidade foy sempre a via mais segura; assim no lo affirma Saõ Paulo, que na humanidade de Christo tambem amava a Divindade, & só por meyo do Senhor diz, que façamos quanto obramos.

O que

## L U Z III.

### *O que se ha de escolher para materia da Oraçaõ.*

A Memoria da Payxão de Christo, he a via mais proveitosa do caminho espiritual, assim porque estas ultimas acçoens foraõ as com que elle coroou o fim de nossa Redempçaõ, como porque sam as melhores com que nos persuadio, & ensinou á imitaçaõ do seu exemplo: não só forão thesouro para nos enriquecer, mas norte para nos guiar: naõ só foraõ extremos para nos obrigar, mas excessos para nos mover; esta escolhem os escolhidos, que querem accompanhar o Senhor mais no Calvario, que no Tabor: mais na Cruz, que nas suavidades; donde elle chamou nescio a S. Pedro, por não querer mais que gozar; & emfim mais na solidão, & affliçoens do Horto, que na companhia, & regalos da cea. Esta via da Cruz foy mostrada por Deos a meu Padre S. Francisco, que lhe era a mais agradavel, & aos mais dos Santos, que por ella corrêraõ o estadio da vida; nem está a alteza do estado da vida espiritual naquelles doces sentimentos, nas visoens, & suavidades, que saõ beneficios de Deos, & naõ merecimentos nossos; está na resignaçam, & negaçam, na constancia, tençaõ, & fim com que nos pomos nas suas mãos indifferentes para tudo, & donde naõ possa apartarnos de fazer a sua vontade, nem o mundo, nem as creaturas, nem a morte, ou vida, bem, ou mal, &c. como S. Paulo dizia: guiados pois desta verdade, deste exemplo, & deste premio, que temos no mesmo Senhor, não temamos entrar nas ondas do mar Vermelho de seu sangue, pois nam só por este caminho passaremos do mundo ao deserto, & por elle à terra de Promissaõ, mas veremos com gloria de Deos, afogarse nas mesmas ondas o exercito de Faraó, isto sam, nossos inimigos, o mundo, a carne, & o demonio: a nossa culpa, & amor proprio, que he quem nos faz a mayor guerra; nem nos assombrem os trabalhos, que nas peregrinaçoens deste ermo ha de sentir a humana vida, porque não sam dignas todas as fadigas do mundo do premio q̃ lhes promete, nem sem ellas póde mostrarse, que fazemos algũa cousa, porque a palma com o pezo se ergue, & a cana vãa hum ar a move: quem no amor de Deos tem raizes, quem persevera em seu amor, he como tronco, a quem não movem os temporaes, & as tempestades; quem as não tem, he como flor, que o vento a leva,

à leva, hum ar a ſeca, hum Sol a murcha.

---

### *O que ſe ha de eſcolher para a fórma da Oraçaõ.*

SAõ Paulo aos que enſina a orar, diz que tragaõ a Deos dentro em ſy; & elle meſmo de ſy confeſſa, que para fazerſe outro homem, já Paulo nam vivia em ſy, porque Chriſto vivia em Paulo; ou ſubia ao terceiro Ceo, ou como Ceo vivia, pois morava nelle o Senhor, que iſto he pela Oraçaõ, quem do Senhor ſe faz morada, & do meſmo Deos ſe faz Ceo. David nos diz como iſto ſe faz trazendoſe a ſy por exemplo, nam ſó huma, mas muitas vezes, dizendo, que buſcava a Deos em todo o ſeu coraçaõ: por iſſo o achava David, q̃ tambem cahio, & peccou, depois que ſoube amar a Deos; & não o achava a Eſpoſa Santa, a quem Chriſto ſeu Eſpoſo gabava de ſer toda pura; & aſſim naõ he neceſſario que buſquemos ao Senhor nos Ceos, ou lá ſobre os tronos das nuvens, ou nas ruas de Jeruſalem, dentro de nós ha de eſtar tudo, a terra, o mar, o Ceo, & o mundo, ſobre tudo o meſmo Deos, que em nós eſtá ſe bem o amamos, & nós em elle ſe o queremos; ſó porèm havemos miſter pôr o noſſo ſentido em Deos, que dentro de nós nos aſſiſte, & mettello no coração: recolherſehão os ſentidos ao interior do noſſo peito, & ſupondo que o coraçaõ he do Senhor Ceo, ou Palacio, caſa, jardim, leyto, ou cubiculo, fará muito a noſſa vontade por tomalo nos braços da alma, & dizerlhe poſto a ſeus pès, ou metido nas ſuas chagas, não ſó o que lhe adverte a liçaõ, mas o que lhe enſina o amor, crecendo ſempre na humildade, na admiraçam, & nos incendios, que fomenta o Eſpirito Santo, a quem nos affectos não pára, & com os favores ſe humilha. Iſto ſerá principalmente nas horas que ſe deſtinarẽ á Oraçaõ particular, no recolhimento interior; & quando Deos ſeja ſervido, que o coração ſaya de ſy, o buſque nos Ceos, ou na terra, não reſiſta a ſeus impulſos, fugindo com todo o amor de que ſeja vagueaçam. Fóra deſte recolhimento, ſe andar derramado o ſentido, faça muito por ver ao Senhor em toda a parte dos Ceos, por encontralo na terra, por ſeguilo nas pennas dos ventos, & por ver no mar ſeus veſtigios; & ſobre tudo o que elle der, he quem melhor ha de enſinar, ſendo porèm o noſſo eſtudo, andar ſempre em ſua preſença.

LUZ

## LUZ V.
### *Avisos para o tempo da Oraçaõ.*

EM toda a Oraçaõ particular começará a memoria em figura, o entendimento em aprehençaõ, & a vontade em suspiro; isto he, que o represente a memoria na figura mais agradavel; que contemple o entendimento, isto que lhe mostra a memoria; & que a vontade namorada do que lhe diz o entendimento, corra a adorar o que lhe diz, & suspire pelo que adora; mas em se inflamando o espirito, suspenderseha a memoria, pasmarseha o entendimento, & só se moverá a vontade. Se a alma se vir entre flores, dilatese naõ só entre os lirios, mas entre os cravos, & entre as rosas: se o coraçaõ pizar abrolhos, naõ se desmaye entre as espinhas; que na terra esteril, & seca, na que se tem por mais inutil, se achaõ as minas, & os thesouros; passará o tempo do Inverno, & seguirseha a Primavera, donde o espirito mais triste se vestirá de amenidades; passaráõ as trevas da noyte, & amanhecerá o Sol fazendo mais fermoso o dia; desatarsehão os caramelos, correràõ as fontes, & os rios, rirsehaõ os prados, & os valles, & emfim tudo o que não puder ser fogo, seja pelo menos fumo; tudo o que naõ puder ser amor, seja pelo menos affecto; quando naõ chegar a ser lagrima, faça ao menos por ser gemido; & se emfim tudo for silencio, faça por ser admiraçaõ; & sobre tudo se resolva a ser sempre conformidade, tendonos por servos inuteis, no mayor mal, no mayor bem, conhecendo o que sem Deos somos, & atè o q̃ somos com elle.

## LUZ VI.
### *Exemplos, & frutos de andar sempre em Oraçaõ.*

BEmaventurados chama David, não aos que estão nos grandes tronos, ou nas felicidades do seculo, mas aos que amão a Ley de Deos, & a consideraõ noyte, & dia; com este amor, & esta lembrança, deixando o descanso do leyto, buscando em Deos o seu socego, meditava em Deos a matinas. Inda a noyte não se enfeitava com os alvores do crepusculo, quando já com os olhos da alma buscava as luzes do seu Sol. Apenas rasgavão as luzes o escuro manto das trevas, quando tornava a vigiar, para ver a luz dos seus olhos. Chegava o dia, & sete vezes gastava cõ Deos o seu dia: tornava a noyte, & não dormia sem se lembrar de Deos á noyte; a noy-

e toda, & todo o dia, chamava emfim pelo seu Deos, & se punha em sua presença, & se algum tempo socegava, tornava a erguerse á meya noyte para começar bem o dia. Isto fazia aquelle Rey, não só na solidão dos montes, (donde viveo Pastor hum tempo) mas no Palacio, & na campanha, nas delicias, & na aspereza, com q̃ hora o Cetro, & hora a espada, hum tempo as armas, & outro os gostos, lhe puderaõ levar o tempo, que a Deos dava continuamente. Nos deleytes, & nas fadigas, nas batalhas, & nos triunfos, por isso segurou o Reyno, não só da temporal fortuna, mas da eterna felicidade; & por isso disse o Senhor, que era homem do seu coraçaõ, porq̃ o trazia sempre em Deos. Oh se os que estamos cá no seculo, deramos a Deos todo o dia, toda a noyte, & todo o tempo! se ao menos deramos a Deos algum espaço deste tempo, alguns instantes da noyte, & algũa hora do dia, que facilmente conhecèramos, que Deos nos dava o Reyno eterno, & tambem nos tinha por amigos muito do seu coraçaõ! Quem pois quizer ter oraçaõ, convem que faça a todo o tempo por trazer a Deos dentro na alma, & ao menos duas vezes no dia, ou pela manhãa, ou á noyte, occupar nelle o seu sentido, & se quer, tello na memoria, crescerá como aquellas arvores que estão postas junto das aguas, que quando he tempo daõ seu fruto; naõ será como aquellas plantas, que por inuteis, & infrutiferas servem sómente para o fogo, & se cortão a todo o tempo.

---

## LUZ VII.

### *De dous concertos que se devem fazer para ter Oraçaõ.*

QUem começa a Oração, alèm da mudança da vida, & emenda de todos os vicios, fará huma confissaõ geral, donde despindo ultimamẽte todas as vontades do mundo, & arrancando muy de raiz todas as payxoens do amor proprio, entrará a fazer, comsigo dous concertos, de que depende toda a negaçaõ de sy mesmo, & toda a resignaçaõ com Deos, sobre cujos fundamentos está a mayor perfeiçam do edificio espiritual.

---

## LUZ VIII.

### *Do concerto que avemos de fazer comnosco.*

O Primeiro cõcerto he cõnosco, fazendo hũ firmissimo proposito de antes querer a mesma morte, & todos os males do mundo,

mundo, que cahir de advertencia em huma offensa de Deos, desejando mais estar no inferno com seu amor, se he gloria sua, que sem elle no mesmo Ceo, encontrando a sua vontade; se depois disto se cahir (que emfim a vida he tentaçaõ, & batalha, donde inda os Justos, senam mortos, sahem feridos) nẽ por isso nos desesperemos, & deixemos a Oraçaõ, antes saibamos humilharnos, & conhecer o que somos, porque he soberba do peccador fiar de sy o naõ cahir, quando só isto tem de seu; o que convem he conhecer, que em quanto caminha a nossa vida, a cada passo se tropeça, & não faz pouco, senão cahe; & em quanto surca o mar do seculo, naõ póde terse por segura, porq̃ ha mil baixos, que se ignoraõ, muitos descuidos, que nos perdem, & muitos ventos, que nos contrastam: no meyo dia muitas vezes vemos que se eclipsa o Sol; com hum aisinho muito leve vemos que se perturba o mar, o dia claro morre em sombras, & o mesmo Ceo se mancha em nuvens: se pois o Sol tem seus defeitos, se o mar suas perturbaçoens, se contrarios a luz do dia, & se manchas o mesmo Ceo; que estranha em sy hum peccador, cuja pureza não he Sol, cuja vida foy mar de vicios, cuja alma foy fea como a noyte, cujo coraçam naõ he Ceo? Cahio em culpa hum David, & em conhecendo sua culpa acodio á misericordia: negou a seu Mestre hum S. Pedro, & sahindo do lugar da culpa pedio socorro a suas lagrimas; & succedendo isto aos Santos, & escolhidos de Deos, ¡ternoshemos nós por melhores sem lhe igualarmos a penitencia, porque os excedemos na culpa; & sem lhe imitar o exemplo, pois o seguimos no delito? se puderamos fugir a Deos em alguma parte do mundo; se puderamos escondernos de sua presença infinita, parece q̃ o pejo da offensa, fora desculpa do retiro; mas cuidar que se respeita a Deos, com fugir dos braços de Deos, que os tem abertos como Pay, sempre que Pay o nomeamos, por mais que ingratos o offendemos, esta he a mayor offensa, que recebe dos peccadores, pois por naõ largar o seu vicio, cuidaõ q̃ tem mayor amparo entre as cadeas do demonio, que nas entranhas de hum Senhor, que para nos perdoar he Pay, & para nos livrar he Deos. Contritos pois, & compungidos com este conhecimento do amor de Deos, & prostrados nesta humildade (com que experimentamos quaes somos) nos deitaremos a seus pès, dizendolhe muy brandamente: Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, que podia eu esperar de mim sendo a peyor cousa do mundo, senaõ fugir-

vos,

vos, & offendervos? mas que hei de esperar de vós, sendo meu Pay, sendo meu Deos, mais que atrahirme, & perdoarme? & juntando a estas palavras os affectos da contriçaõ, as lagrimas da alma, & do espirito, & huma discreta penitencia, que o mesmo amor de Deos ensina, se continuará o concerto, & sentiràõ os mayores peccadores, como no mesmo instante os restitue Deos a sy, & metendo-os no coraçaõ lhes mostra, que só tem para elles os thesouros da misericordia, & ás vezes com tanta efficacia, que destes males nos faz tirar mayores bens, acquiridos no conhecimento do pouco que devemos fiar de nós; succedendonos na humildade o q̃ a moral Filosofia finge de Anteo cahindo em terra, que se erguia com mayores forças. Depois disto hum grande temor, que he principio desta sciencia, & hum grande amor, que he todo o fim do caminho da perfeiçaõ, seráõ as bases, & as colunas em que se funde o nosso espirito, andando sempre receando de aggravar os olhos de Deos, & indo crecendo cada dia tanto de virtude em virtude, como se neste dia começassemos, & ouvessemos acabar nesse dia; esforçandome a fazer isto, ver que me não convem viver em hum estado, em que me pezarà de morrer.

## LUZ IX.

### *Do concerto que avemos de fazer com Deos.*

O Segundo concerto será com Deos, & será o concerto, q́ tenha elle cuidado de nós, q̃ nós o teremos só delle; & assim importa depois disto não ter de nòs nenhum cuidado, nem descuidarnos delle hum ponto, & he certo se elle se cumprir, que naõ em annos, nem em mezes, mas em poucos dias veremos proveitos naõ imaginados, que só se não vem nos que o fazem, porque se o fazem, não o cumprem. Se o nosso cuidado he servillo, elle nos faz senhores do mundo com o desprezo que nos dá; se a nossa occupaçaõ he amallo, elle faz Ceo de nossas almas, com a gloria com que lhe assiste; se levamos a sua Cruz, elle nos leva logo em conta os extremos que lhe custamos; se só com elle conversamos, logo nos diz ao coraçaõ o muito que nos mete na alma; se nos desvelamos por elle, em hum doce roubo dos sentidos nos paga o sono que nos foge; & emfim, por pouco que façamos, se com cuidado o assistimos, toda a sua providencia se empenha, toda a sua misericordia se humana em sustentarnos,

& querernos; todo o seu amor naõ pàra, todos seus thesouros se abrem, atè nos ver enriquecidos; inclina a sua Magestade para escutar o que queremos; sugeita a sua Omnipotencia, a fazer quanto lhe pedimos; mostra a sua sabedoria, em ensinar nossa ignorancia; emprega a sua fermosura, em namorar nossa cegueira; & estreita a sua immensidade, porque caiba na nossa vista; & he facil de considerar, que cuidado terá Deos de nós, quando veja que o temos delle; se vemos, quando o nam temos, & atè quando o crucificamos, o muito que de nós sempre cuida, como nos trata, & nos obriga; por isso o q̃ mais convem he fazer por nunca parar, & por ir adiante sempre; que emfim na via do Senhor, como dizia S. Bernardo, tudo o que nam he ir adiante, he tornar muito atraz. He virtude a perseverança, donde correm como a seu centro, assim como os rios ao mar, crecidas todas as virtudes; para isto se obrar, convem soltarn os de todos os laços, com q naõ só nos prende o mundo, porèm mais o nosso amor proprio; nem he razaõ que se despreze o menor embaraço da alma; porque hũa rèmora pequena, faz com que pare a mayor nao, inda que leve o vento em popa, & que navegue em mar bonança. Menina dos olhos de Deos, he a alma de cada Justo: & se os olhos dos homens não sofrem bem hũ leve argueiro, como se sofrerá aggravar olhos de quem he de Deos o lume, & vista? cumprase á risca este concerto, quando em perpetuo movimento de seu amor, & Oraçaõ, em tudo o que faço, & me occupo, & tenho por objecto, & fim. Para conhecer este fim em todas as minhas acçoens, examinarei que fim me move, se só por ser bom, & para servir a Deos, & nam deixallo; se for obra da natureza encuberta com falso espirito, ou fugir delle, ou vencello. Em Deos, por Deos, & para Deos farei todas as minhas cousas; & tendome por peyor que todos, sem cuidar mal de nenhum, rogarei por todos a Deos: sometendome às creaturas mais humildes, & desprezadas, crerei, q̃ todas melhor que eu o sabem amar, & servir; não porei nunca o meu desejo nas fruiçoens, & gostos da alma, que saõ sensualidade do espirito, mas porei todo o meu desejo em abraçar a minha cruz, & fazer a vontade de Deos: se for de me fazer favores, louvalo, pois sou tão indigno; se for de me dar afflicçoens, agradecerlhas resignado, pois me castiga assim tão pouco, fugindo muito á hypocresia, & servindo com prudencia à graça: finalmente me negarei a todos os bens enganosos da

fortuna, & da natureza; inda que faça grandes cousas, cuidar no fim que naõ fiz nada; inda que sinta grandes males, cuidar que nenhuma cousa sinto; depois de despirme de tudo, despirme tambem de mim mesmo; & depois de deixarme a mim, confessar que nam deixei nada.

## LUZ X.

### *Modo de estar na Oraçaõ particular.*

ISto suposto, ou ainda que não se suponha isto, quem está na casa de Deos, ou quem deseja entrar nella, isto he, entrar na Oraçaõ, primeiro que tudo convem nam entrar no Paço sem guia, a ver o Rey sem o valído, & sem Ministros ao despacho, invocando a Rainha dos Anjos, ao que for de sua guarda, & aos Santos de que for devoto, & a toda a Corte do Ceo, começarà em humildade, joelhos postos, mãos erguidas, & no mais com a compostura que a presença de Deos requere, em breve exame de conciencia, feito acto de contriçaõ, se valerà de todos para pedir a Deos o perdaõ de culpas passadas, & efficacia para a acçaõ presente, & adjutorio para as futuras, rogandolhe nos mostre o caminho por onde melhor o acharemos. Com esta humildade, & confissaõ se alcança a graça, & sufficiencia, que só vem das mãos do Senhor; & logo muito brandamente fechando as portas, & as janellas dos sentidos exteriores, metase no seu coraçam cõ o esposo da sua alma, deixando tudo o mais de fóra, & erguendo as mãos a seu Senhor, isto he, erguendo o pensamento, a vontade, & as boas obras, prostrado naquella humildade, que pede o nada que somos, & o muito que he o nosso Deos, conhecendo este pó, & cinza, que se cobre da vaidade humana, nos abateremos àquella Magestade, que a terra, o mar, & os Ceos adoraõ; seràõ o emprego da Oraçam, pasmo, louvor, & adoração de seus immensos attributos, & infinitas misericordias, amor de suas perfeiçoens, affectos de sua uniaõ, suspiros de sua presença, petiçaõ de seus beneficios. Faremos por naõ estar nella sem hum desejo muito vivo, ou hum amor muito abrazado, porque naõ basta estar olhando-o, sem juntamẽte estar querendo-o: mas isto ha de ser brandamente, naõ puxando a alma por sy, fazendo-o cõ muita força, porq̃ he violencia q̃ nam dura, & molestia q̃ nos quebranta, & ao menos sempre nos afrouxa: os que se apressam muito no principio da jornada, ordinariamente cansaõ depressa. Passado o tempo da Oraçaõ, faça

ça a alma nas despedidas, por ficarse sempre com elle; & se ha negocio que divirta o gosto da sua presença, seja tamanha a saudade, com que se vão os olhos da alma, que suspirem, & vaõ chorando por se tornar ao coraçaõ, donde entre as mais occupaçoens, representando-o como a furto, de quando em quãdo se lhe falle no meyo de todo o negocio; porq̃ os Varoens espirituaes, q̃ se prezaõ de viver ao espirito, muito mais que à natureza, o tempo todo, se puderem, a vida toda, se he possivel, haõ de entregar áquelle amor, que em se gostando se vè logo, quanto he suave o Senhor, quão tristes os gostos do mundo, quão cego o amor dos mortaes, & quaõ doces os bens do Ceo.

## LUZ XI.

### *Consideraçoens para naõ peccar mortal, nem venialmente.*

SE me vir tentado para algum peccado mortal, cuidarei que estando o meu Deos aos meus pès muito humilde, & com muitas lagrimas pedindome cõ as mãos erguidas, que o naõ offenda, pois me ama, que o não afronte, pois me quer, nem me condene, pois me busca, eu o encho de bofetadas (se faço a culpa que me tenta,) & pizandolhe o rosto a couces, chamo o demonio para que me ajude a despillo, & açoutalo, a afrontalo, & a crucificalo.

Se for peccado venial, cuidarei, que quando o cometo, estando o Senhor no mesmo estado, & com a mesma humildade, lhe digo muy asperamente: Eu bem sei Senhor, que vós não quereis que eu faça isto, mas muito em que vos peze, ainda que naõ queirais, eu hey de fazer a minha vontade, & ao diabo, & não a vossa.

Logo cuidarei, se fico em culpa, que ao modo de hum tronco cuberto de Era pela cabeça, pelos pès, pela garganta, pelos braços, pela boca, & por todo o corpo, me cercaõ, & cingem os demonios em figuras de basiliscos, de dragoens, & viboras, de cobras, de aspides, & de serpentes, & me apertaõ de tal maneira, que tirão a respiraçam, & a voz, para que me não confesse de minhas culpas, & para que mais negro, & mais feyo, que os mesmos demonios do inferno, os Anjos me não possam ver; seja odio das creaturas, & aborrecimento do meu Deos.

Cuidarei mais, que assim como a pedra de moinho se cahira no mar, naõ parára atè dar comsigo no mais profundo abismo, assim eu com a culpa nam paro atè dar comigo dentro do inferno,

no, levandome mais depressa o pezo dos vicios aos abismos infernaes, que ao profundo do mar o que tem a pedra.

Ao contrario disto cuidarei, q̃ quando venço a tentaçam, desce dos Ceos o meu Senhor com toda a corte celestial, para que á vista dos Anjos, & de todos os Bemaventurados, vejaõ os demonios, que desce dos Ceos á terra, só a darme muitos abraços: ou fazendome azas das virtudes (que elle dá logo mais crecidas) faz que em hum abrir, & fechar dos olhos, voe a minha alma atè os Ceos, donde em presença de todos me faz os mesmos favores, metendome no seu coraçaõ, pondo o seu rosto no meu rosto, & apertandome nos seus braços, onde todos os Córos dos Anjos me cantão victoria, & triunfo.

---

## LUZ XII.

### *Breve arte de perfeiçaõ.*

TRes modos ha de andar em Deos para ter continua Oraçaõ: interior, & exterior, & superior; o superior mais enleva, o exterior mais move o interior mais aproveita: andamos em Deos interiormente, quando temos na alma huma firme apprehensaõ, de que o temos todo no mais profundo da alma, nam só por potencia governandonos, naõ só por presença conhecendonos, mas por essencia, enchendonos, & dandonos todo o ser que temos; neste se aproveita mais, porque neste recolhimento interior, podemos, como Noe, que estava recolhido na Arca, livrarnos do diluvio da culpa, & das ondas da tentaçam, por mais que os sentidos, & as potencias, que estão de fóra, gritem, dizendo que se perdem.

O modo exterior de andarmos em Deos, mais nos move, quando com firme apprehensaõ, de que Deos está em todo a creatura, nos parece em tudo o que vemos, que nos está como espreitando, para ver como o tratamos: se o servimos, se o nam servimos: se o amamos, ou naõ amamos: se o queremos, ou não queremos. O superior mais nos enleva, pois fazendonos estar sobre nós num pasmo, & numa maravilha das cousas sobrenaturaes; nos faz andar como embebidos, & absortos, & alienados, na fermosura, na grandeza, na gloria, na immensidade, na magestade, omnipotencia, sabedoria, & perfeiçoens, & attributos de nosso Deos.

Mas para que qualquer destes modos de andar em Deos nos incite mais a caridade, & nos inflame, de seu amor, he necessario que primeiro que nos ponha-

mos em Deos, nos ponhamos no nada que fomos antes de ser, no peor que nada que somos pela culpa, & no outro nada que poderemos ser, se por ella formos ao inferno. No primeiro nada podemos cuidar, que nos pomos, quando sahindo do que estamos sendo, que he o que Deos em nós poz, nos parece que deixamos o corpo, & alma, & as mais potencias, sentidos, & sumindonos por todo o mundo, nam achamos lugar algum, em que vejamos algum ser, mais que huma suma escuridade, onde emfim não vemos nada. No segundo avemos de ver, como sendo nada as privaçoés, & negaçoens, negandonos, & privandonos de Deos, tambem nos fizemos nada, pois em Deos não póde estar a culpa, & quem está em culpa, está muito fóra de Deos. No terceiro conheceremos, que não tendo jà nada de Deos, mais que o castigo de querermos ser seus inimigos, o teremos para remedio taõ longe de nós, como he huma eternidade, sendo a mayor pena desta culpa, aquelle nada que se ha de achar na privaçaõ, que ha de haver para sempre de Deos. O primeiro, & segundo, saõ mais necessarios, porque nelles se funda, como em firme alicerce, toda a nossa humildade, vendo que sem Deos nada somos, nada podemos estar sendo, & nada poderemos ser; & como nesta humildade conhecemos, que devemos a Deos tudo o que somos, & tudo o que podemos ser, della ordinariamente, como da mais infima parte, sobe seguramente o edificio das virtudes, que ultimamente se coroa com o amor de Deos; & tanto he mais alto este amor, quanto he mais profunda a humildade, com que lhe damos toda a gloria, todo o louvor, & obras do nosso aproveitamento.

Subindo pois por este grao ao amor de Deos mais perfeito, começaremos com hum acto de fé, a que se seguirà outro de confiança em suas misericordias, & logo nos poremos em continuo acto de amor, & ao menos de admiraçam, louvor, ou graças de seus immensos beneficios, de seus altissimos attributos, ou de suas obras admiraveis.

Requerese para entrar neste estado, & para aproveitar nelle muito, que atè a morte nos mortifiquemos, naõ parando em cousa alguma, q̃ não seja Deos, que ha de ser o fim unico, & total de nossas acçoens em perpetua negaçaõ de nòs mesmos, & continua resignaçaõ em sua vontade, estimando muito a devaçaõ, que he mãy do amor, & reverencia, & naõ affligindonos muito com as sequidoens dos sentidos, & distrahimento do espirito, pois para entrar na camara

mara do Senhor, não só havemos de estar lavados de toda a culpa, purgados de sensualidade em todo o gosto das potencias, mas tam livres de interesse, o que toca nos gostos da alma, que nam póde voar muy alto, se leva em sy o pezo do desejar consolaçoens, ou deterse muito nellas; porque importa que assim para o corpo, como para o espirito, não busquemos nunca outro alvo, mais que o amor de Deos puramente.

Ultimamente, todo o tempo da Oraçam acabará em pedir a Deos, que se faça em nós sua vontade, naõ ousando fazerlhe outras petiçoens, sem declararlhe, que se não encontrem seus decretos á nossa petiçaõ: se faça em nós, ou em outros sua graça, ou misericordia.

Resta purificar pela Via Purgativa, aproveitando pela Illuminativa, & aperfeiçoando pela Unitiva, & depois disto mortificar atè morte, amar atè o fim da vida, & naõ querer nada mais que o amor de Deos, em todo o discurso do tempo, orar com desejos de padecer, entendendo quando nos vier algum mal, que este era o thesouro que desejavamos, & que não ha nenhum outro mal mais que a offensa de Deos, ou do proximo: esteja certo quem guardar isto á risca com a graça de Deos (que não falta, a quem faz o que he em sy) que chegará á perfeiçaõ de Deos, para quem seja todo o louvor, & gloria. Amen.

Deos terrivel, Deos grande, & Deos immenso, que estais todo dentro de tudo, todo fóra de tudo, todo sobre tudo, & abaixo de tudo todo: esfera altissima, & profunda, larguissima, & longissima, cujo centro he toda a perfeiçaõ, & cuja circunferencia nenhũa, que estais dentro de tudo, mas não fechado dentro, fóra de tudo, mas não lançado fóra, sobre tudo, mas naõ levantado, debaixo de tudo, mas naõ abatido, como me não embeberei, admirarei, absorverei em vosso ser sobre-admiravel, sobre-immenso, & sobre-infinito, sobre-supremo, & sobre-excelso, se sendo o vosso ser purissimo, & incomprehensivel, investigavel, indizivel, invadeavel, & inexplicavel, quereis, fazeis juntamente que a vileza de hũa creatura, que de seu he hum puro nada, transcenda, suba, & se remonte a comprehender, & conhecer pela maneira que he possivel, este impossivel admiravel, pois vejo meu Deos, & Senhor, q̃ nos ensinais a conhecer, que sois todo em todas as cousas, posto que as cousas sejão muitas, & vós naõ sejais mais que hum? que he verdade que estais assim posto nellas, pois sois unica verdade, & he bem que vos communiqueis? cuja

ja longidaõ he à eternidade, cuja largueza he a liberalidade, cuja altura he a Mageſtade, cuja profundidade he a ſabedoria, immenſo alèm de quanto ha infinito, em tudo he o meſmo em quanto póde ſer.

Que moveis tudo ſem movervos, que mudais tudo ſem mudarvos, que abrangeis tudo ſem eſtendervos, que eſtais em tudo ſem encolhervos, que excedeis tudo ſem acrecentarvos; no mais pequeno argueiro, ſem vos diminuir; & em toda a redondeza do mundo ſem vos eſtirar; ſobre ella ſem vos ſubir; abaixo della ſem decer; fóra della ſem vos tranſpor; abaixo, como quem ſuſtenta tudo; em tudo, como quem lhe dà ſer; fóra, como quem he mayor; ſobre, como quem tranſcéde a tudo; verdadeiro, & unico; bem verdadeiro, que ſois hum em tudo, huma verdade, & todas; hum bem ſobre-immenſo. Adorevos, arda, conſumaſe, & abrazeſe, paſmeſe, abſorvaſe, & aniquileſe, & finalmente em vós ſe embeba, ſe ſuma, fique, & ſe naõ ache, quem vos conhece por ſeu Deos, quem ſe vè voſſa ſemelhança, voſſa copia, voſſa figura; & para nam ſer, nem querer ſer mais que o que for voſſa vontade, que eternamente ſeja feita por todos os ſempres dos ſempres.

IE-

# JESVS, MARIA, IOSEPH.

## Instituição da Escola de Christo Senhor nosso, que nesta Villa, ou Cidade de N. instituío o P. Fr. Antonio das Chagas, Missionario Apostolico, na Missaõ que nella fez no anno de 1680.

## TITULO I.

*Das obrigaçoens dos que entrão a ser discipulos de sua divina Magestade, nenhũa das quaes obriga por esta instituiçaõ a peccado mortal, ou venial.*

RIMEIRA obrigaçaõ: Que todos os discipulos desta santa Escola, se farám escrever neste livro pela ordem do A, B, C, & se não tiverẽ feita confissam geral de toda sua vida, a faráõ logo; & dahi por diante se confessaráõ de quinze em quinze dias, & ao mais tardar, todos os mezes; & nas festas do Senhor, & da Senhora, havendo copia de Confessor; & em cahindo em peccado mortal conhecidamente, tratem logo de se levantar, & confessar delle sem dilaçaõ, para que não succeda apanhalos nelle hũa morte subita, & repentina, & deitalos no inferno para sempre.

2. Obrigaçaõ: Que cada qual tenha meya hora de oraçaõ mẽtal todos os dias na Congregaçaõ, que fica instituida, não tendo legitimo impedimento; & para se instruirem neste santo exercicio compraráõ, se quizerem, os que sabem ler, o livro de Villa-Castim, ou o das Meditaçoens do P. Bartholomeu de Quental, ou outro semelhante: & os que naõ sabem ter oraçaõ mental, rezem o Terço, ou Coroa de Nossa Senhora, & teráõ disciplina os que puderem, ao menos ás Sestas feiras.

3. Obri-

3. Obrigaçaõ: Que as mulheres discipulas desta santa Escola naõ venhão á Oraçaõ ás Igrejas; mas teráõ a sua meya hora cada dia em suas casas, lendolhes o ponto para a meditaçaõ em hum dos ditos livros huma pessoa de suas casas, que saiba ler, & não a havendo, rezaráõ o Terço de Nossa Senhora a Córos.

4. Obrigaçaõ: Que cada semana corraõ a Via Sacra, huma vez ao menos: as mulheres de dia, de Sol a Sol; & os homens a qualquer hora; todos com a mayor devoçaõ, & compunçaõ que for possivel.

5. Obrigação: Que todos os que nam tiverem legitimo impedimento, jejuem todas as sestas feiras á Payxão de Christo, ou os Sabbados à Virgem Maria Nossa Senhora: & os impedidos daràõ em seu lugar huma esmola, ou rezaràõ a estaçaõ do Santissimo Sacramento, que consta de seis Padre nossos, com outras tantas Ave Marias, & Gloria Patri, &c. & cada Domingo rezaráõ o Terço, Coroa, ou Rosario de Nossa Senhora, pela alma que mais penas padece no fogo do Purgatorio.

6. Obrigaçam: Que cada qual ensine aos de sua familia esta devoçaõ; & a doutrina Christáa aos que disso necessitarem; não lhes consentindo cousa que seja offensa de Deos, & destruiçaõ de qualquer virtude.

7. Obrigaçaõ: Que nos trajes, costumes, & modestia de cada hum resplandeça o grande cuidado, que devem ter, de ser, & parecer discipulos de Christo Senhor nosso.

8. Obrigação: Que não vaõ a Comedias, & representaçoens profanas; nem a casas de jogo, & conversaçoens donde se offenda a Deos, ou ao proximo; apartandose de toda a casa, & trato donde haja suspeita de máo viver, ou occasiaõ de qualquer peccado.

9. Obrigaçaõ: Que em sabendo que he morta algũa pessoa desta Escola, offereçaõ pela sua alma a oração, & exercicios daquelle dia, para o que os herdeiros do morto avisaráõ logo aos que presidem nas Congregaçoens: & que todos os dias depois da Oraçaõ rezem devotamente tres Padre nossos, & Ave Marias; o primeiro, pelo estado, & aumento da Santa Igreja Romana: o segundo, pelo estado deste Reyno: o terceiro, por todos aquelles discipulos desta santa Escola, que com mais cuidado tratão do aumento, & conservaçaõ della.

10. Obrigaçaõ: Que todos, assim homens, como mulheres, tragam comsigo alguma cousa, que lhes sirva de lembrãça, & despertador para andarem na presença de Deos; crendo com

com viva fé, que elle nos está vendo sempre ainda os mais occultos pensamentos de nossos corações; & que sem este Senhor não podemos estar em parte alguma: & com esta certeza farão todo o possivel por fazer cada hũ as obras, & obrigaçoens boas de seus estados, por agradar só a Deos, & fazer sua divina vontade; & tambem por este motivo, & fim, deixarão de fazer, fallar, & cuidar tudo o que tiver qualquer sombra de offensa de Deos.

11. Obrigaçaõ: Que haverá nesta santa Escola huma pessoa Ecclesiastica, ou secular, de virtude, & zelo do serviço divino, que em cada huma das Igrejas em que ha Congregaçaõ da santa Oração, tenha cuidado de per sy, ou por outrem mandar tocar o sino a ella tanto que for noyte, & ler o ponto, ou pontos da Meditaçam, & para lembrar a alguns discipulos descuidados a froxidão que vir em suas obrigaçoens; fazendo-o particularmente com o amor, caridade, & brandura, com que Christo Senhor nosso o fizera, de que he substituto.

12. Obrigaçaõ: Que em cada huma das Igrejas em que ouver esta santa Congregaçaõ, haja hum treslado destas obrigaçoẽs, o qual se lerà de quinze em quinze dias, & ao menos todos os mezes, para que os discipulos desta santa Escola refresquem a memoria, & de novo se animem com mayor fervor a adiantarse na extincçaõ dos vicios, & no aumento das virtudes: & será trabalho muito util, & louvavel o dos que tiverem tambem seus treslados particulares para instruirem a gente de sua familia; & dos exercicios quotidianos, que a diante vão.

13. Obrigação: Que nesta santa Escola haja hum Escrivão, que pelo amor de Deos escreva neste livro os nomes das pessoas que nella quizerem entrar; & não haverà outros Officiaes, nem se farà ajuntamento de festa, ou outro algum em que se hajão de fazer gastos, ou despezas de fazenda por menores que sejaõ; mas todo o desvelo, & cuidado de todos se porá em desterrar vicios, & peccados, adquirir virtudes, & continuar com perseverança o santo exercicio da Oração, que he o fim para que se institue esta santa Escola, & não para se occuparem em outras temporalidades, posto q̃ sejaõ encaminhadas a bom fim; porque a experiencia tem mostrado, que pelos tempos em diante sam a ruina das concienciás, & ainda das Congregaçoens com pio, & santo zelo instituidas, & principiadas.

TITU-

# TITULO II.

## *Dos exercicios quotidianos para os discipulos desta Santa Escola.*

### EXERCICIO I.

### *Do sentido do ver.*

OMO os cinco sentidos sejaõ as portas por donde os inimigos de nossas almas entrão a fazerlhes guerra, & a metella na miseravilissima servidam, & cativeiro do peccado; he necessario guardar com cuidado grandissimo, & particular vigilancia estas portas dos sentidos, fechando-as à toda a occasiam de peccado: & principalmente a porta dos olhos, que he a principal ruina de nossas almas. E assim nos guardaremos da vista de toda a pessoa, que nos póde incitar a peccado, metendo os olhos no chão, ou virando-os a outra parte, dizendo a Deos com o nosso coraçam, que por seu amor, & por fazer sua santa võtade não queremos ver tal pessoa, nem deternos em sua consideraçaõ: & do mesmo modo fugiremos de ver tudo o mais que não for licito, & honesto; ou que póde ser occasiam de cahir em peccado: & tambem nos mortificaremos algumas vezes no dia, deixando de ver cousas licitas pelo amor de Deos.

### EXERCICIO II.

### *Do sentido de ouvir.*

GUardaremos esta porta dos ouvidos, não ouvindo palavras, & musicas deshonestas, nem murmuraçam alguma dos proximos, & atalhando-a quanto nos for possivel, & acudindo por sua honra, & credito: & quando isto nam aproveite, deixaremos a conversação; & não a podendo deixar, nos mostraremos tristes, & pezados de se dizer do nosso proximo aquillo, que não queremos que de nós se diga: & tambem algumas vezes deixaremos pelo amor de Deos cada dia de ouvir algumas vezes as musicas, & instrumẽtos honestos, as historias galantes, & boas, & outras cousas, que

não

não contèm materia alguma de peccado.

## EXERCICIO III.

### *Do sentido do cheirar.*

GUardaremos esta porta, inda que menos perigosa, q̃ as outras duas, de cheiros, & perfumes, não usando delles nos vestidos, cabellos, & comer, por serem incentivos da luxuria: & tambem nos mortificaremos algumas vezes no dia pelo amor de Deos, em naõ cheirar as rosas, & flores; & em não tomar tabaco os que o tomarem.

## EXERCICIO IV.

### *Do sentido do gostar.*

GUardaremos a porta deste sentido, não comendo cousas vedadas nos dias de peixe (excepto os doentes) nem comendo, & bebendo mais do necessario: & ainda disto deixaremos alguma cousa do que mais gostamos, mortificando o apetite pelo amor de Deos.

## EXERCICIO V.

### *Do sentido de apalpar.*

A Porta deste sentido guardaremos, fugindo de abraços, & outros quaesquer tocamentos com outrem, ou comnosco, como de peste espiritual de nossas almas; & ainda de nos ornar, & enfeitar com curiosidade, mais, que o precisamente honesto; & principalmente as mulheres, não usando tambem de cores, & posturas na cara, & enfeites profanos, & deshonestos; fugindo de estar às janellas, & de andar vagueando pelas ruas mais que a ouvir missa, Sermão, ou algũa visita honesta; & então irão com grande compostura, sem se descobrirem aonde possam ser vistas dos homens.

## EXERCICIO VI.

### *Da guarda da lingua.*

DIz a sagrada Escritura, que a morte, & a vida estaõ na mão da lingua: *Mors, & vita in manu linguæ*; para que vejamos o grandissimo cuidado com que havemos de guardala, não fallando cousa alguma, que offenda a Deos, ou ao proximo: & assim nos guardaremos de toda a murmuraçaõ, palavra deshonesta, conversaçam suspeitosa: de praguejar, ou dizer pragas a cousa alguma; mas em lugar disso daremos tudo a Deos, á Virgem Maria, & aos Santos, pedindolhes muitos bens espirituaes, & temporaes, para quem nos aggrava, & offende: diremos de todos bem, & de ninguem

guem mal; encubrindo as faltas, & fraquezas dos proximos como queremos que se encubram as nossas: fugiremos tambem de jurar qualquer sorte de juramẽtos, ora seja verdade, ou mentira, por mais leve que seja: a melhor conversaçam que podemos buscar, he a de ler livros espirituaes, & devotos, para quem sabe ler: & os mais baratos, & melhores sam a Reformaçam Christãa do Padre Affonso de Castro, o Combate Espiritual, & as Settas do Amor Divino, todos traduzidos na nossa lingua Portugueza, & capazes de andar na algibeira.

## EXERCICIO VII. E ULTIMO.

TOdas as noytes antes da santa Oraçam, ou de deitarnos, faremos breve exame da conciencia, vendo o que temos faltado na guarda destes exercicios, & Mandamentos da Ley de Deos, & da Santa Madre Igreja, & de todas as faltas pediremos a Deos perdam batendo nos peitos, & fazendo hum acto de Contriçaõ com grande dòr de haver offendido a Deos, & com firme proposito de emẽdarnos com a ajuda de sua divina graça; & faremos algũa breve penitencia, offerecendo-a a Deos na uniaõ dos merecimentos infinitos de nosso Senhor Jesu Christo seu Unigenito Filho. E se por nossa miseria, & fraqueza cahirmos em peccado mortal, nos confessaremos logo, para q̃ nos não colha hũa morte subita em tão miseravel estado: & quando pela bondade de Deos tiveramos conciencia de peccado mortal, bastará confessarnos de quinze em quinze dias, & nas festas principaes dos peccados veniaes, que nos lembrarem, & de alguns mortaes já confessados, a que mais aborrecimento temos: & faremos muito por ganhar as indulgencias da Bulla da Cruzada nos dias em que ha Estaçam. Seremos finalmente muy devoto das Chagas de Christo, da Virgem Maria, do Anjo da nossa guarda, & do Santo do nosso nome, rezandolhes todos os dias algumas oraçoens, que aplicaremos pelas almas do Purgatorio a que somos mais obrigados.

## *Escada espiritual por onde chegamos dentro de nòs a sua divina Magestade.*

TEm esta escada cinco degráos, que saõ cinco perguntas, & repostas, que ha de fazer, & dar cada hum a sy mesmo interiormente, depois de se benzer, & fechar os olhos, & dizer a Confissaõ, ou acto de Contriçaõ, pondose diante de Deos em humildade, & amorosa lembrança.

I. Per-

I. Pergunta.

Com que fé, & certeza estou aqui de estar diante de Deos?

Reposta.

Creyo Senhor, & estou certo, que he impossivel naõ estar na vossa presença.

II. Pergunta.

Já que creyo, que estou diante da Magestade Divina, com que reverencia, & cortesia estou diante della?

Reposta.

Senhor, aqui estou com pouca reverencia, mas se pudèra estar diante de vós como estão os Anjos, & os Santos do Ceo, & a Virgem Maria, assim estivera meu Deos.

III. Pergunta.

E com que pureza de tenção estou diante deste Senhor? venho eu puramente por contentalo, & servilo, & darlhe gosto?

Reposta.

Senhor, de hoje em diante a minha tençam he puramente contentarvos por vossa gloria, & honra: ter esta tençaõ em todas minhas obras, palavras, pensamentos, mas que a mim, & a todo o mundo descontente.

IV. Pergunta.

E com que proposito venho? tenho eu ainda proposito de peccar?

Reposta.

Senhor, de hoje em diante proponho morrer antes que peccar; ajudaime Senhor, para que nesta resoluçaõ esteja tão firme, que atè a morte persevere.

V. Pergunta.

E com quanto amor estou aqui a hum Deos infinitamente bom, que morreo por mim, & tanto bem me fez?

Reposta.

Senhor, nenhum amor vos tive atè agora, mas se eu vos pudèra amar como a Virgem Maria vos amava, & como todos os Santos, & Anjos do Ceo, assim vos amára, meu Deos. Quizera de cada area do mar, Estrella do Ceo, herva do campo fazer mil almas, mil coraçoens, & ao menos hum Reyno do Ceo para eternamente vos amar.

Feito isto, fiquese em Deos, ou considerando a divina bondade, & fermosura em algum mysterio da Payxão de Christo Senhor nosso; & como Deos he amor (se ama) em Deos fica. Detenhase com elle quanto puder, offerecendo os merecimentos de Christo Senhor nosso, da Virgem Maria, & dos mais Santos a sua divina Magestade. Delhe graças por seus beneficios; peça perdaõ de seus peccados; & acabe sempre confirmandose nos firmes, & efficazes propositos de servir, & amar eternamente a sua divina Magestade.

✠

## *Colloquios para depois da Oraçaõ.*

A Ultima cousa he fallar com Deos de tres modos: o primeiro, dando graças: o segundo, offerecendo: o terceiro, pedindo.

Dará graças a sua divina Magestade com estas ou semelhantes palavras. Meu Deos, & Senhor, douvos muitas graças porque me criastes, me redemistes, me conservastes, & tantas vezes me chamastes com vossas misericordias, & pelos mais beneficios, que me fizestes, & por me dardes este breve espaço em que me peza de minhas culpas, & suspiro por vossas misericordias, & desejo abraçar vossa võtade santissima: tambem vos dou muitas graças por todos os dons, & bens que déstes a meu Senhor Jesu Christo, à Virgem Senhora nossa, a todos os Anjos, & Santos do Ceo, de cuja gloria me alegro, & cujo favor invoco: & desejo tantas vezes fazer isto para vossa gloria, & honra, quantas sam as areas do mar. Ficará por hum breve espaço recreandose em Deos no seu coraçam, dandolhe graças.

Logo fará o offerecimento com estas ou semelhantes palavras. Soberano Pay de meu Senhor Jesu Christo, eu vos offereço em satisfaçáo de todos meus peccados os merecimentos de vosso santissimo Filho, & da Virgem Senhora nossa, & de todos os Anjos, & Santos do Ceo, & Justos da terra: & vos offereço minhas obras, & trabalhos em uniam daquella tençaõ com que meu Senhor Jesu Christo, quando andava no mundo, vos offerecia suas obras, palavras, & pensamentos. Ficarseha por outro breve espaço offerecendo a nosso Senhor tudo, quanto entender que póde ser agradavel a sua vontade santissima.

Logo fará petiçam a sua divina Magestade com estas, ou semelhantes palavras. Meu Deos, & meu Senhor, muito me peza de minhas culpas, por serem offensas vossas, & daqui em diãte proponho antes morrer, que peccar. Peçovos perdáo de todos meus peccados: peçovos vosso amor, vossa luz, vossa graça, vossa misericordia, & tudo o que me he necessario para a alma, & para a vida, & para meu estado em vosso santo serviço; principalmente aquella virtude contraria do vicio de q̃ sou mais combatido, & que se faça em mim vossa santissima vontade; & tudo o que peço he em nome de meu Senhor Jesu Christo, que comvosco vive, & reyna por todo o sempre dos sépres. Amen.

Quinze

## *Quinze perfeiçoens saõ necessarias a quem quizer servir a Deos, fazendo vida de espirito.*

1. A Primeira, huma perfeita noticia, & conhecimento de todos seus desejos, payxoẽs, & inclinaçoẽs naturaes.

2. A segunda, he a grande, & fervorosa resoluçam com que hei de fazer guerra a todos os appetites, inclinaçoens, affeiçoens, & naturaes payxoens, ou sejaõ de odio, ou amor, repugnantes à razaõ: os quaes ha de sugeitar a sy, para que com todos se sugeite a Deos.

3. A terceira, he hum grande temor, que deve ter de nam estar certo, & seguro, se dos peccados, culpas, & offensas contra Deos tem dado a devída satisfaçaõ, & feito a penitencia devída, sem a qual não póde ter feito pazes com Deos.

4. A quarta, he hum grande temor, & tremor q̃ deve ter cada qual, ainda depois de desenganado, & de todo arrependido, se acaso por sua fragilidade tornará outra vez a cahir em semelhantes, ou mayores peccados.

5. A quinta, he huma forte resoluçaõ, & aspero tratamento com que ha de governar seus corporaes sentidos na cama, no vestido, no sustento, no sono, & em tudo o necessario, sugeitando, & sacrificando seu corpo crucificado por mortificaçoens em obsequio de Christo crucificado.

6. A sexta, he huma grande fortaleza, & paciencia nas tentaçoens, & adversidades, imitando a pasmosa, & estupenda paciencia de Christo, & aquella mansidão, a cujo exemplo deve receber com bom, & forte animo a pobreza, dores, affliçoens, & penas, que da mão da divina Providencia, para seu bem lhe saõ dadas, conhecendo que por suas culpas he digno de mayores penas, & indigno de padecer por amor deste Senhor, por cujo amor nunca deve padecer tanto, q̃ nam deseje mais padecer, com o desejo de conformarse com a crucificada vida, & morte deste Senhor, atè que nelle se não descubra algũa impaciencia, ou payxão humana; estando toda sua vida escondida em Deos, & metida em Jesu Christo; de nosso corpo não fazendo mais caso, que de huma pequena de terra, ou esterco, que os brutos pizaõ.

7. A setima, he fugir com animo resoluto de toda a pessoa, & creatura, como se fora hum demonio infernal, se entender que lhe póde ser occasiam não só do minimo peccado, mas de qualquer imperfeiçaõ na vida de espirito.

8 A oitava, he trazer em sy a Cruz de Christo que tem quatro braços: o primeiro, he mortificaçam dos vicios; o segundo, desapego de todos os bens temporaes; o terceiro, destruiçaõ de todas as affeiçoens carnaes, & amor de parentes; o quarto, desprezo de sy mesmo.

9. A nona, he huma liga, & continua lembrança, & meditaçaõ dos beneficios de Deos, que recebemos, assim na criaçaõ, conservaçaõ, & vocaçam, & mais na Redempçaõ, vendo quantas vezes nos livrou este Senhor do inferno, donde deitou os Anjos por hum só peccado, & outras muitas almas pelas mesmas, ou menores culpas, que as que cada hora cometemos, considerando outros muitos bens, que em cada qual tem feito este táo bom Senhor.

10. A decima he, q̃ de dia, & de noyte, a toda a hora, & em todo o lugar sempre estejamos, ou andemos em oraçaõ, isto he, com o sentido levantado em Deos, trazendo-o na memoria, naõ fazendo, nem dizendo, nem cuidando o que não cuidára, nem dissera, nem fizera o mesmo Deos, ou ao menos, o que não he contra sua Ley.

11. A Undecima he, que daqui passemos a amor de sentir por meditaçaõ, & contemplaçaõ as celestes, & divinas doçuras daquella vida eterna, celestial, & divina, donde os bens naõ hão de ter fim, nem as glorias cabo.

12. A duodecima, he hum ardente, & fervoroso desejo de exaltar a nossa santa Fè, isto he, de que Christo Senhor nosso de todos seja temido, amado, estimado, & conhecido de todos, continuamente louvado, & de nenhum offendido.

13. A decimaterceira, he ter huma grande compayxaõ, & piedade de todas as necessidades do proximo, assim como qualquer quizera que das suas a tiveraõ os outros; todos os proximos, inda que sejaõ inimigos, se hão de amar, como se estiverão no coraçaõ de Christo, sem isto não se póde verdadeiramente amar.

14. A decima quarta, he dar graças de todo o coraçaõ a Deos em todas as cousas, louvar, glorificar em tudo a nosso Senhor Jesu Christo, nos males, nos bens, ou proprios, ou alheyos, estimando-o, ou amando-o em tudo por justo.

15 A decimaquinta he, que depois de fazer tudo isto, sinta, & diga de todo o coraçaõ: Meu Senhor Jesu Christo, nada posso, nada valho, mal vos tenho servido em todas as cousas, sou servo roim, & inutil: a vós gloria, & honra, & louvor, com que sejais bemdito por todas as eternidades. Amen Jesu.

Pre-

# J. M. J.

## *Preparaçam para commungar.*

PRimeira, considerar que a Escritura Sagrada nos move, & avisa para esta preparaçam, com palavras, & exemplos. Com palavras, pelo Profeta Amos 4. *Præparare in occursum Dei tui Israel.* Preparate Israel para receber a teu Deos, que elle vem para morar, & ficar em ti: & S. Paulo Epist. 1. ad Corinth. 11. *Probet autem seipsum homo, & sic de pane, &c.* Veja cada qual se está capaz de chegarse áquella Mesa divina, &c. Provese, & examinese: & esta prova entende a Igreja pelo exame, contriçam, & confissão sacramental dos peccados mortaes, dòr, & firme proposito. Eis aqui nos adverte com palavras, com obras, & exemplos, mandando q̃ com grande limpeza se comessem os Paens da Preposiçam, o Cordeiro Pascoal, & se puzesse o Maná figura deste Sacramento, em arca dourada por dentro, & por fóra: Saõ João Bautista se reputava por indigno de tocar a Christo Senhor nosso: Saõ Pedro não ousava a estar com elle na barca: o Centuriam não se atrevia, á que entrasse no seu aposento: a Virgem Santissima se julgava humilde escrava, não merecedora de o ter em seu ventre purissimo: alèm disto a arte, & a natureza, tanto melhor produzem as suas obras, quanto está mais disposta a materia: o fogo melhor pega na lenha seca, que na verde; porque a secca para o fogo está mais disposta: o Pintor melhor faz o retrato em huma lamina polida, que em huma taboa tosca, porque tem melhor disposição para o primor da pintura a lamina, que a taboa. Assim quando for melhor a disposição, & preparaçam, obrará este Senhor milagres, ou maravilhas mayores. O Sol a hũ mesmo tempo endurece o barro, & derrete a neve: saõ diversas as disposiçoens, por isso saõ de huma mesma causa os effeitos diversos. A disposiçaõ melhor, he huma profundissima humildade, huma grande reverencia, huma pureza limpa, huma devoçam fervorosa, depois de cõfissaõ, & oraçam.

A segunda (nota muito isto) entre as cousas que para esta preparaçaõ sam necessarias, a principal de todas he a pura intençam com que commungas, o fim a que esta communhão se encaminha; & assim considera, que a tençaõ póde ser viciosa, ou menos louvavel, por quatro cousas.

A primeira se cõmungas porque te tenhaõ por Santo, isto he hypocrisia, & vangloria.

A segunda, se cõmungas por alcançar de Deos bens da terra: & a razão he; porque como este manjar divino he sustento espiritual das almas, não deve de primario, referirse a cousas terrenas, & caducas.

A terceira he, se cõmungas sendo teu primeiro intento alcançar consolaçoens, ou gostos espirituaes; porque esta tençaõ nasce do amor proprio, & não do amor de Deos.

A quarta he, se cõmungas sómente por costume, ou porque outros o fazem. Deve pois considerar cada qual, que a recta, & pura tençaõ póde ser de oito modos.

O primeiro, se cõmungas para alcançar a remissaõ dos peccados; porque este Sacramento he tambem sacrificio, que pelos peccados se offerece a Deos.

O segundo, se cõmungas para livrarte de algum gravissimo mal espiritual, affliçaõ, ou tentaçaõ.

O terceiro, se cõmungas para alcançar alguma singular graça, ou dom espiritual.

O quarto, se cõmungas para dar graças a Deos pelos beneficios espirituaes, & temporaes feitos a ti, & a teus proximos.

O quinto, se cõmungas para que assim honres, & louves a Deos, & aos Santos, pois este he o mayor dos sacrificios com que honramos a Deos: *Sacrificium laudis, &c.*

O sexto, se commungas para juntarte com Christo por puro amor, & fazerte huma cousa com elle.

O setimo, para que ajudes a teus proximos vivos, & defuntos.

O oitavo, para que faças o officio mais agradavel a Christo Senhor nosso, de quem sabes, que tem hum summo desejo, & gosto de estar comtigo. Proverb. 8. *Deliciæ meæ esse cum filijs hominum.* Com tudo adverte, que de todos estes fins, & intentos, os mais excellentes de todos, & por cuja causa foy este Sacramento instituido, saõ quatro.

1 O primeiro foy, para que tenhas em ti hum vivo memorial da Payxaõ de nosso Senhor Jesu Christo: *Hoc facite in meam commemorationem.*

O segundo he, para que assim como com o sustento corporal tratas de sustentar o corpo, assim com o sustento espiritual trates de sustentar o espirito, & ter eterna vida. Joan. 6. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum: nisi manducaveritis carnem filij hominis, non habebitis vitam æternam.* Morre o corpo, se falta o pão do corpo: morre o espirito, se falta este pão do espirito.

O terceiro he, para que te trans-

transformes em Christo, & para que Christo Senhor nosso viva em ti, & tu em Christo Senhor nosso; elle em ti por graça, nelle tu por amor, & memoria: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo.*

O quarto, & primeiro, como diz Saõ Boaventura, he, para que embebas em ti o espirito de Christo Senhor nosso, pelo qual vivas com aquella humildade, caridade, obediencia, amor da pobreza, mortificaçaõ do corpo, desprezo do mundo, & desejos de padecer, assim como viveo nosso Senhor Jesu Christo.

Quem em breve quizer chegar á perfeiçam, frequente as communhoens com estas quatro ultimas tençoens, chegandose a este Senhor com a preparaçam possivel.

O quinto considera, quam de madrugada te deves preparar para o dia, q̃ cõmungares: q̃ nosso Senhor Jesu Christo com incomparavel desejo te está esperando na Igreja, para que commungues, & se agasalhe em tua alma, para ficar nella de assento, dizendo aquillo que disse Deos Senhor nosso a Santa Isabel: *Se tu queres estar comigo, eu quero estar comtigo.*

Cuida, logo que fores para a Igreja, ou Altar, o grande gosto com que o teu Anjo da guarda te vai acompanhando, para que hospedes, & recebas a teu, & seu Deos, &c. Em terceiro lugar, em chegando ao Altar, em que está este Divino Sacramento, lhe farás no teu coraçaõ huma profunda, & humilde reverencia, & invocarás ajuda da Mãy de Deos, & de todos seus Santos, & Anjos, para que te acompanhem, & te alcancem graça, & favor para que colhas deste Sacramento fruto.

Considera tãbem em chegando adonde commungas, o que lá diz S. Matheos 25. *Ecce sponsus venit, &c.* Adverti, q̃ vem o Esposo; & adverte, que vem cheyo de desejo de estar comtigo, cheyo de caridade, de benignidade, de amor, & de todo o bem, para encherte, & favorecerte: *Exite obviam ei.* Ide vós alma tambem chea de devoçaõ, de gosto, de reverencia, de humildade, dizendo com Abraham: Senhor, aqui està o pò, & cinza: com a Virgem Mãy de Deos: Eis-aqui a Escrava do Senhor, façase em mim a sua vontade, segundo a sua palavra; ou com Santa Isabel: Donde me veyo a mim, que meu Deos, & Senhor, queira entrar, & pousar em minha pobre alma? *Unde mihi, &c.* Juntamente considerarei, quem he o que vem, isto he, meu Creador, meu Redemptor, a immensa misericordia, a infinita fermosura, a eterna sabedoria, a incomparavel Magestade, a bon-

dade incomprehensivel; emfim meu Deos, meu ultimo fim, meu summo infinito bem; & a que vem: a honrarme, enriquecerme, & salvarme: dirlhe-hei com nosso Padre São Francisco: *Deus meus, & omnia, quis est tu, & quis sum ego?* Meu Deos, & todas minhas cousas, quem sois vós, & quem sou eu?

Antes que te apartes do lugar donde cõmungastes, dalhe muitas graças de haver feito morada sua, tua pobre, & miseravel alma.

Em segundo lugar lhe offerecerás em holocausto puro a ti mesmo, & a todas tuas cousas, assim como elle todo se entregou a ti neste santo sacrificio. Em terceiro lugar exercitartehas em actos de amor de Deos, beijando, & abraçando espiritualmente seus santissimos pès, & mãos, suas sacratissimas chagas, & adorando em sua humanidade sua divindade santissima, rogandolhe, que nunca se aparte de ti, como os Discipulos de Emaùs: *Mane nobiscum Domine, quoniam advesperascit.*

Em ultimo lugar expoemlhe tuas miserias, o desejo de servillo, pedelhe que orne a casa de tua alma de todas as virtudes, que te dè graça aquelle dia, & todos os de tua vida, para que não esfrie a devoçam, & caridade, offerece-o muitas vezes a seu eterno Pay, & naõ o perdendo da vontade, nem da memoria, louva-o interior, & exteriormente quanto puderes por todos os seculos. Amen.

*Com estas palavras, dizia o Veneravel Padre Fr. Antonio, me achei bem nas tentaçoens fallando com os demonios.*

E as palavras erão estas.

ESpiritos das trevas, çujos baixos, & torpes, para sempre condenados ao carcere dos abismos, aborrecidos de Deos, fracos, & para pouco, dignos de que todos zombem, & escarneçaõ das vossas forças, pois nam prestais para nada, nem tendes poder algum mais que o que vos dá, quem nas vossas mãos se mete, depois que com as suas mãos se mata; poucos sois todos contra mim; vinde, vinde todos os que estais no inferno, não venhais taõ poucos, que gloria tenho de que venhais todos, & pena de que naõ sejais mais. Trazei todas as vossas armas, todas as tentaçoens, & tribulaçoens possiveis, que contra todos basta, & sobeja aquella graça com que meu Senhor Jesus Christo me manda vos açoute a todos com o seu nome santissimo. Vinde espiritos feissimos, não sejais fracos, que nenhum medo

do me fazeis, antes me rio de vós, quem vos deitou dos Ceos, vos deitará de mim, porque está dentro de mim, quem no inferno vos açouta, em mim vos ha de açoutar, com este nada que sou vos ha de confundir; pelejai, pelejai comigo, & servireis a Deos, porque lhe dareis gloria a elle, dandome a mim tantas vitorias como batalhas, & a vòs tanta pena de novo, quanta for a vergonha, & confusam de ficares vencidos. Chamai ao vosso Lucifer, & aos seus valentoens mayores, que apparelhado estou com o eterno odio que vos tenho, para me deleitar sómente na Cruz de Christo; & arvorando esta contra vós, em quanto viver, andar sempre sobre os aspides, & basiliscos, & pizar confiadamente em Deos o collo dos Leoens, & Dragoens.

Oh meu Deos, & meu Senhor, quizera eu que o coraçam feito em pedaços me sahisse em lagrimas pelos olhos; que a alma desfeita em suspiros se me arrancasse do intimo das entranhas, & se me sahisse pela boca; que as entranhas pizadas de hũa aspera, & rigorosa contriçaõ, se me desfizessem no peito com mares de amarguras; pouca fora inda esta dòr para a magoa que desejo ter de vos haver offendido: quizera meu Senhor, que com suspiros de fogo, com labaredas de amor, com ardentes chamas de contriçam me desfizesse em pó, & cinza este meu pezar, me consumisse dentro de mim mesmo estes ardentes affectos de penitencia, que nam sam sentimento em mim, sem q̃ primeiro sejam misericordia em vós; espero por vossa bondade, q̃ me haveis de perdoar, & dar graça para vos nam offender; & como nam tireis de mim este amor, que eternamente vos desejo ter, fazei meu Senhor o que quizeres de mim, que apparelhado estou na vida, & na morte, na pena, & na gloria, na honra, & na injuria, no mal, & no bem, no Ceo, & no inferno, de querer só a vossa vontade. O' Colunas do Ceo, Tochas do Firmamento, Luminarias do Empyrio, Lampadas de Deos, Fornalhas do Espirito Santo, regai por mim a Deos, para que comvosco o louve eternamente.

## *Despedida de tudo.*

MEu Deos, eu me despèço de todas as creaturas: intento amarvos daqui por diante de todo o meu coraçam, com toda a minha alma, com toda as suas forças, & com todos os meus sentidos. Memoria que se ha de lembrar de vós, nam deve ter outra lembrança; entendimento que ha de cuidar em vós, nam deve ter outro cuidado;

vontade que ha de querervos, nam deve ter outro amor; coraçam que ha de occuparse com vosco, de tudo ha de estar vazio; olhos que vos hão de ver, para tudo se ham de fechar; boca que ha de fallar de vós, nada mais que a vós ha de tomar na boca; gosto que se ha de empregar em vós, de nada mais ha de ter gosto; ouvidos que hão de ouvir as vossas palavras, a nada mais haõ de dar ouvidos; vida que se vos ha de entregar, para tudo mais ha de estar morta; alma que ha de viver convosco, só para vós ha de estar viva: despeçase pois, meu Deos, com vossa graça de tudo, quem convem que deixe tudo, para vos agradar em tudo, & gozarvos a vós, que sois mais que tudo. Fiquese nos desertos do nada a alma, que naõ foy nada antes que vós a criasseis, & que foy peyor que nada depois que vos offendeo: nada quero, nada desejo, nada possuirei, nada buscarei mais que vosso amor, & vontade, pois nada tenho que seja meu, nada posso ter que nam seja vosso, nada mereço mais que castigos; & pois nada posso por mim, razaõ he que me nam queixe, nem me afflija de nada, pois o nada nam se queixa, o nada nam se afflije; nem convem que me envergonhe, & vanglorie, porque o nada nam se envergonha, o nada nam tem vangloria, o nada nam tem presumpçaõ de cousa alguma, porque o nada nam faz nada. Só vós, meu Deos, fazeis tudo o que he bom, & despejando com este nada quanto tem meus sentidos do mundo, & quanto tenho na minha alma, que nam sejais vós, tam vazio quero ficar de tudo, quanto vós nam sois, tam ermo de mim mesmo, tão deserto de tudo mais, q̃ naõ achando totalmẽte em mim mais, q̃ a vossa vontade, vossa hóra, & gloria igualmente para o bem, & para o mal, vos offereça na minha alma hũ desapego de tudo, huma negaçam de mim, huma solidão de nadas, & hũa despedida total de todas as cousas, para que nem o desejo me afflija, nem o temor me inquiete, nem a inclinaçam me arraste, nem o gosto me desvie daquelle doce, & ultimo fim, daquelle sũmo bem, para q̃ me creastes; antes com huma sugeiçam taõ rendida, com huma entrega tão affectuosa, com huma ancia tão enamorada, me ponha de todo nas vossas mãos, que em mim se nam veja mais que o amor de meu Senhor Jesu Christo, & este crucificado, por cujo sangue, & nome vos peço este favor, & perdão de tudo o que em mim nam foy sempre isto.

En

# SEMANA ESPIRITUAL,

*Pelo Veneravel Padre*

## Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

HORTO de Gethsemani he figura da perfeita Oraçam: Gethsemani quer dizer Valle de abundancia, porque pelo valle da humildade, & pela abundancia da Caridade morreo o Senhor por nós; desceo dos Ceos à terra pela humildade, com q̃ se unio á nossa natureza, & depois de unirse comnosco, subio pela Cruz ao Ceo, para nos coroar de gloria: por isso para que nos comecemos a unir com Deos, he necessario entrar no Horto da Oraçaõ, descermos nella com humildade ao valle da nossa miseria, onde fertilizando esta terra, de que somos feitos, com abundancia de amor, & lagrimas façamos por meditar, & dispornos para a Cruz, sem a qual não sendo semelhantes a Christo, nam poderemos subir aos Ceos, & ser dos seus Predestinados.

Primeiro que tudo se ha de fazer costume da Oraçaõ, assim como fazia o Senhor, para q̃ este costume se faça natureza, se converta em graça, subindo deste valle de lagrimas ao monte da eterna Paz, que isso nos representa o Monte das Oliveiras, figura do Ceo, aonde pela Oraçam (que he subida da mente a Deos) se ha de erguer o nosso pensamento.

Deve a Oraçaõ, quanto for possivel, ser reverente, pois o Senhor orou de joelhos. Deve ser solitaria, pois naõ só buscou o Senhor a solidaõ, mas para ficar mais só, se apartou daquelles Discipulos, que comsigo tinha levado. Deve ser devota, isto he, huma promptidaõ, & naõ aquel-

le gosto sensivel com que havemos de louvar a Deos, ainda q̃ (como diz Sam Pedro de Alcantara) com as consolaçoens do Senhor cresce a devoçaõ, em que consistem as azas, com que voa o espirito. E finalmente para ser perfeita, ha de constar de tres cousas, que nos deu o Senhor nas tres vezes, que se poz à Oraçaõ; isto he (como diz a Glossa) Principio, Meyo, & Fim. Principio, na fé com que havemos de conhecer a Deos, & no conhecimento que havemos de ter de nós. Meyo, na esperança que havemos de ter na amizade de Deos, ajuntandolhe as boas obras. Fim, na gloria de Deos, fazendo tudo por seu amor, & em negaçaõ de nossa vontade.

Foy o Senhor via no exemplo, verdade na doutrina, vida no premio. Se queremos gozar os premios, a que esta vida nos convida, convem que aprendendo esta doutrina, imitemos o seu exemplo. Nas suas acçoens acharemos o Norte, a estrada que seguramente nos leve, & acertadamente nos guie. Na sua verdade a certeza de chegarmos à perfeiçaõ, quanto fugirmos da mentira de falsas promessas do seculo. E nos passos de sua vida os passos da Eterna Gloria, que elle só tem aparelhada. Para o que por via direita, cada huma destas acçoens, que elle obrou em sua Payxão, nos ha de occupar toda a hora, ou tempo que orarmos, porque se senam esmeuçaõ bem, nam lhe damos bem na sustancia. Necessario he cavar bem a terra para que se ache a mina; & porque á flor da terra só, quando muito se achão flores; a comida que nam vai bem mastigada, não póde ser bem digerida, nem proveitosa á natureza; as perolas no fundo do mar se pescaõ, & naõ em cima da agua; por isso nos não cançaremos em orar, & meditar de hum folego toda a Payxaõ junta. Toda huma noyte gastou meu Padre Saõ Francisco, sem cuidar mais que em duas palavras: *Meu Deos, & todas minhas cousas*. Santo Agostinho passou muito tempo sem formar mais que dous conceitos: *Senhor, conheçavos eu a vòs, & conheçame a mim*. Gregorio Lopez passou nove annos, sem dizer em sy mais que isto: *Senhor, façase em mim vossa vontade*. O nosso Saõ Diogo quasi toda a vida naõ teve outra Oraçaõ, abraçandose com a Cruz, mais que estar em acto continuo do amor de Deos, dizendo: *Amor meu, Amor meu*. E de Santo Isidoro se conta, que por ser rustico em extremo, não dizia a Deos outra cousa mais que estas breves palavras: *Dios mio, si tubieras ganado, yo te lo guardára de gracia*. E esta he a altissima Oraçaõ, estar sempre em continuo acto de amor de

de Deos, sem affligir o entendimento, com discursos demasiados, que ás vezes deixando vaidade gastão o tempo de vontade em superfluas meditaçoens, ou cuidados de pouco fruto. Servese Deos dos coraçoens, muito mais que das imaginaçoens: quer as victimas abrazadas, ainda que com menos enfeite se apresentem nos seus altares; toda a maquina de discursos só então será proveitosa, quando sirva de nos mover; ou por vernos em sequidão, ou qualquer outra enfermidade que padece ás vezes o espirito.

Divido por horas estes exercicios, para que em cada huma aprehendamos, ou observemos as virtudes, que exercitou o Senhor, em que nos havemos de empregar por algum de cinco effeitos, ou por todos: ou para imitar a Christo; ou para nos compadecermos de seus tormẽtos; ou para admirarnos nelle de sua Bondade; ou para nos transformarmos nelle: ou finalmente para descansar nelle o espirito suavemente. Se o imitamos, seguimos o caminho das virtudes, em que o Senhor foy exemplo, & começamos de gostar de Deos, folgando de ser affligidos. Se nos compadecemos de Christo, evitamos aquellas culpas, porque elle morrèra outra vez, se acaso fora necessario, & pomos nelle o amor, que tiramos do mundo. Se nos admiramos do que fez Christo por nós, nam nos admiremos de fazer muito por elle. Se nos transformamos em Christo em união mais conforme, he certo que morrendo a carne, fazemos já vida do espirito. Somos já filhos de Deos, & huma mesma cousa cõ elle. E se dentro nelle moramos, & aquietamos nossas almas, chegamos áquella Bemaventurança, que póde darse nesta vida, morando em Deos, & andando em Deos, vendo todas as cousas nelle, & a elle em todas as creaturas; vivendo pela sua vida em virtude da sua união; querendo por sua vontade, & entendendo por seu entendimento.

Mas como nem todos tem Oraçam continua, nem facilmente a pódem ter, & meditar todas estas Horas, & talvez nem huma só atè os que tem algum espirito, se observando as virtudes, que contèm cada hum dos dias, ou cada huma das horas, nos guardamos do que he contra ellas, teremos verdadeira Oraçaõ, & será muito mais util, que outras muitas meditaçoens. Tambem bastará para nos desculpar com Deos, quando naõ possamos orar, dizer dentro de nós, em qualquer occupaçam que tenhamos: *O meu Iesus está no Horto, ou Coluna, ou no Calvario, & eu estou jugando, comendo,*

*mendo, rindo, passeando, ou peccando, &c.* conforme o que estiver fazendo.

Finalmente he o Horto figura da Oraçam, onde os que tem verdadeiro espirito orão, & se resignão na vontade de Deos, como Christo: os descuidados vão a dormir como os Apostolos: os que tem o coraçaõ nos interesses do mundo, vão a vender a Christo, como Judas: os que não entrão na Casa de Deos, mais que a offendello, vaõ a buscallo como a cohorte. Esta he a figura dos seculares, que quãdo vão à casa da Oraçam, parece que vão armados, & aparelhados só para fazer desacatos a Deos. Judas he figura dos máos Sacerdotes, que pondose Deos nas suas mãos, elles com falsos osculos de paz daõ sinal ao demonio, de que o mesmo Deos anda com elles vendido. Os Apostolos, figura dos homens espirituaes, que por descuidos, & omissoens nam fazem de todos a vontade a Deos no mayor gráo da perfeiçam. E Christo verdadeiro Original dos perfeitos filhos de Deos, que à pezar das tribulaçoens, & miserias da natureza, sempre estão promptos com o espirito para a vontade do Senhor. Quem pois quizer aproveitarse destes exemplos, saberá, se na Oraçam serve ao corpo, se ao espirito, á natureza, ou á graça, ao mundo, ou a Deos.

# SEGVNDA FEYRA.

## MATINAS.

UIDAREI que o meu coraçaõ he Horto, aonde o meu Senhor vem a orar; & chamando a minha Vontade, Memoria, & Entendimento, para que apartados dos mais sentidos, como Sam Pedro, Saõ Diogo, & Sam Joaõ, dos outros Discipulos de Christo, me manda o Senhor vigiar, & ter oraçaõ, & pedindome que o acompanhe na agonia, & tristeza que o affige, & melancoliza, parecerme ha que todo angustiado, & cheyo de lagrimas, & penas, tomandome nos braços da alma, me diz estas palavras brandamẽte: Filho, eu aqui estou só, & desemparado, & posto nesta solidaõ, sem haver quem falle comigo, nem quem me queira pôr os olhos, peçote pelo meu amor, que vires para mim o teu rosto, &

& o teu coraçaõ, & que pois te chamo, & te busco, me naõ desempares tambem, deixandome nesta tristeza, nesta afflicçam, nesta agonia, com que vejo perder o mundo por nam querer estar comigo, fugindo da minha presença, como da do demonio: mas como tu tambem, meu filho, te nam atreves a aturarme, & estás morrendo por fugirme, por ventura aborrecete de que eu te chame, & pezate de eu estar comtigo? Enfastiate o meu amor? Enfadaste da minha vista? Pois sabe de certo, que menos quero estar no Ceo, que no teu coraçam, & que me agrada muito menos a companhia dos Anjos, que verme em tua companhia.

Em lhe escutando estas palavras, com huma ancia muito de coraçam, com hum amor muito entranhavel, posto a seus pès, ou nos seus braços, farei por gastar todo o tempo, que destinar para esta hora, em hum vivo movimento da alma, & em que a memoria se perca por sua vista, o entendimento se pasme em seus beneficios, & a vontade arda em seu amor, dandolhe as graças de chamarme, & pedindolhe, que me nam deixe, nem largue da sua mão.

O fruto desta hora serà, conhecer a vocaçaõ, com que o Senhor me trouxe á sua casa, & escolha que fez de mim para andar em sua presença pela virtude da Oraçam, contra quem (mais q̃ em outra parte) mostrando no Horto os inimigos do Senhor, que se armavaõ para o tirar della, & saberem que este he o meyo mais efficaz da salvaçam, & de quem mais se teme o demonio: fazendo pois conta que me naõ convem deixar só ao meu Deos, nem desemparar ao meu Senhor, que gosta de que eu o acompanhe, farei muito por ter grande amor ao silencio, & solidaõ, pois só assim acho ao meu Deos. E apartandome nam só dos homens, mas atè dos meus proprios sentidos, não durmirei (sobre a vigia que me convem ter na Oraçaõ) por nam arriscarme a que me prendão o mundo, o diabo, ou carne, que no Horto da alma me cercaõ, nam querendo por hum alivio, que os sentidos me pódem dar, pòrme em perigo de cahir, & de que se queixe o meu Senhor, de que eu o deixo a olhos vistos. E com isto exercito a abnegaçam de mim proprio, q̃ he huma das mayores virtudes, que andam na presença de Deos, que he o mayor de todos os bens.

(:)§()§(:)§(:)§()§(:)
✠(✠)✠
():()

LAU-

## L A U D E S.

*Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem.*

CUidarei como estando durmindo os Discipulos do Senhor no Horto, elle os veyo a despertar, avisando-os, que vigiassem: porque não entrassem em tentaçaõ; & isto não huma, mas muitas vezes.

Considerarei os grandes beneficios, que devo a Deos, & as graças que lhe devo dar, pois sendo tentaçaõ toda a vida, que passo sem orar a Deos, & sem me unir com o Senhor, como quem sente os meus descuidos, & lhe vai muito em minhas faltas, me desperta a todas as horas, me avisa a todos os momentos, & me acorda a cada minuto com os dictames interiores, a que eu resisto: tãtas vezes com divinas inspiraçoens, de que eu lhe fujo cada instante, & com as memorias de sua Payxam, de que eu me esqueço cada dia.

Será o fruto desta hora o conhecer, que o ter Oraçaõ he beneficio do Senhor, que he seu sentirme com espirito, que he meu verme com froxidaõ; que subir ao Horto he favor seu, que durmir nelle he obra minha: & por isso considerarei, que nem por verme na cõpanhia de Deos, que he só de quem me vem o amparo, a sufficiencia, & remedio; & finalmente pedirlhehei, que pois hum Saõ Pedro, fundamento da sua Igreja, se descuidou; que pois hum Saõ Joaõ, emprego de seu amor, se esqueceo; que pois hum San-Tiago, escolha de sua vontade, se divertio; que isto em todos foy o durmir, & todos ouverão mister q̃ o Senhor viesse acordallos; que me perdoe os meus descuidos; & que esperte os meus esquecimentos, & me acorde com seus auxilios, pois parece que me desculpa ter sido o homem mais perverso, ser hoje o filho mais ingrato, & sempre o servo mais inutil.

## P R I M A.

*Avulsus est ab eis.*

CUidarei, que o Senhor logo que poz no Horto seus Discipulos, & lhes encomendou que orassem, se afastou delles, metendose pelo mais interior do Horto.

Considerarei, que quando Deos nos traz mais comsigo, & nos sobe a mayor Oraçaõ, ou porque fia mais de nós, ou porque de nós não fia muito; se afasta de nós muitas vezes, apartando a consolaçaõ, o espirito, ou a suavidade, que achamos na sua presença; & como entam, & só se conhece quem he seu verdadeiro Discipulo, necessario he

he que neste tempo nos offereçamos muito mais, para que cõ qualquer penedo rebatamos as ondas ao mar do mundo; & como tronco exposto aos ventos, nos não mova o ar da vaidade, conhecendo que està Deos tam longe de nos deixar, quando se afasta, que entaõ metido mais por dentro se nos mostra amigo mais intimo, porque o busquemos no centro da Alma.

Será o fruto desta hora a vigilancia sobre nòs com a mortificaçaõ dos sentidos, pois podemos nesta afflicçaõ, q̃ he prova mais que desemparo, perder em hum fechar de olhos tanto como podemos recear de Deos em desabrir a mão.

## TERÇA.

*Et factus in agonia prolixiùs orabat.*

CUidarei como representandose ao Senhor tudo o que havia de padecer pelos homens, quãtos haviaõ de condenarse ao inferno, & desprezar a sua Gloria, quam poucos seguir o seu exemplo, & aproveitarse de seu amor, foy posto em muy grande agonia, & nella com mais efficacia orava a seu Eterno Pay.

Considerarei, que nos males, & tribulaçoens, nam se ha de perder o animo, ainda que se perca o alento; nem se ha de desmayar o espirito, ainda que se desmaye a Alma: antes entam com mayor causa chegarnos para o nosso Deos, dandolhe por tudo muitas graças; porque se da sua maõ recebemos as obras, os males porq̃ os não receberemos? O Senhor dá, o Senhor tira, & por tudo deve ser bemdito, & naõ nos faz nisto semrazaõ, pois elle he Senhor de tudo.

Será o fruto desta hora buscallo com grande igualdade, assim no mal, como no bem, pois nós nam temos outro Pay, outro Senhor, nem outro Amigo; pois sabemos que muitas vezes nos chama pelas tribulaçoẽs, para que vendo nossa miseria o engano dos bens do mundo, não queiramos ter outro bem mais que orar, padecer, & mais padecer, atè que o orvalho do Ceo desça a fecundar a terra, & as sequidoens sejam suavidades, conhecendo que este he o tempo, em que mais contentamos a Deos; porque caminhar entre flores de regalo, & não merecimento, mais he hir pôr espinhos, & abrolhos. Este he o amor, esta a constancia.

## SEXTA.

*Non mea, sed tua voluntas fiat.*

CUidarei como o Senhor nesta afflicçaõ dizia a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu

Senhor, se naõ he possivel, que se escuse este Caliz de minha morte, aqui estou, façase a vossa vontade, & naõ a minha.

Considerarei, que se o Filho de Deos, o Morgado do Ceo, o Senhor do Mundo, & o Principe da Gloria, só havia de fazer a vontade a Deos, quando padecesse no Mundo, & nelle foy angustiado, crucificado, & afrontado, que fará hum bichinho da terra, que hontem foy nada, hoje he taõ pouco, á manhãa menos, & só póde ser alguma cousa, quando pondose nas mãos de Deos, se resigne na sua vontade?

O fruto desta hora será a resignaçam, que aprenderemos do amor de Deos, sabendo que nesta virtude se acquire a perfeiçaõ de todas; pois se nella não declinarmos, ainda nesta vida com ella gozaremos aquella paz do Espirito, & aquella Bemaventurança da alma, com que em tudo se acha repouso, em tudo gloria, em tudo merito.

## N O A.

*Apparuit autem illi Angelus de Cælo confortans eum.*

CUidarei, como estando o Senhor suando gotas de sãgue, naquella penosa afflicçam lhe appareceo hum Anjo, que o confortou, dizendolhe o pouco que lhe havia de durar a pena, o muito que havia de importar a morte, a gloria que com seus merecimentos havia de dar aos Santos do Ceo, o exemplo que lhe deixaria na terra, o amor que mostraria aos homens; & emfim, que assim executava o Decreto de Deos.

Considerarei quanto devo suar no serviço de meu Senhor; quanto deve nas lagrimas dos meus olhos verse o suor do coraçam, pois o Filho do Eterno Pay, o mimo da Bemaventurança, a delicia da mesma Gloria, nas tribulaçoens do mundo, de todos seus póros fez olhos para fazer de todo seu sangue lagrimas; tendo por certo que nam ha de faltar o Senhor com a consolação aos affligidos, ainda q goste às vezes de os dilatar na tribulaçam, para lhe acrescentar a graça, & o merecimento, & que ha de vir o Anjo de Deos, se perseverarmos em seu amor. E quãdo isto nam fora assim, ainda assim não foraõ dignas todas as payxoens do seculo, de alcançar a gloria que se nos promete no Ceo.

Será o fruto desta hora, a esperança nas misericordias do Senhor, com quem na presente vida não temeremos a hora da morte, & entre mil suores de morte nos darà gosto o fim da vida.

*Amice,*

## VESPERAS.

*Amice, ad quid venisti?*

CUidarei em como o Senhor, sabendo que Judas o vinha entregar, o foy esperar, & lhe chamou Amigo, perguntandolhe a que vinha, para que confessando-o elle, & arrependido, ficasse logo perdoado.

Nesta consideraçam se nos rasgaráõ logo as entranhas com amor, & admiraçam de ver qual he a bondade d'aquelle Divinissimo Pay; & se verà com quanto amor abraçará aos que o buscarem, se busca aos que o entregaõ, & chama amigo aos que o vendem; que chamará aos que o adoráo; pois parece que as entranhas de Judas se derramáram pela terra, em castigo de se náo verterem pelos olhos em lagrimas, á vista de hum amor, que lhe mostráraõ humas entranhas de misericordia. Considerarei tambem, que o Senhor me pergunta a que vim ao mundo; a que vim á Religiaõ, aos officios, às dignidades, ás fortunas, aos infortunios, à graça, & á natureza.

Será o fruto desta hora, ter hum grandissimo amor a Deos, cuja bõdade incomparavel mais aborrecivel fez a nova culpa, pois atè no tempo das offensas nos poem diante o seu amor, para envergonhar nossa ingratidáo, & confundir nossa maldade. Por isto em tudo o que fizer, cuidando que vim só a amallo, & servillo, & a obedecello, andarei sempre dizendo: Meu Pay, meu Deos, & meu Amigo, vòs meu amigo, & eu fugindo de vós? vós meu amigo, & eu vendendovos? vós meu amigo, & eu afrontando-vos? Eu ao mundo vim a servirvos; à Religião a obedecervos; & emfim a adorarvos: isto só quero, & só procuro; nem vós queirais, meu Senhor, que outra cousa queira nunca, mais que fazer vossa vontade.

## COMPLETAS.

*Hæc est hora vestra, & potestas tenebrarum.*

CUidarei como os Soldados que acompanhavaõ a Judas, prendèraõ ao Senhor, & elle se deixou maniatar, & arrastar atè casa de Annàs, com aquella mansidaõ, & humildade de que tanto se prezou sempre.

Considerarei quantas vezes o Senhor ainda hoje se deixa atar as mãos á sua Justiça, & á sua Omnipotencia; deixandose levar na noite de nossa cegueira do poder das trevas da culpa, què se oppoem à luz da Graça: quando depois de nos fazer cahir na razaõ (que isto fòy o fazer cahir

por terra a cohorte, nos levantemos contra elle, não ſó tomando o Ceo com as mãos, mas pondo-as ſacrilegaměte no Cordeiro do Senhor; de que ſe ſegue endurecerſenos o coraçam, como a Faraó no Egypto; & não reparar, nem ver cõ eſta cegueira, que a offenſa, que fazemos a Deos mayor, he fazello concorrer na ſua meſma offenſa, concorrendo como cauſa univerſal em todas noſſas acçoens, donde o levamos arraſtado, maniatado, & afrontado, atè que chegando ao Tribunal da Divina Juſtiça, nos deſterra da luz eterna, pondonos para os ſempres dos ſempres nas eſcuras trevas dos infernos.

Será o fruto deſta hora, ter hum grandiſſimo odio aos vicios, pedir a luz da ſua Graça, para que vendo que eramos trevas em quãto eſtavamos na culpa pelo poder do demonio, não nos atrevamos contra Deos, a quem não devemos atar as mãos, pois ellas nos fizeraõ, & dellas eſperamos, que ſe abraõ cada dia para deitarnos ſua bençaõ, & enchernos de miſericordias, para nos ter da ſua mão, & para que pondonos nas ſuas mãos, nellas ſe entregue o noſſo Eſpirito.

# TERÇA FEYRA.

## Coluna.

## MATINAS.

*A planta pedis uſque ad verticem capitis non eſt in eo ſanitas.*

FECHADAS as portas dos ſentidos, metermehei todo dentro na alma, onde correndo a cortina aos ſegredos do meu coraçaõ, verei que elle he a Coluna, em que o Senhor eſtá atado com aſperas, & duras cordas; & chegandome mavioſamente a elle, olharei com olhos da alma, o eſtado em que o puzeraõ minhas maldades; & vendo-o cuberto de ſangue, & feito huma chaga viva, morto de frio, & cheyo de afrontas, para ver eſte eſpectaculo admiravel, & laſtimoſo, me aſſentarei muy perto delle, & lhe direi eſtas palavras, ou as que me enſinar o Eſpirito.

Meo

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, quem vos chegou a pôr neste estado? que mãos, que alma, ou que penedo se atreveo contra vós assim? A vós immensa fermosura, infinita misericordia, bondade nunca encarecida? Que bruto, fera, ou demonio teve tamanho atrevimento, que em vós chegasse a pôr as mãos? Se dessas mãos, meu Senhor, & Creador, que fizeraõ o Ceo, & a Terra, qualquer que fosse foy feitura; pondeme, meu Deos, os vossos olhos, que aqui vos venho a acompanhar, & daqui me não quero hir em quanto me quizeres com-vosco, & em quanto vos tiver comigo. E se ouvindolhe estas palavras, me deixar o amor, ou as lagrimas escutarlhe o mais que me diz; parecermeha que elle muy amorosamente me conta a grande afronta, que lhe fizeraõ os meus peccados, antes de o atar á Coluna, em serem as pessoas, que o despiraõ, & o deixárao nù, fazendolhe mil desacatos, & zombarias.

Será o fruto desta hora, que o cometer eu neste mundo tantas lascivias, descompostúras, & todas as maldades, que contra a honestidade se cometem, nenhũa outra cousa he mais que deixar nú ao meu Senhor para escarnecello, & açoutallo, & que isto farei sempre que aquillo faça.

## LAUDES.

CUidarei, que tornando a ver o meu Senhor, & achãdo-o no mesmo estado, elle mesmo me vai contando como meus peccados, & maldades do meu coraçaõ de pedra endurecido na culpa, fizeraõ a Coluna, onde o atáraõ.

Parecermeha que elle me diz com grande mágoa, que havendo feito o meu coraçaõ para Coluna de sua Igreja, desejando darlhe valor para vencer seus inimigos, fortaleza para resistir ás tentaçoens, & guardar os seus mandamentos, & para que sobre esta Coluna se sustentasse o Templo da Oraçaõ, que he a casa onde elle mora, & os muros de Jerusalem que elle edifica nas Almas; eu o fiz Coluna tam abominavel da casa dos vicios, em que os mesmos sentidos moraõ, que como sinaes de naõ poder haver mais vicios, a culpa o fez non plus ultra, dizendo, que não ha passar daqui.

Será o fruto desta hora, não querer ser como Faraó, que resistindo sempre a Deos, se lhe endurecia o coraçam; de que se seguio, que no mesmo Mar Vermelho, onde os bons, como Moyses, achárão estrada para a terra de Promissaõ, achou Faraó sepulchro para a morte da eternidade.

PRIMA.

CUidarei anciosamente, tornádo á companhia de meu Senhor, que elle me conta, como dos laços das minhas culpas, com que a Alma deu tantos nós cegos, fez cordas a minha liberdade para atar afrontosamente ao Senhor á Coluna do meu coraçaõ, quando elle com braços abertos queira fazerlhe com seus abraços outros mais apertados laços.

Parecermeha, que o meu Senhor me diz a grande dòr que teve, de que sendo hum dos mayores gostos seus, nnirse ao meu coraçaõ, nam ouve cousa, que mais o atormentasse, que verse entaõ com elle unido, pois esta uniaõ era só para o ferir quem elle amava.

Será o fruto desta hora conhecer, que todos os embaraços, com que nos empece o mundo, com que nos prende a carne; saõ laços, com que nos arma, para que delles façamos cordas, com que atemos a Deos afrontosamente, que elle com as mãos atadas por nossa culpa, nos nam possa livrar dos laços, em que a cada ponto nos vemos.

TERÇA.

AQui tornando a Alma para junto de seu Senhor, cuidarei que elle assim atado prosegue a historia começada cõ muita magoa, & mansidaõ; & dizendolhe que olhe os golpes, o sangue, as chagas, as feridas, com que está todo lastimoso, me diz, que isto lhe fizeraõ meus peccados, minhas potencias, & sentidos, quando mais abraçada com o meu coraçaõ, mostrava que o seu amor o tinha prezo, muito mais que as cordas, & ferros.

Parecermeha, que se náo queixa tanto o meu Senhor do tormento dos golpes, como da dòr da injuria que lhe fiz em hũ tormento tam vil, que só se dá ao mais vil escravo, quem de amigo se fez verdugo, & quem sédo todo o seu amor, se prezou de ser a sua afronta, fazendo de vicios taõ torpes aquelles crueis azorragues, que sem piedade o maltratáraõ; sendo tanto contra a honra de Deos, que eu assim tratasse a seu Filho, quando na casa da minha Alma foy hospede do meu coraçam, por querer deitar fóra della os meus mayores inimigos, a quem eu o entreguei como ingrato, & depois cego me entreguei.

Será o fruto desta hora, estimar muito a honra de Deos, & nam querer enxovalhálla em o menor dezar da culpa, pois cada peccado meu, naõ he contra o meu Senhor hum açoute, que lhe dòu, mas hũa afronta, que lhe faço.

SEXTA.

TOrnando aos pés do meu Senhor, cuidarei que com muitas lagrimas, & com muy grande ſentimento me diz, como depois de o açoutarem por detràz, para lhe fazerem o meſmo por diante, o deſatáraõ, & virárão, & em ſeu roſto, & por toda a parte o fizeram huma chaga viva.

Parecermeha, que o Senhor me conta, que neſte paſſo diſſera a minha alma, & ſentidos, que ſe atè então o tinhaõ offendido, que nam era muito, pois elle lhe havia dado as coſtas. Aqui ſe póde cuidar o tempo que elle nos tinha dado as coſtas, foy todo aquelle que vivemos ſem memoria de ſua Payxaõ, & ſem deſejo efficaz de ſervillo, entregues ao mundo, & ao demonio, que era o meſmo que naõ darlhe auxilios efficazes. Mas que agora que ſe virava para elles, & que pondolhe os olhos, já ſe lhe naõ dava das culpas, pois as deitava para tráz das coſtas, como encobrindo as, que por ſeu amor o naõ aggravaſſem mais, & naõ quizeſſem ao ſeu roſto fazer huma tamanha maldade, como erão os açoutes, & afronta, que elle taõ mal lhe merecia; & que pois elle lhe perdoava os outros, que lhe perdoaſſem tambem iſto. Mas nam baſtando eſta brandura, eſta piedade, & eſte amor, lhe fizeraõ mayor aggravo, & lhe deraõ mayor tormento.

Será o fruto deſta hora, abominar a ingratidão com que offendemos a Deos, depois que ſe vira para nós com olhos de miſericordia. E ſobre tudo conſiderar a preſença de Deos, que ſe entende na ſua viſta, a quem açouta, & injuría qualquer peccado noſſo por mais occulto que ſe faça, nam tendo menos teſtemunhas, que todos os Santos do Ceo, que nem ſempre haõ de interceder, & que todos os demonios do inferno, que ſempre nos hão de accuſar.

Atreverſe hum bichinho vil a fazer diante da cara de Deos, & de ſeu Senhor, & viſta da Virgem Santiſſima, & de ſeus mayores inimigos, o que não fizera diante do mais vil eſcravo, he a culpa mais atrevida, & a maldade mais deſaforada, que cometem os peccadores; ſendo certo, q̃ ou ſejamos bons, ou máos, todos andamos na preſença de Deos, & diante delle ſe faz tudo, & de o não trazermos diante dos olhos, nem lembrarnos, que nos eſtá vendo, procede todo o mal.

NOA.

POndome apar do meu Senhor, logo que tornar à Oraçam, cuidarei, que elle me

havia contado muy amorosa, & brandamente, como acabando de açoutallo, começáraõ a escarnecello, de que se lhe seguio o tormento de naõ ousar erguer os olhos com a vergonha que tinha, nem a fallarlhe palavra com a mágoa que o atravessava.

Parecermeha, que o Senhor me diz os grandes males, que me fazia, & que eu zombava de offendello, rindome de havello afrontado, & de o deixar escarnecido; pois a troco de que eu o naõ offendesse mais, receava porme os olhos, que atravessáraõ huma pedra, quanto mais hum coraçaõ humano: & por se não arriscar a que eu fizesse delle nova zombaria, & por isto me désse mayor inferno, nam abria aquella boca santissima, de quem o Ceo, & os Anjos pendem, & cuja voz com huma palavra fez todo o mundo, & creaturas.

Será o fruto desta hora, ter hum grande temor de Deos, pois por zombar, quando o offendemos, do muito a que nos arriscamos por não cuidar quando o devemos temer (que isto vem a ser o zombar) não só nos ficamos na culpa, mas escandalizamos a Deos, para que em huma escaça vista de olhos, ou em huma voz ao coraçam, nos não avise, ou visite com sua misericordia, para que nos metamos por dentro, & o abracemos na nossa Alma, seguindose desta ousádia ternos o Ceo tamanho odio, & o mesmo Senhor tam má vontade, que parece (segundo nos deixa) que já nos tirou a falla, & já nos não póde ver dos olhos.

## VESPERAS.

Tornando á Oração, & chegandome ao meu Senhor, o verei estar chorando lagrimas de sangue. E perguntandolhe porque causa; me dirá com muy grande dòr, que estando todos com elle todo o tempo que o açoutárão, nam ouve nenhum, que se fosse sem offendello; porèm acabadas as offensas, nam ouve nenhum que quizesse ficar com elle, por nam lhe ouvir as suas queixas, nem lastimarse, nem consolalo, todos o desempararaõ, & deixárão só.

Aqui me parecerà que me diz o meu Senhor: Filho, ninguem de mim se doe, a ninguem se lhe dá de mim: todos me deixão, todos me fogem, & eu de todos desemparado; não choro a minha solidam, choro a perdiçam de todos; vejo que vão abraçar o demonio, & q̃ se vão meter no inferno, & naõ podendo ver ao seu Deos, ao seu Amigo, a seu Pay, como brutos sem entendimento se deixão levar de huma vida, que vai a dar na eterna

morte

morte por caminhos sempre difficeis, & por caminhos sempre asperos. Naõ sejas tu assim, meu Filho, pois te mostro a via direita, chegate muito para mim, poemte muito apar destas chagas, para que vendome por ellas as entranhas, & o coraçam, saibas que es o meu thesouro; pois eu o ponho agora em ti: chegate, & chegate mais, pois eu te chamo, não te recees, pois eu te quero, não me fujas, pois eu te busco.

Serà o fruto desta hora, considerar, que depois de atarmos com novas culpas ao Senhor, para que nos não siga, o deixamos para que nos nam veja, buscando só aquelles gostos, que delle nos apartão mais, por não ter cousa que nos não doa, ou à vista nos possa dar pena; de que se segue, que ou metendonos de todo no mundo, que he o inferno, totalmẽte nos apartamos de Deos, sẽ mais nos querermos lembrar de seu amor, & Payxão. E aqui se póde considerar o mal que faz deixar a Oraçam, depois de conhecer a utilidade que ella tem.

## COMPLETAS.

TOrrando para o meu Senhor, cuidarei que o acho tremendo, agonizado, & desmayado; & vendo que entra em sy, logo que eu me chego a elle, lhe direi, tomando-o nos braços: Meu Senhor da minha alma, amor do meu coração, ancia dos meus suspiros, meu adorado, & meu bem todo, quem vos poz em tamanha pena, quẽ vos causou tamanha dòr, que jà me não fallais, meu Rey, que já me não olhais, meu Deos? Que he isto, amor dos meus sentidos, vós sem alento, & eu com animo? vós tão defunto, & eu com vida? vós desmayado, & eu com alma? E dizendolhe tudo o mais que o coraçam quizer, farei pór me unir muito com elle, por desatarlhe as cordas dos braços, & lavarlhe as chagas com lagrimas, lavando, para parecerlhe melhor, com o seu sangue as minhas culpas.

Aqui me parecerá, que deitandome aos seus braços me agradece que assim o solte, ainda que queixandose de que achandose tantas vezes atado, não me pedisse o coraçaõ tirarlhe aquellas prizoens; & que vendo-o morrer de frio (que isto sam as friezas do amor de Deos) me não dèsse na vontade abrigallo nos meus braços, quando me parece que o seu Divino Espirito me estava dando calor para me chegar a elle, mãos para o desatar, & azas para o acolher.

Será o fruto desta hora, entender que todas minhas friezas de Espirito sam o frio, que o Se-

nhor padece, os descuidos do meu amor, as prizoens que atão ao meu Deos, & que logo que as friezas se acabem, & os descuidos se percão, se me acenderá o coraçaõ de maneira, que pondo em Deos todo o cuidado, trazendo-o sempre no sentido, que nam será difficultoso sentir na Alma aquelles fogos do Espirito Santo, por cujos incendios suspire.

## *Summa.*

MElhor que tudo será a toda a hora, tomando nos braços ao meu Senhor, não deixallo só nem hum instante, ou escutando-o, ou respondendolhe, & sempre em hum vivo movimento de seu amor estar amãdo-o, & abraçando-o; & se não puder dar a Deos mais que hũa hora, cuidarei o seguinte.

Considerarei, que sendo o coraçaõ fortaleza, que o Senhor havia fiado de mim, fazendo a Natureza treiçaõ à Graça, a entregou aos inimigos de Deos, a quem por acharem dentro na minha Alma, atàraõ ao meu coraçáo, cuja dureza impedernida o tinha convertido em coluna de marmore, com as cadeas de meus vicios, onde sendo meus peccados azorragues, & minha liberdade verdugo, foy açoutado cruelmente, tratando como vil escravo a quem era Senhor do mundo, a Magestade do Ceo, & o mimo da Bemaventurança; mas hindome mal com meus vicios, & vendo como me perdia nas mãos do Mundo, & do demonio, tomãdo ao meu Senhor, & tirando-o daquella pena, pedindolhe muitos perdoens, & chorando emfim muitas lagrimas, lhe tornei a dar o dominio de suas fortalezas, deixando fóra seus contrarios, & meus inimigos, com a força de sua ajuda. Fechando pois todas as portas por onde possa entrar dentro, pondo em defensa tudo o mais por onde possaõ darme assalto, lhe pedirei posto a seus pès, que para poder resistir, & defenderme em seu nome, me naõ falte com seus auxilios efficazes, para que em perpetua guarda da sua Ley, se ponhaõ nas portas dos sentidos muitos Anjos de minha guarda, nos muros do entendimento a cintinella da Oraçam, na homenagem da Alma as bandeiras de sua Fè, nos armazens da memoria as muniçoens de seus beneficios, na artilheria da vontade a polvora de seu Amor, para que com o fogo do Espirito Santo, que elle póde mandar, abrazãdos os inimigos, & eu aceso em divinas chamas, nam só mortifique a carne, mas fazendo fugir o demonio, ponha por terra todo o Mundo com as cargas da Penitencia, que para o inferno ruína

na, para mim defensa, para o Ceo salvas se repete muitas vezes, não só nas trincheiras da Perseverança, mas sobre o fosso da Humildade.

# QVARTA FEYRA.

## Ecce Homo.

### MATINAS.

ECOLHIDO o meu coraçaõ, me parecerà, que assim como Pilatos mostrou o meu Senhor ao Povo de Jerusalem, coroada a cabeça de espinhos, com huma purpura ridicula, & com hum cetro vão de cana, atadas as mãos, o corpo cheyo de feridas, o rosto afrontado, injuriado, cuspido, & desfigurado: assim o Eterno Pay mostrando dentro na minha Alma ao povo de minhas culpas, & aos Ministros, & Pontifices de minhas potencias, & sentidos, diz a todos, que alli tem diante dos olhos, a quem ferírão, & maltratárão meus pensamentos com espinhos, minhas lascivias com açoutes, minhas vaidades com desprezos, minha ousadia com salivas, minhas solturas com baraços, & minhas ostentaçoẽs com purpuras.

Parecermeha depois disto, q̃ pergunta Deos a meus vicios, se querem perdoar a seu Filho, pois se lhe escusarà a morte, escusando elles a culpa. E todos respondèrão: Crucifica-o, crucifica-o. Com o que entristecido o Senhor, assombrado o Ceo, pasmados os Anjos, & confusamente admirados os Elementos, & Creaturas, ficarám suspensas naquella maldade minha.

Será o fruto desta hora, crucificarmos ao Mundo nossos sentidos, & potencias, pois se atrevérão impiamente a crucificar a seu Senhor. Veremos, que sem mortificaçam não andamos seguros na terra, & q̃ he necessario trazermos na cabeça pensamentos, que nos fação dòr, andarem as nossas mãos atadas como quem vay ao sacrificio, & vestirmonos de paciencia contra as zombarias do Mundo, fazendonos com a paciencia hũa imitação do Corpo de Christo, que todo estarà em chaga.

LAU-

## L A U D E S.

TOrnando a ver ao meu Senhor, me parecerà que me diz o Eterno Pay: Eis-aqui tens a quem condemnás, porque se faz Filho de Deos, esse he o Homem que persegues; & me repete: Esse he o homem q̃ persegues, porque tão outro o deixàrão os açoutes, & feridas, que ao mesmo parece que era necessario dizer que era seu Filho, para que eu, & as minhas culpas conhecessem, que era quem eu, & ellas accusavão.

Aqui considerarei, que se o Filho de Deos por amor de mim chegou a parecer tão outro, que parecia peccador, pois em hum castigo tão cruel mostrava que me he necessario tomar a sua innocencia, & parecer Filho de Deos, para que com esta troca, sendo muy outro do que fui, nada me fique do que sou.

Serà o fruto desta hora, huma grande mudança de vida, para que com São Paulo possa dizer, que jà não sou eu, mas que sou o Crucificado, & que vive dentro em mim Christo, que a minha vida toda he Christo, & o morrer he toda minha gloria.

## P R I M A.

MEtendome no meu coração, me parecerá que acho nelle o meu Jesús, na mesma figura que antes, & que em chegando a elle, me diz estas palavras muy amorosamẽte: Filho, se depois de atravessarme a Alma com teus máos pensamentos; se depois de meter debaixo dos pès a minha Divindade com tuas vanglorias; se depois de zõbar de mim com tuas vaidades; se depois de me abrir a açoutes com teus deleytes, ainda me queres pôr na Cruz, & me não perdoas a morte, eisme aqui, faze o que quizeres; eisme aqui tens, não me perdoes; eisme aqui tens, afrontame, & crucificame; porque apparelhado estou para entregarme em tuas mãos, & fazer a tua vontade.

Aqui considerarei, que todas as vezes que estou para cometer alguma culpa, nenhuma outra cousa faz o Senhor, que jà de meus pensamentos vem ferido, & de minhas obras magoado, mais que pôrse diante de mim, & dizerme: Filho, eis-me aqui, se sobre o que te hei soffrido me queres crucificar agora, eis-aqui me tens, poem-me na Cruz, que isto he para mim outra culpa.

Serà o fruto desta hora, ficar com hũa perpetua memoria destas palavras, que para toda a tenção saõ utilissimas; aprendendo tambem aquella mansidão, & brandura, com que parece que aos mesmos aggravos se

ſe entrega, & nam ſe eſcandaliza.

## TERÇA.

TOrnando dentro a minha alma, & vendo ao meu Senhor muy triſte, lhe perguntarei com amor: Meu Deos, meu Amor, & meu Senhor, alegria dos meus ſentidos, & ſempre gloria de minha Alma, quem vos cauſou eſſa triſteza? Quem vos mudou tanto a figura, que jà não acho em voſſos olhos a graça com que me viâo?

Parecermeha, que o Senhor me reſponde: Filho, menos me aggravão hoje os maos, que os que devião ſer bons; pois acho mayor piedade nos meus deixados, que nos meus favorecidos. Pilatos muitas vezes me quiz perdoar a morte, & o meu Povo mimoſo não ceſſa por me tirar a vida. Vè tu, ſe as entranhas de hum Deos, que ſaõ tudo miſericordia, deixaràõ de ſe deſpedaçar, metendo no coraçaõ eſtas viboras.

Será o fruto deſta hora; conſiderar que as offenſas que Deos ſente, ſaõ mais as dos ſeus eſcolhidos, pois não he muito que não corra ao mar quem naſceo lagôa, mas que contra a ordem natural naõ corrão a ſeu centro os rios, que para o mar tem o caminho, & inclinaçaõ, & a natureza; eſte he o mayor eſpanto.

## SEXTA.

*Regnum meum non eſt de hoc mundo.*

ENtrarei no meu coraçaõ, & vẽdo o meu Senhor coroado de eſpinhos, com hum cetro de cana, & com huma purpura de eſcarnio, lhe direi: Meu Deos, meu Rey, & meu Senhor, que inſignias ſaõ eſtas taõ eſtranhas de voſſo Imperio, & Mageſtade? Naõ ſois vòs o Senhor do Mundo? Naõ ſois vòs o Principe da Gloria? Pois como he iſto, meu Senhor, que naõ entendo eſta figura em que vos vejo tão mudado?

Parecermeha, que me reſpõde: Filho, o meu Reyno não he como os do mundo; nem quem quizer reynar comigo ha de querer os Reynos da terra; quẽ nella me imitar para reynar no Ceo, ha de ter coroa de Martyrio, o ſeu cetro ha de ſer zombaria do mundo, a ſua purpura deſprezo; taõ pouca couſa ſam eſſes thronos, de que o mundo faz pertençam, que quem os nam tem por mais ocos que a cana, por mais deſpreziveis que a purpura, por mais aſperos q̃ as eſpinhas, de Rey ſe farà eſcravo, & não menos que do demonio, & ſerá atormentado no inferno para toda a eternidade.

Serà o fruto deſta hora, hum efficaz

efficaz conhecimento do engano dos bens do mundo, para que delle só nos fique hum vivo, & certo conhecimento, & desengano, com que zombemos da mentira, com que nos douram suas quimeras, & não entremos na farça, com que paliam suas figuras.

## N O A.

TOrnando á vista do meu Deos me parecerá que o acho muy dolorido; & perguntandolhe o que tem, imaginarei que me diz, que não sente tanto a dòr que lhe fizerão as espinhas, a zombaría que se lhe fez na cana, & a vergonha que lhe causou a purpura, como a que elles significaõ.

Para o saber, considerarei, que os espinhos erão de juncos marinhos, tirados do mar, figura da Graça; a Cana, a planta que deita mais raizes na terra amaldiçoada pela culpa; a Purpura tinta no sangue de hum peixe, que naõ tem memoria: & apartarse tanto do lugar da Graça, quem offende o seu Senhor, deitar tantas raizes no mundo, quem havia de buscar o Ceo, & naõ ter memoria da morte, quẽ dos seus despojos faz gala; isto he o que Deos mais sente, pois por não haver lembrança da morte, se perde cegamente a vida figurada no sangue da purpura; por se meter pela terra dentro, se perde a vaidade dos homẽs, representada no cetro de cana; & por se pôr mui longe da Graça, se culpa a maldáde do Mundo.

Serà o fruto desta hora, ver que hum agudo pensamento dà culpa nos tira de hum mar de Graça, hum leve descuido da Payxaõ de Christo nos arrisca à vida do Espirito, huma vãa presumpçaõ do mundo nos faz perder o Ceo, metendonos por dentro do inferno aonde se prendem as raizes da vangloria, luxuria, & de toda a vaidade humana.

## V E S P E R A S.

MAndando a todos meus sentidos, que dentro na minha alma vão fallar com o meu Senhor, me parecerá que o acho chorando naquella figura lastimosa, com que a qualquer memoria minha diz: Eisme aqui; & perguntandolhe com muito amor, porque chora com tanta mágoa, imaginarei q̃ me diz: Filho, tu es a causa de meu pranto, porq̃ tu es como Pilatos, que depois de não achar razam para offenderme; depois de querer que outros muitos me não aggravem fazendo muito por servirme; depois de perguntarlhe muitas vezes que mal lhe fiz, & em que pequei, perdes quãto me obrigaste por respeito dos homens, bastando hum medo

do vil de perder os bens da terra, & de faltar ás razoens de estado do mundo, temendo mais aos homens, que a Deos, para perderes o animo, com que podèras agradarme de todo, & subir ao estado da perfeição; sendo a mayor dòr ver, que pelo caminho do Ceo, para quem só faltava hum passo, te precipitas ao inferno, onde não ha remedio; & emfim vens a perder tudo por huns nadas, que faltam, & que deixas de vencer, por querer antes a Deos afrontado, & a teu Senhor em huma Cruz, que a Cesar offendido; isto depois de confessares que não tinha causa alguma.

Serà o fruto desta hora, conhecer quantas vezes pelas amizades dos homens, & pelos respeitos humanos, perdemos o respeito a Deos, & a amizade do Senhor; & quantas vezes por não perder as Dignidades da terra, perdemos o Reyno do Ceo, deixando de chegar à perfeiçaõ, por não chegar a dar mais hum passo no caminho espiritual. Servirnosha esta consideraçam, que he utilissima, de espertar a razam; & a resoluçaõ para exercitar o valor do Espirito, com que sem medo de nossos inimigos devemos servir fielmente ao Senhor.

✠

## COMPLETAS.

Restituindome ao meu Deos, para acabar com elle o dia, me parecerà que o vejo com a mayor dòr que nunca; & perguntandolhe o que tem, imaginarei que me diz: Filho, sendo tanto o que me viste sentir atègora, não tem comparaçaõ com o que agora sinto; pois entregarme Pilatos aos Judeos, conhecendo que não tinha causa, máo he; mas era barbaro. Entregarme contra sua vontade aos Judeos, naõ he bom; mas era homẽ. Entregar o seu Deos ao demonio, peyor era, mas era Idolatría. Porèm fazendome esta afronta, & conhecendo esta injustiça, lavar as mãos deste feito, isto he o que mais me aggrava, pois se ficou tendo por justo. Assim que tu me offendesses, bem que me tivesses por justo, não era muito, se eras nescio; que contra teu gosto outras vezes seguisses a razão do mundo, não to estranhei, porque eras homem; que idolatrasses loucamente a minha offensa, & teu engano, eu to sofrí, que andavas cego; mas que pondome em huma Cruz, ou consentindo-o, que he o mesmo, que confessando que era culpa o que se fez porque o quizeste, que conhecendo a liberdade que tinhas para não peccar, que entregan-

dome

dome meus inimigos (isto he, aos vicios, & peccados) que assim me afrontam, & atormentaõ, fazendo isto a mãos lavadas, te imagines muito innocente, & te pareça que es hum Santo, isto me corta o coraçam, isto me atravessa as entranhas.

Será o fruto desta hora, ternos sempre por peccadores, & não por justificados, pois em huma breve complacencia com que nos entregamos aos vicios, entregamos à Cruz a Christo, fazendo em nós o mesmo qualquer payxaõ mortificada mal, ou qualquer graça resistida a terse por santo, & por justo quem vive na casa da culpa, que isto he o viver na terra; jà faz o mesmo que Pilatos, pois querendo servir a Deos, & desejando summamente não impedir o mal, lhe faz perder todo o bem, & cometer este peccado; tirarei daqui, que naõ he menor mal o bem que deixo de fazer, que o mal que faço.

## *Summa.*

MElhor que tudo será a toda a hora tomallo com muitas lagrimas nos braços da Alma, fallarlhe com o coraçaõ, & responderlhe com as entranhas, & tirarlhe da cabeça os espinhos, cõ lançar fóra os máos pensamentos, tirarlhe a cana da mão, com pizar a nossa vaidade, despindolhe à purpura dos hombros, com chorar muito a sua afronta, de que hum tempo fizemos gala; & desatandolhe as mãos com desembaraçarnos do mundo, para pór nas suas mãos a nossa vontade, faremos por gastar todo o tempo em hum ardente fervor do Espirito, em huma pasmada admiraçaõ, em huma perpetua acçaõ de graças, com que louvando sua misericordia, dando graças a seu amor, & implorando suas piedades, depois de nos doermos com elle de suas Chagas, & feridas, & depois de apertarlhas com a alma; sendo os seus braços ataduras, & curarlhas com o caustico de hum vivissimo, & ardente amor, lhe pediremos, que por esta coroaçaõ, & à honra della, nos conceda, que ponhamos na alma esta insignia como coroa de victoria, & como sinal de triunfo contra todas nossas tentaçoens.

Quem não tiver mais que hũa hora, cuidará que a nossa alma he Corte, o coraçaõ Paço, a memoria Throno, a vontade Valído, o entendimento Conselheiro, os sentidos Ministros, & o meu Senhor o Rey, a quem todos servem, & obedecem por Ley natural. Mas rebellandome contra elle, por entregar ao demonio todo o imperio da liberdade do mesmo meu coraçam, onde o Senhor sempre morava, estimando-o como seu Paço,

conju-

conjurandome com todos os vicios, o prendi, atei, & afrontei, & depois de açoutallo à Coluna para zombar do Rey Eterno, lhe dei coroa de tormento, cetro de zombaría, & purpura de escarnio; & mostrando de dentro do meu coraçaõ a todas as culpas, & vicios, que o cercavaõ por toda a parte, lhe direi o estado, em que o puz, & se querem que o crucifique. Mas tornando em sy a razaõ, & dizendome o entendimento a grãde trayção, que fazia a hum Senhor, que me amava tanto, quam ingrato correspondia a quem me tratou tão benigno, & em quanta afronta tinha posto o Senhor dos Ceos, & da Terra; mais com o pezar de offender tamanha Bondade, que com medo dos castigos que merecia, estalandome o coraçaõ, & fazendoseme em pedaços, cahia sobre todos meus vicios, que enterrados nesta ruína, & afogados em hum mar de lagrimas, acabem subitamente, ficando eu aos pès do meu Senhor, pedindolhe muitos perdoens; & restituindome elle aos sobreditos ministerios, tornarei mais efficazmente a servillo, como a meu Pay, como a meu Deos, & meu Senhor.

# QVINTA FEYRA.

## Com a Cruz ás costas.

## MATINAS.

*Et bajulans sibi Crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvariæ, locum.*

ARECERMEHA, que acordádo a minha Alma do sono do descuido aos gritos do coraçaõ, que sendo para o Senhor rua de Amargura, o vè passar com a Cruz ás costas, vai tambem ver este espectaculo, & a poucos passos com que o busca, o acha dentro em sy, mudada a cor, perdida a fórma, cheyo de sangue, & feridas, com cordas nas mãos, & garganta, & na mais lastimosa figura que he possivel imaginarse; & virandose para mim, cuidarei que me diz estas palavras, & seráõ a meditaçaõ desta hora.

Filho: todos no mundo, ou me

me seguem, ou me perseguem; seguem-me os que imitando-me, não só tomão, mas abraçaõ a sua Cruz, conhecendo que sem ella se não póde chegar ao Monte da Oraçaõ, nem ao da Gloria: perseguem-me os que tendo a Cruz por afronta, & não se atrevendo a sofrella, passaõ leve, & gostosamente por esta vida da amargùra, de quem he rua todo o mundo, querendo ser na terra mais que Deos, pois querem no lugar da culpa ser Bemaventurados. Se pois eu, que sou Filho de Deos, não hey de entrar no Ceo sem Cruz; como tu, sendo peccador, cuidas que entrarás sem ella no Ceo? Se te prezas de meu discipulo, se queres seguirme, & salvarte, toma, toma tua Cruz, & vem atràz de mim, & naõ busques outro caminho, que este só he o verdadeiro. E envergonhate Peccador, de que havendo tãtos que me sigão com Cruzes tão pezadas; receas tu hũa tam leve, que só péza o que te peza de verte o mundo atràz de mim. Tiveste valor là no seculo para arrastar briosamente o pezado jugo da culpa, & faltate hoje coraçaõ para levar sobre teus hombros huma tão leve Cruz de cana? Envergonhate servo inutil, de que servisses ao demonio com mais cuidado que a teu Deos, & de que haja tantos no mundo, que sofrão mais por Satanàs, do q̃ tu pelo teu Senhor. Segueme, meu Filho, que aqui vou diante de ti, para passar primeiro os riscos, que pódes ter nesta jornada, & não cuides de mim tão pouco, que sobre tuas forças te darei Cruz com que me sigas.

Será o fruto desta hora, conhecer, que para salvarme, & ser servo de Deos, hey de ter Cruz com que o siga, & com que imite os seus passos, que não só se derão para meu remedio, mas para meu exemplo, & para conhecer esta Cruz, quando eu a não tenha nos preceitos q̃ guardo, nos votos que fiz, ou em qualquer outra cousa, com que o Senhor ma dà claramente, poderei crer que a tenho, como Sam Paulo, em toda a grande tentaçaõ que tenha; & quando estas me faltem pela misericordia de Deos, a poderei fazer na navegaçaõ das vontades da natureza, pizando varonilmente todas as repugnancias da carne, que se oppoem à Graça, & ao Espirito.

## LAUDES.

DEsejando seguir ao meu Senhor, ainda que me seja pezado entrar em Oração, disto farei Cruz para o acompanhar; & entrando dentro de minha Alma, o verei acompanhado de dous Ladroens, que tambem levam suas Cruzes. Aqui me pa-

recerà que pondome o Senhor aquelles ſeus olhos cheyos de amor, me diz: Filho, os máos tãbem tem Cruz, & muitos deſtes moſtraõ ao mundo, que me ſeguem, mas com muito grande differença, que eſtes vem comigo para me afrontar, & para ſe perder, ſe alguma rara contriçaõ não faz que ſe lembre delles a minha miſericordia. Os bons vem para me ajudar a levar o pezo da Cruz, que eu reparto com meus amigos. Vè tu agora ſe te convem ſer deſtes, ſe daquelles; & ſe havendo de ter Cruz no mundo, te convem tella para fazer della eſcada para o Ceo, ou para deſcer por ella para o inferno. Olha tambem não te enganes com a tua Cruz, porque em te ſendo pezada, he ſinal que não he boa.

Será o fruto deſta hora, conhecer, que nam baſta ter Cruz, ſe a Cruz não he boa: pois tambem as Cruzes dos Ladroens erão Cruzes, mas não eraõ como às de Chriſto; & para o ſaber, examinarei ſe ma deu o mũdo, ou a culpa, ou ſe a tomo eu. A primeira he Cruz do demonio, a ſegunda de Chriſto; porque niſto ſe declarão as palavras, com que o Senhor quer que a levem: *Tollat*, &c. tomando cada hum Cruz, que ſeja ſua, & não dada por outro; porque tãbem eſta levaſe por força, aquella por vontade.

PRIMA.

TOmando pois a minha Cruz, & ſeguindo a meu Senhor de todo o meu coraçam, o verei cahir muitas vezes laſtimandoſe magoadamente nas pedras duras do meu peito, & levantandoſe logo, ſem parar me diz eſtas palavras: Filho, ſe depois de teres Cruz, & de me ſeguires, cahires, trata de levantarte depreſſa, & de hir adiante, porque ſe aſſim o não fizeres, tornando para tráz, he certo que deixas o caminho do Ceo, & ſe te detiveres muito, chegaràs tarde, & não poderás ſubir ao Monte, onde eu te eſpero nos meus braços. De nenhuma maneira deſconfies, quando cahires; entende que te atrazaſte muito, & que já nam poderàs alcançarme; porque ſe a tua queda for mais fraqueza, que vontade, & mais tropeço, que advertencia, ſabe que te vou eſperando; porque ſei, que ſe tu me amas; neſtas quedas has de cobrar forças, com que cobres mais que o perdido, & com que apreſſes mais o paſſo. E ſe vès, que em mim cahe a natureza com ajudalla a Divindade, porque cuidas que não cahirà em ti a Graça combatida da natureza? Os juſtos cahem muitas vezes, quanto mais os que ſam peccadores? & ha niſto ſó a dif-

ferença, que os bons cahem de inadvertencia, & os perversos por sua malicia. Se desces, que muito he que te humilhes? & se sobes, que muito he que cances? com tudo o que mais te importa, he levantarte, & hir adiante, que aqui estou para darte a mão, & para levarte nos meus hombros, quando não poderem os teus.

Será o fruto desta hora, conhecer, inda que me veja cahir, que o que convem, he não parar; & chegandome ao meu Senhor, que he certo que me espera com sua misericordia, pedirlhe humilde, & amorosamente, que me perdoe minhas culpas, pois sabe a minha fragilidade, & conhece qual sempre fui, pois o que tenho bom, he seu, & só meu, o que em minha mão; porque de outro modo, afastandome da Oração, & da conversaçam do Senhor, he sem duvida que me entrego a meus inimiges, & me ponho delle taõ longe, quanto elle vai para diante, & quanto eu torno para tràz.

## TERÇA.

*Filiæ Jerusalem, nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, & super filios vestros.*

TOrnando aos passos amargosos com que sigo a meu Senhor, me parecerà, que virandose o Senhor para todos os devotos de sua Igreja (que disso he figura Jerusalem) os começa a ensinar, & advertir, que não chorem só porque querem, senam por obrigaçam que era devida.

Considerarei, que bastaõ às vezes duas lagrimas, & qualquer devoçaõ, com que sigamos ao Senhor, para que vire para nós os olhos de misericordia, & nos ensine có as palavras, assim como com as obras, & nos advirta o melhor modo, com que o podemos servir. Aqui veremos tambem como não falla com outros mais que com as filhas de Jerusalem, sendo que (como diz Caietano) muitas outras o acompanhavão, & lamentavam tambem. E a razão he; porque a turba, que pedio que o crucificasse, era indigna de fallarlhe Deos, & às mulheres de Galilea não tocavaõ os ameaços, que Christo fez ás do seu Povo, que havia de ser destruído pelas culpas, que cometia. Isto finalmente vem a ser, que chorassem por seus peccados; porque parece q̃ nam quer o Senhor dar castigos, sem ensinar os meyos de achar sua misericordia, como agradecido àquellas lagrimas, que para o seu amor saõ perolas, se do fundo do amargoso mar da penitencia se tiraõ das conchas do coraçam.

Será

Serà o fruto desta hora, chorar interior, & exteriormente por nossas culpas, & peccados, nam lagrimas, que por compaixam tenhão nos olhos juntamente a sua origem, & o seu fim, mas que naſçaõ do coraçam as raizes amargoſas da contriçam, & da penitencia, onde ellas tem a melhor fonte, & o amor o seu principio; pois por ellas se perdoou a Pedro; por ellas se não soverteo Ninive; por ellas foy Santa a Magdalena; & as mais converſoens das Almas começárão nesta agua myſterioſa, onde se tempérão as armas da Justiça divina, & se forjaõ os rayos de seu divino Amor.

## SEXTA.

ENtrando na Oraçam, me parecerà que vejo o Senhor na meſma figura hirnos continuando os aviſos, quando nos faz ameaços, dizendo, que se nos Tribunaes da terra se fazem estas justiças no Innocente, que se fará no Peccador, quando no dia do Juizo aparecer no Tribunal da divina Justiça.

Aqui conſiderarei, que devo naõ ser como Caifás, a quem dizendo o Senhor, q̃ aſſim o veria no dia do Juizo, nam se perſuadindo que contra elle o podia haver, pelas offenſas que então se lhe repreſentavão feitas a Deos, raſgou os vestidos, & não o c oração, mostrando que lhe nam paſſava a dòr dos vestidos. Por iſſo se nos eſpedaçarãõ as entranhas, vendo a grande conta, que darão neste terrivel dia aquelles, que taõ pouca fazem no mundo da muita que hão de dar em o Juizo, lançando os mais delles tantos temerarios ſobre o viver dos outros homens, & tal vez mais justificados. E aqui farei porque se me repreſente qual serà o fogo do inferno nos madeiros secos da culpa, se na planta verde da Graça se ateou abrazadamente o fogo da maldade humana. Verei tambem como este dia serà tão horrendo, & terrivel o rosto benigno do Senhor, que temendo mais os condenados a sua vista, que os tormentos, pedirãõ aos montes que os cubrão, & aos outeiros que os eſcondaõ, sem q̃ lhes valha então o medo, pois lhes nam val agora o Juizo.

Será o fruto desta hora, a conſideraçam do dia do Juizo, & daquelle aſpecto tremendo, com que ſobre o Throno das nuvens ha de apparecer o Senhor, por cuja cauſa todos os culpados do mundo faremos por eſconder os olhos, & nam lançar os olhos, nem juizos temerarios, nem meternos nas vidas dos outros, julgandonos sempre a nós meſmos nos exames da conſciencia, que devem ser a cada hora, & quando menos cada dia; & cada

hora póde chegar a derradeira; onde o nosso dia do Juizo he o nosso ultimo dia, que nam só poderà ser o de à manhaã, porèm tambem o dia de hoje, daqui a pouco, logo, ou jà, & não convem que vivamos em estado em que nos peze de morrer.

## NOA.

TOrnando a ver o meu Senhor na amargura do meu coraçam, & nos passos da minha Alma, se me representarà aquella Mulher devota, que com huma toalha branca alimpou seu santissimo rosto, cuja figura lastimosa lhe ficou impressa na toalha.

Considerarei, que assim deve fazer a minha memoria, chegandome muito ao Senhor, & limpandolhe seu santissimo rosto com huma purissima intençaõ, onde me fique o seu retrato; envergonhandome muito, de que na lamina de huma Alma se não pinte tão vivamente, & que nem ainda de morta cor pinte como quer o coraçaõ; & entendendo que à falta de pureza, que na brancura se declara tudo o que neste debuxo faltar aos meus sentidos, farei muito por lavar com lagrimas as manchas, que os afearem, esmerandose a consciencia em toda a limpeza de Espirito.

Serà o fruto desta hora, o conhecer quaõ util me he a memoria da Payxaõ de Christo, pois he certo, que esta se naõ imprime senão em almas muito puras, onde jà fica o seu retrato, quando nem por sombras achamos em outro retrato bons pertos; & quando do rosto da culpa só nos parecem bem os longes.

## VESPERAS.

LEvandome a memoria do meu Senhor a ver os passos, que dá na minha Alma, & vendo-o hir taõ magoado, os hombros feridos da Cruz, o corpo cahindo de fraco, os olhos mortos de tristeza, o cabello cheyo de sangue, a boca toda denegrida, a feiçaõ toda demudada, a respiraçaõ afogando-se, os pès cortandose, & trocandose, me chegarei a elle com grande amor, & mágoa do meu coração, & lhe direi: Meu Creador, meu Deos, meu Bem, & meu Senhor, ponde aos meus hombros essa Cruz, descançai aqui nos meus braços, que tempo tendes para os passos, a que meus erros vos obrigaõ; sinta eu tambem o tormento, pois que foy minha a culpa. Reparti comigo essas dores, pois tam benigno, & amoroso me dais vossos merecimentos; nam venha eu aqui só a vervos, venha tambem para aliviarvos; não seja isto só a olhar, seja tambem a sentir; & pare-

parecermeha que me responde.

Filho, todos os meus passos saõ para teu remedio, todos os teus devem ser para meu serviço, & ainda que te pareça que mo fazes em me deter, & ajudandome, nam te convem em que pare em remediarte, nem que tu pares em servirme; importa que te nam detenhas, nem no teu bem, nem no teu mal; de passo has de hir por huma vida que se acaba a cada passo; & assim como os males do mundo se nam devem temer, porque todos sam transitorios, assim os bens se nam devem estimar, pois não saõ permanentes. Não tens grande amor à Cruz, se no meyo das amarguras queres a gloria de meus braços; as suavidades, & os gostos, que assim deseja o teu Espirito, saõ fraquezas do coraçam, que nam atùra os seus rigores; trata agora de padecer, que he o que mais te importa, & nam duvides tanto de ti, nem de mim, que imagines que te hei mister; cuida que me has mister a mim, & que esse amor com que me buscas, esse valor com que te sentes, he só aquillo que me eu meto por dentro do teu coraçam; faze por nam desfalecer, porque ainda não chegastes a subir o que te falta para a morte. Vem, que então quero q̃ me ajudes, & ao menos que naõ desmayes, pois não sobem a estar comigo, senam os que tem muy grande animo; huns coraçoens tamanhos, que nam cabem em todo o mundo, que passem da Terra, & do Ceo, em quem ao menos caiba tudo quanto eu desejo meter nelles, saõ os que eu sómente estimo, para depositar meus thesouros, & para occupar meu amor; agora segueme, conhecendote por inutil, louvandome por misericordioso, amandome por minha bondade, & pedindome o que te convem.

Serà o fruto desta hora, conhecer que toda a vida he hum passo, & se o Senhor sem parar na Encarnaçaõ os deu do Ceo à Terra; no Nascimento, do ventre ao Mundo; na Redempçam, do Horto à Cruz; na consũmaçaõ, da Cruz à morte, não devemos nós de parar detendo nas penas ao Senhor, & detendonos na consolaçaõ; antes preparar as consolaçoens para toda a guerra do Espirito, conhecendo em suas batalhas, que todas, se se vencem, nos dão coroas; que o Senhor se communica ás Almas muy magnanimas.

## COMPLETAS.

PArecermeha, seguindo na Oraçam a meu Deos, que o vejo subir ao Monte Calvario, onde no ultimo passo nam pàra para descançar, senão para mais padecer, pois tirandolhe a

Cruz para o crucificar, arrancandolhe com a tunica a carne que se lhe pegára, não só com o sangue das feridas, mas com hum mar de suor de sangue, depois de a darem aos soldados, onde ao peyor cahio em sorte, o mandáraõ deitar na Cruz, para nella lhe tirar a vida. Consideraréi neste passo o que succede aos perfeitos, a quem o Senhor subio a mayor grào da Oraçaõ, pois nam havendo mais que subir, não pàraõ para descançar, senam para mais padecer; nem chegão à contemplaçaõ, senão para mais sentir; sendo o menos que fazem então, despirse nam só de tudo o que levão do mundo, mas juntamente de sy mesmos, sentindo então a mayor Cruz, atè se lhe acabar a vida, como se vio nos Apostolos, & o testemunhaõ outros Santos.

Serà o fruto desta hora, não desejar chegar ao alto da Oraçaõ, & ao ultimo passo da perfeiçaõ pelo premio que se nos promete, senão por imitar melhor a Christo, desejando padecer por elle, & por todos os máos do mundo, a troco de que a sua bondade tenha misericordia delles, & veja em nòs, que o seguimos, desejando mais a gloria de seu nome, que a nossa Bemaventurança.

():()

*Summa.*

MElhor que tudo isto serà hum vivo movimento de amor de Deos, hir seguindo suas pizadas, & gastar todo o tempo fallandolhe com o coraçam, sem parar nas grandes amarguras q̃ tem os passos deste Mundo, fazendo com grande fervor do Espirito, porque a Alma se não desmaye atè chegar com o Senhor ao Monte, figura do mais alto estado a que se chega nesta vida, pedindolhe, que assim como pela culpa de o crucificar foy Jerusalem assolada, nam ficando pedra sobre pedra; assim permita, que assolando eu, com os auxilios de sua misericordia, toda a Cidade de meus vicios, & o povo de minhas culpas, nam fiquem dellas mais que as memorias para chorar, & as ruinas, nam para as sentir, mas para edificar sobre todas o Templo santo da Oraçào, onde só morem as virtudes, & hum grande desejo de emenda.

***Quem não tiver mais que huma hora, poderà, se quizer, ter a Oração seguinte.***

CUidarei que levantandose a minha Alma do leyto da culpa, pelos passos da penitencia vai buscar o seu Esposo pelas

 ruas;

rũas de ſua memoria, & por toda a parte dos ſentidos, que ſe tem feito Babylonia mais que terra de Jeruſalem; & ouvindo as lagrimas, & os ays com q̃ ſe lamenta o meu amor, q̃ vai pelas minhas entranhas, rũas para elle de amargura, com a Cruz de meus peccados, voltando para ver ſe o ſigo, detendoſe para ver ſe olho, & cahindo para ver ſe o alcanço, deixãdo, ſó por moverme, em ſuas pègadas o ſangue, em ſeus eccos os meus aviſos, & atè em hum lenço o ſeu retrato; o buſco no Monte Calvario, aonde o acho pondo-o na Cruz, & onde ainda as minhas offenſas lhe eſtam tirando as veſtiduras, ao meſmo paſſo em que ſe queixa, que aſſim lhe queira tirar a tunica quem lhe não quer tirar os eſpinhos. Aqui vendo-o banhado em ſangue, cheyo de mágoas, & de afrontas, & de ancias, tormentos, & afflicçoens, me parecerá, que doendoſe a Alma do muito que o magoou a vontade do q̃ o offendeo, & os ſentidos do que o affligio, desfazendo os olhos em lagrimas, os ſentidos em ſuſpiros, o arrebatão aos meus braços, & livrando-o das minhas culpas, que confundidas ſe apartão de mim, fazendolhe leyto do coraçaõ, o deita nelle a minha emenda entre os lançoes da caſtidade; correndo logo as cortinas ao ſegredo do meu amor, me ponho a ſeus pès com mil lagrimas, pedindolhe muitos perdoens, & prometendo eternamente de antes perder a vida, que a Fè, de antes querer a morte, que a culpa, fazendo muito a toda a hora por ver ſe com o fogo do Eſpirito Santo ſe purificaõ minhas maculas, ou ſe com ſuas lavaredas ſe acende, & arde o meu Eſpirito.

# SEXTA FEYRA.

## Crucificado.

## MATINAS.

EM acordando esta hora, entrarei no meu coraçaõ, que me parecerá Monte Calvario, onde a minha Alma he Cruz, em q meus peccados crucificaõ a meu Senhor, pondolhe por pregos nas mãos toda a crueldade das más obras, & por cravos nos pès toda a detença nos máos passos; dandolhe por vinho mirrado a corrupçaõ de minhas palavras, que para o meu Senhor foraõ o peyor fel, & vinagre. Aqui considerarey, que em quanto o crucificáraõ, lhe passáraõ muitas vezes com os pès por cima do rosto, & fazendolhe mil afrontas, a nenhuma mostrou irarse, antes a todas sobmeterse.

Será a minha meditação, não só a paciencia do meu Senhor em tormentos tão insofriveis, mas aquella humildade admiravel, com que debayxo dos pès dos homens, & dos homens mais vís, & baixos, pois erão verdugos, & algozes, se poz o Principe dos Ceos, a Magestade Divina, & o Senhor universal do Mundo. Aqui cuidarei, que olhando para mim, & fallandome com o seu silencio, me diz ao entendimento: Filho, muito, muito à minha custa te ensino, mas se ainda nam acabo comtigo quanto quero, que muito he que faça quanto posso? E ainda que tão cruelmente me ates as mãos para te nam fazer beneficios, quando ellas estão mais prezas com este meu sangue, mais solto a teu remedio, & teu aviso. Olha, & adverte este espectaculo, que para os Anjos he assombro, para os Elementos pasmo, & para teus enganos riso; aprende delle esta humildade, em que ves ao Senhor do Mundo, a Divindade de Deos, nam só aos pès dos peccadores, mas pizada dos mais perversos, feita desprezo das infamias, & zombaría das injurias. E será bem que vendo isto, te prezes de soberanías, altivezas te desvaneção, & honras, & aplausos te dem gosto; tu que es sómente hum pó unido, huma vivente corrup-

corrupçaõ, & hum pouco de lodo animado? Tu cujos antes foraõ nada, cujos agora saõ hum ponto, cujos depois haõ de ser cinza? Tu em fim hum bichinho vil, te queres ensoberbecer, sem vèr que todas as creaturas devem armarse contra ti; por quantas vezes te atreveste contra o teu proprio Creador? Ora, Filho do meu coraçam, tu nam te queiras castigar, pois te procuro advertir, & menos te quero perder, pois vim ao mundo só a salvarte. Envergonhate de que no mundo, onde ha tantos melhores que tu, os queiras envergonhar, & a Deos, mostrando nessa vaidade, que es melhor que eu nesta virtude; pois parece que me reprehendes de que nam sei parecer Deos, & que queres emendar isto com ensinarme a Divindade: esta foy a primeira culpa, & a mayor de todas as outras, que em castigo de sua vangloria fez cahir os Anjos no inferno, por querer erguerse à mayores com a minha Cadeira no Ceo. Nesta Cruz faço hoje a Cadeira para te ensinar as virtudes, se pertendes ser meu Discipulo. O A, B, C, he a humildade, & por isso he o fundamento de toda a sabedoria: se queres por mestre a Lucifer, a soberba he o non plus ultra, donde nam poderàs passar mais que à tua condenaçam, & aos castigos de minha ira.

Será o fruto desta hora, conhecer, que sem humildade ninguem edifica no Mundo, nem funda bem para Deos a casa da Oraçam, & que deve ser verdadeira, & nam de humas falsas humildades, que com rosto de reverencia dão muitas vezes costas a Deos; & vestidas de hipocrisias, se vè que saõ refinada soberba, pois se servem de modestia em quanto as honra a cortesia, & descobrem o que sam, logo que a contrariedade as prova.

## L A U D E S.

*Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.*

TOrnando a pôr os olhos da Alma no meu Senhor posto na Cruz, considerarei a mansidão com que entregandose aos algozes, obedeceo aos Decretos de seu Eterno Pay, sem que no meyo dos tormentos se lhe visse hũa repugnancia, ou se lhe ouvisse hum queixume.

Serà a minha Meditaçaõ neste discurso, ver que obedecer, & queixar nam se compadecem; resignar, & nam consentir, naõ se pódem juntar; & se o Filho de Deos, a mesma innocencia, se sogeita aos castigos da culpa; se o Senhor, o Entendimento Divino, obedece à vontade de seu Eterno Pay, & ainda à vontade dos homens: nós os miseraveis

raveis, & nescios, os que nos sogeitamos à culpa, que razão teremos de não obedecer à razão, de nos não sogeitarmos aos mayores, & de nos não prezarmos de subditos, quando na mesma natureza obedece o Norte a huma pedra, se sogeitão ao Mar os Rios, se humilhaõ ao Leão os brutos, se entregão estes ao Homem, que deve sogeitarse áquelle, em cujas mãos poz Deos o Mundo, & que em fim sendo superiores, representão ao mesmo Deos?

Será o fruto desta hora, exercitar obediencia, não só aos nossos mayores, mas às mais humildes creaturas, em quem està o nosso Deos, a quem servimos, se o servimos, fazendo sempre conta, q̃ elle nos manda nellas, pois isto nos ensina Christo na Cruz, & quem pela Cruz segue a Christo, atè a morte ha de obedecer no que for contra a sua Alma, sogeitandose ainda a Alma, o corpo ao Espirito, a graça á Natureza.

## PRIMA.

REcolhendose os meus sentidos aos interiores de minha Alma, verei como estando o meu Senhor na Cruz, rasgadas as mãos com pregos, aberto o corpo cõ os açoutes, ferida a cabeça cõ os espinhos; atravessada a Alma com as afrontas, cortado o coração com penas, cubertos os olhos com lagrimas, as entranhas despedaçadas cõ magoas, desfigurada a còr do rosto, correndo o sangue das feridas, os pés, & os nervos estirados; estalandolhe todos os ossos, doridas todas as potencias, morrendo todos os sentidos, quãdo mais cresciaõ as ancias, porque se dobravaõ as injurias de Deos, & as offensas dos peccadores, levantando os olhos ao Ceo, com aquella bondade immensa, com aquelle amor entranhavel, disse a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, perdoai a estes, que me offendem, porque não sabem o que fazem. Oh piedade inexplicavel! oh bondade incomprehensivel! se para os que vos offendem, & affligem pedis perdaõ entre os tormentos, que fareis com a penitencia, a quem postrado vos adora? Se os que obstinados vos aggravaõ, achaõ desculpa em vossa queixa, os que vos choram compungidos, que acharáõ na vossa misericordia? Se desprezando vossos beneficios sois propicio com os seus ingratos, rogando vossas benignidades, que sereis com os agradecidos? Se com humas Almas de marmore, se com huns coraçoens de pedra tendes entranhas de Cordeiro; com huma condiçaõ de cera, com huns olhos cheyos de lagrimas, que usaráõ as vossas branduras? Acabadas

estas

estas palavras, ou outras, que de outro modo se sabe dizer melhor com o Espirito:

Serà a Meditaçam a ardentissima caridade, que o Senhor nos ensinou na Cruz, nam só sofrendo, & amando seus inimigos; mas desculpando-os com seu Pay, & pedindo perdaõ para elles: & sendo esta virtude o timbre com que se coroa o edificio espiritual, foy a primeira que exercitou o meu Senhor na Cruz, para mostrarnos, que quẽ se crucifica ao mundo, & o crucifica em sy, ha de ser aos vicios, & não às pessoas; porque de outro modo não levará bẽ a Cruz, nem mostrará que no seu coraçam se derramou o fogo do Espirito Santo. Este he o modo cõ que o Senhor tinha dito, que traria a sy todo o mundo quando se exaltasse na Cruz, attrahindo, & atando a todos com a uniaõ da caridade: quem a tiver, terá a Deos; & ao contrario nada terá de Deos, quem nada tiver de caridade; com esta se encobrem os delictos dos proximos; como Christo nos ensinou; & com esta devemos a toda a hora, os que somos servos de Deos, andar dizendo com as obras, & com o exemplo de Saõ Paulo: Quem nos poderá apartar da caridade do Senhor?

## TERÇA.

Cuidarei a esta hora, que vejo pender da Cruz ao meu Senhor tam nù dos alivios da alma, como dos abrigos do corpo, sem que lhe deixassem seus inimigos, nem aquelles leves reparos, com que se perdoa à modestia, & se cobre a honestidade.

Considerarei que o Senhor nam sofreo o tormento de verse nù, por restituirnos por este modo, ou deste modo ao estado da innocencia, que perdendose com a culpa, se envergonhou da desnudez, & se cobrio com o vestido; mas porque havendo de vello o mundo, a quem em tudo foy exemplo, visse a pobreza nunca vista, com que ao porem-no na Cruz, ao levantarem-no no ar, não levava nada do Mundo, nem queria nada da terra; para ensinarnos, que entam he a Cruz para os Ceos escada, não só quando da terra nos tira, mas quando nos tira tão pobres, que nam levamos mais thesouro que a caridade, a pobreza, & os mais adornos das virtudes, que o Senhor nos mostrou na Cruz.

Será o fruto desta hora, desejar vivermos tão pobres na imitaçam de Christo, que depois de o seguirmos na Cruz, & de sahir do Mundo, naõ queiramos nada delle mais que a Cruz, vi-

vendo

vendo nelle de maneira que estando com os pès no ar para obedecer a Deos, pareça que dos braços da Cruz fazemos azas para voar com as pennas dos Serafins, que tanto seráõ mais leves, quanto menos for o peso que levamos das cousas da terra. E nós, principalmente os Filhos de meu Padre Sam Francisco, devemos lembrarnos das festas da Alma, & do amor, com que encontrádo elle a pobreza muito fermosa, ainda que em trajos desprezíveis, lhe dizia com todo o coraçam, abraçando-a suavemente: Venha embora à minha senhora pobreza.

## SEXTA.

Cuidarei entrando na Oraçam, que o meu Senhor crucificado na minha alma, não só me ensina com as obras, o que hey de fazer por seu amor na Paciencia, & mais virtudes; porèm tambem com as palavras.

Considerarei, que as palavras de Christo não só saõ de fruto que as de suas obras, antes sam verdadeiro fruto da Arvore da Cruz, pois dellas nos faz colher a doutrina, de que nos havemos de aproveitar na tribulaçaõ, mostrando em tudo o que dizemos; que perdoamos aos inimigos, que desejamos meter no Paraiso a todos, que pedimos a Deos que nos naõ desempare, nomeádo por Pay só a Deos, que desejamos padecer por Deos, & que nos pomos nas suas mãos, que tomamos por Máy a Virgem, & que ella nos queira por filhos, ou ao menos por escravos, & que cumprimos nossas palavras, consũmandose nossas obras com abaixar a cabeça a tudo o que for sua vontade, que he sinal mais evidente de lhe entregarmos o nosso Espirito.

Será o fruto desta hora (& será hũ dos mais importantes) conhecer depois de crucificarmos ao Mundo, que devem as nossas palavras dizer com as nossas vidas, & nascer das nossas obras palavras de edificaçaõ, & de espirito, mortificados sem as flores, & sem as folhas das elegancias jactanciosas, com que na pompa da eloquencia florece a discriçaõ humana, fugindo daquelles enfeites, de q̃ fazem gala os juizos, cuja soberba, & ostentação poem no concerto, & no ruido toda a fadiga dos discursos; as palavras hão de ser castas, o modo humilde, as vozes brandas, sahidas do coraçaõ, que se forjem dentro no peito, & se temperem na prudencia, de maneira que sem estrondo, façam o tiro sem sentirse, penetrando dentro nas Almas, & nam ficando nos ouvidos; & sobre tudo palavras que digão com o q̃ se faz, para que não zombem de que não frizem com o q̃ se diz.

NOA.

## NOA.

AQui consideraremos, que vendo padecer o Author da vida, o dia se vestio de noytes, o Sol de trevas, o ar de espantos, a terra de medos, & o Ceo de assombros, abrindose as sepulturas, sahiraõ os mortos a confessar estas maravilhas, quebrandose as pedras, reprehendèraõ a nossa dureza, rasgandose o Véo do Templo, se descobrirão os segredos da Divindade; & só os coraçoens humanos parece que se empederniraõ, pois tão poucos ouve que temessem a Deos, fazendo nelles tam pouco movimento hum tamanho terremoto.

Será a Meditaçam desta hora, quam pouco havemos de querer luzir no mundo, onde se poz tão eclipsado, nam só o Sol material, mas o mesmo Sol de justiça, a cuja vista devem quebrarse coraçoens de pedra, pois se quebraõ as pedras: o coraçam, mostrando que ellas tiveram a razam, que nos faltava, & nós a dureza que nellas se não via; a cuja morte se devem abrir as sepulturas de nossas consciencias, para que resuscitando os mortos da culpa pela confissam dos peccados, não se esconda debaixo da terra o que ha de aparecer em juizo; a cujo horror deve tremer a terra do ser humano, & moverse este pò unido, pois nos penedos insensiveis, nas serras, nos montes, & Elementos fez hum movimento tão grande; a cujo exemplo rasgandose o Véo da molestia, que esconde em nós as virtudes, ha de descobrir santidade, que vista póde dar espanto, & persuadir o mesmo exemplo.

Será o fruto desta hora, sentir hum grande movimento de amor de Deos, a cujos terremotos caya tudo o que edificamos no Mundo, vestindo à Alma pela morte de seu Senhor aquelles lutos de tristeza com que arrastão os coraçoens o seu pezar, & a sua culpa, em cuja pena nos devemos envergonhar muito, de que as pedras sem sentimento, as luzes sem juizo, & os Elementos sem alma, dem mayores sinaes de amor, & mayores mostras de pezar, que hũa alma que tem vontade, & hum juizo, que tem discurso, & que hum sentimento que tem razão.

## VESPERAS.

COnsiderarei, como estando o Senhor na Cruz, a cabeça chea de espinhos, os olhos cheyos de afrontas, lagrimas, & sangue, os ouvidos de blasfemias, o rosto de salivas, & bofetadas, a boca de fel, & vinagre, as barbas, & cabellos santissimos

tissimos de desacatos, & desprezos, & a garganta de cordas, & baraços, os hombros pizados da Cruz, estirados os nervos, os ossos desconjuntados, as mãos abertas, & feridas com tanta crueldade nas quinas dos pregos, & no entalado dos buracos, o corpo todo rasgado com chagas, & os joelhos com quedas, os pès de parte a parte atravessados, as costas abertas de golpes, & todo emfim hum mar de sangue, morto, afeado, & denegrido; não contente a maldade humana, lhe passou o peito com huma lança, querendo passar cõ morte álem da morte. Porèm mostrando o Senhor quanto eram mayores as suas misericordias que as nossas mayores maldades, donde havia de sahir hum diluvio de castigos, sahio hum rio de piedades, & hum mar de Sacramentos, com cujo beneficio cobrou vista o cego, que o tinha ferido, nam só nos olhos do corpo, mas nos do Espirito, de que se seguio, que confessando sua culpa, & a bondade de Deos, nam só alli, mas por todo o mundo veyo fielmente a ser triunfo com a coroa de martyrio.

Serà a Meditação desta hora, ver quam cegos somos todos os que offendemos ao Senhor, pois estando elle morto por nosso amor, & feito em pedaços por salvarnos, sem ver o que fazemos sobre as offensas cometidas, quasi queremos mostrarlhe que hão de sobrevir nossas offensas a suas misericordias, exceder nossas maldades aos extremos da Redempçaõ. Mas o Senhor, como Pay de immensa piedade, nam consentindo esta cegueira, dandonos nos Sacramẽtos vista, desentranha a misericordia do mesmo lugar, em que pudèra tomar a peitos a justiça, & vingandose de nós, ou em deixarnos mais ingratos com o excesso dos beneficios, ou em vernos convencidos com a multidam dos favores, só trate de nos reduzir, para que vejamos a quem chegamos a offender, ainda que para elle sejam lançadas, que nos cheguemos a elle para o ferir sómente: por cuja causa podemos com o outro Santo chamar ditosa a culpa, que acquirio tal remedio.

Será o fruto desta hora, a frequencia do Sacramento da Eucharistia, confessando a cegueira de nossas culpas em muy dorídas confissoens, & naõ chegando a elle para lhe ferir o coraçam às cegas, mas que muito às claras ponhamos a boca naquella fonte de aguas vivas, onde se lavão nossas culpas, & se recream nossas Almas, para que com nova luz de graça, & novo espirito de Deos, possamos tãbem no mundo dizer qual he o nosso Deos, pondo a vida por seu

amor.

amor, pedindolhe ultimamente, que se os cegos, se aquelles que o offendem, tirão do seu peito esta mina, nós q̃ sequiosos buscamos a fonte da graça, não alcancemos menos.

## COMPLETAS.

CUidarei, como Joseph, & Nicodemus tirando as espinhas com que estava o Senhor na Cruz, o descèraõ della, & o puzeraõ nos braços da Virgem, cujo coraçaõ depois de trespassado com a lançada, que deraõ ao Senhor no peito, & com a vista de tudo o que tinha padecido, foy novamente ferido com a vista daquelles cravos, que lhe tiráraõ cheyos de nervos, & de sangue, & com os golpes das martelladas, que para tirallos lhe deram, renovando a dòr com a memoria de que tambem lhe deram para o pregar na Cruz.

Considerarei, que todas as vezes que tiro de mim máos pensamentos, que deixo de fazer màs obras, & de dar máos passos, tiro da Cruz o meu Senhor, & lhe tiro os cravos, & os espinhos, pondo-os nos braços da minha alma, para onde, não só da Cruz, mas dos Ceos, parece que desce o Senhor por me agradecer este serviço, & toda a dòr que tive de sua Payxão.

Será o fruto desta hora, hũa grande dòr de peccados, que tão cruelmẽte tratáraõ a meu Deos, entrando com grande ancia de coraçaõ por toda a ferida a ver as entranhas de seu amor, que parece que todas estas portas me abrio, para que entrasse no seu coraçaõ, dizendo por todas as bocas com que me fallaõ suas chagas, que mais quer que nellas eu me sepulte, & me esconda de sua ira, que nam que lhe dè sepultura no tumulo de pedra, ou em hum coraçam de marmore.

### *Summa.*

MElhor serà a toda a hora estar abraçando na Cruz ao meu Senhor como a Magdalena, ou assistindolhe como a Virgem Santissima, & como S. Joaõ com o coraçaõ de amor, mais que de discurso, sem largar jàmais seus pès, salvo se for para lhe tirar os cravos, & espinhos, como acima fica dito, estando sempre em hum continuo movimento da Alma, com que o abrace o coraçaõ. E ao menos exercitemse nestes dias as virtudes, que na Cruz se aprendem, convem a saber, a Humildade, a Obediencia, a Charidade, a Pobreza, a Modestia, o Fervor, o Desejo dos Sacramentos, & huma perpetua Contriçaõ. E quem contra isto nam cometer nada neste dia, terà verdadeira

Oraçaõ.

Oraçaõ, pois para o exercicio destas virtudes, que se hão de praticar mais com as obras, que com as tençoens, se considerão os Mysterios deste dia.

Quem não tiver mais que hũa hora, poderà, se quizer, cõsiderar q̃ a Alma he Náo, q̃ lutando com as ondas dos vicios, & com o temporal do seculo, naõ póde buscar o porto da salvaçaõ, por haver perdido o Norte da Graça, por ter o Ceo contra sy escuro, cuberto o mar do Mundo das sombras de suas cegueiras, entre cujos bayxos, & riscos, a carne he Serêa, que nos atrahe, o nosso amor proprio, a Rèmorá que nos detem, os gostos enveja dos que nos enganão: & finalmente o demonio, tormenta que nos contrasta. Porèm parecermeha, que quando as vélas da vaidade nos metão no fundo da culpa, quando os chuveiros dos castigos nos ameaçaõ com diluvios, & quando os perigos do mar nos çoçobrão com naufragios, fazendo o meu Deos Piloto, & tomando o leme da Cruz, fazendo recolher as vélas, mandandome trabalhar nas furnas, & compassando toda a Náo, me trocou o medo em esperança, fazendo bonança a tormenta, o naufragio boa viagem, a noyte dia, & a sombra luz: & pondome à vista da terra, de que me fez Memento homo, me fez tomar via direita pelo Mar Vermelho de seu sangue, por onde não só promete que chegue cedo a salvamento, mas que possa na sua Casa gozar perpetua felicidade.

# SABADO.

## No Sepulchro.

## MATINAS.

CUIDAREI como Joseph de Arimathéa, Discipulo occulto do Senhor, depois de pedir o seu Corpo a Pilatos publicamente, & depois de o tirar da Cruz, o levou para o Sepulchro, & antes que o sepultasse, o ungio com preciosissimos unguentos, & o involveo em hum lançol limpo.

Considerarei, que os que occultamente tem Oraçam, nam tem o fervor do Espirito para publicamente buscar a Deos, senão

ſenão depois de cuidar na ſua morte, & Payxão, onde vendo que nos braços de ſua Alma deſcem ao Senhor da Cruz, para fazerlhe altar, ou ſepulchro do coraçam, o trazem no ſeu peito, o enchem de ſuaves unguentos, & iſto he o cheiro das virtudes, & ſuavidade da Oraçaõ, & o apertão ultimamente com lançol da caſtidade.

Será o fruto deſta hora, não ſe nos dar do que diráõ os que não vierem a buſcar a Deos com mayor fervor, vendoſe morto por nòs, afrontado por noſſa cauſa, por noſſo amor crucificado. E emfim conſiderando que fomos o fim de ſuas obras, nos reſolvemos a que todas as noſſas o tenhão por fim, fazendo muito naõ ſó por trazello na Alma como de paſſagem, mas por lhe dar muito de aſſento ao coraçam onde repouſe, pois tambem por nos dar exemplo, por nos dar o Ceo, & a ſy meſmo, ſem querer de nòs outra couſa, moſtrou, que nam teve onde reclinaſſe a cabeça no Mundo, aonde as feras tem ſuas covas, aonde as aves tem ſeus ninhos, & onde não quer mais de nós, que darmoslhe o peito por ninho, & o coraçam por cova, que para elle he leyto ſuaviſſimo, quando hũa grande caſtidade he lançol em que ſe deita, pois naõ ha virtude que mais chegada ande a Deos, nem mais neceſſaria para quem ha de tomar corpo de ſeu Eterno Filho.

## LAUDES.

*Monumentum novum in quo nondum quiſquam poſitus erat.*

CUidarei, como depois de ungirem ao Senhor com precioſos unguentos, & de o involverem em hum lançol puro, o puzerão em hum ſepulchro novo, onde ninguem ſe tinha enterrado.

Conſiderarei, que o ſepulchro he altar do Sacramento, onde ſe encerra o Myſterio da Euchariſtia, & mais principalmente figura de quem ha de chegar ao corpo do Senhor, para fazerlhe altar do coraçaõ: & aſſim deve entender que o Senhor ſe não mete por dentro, ſenão em Almas muito novas pela penitencia; que iſto ſignificam os golpes, com que a pedra eſtava lavrada: ou onde outro a morte não puzeſſe; que iſſo vem a ſer a novidade do Sepulchro, que ſe deu a Chriſto, onde outro ſe não havia poſto. E iſto ſerá quem pela caſtidade o meter no ſeu coraçaõ, ou quem deſpindoſe do homem velho com novo eſpirito de Deos, para fazer hũa nova vida, ſe lhe meta huma Alma nova.

Será o fruto deſta hora, o ex-

exercicio de cõmungar a Christo em Sacramento, ou em Espirito, entendendo que só então se meterá muy por dentro de nòs, quando com o cheiro das virtudes, quando com a suavidade da Oração, com lançol de Castidade ungido, & amortalhando-o em nós, o recebermos com hum tam novo Espirito, que nada do mundo tenha posto em nossa vontade, mais que hum grande desprezo do Mundo, huma grande negaçam de nós mesmos, & huma grande resignaçaõ a quanto for vontade sua. Advertindo tambem, que nam querendo o Senhor em vida ter onde reclinasse a cabeça, na morte (isto he no Sacramento) quiz ter as pompas de hum sepulchro grande; nam por se acomodar ao mundo nos Pyramides, & Mauseolos, que celebrou à antiguidade por memoria das maravilhas humanas, mas porque sendo figura do Altar, onde està o Corpo de Christo, & memoria das maravilhas de Deos, nestas represẽtaçoens de morto lhe fizemos sempre obsequios com as exequias da lembrança, pois estas eraõ as honras, que nòs lhe podiamos fazer.

PRIMA.

*Erat autem in loco ubi crucifixus est Jesus, hortus, & in horto monumentum novum.*

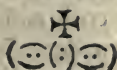
Cuidarei, que nam só o Horto foy o lugar onde começou a Payxaõ do Senhor, mas tambem onde o crucificáraõ, & onde ultimamente o sepultáraõ.

Serà a Meditaçaõ desta hora, ver que a Oraçaõ figurada no Horto (como jà dissemos) he o lugar, & o caminho por onde o Senhor, assim na vida, como na morte nos acompanha; & por isso nòs depois de começar nella à imitaçam de Christo, havemos de fazer muito por acabar a vida nella, & por sepultarmonos nella de maneira, que seja para Deos altar o que para nòs sepulchro: & seja para o mundo exemplo o que para nós descanso; advertindo, que assim como no Horto havia flores, & frutos, mas todos só se acháram dentro no Horto: assim as grandes virtudes, & perfeiçoens se achão todas na Oraçam; mas com huma particularidade, que ella he como o primeiro movel, a cujo movimẽto andão as mais esferas; ou como a roda mayor do Relogio, que ainda que haja nelle muitas outras, nenhuma se

move,

move, sem que a mayor comece. E taõ costumado estará o Senhor a nos dar este bom exemplo, que sobre o costume da vida, atè na morte, & no sepulchro nos mostrou, que nam deve hũa Alma de Deos sahir nunca do bom costume da Oraçam.

Será o fruto desta hora, gostar de maneira da Meditaçam, ou fazermonos a ella tanto, que possamos dizer com David, que amamos muito ao nosso Deos, pois todo o dia he meditaçam nossa; & nisto parece que se obriga a Deos de maneira, que tem por Horto o que he sepulchro, & por flores o que parecem sombras; a cuja sombra vivendo a Alma, deve nam deixar passar os auxilios, & as Divinas inspiraçoens, que a cada hora da Oraçam neste Horto nos vem nascendo em suas flores, inspirando antes desejar com a Esposa alentarse com estas flores, vivendo em sua fragrancia, & fugindo do máo cheiro da culpa; correndonos de ser tão ingratos, que parece que o mesmo Deos anda chorando em nossas Almas, de ver que se perca Bethzaida, com o mesmo com que se salvàra Sidonia.

✠

## TERÇA.

### *In monumento exciso.*

Cuidarei, que o Senhor foy posto em hum Tumulo de pedra, & de huma só pedra.

Será a Meditaçaõ desta hora, entender, que para sermos hũa só cousa no mundo, quer o Senhor, que sejamos sempre huns, & cada qual hũa cousa só. Huns sempre, porque na perseverança mostremos, que sempre somos huns, & que nada do mundo nos fez outros. Saõ inimigos da divisaõ, que por não tella cõ ninguem, com todos pareçamos huns, & nós o sejamos atè nos meter em huma cova, & tão sós, pois nos prezamos de huns, q̃ atè de nós nos apartamos, quando a companhia de nossas inclinaçoens nos faça nam parecer sós huns, fazendo muito por despir o vestido do homem velho, que á semelhança do tempo queria andar ao costume do mundo; & trabalhando mais por vestir o coraçam de pedra, onde immovel ao bem, & ao mal, nem nos leve o vento da vaidade, nem nos mudem as ondas das tribulaçoens, para que esta pedra, que ha de ser Christo, seja de attrahir a todos os meus sentidos, de tocar a todo o bom exemplo, de fundamento ás humildades, & de preço ao

amor de Deos, de quem como pedernal ferido, ou derrame fontes de lagrimas, com que se lavem minhas culpas, ou verta chamas, & faiscas, com que me acenda em seu amor.

Será o fruto desta hora, hũa total deixação de mim mesmo, & huma tão constante deixação, que vasandome totalmente do mundo, me encha de Deos, com tanta perseverança, que sem tornar a ser outro, & prezãdome sempre de hum, para Deos possa ser altar, & para mim solidam, para o mũdo deserto; conhecendo, que só assim poderei ser qual Deos me quer, & que me ha de tirar de o ser, quãto fugir de verme só, quanto me fizer de estar comigo, quanto mais nas companhias do mundo, pois o ser só ainda dentro de mim, he o que me està melhor a mim, fazendo muito por nam ter de mim nada, mais que o nada que fui, & sou, & que serei, se estiver sem o meu Deos.

## SEXTA.

CUidarei, como o meu Senhor quiz que o sepultassem dentro em huma pedra, & para este fim moveo efficazmente a seu Discipulo Joseph.

Será a Meditaçaõ desta hora, que nos nam ha de desconfiar a dureza de coraçam, parecendonos, que nas sequidoens para Deos temos coraçam de pedra, pois por huma só hora, que na Payxaõ de Christo as pedras se quebrárão, por hum dia que no Deserto com a vara de Moysés, figura da sua Cruz, se enternecèrão, deitando de sy fontes de agua, naõ só nas pedras nos deixa sua Ley escrita com sua mão, naõ só fez a pedra, pedra fundamẽtal de sua Igreja, mas fazendose pedra angular, em q̃ todos edificamos, buscou nas pedras seu abrigo, dellas lavrou o seu sepulchro, & destas fez a sua pedra de Ara, para que assim fossem as melhores pedreiras, que achassem nossas petiçoens, quãdo nos parecesse que as pedras se levantarião contra nós, para apedrejar aquella maldade, que tantas vezes as infamou, fazendo-as a nossa culpa pedra de escandalo.

Será o fruto desta hora, exercitandonos nas sequidoens com huma grande constancia, conhecendo que a nossa dureza não nos faz mal quando conhecida, senam quando ignorada, & que se robustamente lavrarmos com a penitencia o aspero de nossa dureza, & o duro de nossa condiçam, pulindo este diamante bruto com os golpes da mágoa, lustrando com perseverança o tosco de nossa rudeza, pondose dentro de nossas Almas, escreverá sua Ley, edificarà sua Igreja, procurarà o sepulchro,

fará a sua pedra de Ara, para que destas, & doutras, que elle mesmo arranca da terra, faça marcos para o seu Reyno, escadas para o seu Paço, & padroens para os seus titulos; tendo por certeza infallivel, que qualquer de nossos coraçoens, por mais de marmore que sejaõ, se for pedra de tocar a Christo, ao menor toque de sua graça ha de verter rios de pranto, com que se fecunde, & regue a terra seca de nossa Alma, passando os torrentes da Graça atè as entranhas da terra.

## N O A.

*Posuit eum in monumento, & advolvit lapidem ad ostium monumenti.*

CUidarei, como pondo Joseph de Arimathèa o Senhor no sepulchro, o escondeo aos olhos do mundo.

Será a minha Meditaçaõ, conhecer que quanto mais serviços fizer a Deos, quando o sentir dentro de mim mais, heyde fazer muito por esconder do mundo o que tenho no coraçam, para que tendo posto huma pedra sobre minha devoçaõ, ao parecer da gente, não possa algũ ar de vaidade entrar dẽtro de meus silencios, & do segredo de minha Alma, fechando com esta cautela a porta por onde póde a presunçam, ou a soberba humana entrar a roubarme o thesouro divino, que sempre se arrisca, se se poem patente á estrada, & ao menos se se tira delle o coraçaõ, se se deixa aos olhos, ou se se lhe não guarda a boca.

Será o fruto desta hora, saber pôr pedra sobre o thesouro de meu coraçam, para que o não furte quem o vir, fazendo muito por esconder o que Deos me der a guardar com o mais que fiar de mim, pois não quer que a ninguem digamos os favores, que lhe devemos; & por mais movimentos que sintamos, convem desmentilos no gosto, no socego, serenidade, que o mais sobre ser desafogo da natureza, & não sobegidão de graça, he sinal que vivemos dentro de nòs por buscar fóra algum aplauso; porque os bons, & de grande animo sabem caber dentro de sy, & guardandose de sy mesmos, nam poem a sua gloria na boca dos homens, mas nos segredos da conciencia, metendo debaixo da terra, & humildade, tudo o que se nos vay pelos ares, se se levanta o pó da terra.

## V E S P E R A S.

VEstindo meus olhos de lagrimas (que estas são o luto dos olhos) o coraçaõ de tristeza (que este he o capuz do coraçaõ) os sentidos de sentimento (que este he o nojo dos sentidos)

tidos ) hey de hir por dentro de minha Alma para o Sepulchro do Senhor; & fazendolhe com a minha ancia o Enterro de meu alivio, a celebrar com o meu pranto as Exequias de meu amor, a repetir com a minha pena os Officios de minha saudade, onde assistindo interiormente a mágoa de minha lembrança, verei, que alli do meu Senhor me não fica mais que o Sepulchro, pois a Alma foy para o Limbo, o Corpo se escondeo na terra, a Tunica leváraõ os Soldados, & o Sangue lhe bebeo o odio, a vida lhe tirou a Cruz, & a Cruz nos tirou o escandalo.

Será a minha Meditação, ver que para estar com o meu Deos, ou para o poder ter comigo, he necessario meterme em hũa cova, fazer casa da sepultura, & não só enterrarme em vida, mas sepultarme dentro em mim, como homem morto para o mundo, sem se me dar de parecer hum adro ao parecer do mundo, em quem nam deve já pôr os olhos, quem poz em Deos o seu sentido; porque se elle, metendose na terra de nossos coraçoẽs, quiz assim estar no coraçam da terra, quem quer sahir tanto de sy? quem tem coraçaõ para deixallo, podendo-o meter no coraçaõ? quando hum bichinho vil da terra nos reprehende com a sua vida, pois para sepultarse em vida, lavra com ella a sepultura; & quando os Justos nos avisaõ, que do ser que tem nesta vida lhe não fica mais que o sepulchro.

Será o fruto desta hora, não só o recato exterior, com que cada qual só com verse com o seu silencio, & solidão, mas o recolhimento interior, com que enterrandose em sy mesmo, & ainda escondendose de sy, falle sempre com o seu Senhor, em qualquer parte onde se ache: ou considere pelo menos aquelles golpes, & feridas, com que lhe tirámos a vida; seguindose desse discurso a dòr das culpas, & peccados, pois morrernos o coraçam com o que se doe destas offensas, cobrirsenos desta nuvem negra, com que a tristeza no lo enluta, he o dò que ha nos coraçoens, & saõ os finaes mais sentidos, que faz por elle nosso amor, quando o pesar nos dobra na Alma.

## COMPLETAS.

CUidarei, como a Virgem Santissima, depois de seguir o Senhor atè o Sepulchro, com Saõ Joaõ, com a Magdalena, & as outras Marias, recolhendose ao seu cantinho, teve aquelle admiravel traspasso, em que por espaço de tres dias, o seu viver foy sentir, o seu dormir foy orar, o seu fallar forão suspiros, o seu silencio, & a sua bebida lagrimas.

Corsi-

Considerarei as grandes virtudes, que traz comsigo o jejum, quando se junta com a Oração, pois não só se sente o que se vive, & se vigia o que se dorme, mas suspirase o q̃ se falla, soluçase o q̃ se come, & chorase o q̃ se vè: acçoens q̃ no sentido mystico incluem virtudes mysteriosas para a perfeiçam de hũa Alma, que não segue estes exercicios, senão depois que tendo a devoçaõ, que se representa nas Marias, a penitencia, que se figura na Magdalena, o amor, que se significa em Saõ Joaõ, & a pureza, que se entende na Virgem, segue com todas o estado da mortificaçaõ, que se declara no Corpo de Christo, quando hia para o Sepulchro.

Será o fruto desta hora, a observancia do Jejum, com mortificaçaõ, & Oraçaõ; & este não só ha de ser o Jejum corporal da Temperança contra a Gula, mas da abstinencia contra os vicios no jejum espiritual; por isso jejuem os olhos, pois por elles, como portas da Alma, nos entrou a morte, & a culpa: jejuem tambem os ouvidos, pois em os dando á voz do seculo, he Serèa que nos encanta: jejue tambem a discriçaõ, pois tudo o que lhe cahe em ar, se lhe levanta em vento; de que se segue vermos no mundo, que todo o mal do entendimento consiste em darlhe o ar, porque esta he a ordinaria enfermidade dos juizos: jejuem todos os sentidos, pois embebẽdose no gosto a q̃ os attrahe o seu engano, nam advertem bem os sabores, com que se adoçam seus venenos: jejuem emfim as Potencias, a Natureza, a Liberdade, pois nos banquetes da Fortuna, nas iguarias do apetite, & nas provas atè do licito, nam só a conciencia se arrisca, naõ só se estraga a virtude, mas ainda o vicio se bemquista.

*Summa.*

A Melhor Oraçaõ, que se poderá ter em este dia, he considerar a cada hora a virtude que se nos encomenda, exercitando-a pontualmente; convem a saber: A Matinas, a Castidade, ou ter á Deos por fim de tudo o que obramos. Nas Laudes, commungar ao Senhor em Sacramento, ou em espirito. Na Prima, costumar o entendimento. Na Terça, dè todo a tudo. Na Sexta, ter em Deos grande confiança. Na Noa, observar a cautela. Nas Vesperas, o recolhimento interior. E finalmente nas Completas, o jejum espiritual, & juntamente corporal: & sermos Bemaventurados, pois assim chama o Rey Profeta a quem medíta no Senhor, naõ só no dia, mas na noyte. Esta fórma, que he a melhor, se guarde em todas as Summas, fazendo muito juntamente por fazer de

nosso coraçaõ hum sepulchro,em q̃ todo o dia arda a cera de nosso coraçaõ em obsequio de nosso Deos. Quem naõ tiver mais que hũa hora, faça, se quizer, a Oraçáo seguinte.

Cuidarei, que o coraçam he pedra, onde vindo o meu Senhor passar a fésta com minha Alma, a quem queria para Esposa : ou abrigarse com o rigor do tempo, atè que as sombras se inclinassem; o acolhimento, que lhe fiz, foy tirarlhe a vida com minhas culpas, & peccados, nam ficando parte em seu corpo, que eu não desunisse com feridas, & não desatára a crueldades; porèm vendo enternecer com seu sangue, nam só as piçarras toscas, mas os marmores duros de meus interiores, arrependido do que fiz, & magoado do que olho, não podendo apartallo ainda, depois da morte, dentro do meu coraçaõ me parecerá que lhe ouço dizer: Filho, deste coraçaõ, que me negaste para leyto, ao menos me faze tumulo, & considera o que te quereria vivendo em ti quem morto não póde apartarse. Essa crueldade tua, que para mim foy morte, não póde deixar de ser meu sepulchro, pois ainda he eça; fazeme estas ultimas honras, pois assim me trataste nas primeiras vistas. Acabandolhe de ouvir isto com grandes desejos de emenda, começáraõ os golpes da penitencia a lavrar este penhasco duro, até que deixandose cortar da mágoa, & amolecer do pranto, faça a sepultura ao Senhor, donde metendo as minhas entranhas com grande pena de minha alma, ella se meterà dentro com elle, desejando sepultarse em vida, & meter os olhos comsigo, para que sepultados nesta cova, & não só nas covas dos olhos, façaõ chorar as suas mininas, em cujas capellas fechadas, se não apagarà o lume dos olhos, atè que se não apague a vista, & se chegue a noyte da morte, sem fazer dẽtro cousa alguma, mais que chorar, & magoarme de ver qual puz a meu Deos, a meu Senhor, & a meu Esposo.

DO-

# DOMINGO.

## Resurreyçaõ de Christo.

## MATINAS.

CUIDAREI, como a Magdalena com outras devotas Mulheres foraõ a manhaã da Resurreyçaõ ao Sepulchro, primeiro que os Apostolos, levando os aromas, que tinham preparado para o Senhor.

A Meditaçam desta hora serà, naõ só quanto devemos madrugar para buscar a Deos, summo bem nosso, mas conhecer quem tiver mayor fragilidade, que isto se figura no sexo feminino; quem se vio nas tribulaçoens da culpa, ou nas adversidades do seculo, que tudo isto se representa na noyte; com mais pressa que os outros escolhidos de Deos, que se entende pelos Apostolos, o devemos buscar, & recorrer a elle com os aromas de hum santo desejo de lhe fazer algum serviço, nam pondo por diante o medo do que nos póde succeder, cuidando q̃ ha quem impida ao Senhor, para que se naõ deixe achar de nós, que isto se entende pelas guardas. Considerando tambem, que se a nossa fragilidade, figurada na primeira mulher do mũdo, foy a primeira que se afastou de Deos pela culpa, agora pela luz da Graça, com que se vão desfazendo as sombras do crespusculo de nossas duvidas, deve ser a principal, & primeira, que se desvele por chegar a Deos.

Será o fruto desta hora, exercitarmonos com grande desvelo em buscar pela Oraçaõ a Deos, deixando por seu amor os abrigos da cama, & o socego do sono, que sempre suppoem preguiça, & mostra descuido em huma Alma, que sem pregar os olhos deve andar sonhando com o seu Deos, por não perder em hum fechar de olhos, hum bem que desaparece a olhos vistos. Porque quem na preguiça do leyto furta a Alma à satisfaçaõ, não furta ao corpo a malicia; & ao Senhor, que se queixa dos nossos descuidos do Agora, Para que, Que farà, do Logo, Para depois? Emfim parece que lhe dà pouco do seu amor, não cor-

rer quem anda muito de vagar.

## LAUDES.

CUidarei, como as Santas Mulheres achárão virada a pedra do Sepulchro.

Será a Meditaçaõ desta hora, considerarmos as maravilhas que faz o Espirito do Senhor onde chega, pois logo sua Alma Santissima se revestio ao corpo no Sepulchro: obedecendolhe o pezo daquelle marmore durissimo, muy levemente se moveo, & totalmente se virou para nos mover a nós com o exemplo de que atè hũa alma de pedra com o pezo grande da culpa se vira de hum para outro estado, em lhe chegando aquelle Espirito; & ainda que sem isto podéra o Senhor sahir do Sepulchro, parece o quiz assim, para mostrar ao Mundo, que onde elle está, sempre succedem maravilhas, & movimentos grandes, para que por elles o louvem, & conheçaõ, que só elle as obra. Se pois huma pedra se vira, logo que lhe chega o Espirito de Deos, que razaõ tem hum coraçaõ humano, a quem tantas vezes em vão chegou o Espirito do Senhor, para naõ dar hũa volta grande, obedecendolhe pelos ares, & publicando suas obras?

Será o fruto desta hora, nam resistirmos ao Espirito do Senhor, & conhecermos, que aos seus impulsos seremos mais duros que as pedras, se com elle nos nam movermos, & de todo nos não virarmos, pois ainque o pezo dos peccados nam carrega muito a conciencia, tudo com a pena que disso podemos ter, se tivermos pesar para o sentir, ficará leve como huma penna, & desta se faràõ as azas, com que subamos em hum dia mais do que devemos em hum anno.

## PRIMA.

CUidarei, que como o Sol quando entra em alguma nuvem, q̃ a deixa mais resplandecente, assim entrou a Alma de Christo no corpo, q̃ estava no Sepulchro, deixando-o não só mais resplandecente que a neve, porèm mais claro, & fermoso que o mesmo Sol; & sendo vista horrenda para as guardas, que lhe tinham feito, foy suavissima visaõ para os olhos da Virgem Mãy, a quem (como affirmaõ muitos Padres) appareceo primeiro que a todos, mostrandolhe naõ só a sua Gloria, mas a de todos, que trouxe do Limbo, & do Purgatorio. Onde he de crer, que todos os Santos lhe dariaõ as graças de ser Medianeira da Redempçaõ, & da Gloria que gozavão na visaõ de Christo.

Aqui nam só considerarei os abraços exteriores, que a Virgem

gem daria ao Senhor, & os que delle receberia; mas hey de meditar interiormente na razaõ que ouve para este favor: pois parece que este se concedeo á Virgem, por haver tres dias, que em huma continuá Oraçam estava vencendo os tormentos, que lhe offendiaõ a memoria, onde via a Imagem de Deos offendida, a Sinagoga condenada, afrõtada a Misericordia, & exasperada a Justiça, alegre a culpa dos perversos, froxa a fè dos Apostolos, Jerusalem ameaçada, & o mais do mundo perdido; & no meyo de tantas ondas (qual penha immovel contra os mares) com viva fé cria a verdade do Senhor, com certa esperança esperava na sua Redempçam, com ardente caridade pedia perdão por todos, offerecendo o sacrificio de suas lagrimas, & angustias do seu jejum, dores, & magoas. Ou poderei meditar na Resurreiçaõ universal, de quem esta foy exemplo, onde o Senhor para confusaõ, & medo dos que se en.endem pela Senhora, pela Magdalena, & Apostolos, virà na carroça das nuvens com grande gloria, & magestade a triũfar dos máos, & dar triunfo aos bons, que vencendo as contrariedades do Mũdo, da Natureza, ou do demonio, firmes se conservaõ em seu amor, a pesar das tribulaçoens, das angustias, & dos tormentos.

Será o fruto desta hora, exercitarmonos na constancia, & igualdade, com que faltandonos as consolaçoens, & cobrando nòs as penas, sequidoens, & adversidades, nos não vençaõ o animo, ainda que nos tirem o alento; que nos nam tirem o Espirito, ainda que nos desmayem o animo: pois he certo, q̃ quem firme se sustentar contra esta guerra da Natureza, nam menos que nos braços de Deos se ha de ver ainda neste mundo; porque assim como à noyte o dia, ao Inverno a Primavera, se seguem á tristeza os gostos, às tribulaçoens as felicidades.

## TERÇA.

Cuidarei, como o Senhor appareceo á Magdalena, mas naõ lhe consentio, que o tocasse.

Será a minha Meditaçaõ, ver os termos com que o Senhor pagou á Magdalena as magoas, & lagrimas, que chorou, a mágoa com que sentio sua morte, & o amor com que o buscou no Sepulchro. Mas sobre tudo considerarei, que nem tudo isto he bastante, que mereçamos por isto ter em nossos braços a Deos, presumindo de nós que o podemos obrigar, & que para elle assim o fazer, o havemos nós de tocar a elle, devendo só desejar, que o Senhor nos toque a nós, pois se nos busca, he

por

por sua misericordia, nam por nossos merecimentos; & se muito o amamos, he por influxo de sua Graça, & não por acçaõ de total sufficiencia.

Será o fruto desta hora, a prudencia espiritual, com que nos havemos de hir à mão no desejo de mais favores, contentandonos com o que Deos nos quer dar, sem querer, porque nos dá muito, governar a sua vontade, ou a sua Omnipotencia, devendo nòs ao contrario ternos por taõ indignos de todo o auxilio, que nos dá, de toda a graça, em que nos poem, de todo o favor, em que nos ergue, que ao mesmo passo que nos vejamos subir por seus beneficios, façamos por nos abater no nosso conhecimẽto, pois isto nos não tira de levantarnos na sua Graça, antes então parece que só o obrigamos, quando, se nos dà favores, os gozamos com humildade; quando, se nos dá tentaçoens, o louvamos com perseverança; & quando, se nos dá males, o bemdizemos com paciencia, conformandonos com a sua vontade em seguirmos o caminho por onde nos leva, & não navegar com mais velas, que as que pedem os sopros do Espirito Sãto, & pequenhez de nosso Navio, & o inchado das ondas do seculo, a quem convem atravessar com cautela, porque o temporal nos não sosobre, sem querer de hũ folego, ou de hũa sangradura chegar á India Espiritual, não nos contentando sem as visoens, & apparecimentos, que hão de ser mais que de desejos das Almas, que estão neste Mundo, pois mais vezes nos cega o Sol do meyo dia, q̃ o que nasce, ou o que se poem: isto he o que mais nos arrisca o estado mais alto em que subimos, que a quelle em que começamos humildes, ou acabamos mortificados.

## SEXTA.

Cuidarei, como o Senhor se fez encontradisso com os Apostolos, que hião para Emaùs mostrandose em traje de peregrino: Como fingio que hia para mais longe, para que lhe rogassem que ficasse com elles: Como comendo com elles o conhecéraõ no partir do pão, abrindoselhe os olhos da Alma: Como logo lhes desapareceo: Como depois lhes tornou a apparecer, dandolhes paz.

Será a Meditaçaõ desta hora, ver como o Senhor se não aparta dos que vè tristes por sua causa, & como vendo-os tibios, & froxos, se chega a elles para os confortar. Considerarei, que esta froxidão he quem nos cega os olhos á razão; porque até o Senhor anda em nossa companhia, & o tenhamos por estrangeiro: por cuja causa fingindo as suas

entranhas de misericordia, que nos quer deixar (que estes saõ os fingimentos) nos dá a entender, que se quer pôr muito longe de nòs, por se mostrar tão frio na presença comnosco, como nòs entremos no Espirito; sendo tanto ao contrario, que só faz isto a fim de que o roguemos, & lhe peçamos, q̃ nos nam desempare; pois he certo, que em elle querendo hir, vem sobre nòs a noyte das adversidades, mostrãdo qualquer demonstraçaõ de amor, para que nam se aparte de nòs, persuadindonos a que comamos, isto he, que nos cheguemos ao Sacramento. E buscando-o, elle abre os olhos d' Alma, & distribue entre os seus escolhidos o Pão Sacramentado, com a virtude do qual se aparta de nòs o impedimento, com que os olhos do Espirito o desconhecem: & conhecemos, que para tudo o q̃ convem saber de Deos, só elle nos abre os olhos, & logo nos desaparece para exercitarnos a Fé, ou mostrarnos os dotes dos Bemaventurados na agilidade, & sutileza. E depois tornou a apparecer, dando paz a seus Discipulos: para ensinarlhes quanto amava a paz; & que só os que fossem pacificos, serião Discipulos, & serião Bemaventurados.

Será o fruto desta hora, o grande fervor que inflame nossas Almas, & as nossas froxidoens, para que não desconheçamos os favores, que Deos nos faz, arriscandonos com elles a que o Senhor nos deixe: Ou huma continua petiçaõ de que nos nam desempare: Ou hũa grande fè com que o vejamos com o Espirito; pois só o vè resuscitado quem medita na sua Gloria: Ou grande desejo de paz interior, que he a cousa que Deos mais ama; pois ao nascer publicou paz aos homens, em quanto viveo a deu a toda a casa, onde entrou; & quando morreo, fez paz entre o Ceo, & a terra, fazendonos amigos de Deos, de quem eramos inimigos.

## NOA.

Cuidarei, como o Senhor appareceo terceira vez aos Discipulos nas prayas do Mar de Tiberiades, onde elles toda a noyte não podèraõ tomar peixe algum; mas em fazendo elles o que o Senhor lhes ensinou, que foy lançar as redes para a mão direita, foy tanto o peixe que tirárão, que enchéraõ os barcos, & as redes.

Aqui considerarei, que neste Mar se figurava o Mundo, & nos peixes os homens, nas redes a Prègaçaõ, nos Discipulos os Prègadores; os quaes trabalhando, isto he, o tẽpo errado de sua presunçaõ, na parte da mão esquerda, isto he, entre os reprobos, & precitos; ou nos erros de sua Igreja, não podèraõ colher nenhũ

fruto

fruto de suas vãas fadigas; mas pôdo os olhos em Deos, q̃ das prayas da Eternidade os ensina com seus avisos, & os avisa com seus exemplos, metendo as redes da Prègaçaõ, confiados em a palavra de Deos, para a mão direita, isto he, o caminho da verdade, ou as Almas dos escolhidos, ou o exemplo com que prègaõ, nam sô enchérão as redes, & com ellas as esperanças, mas todo o Navio da Igreja, de muitos, & muy grandes Santos, que trouxèrão da Igreja para o Ceo; que isto he, do navio para a praya, aonde o Senhor os esperava, para se recrear com elles nos banquetes da Eterna Gloria.

Será o fruto desta hora, exercitarnos na recta intençaõ, com que devemos dirigir a Deos nossas obras, & não alguma nescia vaidade, com que no mar do Mundo não colhamos mais que vento nas redes de nossas esperanças; acabando de entender, que o nam fazermos muito fruto, nasce de naõ inclinarmos para boa parte as nossas obras; onde, como falta Deos, tudo nos falta, porque tudo he noyte que nos cega, & erro que nos engana; atè que desenganados disto, logo que ponhamos os olhos em Deos, obedecendo a seus mandados, & guiandonos por seus conselhos, conheçamos à vista de seus influxos, & por experiencia de seus beneficios, que somos servos sem proveito, que com elle fazemos tudo, & sem elle nam obramos nada.

## VESPERAS.

Cuidarei, como o Senhor levando ao Monte Olivete os Discipulos, a Magdalena, & sua Mãy Santissima, depois de despedirse de todos com suavissimos abraços, pondo os pès sobre huma pedra, onde ficáraõ impressas suas pègadas, subio aos Ceos, que abrindose cheyos de luz, & claridade, com admiravel triunfo, com sonóras consonancias, com suavissimas melodías, o recebérão sobre o Throno das nuvens, & sobre os Córos dos Serafins, entre exercitos de Anjos, & de Espiritos Bemaventurados, que o cercárão, & levàraõ por toda a parte, enchendo o ar de alegria, o Ceo de festa, a terra de maravilha, atè que sendo recebido nos braços do Eterno Padre, se sentou á sua mão direita, onde repartindo tambem os assentos eternos pelos Santos, que levou comsigo, forão gloriosamente occupadas muitas daquellas cadeiras, que perdèraõ por ingratos, & soberbos os Espiritos condenados.

Aqui me parecerá, que achãdome com a Virgem Santissima, & com os Apostolos, estou com elles absorto, & arrebatado, contemplando a grande gloria de Deos, a grande

Bem-

Bemaventurãça daquelles Espiritos, a fermosura da Patria Celestial, a claridade, o resplandor, que nenhuma noyte escurece, & que o dia eterno allumea, onde hindoseme pelos ares o Espirito, & o coraçam em seguimento do meu Deos, gastarei a hora, enlevandome naquelle Oceano de glorias, naquelle pégo de delicias, naquelle mar de Bemaventuranças.

Será o fruto desta hora, exercitarme o mais do tempo naquelle pasmo Celestial, naquella admiraçam suavissima, que ande como embebido na contemplaçam da gloria, na superior Jerusalem, feito Cidadão dos Ceos, pela conversam do Espirito, que toda deve ser nos Ceos; se he que o buscamos como Patria, termos ao Mundo por deserto, & a Deos por Pay, & aos Anjos por amigos; sabendo, que nam só he favor do Espirito Santo o cuidar na Gloria, mas final grande de Predestinado, principio de Contemplativo, & prova de andar na presença de Deos, & esquecido do Mundo.

## COMPLETAS.

Cuidarei, como estando no Cenaculo os Discipulos com a Virgem Santissima, preparados já de muitos dias na Oraçam, & no Jejum, & tam unidos de amor de proximos, pois todos no mesmo lugar cabiam com igualdade, & sem preferencias, nam querendo a Virgem mayor lugar, por ser Máy de Deos, nem Saõ Pedro, por ser Cabeça dos Apostolos, nem o Evangelista, por ser Valido do Senhor, nem Santiago, por ser seu Parente, mas antes fazendose todos bom lugar, com que pela uniam nenhum queria ter mais que o mesmo, desceo sobre elles o Espirito Santo, derramandose em linguas de fogo sobre suas cabeças. Com cujos Divinos incendios, cheyos de celestial sciencia, & de chamas Espirituaes, pelo annunciár suas maravilhas, a ensinar sua Fè, & a communicar os thesouros do Ceo, desejando que por toda a terra se ateassem as Celestes chamas.

Aqui meditarei, como só no Cenaculo, figura do Altar do Sacramento, parece que recebem o Divino Espirito Santo, os que com ardentes suspiros, & com Oraçam pura o esperáraõ; exercitandose nam só no amór de Deos com a elevaçam da mẽte, mas na charidade do proximo, & no amor da fraternidade, com que todos cabiam em hum lugár, & mostravam só huma fé, huma esperança, & hũs espiritos, sem se lhes dar das authoridades do Seculo, & das preferencias do Mundo; onde por não perdermos a superioridade, & preferirmos a todos, vimos a per-

perder tudo o que Deos nos dá pelo desprezo, perdendo tambem a todos a quem desestimamos pela soberanía, por cuja causa parece mentira, & he engano tudo que nos temos por servos de Deos, por contradizermos com as obras, o que affirmamos com as palavras, que são ar, devendo ser fogo, que he figura do amor de Deos, por quem devemos obrar tudo, amando em Deos a todos, por Deos, & para Deos; pois só então receberemos aquelle fogo do Divino Espirito, com q̃ correndo pelo Mundo a acender o genero humano, nem o Sol nos possa offender, nem a neve esfriar, nem os mares impedir, nem as angustias, nem os gostos, nem as honras, nem as injurias, nem a morte, nem a vida, que isto vem a significar dar o Senhor o seu Espirito em linguas de fogo, & nam polo nas bocas dos Apostolos, senão sobre suas cabeças; mostrando, que o amor de Deos nam havia de estar na boca, onde só ha palavras, mas na cabeça, onde o entendimento falla, a Vontade obra, & a Memoria conserva.

Será o fruto desta hora, aquella chave com que se fecha, & guarda em duas palavras pontualmente a Ley de Deos, isto he, o amor de Deos, & do proximo; para quem nam havemos de querer menos, que para nós, amãdo a todos como a nòs mesmos, & a Deos sobre tudo; fazendo neste modo por não receber em vazio o Espirito do Senhor, por ter entendimento na cabeça, & nam em a lingua, pondo na cabeça seus beneficios, & dentro nalma seu Espirito, com que naõ só se escreva sua Ley em nossos coraçoens, mas fazendo escrevella no livro de todo o Universo com rubricas de sangue, com chamas de fogo, & movimento d' Alma, naquelles impulsos vehementes, com que a sua vontade seja o nosso gosto, a sua Gloria o nosso fim.

## *Summa.*

O Melhor de tudo será, todo o dia, ou ao menos toda a hora, conforme o exercicio de cada hum, exercitar o desvelo, com que o devemos servir, a conformidade com que sem resistencia nos devemos entregar nas suas mãos, a constancia com que nos havemos de pôr a todas as tribulaçoens, na prudencia com que nos havemos de medir, com a que elle quer na Fè que devemos guardarlhe, & na paz que devemos ter, na intençam com que o obrigamos, na contemplaçam com que ainda he Ceo no amor do proximo, & de Deos, que ainda em sy he Gloria.

Se nam tiver mais que huma hora, cuidarei, que minha Alma

ma he Ceo, onde a Vontade he Serafim, que se occupa em amar a Deos; o Entendimento Cherubim, que nelle se está admirando; a Memoria Throno, que sempre lhe está assistindo; os Sentidos Anjos, que sempre lhe estão ministrando; as entranhas, & o coraçam Santos, que sempre o estão louvando; & considerando a pureza, com que os Anjos estam no Ceo; a fermosura do Ceo, a Gloria da Bemaventurança, onde os Celestes Espiritos se estam revendo no meu Deos; vendo que elle me fez Ceo este dia, em que quiz vir estar comigo, farei por viver como se o fora, por servillo como se fora Anjo, por amállo como Serafim, por assistirlhe como Throno, por louvallo como Cherubim, andando todo o dia passando dentro de mim mesmo naquella altissima presença, esforçandome a toda a hora por fazer o que diz São Paulo: Sendo a nossa conversaçam toda no Ceo, em Deos, & em sua Máy Santissima, em os Anjos com os Santos entre aquelles jardins suavissimos, naquelles suavissimos, & celestiaes Paços, onde o Senhor do Mundo assiste, onde toda a Gloria se acha, & onde dentro de nòs mesmos podemos ter os Ceos abertos, se fechando nòs para o Mundo os olhos da Fè, olharmos com a vista da Alma aquella luz, & claridade incomparavel, & infinita; se imitādo aos Ceos nossas Almas, nem tem por dentro desta luz nuvens de erros, que os encubram, máchas de culpas, que os afeem, sombras de offensa, q̃ os eclipse.

# Fim da Semana.

# QUEM NAM PODER TER ORAçam, faça ao menos por guardar a Virtude, que a cada hora se encomenda.

### *Segunda feira. O Senhor no Horto.*

Matinas. Conhecimento de nossa vocaçaõ, ou amor da solidaõ.
Laudes. Memoria de nossas culpas.
Prima. Vigilancia para nam cahir.
Terça. Fortaleza para não desmayar.
Sexta. Resignaçaõ na vontade de Deos.
Noa. Esperança nas tribulaçoens.
Vesperas. Amor de Deos por sua Bondade.
Completas. Odio aos vicios por sua maldade.

### *Terça feyra. O Senhor atado à Coluna.*

Matinas. A Honestidade.
Laudes. Brandura de coraçam.
Prima. Desengano da vaidade humana.
Terça. Cuidado da honra de Deos.
Sexta. Perpetua memoria de Deos.
Noa. Temor de Deos.
Vesperas. Amor á Oraçaõ.
Completas. Fervor na Oraçaõ.

### *Quarta feyra. O Ecce Homo.*

Matinas. A mortificaçaõ.
Laudes. Saber examinar a Cruz, se he boa, se má.
Prima. A Perseverança.
Terça. Lagrimas d' Alma, & do corpo.
Sexta. Memoria do Juizo.
Noa. Memoria da Payxaõ.
Vesperas. Memoria da Morte.
Completas. Desejo da perfeiçaõ.

*Quinta*

### *Quinta feyra. O Senhor com a Cruz ás costas.*

Matinas. O Desejo da Cruz.
Laudes. Mudança da vida.
Prima. Mansidão do Espirito.
Terça. Agradecimento a Deos.
Sexta. Desprezo do Mundo.
Noa. Considerar em Deos.
Vesperas. Valor espiritual.
Completas. Accusação de nòs mesmos.

### *Sesta feira. O Senhor crucificado.*

Matinas. A Humildade.
Laudes. A Obediencia.
Prima. A Charidade.
Terça. A altissima Pobreza.
Sexta. A modestia nas palavras.
Noa. Movimento de Amor.
Vesperas. Desejos dos Sacramentos.
Completas. Contriçaõ.

### *Sabbado. O Senhor no Sepulchro.*

Matinas. A Castidade.
Laudes. Communhão real, ou em Espirito.
Prima. Amor de Deos.
Terça. Deixação de nòs mesmos.
Sexta. Confiança em Deos.
Noa. Cautela contra o demonio.
Vesperas. Recolhimento interior.
Completas. Jejum do Espirito, & do corpo.

### *Domingo. O Senhor resuscitado.*

Matinas. O desvelo no Amor de Deos.
Laudes. Não resistir a Deos.
Prima. Constancia nas adversidades do Espirito.
Terça. Prudencia espiritual.

Sexta. A paz do Espirito.
Noa. A recta intençaõ.
Vesperas. A contemplacaõ da Gloria.
Completas. Fogo do Amor de Deos, & do proximo.

---

## *Quem disto se nam agradar, póde, se quizer, ter estoutra Meditaçam.*

A' *Segunda feyra.* Meditará no Senhor como amigo; & bastarà, que no seu coraçam ande dizendo todo o dia, & toda a hora, ou qualquer tempo: *Meu Deos, & meu Amigo.* Se tiver tempo de cuidar, cuide quam amigo foy nosso, pois chegou a pôr por nós a vida: pois nos falla no coraçam como hum amigo a seu amigo: pois se fez humano por nós, & se poz por nós em huma Cruz, naõ perdoando aos Anjos máos: pois nos convida aos Ceos, & nos veyo a livrar do inferno; & se dá a sy mesmo no Sacramento: & tantas outras cousas mais, que ensinarà melhor o Espirito.

*A' Terça feyra.* Se meditarà no Senhor, como Hospede de nossas Almas; onde parece que quer morar mais que nos mesmos Ceos, sendo a casa, em que o recebemos, taõ vil, taõ pobre, humilde, & baixa, que faz pasmarnos, na bondade com que se move a estar comnosco em huma cabana de palhinhas, & chea de lodo, & de immundicias, indigna de sua presença. Quem nam quer meditar nisto, bastará que no seu coraçam ande dizendo a toda a hora: *Hospede de meu coraçam, enriqueceime esta casinha, pois sois Senhor de todo o Mundo.* E se tiver tempo, cuide como foy nosso Hospede na Encarnaçaõ, no Presepio, no Templo, na Cruz, no Sepulchro, & no Sacramento: & o mais que ensinar o Espirito.

*A' Quarta feyra.* Se meditará no Senhor como Rey; & bastará, que a toda a hora se lhe repita dentro n' Alma: *Meu Rey, meu Deos, & meu Senhor, fazeime merces à minha Alma, pois sois meu Rey, & meu bem todo.* Se ouver tempo de considerar, veremos como reynou na Cruz, pois o seu Throno foy a Cruz, o seu Reyno a mortificaçaõ, sem a qual ninguem subirá a verse nos Reynos dos Ceos: peçamoslhe aqui muitas vezes, que venha a nós o seu Reyno, & que nos faça amar a Cruz, para que sempre reyne em nós, & se faça a sua vontade.

*A' Quinta feyra.* Se meditará no Senhor como Esposo; & bastará, que a todo o tempo lhe ande dizendo o coraçaõ: *Meu Deos, Esposo*

*so de minha Alma, trazeime sempre atraz de vòs, ou meteivos dentro de mim, & daime aquellas vestiduras, com que as Esposas vos recebem.* Se ouver tempo de meditar, cuidarà de quantos modos se desposa o Senhor comnosco na Natureza, & na Graça, no Espirito, & nos Sacramentos. Cuidarseha quanto importa naõ se extinguirem as alampadas, nem sermos como as Virgens loucas, mas ver quanto nos aproveita ser como a Esposa dos Cantares, que o buscava por toda a parte, & lhe perguntava amorosa, onde passava ao meyo dia.

*A' Sesta feyra.* Se meditará no Senhor como Mestre, que desde a Cruz nos ensina, quam nùs das cousas deste mundo, & quam fóra hão de estar da terra os que da Cruz fazem escada para subir ao Ceo, & aprender a sua doutrina, & seguir a sua vontade. Quem naõ puder considerar, bastará que lhe diga na Alma: *Meu Deos, meu Mestre, & meu Bem todo, se vòs me quizerdes fazer vosso verdadeiro Discipulo, he certo, que sò vòs podeis.* Se tiver Meditaçam, considere como sempre foy nosso Mestre, & nosso exemplo, na pobreza com que nasceo, na verdade com que ensinou, na charidade que mostrou, nas virtudes que exercitou, & na obediencia com que morreo.

*Ao Sabbado.* Se meditará no Senhor como Pay; & bastará que a toda a hora lhe ande dizendo nosso Espirito: *Meu Deos, meu Pay, meu Bem todo, não seja escravo do demonio, quem vòs fizestes vosso Filho.* Se ouver tempo, meditarseha com a memoria nos Ceos, que elle nos diz, que he a nossa herança; & fazermos por nam perder o morgado da Gloria pelos bens falsos da terra; por nam morar no mundo com os sentidos, pois temos nos Ceos ao nosso Pay, pois a nossa Patria he o Ceo, & nosso desterro este Mundo.

*Ao Domingo.* Se meditará em Deos como Senhor, que podendo só com os Anjos, com os Santos, & Serafins servirse ainda neste mundo, se quer servir com peccadores tam vìs, & baixos pela culpa. Se naõ tiver tempo, ou nam o ouver para cuidar, bastará que sempre se diga: *Meu Deos, meu Bem, & meu Senhor, indigno sou eu de servirvos, pois os que vos servem saõ Santos; mas se vòs quizerdes, meu Deos, sò vòs me podeis fazer hum muito grande servo vosso.* Se puder considerar, meditaremos a Grandeza, o Imperio, a Magestade, & os mais supremos attributos de hum Deos, que he Senhor universal, nam só da terra, mas dos Ceos, dos Elementos, & creaturas, & de tudo o mais que ha no Mundo; & admirandonos sempre nelle, estando suspensos, & parados, veremos que favor nos faz em se querer servir de nòs.

*E sobre tudo, encomendo muito, que em qualquer destes exercicios, figura, ou representaçam, oremos pelo Padre Nosso, pois (como ensina o mesmo Christo, o meu Padre Sam Francisco, Santa Theresa, Santa Coleta, & outros muitos Santos, & Mestres desta Espiritual Sciencia) tudo se acha no Padre Nosso, & tudo por elle se alcança; ainda que este se não reza na fórma que aqui se escreve, colhaõ-se delle as perfeiçoens com que se deve rezar; que este he o fim a que se ordena toda esta copia de escritura deste Papel; de que o Padre Nosso será melhor, se se obrar como se diz.*

# A ADMIRAVEL ORAÇAM DO PADRE NOSSO, MEDITADA, E ILLUSTRADA pelo Veneravel Padre Fr. ANTONIO DAS CHAGAS, Da Ordem Seraphica, & Missionario Apostolico.

## *Padre Nosso.*

UE antes de eu ser, & antes dos seculos hũa Eternidade me amastes; pois nam sendo eu cousa alguma, mais que huma cousa a vós possivel, ab æterno me estaveis vendo, para me estar sempre obrigando. Criastes a machina do Mundo, o Ceo para Patria dos homens; para peregrinaçaõ a Terra: onde pendome de antemão tantos grandes Entendimentos, que me servissem para guia; para exemplo tantas virtudes; tantos bens para obrigação; & tantos males para aviso; sem interesse algum vosso, sem merecimento algum meu me tirastes dos abismos do nada, donde podereis tirar outras tantas creaturas possiveis á vossa Omnipotencia, que muito melhor vos serviraõ. Ou podendome fazer hum tronco bruto, hũ bruto, hum barbaro, hum Herege, hum Mouro, hum Turco, ou hum demonio, me fizestes á vossa imagem, me criastes na vossa Igreja, regenerado no Bautismo, redemido com vosso Sangue.

Apenas comecei a ter vida, quando podendo vós tirarma, por ver quam mal havia de empregalla, ma conservastes com o Ceo, & a terra, dandome Anjos que me guardassem, homens, que me favorecessem, & elementos que me servissem. E correndo eu desde a meninice ás mais cegas profanidades, gastando o mais da mocidade em precipicios, & cegueiras; pondo (como se nam ouvera Deos, Inferno, Ceo, Juizo, & Morte) a honra aos estragos do Mundo, a vida aos riscos da morte, & a alma aos perigos do inferno.

Por vossa bondade, meu Deos, meu Rey, meu Pay, & meu Senhor, tantas vezes me haveis livrado das afrontas, & dos castigos, que outros com menos razão experimentão: dos perigos, infortunios, & da morte, que outros sentem com menos causa: & dos infernos, que eternamente outros chorão com menos culpa, & chorarão; nam contente vossa piedade com tantos supremos beneficios, quando os nòs cegos do deleyte eram laços da liberdade: quando detido destas Rémoras dava á vaidade o cuidado: quando arrastado deste affecto dava aos enganos o discurso, então mostrastes vós em mim, que me quereis para vós.

Oh Deos immenso, & soberano! Oh Pay amigo, & Senhor meu, que sendo eu, qual sempre fui, que he o peyor que póde ser, quizestes vós que ainda no Mundo mostrasse, que era cousa vossa! Esquecido, meu Creador, de mil offensas, que vos fiz, chegou a vossa misericordia a tocarme de vossa Graça, chamandome à vossa casa com aquelle amor, que me tendes. Sois todo o meu amor, sois hoje toda a minha gloria. E mostrandome sempre em tudo, que ereis todas as minhas cousas, sois hoje Mestre que me ensina, sois a Verdade que me guia, sois o Pay, que me perdoa.

Ensinoume a vossa piedade, enchèrãome os vossos favores; & arrancandome de dentro da alma aquellas raizes ultimas, & tirandome do coraçaõ aquelles ultimos retratos, fizestes, com que cahissem os Idolos, que a cegueira tinha adorado; & que se rompessem os laços, que a maldade tinha tecido. Depois disto, meu Creador:

## *Que estás nos Ceos.*

ELevandome o Entendimẽto em vossa grande fermosura, de quem os Ceos, & as fermosuras, de quem as flores, & as Estrellas, sam breves sombras, & bosquejos: de cuja immensa Omnipotencia todo este Mundo he pouca copia: & emfim, de cujas maravilhas não ha pin-

pintura, nem retrato, me fizestes tam altamẽte fallarvos com o coraçaõ, ou assistirvos com o espirito nesse trono de Magestade, onde os Anjos vos adorão, os Serafins em vòs se abrazão, & os Cherubins em vós se admirão: onde com o Sol sem eclipse fazeis dos Ceos o dia eterno: onde sẽpre presente a todos, sois delles Bemaventurança, & de todo o Mundo fermosura: onde na praya deleytosa da dilatada Eternidade, aos que escapão do mar da culpa, naõ só sois porto, mas abrigo, não só refugio, mas descanso.

Em cujos campos revestidos da sempre verde amenidade, nam tem o Inverno jurisdiçam, nem movimento as Primaveras: em cujas doces suavidades prezo o juizo, & o discurso, tudo para a alma he melodía, & para o espirito socego: onde elevados os sentidos em humas bellezas nunca vistas, em huma armonia incomparavel, em huns gostos sempre soberanos, em hũs cheiros nam imaginados, em humas glorias já mais sabídas, suavemente se arrebatão, & quietamente se suspendem.

Aqui parece, meu Senhor, que ao coraçaõ me estais dizendo: Homem cego, pois me não olhas: Servo infiel, pois me não serves: Ingrato filho, pois me foges: Sempre mudo, pois me não fallas: Surdo sempre, pois não me escutas: se este he o centro, & o lugar, onde os Justos hão de viver, se esta a Cidade, se este o Reyno, onde os bons me hão de assistir, porque nam vives com o espirito, onde nam pódes com os olhos? Porque nam vens com os suspiros, onde com a vista nam pódes? Se naceste para salvarte, se he o teu fim a Vida Eterna, & se te prezas de meu filho, onde occupas o sentido? onde perdes o desejo? & aonde trazes o cuidado? Vás mendigando pelo Mundo, tendo este Reyno por herança? Estimas titulos da terra, podendo ter de hum Ceo a posse? Corres aos gostos vãos do seculo, & desprezas a Eterna Gloria? Buscas os bens da terra, & os moveis do Mundo, tendo nos Ceos o teu morgado? Não dizem bem taes pensamentos, com quem se quer chamar meu filho.

Divinos hão de ser os cuidados, de quem me estima por seu Pay. Se pois sempre te estou chamando, como sempre me vás fugindo? Se te estou sempre acariciando, porque me estás sempre offendendo? Se são minhas inspiraçoens muda doutrina de tua alma, porque com esta tua obstinaçam fazes hoje emenda da profia, para te deteres no Mundo? Hum risco torpe ha de ser risco para naõ vires aos meus olhos? Hum cego engano he interdito, para não chegares

res aos meus braços? Hum gosto vão, & encantamento nessas baixas profanidades? Gostosamente te embaraças? Eternamente te confundes? Tu es o altivo de cuidados? Tu quem tem nobres pensamentos? E tu o de grandes espiritos? Como pois sofres, que te arrastem essas Rémoras da torpeza? Como consentes, que te pizem essas escravidoens da culpa? Como não, se assim to digo, olhas, & nam vès qual será a Corte de Deos, se assim te elevas nas dos homens? Se na via dos peregrinos te agrada tanto a estrada do Mũdo, que fará na Patria dos Anjos, & lugar dos Bemaventúrados? Se lá no estado do seculo julgas taes os Palacios da culpa, no circulo da Eternidade quaes seràõ os premios da Gloria? Se no que dei para morada de mil reprobos, & precitos, achas taes gostos, & deleytes, no que escolhi para Palacio de meu poder, & Magestade, quaes te parece seràõ as suavidades, & delicias?

Como pois sendo filho meu, queres ser escravo do demonio? Como só por servillo a elle, te poens, & tomas armas contra mim? Que mal te fiz, pois te criei? Em que te offendo, se te amo? Em que te aggravo, se te sofro? Tão pezada he a minha Cruz, que o mesmo Christo a não levasse? Tam insofrivel o meu jugo, que outros muitos o não trouxessem? E tão aspero este caminho, que muitos mil o não seguissem? Como has de vir ao Ceo, se não veyo Christo sem ella? Como sem jugo a meu rebanho, se quem o engeita, naõ he meu? E como á Gloria sem caminho, se quem o deixa vai ao inferno?

Pois convertete, filho meu, que se chorando tua culpa me pedires misericordia, se doendote de aggravarme, me buscares de coraçaõ, aqui com os braços abertos acharás a minha piedade, & aqui com os olhos cerrados encontrarás o meu amor.

No desprezo dos bens do Mũdo teràs, o que elle mais estima: no cuidado, com que me busques, o repouso dos que socegão: nos suspiros, com que me chames, as suavidades dos que me gozão: em fim, nos males o regalo, nas repugnancias o desejo, na castidade o teu recreyo, hum thesouro na pobreza, na resignação o teu gosto, & na obediencia a liberdade.

Oh meu Senhor, & meu Creador, se tanta gloria ainda no Mundo tem hum amor, que vos abraça, & hum coraçaõ, que se vos postra, levantaime ao Ceo o entendimento, unime a vós esta vontade, & sendo nelle hoje, & só comvosco toda a minha conversaçaõ, só nelle busque a minha Patria, & em vós só tenha o meu bem todo: com o que ven-

vendose a minha alma como estrangeira cá na terra, muy de passagem pelo Mundo use dos meyos para a vida, & muy de assento pelo amor, ponha o meu fim na vossa Gloria.

*Santificado seja o teu nome.*

NA minha emenda, & minha vida, & na de todos os humanos, dandovos todas as creaturas o louvor, para que os criastes, & fazendose toda a terra outro trono de Serafins; onde estando sem nos mover, onde voando sem parar, todos ardendo em vosso amor, vos digamos continuamente: *Altissimo, Santissimo, Eminentissimo, Sapientissimo, & Bonissimo, Creador, Pay, & Senhor nosso.*

Mas quem somos nós, meu Senhor, sendo huns bichinhos vís da terra, hum pouco de lodo animado, & pouco mais que hũ pó unido, para que a essa Magestade, a quem se postra o Ceo, & a Terra, cuidemos, que louvamos, & santificamos? Quem sou eu, & quem sois vós, immenso Deos, & Senhor meu, para atreverme a vos louvar, se nunca sei mais que offendervos? Se os Serafins, se os Cherubins tem por baixos, & limitados os altos Hymnos, que vos cantão, como ha de ousar hum peccador fazer de lingua tão perversa, instrumento que vos louve, se do louvor, que se vos deve, taõ pouca voz todas as creaturas, & todo o Mundo pouca lingua? Como eu vilissima creatura, vos tomarei na minha boca, que tantas vezes vos foy profana? Mas quem, meu Deos, & meu Senhor, me ha de dar a mim voz, & lingua para louvarvos, como devo, para guardarvos como cuido? Que Ceo, que Mundo, que creatura póde ser capaz instrumento, onde caibaõ solemnizadas vossas glorias, & maravilhas, se os Anjos de vós se admiraõ com hum excesso, a que eu nam posso chegar? E se esses mesmos vos estaõ louvando com tam superior charidade, que vence todo o meu desejo? Do Mundo todo as creaturas, com huns silencios eloquentes, que eu como nescio não alcanço, me reprehendem na minha frouxidam em vosso amor? Pois que farei meu Creador, eu que sei, que os vossos louvores não sam como os do Mundo? Naõ fallarei, porque sou nescio? Naõ amarei, porque sou tibio? Nam cuidarei, porque sou máo? Pois não será assim meu Deos, que aqui debaixo das hervinhas, dos argueiros, & dos ouçoens, com o coraçam muy postrado, com a alma, & mãos erguidas, com os olhos postos no Ceo, & com a veneraçam por terra muy humilde, & muy elevado em vossa vista, meu Senhor, vos louvarei

rei eternamente, de qualquer modo que eu souber. Louvarvosha a minha boca com a eloquencia dos silencios; para que onde eu fiz o dano, & a offensa, se vos dè a satisfaçaõ. Fallarvoshão minhas entranhas com a eloquencia dos suspiros; para que assim vos satisfaça aquelles ays, que dei ao vento. Adorarvoshei com a vista em hum fechar de olhos continuo; pois volos aggravei tantas vezes, por huma escassa vista de olhos. Metervoshei no coraçaõ, metendome muito por dentro, sempre que me meta comvosco, ou que queirais estar comigo. E emfim, todos os meus sentidos, meus espiritos, & potencias vos louvaráõ, pondose em vós; para que assim, meu Deos, emende aquelle engano, com que andava todo tão fóra de meus sentidos. E meus espiritos, & potencias vos louvaráõ pondose em vós; para que assim, meu Deos, renove a memoria no amarvos, & o juizo em querervos. Acabe pois esta minha vida perversa com tantos generos de culpas: torne, meu Creador, ao centro; donde sahio; ao principio, donde nasceo; á origem, donde emanou. Nam mais nas violencias de hum erro tam cegamente idolatrado traga as cadeas, como enfeite, & ame ás vaidades, como gloria. Busquem os olhos o seu lume, os sentidos o seu objecto, o espirito a sua vida, o seu thesouro o coraçaõ. E pois não posso quanto devo; ao menos, Deos, & Senhor meu, amevos sempre, quanto posso.

E se eu mil almas possuíra, se mil coraçoens tivera, se mil caminhos descobríra, se mil módos imaginára, se mil mundos comprehendéra, todos, por tódos, & com todos me empregára, & entregára em vos servir, & juntamente me desvelára em vos amar. Mas pois, meu Deos, valho tão pouco, & tão pouco val tudo em mim, por mim vos louve o Céo, a terra, os elementos, as creaturas, os Anjos, os Bēaventurados, & toda a machina do Mundo; em cujas maravilhas grãdes, generos, fórmas, fermosuras, & perfeiçoẽs me estou revendo, & admirando em vossa grande, & immensa fermosura, Immensidade incomprehensivel, incomparavel Magestade, Omnipotencia soberana, ineffavel Sabedoría, infinita Misericordia, & admiravel Infinidade. Mas para que eu melhor vos louve;

## *Venha à nós o teu Reyno.*

QUe sem vós virdes, meu Senhor, como poderei eu buscarvos? Sem me ensinar o vosso espirito, que louvores sei eu rendervos? Sem que o vosso amor me dè azas, quem bastará

para

para moverme? Sem que me chegue o vosso auxilio, que forças pódem segurarme, quando a minha fragilidade cahe de sy cada momento; & quando tantos inimigos cada instante me acometem, & me cercam por toda a parte? Venhão pois, Rey meu, venhão vossas misericordias. Permiti, que sempre a minha alma por vós suspire, por vós clame, & de vós se valha, & se soccorra; comvosco se arme, & se defenda. Pois se sem vós não sou nada, se inda comvosco sou tão pouco, de que impulsos mais que dos meus esperarei os meus estragos? De que Imperios mais que dos vossos alcançarei os meus soccorros? Debil he a praça de hũa alma, fraco o presidio dos sentidos, baixo o muro da natureza, leve o conselho do juizo, cego o governo da vontade: como pois, Deos meu, & Senhor meu, sem me ajudares nos assaltos, bastarei para as defensas? Como me haverei nas batalhas, sem vós me dares as vitorias?

Naõ ignoro eu que a vontade por vós se deve pôr em campo. Naõ duvído eu, que o alvedrío ha de tomar por vós as armas. Nem desconheço, que devo tremolar vossas bandeiras. Pois sem que eu lide nos conflictos, nam me dareis vós o triunfo? Mas como hey eu de fiar de mim os vencimentos destes vís costumes, & destes riscos, se mil vezes tendovos por mim, eu mesmo fui o meu estrago? Venham pois desse Santo Espirito aquelles rayos soberanos, que allumiem, & desvanecçaõ as sombras da minha cegueira: q̃ rompão, & despedacem as nuvens de minha ignorancia: & que em fim, rasguem, & consumão as trevas de minha culpa. Acendase nas suas chamas, arda nas suas lavarèdas, purifiquese nos seus incendios, a vista, a alma, o coração, de quem se deseja mais puro, para que aos votos seja victima, para ser ara aos sacrificios, para ser templo à adoraçaõ. Pois assim venha esse vosso Reyno, & nos Imperios desta vida assim tudo vos obedeça, q̃ sendo Cidade de Deos esta confusa Babylonia, os sentidos vos fação Corte, a alma se vos faça Paço, & o coração vos seja leyto, com tanto gosto de servirvos, & adorarvos por meu Rey, por meu Deos, & por meu Senhor, que só para isto estime muito, para este ministerio ser Anjo, para este amor ser Serafim, para a essa Magestade ser trono. Vinde pois, vinde, meu Senhor: pois bem que pareça ousadia, querer que vós a mim venhais, porque bem sabeis, que sem vós virdes, não poderei verme comvosco. Necessario he, Sol divino, que arrebatem vossos ardores este vapor da terra humilde,

de, & que elevem vossas efficacias o pezo grave deste espirito, sempre para vós tão pezado. Mova o curso de vosso mobil todo o vagar destas esferas. E em fim, desatem vossos rayos os caramélos desta culpa; para que correndome muito de não moverse esta frieza, me mova muito o vosso amor, para ir correndo a servirvos.

## *Seja feita a tua vontade.*

E De tal sorte se faça em mim, que vencidas as repugnancias, com que se oppoem á natureza em huma perpetua negaçaõ do proprio amor, & de sy mesma, em hũa continua indifferença para o que for vossa vontade: tudo o que em mim foy liberdade, pareça resignaçaõ: tudo o que foy contradiçaõ, se faça em mim comformidade: taõ inseparavelmente me veja sempre unido a vosso gosto, tão prezo sempre, & tão atado, que sem poderem apartarme deste suave abraço d' alma os poderes de tudo o Mundo, a força, & arte do demonio, nem o amor cego de mim mesmo: firme me opponha a seus combates, como tronco, que sobre os montes resiste immovel às tormentas; & triunfe de seus assaltes como penha, que sobre as ondas se tem constante contra os mares em huma firmeza inalteravel: em huma constancia invencivel viva tão prompto a obedecervos, tão desejoso de agradarvos, & tão destinado a servirvos, que recebendo os bens, & os males com gosto igual a todo o tempo, nesta melodía de espirito, & nesta doce consonancia de meu sentido, o coração goze daquella serenidade, com que a minha alma se suspenda, & com aquella humilde elevaçaõ, com que meu amor se vos una. Façase em fim vossa vontade:

## *Assim na terra, como no Ceo.*

POis se nos Ceos, todos se amão, porque em sy vos amão a vós; & se vos amão sobre tudo, esses, que assim mais se amão, porque ha de condenar aquillo, que faz o Ceo? Porque ham de fugir os homens de parecerse com os Anjos? Por ventura a vossa vontade he querer, que elles se condenem? Pertendeis vós mais que salvarnos? Solicitais mais que atrahirnos? Sendo gloria a resignação, sendo o gosto a conformidade, não morrerei por estes gostos, que inda no seculo saõ gloria? E sendo a culpa em sy tormento, matarmehei por aquelles gostos, que saõ inferno, ainda no Mundo? Que sam sem vós os bens da terra, se os do Ceo sem vós saõ nada? Della que posso eu desejar,

ſejar, que vós comvoſço me não deis? E delle, que poſſo eu querer, que vós comvoſco me não entregueis? E delle que poſſo eu apetecer, que vós ſem vós me naõ concedais? Para alcançar a união, que me faz hum, meu Deos, comvóſco, que meyo ha mais efficaz, que fazer a voſſa vontade? Por iſſo os Ceos ſam voſſa Patria, porque nelles perfeitamente vos chegamos a obedecer? Por iſſo nelles os Anjos, os Serafins, & os Cherubins vos contemplaõ roſto a roſto; porque não pódem, não querer mais que o que he voſſa vontade. Por iſſo os Ceos ſaõ o lugar, em q̃ vos vem os Eſcolhidos; porque o ſerem lá huns comvoſco, lhes fez tudo Bemaventurança.

Fazei pois, meu Creador, que naõ querendo toda a terra, mais que aquillo que quer o Ceo, não fazendo menos os homens, que aquillo que fazem os Anjos, conheçaõ, que para ſerem Ceo lhe falta ſó a obediencia: que para ter no Mundo a Gloria, lhe falta ſó a conformidade: & para Bemaventurados, lhe reſta ſó andar unidos com o que for voſſa vontade. E aſſim, meu Pay, & meu Senhor, nam ſó em mim, que fui, & ſou o mais perverſo dos naſcidos, & o mais ingrato dos homens, ſe glorifique o voſſo nome, & ſe faça voſſa võtade: porèm em todas as creaturas, do mar, & da terra, & do Univerſo; para que havendo em todo o Mundo hum ſó Paſtor, & hum ſó rebanho, aſſim vos amem, & vos louvem, aſſim vos ſirvão, & obedeçaõ, que a terra pareça Ceo, & o meſmo Ceo ſe ache na terra. Mas ſe, Deos, & Senhor meu, noſſa fragilidade faz, que cancemos no caminho:

*O Pão noſſo de cada dia Eſpiritual nos dá hoje.*

DAi-nos a todos o ſuſtento; não que ſobeje para o vicio, mas que baſte para a neceſſidade. Os olhos de todas as creaturas eſtão poſtos, meu Creador, neſſa Bondade, & Providencia, de quem eſperaõ o alimento: voſſa mão ſempre liberal nos enche cada dia a todos, & nos acode cada hora. Como pois de voſſa Bondade me póde faltar a Providencia, quando eſpero confiado, & conheço agradecido? Se das entranhas da terra trazeis á mais humilde hervinha o ſucco, ou humor, de que ſe ſuſtenta? Se nos penhaſcos, & nos montes o dais aos aſpides, & ás viboras, aos baſiliſcos, & ás ſerpentes? Se os lirios da terra, que não lavrão, ſe as aves do Ceo, que nam fiaõ, ſe os peixes do mar, que não ſemeão, nam ha dia que nam recebão deſta liberal mão o com que vivaõ? Se vós ás feras intrataveis, ſe vós

vós aos brutos mais terriveis, ou ministrais, ou consentis, que os elementos os sustentem; como faltareis aos humanos, que a vôs recorrem como a Pay, que vos pedem como a Senhor, & que vos rogão como a seu Deos?

Aqui pois, meu Creador, com este Pão, aos que não tem mais celeiro, que a vossa Providencia; & daime o Pão celestial de vossa Graça, & vosso Amor. Daime, Rey meu, & Senhor meu, que vos commungue cada hora em o Sacramento, ou em o Espirito; porque culpas de cada hora, cada hora pedem remedio. Seja esta a minha porçaõ, o meu manjar, & o meu regalo; & com taes lagrimas o busque, cõ tantas ancias o suspire, com tãta reverencia o receba, & o coma com tanto gosto, que indose a alma traz vós, ou transformãdovos comigo, em vós me enleve cada instante, comvosco me una cada hora, & para vós morra toda a vida.

*E perdoanos nossas dividas.*

PErdoainos nossos peccados, ainda que o não mereçamos; pois tambem, sem que o merecessemos, nos criastes, & remistes. Usai, meu Deos misericordioso, de misericordia, com quem para a vossa clemencia appella da vossa justiça. Pequei, meu Pay, & meu Senhor, errei, ceguei-me, & offendivos: merecedor sou, meu Jesu, do mayor inferno, & castigo, que póde darse a peccadores. Mas que podia eu esperar de mim, sendo o peyor de todo o Mundo, senão desagradarvos a vós? Porèm que hei de esperar de vós, sendo meu Pay, & meu Bem todo, senaõ que me perdoeis a mim? Pezame muito de coraçam, não tanto pelo medo da pena, como pela maldade da culpa; & menos por perder o Ceo, que por aggravarvos, meu Pay. Cuja bondade incomprehensivel posta na cara de meus vicios me atormẽta com a vergonha muito mais, que com os castigos. Pois vós, meu Deos, & meu Senhor, quãdo não ouvera mais em vós, só por ella ereis dignissimo de atè no inferno ser amado.

Esta, meu Deos, he a dôr grande, que tenho. Esta, meu Pay, he a mayor ancia, que me atormenta pezaroso, & me despèdaça arrepẽdido. Vejome cheyo de maldades, de delitos, & peccados, & todos parecem, que me atrahem aos mais profundos precipicios, fugindo da vossa presença, como se ella fora o meu dano, querendo huma falsa humildade apartarme dos vossos olhos, onde he mais feya a minha culpa. Tem-me maõ o Entendimento, a quem vós sempre dais a mão, gritando à razão dentro n'alma, que magoa-

da

da se vos postra, & compungida vos procura. Porèm de quem me hei de valer, ou para onde hei de fugir? Se me escondo da vossa ira, metido no centro da terra, lá encontro vossa presença. Se busco as entranhas do mar, para que me encubrão de vós, lá me assombraõ vossos castigos. E se occupo a regiaõ das nuvens, lá olho a vossa Magestade. Se subo ao ambito dos Ceos, lá vejo a vossa habitaçaõ. Se desço á sombra dos abismos, lá me prẽde a vossa Justiça. E em fim, se corro todo o Mundo, em todo acho vosso Imperio.

Pois aquẽ Pay, & Senhor meu, buscarei eu, para ampararme? A quem, meu Rey, & meu Senhor, chamarei eu, para acudirme? Por ventura terá ao Mundo, que tratou sempre de enganarme? Aos homens, & às creaturas, que intentaõ sempre confundirme? A carne, o vicio, & o demonio, que comvosco querem descomporme? Ao mar, ao vento, ao fogo, & á terra, que desejão soverterme? Todos olho, meu Creador, & a todos vejo contra mim, depois que esquecido de mim, & atrevendome contra vós, ousei viver hum só momento, sem que deitado, & postrado a vossos pès, confessasse minha culpa, & pedisse misericordia. Quem tenho eu, meu Redemptor, que acudisse nunca por mim, senão só a vossa Bondade? Quem fez jà mais as minhas partes, para não vervos contra mim, mais que esse amor, essa piedade, que por mim se poz em huma Cruz? Todos os seus merecimentos, que eu nunca soube merecer, vos ponho diante dos olhos. Se olhardes as minhas maldades, como hei de olharvos, meu Senhor? Como chegarei eu a vós, se vos virardes contra mim? Se me negardes o perdão, quem haverá, q̃ possa darmo? Se me não olhardes benigno, que valerá o arrependerme? Se entrares comigo em juizo, quem poderá justificarme?

Se pois quereis, que eu me não perca, se desejais, que eu me converta, & salve, se medida vossa misericordia parece pouco a minha culpa, não me condeneis, meu Senhor, perdoaime, Pay, & Deos meu, que aqui no altar de vossa Cruz todo escondido nessas Chagas, venho, meu Pay, offerecervos o sacrificio destas lagrimas, & os holocaustos destes suspiros, com hum coração muy magoado de havervos a vós offendido, com huma alma muito dorida de havervos a vós aggravado, com hũs olhos muy aggravados de apartar de vós meus olhos. Perdoaime, pois, meus peccados, & a todos os mais peccadores:

*Assim como nós perdoamos aos nossos devedores.*

EU perdoo, meu Creador, a todos quãtos me offenderão; & quizera, que na minha alma se acháraõ todas as do Mundo, para de todas fazer huma, para que tudo fora hum, & para que em tudo vos amára. E não sómente lhe perdoo; mas quizera, que todos elles se perdoáraõ huns aos outros, as offensas que fizerão. Perdoailhe vós, meu Senhor, porque não sabem o que fazem. Não lhes sirva a elles de dano, o exercitar a paciencia; nem baste para os condenar, dar a outros em que merecer. E que razão tereis, meu Deos, para não perdoares aos peyores, se achastes razão nas vossas misericordias, para perdoarme a mim o peyor de todos? A mim, o escandalo do mundo? A mim, veneno dos humanos? A mim, hum monstro de delitos? Cuja vida foy tão de bruto: cuja alma foy tam de bronze: cujo coraçaõ foy tão de pedra, que ainda hoje aos vossos rayos, & quasi sempre aos vossos olhos he fera, que não se amansa, he metal, que naõ se derrete, he penedo, que não se parte? Porque os deixareis, quando vos deixam? Porque os desemparareis, quando vos fogem? Porque os castigareis, quando vos aggravão, se me não aggravais a mim, que quando me buscais, vos fujo, que quando me chamais, vos deixo, q quando me venceis, vos resisto?

Que achastes vós em mim, meu Deos? Que virtudes? Que perfeiçoens? Que doutrinas? Que bons exemplos? Que serviços vos tinha feito? Que amor vos havia tido? Que lagrimas, & culpas chorado? Emfim, que acçaõ, que fosse meritoria? Que obra, que não fosse ingratidam? Que erro, que não fosse delito? Este foy o peyor que este: & este sou eu o peyor de todos, servo inutil, & sem proveito, filho ingrato, & com mil culpas, homem perverso, & com mil vicios; penedo, & marmore, & não servo: que com razão, cuido, que sou odiõ dos Anjos, & dos Santos, abominaçaõ dos nascidos, aborrecimẽto dos Ceos, & fastio de todo o Mundo.

Se pois meu Pay, & meu Senhor, sendo eu peyor q isto tudo, ainda mayor que tudo foy a vossa misericordia: como por todos os perversos, como por todos os peyores vos não pedirei perdão? Se as vossas entranhas, meu Deos, sendo todas misericordia, nam pódem sofrerse hum instante, que naõ acudão aos gemidos, q huma alma dá dentro na culpa: será possivel, meu Senhor, que vejais vós hũa só lagrima de hũ coraçaõ arrependido, sem que venhais correndo a ella, mais do

que corre para vòs? Sofrervosha o coraçaõ, ver entre os lobos infernaes a vossa ovelhinha perdida, sem que ao balído menos brando, sem que ao clamor menos dorido, a não defendais do seu dano, & a não ponhais aos vossos hombros?

Não viestes vós cá ao mundo a salvar os peccadores? Pois não os sáos, mas os enfermos necessitão da medicina. Logo, meu Pay, & meu Senhor, razaõ tendes de perdoar, & a tenho eu de vos pedir; pois entre o Mundo, & entre vós me fizestes seu medianeiro. Faça jà paz o Ceo, & a terra: obedeçase à Ley da Graça, & acabese o Reyno da culpa, para esse coração nam ver nas campanhas do peccado tantos cadaveres do vicio; achar nos imperios da morte tanta jurisdiçaõ nas almas; pôr nos carceres dos infernos tantos prisioneiros do demonio; & ver nas batalhas do Mundo tão poucos trofeos da razão, taõ poucos triunfos da Graça.

*E naõ nos deixeis cahir em tentaçam.*

POrque ninguem, meu Creador, como vós sabe as nossas forças. E se me haveis de levantar sofrendo a injuria, que vos faço, para que he deixarme cahir, vendo a minha fragilidade, & sabendo o pouco, que presto? Mas oh meu Deos, & quantas vezes para cahir bem na razão, sendo o meu mal haver cahido, o conhecello me foy util! Como me conhecèra eu, como vira bẽ o que sou, se sem temer o que estou sendo, me naõ lembràra do que hei sido? Como serei qual vós quereis, ou qual ao menos me he possivel, se me nam lembrar, que fui nada? se me não conhecer, que sou terra? & se não vir, que serei cinza?

Aquelles cegos precipicios, com que me puz de vós taõ longe na escura regiaõ do vicio, nos remotos climas da culpa, que sam, senão despertadores, com que hoje me ponho à luta para não tornar a cahir, & para não tornar a peccar? Que sam hoje, senão bons medos, que faz a razaõ à vontade com os desterros de seu bem, & com os vultos de seu mal?

Aquí parece, que as memorias nos estragos do coraçaõ pintão as Troyas, & Carthagos, que tem as almas dentro em sy, quãdo em sy tem seus delitos. Aqui parece, que ainda fumão as ruínas da perdição a ser da vida desenganos, & das vaidades escarmentos. Aqui parece, que ainda mostrão aquelle engano venerado, aquella fabrica mentida do falso bem, que idolatramos, do certo mal, que em nós metemos. Sirvaõ para isso, meu Deos, & Creador, os avisos do mal: sirvãome para prevenir os

futuros, pois neste meu entendimento se naõ achaõ outros avisos. Prèguem-me os vicios, & os enganos, em o pouco que saõ de dura, & em os castigos, que tem, pois naõ quiz ouvir a razaõ, & os desenganos, que me dava. Ensinem-me os mesmos peccados a torpeza, que tem comsigo, pois naõ escutei ás virtudes a graça, com que me atrahiaõ. Arrastem-me a ver os seus fins as vaidades, & ambiçoens, pois naõ basteu o exemplo alheyo a meterme na alma a razam. E emfim, leveme a ver meu erro o mesmo erro, em que cahi, para que desta grande queda, a dòr me sirva de lembrança, & a memoria de medicina.

Porèm fazei, que em vossos braços me aperte, & una de maneira, que nunca mais, meu Redemptor, perca de vista os vossos olhos sahindo de vossa presença: nunca mais me aparte de mim, fugindo de vossa lembrança; nem com a minha perdiçaõ queira comprar a vossa injuria. Se achei graça nos vossos olhos, tornem-me a ver benignamente. E aceitandome hum coraçaõ, que ao vosso peito restituo, naõ desprezando huma vontade, que ponho já nas vossas mãos, antes erguendo o meu espirito, seja de ambos; meu, para volo offerecer, vosso para o melhorar. Se atègora cahi em culpas; vós podeis fazer, meu Senhor, com que hoje vos caya em graça. Se aqui me precipitei; vós podeis erguerme daqui. E se ainda naõ estou erguido, deixaime, meu Deos, humilhado. Daime humildade, meu Senhor; pois não se segùra o edificio com a pedra, que o corôa, senão com a que o sustenta. Menos mal me faz todo o mundo, menos a carne, & o demonio, que este amor proprio, que mil vezes he o meu mal, & o meu estrago. Vistase este de humildade, & amortalhese no desprezo destas chimeras fabulosas, com q se doura o seu perigo: metase debaixo dos pès de todo o Mundo, & creaturas, & cor[...]çase por peyor de tudo o máo que ha neste seculo: para que debaixo dos pés naõ se me erga o precipicio, & sempre diante dos olhos se lhe ponha a vossa vontade.

*Mas livrainos de todo mal. Amen.*

FAzendonos já conhecer, que naõ ha mais mal que offendervos, nem outro bem mais, que servirvos. Esta seja a minha ambiçaõ, a minha honra, o meu recreyo; & tudo o mais, o meu desprezo, o meu odio, o meu escandalo. Hũa leve venialidade, hũ pensamento indifferente, & hũa sô palavra ociosa sejaõ horror dos meus sentidos, assombro do meu desengano, & medos

dos do meu escarmento. Naõ faça a alma pouco caso disto, que parece pouco, quando qualquer aggravo vosso feito por mim parece grande, & olhado em vós parece muito.

Ande a minha alma, meu Senhor, tão limpa na vossa presença destas manchas, & destas nodoas: viva tam puro o coraçam sem estas sombras, & fealdades, q̃ se namorem vossos olhos, senão da sua fermosura, ao menos da sua pureza; quando não das suas perfeiçoens, ao menos dos seus recatos. Sede para isto meu espelho, em cujo lume, & claridade se aclare o lume dos meus olhos, & se concerte a minha vida, enfeitando as minhas acçoens com a vista do vosso exemplo, para que eu assim vos agrade.

Livraime pois, Pay, & Senhor meu, nam dos males que sente o Mundo; isto saõ, as tribulaçoens, enfermidades, & fadígas, com que se afflige a natureza, com que ás vezes gosta a Graça, porque com ellas se acrisola: mas daquelles males do espirito, que com apparencia de bens, saõ precipicio da ignorancia, com que perdemos a humildade, & nos desvanece a ruina; porque no primeiro perigo podemos ser como soldados, a quem fez dano daremlhe azas, pois forçando-as para voar, vão em fim para cahir.

Hum sonhar q̃ temos virtudes, humas mentidas humildades hipocrisia da vangloria, hum não fugir às estimaçoés, & hum não entrar dentro de nós, & não conhecer miudamente, que tudo o q̃ he bom, que he de Deos; que tudo o que he mào, he só nosso: hum pôr o thesouro na estrada, para que o roube, quem o vè; hum julgarnos muito seguros no meyo das ondas do seculo, não recear o temporal, que de hum assinho se occasiona, porque o Ceo se nos mostra claro; & antes de estar certo no porto, nam temer as Sirtes, & os mares, nam he sómente achaque d'alma, mas he a peste das virtudes, & o sintoma mayor do espirito: de que eu peço que me livreis, meu Pay, meu Deos, & meu Senhor.

Que tenho eu bom, que vosso não seja? Que acho eu em mim destas riquezas, de tantos beneficios vossos, que esteja em mim, mais que em deposito, para que vós possais tirallo, todas as vezes que vos parecer? Indigno sou, meu Creador, de que inda assim vossos thesouros se fiem de quem tam mal os guardou. Porèm nunca vós permitais, que eu desconheça, o que em mim ha; ou me levante com o vosso. Vós me dèstes o entendimento, a vontade, a liberdade, a vida, a alma, & os sentidos. Que tenho eu nelles, meu

Senhor, que naõ recebesse de vós? Por ventura o pó, & cinza vangloriarseha do nada, que he sómente o que tem de seu? Prezarseha hũ vil bichinho daquelle não ser, que só teve, em quãto naõ quizestes que fosse? E jactarseha o peccador, da culpa que tem, no que pecca, sendo só isto o que he seu proprio.

Oh não permitais, meu Senhor, que com tão cegas confianças se offendão vossos beneficios! Abaixe as velas a vaidade, abata as bandeiras o engano, metase por dentro a razaõ, encolhase sempre a humildade, & não se louve nunca a Graça destas traiçoens da natureza. Temavos sempre muito a vós, quẽ se teme tanto de sy; & não se ame a sy em nada, quem vos ama a vós sobre tudo.

Fazei, meu Deos, que em tençoens boas naõ se me passe todo o tempo; pois a prova de algumas dellas póde ensinarme no custoso, quam outro sou do que imagino. Nem vós queirais, que as suavidades, & aquelles doces sentimentos, que às vezes tem, quem vos assiste, sejão Serêas enganosas, que me elevem no meu perigo: antes, meu Deos, me dai a Cruz, com que puder; & conheça eu, que ma dais, para que a estime como joya, para que a abrace como prenda.

Venha, meu Deos, a vossa Cruz, tenha eu entrada comvosco, subindome muito por ella, pois ella he a Taboa, em que me escapo dos naufragios do mar do Mundo; pois he a Escada porque subo ao vosso celestial Palacio: & he tambem a Chave dourada do vosso melhor aposento. Suba por ella atè o centro, onde só acho a minha origem, & abra com ella em vosso peito as portas d' esse Coraçaõ, onde só tenho o meu bem todo, & onde viva o meu amor por todos os sempres.

E se, meu Pay, este desejo; se, meu Senhor, esta humildade; se, meu Deos, esta Oraçaõ he conforme á vossa vontade; para que sempre assim vos busque, para que sempre assim me postre, para que sempre isto vos peça, digaõ os Ceos, & a Terra: Amen.

ES-

# ESPELHO DO ESPELHO,

## Em que se deve ver, e compôr a Alma, que quer chegar á união de Deos.

I. VISTA.

VER se ama a Deos sobre quãto se póde amar, mais que o Ceo, mais q̃ a vida, mais que a honra, &c.

II.

Se aborrece o peccado ſobre tudo quanto ſe póde aborrecer, mais que a Morte, que o inferno, & que o demonio.

III.

Se tem firme propoſito, que eſtá certo, & reſoluto, que antes ha de morrer, que peccar, ainda que o offendaõ na honra.

IV.

Se ama entranhavelmente a Deos, não ſó como Miſericordioſo, ſenáo como Juſto: & ſe faz taõ bom agaſalho no coraçaõ á ſua rigurosa Juſtiça, como á ſua amoroſa Miſericordia.

V.

Se aceitara de boa vontade, eſtar antes no inferno em graça, que no Ceo em culpa.

VI.

Se eſtivera no inferno de boa vontade quanto Deos quizera, a troco de dar com iſto alguma gloria a Deos.

VII.

Se por ſeu amor de boa vontade deſeja padecer de todo o coraçaõ por amor de Deos, & ama os deſprezos, & aborrece os applauſos do mundo.

VIII.

Se deſeja fervoroſamente cõformar a ſua vida, & transformarſe todo na vida, dores, & virtu-

virtudes de meu Senhor Jesu Christo crucificado.

IX.

Se despreza alguem, ou se se tem por melhor que outro, ainda que tenha vida mais justificada; porque he soberba.

X.

Se se queixa, ou folga de desculparse, quando o murmurão; porque quem tem verdadeiro amor de Deos, naõ se desculpa, nem se queixa.

XI.

Se está prompto para abraçar todas as tribulaçoens, que por amor de Deos lhe vierem, & por zelar a honra de Deos; & se está aparelhado para todo o desemparo do corpo, & espirito, & atè do mesmo Deos, como naõ seja perder sua amizade.

XII.

Se deseja estender por todas as creaturas o amor, & louvor Divino; & se faz quanto póde, para que assim seja.

XIII.

Se se entristece das offensas de Deos, & da vida relaxada dos peccadores, & por elles offerece a Deos algumas penitencias.

XIV.

Se se alegra que haja outros muitos, que vivam santamente, & façaõ mayores cousas que elle, por gloria do Senhor.

XV.

Se dera as suas boas obras aos que estão em culpa para se pórem em graça, & às Almas do Purgatorio, para se livrarem de penas; contentandose com ficar ingreme na vontade, & bondade Divina.

XVI.

Se tem Oração continua, & anda na Divina presença por mais occupaçoens, ou lida que tenha.

SE-

# SEMELHANÇAS

## Que tem o verdadeiro Amor de Deos com a Morte.

*Fortis est ut Mors Dilectio.* Cant. 8.

QUem tem perfeito Amor de Deos, ha de achar no seu Amor estas Semelhanças.

I.

He, que contra a Morte não ha resistencia: Assim nada resiste ao Amor de Deos; se a vontade ainda resiste, se o corpo, se a Alma, se os sentidos, não ha ainda Amor perfeito.

II.

A Morte tira os sentidos ao corpo, mas nam tira à Alma a razão; antes fica mais perfeita: Assim o Amor, tira os sentidos mortificando-os, mas não tira a razão ao entendimento; antes o aperfeiçoa no conhecimento proprio de Deos.

III.

A Morte em toda a parte póde succeder, em todas as occasioens tem occasiaõ, em todo o lugar póde ser, em toda a parte tẽ porta aberta, comendo, rezando, passeando, estando quedo, chorando, rindo; em casa, na rua, na Igreja, na cama, na mesa, &c. Assim em toda a parte se póde amar a Deos, em todo o lugar, em todas as occasioens, & acçoens, excepto nas de peccado. E ainda que não seja mais, digamos em toda a parte interiormente: *Meu Deos do meu coraçam, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, em vòs creyo, em vòs espero, a vòs adoro, & amo sobre todas as cousas.*

IV.

He, que todo o nosso bem pende de huma boa Morte: Assim todo o nosso bem pende de termos Amor a hum Deos infinitamente bom.

V.

He, que tudo o que não he bom para a hora da Morte, não he bom para a Alma: Assim tambem não he para a Alma, o que naõ he para amar a Deos.

VI.

He, que a morte he amargosa para os máos, & doce para os bons: Assim o Amor de Deos he amargoso para os apetites, & doce

doce para a razão, & affectos que naõ saõ máos.

VII.

E muito principal he, que quem morre, jà naõ póde tratar dos bens desta vida, senam dos eternos, se morre bem: Assim quem quer bem a Deos, naõ trata dos bens desta vida; só se lembra dos eternos.

VIII.

He, que a Morte mata só por matar, naõ tira interesse nenhum de que morraõ o Papa, o Principe, a Donzella, o Grande, o Pequeno: Assim o Amor de Deos ha de ser por amallo, sem interesse desta vida, caridade perfeita, & nú de tudo o que não he Deos.

IX.

He, que o Homem nasce para morrer: Assim tambem o Homẽ nasce para amar a Deos.

X.

He, que para haver boa morte, he necessario boa vida: Assim para ter bom amor a Deos, he necessario viver bem, exercitandose em todas as virtudes, que forem possiveis.

XI.

He, que a Morte boa he alivio de todos os trabalhos: Assim o Amor de Deos de todos deve ser alivio.

XII.

He, que na Morte se acabam brevemente as penas: Assim todas as nossas, em havendo Amor, brevemente se acabam.

XIII.

He, que a muito se atreve, quem se atreve á Morte; por isto sam louvados os Martyres: Assim a muito se atreve, quem se offerece ao Amor, & se entrega a elle, ha de romper por tudo, & as difficuldades, & impossiveis lhe haõ de parecer faceis.

XIV.

He, que a Morte descobre os enganos do Mundo: Assim o Amor de Deos descobre a falsidade dos enganos do seculo.

XV.

Muito para notar he, que diz o Espirito Santo, que quem se lembrar da Morte, não peccará mais: *Memorare Novissima tua, & in æternum non peccabis*: Assim quem se lembrar do Amor de Deos, não ha de peccar.

XVI.

He, que a Morte muda os sogeitos; quem antes era homem delicado, com a Morte se muda em cadaver; ainda que o pizem, & esbofeteem, não sente o que lhe fazem: Assim o Amor muda as creaturas, de modo que como mortas nam sentem o que sentiam, antes quem antes de amar a Deos não se achava capaz de jejum, de penitencia, &c. em amando a Deos he outro, jà não sente, ama, & ama ao máo trato, &c. por isto a Justificaçam se chama Conversam, que he mudar em outro.

He,

XVII.

He, que a Morte não tem mais que hum contrario, que he a vida: Assim o Amor de Deos não tem mais que hum inimigo, que he o peccado, que he o seu destruidor; todos os mais inimigos, carne, mundo, & demonio, em tanto sam inimigos d'Alma, em quanto occasiaõ de peccados, mas vencidos todos elles, seràõ para crescer o amor.

XVIII.

De hum morto não sahem mais que gusanos, que lhe roem as entranhas: Assim de hũa Alma enamorada de Deos sahe o bicho gusano da Conciencia, que a roe com a memoria, & contriçaõ das passadas culpas, com a dòr dos descuidos presentes, que a estão sempre mordendo, & atanazando.

XIX.

A Morte deixa huma Alma só acompanhada de suas obras, & em presença de Deos: Assim o Amor deixa huma Alma só, dizendo que nam quer mais que a Deos, vestindose para isso de suas obras.

XX.

He, que hum morto logo dá cheiro de sy em quanto o não enterram: Assim quem ama a Deos, logo cheira a seu Amor, & naõ o póde encobrir atè se meter numa cova.

XXI.

He, que a Morte he ley que se poz a todos, naõ se livra della nenhum: *Statutum est hominibus semel mori*: os Reys, os Principes, os Nobres, os Plebèos, enfermos, nescios, & sabios estão sogeitos ás Leys da Morte: Assim tambem estão todos sogeitos ás Leys do Amor, & devem amar todos a meu Senhor JESU Christo.

XXII.

He, que quando chega a Morte, todos fazem grandes propostos de nunca mais peccar: Assim quando chega o Amor, devemos fazer hum firme proposito de nunca mais offender a Deos, que para sempre seja louvado, servido, estimado de todos, querido, & obedecido, pelos seculos dos seculos. Amen.

# SINAES DO PERFEITO Amor de DEOS.

I.

PRimeiro sinal do Amor de Deos: He cuidar sempre no que se ama; & quanta he a lembrança, & memoria, tanto he o Amor, como diz Santo Agostinho: *Mensura Amoris, memoria est.* Se não cuidamos muito em Deos, não o amamos muito, & he impossivel, que folguemos de meter em o coraçaõ, o que não trazemos no sentido; se Deos he o nosso Amor, elle he o nosso cuidado; a força com que o Amor entra por dentro d'Alma, não permite, que esteja ociosa a memoria.

II.

He gostarmos de fallar em Deos a meudo; vem-se o coração á boca: he o Amor como o azeite, que logo revè por fóra; por fóra ha de dar sinaes do que está dentro, como o Sol na nuvem, & na chaminè o fogo.

III.

Se folgamos de ouvir fallar de Deos; não ha quem naõ se alegre, gabandolhe, ou fallandolhe no que ama; hum suave sobresalto causa nas Almas, que tem entregue o seu coraçam a meu Senhor Jesu Christo: Deos he setta, em se bulindo na setta, de que hum está atravessado, logo dà sinal de que a sente.

IV.

Se os desejos de Deos se poem por obra. A arvore que não dá fruto, má arvore: Nao que vem da India vazía, triste Nao: Jardim que nam tem huma flor, máo Jardim: Alma que deseja fazer por Deos grandes cousas, & naõ faz nada, miseravel Alma.

V.

Se visita ameudo os Templos dedicados a Deos: se he Religiosa, veja se visita muitas vezes o Santissimo Sacramento, ainda que seja com hum Padre Nosso, & huma Ave Maria, & se ama o Coro, & os santos exercicios, & se reza com reverencia, & devoçaõ o Officio Divino.

VI.

Se dà esmolas aos necessitados por caridade, & não por vangloria; se com suas Oraçoens, disciplinas, bom exemplo, & bons conselhos ajuda os proximos.

VII.

Se se não agasta com os trabalhos, & sofre com paciencia,

&

& alegria as necessidades, doenças, afrontas, & miserias, que Deos permite para nossa prova; porque ao ouro de nossas Almas nesta fornalha se tire o que tem de terra, & as fezes, que impedem a uniaõ Divina.

VIII.

Se fazemos com gosto tudo o que nos manda Deos em sua Ley, & temos de obrigaçam, segundo nossos estados.

IX.

Se arrefece em nós o Amor, que antes tinhamos ao Mundo; porque se este não esfria, he sinal que o Amor de Deos não se acende, não ha tal Amor, não se póde servir a dous Senhores, nem com huns mesmos passos caminhar para o Norte, & para o Sul. Quando o Amor de Deos começa, he sinal certo, que o do Mundo acaba: a alvura na parede deita fóra a negregura; se a negregura do Amor do Mundo reyna, ainda não ha brancúra.

X.

Se honra, & estima os servos de Deos, & gostosamente os ouve, serve, consulta, & obedece, em especial aos Pays Espirituaes; ou se aborrece atar o espirito, ou a vontade á obediencia. Quem quizer aproveitar em breve, tenha Pay Espiritual, & governese por elle.

XI.

Se folga de darse ao retiro, & ao silencio, para que estando só retirado do Mundo, converse, & falle com Deos: quem se naõ retira de creaturas, & de deleytes, & de peccados, não chega á união com Deos.

XII.

Se tem Oração continua, & se em tudo o que faz deseja contentar a Deos, & faz por naõ sahir de sua presença, em que deve andar por amor, & por memoria continua, conservando para isto a pureza de intençam, & de consciencia, chegãdose a meudo á Sagrada Cómunhão.

XIII.

Se folgamos, & nos alegramos, de que todos amem, louvem, queirão, estimem, & obedeçaõ a Deos.

XIV.

Se fazemos quanto em nós he por estender por muitas Almas o Amor de meu Senhor Jesu Christo; cançandonos o possivel porque seja estimado, santificado, & louvado na terra: que reyne em todas as almas; & que em quantas podemos, se destrua o Reyno do peccado, & o imperio do demonio de que devemos ser publicos, & capitaes inimigos, por gloria, & honra de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

EXER-

# EXERCICIO DE
## Mortificaçaõ para toda a Semana.

### *A segunda feyra.*

MOrtificar os sentidos dos olhos, naõ olhando de advertencia para creatura alguma, fazendo muito porque esta exterior compostura do rosto, & vista, seja memorial da interior modestia, & recolhimento da Alma na presença Divina, andando em fé de que está na presença de Deos, sem se pôr a examinar, como he Deos, que figura tem, se está em pè, se assentado, de que cór, ou de que feiçam, ou onde morava, antes que fizesse o Mundo; & outras cousas como estas. O que he immenso, como se póde medir? O que he infinito, como se póde alcançar? O que he incomprehensivel, como se póde comprehender? Basta conhecerse a Deos debaixo da razão de Bonissimo, Sapientissimo, Fermosissimo, Clementissimo, Liberalissimo, Pay, Amigo, Esposo de nossas Almas, Rey de todo o Universo. Sò quando estiver em parte que possa olhar para o Ceo, póde erguer os olhos, porque, como dizia Santa Theresa: Olhar ao Ceo, faz recolher os sentidos. E se olhamos para o Ceo (como dizia Santo Ignacio) vil cousa nos parece a Terra. Este dia se tomarão trinta & tres golpes de disciplina, á honra dos trinta & tres annos de meu Senhor JESU Christo, na união do que padeceo na Coluna. E examine á noyte, como guardou este sentido: & reze aos olhos de Christo hum Padre Nosso, & huma Ave Maria, em satisfaçam dos defeitos que nisto teve, & em acçam de graças. E assim fará todos os dias á noyte, conforme a mortificaçam. E visitará o Santissimo Sacramento hũa vez.

### *Terça feyra.*

MOrtificarà os ouvidos, principalmente em fugir das conversaçoens perigosas, desejando ouvir interiormente as inspiraçoens Divinas. Este dia, se tiver saude, traga cilicio duas horas. E se puder, visitará o San-

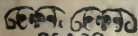
o Santissimo Sacramento, ainda que não seja mais que com hum Padre Nosso, & hũa Ave Maria.

## *Quarta feyra.*

MOrtifique o sentido do gosto, jejuando de ordinario, & fazendo alguma mortificaçam no sustento, & totalmente pelo que for regalo ande cuidando nos gostos do Ceo, & nas Celestes doçuras da Mesa Divina. Disciplinese à noyte por espaço de hum Miserere. Visite duas vezes o Santissimo Sacramento, na fórma acima dita.

## *Quinta feyra.*

MOrtifique o sentido do olfato, fugindo de todas as cousas de cheiro, & por algũ espaço, buscando algum tormento deste sentido: quando não tenha em que se mortificar, exerciterse este dia em actos de humildade, & paciencia, fazendo por não cheirarlhe mal nenhuma palavra, nem afronta, q̃ lhe façaõ. Faça vinte & quatro actos de amor de Deos, dizendo: *Meu Deos, da minha Alma, da minha vida, & do meu coraçaõ, antes morrer, que peccar; antes no inferno em graça, que no Ceo em culpa.*

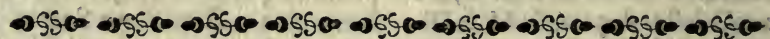
## *Sesta feyra.*

MOrtifique o sentido do tacto, pondo pela manhãa cilicio atè o jantar, se tiver saude; á noyte disciplina por espaço de hum Miserere. Não se toque, nem se coce de advertencia. Não se veja ao espelho, nem parte alguma sua. Jejue, se puder, a pão, & agua; & visite tres vezes o Santissimo Sacramento, fazendo por ter dòr de seus peccados; faça por andar cuidando este dia nas dores de meu Senhor JESU Christo crucificado.

## *Sabbado.*

FAça por guardar silencio todo o dia, buscãdo lugares sós, & solitarios, onde esteja só, em presença, ou memoria de Deos; & nam falle de advertencia, mais que a responder o que se lhe pergunta: visite as vezes que puder o Santissimo Sacramento. E tomese residencia este dia, como guardou os sentidos toda a Semana: reze hũa Ave Maria, & huma Salve Rainha a Nossa Senhora.

## *Domingo.*

MOrtifique a memoria de tudo o que lhe vier a ella, dizendo: *Sois vòs Deos meu? pois nada mais que Deos.* E faça que nem no entendimento, nem na vontade entre, nem se dete-

detenha cousa, que nam seja Deos, ou cousa de Deos; empregando estes espirituaes sentidos em sua lembrança todo aquelle dia em actos de Fè, Esperança, & Caridade. Visite cinco vezes o Santissimo Sacramento. E se for dia de Communhão, & se quizer trocar o exercicio deste dia, com o do Sabbado, póde fazello; & ao Sabbado faça o deste dia. E em nenhum se deite, sem cuidar como o meteràm na cova, & na conta, que ha de dar a Deos. E feito Acto de Contrição, & de Amor, deitese, & a primeira cousa que disser em acordando, seja: *Louvado seja Deos*. E offereçalhe logo á sua gloria, & honra, as obras que fizer naquelle dia, & as de toda a vida.

# EXERCICIO BREVE

## para a santa Oraçaõ.

A Oraçam consta de cinco partes: Preparaçaõ, Liçaõ, Meditaçaõ, Petiçaõ, & Acçaõ de graças.

Posto de joelhos diante de alguma Imagem devota, ou onde quer que for, benzase, & beije o chão, & faça este Acto de Contriçam.

Meu Senhor JESU Christo, Deos, & Homem verdadeiro, Creador, & Redemptor meu: Pequeí, fiz mal, cahi como peccador. Por serdes infinitamente bom, me pesa de todo o coraçaõ havervos offendido. Proponho firmemente com vossa Graça emendar minha vida. E espero em vossa Misericordia, que por vossa Morte, & Payxão me perdoeis minhas culpas. Senhor, antes morrer, que peccar. Misericordia, Misericordia, Misericordia.

Feito isto, se tiver tempo, lugar, & livro, lea alguma cousa do que ha de meditar; & se quizer entrar na devoçaõ das Chagas de meu Senhor JESU Christo, sirva para composiçam de lugar, Representar hũ Deserto, em o qual em cinco Penhas ingremes estão cinco Ermidas deshabitadas, sem haver pessoa que nellas viva, & que a Alma, tendo tençaõ de viver solitaria, (isto he, apartada das creaturas) se faz habitadora deste Deserto, & escolhe por moradas estas Ermidas, & que se deter-

determina a viver nellas, hum dia em cada huma.

Deserto, quer dizer cousa só, & desemparada: o Deserto he meu Senhor JESU Christo, que nam ha quem queira morar nelle, & assim está desemparado do Mundo.

As Ermidas saõ suas Divinas Chagas: estam em Penhas ingremes, porque parece cousa difficultosa viver metida a Alma nestas Chagas Santissimas; & por isto estão como deshabitadas. Tanto que a Alma considerar isto, dirá de todo o coraçaõ: *Meu Senhor, de hoje em diante me resolvo a viver comvosco, apartado por vosso Amor de todas as creaturas. Escolho para morada de minha Alma este Deserto, & por casa vossas Santissimas Chagas. Eisme aqui, meu Deos, se me quereis, aqui quero estar toda a vida.*

Tomando isto para Meditaçam, fará primeiro a Oraçam seguinte, todas as vezes que entrar a orar.

Meu Senhor JESUS Christo, que sem eu o merecer, me tiraste do nada que antes era; & depois por vossa Bondade immensa me fizestes sahir do pégo do Mundo, do lago de minhas culpas, dos abismos da minha vaidade, & soberba, do mar sem fundo de meus vicios, & do profundo inferno de meus peccados. Peçovos (meu Senhor) que assim como sem o merecer, me livrastes da perdiçam, & de todos estes males; assim agora sem que eu o mereça, me nam deixeis cahir nelles, & fazei com que todas as minhas obras, pensamentos, & palavras se dirijão a vossa mayor gloria, & honra puramente; porque vós sois digno de ser summamente amado, louvado, & obedecido: & porq̃ assim quereis que eu o queira, & o faça, & por todos os sempres dos sempres. Amen.

Feita esta Oraçam, feche os olhos, & representese neste Deserto, isto he, dentro de Christo; & tome huma Chaga para cada dia. Nella medite quem he aquelle Deserto, isto he, quem he Deos, immenso, infinito eterno, incomprehensivel, que padeceo. Considere os tormentos, & agonias do Horto, da Coluna, ou da Coroaçaõ de Espinhos, ou da Rua da Amargura, ou do Calvario; ou principalmente a dòr que padeceria naquella Chaga, em que se mete a Alma.

E se for na do Lado, considere o Amor, com que aquelle coraçam Divino se expoz a todo o tormento, & que ainda depois da morte deu agua, para nos lavarmos, & sangue para nos redemir. Faça por estar abraçando aquelle amorosissimo coraçam; considere com que paciencia, com que caridade, com que desejo de nossa salvação padeceo.

E medite principalmente por quem, por nós peccadores, & por hum de nós; pois dizem os Doutores sagrados, que se hum só ouvera no Mundo, viera a padecer só por elle: & conforme a tençaõ do Espirito Santo, gaste nisto meya hora, ou o tempo que puder.

Acabada a Meditaçaõ, pedirá a Nosso Senhor o mais necessario para sua salvaçam, & para sua Alma; a Graça, as virtudes, a perseverãça, & os bens espirituaes, ou temporaes, necessarios para a vida, ou para a salvaçaõ, & bens de seus proximos, & pelas Almas do Purgatorio.

Ultimamente dará graças a Deos deste superior beneficio, que delle recebeo; porque ter Oraçaõ, he dom particular do Espirito Santo, & sinal de Predestinado. Desejará meterse em todas as Creaturas do Ceo, & da Terra, para que com todas o louve, & ame; desejando fazer hum amor do que lhe tem todas, para mais ardentemente amar, & servir a Deos. Desejará meterse em Deos Pay, para amar com seu amor a Deos Filho; & em Deos Filho, para amar com seu amor a Deos Pay; & em Deos Espirito Santo, para se unir melhor com elles.

Feito isto, fará muito por conservar todo o dia a memoria de Deos; & naquella Chaga em que andar, como se estivera nella metido, alli coma, beba, durma, falle, hore, estude, & faça quanto fizer, isto he, com lembrança sua; & o que nam fizera, andára, ou dissera á vista de Christo, não faça, nem o falle, nem o cuide; & tudo por gloria, & honra, & amor de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

# ORAÇAM PARA ALCANçar ardentemente o Amor de DEOS.

MEu Deos, ou vós me quereis, ou me naõ quereis: se me não quereis, hey de queixarme de vós (meu Deos) aos Ceos, & à Terra, pois me creastes para me engeitar; & se me quereis, meu Deos, eis me aqui, na vossa Casa estou, fazei de mim o que quizerdes. Quando pois (meu Deos) quando ha de ser isto (meu Senhor) que me queira o vosso Amor; & que com

com o vosso Amor me estale o coração? Quando (meu JESUS) ha de ser o dia? Quando (meu Deos!) aquella hora, que com ardentes desejos, & entranhaveis suspiros, & com abrazados fervores se ha de acender a minha alma, & abrazar a minha vontade em vosso Divino Amor? Quando, (meu Deos) quando, Senhor, quando, meu JESUS, com abrazada sede das eternas doçuras, & da vida Eterna, & Celeste, hão de andar as minhas ancias em lagrimas, & gemidos por esses ares, gritando ao Ceo, & fugindo á Terra? Seja, meu Deos, seja meu Senhor, seja meu JESUS, seja isto hoje, & não à manhãa; seja agora, meu JESUS, & naõ daqui a pouco; seja logo, meu Deos, & nam ao depois; seja já, meu Senhor, & não logo. Aqui me tendes, meu Senhor, & meu JESUS, não seja mais tarde isto; rompase este penedo em fontes de lagrimas por vosso amor, & por minhas culpas. Desfaçaõse meus olhos em pranto, meu coraçaõ em suspiros, minhas entranhas em doridas màgoas por meus peccados, & aceso todo em meu Deos, em chamas de Espirito, & em celestes lavaredas, acabe jà de consumir, & abrazar esta arvore sem fruto, esta terra toda espinhos, & esta Alma de penhasco para vòs, meu Deos, sempre dura, & para o Mundo taõ branda; para os vicios tão viva, & para vossa Graça tão morta. Oh meu Deos, & meu Senhor, se em mim ouvera, meu JESUS, toda aquella reverencia, com que vos servem, & louvão todos os Anjos do Ceo, & Justos da Terra, essa fora, meu Deos, a minha gloria. E se eu só vos pudéra ter tanto amor como os Serafins do Ceo, essa fora a minha delicia. E se vos pudéra receber com outra tanta pureza como a Virgem Maria vossa Máy, essa fora a minha ventura. Se pudera estenderme por todas as creaturas do Mundo, & amarvos juntamente em cada hũa, como todas juntas vos amão, essa fora a minha alegria. Se pudéra amarvos, meu Deos, que fosse ao Ceo, & roubasse o que quizesse, a todos deixária a Gloria, mas o Amor não lho deixaria, porque todo me pareceria pouco para vos amar. E se de todos os coraçoens do Mundo pudéra fazer hum só, só a vós, meu Deos, & Senhor, o déra. E se de cada arèa do mar, & de cada Estrella do Ceo, & de cada flor da terra, & de cada letra dos livros, & de cada penna das aves, & de cada pelo das feras, & de cada fio das roupas, & de cada cabello das gentes, pudéra fazer mil Mundos de Almas, mil mares de condiçoens, mil Ceos de vidas, & mil Reynos de Espiritos; & em cada hum destes multiplicados outros tantos, como

eu desejo em cada hum: todos, meu Deos, volos déra, & todos tivera por poucos, para vos louvar, & amar, & nam parára nisto hum só ponto. Se fora Deos, como vós sois, vos adoràra por meu Deos, & andàra fazendo Ceos, & Almas, creando vidas, & espiritos, erguendo Templos, & levantando Altares, em que, meu JESVS, fosseis adorado, & servido. Se fora o que vòs sois, deixàra de o ser, porque vós o fosseis; contentandome, meu Deos, com que algũa hora, vendome a vossos Divinos pès, puzesseis em mim vossos santissimos olhos, com algum sinal de amor, & boa vontade. Meu Deos, meu Senhor, meu JESVS, & meu Esposo, por tantas razoens digno de ser amado, querido, & desejado: Gloria minha, Delicia minha, Amor meu, & Eterno bem meu, & meu JESVS de minha Alma, já que nam posso fazer isto, deseje eu sempre isto; & façase finalmente sempre vossa Divina Vontade em esta vilissima, torpissima, & indignissima creatura vossa, como for mais honra, & gloria, & mayor louvor vosso, por todos os sempres dos sempres. AMEN JESVS.

DO

# DO ULTIMO FIM, & summo Bem.

Em seis Discursos Moraes, a que deu nome de Luzes o Veneravel P.

## Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

### DISCURSO I.

*Ponderaõse os males, que comsigo trazem os discursos, & faltas de consideraçaõ do nosso ultimo fim para que somos creados.*

TODA a perdiçam do mundo de duas razoens nasce, de duas fontes procede: a 1. de desprezarmos o summo Bem para que somos criados: a 2. de amarmos como ultimo fim qualquer bem caduco em culpa pertendido. Estes dous males fazem todos os que peccam; poiq qualquer peccado mortal não he outra cousa, que hum apartamento voluntario de Deos, & da sua Ley: *Peccatum est aversio à Deo.* Eis-aqui desprezado o summo Bem. E hum determinado affecto com que se ama a creatura: *Et conversio ad creaturam.* Eis-aqui adorado como bem o sũmo Bem. Oppoemse estes dous males da culpa, a dous bens, que nos inculca a graça: o primeiro, apartar do peccado, que he o verdadeiro mal: *Diverte à malo.* O segundo, fazer o que nos manda Deos, que he amalo como infinito Bem: *Et fac bonum: Diliges Dominum, &c.* Por isso se queixa o Senhor pelo seu Profeta destes dous males, com que o aggrava quem peccando o desPre-

Ps. 33. 15.

preza: *Duo mala fecit populus meus*. O primeiro, deixar a fonte da Graça, onde se bebe a eterna vida: *Me dereliquerunt fontem aquæ vivæ*. O segundo, buscar dom anciosa sede as cisternas torpes da culpa; onde se bebe o veneno da morte eterna: *Et foderunt sibi cisternas dissipatas, quæ continere non valent aquas*.

Jerem. 2. 13.

Se pois os mortaes considerárão para que fim nascérão, facilmente cahirão na razão: que nam creou Deos o homem para tam baixos centros como são honras mundanas, riquezas terrenas, delicias caducas, & outros torpes, & imaginarios extremos, de que os peccadores fazem seu ultimo fim, a modo de Borboletas nescias, que tendo por felicidade o seu dano, adorão, & galanteão o seu perigo, atè que pagão o seu erro em irremediavel incendio. Se cuidárão na brevidade da vida, no engano, & perdiçam de todos os gostos della, na vaidade do mũdo, no immenso espaço da Eternidade, nos caminhos da Penitencia, & da culpa, nos termos da morte, & juizo, nos fins do Ceo, & do inferno, que certo fora dar volta à vida, & tratar efficazmente da salvaçam, que he o mayor negocio de nossas almas! Esta consideração Christãa nos estimula ainda hũa generosidade gentilica: dizia Seneca de sy, que era mayor, & nascido para mayores cousas, que ser escravo de seus sentidos: *Maior sum, & ad maiora natus, quàm ut mancipium sim sensuum meorum*.

Senec. Ep.

Porèm nem a isto se attende, nem naquillo se cuida, quanto convem que se cuide. Perdese o mundo, como diz o Espirito Sãto, por falta de consideraçaõ: *Desolatione desolata est omnis terra: quia nullus est, qui recogitet corde*. Nam ha quem examine o fim para que foy creado, & o summo, & infinito bem para que foy redemido: & como desejaõ todos naturalmente ser bemaventurados, constituindo no esquecimento de Deos bemaventuranças apocrifas em glorias quimericas, em felicidades caducas, todos errão o caminho, porque desviandose do summo Bem, & precipitandose no eterno mal, no mesmo que escolhem por summa felicidade, os colhe a summa desaventura; & assim como a terra sem a luz do Sol fica sepultada em sombras, sem que se vejão na escuridade os perigos: assim as Almas sem a luz da consideraçam, ficaõ sumergidas em hum mar de trevas, donde os eclipses da conciencia nam deixam ver os males, em que nos precipita a culpa.

Jerem. 12. 11.

O inimigo do genero humano, que invejoso de nossos primeiros Pays lhe fez guerra no Paraiso, a continua sempre no

mundo: & quando naõ póde tirarnos a Fè, roubanos a consideraçam; porque faltando esta no mayor interesse da alma, se perca tudo.

Daqui nasce, que esquecidos os humanos da sua origem, & do seu ultimo fim, & de que devem ser como rios, que do mar sahirão, & devem tornar para o mar, se se naõ querem perder, se ficam como charcos podres, como lagôas ingratas nas vaidades terrenas, onde, como as aguas no lodo, entranhados no seu vicio, perdem a inclinaçam para o seu centro, & por isso deixaõ de correr ao mar da bondade Divina, tendo por summa gloria trocar o amor de Deos em amor do mundo, os desejos do Ceo em suspiros da terra, & em sede do seculo a fome da Eternidade.

Naõ olha o peccador a altura, a profundidade, a largura, & o comprimento das cousas eternas, & futuras: nam olha para cima, nam fita os olhos da alma, como Aguia espiritual, nos gostos da celeste Patria: nam olha para baixo considerando o profundo carcere da eterna pena: naõ olha para diante estendendo a consideraçaõ no comprido campo da vida eterna: não olha para traz lembrandose do pó da terra, de que Deos o levantou, da regiaõ do nada, donde sahio, da torpe vida, com que de Deos se esqueceo, dos auxilios, dos Sacramentos, dos beneficios, que esperdiçou, & da bondade, paciencia, & misericordia, com que o Senhor o sofreo. Nam olha para dentro de sy, por isso nam vè a imagem, que poz nelle, como em espelho, a Divina fermosura, nem a mancha, que contrahio em peccaminosas torpezas: poem os olhos sómente nas superficies douradas desta apparencia caduca, com que a vaidade se engana: cegase na perdiçaõ aprazivel da temporal vãgloria: vaiselhe o coraçaõ atraz do cego feitiço dos gostos desta vida; & daqui vem esquecerse totalmente da eterna Bemaventurança, a modo de peixe simplez, vendo no mar a sombra do Sol, da Lua, & das Estrellas, corre com grande gosto ao vão simulacro das sombras, & com ellas se abraça, & se contenta, sem se lhe dar do Original, que he tão differente, quanto vai do mar ao Ceo, da verdade à mentira, da sustancia á figura. Assim no mar do mundo se abraça, & contenta o peccador miseravel com qualquer bem temporal, que he huma sombra do eterno, & como anda neste mar metido, a troco de viver como peixe na agua, não estranha as amargûras da conciencia, nem solicita outra gloria, mais que estas sombras aerias, que em sombras eternas parão, & em fogo eter-

no se mudão, se purgaõ.

Se pois o peccador algũa hora sondára bem este már, & pezára bem o que sam os falsos bens desta vida, facilmente vira, que os mesmos bens do mundo nos dizem, que não saõ verdadeiros bens. Seneca com ser Gentio disse: *Non nascitur ex bono malum, non magis quàm ex ficu olea: ad semen nata respondet: bona degnerare non possunt.* Dos bens não nascem males. Todos os bens do mundo se reduzem a tres generos de bẽs, riquezas, delicias, & honras: *Omne quod est in mundo, concupiscentia carnis est, & concupiscentia oculorum, & superbia vitæ.* Das honras nascem perigos, das riquezas desasocegos, das delicias dano; quasi sempre nasce tambem das riquezas a cobiça, das delicias a luxuria, das honras a soberba; & quasi sempre pára a soberba em ruina, a luxuria em torpeza, a avareza em eterna desaventura. E finalmente todos os bens do mundo appetecidos sam ancia, gozados fastio, perdidos mágoa, castigados inferno. Se pois os bens desta vida produzem males, como pódem ser verdadeiros bẽs? Se nos fazem mal, & se convertem em mal, como pódem ser bons? E se das espinhas se nam colhem uvas, nem figos dos abrolhos, colhendo dos bẽs temporaes quasi sempre males temporaes, & muitas vezes males eternos, como nos parecem bem?

Senec. Ep. 30.

1. Joan 2. 16.

Nam tão sómente nos fazem mal os bens do mundo, senam que nos fazem máos. Quem fez a Faraó cruel, obstinado? O poder, & Monarchia. Quem a Nabuco blasfemo? A felicidade, & victorias. Quem ao Rico, avarento? As riquezas. Quem ao Prodigo lascivo? As abundancias. Quem a David adultero? O mimo, & demasiado regalo. Quem a Saul soberbo, & envejoso? A grandeza a que se vio constituido. Quem a Lucifer soberbo, & altivo? A fermosura, & ciencia com que se desvaneceo. Quem a Adaõ desobediente? O Imperio, & a Magestade com que Deos o exaltou. Quem a Salamão Idolatra? As delicias com que vivia. Quem a Sodoma abominavel, a Ninive escandalosa, a Jerusalem ingrata? Suas mesmas opulencias, de que nascèraõ horrendas culpas.

Pelo fruto se conhece a arvore, pelos effeitos conhecemos as causas, & a natureza, & essencia de cada hũ pelas suas obras: *Eodem modo quo res se habet ad essendum, se habet ad operandum. Ad semen nata respondent.* O Sol mostra, que he Sol no que allumia, (este he o seu effeito formal) o fogo mostra, que he fogo, no que aquenta, a agua mostra que he agua, no que esfria,

Aristoteles. Senec.

fria, a triaga mostra que he triaga, no que cura. Se pois a triaga nos matára, como a tiveramos por triaga? Se a agua nos abrazàra, como a tiveramos por agua? Se o fogo nos esfriára, como o tiveramos por fogo? Se o Sol nos deixára às escuras, como o tiveramos por Sol? Logo se naõ devemos ter por Sol o Sol, que nam allumia, por fogo o fogo, que naõ aquenta, por agua a agua, que naõ esfria, por triaga a triaga, que nam cura, como temos por verdadeiros bens, huns bens que nos fazem máos, & mal, & tam grande mal, que nos apartão do summo Bem? Huns bens quimericos, & fallidos, que ainda que pareçaõ Sol, nam sam mais q̃ sombra, quando muito sombra do Sol, & naõ Sol, sombra do fogo, & nam fogo, sombra de agua, & nam agua, sombra de triaga, & não triaga? Parecem Sol, que lustra, & saõ Cometa que ameaça: parecem Estrella, que brilha, & sam exhalaçaõ que corre: parecem flor que deleyta, & saõ espinha que lastima: parecem luz que nos namora, & saõ relampago, que nos cega: parecem diamante que dura, & sam vidro, que estala: parecem sustancia, que existe, & saõ sombra, que desaparece.

Se pois nam saõ mais que sombras, quem pela sombra do Ceo quererá deixar o Ceo? Quẽ pelas sombras do ouro, o ouro? Quem pela sombra da fonte, tendo ardente sede, deixou a fonte? Quem pela sombra das perolas, dos diamantes, das flores, & das luzes, deixou as luzes, flores, diamantes, & perolas? E que deixemos nós o ouro da Bemaventurança pela sombra que nos leva à summa desaventura! A fonte da graça, a flor da gloria, a perola do Ceo, o diamante do summo Bem, a luz da eternidade, por huma sombra traidora, que apenas se nos representa em breve efimera de glorias, quando se nos desvanece em leve vágado de nadas! Oh erro poucas vezes conhecido no mundo, mas sempre chorado no inferno!

Ainda porèm, q̃ forão verdadeiros bens do mundo, nam se devia fazer caso de huns bens, a que falta a duraçam. A vida passada (disseram os condenados) que era como nevoa: *Vita nostra... sicut nebula dissolvetur*, a gloria como fumo, a idade como flor, o tempo como sombra, os contentamentos como sonho; & atè em quanto a vida dura, morremos a cada momento para a mesma duraçam da vida: *Per exigua festinantis ævi momenta permorimur*. He hum momento tudo o que nos deleita: *Momentum est quod delectat.* He huma eternidade o que nos ameaça, & penaliza: *Æternum quod cruciat.*

Sap. 3. 2.

D. Gregor.

*ciat.* He hum ponto indivisivel o que se dura: *Punctum est, quod vivemus.* E ha quem faça caso deste sonho, que em lagrimas se nos solta, deste ponto com que o demonio nos ata, deste momento, que a huma eternidade se arrisca, desta flor, que cada hora se murcha, deste fumo, que toda a vida nos cega, desta sombra, desta nevoa, que tam depressa passa? Oh cegueira! oh miseria summa.

Senec.

Digãome os mortaes, quanto dura ao goloso o sabor, ao lascivo o deleyte, ao desvanecido o applauso, ao vão o passatempo, ao sensual o gosto? Não passa num instante tudo? Fica alguma cousa mais de tudo o que se goza, que huma saudade, ou mágoa que fica, & huma vaidade que passa? Não he certo que fica o peccado para verdugo, & se vay o gosto para o tormento? Que saõ pois as glorias da vida mais que huma hera de Jonas, que em huma noyte nasceo, & em huma noyte acabou? Heras de Jonas saõ, prometemse-nos por eras, & acabamse-nos por horas. Naõ podemos com verdade dizer: Este gosto he; quando muito podemos dizer: Este gosto era. Saõ imperfeitos os seus tempos, porque nunca passam de era. Hera que como folha se vira, & como folha se murcha, & arrebata do mesmo vento da vida, cahe, & se resolve em nada.

Jon. 4.6.

São finalmente os bens do mundo, como estatuas de Nabuco, onde toda a gloria do mundo apareceo em figura: em sonhos apareceo, & desapareceo em moinha arrebatada do vento antes que se acabasse o sonho: *Redacta quasi in favillam æstivæ areæ, quæ rapta sunt vento.* Para que vissemos, que nem por sonhos dura a gloria vãa deste mundo, & que nos desenganasse em pó, & moinha o mesmo, que nos enganou em estatua: porque a desprezasse em vento, quem a suspirou em idolo. Foy sonho, & não acordo; figura, & não sustancia; aparencia, & não realidade: para que a mesma figura da vaidade do mundo fosse despertador do nosso desengano.

Mortaes enganados, & pervertidos, aquelles que estais em culpa, amando a perigosa mentira da felicidade mundana, quem vos move? Quem vos atrahe? Quem vos enfeitiça? He por ventura mais ouro? Isso deu a terra a huma mina. He a fermosura? Isso deu o campo a huma flor. He a estimaçaõ? Isso deu a gente a huma pedra, que isto he o melhor diamante. He a ostentaçaõ, & a pompa? Isso deu o ar a huma nuvem. He a altura do estado? Isso deu o mũdo a huma grimpa. He a valentia? Isso deu o monte a huma fera. He o vestir sedas? Nessas

se,

se amortalha hum gusano. Sam as letras, & as ciencias? Isso achareis num livro. He a vida, & a saude? Isso tem na sua cova hum bruto. He o regalo do comer? Isso tem na podridão hum bicho. He a opiniam, & nome entre os homens? Isso tem Alexandre Magno no inferno.

Como pois he possivel, que ao homem racional lhe sirva de summo bem aquillo, que he cõmum á terra, & ao ar, ao papel, âs pedras, às hervas, aos brutos, aos bichos, & aos condenados; aos quaes toda a gloria, que possuíraõ no mundo, serve agora de mayor tormento? O ouro sómese, os diamantes perdemse, as flores agonizaõ, as nuvens desaparecem, as grimpas mudáose, os livros rompemse, as feras mataõse, os bichos morrem, os Alexandres condenamse; & sendo cada felicidade destas hum perigo da natureza, & huma vaidade da culpa, como será razão, que as faça o nosso cego apetite, huma injuria da graça, & huma abominaçaõ da gloria? Oh ignorancia! Oh cegueira! Oh malicia! Oh perdiçam! Oh extrema desaventura!

Peccador, não he verdadeiro bem aquelle, que não dura, como dizia Saõ Jeronymo: *Nihil bonum nisi perpetuum.* Nada he bom mais que só o Eterno. Bem que nos não mata a sede, não he bem verdadeiro. Huma pinga de agua não mata a sede, antes faz mayor a ancia: huma gota de orvalho acrescenta na fornalha o incendio. Todo o mundo he huma pinga de agua, he hũa gota de orvalho para acender, & acrescentar a sede, em que se abraza a alma por lograr do seu ultimo, & verdadeiro bem. Se atègora pois desalumbrado amaste a gloria do mundo como fim ultimo, deixando por este engano com teus peccados aquelle summo Bem para que foste creado, & redemido com o sangue de meu Senhor Jesu Christo, troca o amor, & chora o aggravo, que fizeste a Deos, que he teu summo Bem, & dize de coraçam:

Div. Hier.

Meu Deos, & meu Senhor Jesus Christo, ultimo fim, & summo bem meu, a quem como cego offendi, & como perverso aggravei; pezame Senhor muito de coraçaõ de vos haver offendido: doome, & magoome muito; & senão he quanto devo, ao menos quanto posso, da offensa, que vos tenho feito: não me peza tanto meu Deos pelo grande inferno, que tenho merecido, quanto pela grande injuria, com que a Vossa Magestade tenho aggravado, fazendo como ignorante, & cego da malicia meu summo bem, da torpeza, & dos gostos, & bens desta miseravel vida a minha bemaventurança. Oh prouvéra a vós

meu

meu Deos, que vos agradasse, que eu nesta hora morresse com dòr da culpa, já que antes de vos offender não morri primeiro, que esse fora agora o meu gosto! Proponho firmemente a emenda da minha vida com vossa graça, espero alcançar perdão de minhas culpas pelos merecimẽtos de vossa Payxaõ santissima.

---

## DISCURSO II.

*Os beneficios da creaçaõ, os conselhos da Escritura, os avisos da natureza, as significaçoens da graça, & persuaçoens da gloria nos obrigaõ a amar como ultimo fim a Deos.*

NInguem obra alguma cousa, diz o Filosofo, que não seja por algum fim: *Omne agens operatur propter finem.* Fazse a casa, para que nella se more, a horta, para que frutifique, o jardim, para que deleyte, a guerra para a paz, a batalha para a victoria, a fortaleza para a defensa, a sementeira para a seara. Tudo quanto Deos fez foy por amor de sy: *Universa propter semetipsum operatus est Dominus*, porque de tudo quiz ser ultimo fim, assim como de tudo he principio: *Ego sum Alpha, & Omega, Principium, & finis.* O fim ultimo para que Deos creou o homem, como ensina Santo Agostinho, foy para conhecer, amar, & servir a Deos nesta vida, & para o ver, amar, & gozar eternamente na outra. Para isso nos tirou dos abismos do nada, donde a infinita omnipotencia pudèra tirar infinitas outras creaturas, que muito melhor o servírão, deixando estas por seus profundos mysterios, & independencia suprema, que não tem necessidade de nenhumas.

Prov. 16. 4.

Isai. 41. 4. Apoc. 1. 8.

Criounos á sua Imagem, & semelhança capazes de sua gloria, & de sua vista: dotounos de potencias, & de sentidos, dandonos memoria, para que delle nos lembrassemos, entendimẽtó para que o conhecessemos, vontade para que o amassemos, imaginaçaõ para que o trouxessemos presente, olhos para que vissemos suas obras, ouvidos para que ouvissemos suas palavras, lingua para que louvassemos suas grandezas, & as mais faculdades da alma, & do corpo, para que nos admirassemos em suas maravilhas, & agradecessemos suas misericordias.

Fez o Ceo para serviço do homem

mem, & neste mandou, que não parasse o Sol, a Lua, & as Estrellas: o mar, o fogo, o ar, & todas as mais creaturas: fezlhe não só communs, mas particulares beneficios: deulhe Anjos para sua guarda: veyo ao mundo morrer por elle: dalhe auxilios, com que a cadã instante o acorda: dalhe para alimento dalma seu Corpo, & Sangue nesta vida, prometelhe a perduravel, & eterna; & tudo isto lhe offerece sem dependencia sua, nẽ merecimento nosso: antes merecendo o peccador quantas vezes pecca, que o lance nos infernos, onde deitou os Anjos do Ceo por hum só peccado, nos espera sem que lho peçamos, nos chama quando lhe não respondemos, nos busca ao passo, que lhe fugimos, & nos sofre tantas vezes, quantas o desprezamos no peccado com que quebramos seus mandamentos, a troco de ver se alguma hora nos arrependemos: dissimula para que o peccador se arrependa: embainha a espada de sua ira, para que entretanto cada qual abrace a misericordia; & quanto obra a sabedoria, a omnipotencia, a misericordia, & a bondade nas suas creaturas, se encaminha a que conheça o homem quanto deve a Deos, que o ame como summo bem, & só por elle suspire como seu ultimo fim. Poem-nos cada dia o Ceo diante dos olhos, para que erguendo-os à celeste patria, suspiremos pela eterna vida, & desprezemos a caduca, que periga entre dous caminhos da eternidade do Ceo, & da eternidade do inferno.

Oh quantos com esta consideração povoárão os hermos da Thebaida, & da Palestina, convertendo em Cidades de Deos aquellas solidoens, & desertos; & fazendo casas dos sepulcros, & concavidades dos montes, se enterravão para a vida na flor dos annos, & vivião junto de hum penedo, como se forão outro penedo: tão mortificada a carne, tam crucificado o espirito, que esquecidos da sua natureza já não sentiaõ os rigores do Sol, & do frio, dos ventos, & das neves, as inclemencias do Ceo, & da terra; antes acrescentando o numero aos troncos, a solidão aos penhascos, viviam em suave silencio, convertendo o mais aspero daquellas rochas em laminas do Paraiso! Alli se viaõ orar, & arrebatar os Paulos, os Hilarioens, os Jeronymos, & Antonios: alli chorar as Pelagias, & Marias Egypciacas: alli fazendo penitencias famosas os Pacomios, & os Macarios: alli postos em campanha contra o inferno hum sem numero de espiritos: alli desprezado o mundo, & os seus enganos, suspirado o Ceo, pertendido summamente aquelle summo bem, & to-

totalmente aborrecido o peccado, que he das almas o mayor mal, era Deos summamente amado, querido, & louvado.

Oh quantos ainda arrebatados deste conhecimento trocárão a olanda pelo cilicio, a purpura pela mortalha, o borcado pelo burel, a tela pela estamenha, as sedas molles, & brandas pelos vestidos asperos, & grosseiros; para que ainda no exterior mostrassem, que seguiam o pendão de Jerusalem, não o estandarte de Babylonia, não a pompa do demonio, senão a Cruz de Christo!

A este amor de Deos nos incita a Escritura, nos move a natureza, nos clama a graça, que o Senhor nos dà, nos persuade a gloria, que nos promete, nos instão todas as creaturas, que meudamente nos gritão. Quanto ao primeiro, incitanos a Escritura em muitos lugares. Deuter. 6. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* Amarás a Deos de todo o teu coraçam. Eccles. 13. *Omni vita tua dilige Deũ.* Amai a Deos por toda a vossa vida. Saõ Matheus, Saõ Lucas S. João em seus Evãgelhos repetem os mesmos preceitos, acrescentando São Joaõ, que amemos a Deos, porque elle primeiro nos amou a nós. E assim destes, como de outros lugares nos faz obrigaçaõ de amalo, como ultimo fim, para que usemos de tudo, & só nos gozemos em Deos.

Mat. 22. Luc. 10 Joan. 4. 1. Joan. 4.

Segundo, movenos a natureza, porque dentro de nós mesmos clama a obrigaçam natural que temos de amar sobre tudo aquelle Senhor, a quem naõ ignoramos que devemos tudo. Se naturalmente ama o filho ao pay a quem deve parte do seu ser, quanto mais devemos amar a Deos, que tirou do nada nosso corpo, & alma, & nos deu como Pay superior todo este ser, que temos? *Amandus est Generator,* (diz Santo Agostinho) *sed praeponendus est Creator.* Mais devo a quem me creou de nada, que a quem me fez alguma cousa. Se te parece pouco criarte, considera com São Bernardo qual te fez quanto ao corpo, excellente creatura, em quanto á alma superior cousa: porque he insigne imagem de Deos, participante por graça da divina natureza, capaz com o lume da gloria da eterna bemaventurança; tudo isto fez com artificio incõprehensivel, com sabedoria ineffavel: sem necessidade sua, porque não ha mister nada nosso; sem merecimento nosso, porque se de antes não eramos, antes nada mereceriamos. Cada parte do nosso corpo, cada sentido nosso he hum beneficio divino, & por qualquer que só lhe deveramos, deviamos amar a Deos com os mayores extremos.

Se

Se hum homem perdèra hum dos olhos, hum pé, huma mão, hum braço, quanto amaria aquelle que lho restituirá, & puzera no estado que dantes era? E se o que merecia lhe tirassem os olhos, lhe cortassem o braço, decepassem o pé, quanto amára a quem lhe impedíra o castigo, & desviára o tormento? Não he menos, antes muito mais para amar aquelle immẽso Deos, que desdo principio da vida nos deu, & nos conservou os olhos, as mãos, os pès, & os braços ao mesmo passo, que empregando-os em sua offensa, meneciamos que nos quebrassem os braços, nos decepassem os pès, nos cortassem as mãos, & nos tirassem os olhos. O que digo dos olhos, cuidai dos outros sentidos, & membros do corpo humano.

E se tanto he para amar o Creador do corpo, quanto será mais para amar quem nos creou a alma, que infinitamente he melhor que o corpo? Se perdereis o uso da razão, & o entendimento, quanto amarieis a quem volo tornàra? Quanto será pois para amar quem desdo nosso principio nos deu o entendimento, & o uso da razão? Não he menos para amar quem vos dá a capa nova, do que quẽ vos restitue a velha perdida? Se merecereis por hũ crime a morte, que he separaçaõ da alma do corpo, quanto amarieis àquelle, que vos perdoára a morte, & do corpo vos não separára a alma? Logo quanto mais he para amar aquelle bom Deos, & Senhor, que unio a vossa alma, & o vosso corpo, & nesta uniaõ a conserva atè quando mereceis, com vossos peccados, a morte, & separação da alma? Digno he, Senhor Jesus, de morrer perdendovos, quem recusa viver amandovos, exclamava neste passo Saõ Bernardo: *Dignus plane est morte, qui tibi Domine Jesu recusat vivere.*

Que imagem não amàra o seu Artifice, se tivera entendimento para o conhecer, vontade para o amar? Fezvos Deos à sua imagem, & semelhança com entendimento, & vontade: quem ha que tenha entendimento, se nelle não cuida? Quem ha que tenha vontade, se o não ama? O filho, que he mais semelhante ao pay, mais o ama, & he mais amado delle: logo esta natural semelhança a amar a Deos nos inclina.

Atè a figura do homem o persuade, que ame a Deos. Fez Deos os animaes com a face para a terra, para que andando com os olhos nella, como prostrados, nella buscassem o pasto, nella o seu gosto. Fez o homem em figura recta com a face para o Ceo, para que no Ceo trouxesse os seus olhos. *Non habeamus faciem sur-*

*sum* (exclamava São Bernardo) *& cor deorsum.* Naõ tenhamos pois a face no Ceo, & o coração na terra: se os olhos estão para cima, não fique o coraçaõ para baixo, siga o coração os olhos, que tantas vezes derão apoz de sy o coração; demos pelos avisos da natureza, não desatendamos às significaçoens da graça: & especialmente a graça que nos fez na redempçaõ, com que o Senhor Jesus nos libertou, & nos comprou, dandose a sy por nós.

A graça do teu fiador, diz o Espirito Santo, não te esqueça nunca, pois deu por ti a sua vida: *Gratiam fideijussoris ne obliviscaris, dedit enim pro te animam suam.* E São Paulo: Sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Christo, que vos fez em se fazer pobre sendo rico, para que vós na sua pobreza tivesseis a mayor riqueza? Posto que muito obrigue ao homem para amar a Deos considerar que Deos o formou, muito mais o deve obrigar, ver que Deos o reformou. Pouco aproveitára crialo, se faltàra o redemilo: nada valèrão os dotes da natureza, senão se aperfeiçoàraõ com os seguros da graça. Por isso inferia São Bernardo: *Si totum me debeo pro me facto, quid addam pro me refecto, & refecto hoc modo?* Se todo me devo a Deos, porque me creou, quanto mais me deverei, porque me

Eccles. 29.20.

Galat. 2.

me remio por hum tam admiravel modo, que me obrigou de todo? *Quid retribuam Domino* (perguntavase David a sy) *pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Que hei de dar a Deos pelo que segunda vez me deu? Como se dissera: Todo me devo a Deos pela creaçaõ, nada tenho, que lhe dar pela redempção: na primeira obra da natureza deume muito, porque me deu todo a mim: na obra da graça da redempçam devolhe infinitamẽte mais, porque me deu todo a sy, & onde se me deu a sy, a mim me restituío a mim: logo dado, & restituido a mim por mim me devo, & deverei, que darei pois a Deos por sy? Se mil vezes me pudèra dar a este infinito Senhor, ainda assim não dava nada, visto que em sua comparaçaõ sou cousa nenhuma.

Ps. 115. 12.

Como dormes alma miseravel tendo á vista este beneficio? Como não ouves o clamor da graça sobre os gritos da natureza? Movèrãose as pedras na Payxaõ de Christo, tremeo a terra, abriramse as sepulturas, eclipsouse o Sol, & a Lua, moveose o firmamento, o ar, & todas as creaturas insensiveis, sem que Christo morresse por ellas; & tu a quem se concedeo esta graça, por quem se fez esta fineza, não te moves, não te obrigas? Sem duvida, que es mais duro, que as pedras, mais insensivel, que

ôs marmores, & que as creaturas todas? Sinal he de morto faltar o ſentimento: morta vive a alma no ſepulcro vivo do corpo, ſe naõ ouve eſte clamor da graça de Jeſu Chriſto: ſe não ouve as blasfemias, os gritos, os clamores, as irriſoens, & eſtallos dos azorragues com que o Senhor Jeſus foy por todos, & qualquer Chriſtão eſcarnecido, açoutado, morto, & crucificado, ſurdo he de eſpirito, mouco de entendimento, inſenſato de alma, & incapaz da eterna glo ria. O fogo com nenhuma couſa ſe acende melhor, que cõ outro fogo: ainda que foramos agua, deviamos ferver, & arder no amor do noſſo Deos, abrazados no fogo daquelle immenſo amor que nos moſtrou em ſua morte, & Payxaõ.

Perſuadenos a meſma gloria; porque ſe tanto nos leva, & enleva a mundana para encaminharmos a ella como para fim as acçoens da noſſa vida: que não devemos fazer por alcançar aquelle ultimo fim, que nos coroa, por amar aquelle ultimo fim, que he principio de huma gloria eterna? Se ſaõ tam amigos de gloria naturalmente os homens, como não trabalhão por aquella gloria ſobrenatural, que a Fè lhes enſina, o amor de Deos lhes offerece, & que ſem o entenderem tudo anhelaõ noſſas almas? Se pela gloria temporal, & caduca ſe dão tantos paſſos, como pela eterna ſe fazem tão poucos extremos? Deos he como Labão, a gloria, como Rachel: he neceſſario antes de gozala ſervir a Deos para merecela. Se muitos annos a Jacob, pelo amor que tinha a Rachel, pareciaõ poucos dias; como he poſſivel, que breves horas, que gaſtamos em ſervir, & amar a Deos, nos pareçaõ muitos annos? Ora ſe nos não perſuade a razão, movaõnos os exemplos. Quem chamou tantos ao martyrio, ſenão a eſpera do eterno triunfo? Quem a tantas penitencias fez ſuave o trabalho, ſenão a repreſentaçaõ do premio? Quem a tantos Santos fez ambiçaõ das penas, ſenão a conſideraçaõ da gloria? Quem adoçou a S. Pedro a Cruz, a Saõ Paulo o cutelo, a Santo Andre as aſpas, a Saõ Lourenço as grelhas, a Santa Catherina as rodas, ſenão a promeſſa daquella gloria, porque morrem os eſcolhidos, & ſuſpirão os predeſtinados?

Gen. 29.

Que tens feito, peccador, cheyo de beneficios por eſte bem ſupremo? Aſpiras a eſte bem? Suſpiras por eſte fim? Aborreces já o mundo? Choras, & alegraſte quando te lembras do Ceo? Amas aquella celeſte Patria, Reyno dos eſcolhidos? Folgas de cuidar na gloria dos predeſtinados? Louvas muito a Deos por ſuas miſericordias? Ora arre-

pendete, & pedelhe perdão das tuas culpas. Senhor meu JESUS Christo, &c.

## DISCURSO III.

### *Como as creaturas nos ensinaõ a amar a Deos em seus beneficios, & exercicios.*

CLamam-nos todas as creaturas, que amemos como summo bem a Deos. A todos dizem o mesmo, diz tambem Sãto Agostinho, para que nenhum tenha escusa: *Cælum, & terra, & omnia, quæ in eis sunt, ecce undique mihi dicunt ut te amem; nec cessant dicere omnibus, ut sint inexcusabiles.* De dous modos nos dão as creaturas esta liçaõ, o primeiro mostrandonos, que he Deos digníssimo do vosso amor, o segundo mostrando, que todas ellas saõ dons, & beneficios de Deos.

Aug. Conf. lib. 10.

Quanto ao primeiro, a mesma bondade de todas as creaturas do mundo, que da omnipotencia forão obra, mostraõ a superior bondade do seu Creador, & por isso de todo o amor digníssimo: a fermosura do Sol, da Lua, das Estrellas, das flores, das perolas, dos diamantes, que nos dizem, mostrando a obra das mãos divinas, senão, que saõ hũas migalhas, ou faiscas da divina fermosura, huma pègada, como lhe chama Santo Thomàs, da infinita belleza de Deos? *Vestigium Creatoris.* Todas dizem isto cõ aquellas palavras: O Senhor nos fez a nós, & não nós a nós: *Ipse fecit nos, & non ipsi nos.* Não te adres peccador em mim, olha, considera quem aqui me poz, quem assim me fez: o dedo de Deos andou por aqui: *Opera digitorum tuorum.* Se isto foy hum toque dos dedos, a mão toda que será? Se isto he só o vestigio, que sobre o nada ficou impresso, que será a impressam do seu pè fermoso? Se tão fermosa he a sombra, que será a luz? Se tão bello he o rayo, que será o Sol? Se todo este mundo he huma pinga, que será o mar daquella belleza immensa? Se este he grosseiro debuxo, que será o Original supremo? Vedes como desta maneira nos clama o Ceo, a terra, o mar, o vento, o fogo, & em fim todas as creaturas, que amemos a fermosura de Deos? Que fazes pois peccador, que em amor te não desfazes?

D.Th.

Psal. 99. 3.

Psalm. 8. 4.

O segundo modo com que nos fallaõ he, dizendonos mudamẽte, que todas saõ dons, & beneficios de Deos, com que atrahe

aos

aos homẽs, assim como se attrahe a ovelhinha cõ o ramo, o minino com o brinco, o peixe com o engodo. Para incitar hũa pessoa, a que lhe queira bem outra, mais efficazes saõ as dadivas, que as palavras: o presente, ou a joya, que vos mandáraõ, he a melhor palavra, que vos disseraõ. Tudo quanto ha, & tudo quanto se vè no mundo, no Ceo, & na terra creou Deos para logros do homem: o que creou dantes, & o que creou, ou aperfeiçoou depois de crear o homẽ, tudo lhe poz debaixo dos pès, já avinculando-o a seu imperio, já propondo-o a seu merecimento por premio: para que sobre tudo amasse o homẽ a Deos, que lhe dera tanto. O fogo tanto arde, quanta he a lenha, que se lhe deita, se a lenha he muita, he o fogo muito, se menos a lenha, tambem o fogo he menos: *Secundum ligna exardescet ignis.* Grande deve de ser logo nas nossas almas o fogo do amor divino, pois por lenha tem tantos beneficios de Deos, quantas saõ as creaturas.

Ecclef. 28.

Olhai, & considerai para q̃ se move o Ceo andando continuamente numa roda viva: perguntai universalmente a todas as creaturas: Ceos, para que vos moveis? Sol, para que luzis? Lua, para que brilhais? Estrellas, para que influis? Fogo, ar, vento, nuvens, mares, ondas, campos, arvores, aves, peixes, & em fim creaturas do mundo, para que sois, que officio tendes, que fazeis? Responderá o Ceo: Eu ando numa roda viva para teu beneficio; porque sem o movimento do Ceo, & dos Astros fora infecũda a terra. Dissera o Sol, a Lua, & as Estrellas: Toda a nossa luz, & movimento he para te servir com o influxo. Dissera o fogo: Eu tenho por officio aquentarte, & fazerte de comer. Dissera o ar: Eu te dou a respiração, & o folego. Dissera o mar: Eu te dou os peixes, & te trago as mercancias das terras mais remotas: se eu não fora, menos riqueza fora a tua. Dissera a terra: Eu fui creada de Deos para te dar o sustento, regalar com frutas, enriquecer com minas, agasalhar com casas. Disserão as aves, as flores, os peixes, os animaes: Para teu regalo, para teu deleyte, para teu uso, & para teu serviço nascemos todos, & este he o officio, que temos.

Vede como vos dizem as creaturas sendo dadivas de Deos, q̃ ameis este Deos, que tanto vos dá no desterro, & promete mais na celeste patria. Eis-aqui a lenha das creaturas, com que Deos mandou que cada dia no altar de nossos coraçoens ardesse o fogo divino do amor de Deos: *Ignis in Altari meo semper ardebit.* Este he o fogo, que Christo Senhor nosso veyo meter na terra, &

Levit. 6.

Luc.12. 49. que queria que ardesse sempre, & de continuo se acendesse: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo nisi ut accendatur?*

Aquelles, que se não movem a amar a Deos por tantos beneficios, como lhe participão as creaturas, saõ, sem duvida, peyores, que as feras. Até os caens, diz Seneca, amão a seus bemfeitores: *Ecce etiam canes amant benefactores suos.* Contase de hũ Leão, quem livrou hum soldado de huma serpente, com que estava brigando, que nunca mais se quiz apartar do soldado, mostrãdo o seu agradecimento em lhe andar sempre ao lado. Que escusa teràõ logo aquelles, que deixando a seu Redemptor, se unem com a serpente infernal? As gotas de agua, que cahem continuamente sobre hũa penha dura, fazem móça nella, & se deixa cavar, & abrir da ternura, & molidão da agua: que escusa pois teràõ aquelles coraçoens de pedra, q̃ se não abrandão com a continua corrente da beneficencia divina? Peyores saõ que as feras, que os marmores, bronzes, & penhas. Se qualquer outro homem como vós, vos dera a luz deste Sol, que vedes: a agua, que bebeis: o vestido, que vestis: a vista do Ceo, do mar, dos rios, da terra, com que tanto vos recreais, que obrigaçoẽs, que amor tivereis, & confessarieis a este tal homem? Como he possivel pois que devendo tudo isto, & infinitas mais, & mayores obrigaçoens a Deos, de cuja liberal maõ tendes quanto tendes, deixeis de lhe pagar em amor, que tivereis a qualquer outro bemfeitor? Mas he possivel; porque ainda mal, que amamos mais, a quem devemos menos; & a Deos, de quem procedem tantos beneficios, lhe pagamos em offensas como ingratos, vís, & baixos.

Senec.

Não só nos clamão as creaturas com os beneficios, tambem nos incitão a amar a Deos, quãdo servem de flagello: o Ceo vestido de carrancas, o ar armado de bandeiras negras, o fogo esgrimindo rayos, a terra sacudindo terremotos, o mar ameaçando diluvios, o Sol eclipsado, a Lua amortecida, as Estrellas macilentas, os campos estereis, as arvores defuntas, as flores feitas cadaveres, & finalmente cheas de horror, & assombro todas as creaturas, que he o que nos clamão, que he o que nos gritão? Peccador convertete a Deos, teme a divina justiça, aproveitate da penitencia, não esperdices a divina misericordia. Se tudo contra ti se arma, o Ceo, a terra, os elementos, estando Deos mal comtigo, quem serà por ti? Que falta já senão que a terra se abra, q̃ a morte te arrebate, que o inferno te soverta? As fomes, as pestes, as tempo-

raẽs calamidades, as guerras, & desaventuras, as afrontas, sam hum silencio, que grita, & huma retorica muda, para que solicites a emenda.

Gen.7. As aguas do diluvio por quatro dias em quanto não assolárão o genero humano, erão hum quartel para o arrependimento. Exod. 7.8.9.10. As pragas de Egypto, que eraõ azorrague para os obstinados, erão despertador para os convictos. As serpentes de fogo, que Num. 21. no deserto ameaçavão mortes, erão aviso, para que olhando para a serpente de metal, & clamando ao Ceo alcançassem melhor vida. As transmigraçoens, 2.Paral.33.&36. com que o povo de Deos foy desterrado da propria terra, eram meyos para que puzessem o coraçam no Ceo. Servem os flagellos de aviso, para que atè os castigos sejaõ espiritual remedio. Aquella chaga podre a que não bastão medicinas brãdas, poemselhe cauterios fortes. Finalmente castiga Deos nesta vida a quem não quer castigar na outra: Heb. 12. 6. *Flagellat omnem filium, quem recipit.* Castiga, & reprehende a quem ama como a filho: Apoc. 3.19. *Quos amo, arguo, & castigo.* Nem permite males em huns, que quando para elles não sejaõ cura, deixem de ser para outros medicina.

Não só os males da pena, mas ainda os da culpa nos movem a amar a Deos como sũmo bem, dizendonos, que só nelle póde aquietar o amor. Considerai o lascivo no seu mayor deleite, vereis que o gosto se converteo em tristeza, o apetite em melancolia: & que lhe diz nisto aquelle vicio, que buscou como summo bem? Sem fallar palavra lhe diz: Peccador ingrato, naõ está aqui o summo bem, que buscas: porque se fora summo bem não te causára fastio, nem desassego, ficáras com mayor gosto, & mais satisfeito: & se além disso, onde buscou o deleyte achou algum dano grave, como muitas vezes succede; que lhe diz aquelle dano? Homem cego buscaste hum bem, & achaste este mal: trata de buscar a Deos, que só elle he sũmo bem; porque o que he bem naõ faz mal.

Considerai o cubiçoso dos bens terrenos, deseja dez mil cruzados, chegou a telos, não descança alli, o desejo já he de vinte: chegou a telos, não pára o desejo, quarenta saõ os desejados, deseja mais, crescendo o desejo, & a cubiça, quanto mais lhe acresce de fazenda: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.* Que diz então este vicio? Homem miseravel, se o que poens por fim do teu apetite, se farta cada vez menos, final he que não está aqui o summo bem: porque onde está, o desejo pára, a vontade aquieta; busca a Deos,

que só nelle, como em centro terás sossego.

Considerai o ambicioso de honras, dailhe quantas deseja, vereis que no mesmo ponto, que alcançou o que desejava, voa o apetite a outras, que a mesma ambiçaõ representa: hydropico de dignidades, & enfermo de sua mesma dita, quanto mais desta agua bebe; tanto mais sede lhe fica. E q̃ lhe diz esta sede? Sede, que não sacîa naquillo, que procura, & alcança, em outra parte tem o centro; & se fóra de Deos o procuras, nunca acharás o que desejas.

Considerai o mayor Principe do seculo, & com todos os imperios da terra, que desejou no mundo; & neste ultimo ponto, que havia de ser termo do seu desejo, veloheis, como Alexandre Magno, ficar vasio, veloheis chorar a estreiteza da fortuna, com fome de Reynos, & com sede de outros mundos, & quimericas Monarchias. Tem o Imperio fim, & a Monarchia termo, só o desejo o não tem; & este he hum brado mudo, hum grito interior, com que a mesma soberba, & vaidade lhe inculca o Reyno eterno, & a gloria do sũmo bem. Finalmente parando a mesma soberba em angustia, a lascivia em doença, a preguiça em ancia, a gula em fastio, a vingança em homisio, o regalo em apoplexia, a inveja em raiva, a cubiça em miseria, & tudo o mais em extrema desaventura, parece que os mesmos peccados nos pregão, q̃ não amemos por bem o mal, & que sómente suspiremos pelo sũmo bem. Se isto nos dizem os vicios, se isto os peccados, que nos dirão as virtudes, a razão, a Fè, & a certeza, que temos da divina bondade? Dizem-nos, que só em Deos busquemos o summo bem, porque em tudo o mais nos acharemos mal. Por isso David dizia a Deos: *Satiabor cum apparuerit gloria tua.* Só então, Senhor, me posso satisfazer, quando na vossa gloria me vir. Ainda que nasci pastor, & me fizestes Rey, ainda que do mundo, & desta vida goze a mayor gloria, tudo isto não he mais que hum rasto escuro daquelles bens eternos, huns despertadores de meus suspiros.

Psalm. 16.15.

DIS-

# DISCURSO IV.

*Deos he summo bem, & nelle como nosso centro deve parar o fim porque obramos, a exemplo das creaturas sensiveis, & insensiveis.*

HE Deos sũmo bem, mayor infinitamente que todos os bens possiveis ao mesmo Deos. He huma sobredivina sustancia, huma fermosura infinita, magestade immensa, omnipotencia sũma, eterna gloria, inessavel sabedoria, bondade incomparavel, perfeiçaõ incomprehensivel, incessavel providencia, inexcrutavel justiça, sobreimmensa misericordia, inexplicavel doçura, indizivel liberalidade, & infinita infinidade de infinidades immensas de perfeiçoens infinitas, & de infinitos alens de immenso, de eterno, de inessavel, de incomprehensivel.

Naõ ha nos encarecimentos modo, nos hyperboles extremo, nas infinidades circulo, nas eternidades espaço, nas immensidades numero, onde caiba a menor luz, a menor sombra, a menor pinga, o menor rasgo, o menor debuxo do pègo, do mar, do Oceano, do abismo daquella essencia, bondade, perfeiçam, magestade, & fermosura divina; em sua comparação todas as perfeiçoens, bellezas, graças, glorias, maravilhas possiveis ao mesmo Deos, saõ infinitamente menos, que a respeito do Sol hum rayo, do Ceo huma Estrella, da terra huma flor, do mar huma onda, do mundo huma cifra; a seu respeito toda a comparaçam parece blasfemia, toda a verdade he mentira, toda a exageraçaõ injuria, todos os hyperboles ponto, todas as immẽsidades sombra, todas as infinidades nada. Por isso diz S. Dionysio Areopagita: Nenhuma cousa explica aquelle invadeavel segredo da sobredivindade de Deos, que sobre tudo sobreessencialmente existe, & supera todo o entendimẽto. Rectamente dizemos que Deos não he vida, nem substancia, nem sabedoria, nem bondade, nem Divindade; porque he outra cousa mais sobreeminente, & sobresuperior do que dizemos. E he como se dissera: Divindade he Deos, mas não aquella Divindade, que podemos aprehender: bondade he, mas não aquella bondade, que podemos considerar: sabedoria he, vida he, sustancia he, infinidade, eternidade, immensidade he, mas não aquel-

D Dionys. de divin. nom. c. 13. De myst. Theol c. ult.

aquella, que o entendimento póde propor, entender, ou alcançar, ainda que a proponha, & proponha como incomprehensivel; porque tudo isto he hum conceito limitado, hũ debuxo grosseiro, hum brutesco tosco daquelle Original sobreimmenso, alèm de sobresoberano, & mais que infinitamente sobreinfinito: he hum discurso de creatura, que dista menos do nada, que o nada de Deos.

Esta he a razão porque os Doutores sagrados, de dous caminhos, que assinão para conhecer a Deos, hum de affirmaçam de suas perfeiçoens, como he dizer: Deos he bondade, he fermosura, he sabedoria; outro de negaçaõ, como agora: Deos não he a bondade, que dizemos, não he a fermosura, que pintamos, nem a sabedoria, que conhecemos, senão outra sobre todo o entendimento, sobre toda a infinidade, sobre toda a comprehençaõ; achaõ que he mais decoroso a Deos o modo, com que se nega, do que o modo com que se affirma.

D. Th. cum alijs DD.

Meu Padre Saõ Francisco não sabendo explicar o conceito, que tinha feito de Deos, dizia na sua oraçaõ: *Deus meus, & omnia, vellem te diligere*. Meu Deos, & todas minhas cousas, tomára amarvos. Tertulliano parece, que naõ dizia peyor, quando fallando neste abismo de bellezas, & maravilhas rompeo nestas palavras: *Tu omnia, tu nihil rerum: quem te appellem cum ineffabilis sis?* Vós, Senhor, que sois todas as cousas, & nada de todas ellas, que nome vos hei de pôr, se nada vos póde explicar, porque sois ineffavel? Este summo bem, que supera quanto se cuida, & quanto se não cuida, que ainda taõ mal debuxado he gloria, q̃ suspirado he delicia, buscado bemaventurança, quantas vezes peccador o deixas, o desprezas por hum gosto, que he torpeza immunda, por hum interesse, que he vergonha, por hum pundonor, que he ponto, por huma honrinha, que he ar, por hum capricho, q̃ he riso, & por tudo o mais, que he nada?

Tertul.

Oh quanto he para sentir, & para chorar, que tantas almas no mundo deixem este summo bem atè pelo seu mal! Grande cegueira! Summa desaventura! que sendo creado o homem para gozar de Deos, ponha seu coraçaõ na vileza dos contentamentos terrenos, & vire ás costas aos divinos! Se vireis, que hum homem deixava o ouro por chumbo, diamantes por vidros, as perolas pelas conchas, as flores pelas espinhas, as triagas pelos venenos, em que opiniam o tivereis? Naõ disseramos todos, que estava louco, & fóra de seu sentido? Que diremos pois de todos aquelles, que deixaõ a

Deos

Deos pelo seu gosto, a verdade pela mentira, a realidade pela aparencia, o summo bem pelo seu mal, senão que saõ insensatos, & gentes sem entendimentos?

Mas ainda que assim sejais, a mesma brutalidade, & insensibilidade suspira por aquelle centro, & fim, para que foraõ creadas todas as cousas; & aquelle extremo, ou esfera, que lhe serve como de fim ultimo, he continuamente o seu mais vivo desejo, o seu natural aballo, o seu mayor movimento, o seu mais vehemente impulso; por mais, que alguma contrariedade lhe ponha obstaculos, lhe opponha impedimentos, por tudo rompem, vencendo as difficuldades, sem tomar descanço, atè que se vem no centro; & desta maneira, ou nos ensinão, ou nos reprehendem do pouco, que fazemos pelo nosso ultimo fim.

Considerai hum rayo fechado no carcere de huma nuvem, & vede com quanto impeto estala, rasgando a nuvem, ferindo o ar, atormentando o vento, estremecendo os Ceos, & atroando o mundo, quando, como vibora ardente, mal parido, se arroja aos ares, se fulmina, se vibra, & se dispara. Não parece impaciencia o relampago, o estrondo queixa, o trovão bramido? Não ha duvida. E se perguntais, porque assim se queixa, se afervora, se arrebata, sem aquietar na nuvem, que o metia nas entranhas; responde: Estou na nuvem violento, & como em outra esfera tenho o meu cetro, não paro, em quanto naõ rompo por todas as difficuldades: não sossego atè me consumir, ou chegar ao meu fim ultimo.

Considerai o fogo da polvora incluso em huma mina; vereis que em hum breve instante rebenta furiosamente, arrebatando muros, voando torres, precipitando baluartes, sem que haja na mayor fortaleza obstaculo, que lhe sirva de impedimẽto, ou defensa a seus impetos: & que vos diz, quando sahe vomitando chamas como de braveza? Diz com espantoso ruido, que as fumaças saõ colera de verse prezo, que os incendios sam festas por verse solto, que as ruinas, & aberturas saõ vinganças do tempo, que esteve atado, que o estalido he brado, com que por seu centro suspira, que as labaredas saõ azas, com que á sua esfera voa.

Considerai hum terremoto, q̃ assombra o mundo com tamanha confusaõ, que parece que o mũdo se vira, & a machina do Orbe acaba: & se lhe perguntais a causa de tamanho aballo; facilmente vos responde, que tudo procede de hum pouco de ar, ou vapor incluso nas concavidades

da

da terra; & que daquella força, & impeto, que poem para sahir em quanto naõ póde romper, nasce que a terra treme, & se aballa. E se segunda vez inquiris, quem deu tanta força a hum vapor, que he fraco, & a hum pouco de ar, que he taõ leve, para mover montanhas, aballar serras, abrir penhascos, derrubar edificios, fundir Cidades, & deixar com quartans os montes? Quem? Responde a razaõ natural: O estar fóra do seu centro, & querer tornar para o seu ultimo fim; & para restituirse a elle o mais fraco tem forças se quer, sobejaõlhe pujanças: & naõ sendo este vapor, este ar, mais que hum suspiro leve, mas suspiro por seu centro, tem este tanta efficacia, que basta para aballar o mundo.

Considerai huma fonte, que do berço de hum penedo se arrojou a hum valle, onde as margens mais apraziveis lhe offerecèraõ abraços, as flores galas, as aves musicas, as plantas mimo, os bosques leito, as sombras toldo: vereis, que como ave de neve fugindo voa, de tudo se vai rindo, a tudo engeita correndo, naõ pára despenhandose: & se perguntais a causa de tanta furia, de tanto desapego, de tanta pressa: vereis que não he outra mais que ter longe o seu centro, ter no mar o seu fim ultimo; & por isso não sossega, antes com ancia amorosa se arroja, & se precipita ao mar, & só nelle tem descanço.

Considerai huma rocha na mayor altura, posta como coroa na cupula do edificio; ainda que pareça, que descança, porque está quieta, he certo, que alli està violentada, tendo natural apetite de tornarse à terra, posto que seja a mais baixa: & em que se prova a violencia? Em que tirandolhe o impedimento com que está ligada, descerá logo voando com todo o impeto a buscar o centro. Desorte que na fonte, na pedra, no ar, no fogo, & em todas as mais creaturas achareis esta fome, & sede de seu fim ultimo.

Considerai ainda a agulha tocada da pedra de cevar, vereis, que naõ aquieta senão no Norte. Considerai a herva gigante, ainda q̃ pelos pès a tenha preza a terra, com as folhas, & com tudo quanto póde vai seguindo o Sol. Considerai a palha perto do alambre, vereis que esquecida da terra, onde nasceo, se arrebata em seu amor. Demaneira, que nas hervas, nas palhas, nas pedras, nas fontes, no ar, no rayo achamos este movimento para o seu fim ultimo: & sendo Deos o ultimo fim do homem, sua esfera, seu summo bem, & seu centro, vemos que faz mais extremos a palha pelo alambre, a herva pelo Sol, hũa pedra pela terra,

terra, huma fonte pelo mar, hum vapor pelo ar, hum rayo pelo fogo, que huma alma, que hũ coraçaõ por Deos. Oh miseria digna de chorarse com lagrimas de sangue!

Que fazes alma peccadora, que não morres de pezar, pois sendo Deos para ti infinitamente mayor bem, que o alambre para a palha, que o Sol para a flor, que o Norte para a agulha, que a terra para a pedra, que o mar para a fonte, que o ar para o vapor, que o fogo para o rayo: & sendo tu infinitamente mais vil em comparaçaõ de Deos, do que he o rayo, o vapor, a fonte, pedra, agulha, flor, & palha, em comparaçaõ do fogo, do ar, do mar, da terra, do Norte, do alambre, & do Sol; não tens feito nada pelo teu verdadeiro bẽ, tendo feito muito pelo teu verdadeiro mál? Cada hum daquelles rompe por todas as difficuldades, que se lhe oppoem: o peccador a cada passo acha huma rémora: os mesmos meyos, que lhe facilitão o passo, tem por estorvos, na cadea do seu apetite as difficuldades augmenta os impossiveis, dobra os encantamentos.

Na verdade, que he pasmosa miseria, que fuja o amor humano do amor divino; sendo q̃ por qualquer parte que queira, parece que não póde, porque se, peccador, o teu amor he venal, & se vende por algum preço, quem o póde comprar mais caro, do que Deos, que dá por elle hum Reyno inteiro, & hũ Reyno Eterno? Quem o póde levar a mayor custo, que quem deu por elle sangue, & vida de hum homem Deos? Se este teu amor se ha de dar de graça, quem he mais digno delle, que Deos infinitamente bom, & como tal o merece? Se por força, & violencia, quem nos faz mais força, que este Senhor, que nos pede este amor com a espada desembainhada, & quasi disparando settas, dizendo: Ou me hade amar, ou com morte eterna has de perecer: *Nisi conversi fueritis, gladium suum vibrabit; arcum suum tetendit, &c.*

Psalm. 7. 13.

Peccador, para sy te creou Deos, se a Deos não queres, por força te has de perder: querelo, he buscalo com toda a ancia, servilo com toda a diligencia, amalo com toda a alma. Rio que não chega ao mar, em charco se converte, pouco a pouco se corrompe, atè que na terra se sóme, & em fim se perde. Se ao amor donde sahiste não tornas, se a Deos não corres, em charco do abismo te mudas, corrompertehas nos vicios, sumirtehas no inferno. Ou ao Ceo ou ao inferno sem duvida has de hir, ou de Deos, ou do demonio has de ser. Vè o que escolhes: na tua liberdade tens o caminho, na reso-

resoluçaõ o perigo, ou o remedio. Que agravo faz Deos em deitar no inferno, a quem não quer o Ceo? Que injuria em entregar ao demonio quem desprezou a Deos? E a Deos, & ao Ceo se despreza pelo peccado! Se neste te ficas, em peyor estado ficas, do que se estiveras sem culpa no inferno. Se te peza de haveres desprezado este summo bem, & adorado o summo mal, humilhate a este Senhor, que em toda a parte te olha, & dize muito de coraçaõ:

Meu Deos, unico bem, meu ultimo, & soberano fim, a quem eu tanto offendi cega, & miseravelmente, corrome Senhor, envergonhome, confundome, & summamente me afflijo de que sendo vós quem sois infinitamente bom, me atrevesse eu vilissimo pó, & cinza, agravarvos, & offendervos. Pezame Senhor, do-ome muito, meu Deos, de que atè pela minha pena desprezasse a vossa gloria; & pela minha perdiçaõ a vossa bemaventurança. Pequei, fiz mal, & por tudo quanto tem o mundo proponho de não vos offẽder. Espero que me haveis de perdoar; porque se me esperastes, quando agravado, se me chamastes quando queixoso, como não usareis de misericordia comigo arrependido? Nunca mais de culpa, meu Deos, morrer, antes que peccar. Tende misericordia de mim.

---

# DISCURSO V.

## *De que maneira se oppoem o peccado a este summo bem, & fim ultimo.*

A Este summo bem, que he o nosso ultimo fim, se oppoem hum mal infinito, que he o peccado mortal. Podese sondar, & medir a profundidade do mar, a redondeza da terra, a altura dos Ceos, a grandeza do Orbe, a largura, & cumprimento de todas as esferas, & vadear as estancias imaginarias, q̃ a fantasia sonha, ou o estudo medita; mas naõ haverá entendimento humano, sabedoria Angelica capacidade creada, que possa tocar o fundo da malicia do peccado, ou declarar quanto este mal tem de imẽso; por avesso, & contrario da magestade, & bondade de Deos, a quem he opposto.

Mas ainda que seja impossivel definilo, & declaralo, necessario he segundo a humana capacidade dizer delle algũa cousa para conhecelo, & conhecendo fugilo; pois he certo, que os vicios

vicios se não podem evitar sem primeiro se conhecer. O enfermo que não conhece a sua doença, não trata quanto lhe importa da sua medicina; & se he maligna a enfermidade, quanto menos se conhece do humor peccante a malicia, tanto mais se lhe impossibilita a cura. O Piloto, que não conheceo o baixo onde a sua Nao tem dado, naõ póde evitar o naufragio, nem remediar o perigo. Assim os peccados, que saõ febres malignas da alma, como se hão de curar, se a sua gravidade, & malicia deixar de se conhecer? Os vicios, que saõ baixos, & riscos onde tantas almas se perdem, como se haõ de evitar, & aborrecer, se se não chegarem a descubrir?

Perdéraõse os Judeos, porq não conhecèrão o baixo em que tinhão dado, como diz Santo Agostinho: *Si cognovissent, nunquam Dominum crucifixissent.* Perdeose o rico Avarento, porque naõ vio o risco sobre que estava surto. Perdéraõse os do diluvio, & Sodóma, porque não conhecéraõ a maldade, que tinhão feito, antes como cegos huns, & outros fizerão peçonha do seu remedio, & gloria do seu delito. Ao contrario conheceo David o seu peccado, & logo detestou o seu erro: *Quoniam iniquitatem meam ego cognosco.* Conheceo a Magdalena o seu engano, & logo chorou o seu desatino: *Ut cognovit.* Conheceo o Prodigo a sua perdiçaõ, & logo encaminhou os passos para a salvaçaõ.

Por esta razão, ainda que deste summo mal do peccado não possamos dizer tudo, alguma cousa diremos. O gigante conhecese pelo dedo, o leaõ pela unha, o elefante pelo dente, a noyte pela sombra. Retrataremos aqui huma sombra, que mais não seja: hum mundo inteiro se descobre em breve mapa, em pequena carta; arguamos pelas sombras deste breve debuxo, qual será o original do peccado.

Cinco cousas diz o nosso Sãto Antonio, que deve considerar o peccador para conhecer a gravidade, & malicia do peccado mortal.

- Primeira, a Magestade, que offendeo.
- Segunda, a macula, que contrahio.
- Terceira, a Bondade, que desprezou.
- Quarta, a gloria, que perdeo.
- Quinta, a pena, q̃ mereceo.

Quanto á primeira havemos de entender, que o que faz mais horrendo, & grave o peccado, & o constitue numa malicia infinita, he ser injuria de Deos, & afronta da Divina Magestade; porque como diz S. Thomàs, o peccado tem huma malicia infinita contrahida na injuria, que fez

D. Th. 3. p. q. 1. a 2.

fez a Deos; & a injuria tanto he mais grave, quanto a pessoa injuriada he mais digna: sendo pois sobreinfinita a Magestade de Deos, & hum bicho vil da terra o peccador, que a injuria, quem duvida, que he infinita ao menos objectivamente esta afronta, esta injuria, esta offensa?

Quem es peccador, quem es tu que te atreveste peccando afrontar hum Deos omnipotente? Qual será a enormidade, qual a malicia da injuria, que lhe fizeste, quando peccaste? Sendo pois o peccado o mayor contrario de Deos, quanto Deos por ser infinitamente bom he amavel, o peccado por ser infinitamente máo he aborrecivel; & assim como he impossivel amar alguem tanto a Deos, que não mereça ser mais amado: assim he tambem impossivel aborrecer alguem tanto o peccado, q elle não mereça ser mais aborrecido. Que o peccado seja injuria, & desprezo de Deos, diz elle pelo seu Profeta Isaias: Criei os peccadores, como se foraõ meus filhos, exalteios com os dotes da natureza, com os bens da ventura, & com os dons da graça, & elles desprezáraõme com suas culpas, & não fizerão caso de mim amando suas torpezas.

Isai. 2.

Succede este desprezo de Deos, quando ao peccador o tenta o demonio para algum peccado: fazei conta que se poem Deos de huma parte, o demonio de outra, & fica o peccador no meyo. Deos com a sua ley na mão lhe diz: Homem, vè que te criei, que te fiz Christão, que morri por ti numa Cruz, que te mando que me sirvas, & não me offendas, não peques, porque se não peccares, serás dos meus amigos, & como filho muito querido terás o Rey no eterno: olha q se consentes, & me desprezas peccando, que serei teu capital inimigo, que tè entregarei ao demonio, & te lãçarei no inferno. Da outra parte está o demonio com aquelle deleyte, ou gosto com que nos tenta. E que importa, diz, que Deos não queira, se a tua liberdade se exercita? Es senhor do teu livre alvedrio, & da tua eleiçaõ, faze-a do que te dá gosto, que só assim serás o primeiro homem do mundo, a quem nada se poz diante para comer do pomo vedado. Que te diz Deos, que te creou como filho? E que muito, se te tinha feito? Que te fez Christão? Isso fez a muitos. Que morreo por ti? Foy gèral beneficio para todos. Que te manda, que o não offendas, que não peques, & que o sirvas? Para que tè pede, o que elle póde? E se não quer poder por te conservar a liberdade, pecca para mostrares que es muito senhor da tua vontade. Que mais te diz? que senão peccares, serás dos

seus

ſeus amigos, & terás o Reyno eterno? Muitos eſtão no ſeu Reyno: & mais que muitos tem hoje por amigos q̃ o offendèrão neſta vida com muitos, & grandes peccados. Se te atreves a hum gemido, em qualquer tempo que o derès na tua vida, te porás na ſua graça, & amizade antiga. Com que te ameaça, cõ o inferno? Faze teu goſto neſte mundo, fecha os olhos ao outro: que ſe aſſim o naõ fizeraõ quantos peccáraõ, já do peccado não ouvera fumo, mais que o que ainda levanta nos brazeiros do inferno; fazere ſurdo aõ q̃ Deos te diz, ſe queres que os mais ſentidos te deleitem, te recreẽ, te agradem, ſem ſuſto, ſem çoçobro, ſem temor, & ſem limite.

Se o peccador conſente, & ſe determina ao peccado, ſabeis que faz? Não ſó eſtima a Deos menos que o demonio, mas faz Deos do ſeu peccado, pois entregando-ſe totalmente ao ſeu goſto, faz delle ſeu fim ultimo, o que he proprio ſómente de Deos, & ainda que com a boca naõ diga nada, pelo que obra he o meſmo que ſe diſſera a Deos: Nada ſe me dá de vós, nem temo os voſſos ameaços, nem faço caſo do voſſo paraiſo, não tenho medo do voſſo inferno, hei de fazer o meu goſto, ainda que vos peze: não quero guardar os voſſos preceitos: eſcolho por amigo o demonio: & que me vai em vos ter por inimigo? Além diſto, quem pecca, quanto em ſy he, fere, mata, mete debaixo dos pès a Deos, como diz o Apoſtolo: *Rurſum crucifigentes ſibimetipſis filium Dei, & oſtentui habentes.* Folgára, que Deos não fora bom, para que Deos o não caſtigára por máo. Quizera cortar a Deos os braços da juſtiça, & da omnipotencia, para que não podeſſe caſtigar as ſuas culpas. Tomára, que não ouvera Deos no mundo, para elle viver como ſe fora Deos. Tomára que fora Deos cego, para que naõ vira ſuas offenſas: que fora tonto, para que não entendéra as ſuas maldades: que Deos não fora eterno, para que o não fora ſeu caſtigo; & finalmente tomára, que não ouvera Deos, & com iſto quanto em ſy he lhe deſeja deſtruir o ſer, o poder, & mais attributos.

Heb. 6. 6.

Iſto faz, iſto diz o peccador quando pecca, ainda que não ſaiba o que diz, nem o que faz; & deſta maneira deſpreza a Deos como Legislador, não querendo guardar ſua ley, deſpreza-o como a Senhor, não querendo ſugeitarſe ao ſeu dominio, deſpreza-o como a Rey, rebellandoſe a ſeu imperio, deſpreza-o como amigo, não fazendo caſo de ſeus beneficios, deſpreza-o como inimigo, moſtrando que não teme ſeu poder immenſo,

deſpre-

despreza-o como Creador, virando contra elle o ser, a vida, a alma, & quanto de Deos recebeo. Despreza-o como Redemptor, não fazendo estimaçaõ do sangue que por elle derramou, a morte, que por elle padeceo. Despreza-o como ultimo fim, não querendo aquella bemaventurança, que perde por huma torpeza, ou por qualquer gloria caduca. Despreza-o como pay, engeitando a herança do Ceo, & o titulo de filho. Despreza-o como juiz, não temendo a terrivel sentença, que o ha de lançar no inferno. Despreza-o como Deos, pois sendo o peccado unico mal, que se póde fazer a Deos, sem embargo de sabelo, pecca. Despreza a infinita misericordia, valendose da esperança, de que Deos lhe ha de perdoar, para mais soltamente offẽdelo. Despreza a immensa bondade de Deos, tomando por occasiaõ de seu máo estado a experiencia, que tem de q̃ Deos he infinitamente bom. Despreza a sua presença, pois na cara de Deos, que a tudo está presente, comete sem pejo as culpas. Despreza a sua omnipotencia, pois não podendo fazerse nada sem que Deos concorra, faz que concorra Deos como Autor da natureza, em todas as suas obras, para que delle se sirva na offensa do mesmo Deos. Despreza a sua sabedoria, pois não se lhe dá, que saiba Deos a sua torpeza, sendo de Deos afronta. Despreza a sua justiça, peccando depois de tantos exemplos da divina vingança. Despreza a sua providencia, pervertendo a ordem, & o fim a que ella se encaminha. Finalmente despreza todos os attributos, & perfeiçoens de Deos, pois contra todos pecca. Despreza os beneficios da natureza, os dons da graça, os bens da gloria, o sangue de Christo, o remedio dos Sacramentos, as inspiraçoens, os auxilios, & de tudo faz armas contra a bondade divina: sendo tantos os modos da malicia, quantos saõ os favores da immensa misericordia, & as esperas da divina paciencia.

E porque bem despreza isto? Por hum gosto que he torpeza, por hum capricho, que he vaidade, por hum ponto de honra, que he ar, por hum interesse, que he terra, por hum apetite, que he fogo, por huma gloria, que he fumo, por hũa felicidade, que he vento, por huma estimaçam, que he sonho, & por tudo mais, que he nada em comparaçaõ de Deos, sem se lhe dar das pensoens, com que abraça o seu peccado, que saõ ser inimigo de Deos, escravo do demonio, desherdado do Ceo, & condenado ao inferno. Eis-aqui Deos deixado pelo demonio, Christo pospasto a Barrabás, o

Manná

Manná do Ceo deixado pelas cebolas de Egypto, & finalmente Deos desprezado por hum vil motivo; & quãto he mais vil o motivo, tanto mayor o aggravo, quanto mais vil a pessoa, que aggravou, mayor a injuria da pessoa, que se offendeo: & sendo Deos huma Magestade infinita, eis aqui hum breve debuxo da infinidade da offensa.

Se desprezareis o ouro pelo cobre, os diamantes por vidros, o Sol pela sombra, a perola pela concha, as rosas pelas espinhas, & as triagas pelos venenos: & se tivera entendimento essa triaga, essa flor, essa perola, esse Sol, esse diamante, esse ouro, quanto se offendèra deste desprezo, pois o deixaveis por hũa cousa tam vil? He certo, que quanto fora o ouro mais puro, o diamante mais fino, o Sol mais claro, a perola mais preciosa, a rosa mais fragrante, a triaga mais excellente, mais havia de sentir o desprezo, que se lhe fazia por hum cobre grosseiro, por hum vidro quebradiço, por hũa sombra fea, por huma concha tosca, por huma espinha dura, por hum veneno danoso, & contrario á vida.

Que será pois a offensa, que se faz a Deos, hindo da creatura a Deos huma distancia infinita, & deixando pelo cobre dos bens terrenos o ouro dos tesouros divinos? Pelo vidro quebradiço de quanto tem o seculo, o diamante eterno da gloria, que se ha de gozar no Ceo? Pela sombra fea, & vãa das felicidades da vida, o Sol immortal da mayor felicidade da alma? Pela concha tosca de qualquer gloria terrena, a perola preciosa da Bemaventurança? Pela espinha, cu pico pungente de qualquer belleza caduca, a flor de fermosura eterna? Pelo veneno mortal de qualquer mortal peccado, a triaga da graça, & misericordia infinita? Oh bondade infinita, quem nunca te ouvera offendido! Oh maldade minha, quem nunca te ouvera entendido!

Pasmaivos Ceos, admiraivos Serafins, assombraivos Anjos, sirva de espanto aos elementos, & a todas as creaturas, o que com os homẽs me succedeo. E que foy Senhor? E que caso he esse, meu Deos, para conciliar os espantos, & persuadir os assombros? Sabeis que? Diz o Senhor pelo seu Profeta Jeremias: Deixàraõme os homens a mim, sendo seu Creador, por huma vil creatura: desprezáraõ os peccadores a fonte da vida pelas cisternas da morte: desprezáraõ as aguas do Ceo pelo lodo da terra, a gloria pela culpa, o Ceo pelo mundo, a Deos pelo demonio. Oh miseria! Oh espanto! Oh perdição do mundo! *Obstupescite cæli super hoc, & portæ ejus desolamini, dicit Dominus.* Jerem. 2. 12.

*Duo enim mala fecit populus meus: me dereliquerunt fontem aquæ vivæ, &c.*

Pelo Profeta Isaias faz Deos os mesmos espantos, dizendo: Ouvi Ceos, ouvi terra, ouvi mar, ouvi fogo, ouvi penhascos, ouvi montes, ouvi brutos, ouvi elementos, vestivos de entendimento, de olhos, & de ouvidos, de admiraçoens, & de assombros, & sede testemunhas de que os homens a quem criei como filhos, escolhi como herdeiros, redemi com meu sangue, dotei com tantos beneficios, & prometi eternos thesouros, esses saõ os que me desprezaõ, me aggravão, & me injurião: *Audite Cæli, & auribus percipe terra, quoniam Dominus locutus est. Filios enutrivi, & exaltavi: ipsi verò spreverunt me.*

Isai. 1. 2.

Os homens, que ás vezes se não atrevem a desprezar outros homens, estes me desprezàraõ. Oh prodigio de ingratidaõ! Oh non plus ultra de malicia! Que fazeis Ceos, que não disparais infernos? Que fazeis fogo, que naõ vos desfazeis em rayos? Em que vos detendes ar, que naõ fulminais coriscos? Em que vos occupais terra, que não vibrais terremotos? Que fazeis mar, que não repetis diluvios? Mas quem vos detem a furia, quem vos suspende a ira, quem vos enfrea a colera para não tomar vingança do peccador, pois isto deseja cada creatura, quando o peccador pecca? *Omnis creatura ingemiscit, & parturit usque adhuc.* Quem ha de ser, Ceos, senão a bondade, & misericordia de Deos, que a quem pudèra castigar, & lançar no inferno logo que cometeo hum peccado, dá tempo de penitencia, para que arrependido da culpa entre no Paraiso? Quem, senaõ o Filho de Deos, que como na Cruz, pede a seu Eterno Pay: Padre meu, naõ vibreis os rayos, embainhai os coriscos, estes peccadores saõ nescios, andão cegos, naõ sabem o que fazem, derramei por elles este sangue, dei por elles a vida, perdoailhe, & tende misericordia delles.

Rom. 8. 22.

Luc. 23. 34

O' peccador, se não es mais duro que os marmores, mais insensivel que os troncos, mais grosseiro que os brutos, mais cruel que as feras, ouve, compungete, magoate com estas vozes de Deos, responde a cada queixa: hum suspiro seja cada voz, a compunçaõ hum ecco, & dize de coraçaõ: Meu Senhor Jesus Christo, pequei, fiz mal na cara dos Ceos, & da terra, não sou digno da luz, que vejo, do Ceo, que olho, do ar, que bebo, da terra, que pizo: antes sou merecedor que o Ceo dispare settas, que o fogo fulmine rayos, que o ar vibre coriscos, que a terra se abra em sepulchros, & que cada creatura vossa seja huma

ma arma contra mim: não devó chamarme filho vosso, pois voluntariamente com meu peccado me fiz da perdiçaõ escravo, & do demonio servo: ainda assim meu Deos, & Senhor, quãto desconfio de mim, tanto espero de vossa bondade immensa; porque todas as razoens que me movẽ a vos amar, a esperar em vós me movem. Porque não terei eu esta esperança em hum Deos infinitamente benigno, se tanto padecestes no mundo por fazerme bem, & bemaventurado? Em quem confiarei eu com mayor razaõ, que em quem tanto me ama, que se entregou á morte, porque eu tivesse eterna vida? Em quem terei mais certo o meu remedio, que em quem por fazerme participante de seus bens, se fez participante de meus males? Como me negará o remedio, quando já lhe naõ custa nada, quem me remio a tanto custo seu? Como fugirá de quem o busca, quem buscou por tantos caminhos, á quem lhe fugia tanto? Se pois, meu Deos, atègora vos não dedignastes de me sofrer, peçovos por vossa morte, & Payxão, que tenhais por bem o favor de me perdoar.

## DISCURSO VI.

### *Tratase do segundo effeito do peccado, que he a macula, que deixa na alma.*

O Segundo dano, que faz em huma alma este furioso rayo, esta peçonha do inferno, he pôr na alma huma mancha, & nodoa, a que os Theologos chamão macula do peccado; porque assim como qualquer cousa alva, & limpa chegando ao lodo fica perdendo a sua limpeza, & candura: assim a alma, que pecca, pelo ajuntamento com o bem temporal, que he como lodo, fica perdendo a sua fermosura, a alvura, & candidez da graça: fica deslustrada, fea, & asquerosa. He o peccado mortal, como o rayo, mata, & chamusca. He como podridão do pomo, que poem nodoa tanto que entra; & nodoa, & mancha tamanha, que não bastarião a tirala todos os homens do mũdo, ainda que fizessem hum tão grande monte de lagrimas, que chegasse da terra ao Ceo Empyrio: nem o fogo, pois não basta o fogo do inferno: nem a agua, pois não bastou o diluvio; só bastou para atirar o Sãgue de meu Senhor Jesu Christo: *Li-*

D.Th. 1.2. q. 86.

*vore ejus sanati sumus.*

Aqui parou a penna do Veneravel Padre, não sem magoa de que parasse; porque se o seu escrever he espalhar flores, o vosso ler, he recolher preciosidades; mas porque entre os fragmentos dos seus apontados achei hũ principio do Memorial do Espirito, que conduz para o fim ultimo, com este principio rematarei este Tratado, & Discurso.

## *Memorial do Espirito para almas Religiosas.*

O Fim para que nascemos, & para que foy creada toda a racional creatura, he para contemplar, amar, & gozar a Deos, que he somente o nosso unico, & summo bem, & o nosso ultimo fim; para quem devemos tornar com amoroso impeto, & fervoroso influxo, assim como tornaõ para o mar os rios, que do mar nascèraõ, & como se unem com o Sol os rayos, que do Sol para a terra sahíraõ. Quẽ nos une a este centro, & ultimo fim, & bem nosso, he huma ardente, pura, & nua caridade, com a qual tanto mais nos chegamos, & unimos a Deos, quanto mais nos apartamos de nós mesmos, isto he, de nossa propria vontade.

Este puro amor de Deos consiste essencialmente em guardar á risca os Mandamentos da Ley Divina, os conselhos de nosso Senhor Jesu Christo, as obrigaçoens do nosso estado, & em huma inteira, & perfeita mortificaçaõ da vontade, & natureza. E tudo isto se ha de fazer, não por nos livrar do inferno, ou por alcançar o Ceo, senão puramente por contentar a Deos, & fazer sua divina vontade; & quanto disto temos nos exercicios do espirito, tanto temos de amor de Deos, & não mais.

Deste puro amor de Deos nascem quatro filhos. O primeiro he hum grandissimo desprezo, naõ só do mundo, & seus bens, mas ainda de sy mesmo. O segundo he huma total negaçaõ do proprio apetite, & vontade. O terceiro hũa indifferença, com que a alma esteja aparelhada para receber gostosamente todo o bem, ou mal, que lhe vier das mãos da Divina Providencia. O quarto huma conformidade taõ grande com tudo o que a Deos contenta, que do seu gosto, & do nosso se faça huma só vontade, unindonos por amor com elle em hum só espirito.

Quanto ao primeiro, que he desprezo de sy mesmo, devemos entender, que ninguem póde alcançar a perfeiçaõ Christãa sem elle. Quanto ao segundo, que he negaçaõ de toda a propria vontade, summamente temos necessidade della para nos despir das payxoens, affeiçoens, incli-

inclinaçoens, & apetites naturaes, que saõ laços, & cadeas da liberdade do espirito. Esta he huma morte espiritual de toda á sensualidade: huma vitoria de nós mesmos, com que nos fazemos senhores de nós para poder livremente sugeitar os apetites á razaõ, & a razaõ a Deos. Quãto ao terceiro, que he a indifferença, isto he, hũa entrega do animo sẽ escolha algũa para quãto Deos quizer, he a melhor disposição, que póde haver numa alma para a uniaõ com Deos, porque nella se mostra, que o nosso desejo he o divino beneplacito, a nossa vontade não ter nenhuma, o nosso gosto, o que contentar, & agradar em tudo á Divina Magestade. Quanto ao quarto, que he a conformidade com a vontade de Deos, he o derradeiro officio da caridade, que com ella já vive unida, & transformada desorte, que toda se absorbe, & transfunde na vontade de Deos, não ficando rasto na creatura de sua propria vontade. Esta faz, com que hũa creatura já não viva em sy, nem sinta em sy, mais que a Deos, sentindose desatada, & livre de toda a creatura, & de sy mesma.

Por tres vias se alcança este perfeito amor: via Purgativa, Illuminativa, & Unitiva. Nos principiantes serve a via Purgativa para alimpar a alma: & o primeiro passo desta he hũ grande odio aos peccados; porque não basta, como diz Santo Thomàs, chorar, & doer dos peccados por algum dano temporal, ou eterno, que delles nos póde vir: he necessario terlhe tamanho odio, que claramente os cheguemos a aborrecer: & a razaõ he; porque assim como o verdadeiro amor na consideraçaõ do que ama pára alegria, & deleyte: assim o verdadeiro odio, quando cuida no q̃ aborrece, páre enfadamento, & tristeza.

O segundo passo he aborrecimento, & fastio do mundo, considerando a condiçaõ da miseria humana, a brevidade da vida, a certeza, & incerteza da morte, as terribilidades do dia do juizo, as penas do inferno, os desejos da vida eterna; de que se segue o estado do pranto, o amor da penitencia, o proposito da emenda, a confissam gèral das culpas, a satisfaçaõ das obras, o pelejar com os vicios, atè despir, & extirpar todos os máos habitos, que estavão pegados à alma pelo máo costume do amor, & vontade propria.

Nos aproveitados serve a via Illuminativa para exercitar todas as virtudes: como quem semea a terra, que està jà lavrada, plantando nella todas as virtudes, que deve aprender de nosso Senhor Jesu Christo, principalmente a santa humildade, que he alicerce, & fundamento

da vida eſpiritual; ſem a qual fica como armada no ar toda a maquina das virtudes. Humildade he hum perfeito conhecimento da propria miſeria, fraqueza, & incapacidade, com a qual nada ſe atribue a ſy, ſenão a Deos: antes tendoſe em conta da mais ruim, & deſaproveitada alma, tudo o que he máo ſe atribue a ſy, tendoſe por indigna dos dons, que ſua Divina Mageſtade em vão emprega nella; & tendo para ſy ſem duvida, que todas as obras boas que faz, as recebe da miſericordia de Deos, atè o jejum, a diſciplina, o ſilencio, o retiro, & as outras obras, que parecem filhas da ſua emenda, & reſoluçaõ. Cuidará de ſy no mal, & não no bem: dos outros todos no bem, & não no mal; & como vaſo perdido, & cheyo de immundicias ſe porá nas mãos de Deos, para que elle o alimpe, & lave como for ſervido.

Bom exercicio he para eſta virtude a conſideraçaõ do nada, que foy quanto á natureza, do nada, que foy, & do nada, que tem de ſeu, em quanto eſtá em culpa; porque eſtando ſem Deos tudo o mais em ſua comparaçaõ he nada: do nada, que tem da graça, ainda que nella viva, pois de Deos he toda: do nada, que tem da gloria, & do nada, que terá ſe for ás eternas penas. E deſta conſideraçaõ tirará para as tentaçoens eſte conſelho: Eu por mim ſou nada, & o nada nada quer, nada póde, nada merece, nada tem, nada o póde vencer, nada o póde tentar, & finalmente para mim nada mais, que Deos. He muy util eſta cõſideraçam.

Deſta virtude nos devemos levantar ao exercicio da caridade, & do amor do proximo, amando a todos por amor de Deos, como ſe os viramos metidos dentro do coſtado de Chriſto Senhor noſſo; & entendendo, que como couſa ſua os ha de ſalvar, pois por elles veyo a morrer: rogando por bons, & máos a Deos, & offerecendo pelos peyores a ſua Divina Mageſtade noſſas lagrimas, penitencias, & oraçoens, quando ſoubermos de ſuas miſerias: em todos, ou ſejão parentes, ou amigos, ou inimigos, naõ aborrecerei mais, que os vicios, não amarei nada mais que a Deos, & o que he de Deos, iſto he a graça, & virtudes.

Depois paſſaremos a imprimir em nós com toda a reſoluçaõ a virtude da paciencia, que he a ciencia dos Santos: a ſanta Oraçaõ, que he a eſcada dos juſtos, ſem a qual não ha communicaçaõ com Deos: a deſconfiança de ſy junta com a confiança na Providencia Divina: a temperança, o retiro, o ſilencio, & a guarda eſtreita dos ſentidos

inte-

interiores, & exteriores, & todas as demais virtudes; entendendo, que o perfeito aproveitamento da vida não consiste tanto em cuidar altas cousas da Divindade, como em imitar, amar, & seguir a crucificada Humanidade de Nosso Senhor Jesus Christo, que naõ só serve de espelho para nossas almas, mas para exemplar, & molde de nossas vidas; pois daquelle santissimo Original havemos de tirar as tintas, com que vos façamos seu retrato. Para isto deve a verdadeira Religiosa guardar seus votos com tanta perfeiçaõ, que não faça mais, que o que fizera Christo: não cuide o que este Senhor não cuidára, não diga o que este Senhor não dissera.

Quanto ao voto da Obediencia, nam só com a vontade, mas com o entendimento esteja tam prompta para obedecer, & sugeitarse à vontade dos Prelados, & Padre espiritual, como a sómbra ao movimento do corpo, está prompta para se mover. Seja como livro posto nas mãos de seu dono, que se o quer abrir, abre-o, se fechar, fecha-o, se dobrar, dobra-o, se polo a hum canto, ahi se deixa pôr. Esta virtude he o fundamento da Religiaõ: he filha do amor de Deos, & da verdadeira humildade. Quem a não tem, saiba que qualquer desobediencia he filha da soberba, & do amor proprio, & só de taõ ruins pays póde nascer tam má filha.

A Religiosa, que chegasse a fazer milagres, & resuscitar mortos, se faltasse á obediencia da ley de Deos, ou de seus Prelados, seria peyor que infiel, diz Saõ Francisco de Sales; porque a santidade não consiste em fazer milagres: o Antechristo ha de fazelos: consiste na verdadeira, & cega obediencia do puro amor de Deos a seus Mandamentos, & vontade dos Prelados, como nam seja contraria à Ley Divina, ou Regra da Religiam.

Melhor he por obediencia comer, que sem obediencia açoutar. A desobediencia perdeo o Paraiso, & o Ceo: & Christo Senhor Nosso reformou o mundo com a obediencia. Muitos ha, que escolhem suas devoçoens, & penitencias, & fazem sua vontade medindo-a com a de Deos; estes nam sabem ainda o A, B, C, do espirito, pois ainda se naõ entregáram a Mestre, que os começasse a ensinar atandolhes a vontade. Se os levaõ por caminho de que nam gostam, dam tudo por perdido, tendo para sy, que só vam errados guiandose por entendimento alheyo: ainda nam chegáram a conhecer, que a primeira cousa, de que se ham de despir, he de sua escolha, & uso do parecer, & vontade propria. A Saõ Paulo sendo

Act. 9.7.

sendo hum dos mayores entendimentos, perguntando a Deos, que queria, que fizesse, respondeo o Senhor: Vai, & governate por Ananias. Ninguem, posto que seja Medico, se cura bem da propria enfermidade, acerta entregandose ainda a peyores Medicos.

He engano cuidar, que a penitencia, ou a Oraçam vos póde aperfeiçoar sem a obediencia; esta he a virtude do Esposo mais estimada, em a qual, pela qual, & para a qual quiz morrer. Muitos Religiosos foram Santos sem Oraçam mental, sem obediencia nenhum.

Deos declara sua vontade por meyo da Obediencia: haveis de ter hum coraçam de minino, a vontade de cera, o espirito nù de qualquer affeiçam, juizo, ou gosto vosso, ainda que seja de espirito. Fiaivos de Deos, se por seu amor fazeis, ou o que naõ quereis, ou o que naõ entendeis. A's escuras, por baixo da terra se chega á mina. Com os olhos fechados vio Jacob a escada, & caminho do Ceo.

# LAUS DEO.

# LAUS DEO.